



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: FORMAÇÃO DOCENTE
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA - MESTRADO PROFISSIONAL**

JOELMA RODRIGUES SOARES

**EDUCAÇÃO MARISTA EM PATOS DE MINAS – MG (1957 – 1975): GÊNESE E
PRIMEIRAS CONFIGURAÇÕES DO COLÉGIO**

Uberlândia, MG

2025

JOELMA RODRIGUES SOARES

EDUCAÇÃO MARISTA EM PATOS DE MINAS – MG (1957 – 1975): GÊNESE E
PRIMEIRAS CONFIGURAÇÕES DO COLÉGIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação – Mestrado em Educação da Universidade de Uberaba, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Formação Docente para a Educação Básica.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Giseli Cristina do Vale Gatti.

Uberlândia, MG

2025

Catálogo elaborado pelo Setor de Referência da Biblioteca Central UNIUBE

- S11e Soares, Joelma Rodrigues.
Educação Marista em Patos de Minas-MG (1957-1975): gênese e primeiras configurações do colégio / Joelma Rodrigues Soares. – Uberlândia (MG), 2025.
381 f. : il., color.
- Dissertação (Mestrado) – Universidade de Uberaba. Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação. Linha de pesquisa: Educação Básica – Fundamentos e Planejamento.
Orientadora: Profa. Dra. Giseli Cristina do Vale Gatti.
1. Educação – História. 2. Ensino secundário. 3. Escolas religiosas. 4. Educação – Minas Gerais. I. Gatti, Giseli Cristina do Vale. II. Universidade de Uberaba. Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação. III. Título.
- CDD 370.9

Tatiane da Silva Viana – Bibliotecária – CRB-6/3171

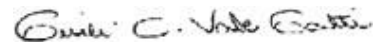
JOELMA RODRIGUES SOARES

**EDUCAÇÃO MARISTA EM PATOS DE
MINAS – MG (1957 – 1975): GÊNESE E
PRIMEIRAS CONFIGURAÇÕES DO
COLÉGIO**

Dissertação/Produto apresentada ao
Programa de Pós – Graduação Profissional
em Educação – Mestrado e Doutorado da
Universidade de Uberaba, como requisito
final para a obtenção do título de Mestre em
Educação.

Aprovado em 10/10/2025

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dr^a. Giseli Cristina do Vale Gatti
(Orientadora)
Universidade de Uberaba – UNIUBE



Prof^a. Dr^a. Juliana de Souza Silva
Universidade de São Paulo – USP



Prof. Dr. Wenceslau Gonçalves Neto
Universidade de Uberaba – UNIUBE

Dedico esta dissertação a Deus, pela força e pela graça concedida ao longo desta caminhada. À minha mãe, Margarida, e ao meu irmão, Flávio, cujo apoio, amor e incentivo incondicionais foram essenciais nos momentos de incerteza e exaustão. De modo especial, dedico este trabalho à minha querida filha, Maria Clara, cuja presença deu sentido a cada esforço. Os intensos períodos de estudo e pesquisa limitaram nosso convívio de mãe e filha, mas quero que saiba: *“você sempre será minha preciosidade maior; é por você que tenho lutado e perseverado em minha formação”*.

AGRADECIMENTO

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter conduzido cada passo desta jornada, fortalecendo-me nos momentos de incerteza e renovando minha esperança diante dos desafios.

À minha mãe, Margarida, pelo amor constante e apoio incondicional, presença essencial em minha vida.

Ao meu pai, José Antônio (*in memoriam*), cuja ausência física não diminuiu sua influência em minha trajetória; se aqui estivesse, tenho a certeza de que se sentiria orgulhoso por esta conquista.

Ao meu irmão, Flávio, companheiro de todas as horas, agradeço pelo cuidado, pela escuta generosa e, sobretudo, por ter acolhido com zelo minha filha durante minha caminhada acadêmica.

À minha filha, Maria Clara, luz da minha vida, cuja doçura e presença foram fonte diária de inspiração e de força para que eu conseguisse seguir em frente.

À minha orientadora, Profa. Dra. Giseli Cristina do Vale Gatti, expresso minha profunda gratidão pela orientação segura, pela disponibilidade constante e por acreditar no meu potencial. Se este trabalho alcançou o resultado esperado, foi em grande medida por sua competência e por suas orientações. Foram incontáveis as noites em que, movida pelo desejo de corresponder às suas exigências e ir além delas, desafiei-me a avançar. Esta parceria foi, sem dúvida, a melhor escolha que tive no mestrado.

Aos professores da banca de qualificação, Profa. Dra. Juliana de Souza e Silva e Prof. Dr. Wenceslau Gonçalves Neto, agradeço pelas valiosas contribuições, que me possibilitaram maior consciência acerca da pesquisa e me levaram a revisar pontos que haviam passado despercebidos. Graças a suas observações, pude aprimorar a continuidade do trabalho e evitar repetições dos primeiros “erros”.

Aos colegas de curso, registro meu reconhecimento pelas conversas, trocas de ideias, risadas e desabafos que tornaram esta caminhada mais leve e significativa. Levo comigo não apenas os conhecimentos construídos, mas também os vínculos de amizade e companheirismo que se formaram ao longo desse percurso.

À Direção do Colégio Marista, ao Centro de Estudos Maristas (CEM) de Belo Horizonte e à Prefeitura Municipal de Patos de Minas, agradeço pelo apoio institucional, imprescindível para que os registros históricos fossem acessados, pois estes foram fundamentais para que esta pesquisa atingisse seus objetivos.

Ao Irmão Claudino Falchetto, minha gratidão pela entrevista concedida, pela biografia enviada e pela generosa disponibilidade em responder a cada dúvida que surgia à medida que o estudo avançava.

Aos amigos e ex-alunos maristas, agradeço não apenas pelas entrevistas, mas também pelo apoio fundamental ao enriquecimento desta pesquisa. Suas memórias e relatos ficarão aqui eternizados, revelando homens que, mesmo após uma vida inteira, recordam com afeto a escola em que estudaram e reconhecem que as “aulas expositivas e tradicionais”, muitas vezes criticadas nos dias atuais, foram determinantes para sua formação.

A todos que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a realização deste trabalho, manifesto meu mais sincero agradecimento e reitero, com carinho, minha gratidão: muito obrigada.

Trabalho desenvolvido com o apoio da SEE/MG, no âmbito do Projeto de Formação Continuada e Desenvolvimento Profissional dos Servidores da Educação do Estado de Minas Gerais, Trilhas de Futuro - Educadores, nos termos da Resolução SEE Nº 4.707, de 17 de fevereiro de 2022.

“Por muito tempo, a história foi concebida de modo a manter viva a recordação de acontecimentos memoráveis em distintas formações sociais e culturais. Essa função limitou-se a conservar na memória coletiva um conhecimento de sucessos para, em muitas ocasiões, justificar o funcionamento das instituições, bem como seus valores, princípios e símbolos. Nessa perspectiva, as lembranças afloram como uma tarefa de reconstituição para refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as vivências do passado.”.

(Província Marista do Brasil Central, 2024, p. 6).

RESUMO

A pesquisa está vinculada à linha de pesquisa Educação Básica: Fundamentos e Planejamento, do Programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Uberaba – MG, e tem como título “*Educação Marista em Patos de Minas – MG (1957–1975): gênese e primeiras configurações do Colégio*” e está relacionado ao projeto “Percursos do Ensino Secundário em Portugal e no Brasil no Século XX: historiografia, expansão, legislação, modalidades, instituições, currículos e práticas”. A investigação situa-se no campo da História da Educação, com foco na história das instituições escolares. De abordagem historiográfica, a investigação foi conduzida por meio de pesquisa bibliográfica, documental e com o recurso da história oral. Nessa perspectiva, o estudo se debruçou sobre a questão: como ocorreu o processo de implantação do Colégio Marista em Patos de Minas, entre 1957 e 1975, e de que maneira sua proposta educativa, fundamentada em princípios da Congregação Marista, contribuiu para a formação acadêmica, moral e social dos jovens patenses? O recorte temporal em questão delimita o período de implantação e consolidação do Colégio Marista em Patos de Minas. O ano de 1957 marca o início da construção da sede própria da instituição, concretizando o projeto da Congregação. O recorte final, 1975, diz respeito ao ano em que a Congregação transferiu a administração do colégio à Mitra Diocesana. Apesar da nova administração, os preceitos maristas predominaram na instituição. Partindo deste contexto o objetivo geral foi compreender as razões que levaram ao empreendimento a criação de uma escola confessional de nível secundário masculina na cidade de Patos de Minas. Os objetivos específicos são: entender o que caracteriza a educação marista; investigar o contexto histórico e as circunstâncias específicas da criação e da instalação de um curso em nível secundário para meninos na cidade; examinar o projeto arquitetônico e a infraestrutura do Colégio Marista, contextualizando-os com as diretrizes pedagógicas; identificar o perfil discente e docente no recorte em questão, além da metodologia de ensino e controle disciplinar, bem como o cotidiano escolar. Nosso referencial teórico está fundamentado em Fonseca (1974), Mello (1979), Furet (1999), Nunes (2006), UMBRASIL (2010), Sylvestre (2014), Etges (2014), Dannemann (2013; 2014a; 2014b; 2015; 2018a; 2018b; 2022), Barbato e Castro (2017), Carneiro (2018), Ferrarini (2022), Ricordi (2022), Oliveira (2023), Escolano & Frago (2001), entre outros. Os resultados da pesquisa revelam o processo de consolidação do Colégio Marista de Patos de Minas, desde a escolha e regularização do terreno até a construção de suas edificações, incluindo duas fases entre 1957 e 1960, a chegada dos Irmãos Maristas e a inauguração da instituição. Observou-se ainda a articulação das práticas pedagógicas e disciplinares, a atuação das lideranças e a integração de atividades esportivas e culturais, evidenciando a formação integral dos alunos e a manutenção do legado educativo e religioso da Congregação Marista. Assim, a pesquisa demonstrou que a presença marista em Patos de Minas, consolidou-se como experiência singular no cenário educacional local, pois sua história foi marcada pela articulação entre comunidade, Igreja e Congregação, unindo fé, cultura e ensino.

Palavras-chave: História da Educação - Educação Marista – Ensino Secundário

ABSTRACT

The research is linked to the research line Basic Education: Fundamentals and Planning, of the Professional Master's Program in Education of the University of Uberaba – MG, and is entitled “Marist Education in Patos de Minas – MG (1957–1975): genesis and first configurations of the College” and is related to the project “Secondary Education Paths in Portugal and Brazil in the Twentieth Century: historiography, expansion, legislation, modalities, institutions, curricula and practices”. The research is located in the field of History of Education, focusing on the history of school institutions. With a historiographical approach, the investigation was conducted through bibliographical, documentary research and with the use of oral history. From this perspective, the study focused on the question: how did the process of implementation of the Marist College in Patos de Minas take place, between 1957 and 1975, and how did its educational proposal, based on principles of the Marist Congregation, contribute to the academic, moral and social formation of the young people of Patos? The time frame in question delimits the period of implementation and consolidation of the Marist College in Patos de Minas. The year 1957 marks the beginning of the construction of the institution's own headquarters, materializing the Congregation's project. The final cut, 1975, concerns the year in which the Congregation transferred the administration of the school to the Diocesan Mitra. Despite the new administration, Marist precepts predominated in the institution. Starting from this context, the general objective was to understand the reasons that led to the enterprise: the creation of a confessional school of male secondary level in the city of Patos de Minas. The specific objectives are: to understand what characterizes Marist education; investigate the historical context and specific circumstances of the creation and installation of a secondary level course for boys in the city; to examine the architectural project and infrastructure of the Marist College, contextualizing them with the pedagogical guidelines; identify the student and teacher profile in the area in question, in addition to the teaching methodology and disciplinary control, as well as the school routine. The results of the research reveal the process of consolidation of the Marist College of Patos de Minas, from the choice and regularization of the land to the construction of its buildings, including two phases between 1957 and 1960, the arrival of the Marist Brothers and the inauguration of the institution. It was also observed the articulation of pedagogical and disciplinary practices, the performance of leaders and the integration of sports and cultural activities, evidencing the integral formation of students and the maintenance of the educational and religious legacy of the Marist Congregation. Thus, the research demonstrated that the Marist presence in Patos de Minas was consolidated as a unique experience in the local educational scenario, as its history was marked by the articulation between the community, Church and Congregation, uniting faith, culture and teaching.

Keywords: History of Education - Marist Education - Secondary Education

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Registros fotográficos do município de Três Marias (MG)	19
Figura 2 – Registro da família da autora no Natal de 1987	20
Figura 3 – Registros do município de Patos de Minas	21
Figura 4 – Flávio com Maria Clara no batizado	23
Figura 5 – Momento em família nos 70 anos de Margarida, mãe da autora	24
Figura 6 – Sempre juntos: Flávio, Margarida (mãe da autora) e Joelma, autora	25
Figura 7 – A autora e a professora Edith na formatura da pré-escola (1987)	27
Figura 8 – Autora com sua filha Maria Clara	34
Figura 9 – Irmãos Furet, Sylvestre, Ferrarini e Fabien Landry (da esquerda para a direita)	43
Figura 10 – Irmão Claudino Falchetto	56
Figura 11 – Ex-aluno Elhon Cruvinel Borges; turma de 1959-1962	59
Figura 12 – Ex-aluno Júlio Maria Macedo França (1959-1962)	61
Figura 13 – Ex-aluno José Eustáquio Rodrigues Alves (1959-1962)	62
Figura 14 – Ex-aluno Eitel Dannemann (1968)	64
Figura 15 – Ex-aluno Humberto Corrêa dos Santos (1969-1974)	65
Figura 16 - Ex-aluno João Eustáquio da Rocha	66
Figura 17 – Casa onde nasceu Marcelino Champagnat	69
Figura 18 – Marcelino José Bento Champagnat,	83
Figura 19 – Primeiros sucessores de Champagnat	84
Figura 20 – Réplica da primeira casa adquirida por Champagnat em 1817	89
Figura 21 – Notre Dame de L’Hermitage (1825)	91
Figura 22 – Casa-Mãe em Saint-Genis-Laval	105
Figura 23 – Casa-Mãe da Congregação Marista atual em Roma, Itália	110
Figura 24 – Presença dos Maristas no mundo – 5 continentes – 82 países	111
Figura 25 – Dom Silvério Gomes Pimenta	114
Figura 26 – Fundadores do Marista no Brasil	115
Figura 27 – Santuário do Bom Jesus de Matosinhos – Congonhas do Campo	117
Figura 28 – Localização dos Irmãos Maristas no Brasil: Províncias e Distrito	122
Figura 29 – Distritos de Patos de Minas e ligação de grandes centros	125
Figura 30 – Cônego Getúlio Alves de Mello	133
Figura 31 – Dom Eduardo Duarte da Silva	135
Figura 32 – Última residência oficial de Cônego Getúlio em Patos de	136
Figura 33 – Antiga Matriz Santo Antônio (1916)	138
Figura 34 – Monsenhor Manoel Fleury Curado em dois tempos	139
Figura 35 – Matriz de Santo Antônio na década de 1930	140
Figura 36 – Nova Matriz de Santo Antônio em construção; década de 1940	141
Figura 37 - Irmão Exuperância (1947)	143
Figura 38 – Padre Alaor Porfírio Filho	145
Figura 39 – Colégio Nossa Senhora das Graças (Fachada)	147
Figura 40 – Catedral de Santo Antônio de Pádua (2024)	149
Figura 41 – Dom José André Coimbra	150
Figura 42 – Mendes, RJ- Coração da antiga Província do Brasil Central	153

Figura 43 – Relação de juvenistas de regiões próximas a Patos de Minas – Matriculados no juvenato de São José	154
Figura 44 – Retratos de Dr. João Borges	156
Figura 45 – Documento da defesa da tese; Dr. João Borges na formatura - RJ (1914)	157
Figura 46 – Carta de Irmão Exuperância para Dr. João Borges.....	160
Figura 47 – Carta de Irmão Exuperância para Dr. João Borges.....	161
Figura 48 – Carta de Ir. Exuperância para Dr. João Borges	162
Figura 49 – Vereador Zama Maciel	163
Figura 50 – Carta de Dr. João Borges a Pe. Alaor Porfírio	163
Figura 51 – Projeto de Lei nº 46, de 6/2/1952 para a compra do terreno.....	164
Figura 52 – Carta de Irmão Mario Cristóvão para Dr. João Borges.....	165
Figura 53 – Lei nº 48: Autorização de doação do terreno	167
Figura 54 – Roberto Augusto Ferreira Borges	170
Figura 55 – Artigo “Um Colégio em Patos de Minas” por João Borges.....	172
Figura 56 – Reportagem do Jornal: Ginásio Nossa Senhora de Fátima dos irmãos maristas em Patos de Minas.....	175
Figura 57 – Carta do Irmão Jules Baptista a Dr. João Borges.....	177
Figura 58 – Projeto de Regularização do prédio com sua antiga denominação – Ginásio N. Senhora de Fátima.....	184
Figura 59 – Colégio Marista uso característico de telhados de águas inclinadas.....	187
Figura 60 – Estrutura do Ginásio de 1959 comparada ao Colégio de 2025	188
Figura 61 – Projeto de Regularização do Ginásio N. S. de Fátima – Folha 2	189
Figura 62 – Comparação dos modelos arquitetônicos: Panóptico de Bentham e Modelo linear	191
Figura 63 – Projeto para regularização do Colégio – Folha 3.....	192
Figura 64 – Arquitetura de outros Colégio Maristas	194
Figura 65 – Jornal dos Municípios: Colégio Marista (1957)	196
Figura 66 – Irmão Jules Baptiste.....	202
Figura 67 – Primeiros operários na construção do colégio (CEM/BH, 1957)	204
Figura 68 – Terraplanagem e avanço das obras (paredes de alvenaria sendo erguidas)	205
Figura 69 – Registro da cidade de Patos de Minas com localização do Colégio Marista	205
Figura 70 – Patos de Minas na década de 1950 – Colégio Marista.....	206
Figura 71 – Término da Construção da primeira etapa do Colégio Marista (1959).....	207
Figura 72 - Pátio Interno em terra solta (1959).....	209
Figura 73 – Nivelamento dos pátios do colégio (1959)	210
Figura 74 – Jardim interno com a fonte luminosa (1959)	211
Figura 75 – Fachada, fonte luminosa e jardins (1959).....	212
Figura 76 – Carta de 19 de dezembro de 1958 – Ir. Jules Baptiste a Dr. João Borges.....	213
Figura 77 – Radialista Wulfrano Patrício.....	216
Figura 78 – Prefeito Sebastião Alves do Nascimento	217
Figura 79 – Colégio Marista – Acesso frontal finalizado (1960).....	221
Figura 80 - Ambiente interno: salas, corredores e pátio central (1960)	222
Figura 81 – Galpão de recreio e os sanitários	223
Figura 82 – Sala dos professores (1959)	225
Figura 83 – Espaço do pátio central com parte da quadra de esportes	226
Figura 84 – Alunos uniformizados conforme descrição dos entrevistados	236

Figura 85 – 1º Diretor Geral, irmão Paulo Egídio.....	242
Figura 86 – Equipe administrativa do Colégio Marista	243
Figura 87 – Reportagem: “Início das Aulas no Colégio Marista”.....	245
Figura 88 - Prefeito Municipal Genésio.....	247
Figura 89 – Mobiliário escolar organizado na sala de aula	249
Figura 90 – Livro de Registro de Matrículas do Colégio Marista – Ano 1959.....	252
Figura 91 – Lembrança Escolar do ano letivo de 1959	253
Figura 92 – Primeiro convite de formatura do Colégio Marista (Turma de 1962)	254
Figura 93 - Detalhes das placas: Praça Champagnat,.....	256
Figura 94 – Equipe administrativa do Colégio Marista (1960).....	257
Figura 95 – Segundo Diretor do Colégio Marista	259
Figura 96 – Diretor e equipe administrativa do Colégio Marista.....	261
Figura 97 – Benfeitores dos Maristas diplomados: Monsenhor Fleury e Dr. João Borges (1962)	263
Figura 98 – 3º Diretor Geral Irmão Paulo Egídio de Azevedo.....	264
Figura 99 – 4º Diretor Geral Irmão José Geraldo.....	272
Figura 100 – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras na década de 1970	275
Figura 101 - 5º Diretor Geral Irmão Ladislau	277
Figura 102 – 6º Diretor Geral Irmão José de Souza	279
Figura 103 – 7º Diretor Geral Irmão Gentil Paganotto	281
Figura 104 – Hino do Ginásio Marista.....	294
Figura 105 – Adaptação dos alunos em momento recreativo no colégio.....	296
Figura 106 - Irmão Fernando Sebastião	298
Figura 107 – Irmão Joel Elias Giacomin.....	300
Figura 108 – Irmão Abílio José de Aguiar	301
Figura 109 – Prática educativa: professor, quadro e giz	302
Figura 110 – Jovens maristas do Colégio Marista Arquidiocesano:	311
Figura 111 – Primeiro Time de Futebol do Colégio Marista	312
Figura 112 – Segundo Time de Futebol do Colégio Marista	313
Figura 113 – Terceiro time de futebol.....	314
Figura 114 – Time Irmãos Macedo	315
Figura 115 – Estante de troféus e medalhas	317
Figura 116 – Primeira Fanfarra do Colégio Marista	318
Figura 117 – Fanfarra do Colégio Marista	319
Figura 118 – Flauta utilizada por Dannemann no colégio em 1968.....	319
Figura 119 – Antônio Basílio Leal – Antônio do Prego ou Tonho do Prego.....	321
Figura 120 – Carro alegórico do Colégio Marista – Festa do Milho	323
Figura 121 – Desfile da Banda do Colégio Marista	324
Figura 122 - Apresentação teatral dos alunos maristas	326

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Obras maristas institucionais e religiosas relacionadas à ordem marista	41
Quadro 2 – Artigos, teses e dissertações utilizados como referencial teórico.....	44
Quadro 3 – Publicações sobre a história de Patos de Minas	45
Quadro 4 – Obras sobre educação, formação educacional e educação marista	46
Quadro 5 – Cartas do Dr. João Borges — registros sobre Colégio Marista de Patos, MG.....	48
Quadro 6 – Mídia impressa e o projeto Marista em Patos de Minas (1954-1959).....	50
Quadro 7 – Obras consultadas no portal Efecadepatos – Eitel T. Dannemman.....	53
Quadro 8 – Participantes da pesquisa (1959-1975).....	55
Quadro 9 – Instituições maristas – 1899 a 1959.....	231
Quadro 10 - Linha do tempo: denominações e diretores (1959-1975).....	239
Quadro 11 - Estatística do Instituto dos Irmãos Maristas (1947-1976).....	283

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABCZ	Associação Brasileira dos Criadores de Zebu
ABE	Associação Brasileira de Educação
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CIAME	Centro Integrado de Atendimento ao Menor
CEM	Centro de Estudos Maristas
CEM-BH	Centro de Estudos Maristas de Belo Horizonte
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CF	Constituição Federal
CMJs	Centros Maristas de Juventude
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
COFEA	Conselho Federal de Engenharia
CONTEE	Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimento de Ensino
CREA	Conselho Regional de Engenharia
CRB	Conferência Nacional dos Religiosos do Brasil
DMA	Distrito Marista da Amazônia
EC	Engenharia Civil
EMIR	Equipe Marista Interprovincial de Reflexão
esq./dir.	Esquerda para Direita
EUR	Exposição Universal Romana
FAFIPA	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Patos de Minas
FEPAM	Fundação Educacional de Patos de Minas
FIES	Fundo de Financiamento Estudantil
FTD	Fundação Editorial Marista
HISTEDBR	História, Ensino e Pesquisa no Brasil
HMC	Hospital Marcelino Champagnat
HUC	Hospital Universitário Cajuru
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICAR	Igreja Católica Apostólica Romana
InsCer	Cérebro do Rio Grande do Sul
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LDB	Lei de Diretrizes e Base
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MEC	Ministério da Educação
PMB	Província Marista do Brasil
PMBC	Província Marista Brasil Central
PMBCN	Província Marista Brasil Centro-Norte
PMBCS	Província Marista Brasil Centro-Sul
PROMAM	Programa Municipal de Acesso ao Mercado
PUC-PR	Pontifícia Universidade Católica do Paraná
PUC-RS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
SEE/MG	Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais
SEPLAN	Secretaria Municipal de Planejamento
Sinpro	Sindicato dos Professores do Estado de Minas Gerais
SOE	Serviço de Orientação Educacional
SOP	Serviço de Orientação Pedagógica
SOR	Serviço de Orientação Religiosa
SUS	Sistema Único de Saúde
UBEE	União Brasileira de Educação e Ensino
UEG	Universidade Federal de Goiás
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UFU	Universidade de Uberlândia
UMBRASIL	União Marista do Brasil
UMESP	Universidade Marista de São Paulo
UNIPAM	Centro Universitário de Patos de Minas
UNIUBE	Universidade de Uberaba

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	35
1.1 CAMINHO METODOLÓGICO	40
1.1.1 Levantamentos bibliográfico	40
1.1.2 Levantamento Documental	47
1.1.3 Relatos orais	54
2 MARCELINO CHAMPGNAT E OS PILARES DA EDUCAÇÃO MARISTA	68
2.1 MARCELINO CHAMPAGNAT: BREVE BIOGRAFIA	68
2.1.1 Religiosidade, sacerdócio e morte	72
2.2 DO INÍCIO DA INSTITUIÇÃO DOS PEQUENOS IRMÃOS DE MARIA.....	86
2.3 DA FUNDAÇÃO À EXPANSÃO GLOBAL DOS PEQUENOS IRMÃOS DE MARIA	111
3 A ARTICULAÇÃO PARA A CRIAÇÃO DE UM COLÉGIO MARISTA EM PATOS DE MINAS	124
3.1 ENTRE ÍNDIOS, BANDEIRANTES E TROPEIROS: A ORIGEM DE PATOS DE MINAS	124
3.2 A FORÇA RELIGIOSA QUE PRECEDE O DESEJO POR UMA EDUCAÇÃO CONFESSIONAL	132
3.3 ANTECEDENTES DA VINDA DO COLÉGIO MARISTA EM PATOS DE MINAS .	151
3.3.1 Articulações para construção: Intermediações e Registros Históricos.....	159
4 O ESPAÇO DESTINADO AO COLÉGIO MARISTA	179
4.1 O PROJETO DE REGULARIZAÇÃO E A ARQUITETURA DO COLÉGIO MARISTA	180
4.2 MÍDIA JORNALÍSTICA E CONSTRUÇÃO DO COLÉGIO: DISCURSOS DE MODERNIDADE E TRADIÇÃO	195
4.3 O ESPAÇO ESCOLAR DO COLÉGIO MARISTA: EDIFICAÇÕES E AMBIENTES	200
4.3.1 Primeira fase da construção (1957-1958).....	201
4.3.2 Segunda fase da construção (1959-1960)	208
4.4 A CHEGADA DOS IRMÃOS MARISTAS, À INAUGURAÇÃO E O ESPAÇO FÍSICO EDIFICADO.....	212

5 FINALIDADES E PRÁTICAS DO COLÉGIO MARISTA: UMA AÇÃO DOCENTE ENTRELAÇADA COM VIVÊNCIAS DISCENTES	229
5.1 NATUREZA E DENOMINAÇÕES DO COLÉGIO MARISTA DE PATOS DE MINAS	229
5.2 LIDERANÇAS E MARCOS HISTÓRICOS NA CONFIGURAÇÃO DO COLÉGIO MARISTA DE PATOS DE MINAS (1959-1975).....	237
5.3 A PRÁTICA PEDAGÓGICA E DISCIPLINAR DO COLÉGIO MARISTA.....	284
5.4 AS ATIVIDADES ESPORTIVAS E CULTURAIS DO COLÉGIO MARISTA	309
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	330
REFERÊNCIAS	334
ANEXO A – CARTAS ORIGINAIS.....	348
ANEXO B – CEP – PROJETO 1	353
ANEXO C – CEP - PROJETO 2.....	354
APÊNDICE A – ENTREVISTA DO IRMÃO CLAUDINO FACHETTO	355
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM EX-ALUNOS DO COLÉGIO MARISTA DE PATOS DE MINAS	360

MEMORIAL

VIDA PESSOAL

“O poeta pode contar ou cantar as coisas, não como foram, mas como deviam ser; e o historiador há de escrevê-las, não como deviam ser e sim como foram, sem acrescentar ou tirar nada à verdade”. (Cervantes, 2025)

Escrever um memorial é, ao mesmo tempo, um exercício de memória e de verdade. É voltar o olhar para os próprios passos com coragem e honestidade, reconhecendo as alegrias, as quedas, os aprendizados e as transformações que a vida foi impondo — ou permitindo. Ao contrário da poesia, que pode adornar ou suavizar os fatos, o memorial exige o olhar do historiador de si: aquele que se dispõe a relatar os acontecimentos tal como de fato foram vividos, ainda que a lembrança venha acompanhada de dor ou saudade. É nesse espírito que compartilho a minha história — feita de simplicidade, afeto, trabalho e superação.

Sou Joelma Rodrigues Soares, natural de Três Marias, Minas Gerais (Figura 1). O município, situado na mesorregião Central do estado, foi emancipado em 1º de março de 1963, data que passou a ser considerada o aniversário da cidade. No ano de 2025, Três Marias completa 62 anos de emancipação político-administrativa.

Figura 1 – Registros fotográficos do município de Três Marias (MG)



Fonte: Elaboração própria a partir de imagens capturadas em Três Marias.

Os nascidos em Três Marias, como eu, são chamados de *trimarienses*. Trata-se de um município do interior mineiro, com uma população de 28.895 habitantes, segundo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), e uma densidade demográfica de 10,79 habitantes por quilômetro quadrado (Km²). Um de seus principais referenciais geográficos é o rio São Francisco, que atravessa a região e possui grande importância histórica, econômica e ambiental para o município.

Nasci em 15 de abril de 1981, filha de José Antônio Soares e de Margarida Celina Rodrigues Soares, que tiveram dois filhos: eu (Joelma) e meu irmão Flávio. A Figura 2 é um registro familiar de todos nós reunidos no Natal do ano de 1987, quando eu tinha seis anos de idade.

Figura 2 – Registro da família da autora no Natal de 1987



Fonte: Arquivo pessoal.

Meus pais vieram de origens simples, mas sempre pautaram suas vidas por princípios sólidos. Graças a eles, cresci em um lar onde os valores de dignidade, esforço e respeito ao próximo eram vivenciados no dia a dia e transmitidos não apenas por palavras, mas, sobretudo, pelo exemplo.

Meu pai, servidor público, partiu de forma precoce, aos 42 anos, deixando uma ausência que jamais foi preenchida — mas que nos ensinou a força que existe na continuidade. Minha mãe, viúva aos 37, precisou reinventar sua vida. Assumiu, com firmeza e afeto, a criação de dois filhos pequenos — eu, com 11 anos, e meu irmão Flávio, com 9 — enfrentando os dias

com coragem silenciosa. Ao vê-la seguir em frente, sem se permitir fraquejar, compreendi desde cedo o verdadeiro significado da palavra *resiliência*.

Minha infância em Três Marias foi marcada por uma liberdade inocente e por momentos de ternura que ainda hoje aquecem meu coração: brincadeiras na rua ao entardecer, reuniões nas casas das amigas para preparar “comidinhas” no quintal, dançar quadrilha nas festas de rua, ir à feira aos sábados e, depois, seguir de charrete para a roça, onde passávamos o final de semana com meus avós e fazíamos passeios na cachoeirinha. Tudo isso faz parte de uma memória afetiva que preservo com carinho, pois são imagens que moldaram meu senso de pertencimento e identidade.

Uma lembrança especial é o tempo em que participei das atividades do Ciame — Centro Integrado de Atendimento ao Menor —, em Três Marias, levado por meu pai, que também transportava outras crianças. Lá, aprendi a bordar em ponto cruz — uma arte delicada que se transformou, não apenas em passatempo, mas também em fonte de renda em diferentes momentos da minha vida. Cada ponto bordado carregava mais do que linha e tecido: havia dedicação, paciência e esperança.

Após a morte do meu pai, minha mãe decidiu se mudar com a família para Patos de Minas (Figura 3), onde estavam suas raízes. Desde 1995, resido neste município, onde muitos dos capítulos mais significativos da minha história pessoal se desdobraram.

Figura 3 – Registros do município de Patos de Minas



Fonte: Elaboração da autora a partir de imagens de Patos de Minas.

A transição de Três Marias para Patos de Minas foi marcada por desafios, adaptação e, sobretudo, por amadurecimento precoce. Convivemos com a saudade diária e com o peso da responsabilidade compartilhada entre mãe e filhos. As divergências que surgiram, ao longo do tempo, entre mim e minha mãe — embora intensas — foram também momentos de aprendizado profundo sobre a escuta, cuidado mútuo e o amor que resiste, mesmo nos dias mais difíceis.

Comecei a trabalhar cedo, aos 10 anos. Fui babá, faxineira, embaladora, vendedora e caixa de supermercado. Esses empregos, muitas vezes invisibilizados pela sociedade, foram, para mim, verdadeiras escolas. Aprendi com eles o valor do esforço diário, da humildade e da dignidade que existe em cada função exercida com honestidade. Essas experiências moldaram meu caráter e me prepararam para os muitos enfrentamentos da vida adulta.

Na juventude, embora tivesse muitos amigos e ser sociável, sempre mantive uma postura reservada quanto a permitir que participassem de forma mais íntima da minha vida. Sempre fui destemida e batalhadora, e tive em minha mãe o maior exemplo de força e coragem. Sem a presença paterna, e sendo a filha mais velha, muitas vezes precisei resolver diversas questões sozinha. Precisei ser adulta antes do tempo. Essa responsabilidade precoce também me ensinou sobre empatia, resiliência e compromisso com aqueles que amo.

A família sempre foi meu porto seguro. Mesmo diante das dificuldades, nunca deixamos de estar juntos, apoiando-nos com amor e respeito. Foi dentro da minha casa que aprendi valores que levo comigo até hoje: a importância da fé, da solidariedade e da honestidade.

Sou católica por formação e por convicção. Foi na fé que encontrei forças para seguir em frente nos momentos mais desafiadores da vida. Tenho uma profunda confiança em Deus, que me sustenta e guia meus passos. Sempre me emociono com a canção de José Fernandes de Oliveira (1990), Padre Zezinho, que diz: *“Abençoa, Senhor, as famílias. Amém. Abençoa a minha também”*. Essa oração em forma de música é um retrato do que carrego no coração: o desejo de proteção e amor sobre todos os que amo, e a certeza de que Deus está presente em cada capítulo da minha história.

Foi com essa base familiar e espiritual que enfrentei outros caminhos da vida. Namorei por dez anos, casei-me e, dois anos e meio depois, me separei. Experiências que, apesar dos desafios, trouxeram importantes aprendizados sobre a vida e sobre como tudo pode mudar de uma hora para outra. Como expressa a célebre frase atribuída a Antoine-Laurent de Lavoisier: *“Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”*¹. Assim também compreendi ser

¹ Frase atribuída ao químico francês Antoine Lavoisier (1743-1794), considerado o “pai da química moderna” e responsável pela formulação da teoria da conservação da massa. É importante destacar, contudo, que não se

a minha história. Desse relacionamento, ficou uma semente que transformou completamente a minha vida: minha filha Maria Clara.

Foi a partir dela que vivi, aos 36 anos, a mais marcante e transformadora experiência da minha vida: a maternidade. Quando Maria Clara nasceu, em 2018, senti que o mundo ao meu redor se reorganizava. Cada prioridade, cada decisão, cada passo passou a ser pensado também por ela e para ela. Entre essas escolhas, uma foi especial: escolhi como padrinho de consagração da minha Maria Clara, meu irmão Flávio — que é também a principal referência masculina presente em sua rotina. Na Figura 4, ele segura minha pequena no colo, durante a confraternização do batizado dela, como padrinho orgulhoso. Ele tem sido meu braço direito em todas as situações e desempenha um papel fundamental em nossa convivência diária.

Na Figura 4, Flávio segura minha pequena no colo, durante a confraternização de seu batizado, como um padrinho orgulhoso. Flávio tem sido meu braço direito em todas as situações e desempenha um papel fundamental em nossa convivência diária.

Figura 4 – Flávio com Maria Clara no batizado



Fonte: Arquivo pessoal.

Pouco tempo após seu nascimento, mudei-me para outra cidade, em busca de um novo recomeço familiar. Mas nem sempre nossos planos coincidem com os desígnios divinos. Foi

encontrou registro direto da frase em suas obras publicadas. Assim, a citação é considerada uma síntese de seus princípios sobre conservação de massa e transformação da matéria, consagrada na fala popular, quase como um provérbio. Leitura complementar: In: PINCELI, Carlos Ricardo. **Lavoisier, Antoine Laurent (1743-1794)**. Disponível em: <https://sites.fem.unicamp.br/~em313/paginas/person/lavoisie.htm>. Acesso em: 5 maio 2025.

um momento difícil — mais do que uma simples adaptação, foi uma verdadeira “prova da vida” que precisei enfrentar. Diante disso, decidi retornar a Patos de Minas, no fim de 2019, e realmente recomeçar do zero ao lado da minha filha — um gesto de humildade e de reconexão com as minhas raízes.

Desde então, enfrento diariamente os desafios de ser mãe solo, de conciliar responsabilidades, sonhos e obrigações. Há dias em que o cansaço pesa, em que as preocupações parecem maiores que as forças, mas tudo se equilibra com um abraço apertado, um “eu te amo” sussurrado no fim do dia, ou com o simples sorriso da minha filha. Ela não apenas iluminou minha existência: fortaleceu-me, deu-me novo sentido e lembrou-me da mulher que eu sou e posso ser.

Conto, com imensa gratidão e afeto, com o apoio incondicional da minha mãe, Margarida, minha base, minha fortaleza. Neste ano de 2025, ela completou seus 70 anos, e posso dizer que é meu ponto de referência como mulher, mãe e cidadã de bem. Na Figura 5, estamos juntas em um momento em família: esquerda para direita (esq./dir.) Maria Clara, eu, mãe Margarida e Flávio.

Figura 5 – Momento em família nos 70 anos de Margarida, mãe da autora



Fonte: Arquivo pessoal.

Ao longo de minha vida, minha mãe e meu irmão se tornaram a parte essencial da minha rede de sustentação — sempre juntos, como está registrado e eternizado na Figura 6.

Compartilhamos não apenas responsabilidades, mas também afeto, cuidado e presença. Não posso deixar de destacar que a infância da minha filha foi profundamente enriquecida por esse núcleo familiar, que a envolve com amor, estabilidade e segurança. É graças a esse amparo que consigo seguir minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional com mais tranquilidade e confiança.

Figura 6 – Sempre juntos: Flávio, Margarida (mãe da autora) e Joelma, autora da dissertação



Fonte: Arquivo pessoal.

Ao revisitar meu passado e dar voz a essas memórias, reconheço o quanto cada experiência — boa ou difícil — contribuiu para a construção da pessoa que sou hoje. E, ao escrever este memorial, faço exatamente o que Miguel Cervantes sugere, na epígrafe acima:

conto não o que gostaria que tivesse sido, mas aquilo que realmente foi — com suas dores, suas superações e, sobretudo, com suas verdades, que fazem parte da minha vida pessoal.

FORMAÇÃO EDUCACIONAL E VIDA PROFISSIONAL

Minha formação educacional foi marcada por muitos desafios, mas, principalmente, celebrada por conquistas e por pessoas que fizeram a diferença na minha vida — inclusive na minha trajetória profissional. Tudo o que vivi foi essencial para o meu crescimento e aprendizado. Se hoje sou capaz de oferecer algo de mim ao outro, é porque tive uma base construída com muita dedicação e afeto. Família, professores, amigos e colegas foram determinantes para que eu pudesse chegar até aqui.

Entre essas pessoas, estão, primeiramente, meus pais, que sempre valorizaram a educação e me apoiaram de forma incondicional. Meu pai, em especial, fazia questão de me levar à escola de Kombi quando não era possível ir a pé — e como eu adorava aquelas idas. São memórias simples, mas que marcaram minha infância e reforçaram em mim o valor da presença, do cuidado e do incentivo diário.

Minha mãe, sempre paciente com minhas tarefas, deixava de lado seus afazeres para me auxiliar, garantindo que eu conseguisse realizar as atividades conforme eram solicitadas. No entanto, fiel aos princípios de uma boa mãe, nunca me ofereceu respostas prontas. Com sua humildade, ensinava-me que era preciso estudar com dedicação, esforçar-me para compreender e conquistar o conhecimento por mérito próprio.

Cursei a maior parte dos anos escolares na Escola Estadual José Ermírio de Moraes, em Três Marias, até a 6ª série. Tive a sorte de morar sempre próxima da escola, o que tornava a rotina mais leve. Minhas lembranças da alfabetização são poucas, mas uma certeza eu carrego: cresci cercada por livros, presenteada com clássicos e enciclopédias, incentivada pelos meus pais a pesquisar, ler e questionar o mundo desde cedo.

Guardo com muito carinho a lembrança da professora Edith, do Jardim da Infância. Era uma mulher firme, generosa e afetuosa, que conseguia equilibrar a disciplina com a doçura. Muito amiga, tratava-me com muito carinho.

Tenho profunda apreciação por uma foto que conservo até hoje, tirada no dia de minha formatura da pré-escola, ao lado dela — um registro que, além da lembrança e da saudade, simboliza também o início da caminhada de uma garotinha inocente, que não sabia o que a vida lhe reservava. Essa imagem representa o acolhimento que recebi naquele primeiro espaço

educativo, eternizado ali naquele abraço, com o olhar voltado para outra direção — provavelmente em direção à câmera —, quando fomos fotografadas (Figura 7).

Figura 7 – A autora e a professora Edith na formatura da pré-escola (1987)



Fonte: Arquivo pessoal.

Na 2ª série do ensino fundamental, tive a bênção de ser aluna da professora Adriana — uma educadora cuja meiguice, paciência e serenidade transformavam a sala de aula em um espaço de acolhimento e afeto. Com seu jeito doce e firme ao mesmo tempo, ela criava um ambiente propício ao aprendizado, onde cada aluno se sentia valorizado e encorajado a explorar suas habilidades. Foi nesse contexto que aprendi muito mais do que conteúdos escolares — aprendi a amar o conhecimento. A professora Adriana não apenas ensinava, mas também

incentivava com entusiasmo a leitura, a escrita e a curiosidade. Sabia como despertar o interesse de cada criança, respeitando o ritmo de cada uma e celebrando cada pequena conquista.

Mais do que uma educadora, ela foi uma grande motivadora. Sua presença gentil reforçou ainda mais em mim um sentimento que já havia sido despertado pela minha primeira professora do Pré-Escolar, Edith: o desejo de ser professora. Com Adriana, esse sonho ganhou forma, força e direção. A forma como ela conduzia suas aulas e se dedicava aos alunos me mostrava, todos os dias, o quanto a educação pode ser transformadora — e eu queria, um dia, fazer o mesmo por outras crianças.

Essa experiência me fez recordar as palavras de Santo Marcelino Champagnat, fundador da Congregação Marista: “a educação é antes de tudo o resultado do bom exemplo: porque a virtude fortifica a autoridade; porque está na natureza do homem imitar o que ele vê fazer”. (Irmão Fabien Landry, 2016, p. 254).

Já na 3ª série, enfrentei um momento difícil. A professora Cláudia, por conta da minha dificuldade com os tempos verbais, frequentemente me deixava sem recreio. Aquela experiência, embora tenha afetado minha autoconfiança, contribuiu para moldar minha resiliência. Precisei repetir o ano — e isso, à época, foi duro. Mas, parafraseando Paulo Freire (1997, p. 79): “Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar”. Aquilo que parecia um fracasso, mais tarde se revelou parte essencial do meu processo de amadurecimento.

Em 1995, me mudei para Patos de Minas e continuei os estudos na Escola Estadual Deiró Eunápio Borges, onde cursei a 7ª e a 8ª séries. Destacava-me em matemática e física, e minhas colegas gostavam de sentar ao meu lado para que eu as ajudasse nas atividades. Esse espírito colaborativo me revelou a alegria de ensinar e ser útil.

No Ensino Médio, estudei na Escola Estadual Marcolino Barros, entre 1997 e 1999, com ênfase no currículo científico. Participei do Programa Municipal de Acesso ao Mercado² (PROMAM), onde aprendi datilografia — habilidade técnica essencial na época. Depois, fiz um curso de computação, que ampliou ainda mais meu repertório. Por meio do PROMAM, fui estagiária na Creche Plin Plin como menor aprendiz. Foi ali, entre brincadeiras e sorrisos sinceros, que decidi que de fato seria professora, e então a semente da Pedagogia começou a germinar em mim.

² Programa desenvolvido pela administração municipal com o objetivo de facilitar a inserção de micro e pequenos empreendedores no mercado local, oferecendo capacitação, orientação sobre práticas comerciais e oportunidades de comercialização de produtos e serviços.

Após concluir o Ensino Médio, vivi um período de pausa nos estudos formais. Foi um tempo necessário, em que a vida me conduziu por caminhos de autoconhecimento e amadurecimento. Enfrentei desafios, tive que trabalhar, assumir responsabilidades e, sobretudo, refletir sobre meus reais objetivos profissionais e pessoais. Ainda que afastada do ambiente acadêmico, esse intervalo foi essencial para que eu compreendesse, com mais clareza, qual direção queria seguir.

Em 2004, iniciei o curso de Pedagogia no Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM), dando um passo decisivo em minha trajetória. Estudar foi um desafio constante: vendia bombons e salgadinhos, financiei metade do curso pelo Fundo de Financiamento Estudantil³ (FIES) e trabalhava nos finais de semana. Freire (1991, p. 80) nos lembra de que “[...] a formação do educador deve instrumentalizá-lo para que ele crie e recrie a sua prática através da reflexão sobre o seu cotidiano” — e foi com esse espírito que enfrentei essa etapa.

No 1º ano da faculdade de Pedagogia, enfrentei muitos desafios para conciliar os estudos com as limitações financeiras e a rotina intensa. Nesse contexto, o apoio do meu irmão Flávio foi fundamental. Ele me levava e buscava de moto todos os dias, organizando sua própria rotina de trabalho para que seus horários coincidisse com os meus. Esse gesto, que à primeira vista pode parecer simples, teve um significado profundo para mim. Era mais do que uma ajuda prática com transporte — era uma expressão concreta de cuidado, compromisso e parceria familiar. Saber que eu podia contar com ele me dava segurança e fortalecia meu ânimo diante das dificuldades do dia a dia.

Além disso, o tempo que passávamos juntos nesse trajeto também se tornou um espaço de conversa, apoio emocional e troca de experiências. Pequenos momentos como esses, repetidos com constância, contribuíram para que eu me sentisse acompanhada, valorizada e capaz de seguir em frente, mesmo quando os obstáculos pareciam maiores que as forças disponíveis. Esse apoio silencioso, mas constante, fez toda a diferença. Ele não apenas me ajudou a chegar fisicamente à universidade, mas também caminhou comigo simbolicamente durante uma fase muito importante da minha formação. Hoje, ao olhar para trás, reconheço nesse gesto simples um dos pilares que sustentaram minha jornada educacional desde o início.

Em 2005, comecei um estágio no Colégio Nossa Senhora das Graças, sob orientação da professora Andreia. Essa vivência me permitiu aplicar, pela primeira vez, o que aprendia em sala de aula no cotidiano da docência. Em 2006 e 2007, assumi minha primeira turma de

³ É um programa do governo federal brasileiro que oferece financiamento a estudantes de ensino superior de em instituições privadas, permitindo o pagamento do curso após a graduação, geralmente com condições de juros reduzidos ou até zero em alguns casos.

berçário na Escola Anjinhos do Saber. Trabalhar com bebês exige sensibilidade e zelo. Como diz Augusto Jorge Cury (2003, p. 9) “educar é semear com sabedoria e colher com paciência”. Aprendi a observar as pequenas conquistas do dia a dia, tão significativas nos primeiros anos de vida.

Concluí a graduação em julho de 2007 e, imediatamente, iniciei a Pós-Graduação em Psicopedagogia. No início de 2008, sofri um acidente de moto que me afastou temporariamente dos estudos e do trabalho. Nesse período de fragilidade, fui sustentada pelo amor da minha família e pela amizade de Daniela Oliveira e Fabiana Fernandes, que estiveram ao meu lado em cada etapa da recuperação.

Em 2011, comecei a trabalhar como contratada pela Prefeitura, e em 2013 no Estado. Foram anos de muita luta por estabilidade, de provas, esperas e recomeços. Sempre que passava pela Escola Estadual Cônego Getúlio, admirava a estrutura e o prestígio da instituição. Em 2015, com grande alegria, fui contratada pela escola. Estar ali e reencontrar a diretora Walterly Porto da Silva e Sousa — que havia sido minha professora no Ensino Fundamental — foi marcante. Ela é uma inspiração constante, pelo compromisso que tem com a educação e pelo exemplo que representa.

Em 2016, fui finalmente nomeada no concurso público do Estado de Minas Gerais, e para minha alegria, designada para a própria Escola Cônego Getúlio. Novamente, volto a citar Freire (1979, p. 84) que sabiamente disse: “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”. E, assim, posso enfatizar que fazer parte de uma escola que sempre admirei, ainda nos tempos em que apenas passava em frente e sonhava estar lá, e agora integrá-la como profissional, me dá a certeza de que o ciclo se completou com sentido.

Em 2018, por razões pessoais, transferi meu cargo para outra cidade. Essa mudança representou um momento de recomeço, exigindo adaptação e resiliência. No entanto, em 2020, retornei à Escola Estadual Cônego Getúlio, lugar que sempre simbolizou pertencimento e realização profissional. Estar de volta reforçou em mim o compromisso com a educação e com a comunidade escolar que tanto me acolheu.

Cada etapa vivida, cada desafio enfrentado e cada conquista celebrada contribuíram para formar a educadora que hoje me tornei, uma mulher que buscou diariamente, transformar-se no seu melhor. Como afirma Freire (1991, p. 58): “Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. O indivíduo se faz educador, na prática e na reflexão sobre a prática.” Essa trajetória

confirma que a educação é uma construção contínua, feita de experiências, superações e aprendizados que nos transformam a cada dia.

Formação acadêmica

“É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática”
(Freire, 1996, p.61).

Fazer o mestrado sempre foi um sonho alimentado por anos, mesmo quando parecia distante diante da rotina exaustiva de trabalhar em dois turnos e cuidar de uma criança pequena, com 7 anos. A busca por formação acadêmica nunca foi simples, mas sempre foi constante. Como afirma Freire (1996, p. 32), “Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescenta à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa.” Foi essa busca que me moveu.

Em 2023, decidi investir novamente em minha formação, realizando uma pós-graduação em Educação Especial e Inclusiva pela Faculdade Venda Nova do Imigrante. Sentia a necessidade de me qualificar ainda mais para lidar com as múltiplas demandas que surgem na sala de aula. A formação me trouxe ferramentas valiosas para criar um ambiente educacional mais acessível e respeitoso das diferenças, contribuindo com minha prática cotidiana.

A oportunidade de ingressar no mestrado só se concretizou graças ao programa Trilhas de Futuro e, especialmente, ao apoio incondicional da minha amiga Mary. Foi ela quem me encorajou a acreditar em minha capacidade, mesmo nos momentos em que o cansaço falava mais alto. Juntas, passamos na seleção, uma após a outra — um momento que carregarei com carinho por toda a vida.

A dedicação ao mestrado exige entrega constante. Estudar depois de um longo dia de trabalho, reorganizar prioridades, abrir mão de horas de lazer e descanso: tudo isso faz parte do percurso. Mas a cada desafio superado, compreendo melhor o sentido do que afirma Demo (2000, p. 56): “a valorização do professor representa a estratégia principal da educação qualitativa.” Investir em mim é investir nos meus alunos.

Minha trajetória como pesquisadora iniciou-se com a submissão de um projeto ao processo seletivo do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional da Universidade de Uberaba (UNIUBE). Esta oportunidade foi viabilizada pelo Projeto Trilhas de Futuro – Educadores do Estado de Minas Gerais, cujo objetivo é fomentar o desenvolvimento

profissional qualificado de servidores da educação. A proposta original do projeto focava na filosofia da educação, visando à compreensão do comportamento infantil sob uma perspectiva filosófica.

Contudo, após a aprovação no programa e sob a orientação da Professora Giseli Cristina do Vale Gatti, cuja linha de pesquisa é dedicada à história da educação, fui conduzida a uma redefinição do meu objeto de estudo, passando a concentrar a investigação na história da educação. Inicialmente, o estudo direcionava-se à Escola Estadual Cônego Getúlio, instituição onde exerço minhas atividades profissionais. No entanto, o levantamento preliminar de fontes revelou que os registros disponíveis eram insuficientes para a fundamentação de um trabalho consistente que pudesse resgatar a história da referida instituição.

Diante dessa limitação, expandimos o escopo da investigação para outras instituições da cidade. Nesse processo, identificamos o Colégio Marista de Patos de Minas, ainda não havia sido objeto de pesquisa acadêmica. Esse fato suscitou nosso interesse, particularmente por se tratar de uma instituição confessional com significativa atuação na formação educacional da comunidade local. O contato com a direção da escola resultou em um acolhimento cordial e expressa disponibilidade, o que consolidou a decisão de eleger o Colégio Marista como foco da investigação.

Como lembra Ana Lúcia Souza de Freitas (2004; 2014), “importa considerar que educandos e educadores (trans)formam-se mutuamente nos processos de ensinar e de aprender, perpassados pela pesquisa, e deflagram percursos formativos singulares, mobilizados pela emoção/reflexão que emergem nessa interação.” É exatamente isso que venho experienciando. Cada leitura, cada aula, cada troca com meus colegas e professores me transformaram e ressignificaram minha prática docente.

A escrita deste memorial, por sua vez, foi uma das tarefas mais intensas e simbólicas da minha formação até aqui. Relembrar minha história de vida, organizar ideias, dar sentido às experiências – tudo isso exigiu tempo, coragem e escuta de mim mesma. A escrita, em forma de narrativa, revela, como diria Freire (1992, p. 53), uma verdadeira “gestação das ideias”.

Refletir sobre essa caminhada também me leva a compreender que o conhecimento não é algo distante ou inatingível. Aprender não é um ato isolado, mas um processo construído na coletividade e na experiência de vida. O que aprendo hoje como mestrande está diretamente ligado às necessidades reais da escola e da sociedade, e carrega em si o compromisso com a transformação da realidade.

A formação acadêmica, nesse contexto, não é apenas um título, mas um instrumento de mudança. Cada leitura, cada discussão em aula e cada produção escrita se conectam com a

prática e com os desafios cotidianos da educação. É esse entrelaçamento entre teoria e prática que dá sentido à minha busca por conhecimento. O mestrado me permite não apenas aprofundar conceitos, mas também ressignificar experiências, consolidar valores e contribuir, com mais consciência e preparo, para a construção de uma educação mais justa, sensível e comprometida com a formação integral dos sujeitos.

E para que isso se concretize com coerência entre discurso e prática, é essencial, como ensina Freire (1996, p. 61), “diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática.” É isso que venho tentando fazer a cada dia, sendo educadora e pesquisadora ao mesmo tempo.

Carrego comigo a convicção de que educar não é apenas transmitir conteúdos, mas provocar inquietações, construir sentidos e inspirar mudanças. Ser pesquisadora me permite olhar a realidade com profundidade e questionamento; ser educadora me desafia a transformar esse olhar em ação concreta, ética e comprometida com o outro. Essa dupla condição me motiva a buscar caminhos mais humanos e significativos para o ensino e a aprendizagem.

Foi assim que consegui, junto a minha orientadora Profa. Dra. Giseli Cristina do Vale Gatti, realizar passo a passo a minha dissertação de mestrado. Um caminho que não foi fácil, mas gratificante, pois a cada “erro”, corria atrás de informações para corrigir. E, posso dizer que devo a muita, mas muita gente, o final da pesquisa. Não me arrisco a dar nomes, pois posso esquecer de algum, mas cada um que foi “amolado” por mim, sabe de seu valor e o peso que ele teve nesta pesquisa sobre o Colégio Marista de Patos de Minas.

Assim, sigo firmando o compromisso de não dissociar o que estudo daquilo que pratico. Cada sala de aula, cada estudante, cada diálogo vivido se torna também objeto de reflexão, espaço de escuta e possibilidade de reinvenção. Nesse processo, reafirmo minha crença de que a educação crítica, dialógica e sensível pode, sim, ser um instrumento de transformação social.

Ao finalizar este memorial, carrego comigo a certeza de que toda a minha dedicação ao mestrado não é apenas um passo na minha formação acadêmica, mas uma escolha diária que também se fundamenta no amor. Faço tudo isso por mim, pela educadora que desejo continuar sendo, mas principalmente pela minha filha, Maria Clara. Ela é minha maior inspiração e o motivo pelo qual insisto, resisto e sigo. Cada página lida, cada madrugada estudando, cada aula assistida, tudo carrega o desejo de construir um futuro melhor — para mim, para os meus alunos e para ela. Que este registro da minha trajetória seja também uma lembrança viva de que o conhecimento transforma, mas o amor é o que nos move. Finalizo este memorial com a imagem

que mais representa o meu sentido de existir e persistir: eu e Maria Clara, juntas, como sempre (Figura 8).

Figura 8 – Autora com sua filha Maria Clara



Fonte: Arquivo pessoal.

Portanto, posso afirmar que este memorial representa, assim, mais do que descrever minha caminhada pessoal e acadêmica, mas é afirmar minha identidade como professora em constante formação, reafirmando meu compromisso com uma educação que transforma, que inclui e que respeita. Olhar para o passado me ajuda a compreender o presente e a vislumbrar o futuro com mais consciência, coragem e esperança.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa intitulada “Educação Marista em Patos de Minas (1957 – 1975): Gênese e primeiras configurações do colégio” traz uma investigação sobre a história de uma instituição educacional de caráter confessional de Patos de Minas, muito, muito sonhada, aguardadas e hoje conceituada pela população local. O recorte temporal foi escolhido por englobar o início da construção do educandário marista em 1957 no município, com destaque a chegada dos Irmãos Maristas, até a instituição passar a administração para a Mitra Diocesana em 1975. Visto que, em janeiro de 1976 principia-se uma nova etapa na história do Colégio Marista de Patos de Minas⁴.

Conforme assinala Justino Magalhães,

[...] a instituição educativa é local, tradição, representação. Por trás do conceito de mestre, a quem cabe a orientação da relação educativa, há dimensões biográficas e dimensões de representação institucional, analogamente ao que respeita ao conceito de discípulo. Materialidade e representação extensiva à escola, aos manuais, às práticas, aos meios, aos intervenientes. A instituição é contexto, é materialidade e é representação (Magalhães, 2004, p. 67).

Na perspectiva do autor, devemos olhar a instituição educativa de uma forma mais profunda e ao mesmo tempo crítica, buscando reconhecer que a sua existência e funcionamento são moldados por fatores históricos, culturais, sociais, simbólicos e materiais, que extrapolam os objetivos declarados de seus fundadores. Nessa perspectiva, afasta-se o caráter laudatório, buscando compreender os elementos que constituem a realidade escolar.

Magalhães (2004), ainda assevera que,

[...] a dialética entre instituição e educação é de natureza historiológica e historiográfica. A história valendo-se de um jogo de probabilidades de desenvolvimento do presente, se bem que do presente-passado, é essencialmente a construção de relações ou de combinatórias relações (conjunturais e estruturais). A história das instituições educativas é um campo de investigação em que a instituição e a educação se articulam por ação dos sujeitos (Magalhães, 2004, p. 67)

⁴ Neste estudo, adota-se a denominação atual da instituição confessional Marista. Entretanto, ao longo da análise, são apresentadas as diferentes designações que o Colégio Marista de Patos de Minas assumiu no recorte temporal em questão. Ressalta-se que a instituição tem como patrona Maria, sob a invocação de Nossa Senhora de Fátima, em consonância com a proposta de São Marcelino Champagnat ao fundar o Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria.

A partir da afirmação do autor, inferimos que a instituição, como escola em si, e educação, como processo de ensino-aprendizagem estão articuladas entre si. Todavia, essa articulação é sempre moldada pela ação de vários atores, como professores, atores, gestores e por sujeitos externo, que com suas interações e decisões, constroem a própria história das instituições.

O trabalho de Paolo Nosella e Ester Buffa (2013) é particularmente relevante para esta pesquisa, pois fornece um roteiro guia, que permite compreender algumas categorias de análise, que são apresentadas a seguir:

1.Criação e implantação da escola: neste item é importante focalizar a situação econômica e social da região (contexto) quando da criação da escola, articulações políticas e justificativas apresentadas pelos seus propositores; documentação, jornais de época, discursos de inauguração e legislação são fontes relevantes.

2.A evolução da escola: neste item, o relatório deve mostrar as continuidades e as mudanças ocorridas na escola, desde sua implantação até o momento do recorte estabelecido e justificado pelo pesquisador que definiu o período a ser estudado. É preciso atentar para as novas características que a sociedade adquiriu, decorrentes de mudanças econômicas e demográficas, modificações na legislação escolar, conquistas científico-tecnológicas que influenciam os currículos e os conteúdos das disciplinas.

3.A vida na escola: neste tópico, o relatório deve enfocar o interior da instituição, considerando: o prédio e instalações, alunos, professores, administradores, saberes escolares, currículos, disciplinas, livros didáticos, métodos de ensino, normas disciplinares, clima cultural (organização, manifestações, publicações, realização de eventos etc.), pontuando as datas das informações.

4.Trajetória de ex-alunos: o estudo de trajetórias escolares e profissionais é um recurso metodológico importante para se compreender as necessidades que a sociedade, em uma dada época, tem de determinados profissionais como, também, a própria inserção desses profissionais na sociedade. Somente dessa forma é possível avaliar o significado social da escola. As histórias de vida de um número estatisticamente significativo de ex-alunos não interessam exclusivamente, entretanto, elas constituem a matéria-prima para a elaboração das trajetórias. Assim, por meio das histórias de vida, é possível traçar o perfil do profissional formado pela instituição e sua posterior inserção profissional. Portanto, as trajetórias, ainda que pessoais, revelam a natureza de uma escola e da sociedade em que os formandos se inserem. (Nosella; Buffa, 2013, p. 69-70)

Essas categorias nos permitem elaborar interpretações acerca do processo de criação e desenvolvimento de uma determinada instituição escolar. Por meio delas, é possível analisar a arquitetura escolar, o perfil discente e docente, o destino profissional e pessoal dos alunos que por lá passaram, bem como sua organização curricular e práticas pedagógicas.

Nesse sentido, a aplicação dessas categorias possibilita que a pesquisa se afaste do caráter laudatório, preconizado por Magalhães (2004), ao promover uma leitura crítica do papel da instituição educativa em dado contexto social.

A partir do exposto, buscamos a partir do objeto de estudo, o Colégio Marista de Patos de Minas (1957-1975), compreender o que levou o empreendimento de criação de uma escola confessional masculina de nível secundário na cidade de Patos de Minas - MG. O problema da pesquisa foi: como ocorreu todo o processo de consolidação do Colégio Marista em Patos de Minas, entre 1957 e 1975, e de que maneira sua proposta educativa, fundamentada em princípios da Congregação Marista, contribuiu para a formação acadêmica, moral e social dos jovens patenses?

A pesquisa realizada tem como objetivo geral foi o objetivo geral é compreender as razões que levaram ao empreendimento de criação de uma escola confessional masculina na cidade de Patos de Minas.

Os objetivos específicos são:

- a) entender o que caracteriza a educação marista; investigar o contexto histórico e as circunstâncias específicas da criação e da instalação de um curso em nível secundário para meninos na cidade;
- b) examinar o projeto arquitetônico e a infraestrutura do Colégio Marista, contextualizando-os com as diretrizes pedagógicas;
- c) identificar o perfil discente e docente no recorte em questão, além da metodologia de ensino e controle disciplinar, bem como o cotidiano escolar.

A escolha do Colégio Marista de Patos de Minas como objeto de estudo se justifica por sua relevância histórica, cultural e educacional no município, onde se consolidou como uma das principais referências de ensino confessional entre as décadas de 1950 e 1970. Seu modelo pedagógico, orientado pelos valores da Congregação Marista, apresenta forte influência religiosa e moral, sendo responsável por formar gerações de jovens patenses, não apenas em conhecimentos acadêmicos, mas também em princípios éticos e cristãos.

Essa escolha também se ancora na importância atribuída à educação por São Marcelino Champagnat, fundador do Instituto Marista. Para ele, a formação dos jovens era missão sagrada,

envolvendo não apenas a instrução intelectual, mas, sobretudo, a construção moral e espiritual dos alunos. Como expressa em seus escritos:

Educar é função mais importante que governar o mundo (Landry, 2016, p. 243).

Formar o coração de uma criança é desenvolver e fazer crescer suas boas disposições, e enfeitá-los de virtudes (Landry, 2016, p. 243).

A educação é para o aluno o que o cultivo é para a terra; por bom que seja o solo, se não é cultivado, não produz senão sarças e espinhos (Landry, 2016, p. 243-244).

Para Champagnat, a educação verdadeira nasce da relação de respeito, zelo e afeto entre educador e educando:

É impossível educar bem a criança se não a respeitamos (Landry, 2016, p. 243).

O espírito de fé, que nos mostra no pobre a imagem de Jesus humilhado e feito pobre por nós, deve nos inspirar um grande respeito, um grande amor pela criança indigente (Landry, 2016, p. 244).

Nessa perspectiva, investigar a história do Colégio Marista de Patos de Minas não se restringe a destacar o apreço cultivado pela comunidade local ao longo dos anos, mas implica compreender de que maneira os princípios maristas foram incorporados às práticas pedagógicas em um contexto urbano marcado pela modernização e por transformações sociais. O estudo também contribui para a valorização da memória institucional e da cultura escolar, dimensões fundamentais para o campo da história da educação. Ao resgatar a gênese da instituição, evidencia-se a atuação dos diferentes sujeitos envolvidos — Irmãos Maristas, professores, alunos, lideranças religiosas e civis — e o impacto da proposta educativa marista no cotidiano da comunidade.

Por fim, é preciso reconhecer que instituições escolares são construções sociais dinâmicas, atravessadas por múltiplos interesses, disputas e tensões. Como destaca Magalhães (2004, p. 124), as instituições educativas são “organismos vivos” que vivenciam conflitos entre “liberdade, criatividade, sentido crítico” e “o normativismo burocrático e político-ideológico estruturante”. Essa reflexão reforça a relevância de investigações históricas que considerem as escolas não apenas como lugares de reprodução, mas também como espaços de produção de cultura, identidade e resistência.

Para o desenvolvimento desta investigação, a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e o recurso da história oral.

A dissertação foi dividida em seções, de modo a articular o percurso histórico, pedagógico e cultural do Colégio Marista de Patos de Minas no período de 1957 a 1975.

Após esta Introdução, a seção *Marcelino Champagnat e os pilares da educação marista* apresenta uma biografia do fundador do Instituto Marista, destacando sua religiosidade, a escolha pelo sacerdócio e sua morte precoce. Em seguida, aborda a trajetória da Ordem Marista, com sua expansão para diferentes países, e finaliza expondo o processo de chegada e consolidação dos Irmãos Maristas no Brasil. Esse capítulo tem como objetivo fundamentar a identidade educativa marista a partir de sua origem e missão.

A seção intitulada *A articulação para a criação de um Colégio Marista em Patos de Minas*, primeiramente resgata aspectos históricos da cidade, desde suas raízes ligadas a índios, bandeirantes e tropeiros até a formação de uma religiosidade que antecedeu o desejo de uma educação confessional. Nesse contexto, também são apresentados os antecedentes da vinda do Colégio Marista em Patos de Minas, ressaltando as intermediações políticas, religiosas e comunitárias que viabilizaram sua construção. O capítulo evidencia como a mobilização da sociedade local foi decisiva para a chegada da instituição.

A seção com o título *O espaço destinado ao Colégio Marista* analisa o processo de construção física da escola e o simbolismo associado à sua arquitetura. Inicialmente, trata do projeto de regularização e da concepção arquitetônica adotada, discutindo como o jornal local retratava o empreendimento em discursos que mesclavam modernidade e tradição. Em seguida, detalha as edificações e ambientes escolares em duas fases distintas (1957-1958 e 1959-1960), culminando com a chegada dos Irmãos Maristas e a inauguração do colégio. O capítulo evidencia que o espaço escolar não se restringia a estruturas físicas, mas constituía também um ambiente de significados e de formação identitária.

Já a seção com o título *Finalidades e práticas do Colégio Marista: quando a ação docente se entrelaça com as vivências discentes* discute as dimensões pedagógicas e culturais da instituição, tendo como suporte além de documentos, relatos orais de um educador da primeira turma de maristas e 6 ex-alunos que estudaram no colégio entre 1959 a 1975. Primeiramente, são apresentadas as características da escola e as diferentes denominações que recebeu ao longo do tempo. Na sequência, analisam-se as sete direções do colégio entre 1959 a 1975, e os acontecimentos mais relevantes registrados nesse período em sua administração. Posteriormente, o capítulo aprofunda-se na prática pedagógica e controle disciplinar, destacando o modo como valores, normas e rituais moldavam condutas e formavam os estudantes. Por fim, aborda as atividades esportivas e culturais, que constituíam parte essencial

da experiência escolar, revelando a integração entre formação acadêmica, disciplina, lazer e sociabilidade.

Na Conclusão, o trabalho retoma os principais pontos investigados, ressaltando como a presença marista em Patos de Minas representou não apenas a criação de uma instituição de ensino, mas também a consolidação de um projeto educativo que uniu tradição religiosa, modernidade pedagógica e vivências comunitárias. Além de destacar se os objetivos foram atendidos, a pergunta que o estudo tentou responder cumprida e sugestões para possíveis estudos futuros.

De modo geral, reconhecendo a estrutura montada, espera-se que a presente dissertação de mestrado, mediante realização de uma minuciosa investigação, contribua para o avanço dos estudos sobre a História da Educação confessional no Brasil, especialmente no que se refere à atuação das instituições religiosas na formação da juventude e na reprodução de padrões sociais e culturais no interior do país durante o século XX. Bem como, sirva de registro da História do Colégio Marista em Patos de Minas, para a instituição e futuros pesquisadores e apreciadores da História Educação Marista no Brasil.

1.1 CAMINHO METODOLÓGICO

A presente pesquisa configura-se como um estudo de natureza qualitativa, de cunho historiográfico, com base em procedimentos bibliográficos, documentais e orais. Trata-se de uma investigação para compreender o processo de consolidação do Colégio Marista de Patos de Minas, desde os movimentos iniciais, a fundação até o período de consolidação da proposta pedagógica marista. Portanto, foi adotado um caminho metodológico fundamentado em diferentes fontes e abordagens, estruturado em três etapas principais: levantamento bibliográfico e documental, análise de registros locais e aplicação da história oral.

1.1.1 Levantamentos bibliográfico

O levantamento bibliográfico é um processo fundamental para a pesquisa científica, que envolve a busca, seleção e análise de informações já produzidas e registradas ao longo da história humana. Esse procedimento permite ao pesquisador apropriar-se do conhecimento acumulado pela coletividade, evitando a repetição desnecessária de estudos e possibilitando a ampliação do saber por meio da identificação de lacunas, reaproveitamento de dados e proposição de novos temas e metodologias. Trata-se de uma etapa que exige rigor e uso

adequado de estratégias de busca, sendo essencial para a produção de trabalhos que efetivamente contribuam para o avanço da ciência (Galvão, 2009).

Assim, realizou-se inicialmente um levantamento bibliográfico sobre a história da ordem iniciada na França, sua chegada ao Brasil, para posterior aprofundamento, das primeiras duas décadas da história de consolidação da atuação da Congregação Marista em Patos de Minas (1957-1975). Essa etapa foi fundamental para contextualizar o modelo pedagógico dos irmãos maristas e a relação religiosa que esse modelo pedagógico foi enraizado no tempo e na formação de juvenis, orientados por Irmãos Maristas. O quadro 1 apresenta as obras maristas utilizadas para entender as origens da Congregação Marista, principalmente, para realizar a construção do primeiro capítulo, priorizando o relato da vida e da obra de seu fundador, Marcelino José Bento⁵ Champagnat.

Quadro 1 – Obras maristas institucionais e religiosas relacionadas à ordem marista

Autor(es) / Instituição		Título	Tipo de obra / Editora	Síntese do Conteúdo
Irmãos Maristas – historiadores	FURET, Jean-Baptiste (1999) Trad. (1856) 1 ed.	Vida de São Marcelino José Bento Champagnat	Livro/ Loyola / SIMAR	Biografia clássica do fundador do Instituto Marista, sua trajetória, vocação e missão educativa, com forte teor espiritual e histórico.
	SYLVESTRE, Irmão (2014) Trad. (1991) 1. Ed.	Relatos sobre Marcelino Champagnat	União Marista do Brasil (UMBRASIL)	Relatos sobre a vida, ensinamentos e missão de Champagnat, foco na formação religiosa.
	LANDRY, Irmão Fabien (2016) Trad. (2009) 1. Ed.	São Marcelino Champagnat: 85 capítulos: 450 de seus pensamentos	UMBRASIL	Champagnat, vida, luta pela congregação. Educador, pessoa e formador de irmãos; destaque para os Irmãos Furet e Francisco.
	FERRARINI, Ir. Sebastião Antonio (2022)	Regras de Vida: Um itinerário para viver o evangelho na ótica marista	Memorial Marista / Província Marista Brasil Centro-Sul	Diretrizes espirituais que orientam a vivência dos Irmãos Maristas, com ênfase na espiritualidade apostólica e no seguimento de Jesus ao estilo de Champagnat.
Província Marista Brasil Centro-Sul (2011) Casa Generalícia – Roma (2011)		Cadernos Maristas: informações, estudos, documentos.	Instituto Irmãos Maristas/ Casa Generalícia - Roma	Utilizaram-se artigos de colaboradores como: Irmão Strobino, Lanfrey e Mac Mahon sobre Champagnat.

⁵ Percebeu-se nas literaturas estudadas uma variação entre Bento e Benito, que pode ser atribuída a diferenças linguísticas e culturais. Bento é a forma do nome em português, enquanto *Benito* é a versão em espanhol ou italiano. Como Marcelino Champagnat viveu na França, seu nome completo em francês é Marcellin Joseph Benoît Champagnat, sendo *Benoît* a versão francesa de Bento/Benito.

Autor(es) / Instituição	Título	Tipo de obra / Editora	Síntese do Conteúdo
Província Marista Brasil Centro-Sul (2019)	Saiba mais sobre o papel dos primeiros superiores na gestão do Instituto Marista	Publicação online / Província Marista Brasil Centro-Sul	Breve histórico da atuação dos primeiros superiores gerais do Instituto, com enfoque na governança, organização e expansão da obra Marista.
UMBRASIL (União Marista do Brasil) (2010)	Projeto Educativo do Brasil Marista: nosso jeito de conceber a Educação Básica	Livro/ UMBRASIL	Esse documento orientador traz os princípios, fundamentos e práticas da proposta pedagógica Marista no Brasil, voltado à Educação Básica.
UMBRASIL (2019)	Cartas de Marcelino J. B. Champagnat	Livro/ UMBRASIL	Documento relata cartas deixadas por Champagnat
Província Marista Brasil Centro-Norte (2024)	20 anos de Vida e Missão.	Livro/ Ebook UMBRASIL	Leitura complementar para entendimento da obra marista e ou irmãos.
Província Marista Brasil Centro-Norte (2025)	A vocação como caminho de esperança: Semana Vocacional Marista	Livro/ Ebook UMBRASIL	Leitura complementar para entendimento da obra marista e ou irmãos.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados disponíveis em: <https://www.champagnat.org>. Acesso em: 5 nov. 2024.

Torna-se importante destacar a relevância das quatro principais obras e contribuições dos escritores e irmãos maristas, que tiveram papel significativo na sistematização e preservação da memória da vida e obra de Champagnat: Irmão Furet (1822-1872); Irmão Sylvestre (1843-1887); e Irmão Sebastião Ferrarini (1965-) Irmão Fabien Landry (Figura 9)⁶. Observa-se, nas obras selecionadas, que os dois primeiros conviveram diretamente com Champagnat e participaram ativamente de sua trajetória e missão educacional, enquanto os dois últimos se dedicaram à reconstrução histórica por meio de pesquisas documentais e reflexões posteriores. Ambas as abordagens são fundamentais, pois contribuem de formas distintas, mas complementares, para a conservação e a atualização da memória marista.

⁶ A Figura 9 foi resultado de uma pesquisa realizada em diversos locais na internet, nos próprios livros dos irmãos. Uma curiosidade para quem observa a figura é a vestimenta dos Irmãos. Os dois primeiros vestem o tradicional Rabat (um peitinho-branco, dividido ao meio), túnica preta e uma cruz peitoral, como se vê melhor na imagem do Irmão Furet. Essa vestimenta, por determinação do XV Capítulo Geral, ocorrido em Grugliasco (Itália) – setembro de 1958 passa por modificações, sai o Rabat, passam a usar o colarinho romano, com a túnica preta e com a cruz no peitoral. Essa mudança busca refletir uma presença mais próxima e acessível, voltada ao serviço e à simplicidade evangélica. Por volta de 1968 a 1970, o uso do desse traje é abandonado, de forma progressiva em muitas regiões do mundo, inclusive no Brasil. Os irmãos passam a utilizar trajes discretos e modernos. Por isso, o Irmão Ferrarini e Landry estarem usando roupas comuns no cotidiano mantendo a discrição como sinal de sua consagração. Em eventos litúrgicos ou comemorações especiais, o hábito tradicional ou vestes simbólicas ainda podem ser utilizados, preservando o vínculo com a tradição e a identidade marista.

Figura 9 – Irmãos Furet, Sylvestre, Ferrarini e Fabien Landry (da esquerda para a direita)



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados obtidos nesta dissertação.

Irmão Furet⁷ foi o primeiro biógrafo do fundador, produziu a obra “Vida de Marcelino Champagnat”, considerada referência indispensável sobre a origem do Instituto Marista, sua “capacidade de trabalho e a facilidade com que manejava a pena de escritor, de literato, de biógrafo e de autor espiritual” foram impressionantes (Landry, 2016, p. 210). Irmão Sylvestre⁸ no livro “Relatos sobre Marcelino Champagnat”, no qual narra Champagnat concomitantemente a sua vida, traduzido por Ir. Paul Sester⁹, escritor e historiador marista. Na sua trajetória Irmão Sylvestre colaborou com escritos que documentam a missão e os valores maristas, contribuindo para a compreensão da pedagogia legada por Champagnat (Sylvestre, 2014). Essas obras fornecem base teórica importante para refletir sobre o legado marista no contexto educacional de Patos de Minas.

⁷ Irmão Batista Furet, nasceu em 24 de setembro de 1807, em Haute-Loire, França. Ingressou na Congregação Marista ainda adolescente, em 27 de março de 1822, aos 14 anos, como parte de um grupo levado por engano a La Valla – evento que os Maristas interpretaram como resposta às orações de Champagnat por vocações. Autodidata apaixonado pelo estudo, especialmente da religião, Furet destacou-se como educador, diretor e, a partir de 1839, conselheiro do então Superior Geral, Irmão Francisco. Teve papel fundamental na integração de outras congregações aos Maristas, graças à sua diplomacia e liderança. Reconhecido pelo bom caráter, alegria e acessibilidade, foi também um incansável escritor. A pedido do próprio Champagnat, assumiu a missão de cronista da congregação, produzindo obras que hoje são referências da espiritualidade e da história marista, como *Regras Comuns* (1854), *Vida do Padre Champagnat* (1856) e várias *Meditações* (1865 e 1868), além de biografias dos primeiros Irmãos.

⁸ Irmão Sylvestre (Frère Sylvestre Jean-FélixTAME) nasceu em 12 de janeiro de 1819, em Valbenoîte, Saint-Étienne, França. Ingressou jovem no Instituto Marista, mas sua aceitação definitiva foi incerta, sendo admitido com votos temporários até professar os perpétuos em 1843. Obteve o diploma de professor em 1839, em Grenoble, e destacou-se como educador. Graças à relação com o Irmão Luís Maria, foi chamado a formar jovens Irmãos na Casa Geral, função que exerceu por 43 anos em locais como L’Hermitage, Grange-Payre e Saint-Genis-Laval. Em 1886, aos 67 anos, atendeu ao pedido do então Superior Geral, Irmão Teofânio, para registrar suas memórias sobre o Fundador, São Marcelino Champagnat, como parte da Causa de Beatificação. Faleceu em 16 de dezembro de 1887, um ano após assumir essa missão (Sylvestre, 2014).

⁹ O Irmão Paul Sester (1926–2020) foi arquivista e historiador da Congregação dos Irmãos Maristas, responsável pela preservação e organização dos arquivos históricos da congregação. Entre suas contribuições destacam-se a publicação das cartas de Marcelino Champagnat, fundador dos Maristas, e a obra em três volumes *Origines des Frères Maristes* (2011), reunindo escritos de Champagnat entre 1789 e 1840. Seu trabalho permitiu maior acesso e compreensão da espiritualidade, da pedagogia e da história da congregação (CEM-BH).

O Irmão Sebastião Antonio Ferrarini¹⁰, por sua vez, é reconhecido por adaptar e traduzir conteúdos maristas ao contexto brasileiro, ampliando o acesso à herança espiritual de Champagnat. Por fim, o Irmão Fabien Landry¹¹, um dos pioneiros do Carisma da Unidade em Quebec, tem como característica uma escrita sensível, atentando aos detalhes, descreve Champagnat como um visionário, um homem atento as reais necessidades da juventude, aberto a mudanças, que soube transformar sua escuta atenta em ações concretas e eficazes, voltadas à formação integral dos jovens.

Além dos livros da ordem maristas, publicados no Brasil pela UMBRASIL também foi realizado um levantamento em teses e dissertações relacionadas à escola confessional e educação marista. Foram utilizadas as bases de dados das bibliotecas: a *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), o *Google Acadêmico* e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), sendo selecionados 9 estudos acadêmicos, conforme Quadro 2:

Quadro 2 – Artigos, teses e dissertações utilizados como referencial teórico

Autor(a)/ Ano	Título	Titulação/ Instituição/ Programa	Síntese do Tema
SILVA, W. A.; GATTI JR., Décio (2004)	A formação de “bons cristãos e virtuosos cidadãos” na princesa do sertão: o Colégio Marista Diocesano de Uberaba (1903-1916)	Dissertação de Mestrado/ Universidade de Uberlândia - UFU/ Educação	Estudo sobre a pedagogia marista no início do século XX (valores formativos e religiosos).
NUNES, Iran de Maria L. (2006)	Ideal Mariano e docência: a identidade feminina da Proposta Educativa Marista	Tese de Doutorado/ UFRN/ Educação	Construção da identidade docente feminina dentro da proposta educativa Marista.
BORBA, Fernanda M. de (2014)	Confessionalidade na escola: a relação entre religião e educação no projeto educativo da Rede Marista	Dissertação de Mestrado / Escola Superior de Teologia/ Teologia	Examina como a confessionalidade se manifesta na proposta educativa Marista (religião x educação).
ETGES, Adelmo G. (2014)	A pessoa do gestor e do educador leigo como estimuladores da proposta educativa Marista no RS	Dissertação de Mestrado / PUC – RS (Rio Grande do Sul) / Educação	Papel do gestor e do educador leigo na proposta educativa Marista frente a desafios.

¹⁰ Sebastião Antonio Ferrarini nasceu em 27 de julho de 1948, em Campina Grande do Sul (PR), e ingressou na Vida Consagrada Marista em 1965, em São Paulo. É graduado em Ciências Sociais e mestre em História pela PUC-SP. Com forte atuação na Amazônia, destacou-se como pesquisador, formador e líder, contribuindo significativamente com o Distrito Marista da Amazônia, onde foi vice-superior distrital e mestre de noviços. Também presta assessoria regional nas áreas de Ecologia, História da Igreja, História da Amazônia e Patrimônio Espiritual Marista. Autor de cerca de 20 livros, consolidou-se como referência em temas maristas e amazônicos. Em 2007, foi transferido para a Província Marista do Rio Grande do Sul, assumindo, entre 2009 e 2011, o cargo de Superior Distrital do Distrito Marista da Amazônia.

¹¹ Irmão Fabien Landry, não possui biografia disponível na web, entramos em contato com a congregação em Quebec, Canadá, onde reside, mas não recebemos devolutiva. O que se sabe que além de escritor e colunista, em 2012, recebeu o Prêmio *Caring Canadian* do Governador-Geral do Canadá, em reconhecimento ao seu trabalho voluntário com crianças haitianas, especialmente órfãos e portadores de HIV/AIDS. A honraria destaca contribuições significativas e não remuneradas feitas por cidadãos que atuam discretamente em benefício das comunidades no Canadá e no exterior.

Autor(a)/ Ano	Título	Titulação/ Instituição/ Programa	Síntese do Tema
CARNEIRO, Amanda de Lima (2018)	Moças prendadas e bem-formadas do colégio Nossa Senhora das Graças de Patos de Minas - MG (1948-1960)	Dissertação Mestrado/ Universidade de Uberaba/ Educação	Educação feminina durante a década de 1950 e o papel das instituições religiosas na formação escolar de moças da elite local.
GRIMALDI, Lucas Costa (2022)	Por uma história de espaços escolares Maristas no Rio Grande do Sul e São Paulo (1920–1980): arquitetura, sensibilidade e patrimônio.	Tese de Doutorado / UFRGS/ Educação	Estuda os espaços escolares Maristas sob a perspectiva histórica e patrimonial, relacionando arquitetura e práticas escolares.
RICORDI, Angelo A. Diniz (2022)	Uma leitura ceriteuniana sobre as origens da espiritualidade marista	Tese de Doutorado / PUC – PR (Paraná)	Compreensão da espiritualidade marista por Michel de Certeau.
BATISTA, Breno Minelli (2022)	A outra face católica da economia solidária: atividades do Instituto dos Irmãos Maristas das Escolas	Tese de Doutorado/ UFSCar/ Educação	Aborda o papel social do Instituto Marista, além da educação formal, mas como transformação social.

Fonte: Elaborado pela autora com base em levantamento nas plataformas SciELO, Google Acadêmico e BDTD.

A partir da delimitação do objeto de estudo — o Colégio Marista de Patos de Minas — tornou-se essencial compreender o contexto histórico da cidade, uma vez que o processo de consolidação da instituição da escola esteve diretamente relacionado às dinâmicas sociais, culturais e religiosas da região, especialmente no período anterior ao início da construção do colégio, datada em 1957.

Para isso, a pesquisa selecionou dois artigos acadêmicos, duas obras de caráter memorialista e um arquivo institucional, que abordam aspectos relevantes da história local (Quadro 3).

Quadro 3 – Publicações sobre a história de Patos de Minas

Autor(es)	Título	Tipo de obra Editora	Síntese do Conteúdo
RIBEIRO, Giovanni Roncalli Caixeta (2008)	Contribuição à História da Medicina em Patos de Minas: das origens até 1950	Artigo / Revista ALPHA	Aborda o surgimento e evolução dos serviços médicos em Patos de Minas, destacando sua relevância no contexto de desenvolvimento urbano e social do município.
BARBATO, Luis Fernando Tosta; CASTRO, Yasmin Amorim V. De (2017)	A logística entre os tropeiros na cidade de Patos de Minas (Minas Gerais – Brasil): aproximações entre história e logística	Artigo/ Revista de História da Universidade Estadual de Goiás (UEG)	Analisa a importância dos tropeiros na formação e desenvolvimento de Patos de Minas, relacionando aspectos históricos e logísticos da região.
FONSECA, Geraldo (1974)	Domínios de pecuários e espadachins: história de Patos de Minas	Livro/ Ingrabrás	Obra de caráter memorialista que traça a trajetória histórica do município desde suas origens, com

Autor(es)	Título	Tipo de obra Editora	Síntese do Conteúdo
			ênfoque na formação social e política local.
MELLO, Antonio de Oliveira (1979)	Patos de Minas: capital do milho	Livro/ Academia Patense de Letras	Obra de caráter histórico-descritivo que aborda aspectos relevantes da formação econômica, cultural e agrícola de Patos de Minas.
PATOS DE MINAS, Prefeitura Municipal (s/d)	História do município: conhecendo melhor a história de Patos de Minas	Arquivo Público/ Prefeitura de Patos de Minas (<i>online</i>)	Resumo histórico institucional disponível no portal da Câmara Municipal, trazendo marcos da fundação, aspectos culturais e dados geográficos da cidade (Mapa).

Fonte: Elaborado pela autora a partir de pesquisa no Google Acadêmico e no Arquivo Público Municipal de Patos de Minas.

O Quadro 4 apresenta um conjunto de obras selecionadas que contribuem para a compreensão da educação marista, das práticas pedagógicas e do contexto histórico em que estas se inserem. As referências incluídas combinam abordagens teóricas, metodológicas e históricas, permitindo uma análise mais ampla e fundamentada sobre a formação educacional confessional, a atuação das instituições escolares e a relação entre educação e sociedade. Enfim, evidencia a complementaridade das referências, permitindo compreender não apenas a história da educação marista, mas também suas práticas pedagógicas, seu papel social e o contexto histórico mais amplo em que se desenvolveu.

Quadro 4 – Obras sobre educação, formação educacional e educação marista

Autor(es) / Instituição /Ano	Título	Tipo de obra / Editora	Utilidade
CNBB (1992)	Educação, Igreja e Sociedade.	Livro / Paulinas	Fornecem o pano de fundo da relação entre Igreja, sociedade e ensino religioso confessional.
CNBB (2007)	Ensino religioso no cenário da educação brasileira	Livro/ Edições CNBB	
CNBB (2023)	Ensino Religioso no Brasil	Livro/ CNBB	
MAGALHÃES, Justino (2004)	Tecendo Nexos: história das instituições educativas	Livro (<i>E-Book</i>) / Editora Universitária São Francisco	Oferecem aportes metodológicos e teóricos para o estudo das instituições escolares em perspectiva histórica.
NOSELLA, P.; BUFFA, E. (2009)	Instituições escolares: porque e como pesquisar	Livro/ Alinea	
STROPA, D. V.; RIBEIRO, A. F. M.; VIEIRA, A. M. D. P.	Apontamentos Históricos sobre a educação marista na	Artigo / Revista Horizontes	Amplia a análise ao situar experiências de outras cidades, possibilitando comparações e

Autor(es) / Instituição /Ano	Título	Tipo de obra / Editora	Utilidade
(2021)	cidade de Curitiba (1924 a 1985)		aproximações com o caso de Patos de Minas.
JUNQUEIRA, S. R. A; Leal, V. A. (2021)	Compêndio de pastoral escolar para a Educação Básica na Escola Católica	Livro/ Vozes	Abordam a pastoral escolar, destacando a função social das escolas católicas na formação integral.
GATTI, G. C. V.; GATTI JÚNIOR, D. (2018)	As representações na imprensa de práticas cívico-patrióticas em instituições escolares de Minas Gerais (Brasil) na primeira metade do século XX	Artigo / História, Ensino e Pesquisa no Brasil. (HISTEDBR) on-line	Analisa as representações de práticas cívico-patrióticas em instituições escolares de Minas Gerais, mostrando como eventos escolares eram centrais tanto na vida das escolas quanto na vida urbana, com ampla repercussão na imprensa local.
CARNEIRO, A. L. GATTI, G. C. V. (2019)	Combates pela formação da normalista católica em Patos de Minas (Minas Gerais, Brasil, 1948-1960).	Artigo / Revista Diálogo Educacional	Contribui para esta pesquisa ao discutir a formação de normalistas católicas em Patos de Minas frente ao avanço das ideias liberais e de outras confissões religiosas. Para compreender melhor o ambiente educacional e religioso no qual se insere a criação do Colégio Marista

Fonte: Elaborado pela autora a partir de seu acervo pessoal (livros) e de pesquisa no Google Acadêmico (artigo).

Antônio Carlos Gil (2002 p. 46) destaca que, embora a pesquisa documental siga os mesmos procedimentos da pesquisa bibliográfica, ela se distingue pelo tipo de fonte empregada: enquanto a bibliográfica se baseia principalmente em obras impressas localizadas em bibliotecas, a pesquisa documental recorre a materiais mais variados e dispersos, como registros de arquivos públicos e privados. Entre esses documentos, é possível identificar aqueles de primeira e segunda mão (relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas etc.).

Contudo, nesta investigação, foram priorizados os documentos de primeira mão — ou seja, aqueles que não receberam tratamento analítico prévio — como cartas, fotografias, regulamentos, recortes de jornais e registros institucionais. A diversidade dessas fontes não apenas enriquece a análise histórica, como também proporciona um olhar mais próximo da realidade vivida pelos sujeitos envolvidos na trajetória do Colégio Marista de Patos de Minas.

1.1.2 Levantamento Documental

A segunda etapa consistiu na pesquisa documental, que segundo Gil (2002, p. 45), “a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa”. O autor ainda reforça

que a pesquisa documental é vantajosa, tendo em vista que os documentos constituem fonte rica e estável de dados, que subsistem ao longo do tempo, tornam-se a mais importante fonte de dados em qualquer pesquisa de natureza histórica (Gil, 2002, p. 46).

Assim, buscou-se resgatar registros históricos para compreender o contexto que viabilizou a fundação do Colégio Marista na cidade. O arquivo documental levantado consiste majoritariamente em correspondências, arquivadas no Centro de Estudos Maristas (CEM)¹², de Belo Horizonte, que possui um acervo de informações (cartas, fotos, publicações, anais, jornais, etc.) sobre a congregação em Minas Gerais. Desde o início até a conclusão do trabalho, os contatos com seus profissionais foram marcados pela presteza e agilidade no fornecimento de materiais.

As cartas (digitalizadas) foram cedidas para esta investigação (Quadro 5). Na época, essas correspondências foram direcionadas, ao Dr. João Borges, que demonstrou grande empenho, ao lado de Monsenhor Manoel Fleury Curado, para trazer o Colégio Marista para Patos de Minas¹³. Dr. João Borges foi o personagem central no processo de articulação local para a chegada dos Irmãos Maristas à cidade.

Quadro 5 – Cartas do Dr. João Borges — registros sobre Colégio Marista de Patos, MG

Data	Remetente	Destinatário	Conteúdo Principal
19/03/1951	Ir. Exuperância	Dr. João Borges	Sondagem sobre local para construção do Colégio, incluindo dimensões e localização.
12/04/1951	Ir. Exuperância	Dr. João Borges	Comenta os esforços do Dr. João Borges para trazer um Colégio Marista a Patos e menciona a visita do Ir. Provincial.
09/09/1951	Discurso na Câmara Municipal	Vereadores de Patos	Justifica a construção do Colégio e elogia os vereadores pelo apoio ao pedido de contribuição ao governador.
03/10/1951	Ir. Exuperância	Dr. João Borges	Informa que o Ir. Provincial entrará em contato e elogia a atuação do Dr. João Borges.
22/10/1951	Ir. Mário Cristóvão, Provincial	Dr. João Borges	Agradece a acolhida em Patos e comunica que entregou carta do Côn. Alaor Porfírio ao Bispo de Uberaba.
12/12/1951	Dr. João Borges	Dr. Murilo Rubião	Solicita auxílio ao governador para a construção do Colégio.
06/02/1952	Câmara Municipal		Projeto de Lei nº 48, doação do terreno pela Prefeitura (não assinada).

¹² O Centro de Estudos Maristas, localizado em Belo Horizonte, MG, é um espaço dedicado à preservação e pesquisa da memória institucional da PMBCS. Vinculado ao setor de Patrimônio Histórico e Espiritualidade Marista, o CEM reúne um acervo relevante composto por documentos, fotografias, cartas, publicações e recortes de jornais, entre outros registros históricos relacionados à atuação dos Irmãos Maristas no Brasil.

¹³ Personagens fundamentais nesse processo, como o Dr. João Borges e o Monsenhor Manoel Fleury Curado, serão devidamente apresentados ao longo do estudo, em seções específicas que tratam de suas atuações no contexto da implantação do Colégio Marista em Patos de Minas.

Data	Remetente	Destinatário	Conteúdo Principal
06/02/1952	Dr. João Borges	Pe. Alaor Porfírio	Consulta sobre o valor de compra do terreno.
06/02/1952	Pe. Alaor Porfírio	Dr. João Borges	Considera razoável a doação de 150 mil cruzeiros pela Prefeitura.
10/02/52	Ir. Mário Cristóvão, Provincial	Dr. João Borges	Trata-se na carta: Doação de um terreno à UBEE; registro em Mendes-RJ; sua demarcação e cercamento; visita de um engenheiro para avaliar o local do futuro externato Marista.
18/03/1952	Dr. João Borges	Pe. Antônio Resende	Solicita apoio para acelerar a doação do terreno aos Irmãos Maristas.
25/03/1952	Ir. Mário Cristóvão, Provincial	Dr. João Borges	Confirma que o Mons. Fleury garantiu a doação do terreno e pede envio da planta com dimensões.
06/05/1952	Vereador Zama Maciel	Câmara Municipal	Projeto de Lei nº 48 sobre doação do terreno (recusado devido a um plano mal-intencionado).
25/10/1952	Ir. Mário Cristóvão, Provincial	Dr. João Borges	Solicita informações detalhadas sobre o terreno e a entrega da escritura aos Irmãos Maristas.
10/12/1952	Ir. Mário Cristóvão, Provincial	Dr. João Borges	Agradece as informações e informa que levará um engenheiro para estudar o terreno.
03/06/1956	Ir. Jules Baptista	Dr. João Borges	Informa o envio de novas plantas da construção.
30/06/1958	Ir. Jules Baptista	Dr. João Borges	Relata a compra de materiais em BH e SP e preocupação com a instalação elétrica.
19/12/1958	Ir. Jules Baptista	Dr. João Borges	Anuncia que Ir. Paulo Egídio será o primeiro diretor do Ginásio e que ele e o novo Provincial farão uma visita.

Fonte: Registros disponibilizados pelo CEM-BH – Cartas (1951-1958).

A sequência cronológica das cartas revela os esforços conjuntos entre lideranças religiosas e civis para viabilizar a fundação da instituição. As primeiras correspondências, enviadas pelo Irmão Exuperância — então residente em Mendes (RJ) — ao Dr. João Borges, evidenciam o compromisso com a instalação do colégio em Patos de Minas. Posteriormente, destacam-se os registros do trâmite legal conduzido pelo Irmão Mário Cristóvão, à época Irmão Provincial, autoridade responsável pela articulação interna da Congregação e pela aprovação do projeto. Esses documentos, além de conter informações logísticas e administrativas, revelam valores, preocupações e intenções dos envolvidos na missão educativa marista. A análise dessas fontes é essencial para compreender não apenas os bastidores da criação do Colégio Marista em Patos de Minas, mas também os princípios que orientam a ação pedagógica e evangelizadora da Congregação Marista no Brasil.

Além das cartas, para contextualizar a presença marista em Patos de Minas pelo olhar da imprensa local e regional, destacam-se recortes de jornais da década de 1950, obtidos no acervo do CEM-BH e no Centro de documentação e memória do UNIPAM, assim como o

Relatório de 50 anos do Colégio Marista em Patos de Minas. Esses registros jornalísticos contribuem para compreender o processo de consolidação do colégio, evidenciando a mobilização da comunidade e as repercussões sociais e religiosas da chegada dos Irmãos Maristas.

O Quadro 6 apresenta uma seleção dessas matérias, organizadas cronologicamente, permitindo visualizar como a narrativa da fundação da instituição foi construída e difundida pela mídia da época.

Quadro 6 – Mídia impressa e o projeto Marista em Patos de Minas (1954-1959)

Data/ Local	Remetente	Destinatário	Conteúdo Principal
25/12/1954/ (CEM-BH)	Dr. João Borges	Jornal O Idealista	Publicação do artigo “Um Colégio em Patos de Minas” no Jornal O Idealista.
24/05/1956/ (UNIPAM)	Edição do Jornal	Jornal dos Municípios	Edição Especial Comemorativa do Jornal, na qual traz como artigo “Ginásio Nossa Senhora de Fátima: dos Irmãos Maristas em Patos de Minas”.
07/04/1957/ (UNIPAM)	Délio B. da Fonsêca	Jornal dos Municípios	Publicação do artigo “Colégio Marista” no Jornal dos municípios.
24/05/1958 (Relatório de 50 anos do colégio)	Edição do Jornal	Diário de Minas	Publicação do artigo: Majestosa obra dos Irmãos Maristas no panorama educacional de Patos de Minas”
04/01/1959 (Relatório de 50 anos do colégio)	Edição do Jornal	Jornal dos Municípios	Publicação do artigo “Os maristas em Patos de Minas – chegarão amanhã os primeiros educadores”.
08/03/1959/ (UNIPAM)	Edição do Jornal	Jornal dos Municípios	Publicação do artigo “Início das aulas no colégio Marista – Grande e indescritível alegria do povo católico de Patos”.

Fonte: CEM-BH; Centro de Memória do UNIPAM; Relatório comemorativo – 50 anos, [s.d.].

Além das cartas históricas e dos materiais da mídia impressa disponibilizados pelo CEM-BH, foram incorporados ao conjunto documental da pesquisa registros provenientes do Arquivo Histórico do Colégio Marista de Patos de Minas. Esses documentos permitem o acompanhamento de três eixos centrais:

- (1) a história da Congregação Marista, desde sua fundação até a chegada ao Brasil;
- (2) o processo de articulação iniciado em 1951, para a vinda do colégio marista a Patos de Minas, incluindo o planejamento, a construção e edificação do colégio e a inauguração oficial em 1959;
- (3) a execução da proposta educativa marista em entre 1959 — ano de início das atividades letivas — e 1975, quando a instituição passou a se chamar oficialmente Colégio Marista. Ressalta-se que, a partir de 1976, o colégio foi transferido à administração da Mitra Diocesana, encerrando-se assim a gestão direta dos Irmãos Maristas.

O recorte temporal de 1957 a 1975 justifica-se por englobar, de forma coesa, a fase posterior à articulação, concepção e ao comunicado oficial da Congregação Marista sobre a vinda dos Irmãos para Patos de Minas. Esse anúncio marcou a decisão de concretizar a construção do colégio, consolidando a presença da escola confessional na cidade. Trata-se do período em que o Colégio passa a se tornar uma realidade concreta, com a construção de sua sede própria iniciada em 1957, a chegada dos Irmãos Maristas para assumir integralmente sua administração e orientação pedagógica, até a Congregação transferi-lo à Mitra Diocesana em 1975. Dessa forma, o intervalo analisado contempla a totalidade do ciclo marista fundacional alinhado ao projeto educativo, possibilitando compreender esse percurso em sua forma original.

Os documentos do Colégio Marista utilizados nesta pesquisa foram todos digitalizados em 2008¹⁴ e integram o Arquivo de Registros Históricos da própria instituição em Patos de Minas. Um dos desafios encontrados na análise desses materiais refere-se à existência de uma lacuna documental entre julho de 1962 e janeiro de 1966, conforme consta nos registros arquivados pelo Irmão Paulo Egídio de Azevedo na sua segunda gestão como Diretor Geral do colégio, deixando anotado que “não há notificações de anais da Casa nesse período”. Por outro lado, também é importante relatar que há pouco material de 1966 a 1975. Fatores que resultaram na ausência de dados formais no acervo referente a esses anos, havendo necessidade de uma constante busca: no CEM-BH, na Província Marista Brasil Centro-Norte (PMBCN) e em pesquisas de estudos acadêmicos, livros publicados por irmãos maristas, no site EFECADPATOS, Edições de Cadernos Maristas, entre outras fontes.

Entre os documentos analisados do Colégio Marista, destaca-se uma Monção de Aplauso (n. 002/2019), de autoria do vereador Francisco Carlos Frechiani. Nessa ocasião, o parlamentar solicitou que fosse registrado, em ata dos trabalhos legislativos, um voto de aplauso ao Colégio Marista pelo relevante serviço educacional prestado ao longo de seus 50 anos de atuação no município de Patos de Minas. Digitalizada a Monção¹⁵ contribui com apontamentos relevantes para a dissertação e um arquivo fotográfico de valor histórico.

¹⁴ No presente estudo, utilizam-se documentos históricos digitalizados reunidos em pasta intitulada “*Colégio Marista – Patos de Minas (1958-2008)*”, pertencente ao arquivo digital institucional do Colégio Marista de Patos de Minas, não se tratando de publicação formal. Assim, quando o conteúdo citado for proveniente desse conjunto documental, a referência será indicada na forma (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008, p. x), correspondente ao item “Relatório dos 50 anos do Colégio Marista: documentação histórica (1958-2008)” da lista de Referências.

¹⁵ A Monção de Aplauso é uma proposição formal apresentada por membros do Poder Legislativo com o objetivo de homenagear instituições ou personalidades que tenham prestado relevantes serviços à sociedade. Trata-se de um reconhecimento simbólico, geralmente aprovado em plenário, e registrado nos anais da casa legislativa.

Complementarmente, a esses registros históricos, foram examinados textos publicados no site Efecadepatos.com.br¹⁶, escritos por Eitel Dannemann. Essas publicações tiveram início em 2013 e trazem textos dedicados à história de Patos de Minas, atuando como fonte de consulta e memória para estudantes, pesquisadores e cidadãos interessados em conhecer o passado do município. De modo geral, o *site* se dedica à preservação da memória regional, reunindo textos que abordam personagens, instituições e acontecimentos marcantes da história local. Portanto, o site fornece subsídios para identificar a atuação de lideranças civis e religiosas na organização do espaço urbano e institucional de Patos de Minas durante o século XX. Essas publicações foram fundamentais para contextualizar os registros epistolares, permitindo relacionar os dados documentais com aspectos sociais, econômicos e religiosos da época.

Os textos de Dannemann (Quadro 7) oferecem um panorama sobre os principais nomes e contextos relacionados à fundação do Colégio, direta ou indiretamente, ampliando a compreensão do papel desempenhado por figuras como Monsenhor Fleury, Alaor Porfírio de Azevedo, Dom José André Coimbra, Dr. João Borges, Irmão Roberto Borges, entre tantas outras personalidades inseridas neste contexto histórico, bem como lugares, documentos, que foram determinantes para complementar muitas lacunas que foram surgindo no decorrer da escrita da dissertação. Portanto, o acervo do *site*, muito bem elaborado, traz diversas histórias sobre Patos de Minas no campo social, político, religioso, que foram úteis para enriquecer a pesquisa de modo geral. Além do autor contribuir com recordações do ano que estudou no Colégio Marista de Patos, que muito contribuíram para o aprofundamento e a consistência do estudo, pois muitas informações foram perdidas ao longo dos anos.

¹⁶ O *site* EFECADPATOS nasceu do empenho em preservar e compartilhar a história de Patos de Minas, fruto de um legado iniciado por Fernando Kitzinger Dannemann. Jornalista por vocação, Fernando teve duas passagens significativas pela imprensa local: entre 1956 e 1957, no jornal *Tribuna de Patos*, e mais tarde, já aposentado, de 1996 a 1998, no jornal *O Tablóide*. Em ambas as experiências, demonstrou profundo interesse em divulgar fatos históricos do município aos leitores. Após um problema de saúde, Fernando se afastou temporariamente das atividades jornalísticas. Recuperado, encontrou na escrita um novo propósito. Em 2000, começou a publicar contos de humor no site Recanto das Letras, e logo expandiu seu escopo de interesse para temas variados — como história do Brasil, crenças populares, lendas, superstições e invenções. Diante da crescente produção, criou seu próprio espaço digital, batizado de EFECADÉ — um acrônimo de seu nome: *EFE* (Fernando), *CA* (Kitzinger) e *DE* (Dannemann). Com o tempo, o foco voltou-se para a história de Patos de Minas. Em 2010, Fernando passou a responsabilidade pelas pesquisas ao seu filho, Eitel T. Dannemann. Quando, em 2012, problemas de saúde impediram Fernando de continuar com o EFECADÉ, Eitel decidiu manter viva a missão de registrar a memória patense. Para isso, criou um novo *site*, unindo o nome original à identidade da cidade: assim nasceu o EFECADPATOS. A nova plataforma entrou no ar em 31 de janeiro de 2013, com a proposta de dar continuidade ao trabalho iniciado por Fernando. Com o nome simbólico e “energético”, como define seu criador, o EFECADPATOS segue ativo, com o propósito claro de contribuir para a preservação e difusão da história regional (Dannemann, 2018c).

Quadro 7 – Obras consultadas no portal Efecadepatos – Eitel T. Dannemman

Ano de Publicação	Título	Tema tratado na dissertação
2013 ^a	Manoel Fleury Curado (Monsenhor Fleury)	Destaca Monsenhor Manoel Fleury Curado, sua atuação religiosa, social e educativa.
2013b	Histórico da Catedral de Santo Antônio	Justificativa da grandeza da religiosidade de Patos de Minas, foco em sua Catedral
2013c	Largo da Matriz na década de 50	Justificativa da da religiosidade de Patos de Minas, Igreja Matriz – década de 1950
2013d	Getúlio Alves de Mello (Cônego Getúlio)	Biografia do Cônego Getúlio, liderança religiosa de relevância em Patos de Minas
2013e	Origem do UNIPAM.	Participação da direção do Colégio Marista na vinda da Faculdade de Filosofia para Patos
2014a	Colégio Marista – Histórico da origem	Origem do Colégio Marista de Patos de Minas
2014b	João Borges	Maior referência de cidadão de Patos de Minas na articulação da vinda do Marista.
2014c	Sebastião Alves do Nascimento	Para referência sobre Prefeito “Binga”.
2014d	Falecimentos de Zama Maciel e D. José André Coimbra	Complemento da informação dos anais do Colégio Marista sobre a morte de ambos.
2015	Histórico da imprensa até 1970	História da comunicação em Patos de Minas
2017a	Antiga residência do Cônego Getúlio em 1983	Registro histórico do espaço residencial ligado à liderança religiosa local
2018a	Roberto Augusto Ferreira Borges até 1980	Filho de João Borges, Irmão Marista – doador de documentos ao CEM-BH
2018b	Zama Maciel	Biografia de liderança local
2018c	Visita do Bispo Dom Eduardo Duarte da Silva em 1906	Relevância da visita episcopal para a história religiosa do município
2018d	Rua Tenente Bino: A pioneira do Asfalto	Modernização urbana e importância da primeira rua asfaltada em Patos de Minas
2019	FAFIPA no ano da inauguração.	Com a inauguração o Colégio Marista cria cursinho e deixa de ser sede da faculdade.
2020	Inaugurado o seminário da diocese	Justificativa da grandeza da religiosidade de Patos de Minas, foco na diocese
2022a	Alaor Porfírio de Azevedo e o acabamento interno da nova matriz	Participação de Alaor na construção da Matriz e obras religiosas
2022b	Genésio Garcia Roza – 10º Presidente da Recreativa	Prefeito que participou do pedido de novo ciclo no Ginásio Nossa Senhora de Fátima
2022c	Wulfrano Patrício: novo colaborador da folha diocesana – 1968	Biografia de Wulfrano Batista
2023	Espancamento do Padre Alaor	Registro de episódio de violência envolvendo liderança religiosa local

Fonte: Elaborado pela autora a partir do site Efecadepatos.

A análise dos registros locais permitiu reconstruir o processo de articulação e consolidação do Colégio Marista em Patos de Minas, evidenciando a importância das lideranças civis, religiosas e políticas na viabilização desse projeto educacional. Além de contribuir com aspectos históricos, essa análise tornou possível compreender os sentidos atribuídos à presença

marista na cidade, bem como as razões ideológicas, sociais e religiosas que sustentaram sua permanência e influência no contexto local.

1.1.3 Relatos orais

A terceira etapa do caminho metodológico consistiu na utilização dos relatos orais, para produzir uma “história oral”, proporcionando uma perspectiva direta e pessoal sobre as experiências vividas no contexto da escola. a partir das memórias daqueles que passaram pela instituição no recorte da pesquisa. As memórias dos que estiveram na instituição no período analisado foram a base dessa etapa. De acordo com Lucília de Almeida Neves Delgado,

[...] tempo e memória, portanto, constituem-se em elementos de um único processo, são pontes de ligação, elos de corrente, que integram as múltiplas extensões da própria temporalidade em movimento. A memória por sua vez, como forma de conhecimento e como experiência, é um caminho possível para que sujeitos percorram a temporalidade de suas vidas (Delgado, 2009, p.16).

A autora estabelece uma profunda interconexão entre tempo e memória, argumentando que esses dois conceitos não são entidades separadas, mas partes intrínsecas de um processo singular e contínuo. Ao metaforizá-los como “pontes de ligação” e “elos de corrente”, ela sugere que a memória é o que permite integrar as diversas dimensões da temporalidade — passado, presente e futuro — que estão em constante movimento. Em outras palavras, a memória não se limita a ser um registro passivo de eventos passados; ela se configura como uma forma ativa de conhecimento e experiência. É por meio dela que os indivíduos conseguem percorrer e atribuir sentido à sua própria temporalidade, compreendendo suas vivências e a passagem do tempo em suas vidas.

O Quadro 8 apresenta os participantes da pesquisa. Além dos ex-alunos, a diretora do Colégio Marista, Sra. Adriana Carvalho Rodrigues, indicou o Irmão Claudino Falchetto, cujo contato foi gentilmente compartilhado para a realização do estudo. A seleção dos participantes foi realizada a partir de uma busca em um grupo do Facebook “SAUDOSISMO PATENSE”. Inicialmente, foram contatados 13 ex-alunos; no entanto, apenas dois manifestaram interesse em participar. Um, por sua vez, indicou mais dois colegas da época, que também sugeriram o nome de outro colega, resultando em um total de cinco participantes.

Quadro 8 – Participantes da pesquisa (1959-1975)

Ordem	Nome	Função	Período de atuação na instituição	
1	Claudino Falchetto	Professor	1959-1960	Turma dos primeiros Maristas
Ordem	Nome	Idade de ingresso	Período de permanência	Turma de formandos
1º	Elhon Cruvinel Borges	10 anos	1959 -1962	1962
2º	Júlio Macedo França	13 anos	1959 -1962	1962
3º	José Eustáquio Rodrigues Alves	11 anos	1959 -1962	1962
4º	Eitel Teixeira Dannemann	10 anos	1968	-
5º	Humberto Corrêa dos Santos	12 anos	1969 - 1974	1974
6º	João Eustáquio da Rocha	11 anos	1972 - 1975	1975

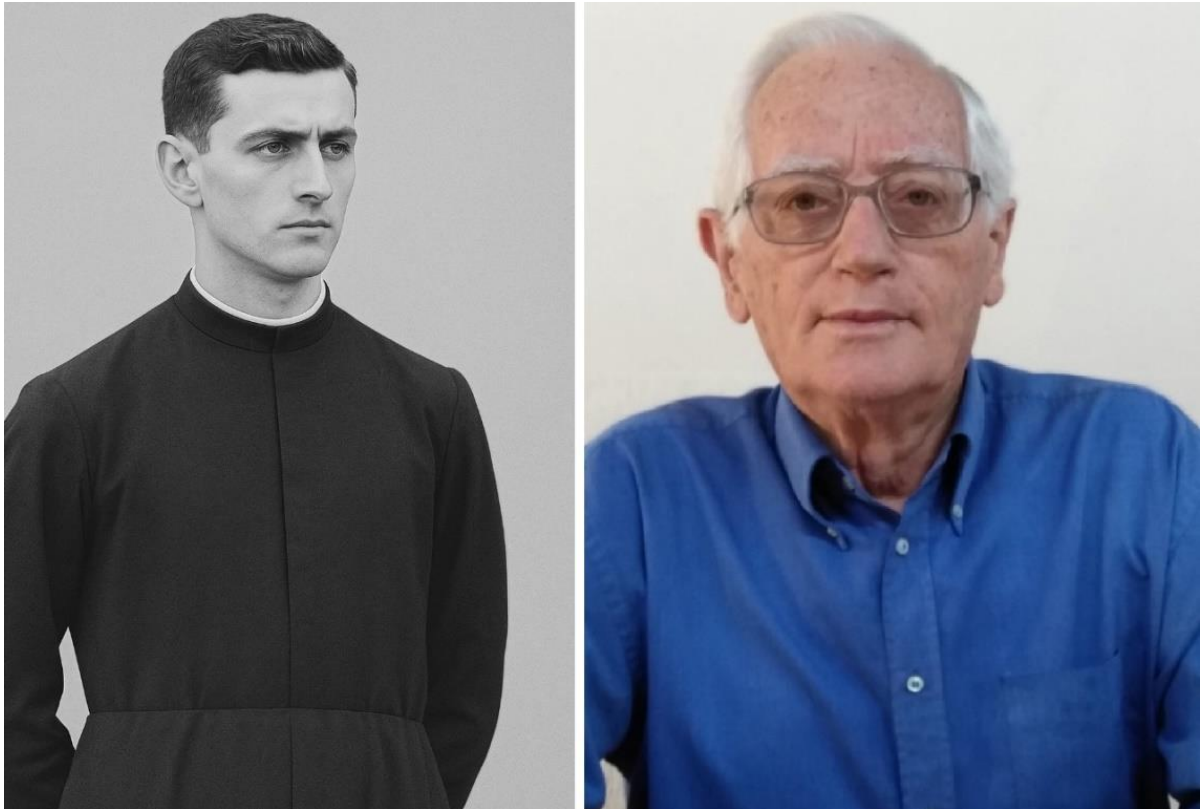
Fonte: Entrevistas com o Irmão Claudino e os ex-alunos (2025).

A seguir, apresentamos uma breve biografia dos nossos entrevistados, com o objetivo de contextualizar suas trajetórias de vida e sua relação com a instituição. O primeiro entrevistado, na primeira fase da pesquisa, foi o ex-educador, Irmão Claudino Falchetto, realizada em 16 de novembro de 2024, após ser aceito pelo Parecer Consubstanciado do CEP 7.268.452, da Universidade de Uberaba, UNIUBE, de 29 de outubro de 2024. A Figura 10 apresenta Irmão Claudino nas duas faces deste estudo: a primeira como irmão educador da época de 1959, com 21 para 22 anos e atualmente, com 88 anos.

Na biografia enviada pelo próprio Irmão Claudino Falchetto após a realização da entrevista¹⁷, destaca-se que ele nasceu em 26 de agosto de 1937, em Venda Nova do Imigrante, região serrana do Espírito Santo. Descendente de imigrantes italianos, seus avós paternos migraram para o Brasil em 1891. Seus pais, Carlos e Thereza, são lembrados por sua dedicação ao trabalho, perseverança e vivência cristã, tendo formado uma família numerosa, da qual quatro filhos seguiram a vida consagrada. O ambiente familiar, marcado pelas tradições herdadas da imigração italiana, favoreceu o surgimento de diversas vocações religiosas, como simbolizado por uma inscrição comemorativa com sete nomes. No entanto, o próprio Irmão Claudino esclarece que esse número se refere à união de duas famílias fraternas que compartilhavam a mesma casa.

¹⁷ A inclusão de elementos biográficos do Irmão Claudino foi considerada necessária para o desenvolvimento deste estudo, conforme sugestão da orientadora da dissertação. Por essa razão, solicitou-se ao educador que enviasse um resumo autobiográfico para subsidiar a construção da narrativa biográfica.

Figura 10 – Irmão Claudino Falchetto



Fonte: Arquivo pessoal de Claudino Falchetto (2024).

Sua formação educacional básica transcorreu integralmente em instituições maristas a partir dos onze anos, um ambiente que, segundo seu relato, naturalmente o conduziu à vida religiosa. Foi durante o período de formação inicial em Mendes-RJ que o Irmão Claudino internalizou a identidade e a missão do Irmão Marista, dedicando sua vida à educação da juventude. Enquanto sua atuação profissional iniciou-se como docente no recém-inaugurado Colégio Marista de Patos de Minas em 1959, marcando seu primeiro engajamento apostólico. Após um breve período de encantamento com a juventude e a missão marista, seguiu para Mendes, onde, por quatro anos, (1961-1964) dedicou-se à coordenação como provincial e contribuindo para a formação de jovens religiosos. Essa experiência consolidou sua compreensão da vocação como um dom divino, sendo Deus o verdadeiro formador.

Posteriormente, atuou em Goiânia e Uberaba, antes de assumir, aos 29 anos, a direção do Colégio Interno em Poços de Caldas, sucedendo o Irmão Gonçalves Xavier. Em 1967, foi agraciado com uma oportunidade de formação teológica em Roma, obtendo a licenciatura pela Universidade Lateranense em 1971.

O período de 1971 a 2001 representou uma fase de intenso serviço provincial, institucional e eclesial. Iniciou como vice-provincial e coordenador da formação na Província,

nomeado pelo Irmão Luiz Silveira. Participou do XVII Capítulo Geral em 1976 e, em 1977, assumiu a função de Provincial da Província do Rio de Janeiro. Sua dedicação ao serviço o levou à presidência da Conferência Nacional dos Religiosos do Brasil (CRB) por seis anos, expandindo seus horizontes para a vida religiosa na América Latina e no cenário mundial, com participação em diversas assembleias e encontros relevantes, incluindo a reunião com o Papa João Paulo II¹⁸ em Bogotá, 1986.

Após a presidência da CRB, retornou ao cargo de Provincial da Província do Rio de Janeiro e, posteriormente, foi eleito Conselheiro Geral no Capítulo Geral de 1993, função que exerceu até o 20º Capítulo Geral em 2001, proporcionando-lhe uma visão abrangente do Instituto Marista em nível internacional. Em seu retorno ao Brasil, dedicou-se a obras sociais e à formação de jovens Irmãos, culminando com um novo mandato como Provincial na recém-criada Província Marista Brasil Centro-Norte (PMBCN). Ao todo, foram 32 anos dedicados ao serviço do Instituto e da Igreja, intercalados com outras importantes atividades como a tradução de obras relevantes para a história e administração do Instituto Marista.

Na biografia Irmão Claudino enfatiza-se suas mais íntimas reflexões, a ação da graça divina, a proteção mariana e o apoio fraterno como pilares de sua trajetória vocacional. Sua jornada, marcada por diversas experiências e responsabilidades, demonstra uma profunda entrega à missão marista e à educação. No que concerne à contribuição do Instituto Marista para a educação, o Irmão Claudino destaca sua fundação por São Marcelino Champagnat em 1817, com o objetivo primordial de oferecer ensino e formação integral a crianças e jovens, especialmente nas regiões rurais da França pós-Revolução. Esse propósito, nascido da constatação do abandono da juventude, perdura por mais de dois séculos.

Remanescente da primeira turma de Irmãos Maristas que chegou a Patos de Minas em janeiro de 1959, Irmão Claudino foi um interlocutor fundamental. Embora a entrevista tenha seguido um roteiro previamente elaborado pela pesquisadora (Apêndice A), sua livre expressão permitiu a emergência de memórias pessoais que enriqueceram o estudo. Ao final da conversa, Irmão Claudino gentilmente forneceu seu contato pessoal, possibilitando o esclarecimento de dúvidas e o preenchimento de lacunas no Relatório dos 50 anos do Colégio Marista, 2008, referentes aos anos de 1959 e 1960.

¹⁸ Canonizado em 27 de abril de 2014, pelo Papa Francisco, o Papa João Paulo II passou a ser venerado como São João Paulo II. Nascido Karol Józef Wojtyła, seu pontificado (1978–2005) foi um dos mais longos e influentes da história da Igreja Católica. Além de seu papel político decisivo no fim do comunismo na Europa Oriental, destacou-se por sua proximidade com os jovens, tendo instituído a Jornada Mundial da Juventude. Para a educação católica, seu legado permanece significativo, especialmente por sua ênfase na formação integral da pessoa humana, na valorização das vocações e na missão dos consagrados e leigos na promoção de uma cultura da vida, da fé e do conhecimento.

Adicionalmente à entrevista com o Irmão Claudino Falchetto, realizou-se uma segunda etapa de entrevistas, cujo roteiro está no Apêndice B, direcionada a ex-alunos do Colégio Marista de Patos de Minas que frequentaram a instituição no período entre a fundação do colégio até 1975. Após aceite do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da UNIUBE, pelo Parecer 7.665.005, de 23 de maio de 2025, as entrevistas foram realizadas entre os meses de junho e julho de 2025. Esses participantes refletiram sobre a educação recebida em diferentes momentos e contextos, considerando a transição das gestões institucional, no período anterior à sua vinculação à Mitra Diocesana¹⁹, quando o Colégio Marista de Patos de Minas ainda estava sob os cuidados da União Brasileira de Educação e Ensino (UBEE)²⁰.

Um dos principais desafios dessa etapa consistiu na identificação, por meio dos registros de matrícula disponibilizados pelo próprio colégio, de alunos que estudaram entre 1959 e 1975, bem como no contato efetivo com esses ex-alunos. O número final de entrevistados — seis ex-alunos — foi alcançado por meio de redes de afinidade, em que um participante indicava outro. Ressalta-se, ainda, que uma parte considerável dos contatados optou por não participar da pesquisa, o que limitou o universo de entrevistas, apesar dos esforços empreendidos.

As entrevistas foram conduzidas com base em um roteiro previamente estruturado (Apêndice B), sem, contudo, limitar as contribuições espontâneas dos participantes. As memórias juvenis emergiram de forma significativa ao longo das narrativas orais, enriquecendo os relatos com experiências pessoais e percepções singulares. Destaca-se, como diferencial das entrevistas aplicadas, os relatos de dois dos entrevistados – **Álves**²¹ (2025) e **França**²² (2025) –

¹⁹ A Mitra Diocesana é a entidade jurídica e administrativa que representa legalmente a Diocese perante o Estado, sendo responsável pela gestão dos bens e instituições da Igreja Católica em uma determinada região.

²⁰ A União Brasileira de Educação e Ensino (UBEE) é uma entidade civil de direito privado, sem fins lucrativos, criada pelos Irmãos Maristas para organizar e coordenar suas obras educacionais no Brasil. Vinculada à PMBCN, a UBEE é responsável pela gestão administrativa, pedagógica e institucional das escolas maristas mantidas por dioceses, paróquias ou outras entidades religiosas, especialmente em seus primeiros anos de funcionamento.

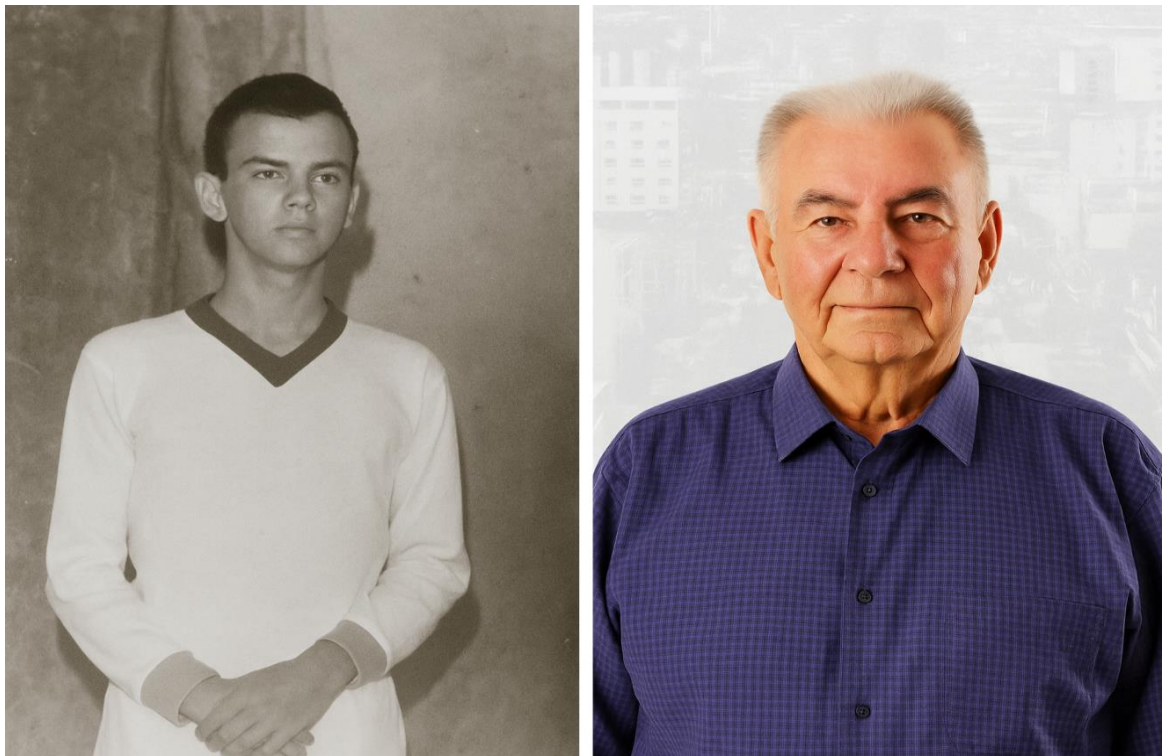
²¹ Entrevista concedida por **José Eustáquio Rodrigues Alves** à autora, em Patos de Minas – MG. O entrevistado também cedeu imagens de seu acervo pessoal para compor a análise documental. A entrevista com o Sr. José Eustáquio Rodrigues Alves não seguiu integralmente o roteiro proposto pela pesquisa, em razão de questões pessoais que limitaram o tempo disponível para a conversa. No entanto, sua participação foi marcada por grande cordialidade e disposição, especialmente ao compartilhar, com entusiasmo, um conjunto de fotografias de seu acervo pessoal. Imagens de grande valor documental e afetivo, de seu arquivo pessoal.

²² Entrevista concedida por **Júlio Maria Macedo França** à autora, em Patos de Minas – MG. O depoente compartilhou memórias significativas da época escolar e aspectos da trajetória da Educação Marista em sua família. O Sr. Júlio Maria Macedo França contribuiu com memórias fundamentais para a reconstrução não apenas da trajetória da Educação Marista em Patos de Minas, mas também de seu impacto na dinâmica familiar e social da época. Proveniente de uma numerosa família com 15 filhos, sendo que 11 estudaram no Colégio Marista e as quatro filhas frequentaram o Colégio Nossa Senhora das Graças — fundado em 1947 e conduzido pelas Irmãs Sacramentinas —, sua fala revela a forte valorização da educação confessional cristã. O ex-aluno ressalta, com orgulho, que seus pais acreditavam firmemente que a formação ética e religiosa era essencial para a constituição de uma família cristã. Essa convicção foi transmitida às gerações seguintes, uma vez que seus próprios filhos

que colaboraram com arquivos fotográficos pessoais, os quais foram cuidadosamente analisados e utilizados para ilustrar aspectos dos primeiros anos da instituição. Ambos integraram a primeira turma de concluintes do então Ginásio Nossa Senhora de Fátima, em 1962, o que confere especial relevância histórica e afetiva às imagens compartilhadas.

A Figura 11 apresenta o ex-aluno Elhon Cruvinel Borges, na fase de estudante, no ano de 1960 e na atual da entrevista, com quase 81 completos. Nasceu em 21 de outubro de 1944, na cidade de Corumbaba, no estado de Goiás. Ainda jovem, mudou-se para Patos de Minas, onde construiu uma trajetória marcada pela dedicação à educação, ao trabalho e ao serviço comunitário. Formou-se em Matemática pela UNIPAM, integrando a primeira turma do curso, e também concluiu o curso técnico de Contabilidade no Colégio Sílvio de Marco.

Figura 11 – Ex-aluno Elhon Cruvinel Borges; turma de 1959-1962



Fonte: Arquivo pessoal de Elhon Cruvinel Borges (2025).

Entre 1959 e 1962, ingressou no Colégio Marista de Patos de Minas, no curso ginásial, mediante adesão após a conclusão do curso de admissão. Estudante proveniente de família de baixa renda cursou o ensino primário no Grupo Escolar Marcolino de Barros, iniciou sua

também foram alunos do Colégio Marista. Apesar da riqueza do depoimento, lamenta-se que sua confirmação para a entrevista tenha ocorrido tardiamente, o que impossibilitou, por falta de tempo hábil, o contato com seus irmãos — o que poderia ter ampliado significativamente o número de participantes da pesquisa e a diversidade dos relatos.

trajetória no Colégio Marista aos 10 anos de idade. A razão da escolha pelo colégio foi devido a possibilidade de conciliar trabalho e estudo, exercendo funções de serviços gerais em troca da oportunidade de cursar a formação oferecida pelos maristas.

Elhon Cruvinel inicia sua vida profissional no setor bancário, carreira que manteve por 24 anos, atuando em diferentes cidades do Brasil. Após esse período, retornou com a família a Patos de Minas, estabelecendo-se como produtor rural, área na qual também alcançou reconhecimento e liderança.

No campo político, foi eleito vereador em 1988 e, em 1991, assumiu a presidência da Câmara Municipal de Patos de Minas. Mais tarde, sua atuação ganhou destaque no setor agropecuário, quando, em agosto de 2014, foi eleito presidente do Sindicato dos Produtores Rurais de Patos de Minas para o triênio 2014–2017. Em 2017, foi reeleito por unanimidade, permanecendo no cargo até 2020.

Durante sua gestão, esteve à frente de importantes iniciativas para o fortalecimento do agronegócio local, participando ativamente de eventos como a Festa Nacional do Milho (Fenamilho)²³, e estabelecendo parcerias com instituições de peso, como a Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ). Sua atuação combinou representatividade institucional e compromisso com o desenvolvimento econômico e social da região, deixando um legado de trabalho e liderança comunitária.

Hoje, aos 80 anos, as memórias de Elhon Cruvinel demonstram como a educação marista contribuiu para a construção de uma história de vida marcada por responsabilidade, engajamento cívico, liderança comunitária e dedicação.

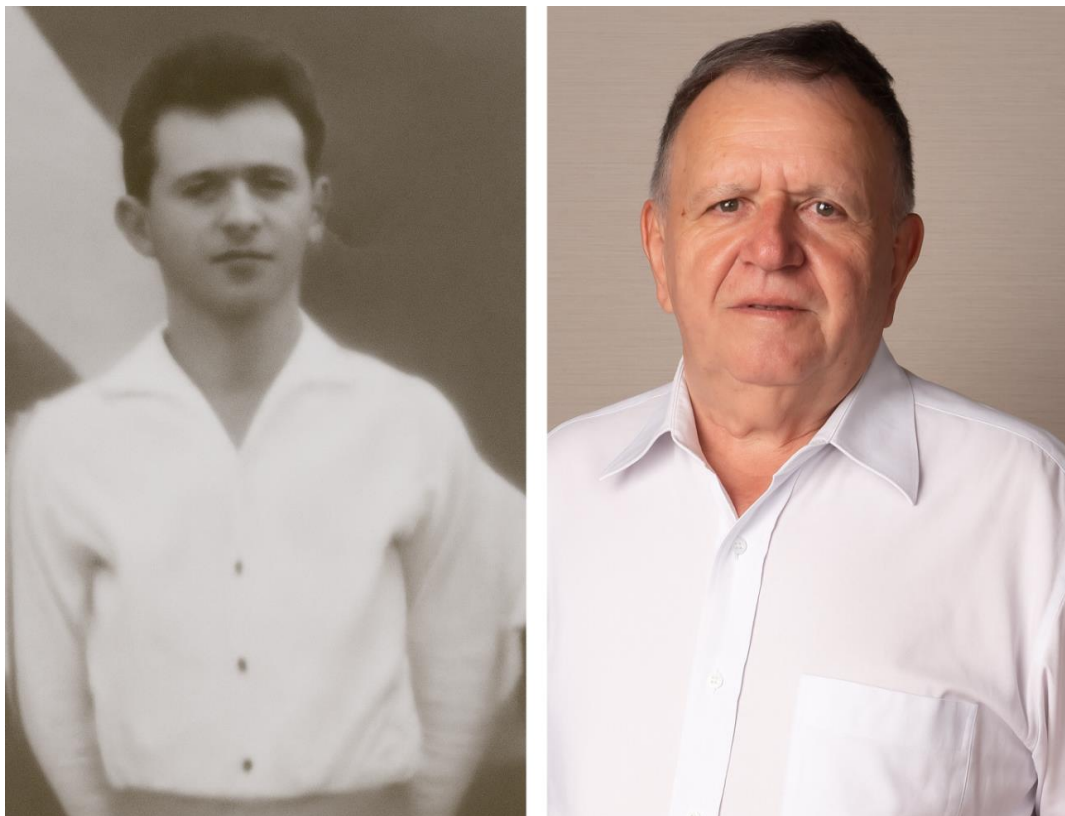
A Figura 12, apresenta Júlio Maria Macedo França quando jovem e nos dias atuais, aos 80 anos. O ex-aluno marista nasceu em 13 de abril de 1945, na cidade de Tiros, Minas Gerais. Formado em Administração de Empresas pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), em 1972. Estudou no colégio Marista de 1959 a 1962, portanto, pertencendo à primeira turma que terminou o curso ginasial no colégio Marista. Ingressou no colégio aos treze anos, pertence a uma família de classe média, formada por 15 irmãos, sendo 11 homens e 4 mulheres.

Vem de uma família religiosa, por isso a escolha dos pais de o matricular no colégio marista, além do reconhecimento da formação cristã oferecida pela irmandade marista. Assim,

²³ A Festa Nacional do Milho (Fenamilho) é o principal evento cultural e agropecuário de Patos de Minas (MG). Criada em 1959, por iniciativa do então prefeito Sebastião Binga, a celebração visava valorizar o milho — principal produto agrícola da região — e promover o intercâmbio comercial e cultural entre produtores, comerciantes e visitantes. Desde então, tornou-se uma tradição anual. Ao longo dos anos, a Fenamilho expandiu-se em importância e dimensão, consolidando-se como marco do calendário festivo mineiro. Com exposições agropecuárias, valorização da cultura rural, grandes shows, concursos, desfiles e comidas típicas, a festa fortalece a economia local e projeta Patos de Minas como a “Capital Nacional do Milho”.

seus pais como bons religiosos que eram, procuravam matricular os filhos em escolas que comungavam o ensino cristão, seus irmãos estudaram no colégio e suas irmãs no colégio das freiras Sacramentinas.

Figura 12 – Ex-aluno Júlio Maria Macedo França (1959-1962)



Fonte: Arquivo pessoal de Júlio Maria Macedo França (2025).

Membro ativo na política foi vice-prefeito 1983 a 1988 e prefeito de 1989 a 1992 da cidade de Arapuá, onde tem propriedade rural. Foi secretário da prefeitura de Patos de Minas de 1993 a 1996. Foi presidente da Associação dos Municípios da Micro Região do alto Paranaíba (AMAPÁR) em 1990, que tem como finalidade articular politicamente os municípios associados junto aos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, em âmbito estadual e federal, buscando apoiar a causa municipalista e fortalecer a região.

Foi presidente do Esporte Clube Mamoré, por quatro vezes. O clube de futebol foi fundado em 13 de junho de 1949, dia de Santo Antônio, padroeiro de Patos de Minas. Foi um clube amador até 1989, ano em que passou à condição profissional. Durante suas gestões, o Mamoré foi campeão estadual na categoria profissional da taça Minas Gerais — Super Copa de Minas Gerais — em 1993 e campeão da copa Triângulo/Auto Paranaíba, em 2016, na categoria sub vinte.

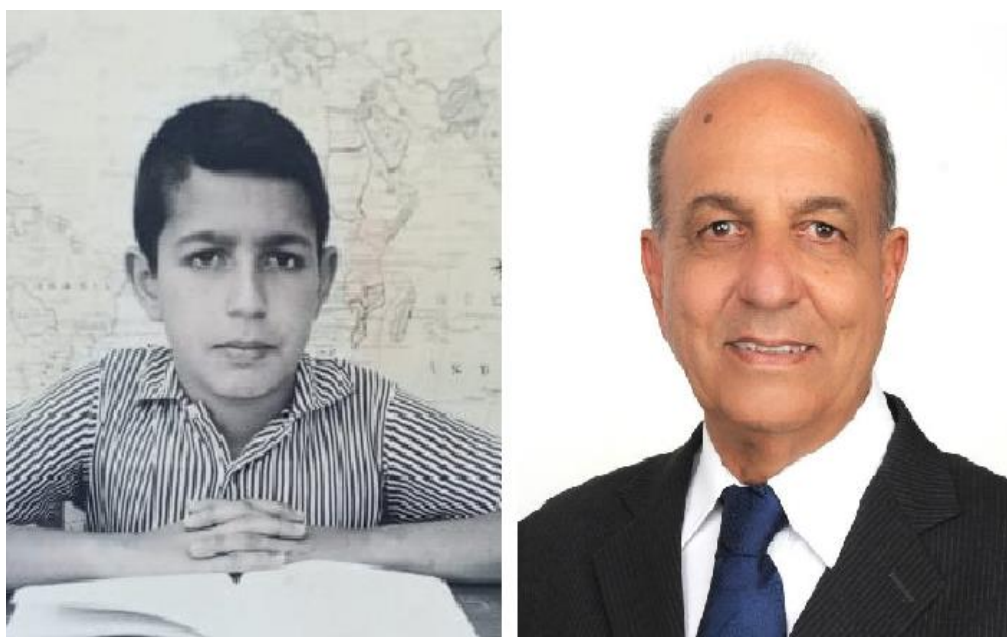
Orgulha-se de ter estudado no Colégio Marista, onde segundo ele “teve uma formação muito feliz” e também, destaca que seu filho, hoje advogado formado, também estudou no mesmo colégio. Demonstra inclusive “um amor pelo colégio”.

Hoje, aos 80 anos de idade, Júlio Maria Macedo França, mostra-se um homem que teve sua vida pautada na fé cristã e nos princípios da moralidade. Suas memórias evidenciam como a educação marista foi determinante em sua vida. Sua trajetória de vida foi marcada por responsabilidade, engajamento cívico, liderança comunitária e amor pelo futebol.

O próximo ex-aluno entrevistado, foi José Eustáquio Rodrigues Alves, que na Figura 13, é apresentado na sua fase de estudante marista e na de atual entrevistado do estudo. Ele nasceu na cidade de Serra do Salitre, Minas Gerais, 4 de junho de 1947, filho de Jordelino Rodrigues Alves e Lair de Donato Alves. Graduiu-se em Economia pela Universidade do Distrito Federal (UDF) em 1974 e Pós Graduação em Administração na Universidade Federal de Lavras em 2002.

Na educação lecionou na Faculdade de Administração as disciplinas Economia Brasileira e Economia Rural e foi Coordenador do Estágio Supervisionado. Na Faculdade de Direito lecionou a disciplina Economia. Nesta, como as aulas da primeira turma de Direito começaram em uma quinta-feira e os primeiros horários da grade eram o de Economia, foi o primeiro Professor a ministrar uma aula na Faculdade de Direito em 1997, tanto para a turma da manhã quanto para a turma da noite.

Figura 13 – Ex-aluno José Eustáquio Rodrigues Alves (1959-1962)



Fonte: Arquivo pessoal de José Eustáquio Rodrigues Alves (2025).

Iniciou sua trajetória política ocupando o cargo de Secretário Municipal de Administração no Governo Jarbas Cambraia de 1993 a 1996. Foi diretor Executivo da Fundação Educacional de Patos de Minas de outubro de 1991 a outubro de 2000. Em outubro de 2016, elegeu-se prefeito de Patos de Minas em uma coligação ampla, com 56,01% dos votos válidos. Tomou posse em 1º de janeiro de 2017 e permaneceu no cargo até 31 de dezembro de 2020. Durante sua administração, enfrentou desafios financeiros — como déficit orçamentário e atrasos nos repasses —, contudo conseguiu restabelecer o equilíbrio fiscal e garantir o pagamento dos servidores, encerrando seu mandato com dignidade e estabilidade econômica. Mais recentemente, em 2022, foi Candidato a Deputado Federal pelo partido da União Brasil, ficando na quarta suplência.

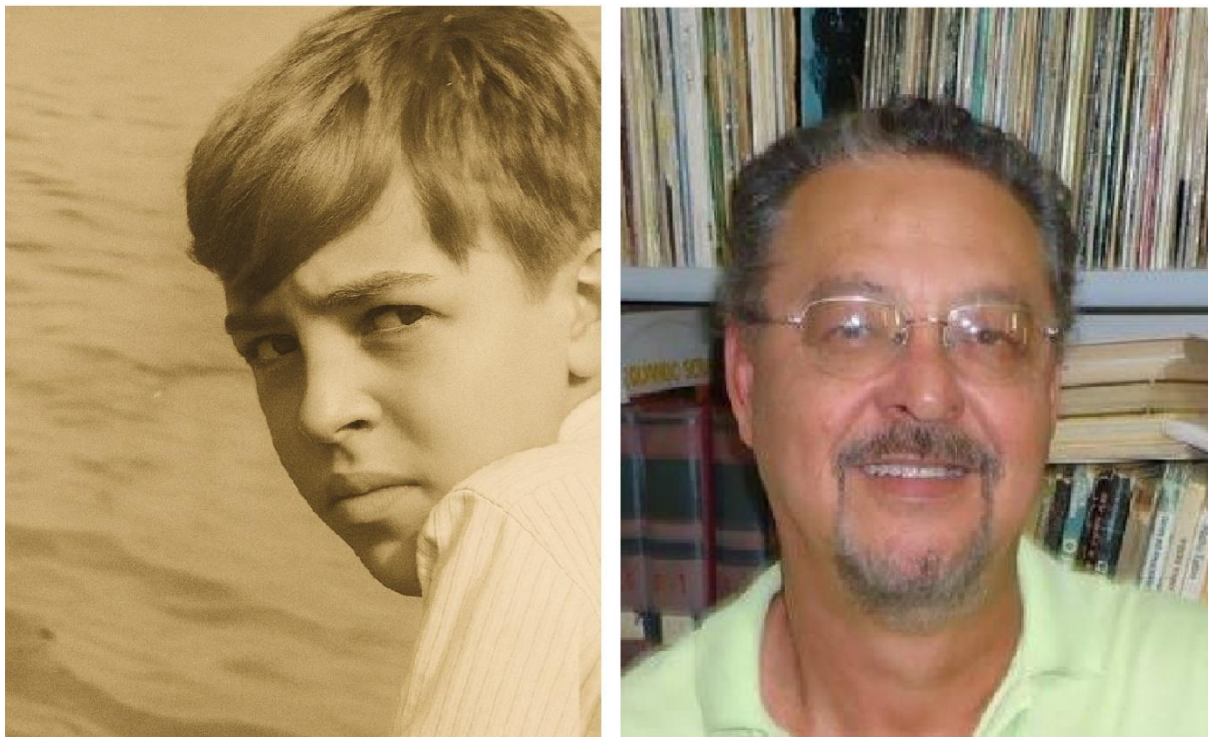
Entrou no Colégio Marista aos 11 anos de idade, integrante da turma de 1959 a 1962. Fala com orgulho de ter pertencido à instituição e destaca que sua passagem pelo colégio embora breve pelos anos vividos, compreendeu uma das melhores etapas vivenciadas por ele, recorda-se dos irmãos, dos eventos que participava, dos amigos que se cultivou até seus dias atuais.

Hoje com 78 anos, Alves (2025) relata suas memórias com grande satisfação, pois o Colégio Marista para ele foi uma oportunidade de conhecimento e de grande valor para a preservação de valores éticos e morais, que lhe conferiram ao longo dos anos muitas conquistas na vida pública e profissional. Visto que, ocupou cargos importantes como de secretário municipal, de diretor do executivo, de prefeito e de candidato a Deputado Federal. Uma história de vida marcada por grande entrega, persistência, mas de princípios que foram moldados com base na educação marista.

O ex-aluno Eitel Teixeira Dannemann (Figura 14) participante desta pesquisa, apresentado na Figura 14, na idade de 10 anos em 1968, e atualmente, com seus 68 anos, nasceu em 29 de maio de 1957, em Patos de Minas (MG), onde iniciou sua formação escolar no Grupo Escolar Marcolino de Barros e no Colégio Marista. Filho de Fernando Kitzinger Dannemann e Alda de Oliveira Teixeira Dannemann, passou a infância com os avós maternos.

Após terminar o primário (4.º ano) no Grupo Marcolino de Barros em 1967. Fez admissão lá mesmo e cursou somente o 1.º ano ginásial no Marista em 1968. Nesta época tinha dez anos de idade e em 29 de maio, daquele ano, completou 11 anos.

Figura 14 – Ex-aluno Eitel Dannemann (1968)



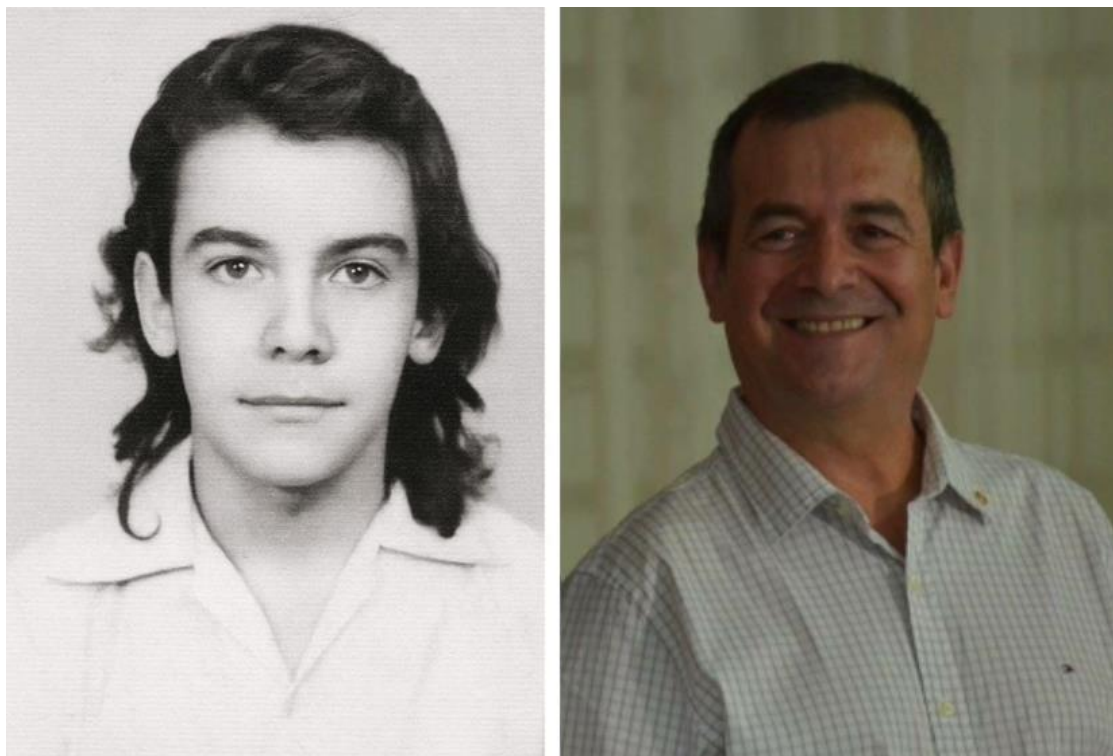
Fonte: Arquivo pessoal de Eitel Dannemann (2025).

Dannemann durante a juventude viveu em diversas cidades do Brasil, concluindo sua graduação em Medicina Veterinária pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 1982. Exerceu a profissão por mais de duas décadas em Vila Velha (ES), retornando a Patos de Minas em 2005. Desde então, atua como escritor e pesquisador independente, dedicando-se à preservação da memória local. Seu trabalho voluntário, especialmente por meio de um portal digital com crônicas, documentos e imagens, tem contribuído significativamente para a valorização da história e da identidade cultural de Patos de Minas.

Hoje com 68 anos, o escritor do *site* EFECADPATOS, tem contribuído significativamente para a preservação da história local e, com seus registros históricos. Inclusive auxiliou de forma relevante o presente estudo. Essa ação revela uma personalidade forte de uma pessoa que tem sede de conhecimento, mas que não guarda para si, ao contrário, tem a necessidade de compartilhar com o próximo.

Na Figura 15 está o ex-aluno, Humberto Corrêa dos Santos, na época de aluno marista e hoje aos 67 anos. Ele nasceu no distrito de Chumbo em 1º de janeiro de 1958, onde passou boa parte de sua vida com seus irmãos, irmãs e demais familiares. É casado com Marli Alves da Mota Santos, com quem tem dois filhos, Ariella Alves dos Santos Fonseca e Humberto Corrêa dos Santos Júnior.

Figura 15 – Ex-aluno Humberto Corrêa dos Santos (1969-1974)



Fonte: Arquivo pessoal de Humberto Corrêa dos Santos (2025).

Ingressou no Colégio Marista aos doze anos, na quinta série, por meio de processo seletivo. Preciso realizar o Curso de Admissão, com duração de trinta dias, seguido da avaliação final do processo seletivo. Estudou no colégio entre os anos de 1969 e 1974, quando concluiu o curso ginasial. Sobre a escolha da instituição, destaca que: “A escolha não foi minha. Acredito que meus pais tiveram o Colégio como referência de uma boa escola particular. O processo seletivo para ingresso na escola pública era mais difícil” (Santos, 2025).

Mestrado em História da Educação pela Universidade de Uberaba, especialização em Alfabetização, Filosofia, Gestão Escolar, Gestão de Pessoas e Psicologia Organizacional, Mídias Digitais na Educação e Educação Especial e Inclusiva e Neuropsicopedagogia Institucional e Clínica, graduação em História e Geografia pelo Centro Universitário de Patos de Minas e magistério de 1ª a 4ª séries via ensino supletivo pela Secretaria da Educação e Cultura do Estado de Minas Gerais.

Atuou como professor da educação básica, diretor escolar, tutor de formação das Políticas Públicas do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, assessor técnico da Secretaria Municipal de Educação de Patos de Minas e coordenador/diretor do Polo da Universidade Aberta do Brasil em Patos de Minas. Presidente do Conselho do Fundo de Manutenção do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério, presidente do Fundo de

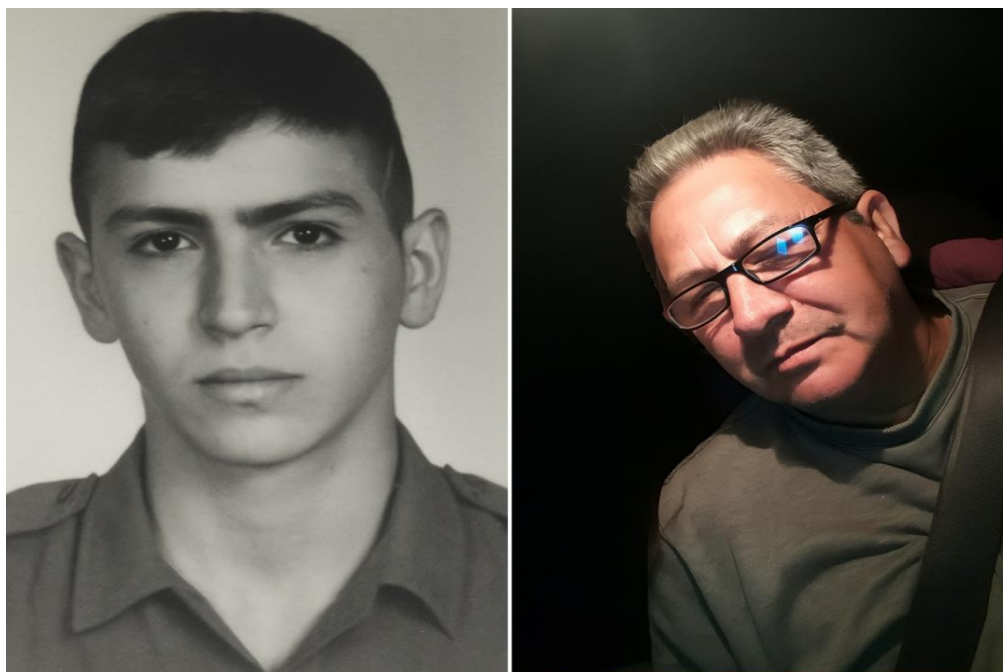
Manutenção da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação e membro efetivo de diferentes Conselhos Municipais. Atualmente, professor aposentado no Município de Patos de Minas e Estado de Minas Gerais.

Possui livros publicados: *Educação Rural no Brasil: expansão e nucleação*²⁴ – Patos de Minas – MG (2014), *Tecnologias Digitais no Ambiente Escolar* (2014), *Pérolas da Cultura Popular Brasileira e seus Significados* (2021), capítulos de livros e mais de trinta artigos em revistas nacionais.

Hoje com 67 anos, ele demonstra que essa prática pedagógica lhe foi fundamental para ser o exímio escritor patense. Ter sua obra homenageada na Alemanha, trouxe orgulho a Patos de Minas e a toda Minas Gerais e o Brasil. Um feito que para muitos pode parecer algo de se vangloriar, certamente que para este historiador, foi um reconhecimento de seu trabalho. Um mérito que ele valorosamente deverá guardar com muito carinho e, com certeza é de grande satisfação para sua família.

Por fim, o ex-aluno João Eustáquio da Rocha, apresentado na Figura 16, quando jovem e hoje quando entrevistado. Nasceu em 1º de fevereiro de 1959, no distrito de Galena, município de Presidente Olégário, M.G., filho de Moisés Alves da Rocha e Maria Gontijo Rocha.

Figura 16 - Ex-aluno João Eustáquio da Rocha



Fonte: Arquivo pessoal João Eustáquio da Rocha (2025).

²⁴ Cf. SANTOS, Humberto Correia dos. *Educação rural no Brasil: expansão e nucleação* – Patos de Minas – MG. 2014. O livro foi destaque na Alemanha, conforme noticiado pelo portal Efecadepatos. Ver: *Humberto Corrêa dos Santos é destaque na Alemanha*. Disponível em: <https://efecadepatos.com.br/?p=10499>. Acesso em: 30 nov. 2025.

Iniciou sua educação formal em Galena, cursando da primeira à quarta série. Posteriormente, mudou-se para Patos de Minas, dando continuidade aos estudos no Colégio Marista, ingressando aos 11 anos no curso ginásial (quinta à oitava série), no período de 1972-1975. Segundo Rocha (2024) ele vem de uma família de classe média e teve a feliz oportunidade de estudar em uma instituição considerada, à época, a melhor do município, fator determinante para a escolha de seus pais.

Concluiu o ensino secundário no Colégio Silvio de Marco (Popular Penha), no curso Técnico de Contabilidade. Ingressou no mercado de trabalho aos 17 anos, na Eletrolar – loja de eletrodomésticos –, conciliando estudo e emprego, além de cumprir o serviço militar no Tiro de Guerra (forma de prestação do serviço militar obrigatório no Brasil destinada a cidadãos do sexo masculino, geralmente entre 18 e 20 anos, que residem em municípios sem destacamento militar completo). Trabalhou ainda por dois anos na Construtora Santana, na cidade de Frutal, antes de retornar a Patos de Minas para atuar no Banco Bradesco, onde permaneceu por 15 anos. Atualmente, integra o quadro funcional de uma escola estadual do município, no departamento financeiro.

Hoje, aos 66 anos, ele serve sua cidade como funcionário público estadual, evidenciando que os ensinamentos e valores adquiridos durante sua trajetória escolar continuam presentes em sua vida cotidiana. Sua participação na pesquisa reforça a importância de ouvir diferentes perspectivas de ex-alunos, valorizando tanto experiências extensas quanto aquelas expressas de maneira mais sucinta, como a sua, que demonstram de forma clara o impacto duradouro da educação recebida.

O objetivo dessas entrevistas foi compreender a percepção desses sujeitos em relação à proposta pedagógica adotada pela instituição, à formação religiosa recebida e à influência da educação marista em suas trajetórias pessoais e profissionais.

2 MARCELINO CHAMPGNAT E OS PILARES DA EDUCAÇÃO MARISTA

Esta seção aborda a vida e a obra de São Marcelino Champagnat, fundador da Ordem²⁵ Marista, destacando os princípios que nortearam sua missão educativa. São explorados os fundamentos da educação marista, que visam promover uma formação integral e humanista, alinhada com os valores cristãos. Adicionalmente, abordamos a chegada dos Maristas ao Brasil, evidenciando os desafios e conquistas decorrentes da implementação de sua proposta pedagógica no contexto brasileiro.

2.1 MARCELINO CHAMPAGNAT: BREVE BIOGRAFIA

Em 1789, a França e toda a Europa enfrentavam um cenário de intensas transformações econômicas, políticas e sociais. Era uma época de crises profundas, principalmente marcadas pela enorme desigualdade entre as classes sociais. De um lado, a miséria, a fome e o abandono predominavam; do outro, a ostentação e o luxo da elite. As camadas mais pobres da população sofriam com a falta de assistência, enquanto as escolas fechavam suas portas e a juventude crescia em um ambiente com poucas perspectivas. A crise também se refletia na Igreja, com uma visível escassez de valores religiosos, conforme projeto educativo elaborado pela União Marista do Brasil (UMBRASIL, 2010).

Em meio a esse cenário, no dia 20 de maio de 1789, nasceu Marcelino José Bento²⁶ Champagnat, em Marlhes, na França. E, no dia seguinte foi batizado em uma paróquia localizada nas montanhas de Pilat, no cantão de *Saint-Genest-Malifaux*, no departamento de Loire, sudoeste da França. Na época, essa paróquia fazia parte da Diocese de Puy, no Velay, mas em 1801, após a concordata, foi transferida para a Diocese de Lyon (Irmão *Jean-Baptiste Furet*, 1999; UMBRASIL, 2010; Irmão Sylvestre, 2014).

Marcelino nasceu em um ambiente modesto, como se pode observar na Figura 17, em uma região pobre, com uma população profundamente religiosa, mas de pouca instrução. A providência que o destinava a fundar um instituto voltado à educação cristã das crianças camponesas o fez crescer em meio a essa realidade, permitindo-lhe compreender, desde cedo,

²⁵ Embora o termo “Ordem Marista” seja usado informalmente, o nome oficial é **Instituto dos Irmãos Maristas das Escolas (FMS)**. No contexto da Igreja Católica, os Irmãos Maristas constituem uma **congregação religiosa de direito pontifício**, fundada por São Marcelino Champagnat em 1817, dedicada à educação cristã da juventude.

²⁶ Percebeu-se nas literaturas estudadas uma variação entre Bento e Benito, que pode ser atribuída a diferenças linguísticas e culturais. Bento é a forma do nome em português, enquanto *Benito* é a versão em espanhol ou italiano. Como Marcelino Champagnat viveu na França, seu nome completo em francês é Marcellin Joseph Benoît Champagnat, sendo *Benoît* a versão francesa de Bento/Benito.

as necessidades que um dia ajudaria a suprir, assim como os costumes e o caráter daqueles a quem se dedicaria a formar bons mestres (Furet, 1999).

Figura 17 – Casa onde nasceu Marcelino Champagnat



Fonte: Furet (1999, p. 33).

De acordo com UMBRASIL (2010), seus pais eram *Jean-Baptiste*²⁷ Champagnat e *Marie*²⁸ Chirat, que tiveram dez filhos²⁹, sendo Marcelino o mais novo. O pai³⁰ era conhecido por sua sabedoria e boa instrução, algo notável para a época e região em que vivia, era respeitado por sua prudência e capacidade de conciliação, sendo frequentemente procurado pelos moradores da paróquia para mediar desavenças. Suas decisões eram amplamente aceitas devido à sua honestidade e retidão, qualidades que lhe garantiam a estima de todos ao seu redor.

²⁷ Na Língua Portuguesa: João Batista

²⁸ Na Língua Portuguesa: Maria

²⁹ No entanto, há divergências de autores, pois Furet relata que são 6 filhos, e que Marcelino era o mais novo. Já a obra citada do Marista, destaca que foram 10 e que ele era o nono filho. Seguimos o documento do Marista, por haver mais estudos destacando como 10 filhos, do que este com seis.

³⁰ Foi o pai que iniciou Marcelino desde sua infância aos trabalhos da granja. Sentia prazer nessas diversas tarefas rurais e desenvolveu numerosas aptidões nos setores da cultura dos campos, de criação de animais e de se entreter de construções e instrumentos nos rudimentares da granja. Além disso, ainda pequeno o pai lhe deu até parrelha de carneiros a fim de lhe permitir criá-los, de cuidá-los e de tornar-se responsável desse pequeno negócio. Portanto, não foi surpresa quando na fundação do Instituto, no começo, que mesmo sendo composto de jovens sem experiência e sem aptidão manual, São Marcelino tenha tido condições de levar adiante o instituto, pois mesmo com conhecimento de uma prática rudimentar, o que aprendeu muito lhe foi importante. Cf. LANDRY, Irmão Fabien. **São Marcelino Champagnat: escritos e biografias**. São Paulo: Edições Paulinas, 2016, p. 151.

A mãe por sua vez era uma mulher de caráter firme, que administrava o lar com economia e organização exemplares, mantendo-se dedicada à educação dos filhos e aos cuidados da casa. Extremamente piedosa, ela unia virtudes de uma esposa fiel e mãe atenta. Era uma figura de apoio na comunidade, sendo frequentemente procurada pelas vizinhas em momentos de aflição ou necessidade. Sempre sábia e prudente, ela oferecia conselhos, consolo e ajuda, sem se envolver em questões alheias ou na vida dos outros (Furet, 1999).

Marcelino Champagnat, desde muito cedo, foi influenciado pela forte devoção de sua mãe, à Santíssima Virgem Maria. Acredita-se que o fato de ter tido um filho tão dedicado a Maria foi uma recompensa por sua fidelidade em honrá-la. Assim como fez com seus outros filhos, Maria cuidou pessoalmente de Marcelino, amamentando-o e educando-o nos primeiros anos de vida, mantendo um cuidado especial em ensinar-lhe as orações e incentivá-lo a repetir frequentemente os nomes de Jesus e Maria desde que começou a falar (Furet, 1999).

Além de criar os filhos com valores religiosos, Maria também se preocupava em moldar o caráter e as virtudes sociais das crianças, ensinando-lhes boas maneiras, essenciais para a paz no ambiente familiar e para a vida em sociedade. Era rigorosa quanto à educação dos filhos, exigindo moderação no falar e evitando que eles tivessem contato com influências que pudessem desviá-los do bom caminho.

Apesar de amar todos os filhos, a mãe nutria um carinho especial por Marcelino, não apenas por ele ser o caçula, mas também por pressentir que ele tinha um destino extraordinário. Esse pressentimento foi reforçado por um evento que ela considerou sobrenatural: em várias ocasiões, ao se aproximar do berço de Marcelino, ela viu uma chama luminosa que parecia emanar do peito do menino e rodear sua cabeça antes de se espalhar pelo quarto.

Esse fenômeno a fez acreditar que o filho tinha um futuro grandioso designado por Deus. Portanto, no ambiente familiar, os valores e práticas religiosas foram determinantes na formação de seu caráter, sendo a influência de sua mãe foi primordial nesse processo, pois era uma mulher devota, que prezava pela educação moral e espiritual de seus filhos (Furet, 1999). Além da figura materna, Marcelino também contou com o apoio constante de sua tia Luzia (em francês Luice)³¹ em sua formação humana e cristã. Ao longo de sua vida frequentemente mencionava sua tia devota e os conselhos que dela recebera. Ficava claro, por suas palavras,

³¹ Por parte do pai, Marcelino tinha pelo menos uma tia (Luiza, Irmã Tereza, falecida em 1824) e uma tia-avó (Joana), falecida em Marlhês, em 1798, ambas as Irmãs de São José. Cf. FURET, Ir. Jean-Baptiste. **Vida de Marcelino Champagnat**: padre marista. Tradução de Ir. João Batista Trentin. São Paulo: Ed. Marista, 1999, p. 34.

que ele ainda carregava os ensinamentos que ela lhe transmitira. Ele manteve um sentimento de gratidão e carinho por ela até o fim de seus dias (Furet, 1999).

Marcelino foi educado com grande cuidado por sua mãe e sua virtuosa tia, que o formaram na piedade e o mantiveram distante de más influências, cercado apenas por bons exemplos fazendo dele um adolescente devoto e obediente, preservando sua pureza de costumes. Preparou-se com zelo para sua Primeira Comunhão, que recebeu aos onze anos (Furet, 1999).

Dois eventos marcantes dessa fase revelaram sua capacidade de discernimento, inteligência e retidão de caráter. O primeiro deles foi à decisão de sua mãe e tia de encaminhá-lo a um professor. Embora já tivessem lhe ensinado a ler de forma básica, perceberam que ele precisava aprofundar seus conhecimentos, especialmente na leitura e na escrita. Esse gesto demonstra o valor que sua família atribuía à educação e a disposição de Marcelino em aprender mais.

O segundo evento ocorreu logo no primeiro dia de aula com esse novo professor. Por causa da timidez, Marcelino hesitou em levantar-se quando foi chamado para ler. Um colega, sem esperar, foi à frente em seu lugar. O professor, irritado com a atitude do aluno, reagiu com violência, dando-lhe um tapa e mandando-o para o fundo da sala. A cena chocou Marcelino profundamente. A agressividade do professor e a injustiça que presenciou o deixaram perturbado e desconfortável. Diante disso, decidiu não voltar mais à escola, temendo se tornar também alvo de punições. Esse episódio deixou claro seu repúdio à violência e sua capacidade de tomar decisões firmes diante do que considerava errado.

Sobre esse episódio descreve Ferrarini (2022, p. 187), que essa decisão tomada por Champagnat lhe acarretaria “muitos prejuízos na continuidade ulterior³² de seu ideal sacerdotal”. Por outro lado, destaca que por ter tido esta experiência passou a ter “consciência da necessidade para os jovens terem professores competentes e paternais”.

Marcelino, que não queria frequentar a escola, recebeu apenas a pouca instrução transmitida pela mãe e pela tia. Ainda jovem, dedicava-se integralmente às atividades na propriedade da família. Contudo, se por um lado não teve acesso à educação formal, por outro demonstrou, ao longo de seu crescimento, um excelente senso comum, aliado a uma profunda piedade e a um caráter firme. No homem que se formara, também se tornavam evidentes as

³² O termo *ulterior* deriva do latim *ulterior*, *-oris*, que significa “mais distante” ou “que vem depois”. No uso contemporâneo, pode ter dois sentidos principais: (a) indicar algo posterior no tempo, como em “em momento ulterior”.

habilidades práticas adquiridas nas vivências cotidianas e a determinação constante em seus propósitos (UMBRASIL, 2010).

2.1.1 Religiosidade, sacerdócio e morte

O legado de fé de Marcelino Champagnat tem início no dia seguinte ao seu nascimento, data de seu batizado — celebrado na festa da Ascensão do Senhor — pelo padre Alliot, vigário da paróquia. Tiveram como padrinho seu tio materno, Marcelino Chirat, e como madrinha, Margarida Chatelard, uma prima por afinidade (Furet, 1999).

Segundo Sylvestre (2014), aquele foi um dia de grande alegria, pois coincidia com a celebração da Ascensão de Jesus — momento especial de sua entrada na família de Deus e na “Igreja, nossa mãe³³”. Toda a comunidade de L’Hermitage participou de uma celebração litúrgica solene.

Desde cedo, Marcelino foi guiado em sua formação religiosa, primeiramente pelo exemplo de sua mãe, profundamente devota à Santíssima Virgem. Ela rezava o terço todos os dias com os filhos e mantinha a prática da oração noturna em família. Além disso, lia — ou ouvia — a leitura de vidas de santos, sempre buscando fortalecer a fé e a devoção dentro de seu lar (Furet, 1999).

Outra influência importante em sua vida foi sua tia, uma religiosa expulsa do convento durante a Revolução.

Os pais e a tia foram verdadeiros exemplos e orientadores em sua trajetória, fundamentais para firmar seus passos como cristão, aprofundar sua fé, fortalecer sua vida de oração e despertar sua devoção à Virgem Maria (UMBRASIL, 2010).

Ao longo da infância e adolescência, Marcelino demonstrou o desejo de seguir um caminho espiritual, mantendo vivo um fervor religioso e o compromisso com os valores de humildade e simplicidade. Essa preparação, desde os primeiros anos de vida, o capacitou a enfrentar os desafios de sua futura missão como sacerdote e educador, ao idealizar a criação de uma congregação voltada à educação de crianças — especialmente daquelas em situação de vulnerabilidade — inicialmente denominada “Fundação dos Irmãozinhos de Maria”, mais tarde

³³ A expressão “Igreja, nossa mãe” remete à tradição católica que concebe a Igreja como mediadora da fé e cuidadora espiritual dos fiéis, nutrindo-os como uma mãe educa e guia seus filhos. No contexto da França de 1789, em meio às tensões da Revolução Francesa e à crise entre o poder civil e a Igreja, a noção de Igreja como “mãe” reforçava a ideia de pertencimento, proteção e identidade comunitária diante das instabilidades sociais e políticas (CNBB, 2000).

conhecida como “Pequenos Irmãos de Maria” e, por fim, como “Irmãos Maristas” (Furet, 1999).

Marcelino Champagnat foi chamado ao sacerdócio em um contexto em que a França atravessava o período pós-revolucionário e buscava reorganizar sua vida social, política e religiosa após as profundas transformações da Revolução Francesa. A Igreja, que havia sofrido com o martírio e a perseguição, esforçava-se para reconstruir suas estruturas e atrair novos vocacionados. Durante esse período:

[...] durante esta época de anticlericalismo do fim do décimo oitavo século e do início do décimo nono, havia uma grande penúria de padres na França. Para remediar esta situação, o bispo da diocese de Lião tinha pedido na primavera de 1803, a certos professores de seu seminário de Verrières, que recorressem a diocese com o objetivo de encontrar alguns candidatos para o futuro ano escolar. Neste momento Marcelino completava quatorze anos e nada deixava prever uma mudança no seu desejo de tornar-se agricultor como seu pai João Batista (Landry, 2016, p. 16).

O cardeal Fesch, preocupado com a escassez de sacerdotes em sua diocese, incentivava a busca por jovens com vocação e potencial para o sacerdócio. Foi nesse contexto que um professor, enviado pelo padre Courbon, chegou à casa da família Champagnat em busca de candidatos (Furet, 1999). Esse “promotor vocacional” era o padre Duplaix (Furet, 1999; Sylvestre, 2014).

Sobre esse momento da vida de Champagnat, Sylvestre (2014) e Landry (2016) relatam que um sacerdote do seminário maior — padre João Jaques Cartal, sulpiciano e natural da região — passou por Marlhes, vilarejo natal de Marcelino. Ele procurou o padre Alliot, apresentando-se em nome do padre Courbon, vigário-geral e amigo de Alliot, e perguntou se poderia indicar jovens da paróquia interessados em aprender latim. A princípio, Alliot recusou. No entanto, após refletir, mencionou que, na aldeia de Rosey, havia uma família com vários filhos, sugerindo ao sacerdote que os visitasse. Landry (2016) enfatiza que essa indicação se justificava pela fé da família e pela sensibilidade que demonstravam em relação às necessidades dos vizinhos.

O sacerdote seguiu o conselho e conseguiu convencer o filho mais novo da família, Marcelino, a tornar-se padre, impressionado por sua ingenuidade, bondade e sinceridade. Assim que tomou essa decisão com seriedade, o jovem Marcelino passou a trabalhar com afinco na realização de seu sonho, mesmo enfrentando certa resistência dos pais, que duvidavam de sua aptidão e entusiasmo pelos estudos.

Furet (1999) descreve que, ao contrário de seus irmãos, que não demonstraram interesse, Marcelino — embora inicialmente hesitante — acabou profundamente tocado pela conversa com o sacerdote. Este percebeu nele qualidades de simplicidade e sinceridade, e o incentivou a estudar latim e a tornar-se padre, dizendo que era essa a vontade de Deus. Após esse encontro, o jovem tomou a decisão de seguir o caminho sacerdotal de forma firme e irrevogável.

Essa experiência demonstra como, em muitos casos, a vocação pode se revelar de maneira inesperada, seja por meio de conselhos, inspirações ou circunstâncias. No caso de Marcelino, foi a intervenção do sacerdote e a confiança depositada nele que o direcionaram ao sacerdócio.

Após essa decisão, Marcelino enfrentou resistência por parte dos pais, que duvidavam de sua capacidade acadêmica, principalmente pelas dificuldades que ele apresentava nos estudos. Ainda assim, persistiu, motivado pela fé e pela determinação. Seu primeiro passo foi morar com um tio — professor em Saint-Sauveur — para aprender latim e aperfeiçoar sua formação. O progresso, porém, foi lento, a ponto de o próprio tio sugerir que desistisse (Furet, 1999; Sylvestre, 2014).

No entanto, Marcelino já havia refletido profundamente sobre sua vocação e estava decidido a não permitir que nada o impedisse de seguir em frente. Abandonou o trabalho agrícola, esforçou-se por manter uma postura exemplar e intensificou sua devoção à Santíssima Virgem, recitando o terço todos os dias. Após quase um ano na casa de seu tio, ingressou, em novembro de 1805, no seminário menor da cidade de Verrières, localizada na região do Loire, próxima a Montbrison (Sylvestre, 2014).

Com apenas 16 anos, Marcelino enfrentou dificuldades no seminário, sobretudo devido à timidez e ao atraso nos estudos, quando comparado aos colegas mais jovens e adiantados. Apesar das adversidades e das zombarias dos outros alunos, destacou-se por sua piedade, disciplina e esforço, conquistando a confiança dos superiores, que o designaram para cargos de responsabilidade (Furet, 1999).

Neste cenário, Sylvestre (2014) relata que, em suas primeiras etapas no seminário, Marcelino não se destacou nos estudos e enfrentou dificuldades significativas, a ponto de cogitarem sua saída devido à suposta falta de habilidades necessárias. No entanto, ele insistiu junto ao superior para que lhe fosse dada uma nova oportunidade. Este, acreditando que, com o tempo, o próprio jovem reconheceria a ausência de progresso e pediria dispensa, decidiu mantê-lo.

Mesmo sendo um dos alunos mais atrasados, Marcelino redobrou seus esforços, estudando até tarde da noite — o que acabou comprometendo sua saúde. Sua dedicação à vocação e aos estudos era acompanhada por uma crescente devoção à Virgem Maria, a quem recorria em oração para obter a força e a inteligência necessárias para superar os desafios que enfrentava (Furet, 1999).

Pode-se ressaltar, portanto, que, por meio de firme determinação, disciplina nos estudos, trabalho árduo e fervorosas orações, Marcelino logo demonstrou seu potencial, conseguindo concluir duas séries naquele mesmo ano. Assim, é notável que tenha avançado com sucesso pelos cursos do seminário menor e, sem grandes dificuldades, tenha sido aceito no seminário maior, em outubro de 1812.

Ao estudar a vida de Champagnat, Landry (2016) relata um aspecto que lhe chamou atenção: o constante desejo de Marcelino de se aperfeiçoar e corrigir suas falhas. Em uma de suas anotações pessoais, datada de 19 de janeiro de 1812, ele se comprometeu diante de Deus a evitar ofensas, afastar-se de más companhias e manter uma conduta mais reta. Em suas palavras:

[...] fiquei maravilhado ao descobrir algumas linhas numa de suas notas íntimas de 19 de janeiro de 1812: “Ó meu bom Senhor e meu Deus, eu vos prometo de não mais vos ofender... de jamais retornar ao bar sem necessidade... afastar-me das más companhias! ...” A vida de um homem pode estar cheia de faltas, o que importa, é sua reação depois das faltas (Landry, 2016, p. 109).

Para Landry (2016), esse episódio demonstra que, embora a vida de um homem possa ser marcada por quedas, o essencial está na capacidade de reagir e retomar o caminho. Nesse mesmo período, a determinação de Champagnat refletiu-se em seus estudos: com esforço, disciplina e intensa vida de oração, conseguiu concluir duas séries em um único ano — o que lhe garantiu êxito no seminário menor e, em outubro de 1812, sua entrada no seminário maior.

No seminário, continuou se esforçando e participava fervorosamente das práticas religiosas. Pediu para comungar com maior frequência, demonstrando profunda devoção. Sua piedade, contudo, não era meramente emocional: dedicava-se a viver de acordo com suas resoluções espirituais, mantendo a virtude e estimulando os colegas à prática do bem (Furet, 1999).

Além de se destacar em seu próprio caminho de virtude, Marcelino também ajudava outros a retornarem ao bem, como no caso de um jovem que, desiludido com o seminário, quase

o abandonou. Marcelino o convenceu a reavaliar suas atitudes e a fazer uma novena à Nossa Senhora, o que resultou em sua recuperação espiritual e acadêmica.

Ao se preparar para o seminário maior, em Lyon, procurou seguir fielmente as orientações recebidas, compreendendo que elas expressavam a vontade de Deus. Dedicou-se ao autoconhecimento e identificou o orgulho como seu principal defeito. Para combatê-lo, pediu a um colega que o corrigisse sempre que errasse e compôs uma oração pedindo humildade, comprometendo-se a enfrentar o orgulho com constância — tanto em palavras quanto em atitudes — e a servir aos outros com respeito e afabilidade (Furet, 1999).

Marcelino renovou diversas vezes suas resoluções espirituais e, em 3 de maio de 1815, aos 26 anos, assumiu dois novos compromissos: privar-se da refeição matinal sempre que cometesse maledicência e rezar o “*Miserere*”³⁴ sempre que mentisse ou exagerasse.

Com determinação para corrigir seus defeitos e adquirir virtudes, avançou rapidamente em seu caminho rumo à perfeição, tornando-se um dos seminaristas mais fervorosos. Dividia seu tempo entre a oração e o estudo da Teologia, utilizando até mesmo seus momentos de lazer para atos de caridade e devoção. Foi exemplar em virtudes como obediência, humildade, caridade e piedade, demonstrando profundo zelo pela glória de Deus e pela salvação das almas (Furet, 1999).

Por meio da prática da humildade, Marcelino dedicou-se intensamente a combater o amor-próprio — vício que almejava eliminar completamente, mesmo diante da dificuldade e da persistência desse desafio. Graças às suas demonstrações de devoção, disciplina e obediência, conquistou a confiança dos superiores, que o designaram responsável pela supervisão do dormitório. Além disso, seu caráter alegre, sincero e afável lhe rendeu a simpatia não apenas dos colegas seminaristas, mas também dos funcionários do seminário.

Marcelino Champagnat continuou a progredir espiritualmente, consolidando-se como um exemplo de devoção e disciplina. Permaneceu fiel às suas resoluções e compromissos, o que lhe rendeu a admiração de colegas e superiores no seminário. Seu fervor religioso se manifestava em todos os aspectos da vida: nas orações, nos estudos teológicos e nos atos diários de caridade, como cuidar dos doentes e auxiliar na manutenção da igreja.

A combinação de humildade, zelo pela glória de Deus e compromisso com a salvação das almas marcou profundamente sua trajetória e influenciou sua missão — a qual ele

³⁴ O “*Miserere*” é o Salmo 51 (50 na numeração da Vulgata), tradicionalmente rezado como oração de penitência e arrependimento. É um dos salmos mais utilizados em liturgias de confissão e pedidos de perdão, expressando o desejo de misericórdia divina e a purificação dos pecados.

transformou em seu maior e mais perseverante projeto: a fundação de uma congregação de irmãos (Furet, 1999).

Mesmo perseverante nesse ideal, segundo Irmão Sylvestre (2014), essa não era sua única preocupação. À medida que se aproximava a data da ordenação, Marcelino compreendia a profundidade e a santidade da vocação sacerdotal, e por isso se preparava por meio de intensas e fervorosas orações. Recebeu, então, a notícia de que faria parte do próximo grupo a ser ordenado. Assim, no dia 6 de janeiro de 1814, durante a festa da Epifania do Senhor, recebeu das mãos do cardeal Fesch, arcebispo de Lyon, a tonsura, as quatro ordens menores e o subdiaconato³⁵. Na ocasião, ele contava com pouco mais de 24 anos. Essa data sempre teve um significado especial para ele, pois a Epifania representava a manifestação de Cristo no mundo — um momento de revelação e missão que reforçava sua vocação sacerdotal e sua entrega ao serviço de Deus.

No dia 6 de janeiro de 1814, durante a festa da Epifania do Senhor, Marcelino recebeu das mãos do cardeal Joseph Fesch, arcebispo de Lyon, a tonsura, as quatro ordens menores e o subdiaconato — etapas preparatórias para o sacerdócio.

Em 22 de julho de 1816, aos 27 anos, foi ordenado diácono, recebendo a unção sacerdotal do bispo de Nova Orleans, Dom Louis-Guillaume³⁶ Dubourg, que atuava sob a autorização do cardeal Fesch. Pode-se imaginar a profunda devoção, a serenidade e o amor com que celebrou sua primeira missa, após intensa preparação para esse momento — com o coração ardente de amor por “Nosso Senhor” (Sylvestre, 2014).

Após sua ordenação, antes de deixar a cidade de Lyon, Marcelino visitou o santuário de Nossa Senhora, em Notre-Dame de Fourvière. Na antiga capela, onde muitos votos e orações são dirigidos a Maria, renovou sua consagração à “Boa Mãe”, colocando seu ministério sob sua proteção especial (Sylvestre, 2014).

A celebração de sua primeira missa ocorreu no dia 15 de agosto de 1816, festa da Assunção de Nossa Senhora. Nesse mesmo dia e local, junto a outros jovens sacerdotes, fez o voto de fundar a Sociedade de Maria — grupo religioso dedicado à educação cristã e à devoção mariana (Furet, 1999).

³⁵ Tonsura, quatro ordens menores e subdiaconato eram etapas da formação clerical na Igreja Católica antes do sacerdócio. A tonsura marcava simbolicamente a entrada do candidato no clero e sua separação do mundo secular. As quatro ordens menores — ostiário, leitor, exorcista e acólito — preparavam-no para funções litúrgicas básicas. O subdiaconato constituía a última etapa antes do diaconato e do sacerdócio, conferindo ao candidato responsabilidades maiores na liturgia e na vida eclesial. Cf. *REVISTA ECLESIASTICA BRASILEIRA*. As ordens menores e a tonsura: seu sentido e função. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 32, n. 127, p. 321–336, jul./set. 1972. Tradução: Luís Guilherme.

³⁶ Na Língua Portuguesa: Luís Guilherme

Logo após sua ordenação, em 1820, padre Champagnat foi designado vigário da paróquia de La Valla, uma comunidade numerosa situada no departamento de Loire, próxima a Saint-Chamond. Ao chegar, Champagnat encontrou muitas crianças de famílias pobres que não recebiam educação religiosa nem escolar. Passou a acolher esses jovens na casa dos Irmãos, oferecendo-lhes alimentação e vestuário. Em 1823, já eram doze crianças sob seus cuidados e, nos anos seguintes, esse número cresceu, atingindo o limite da capacidade da casa.

Furet (1999) relata que, sem perder tempo, Marcelino dirigiu-se ao seu novo posto de vigário. Ao avistar o campanário de La Valla, sentiu um profundo sentimento de humildade, ajoelhou-se e pediu perdão a Deus por seus pecados, implorando que eles não se tornassem obstáculo ao seu ministério. Em seguida, confiou a Jesus e a Maria³⁷ as almas que estariam sob sua responsabilidade, suplicando bênçãos para seus trabalhos e por tudo que fizesse em prol da glória de Deus e da salvação das almas (Furet, 1999).

Sylvestre (2014) relata que, ao chegar a La Valla e tomar conhecimento de suas responsabilidades, Marcelino se dedicou plenamente a elas. Estabeleceu como horário de despertar as quatro horas da manhã. Sua primeira atividade ao amanhecer era a oração e a meditação, seguidas pela celebração da santa missa. Essa rotina foi mantida durante seu período em L'Hermitage, enquanto estava no noviciado. Destacavam-se também o estudo da teologia, as visitas aos enfermos e o atendimento no confessionário. Costumava recolher-se por volta das nove horas da noite, no máximo até às dez.

Durante seu tempo em La Valla, Champagnat dedicou-se intensamente à educação e à catequese, ao perceber as lacunas na instrução escolar e religiosa da comunidade, especialmente entre os jovens do meio rural — realidade que, mais tarde, motivaria a fundação da Congregação Marista e sua missão de promover a educação cristã e moral (Furet, 1999).

Irmão Sylvestre (2014) acrescenta que, para guiar os paroquianos no caminho do bem, Champagnat não se limitava a proferir sermões enérgicos: dedicava-se também, com afinco, à catequese infantil, obtendo resultados notáveis. Tomou a iniciativa de assumir pessoalmente essa tarefa, com autorização do pároco. Seu carinho pelas crianças e seu talento didático tornaram as aulas de catecismo muito atrativas, atraindo um número crescente de alunos.

³⁷ Descreve Landry (2016) que Champagnat era um apaixonado de Jesus e de Maria, que lhes reservava um lugar muito importante na vida de todos os dias e que ele mantinha contatos frequentes com eles. É preciso acrescentar que seu programa habitual como vigário não era absolutamente rígido, pois podia variar seus momentos com Jesus e Maria, segundo os afazeres urgentes que lhe podiam vir de seus paroquianos. Entretanto, cada uma de suas ações, mesmo que com algumas mudanças no itinerário diário, não lhe impediam ser fiel a cada um dos artigos de sua agenda quotidiana.

Mesmo diante de condições climáticas adversas — frio, chuva ou neve —, as crianças se deslocavam por longas distâncias até a igreja.

Sua abordagem na catequese era simples e sistemática: começava pedindo aos alunos que recitassem o texto, auxiliando os que ainda não sabiam ler. Em seguida, utilizava perguntas diretas para verificar a compreensão. Quando necessário, recorria a comparações e histórias simples, tornando o conteúdo mais acessível. As aulas frequentemente se encerravam com uma história inspiradora ou uma exortação espiritual.

A disciplina não era imposta por punições, mas cultivada por meio de recompensas e incentivos — método que ele dominava com sabedoria. Sua principal preocupação era preparar as crianças para a primeira comunhão, garantindo que esse momento fosse vivido com devoção e seriedade. Para despertar esse interesse desde cedo, também acolhia crianças muito pequenas no catecismo, sem exigir delas o domínio prévio das lições do dia (Sylvestre, 2014).

De acordo com Furet (1999), Marcelino Champagnat iniciou seu ministério pastoral realizando visitas às famílias, instruindo crianças e preparando-as para os sacramentos. Segundo Landry (2016, p. 195), ele aproveitava essas visitas “para dar aos membros das famílias piedosas e tocantes reflexões sobre o nada das coisas da terra ou sobre um assunto espiritual segundo o momento e as circunstâncias”.

Contudo, sua visão ia além: ele sonhava com a fundação de uma sociedade de irmãos dedicada à educação cristã — projeto que, gradualmente, tomou forma e se tornou objetivo central em sua vida. A persistência de Champagnat na concretização desse ideal evidencia seu profundo compromisso com a educação e a evangelização, valores que nortearam sua trajetória e culminaram na fundação da Ordem Marista.

A caminhada até a criação do Instituto Marista foi marcada por desafios significativos, como a superação da ignorância religiosa e a escassez de recursos (Furet, 1999). Esses obstáculos, porém, apenas reforçaram sua perseverança. Mesmo diante das adversidades, Champagnat manteve-se fiel ao projeto de fundar uma congregação voltada à educação cristã, demonstrando uma determinação inabalável em concretizar sua visão. A fundação do Instituto Marista, portanto, representa a materialização de um ideal que resistiu às dificuldades, consolidando um legado educacional de alcance global.

Ao descrever essa jornada, Furet (1999) destaca que,

[...] as preocupações do ministério sacerdotal e os frutos de salvação que operava nas almas não conseguiam fazer o Pe. Champagnat esquecer o projeto dos Irmãos. A ideia o perseguia em toda parte: no afã das tarefas mais absorventes, nas viagens e visitas aos camponeses, que viviam na maior

ignorância, nos catecismos das crianças, nas orações e mesmo no altar durante a celebração do santo sacrifício da missa. Em seus íntimos colóquios com Deus jamais esquecia o projeto. Frequentemente rezava: “Eis-me aqui, Senhor, para cumprir a vossa divina vontade”. Às vezes, temendo ser vítima de ilusão exclamava: “Meu Deus, afastai de mim esse pensamento se não vier de vós ou se este projeto não contribuir para vossa glória e a salvação das almas”. Tais perplexidades, nascidas de profunda humildade, não o impediam de preparar a execução de seu plano (Furet, 1999, p. 87).

Essa citação revela a profunda convicção e o constante discernimento de Pe. Champagnat em relação ao projeto de fundação dos Irmãos Maristas. A ideia o acompanhava em todas as suas atividades pastorais – desde as mais absorventes até os momentos de oração e celebração da missa –, demonstrando a força do chamado que sentia para concretizar esse ideal.

Champagnat buscava, com humildade, a confirmação da vontade divina, expressando suas dúvidas e temores em seus colóquios com Deus. A passagem reflete o contexto de intensa religiosidade que caracterizava a época, na qual o discernimento da vontade de Deus era central à vida dos consagrados.

Além disso, o cenário social da época – marcado pela presença de muitas crianças e jovens carentes de educação e evangelização – reforçava a urgência de uma congregação dedicada à instrução e à formação cristã. Essa realidade motivou a fundação da Ordem dos Irmãos Maristas, ressaltando sua relevância para a missão educacional e evangelizadora da Igreja.

Irmão Furet (1999) assevera que a devoção de Marcelino Champagnat à Virgem Maria era uma constante indissociável de sua vida espiritual e pastoral. Desde os tempos do seminário, consagrava-lhe diariamente suas ações, projetos e orações, buscando nela o caminho mais seguro para chegar a Jesus. Foi em uma dessas visitas ao santuário mariano que amadureceu o desejo de fundar uma congregação voltada para o ensino cristão, inspirada na figura de Maria.

[...] Sentindo atrativo especial para honrar a Santíssima Virgem e julgando os outros por si mesmo, achou que o nome de Maria seria suficiente para trazer vocações à congregação sonhada. Não se enganou. Fiel ao compromisso de se dirigir sempre a Jesus por Maria, ao deixar o seminário maior após receber as ordens sacras, subiu a Fourvières para consagrar seu ministério à Mãe do Senhor. E toda vez que precisava, voltava a Lião, ia renovar a consagração e o projeto aos pés de Maria, no santuário de Fourvières. Nomeado coadjutor em La Valla, viajou num sábado e quis iniciar o ministério sacerdotal no dia da Assunção, para que Maria lhe abençoasse as primícias e as apresentasse pessoalmente ao divino Filho. Assim procedeu a vida inteira, oferecendo e confiando à Virgem Maria todos os projetos e obras (Furet, 1999, p. 365-6).

A citação de Furet (1999) revela a profunda devoção mariana de Marcelino Champagnat e a influência decisiva dessa espiritualidade na fundação da Ordem Marista. Champagnat considerava Maria sua Mãe e caminho seguro para Jesus, colocando sob sua proteção todos os seus projetos e consagrando-lhe diariamente suas ações.

A centralidade da figura mariana em sua vida espiritual manifesta-se na prática constante da consagração, na oferta de suas atividades e na confiança depositada na intercessão da “Boa Mãe”. A inspiração para fundar uma congregação dedicada ao ensino cristão surgiu durante uma de suas frequentes visitas ao santuário de Nossa Senhora.

A escolha do nome “Maria” para a congregação evidencia essa influência: Champagnat acreditava que, só pelo nome da Virgem, seria possível atrair vocações para o projeto. Sua fé o levava a buscar continuamente a proteção de Maria — tanto em Fourvière, ao renovar suas consagrações, quanto em La Valla, ao iniciar seu ministério no dia da Assunção, confiando-lhe as primícias de sua missão sacerdotal.

Diante de desafios significativos, como a ignorância religiosa e a escassez de recursos, Marcelino Champagnat demonstrou notável perseverança em seu compromisso com uma educação de qualidade. Ainda assim, sua prioridade central residia na concretização do projeto de fundar uma instituição voltada à formação cristã de crianças e jovens.

Conforme evidencia Furet (1999), o trabalho árduo e a espiritualidade contagiante de Champagnat inspiraram outros a se unirem a ele na missão de servir a Deus por meio da educação. A fundação do Instituto Marista, portanto, representa a materialização de um ideal que resistiu às adversidades, consolidando um legado educacional e religioso de alcance global.

La Valla, segundo Washington Abadio da Silva e Décio Silva Gatti Junior (2004), constituiu o núcleo inicial do Instituto Marista, onde Champagnat iniciou sua missão de educar crianças e jovens em um contexto rural carente de instrução formal e de catequese.

O compromisso formativo de Champagnat materializou-se na criação de escolas, inicialmente voltadas à preparação dos Irmãos para o exercício da docência. Essa experiência pedagógica resultou na fundação das escolas de Marlhès, Saint-Sauveur, Tarantaise e Bourg-Argental, todas fundamentadas no modelo aplicado em Marlhès.

Nessa localidade, o vigário Padre Alliot, impressionado com os resultados positivos obtidos pela escola de La Valla, solicitou a instalação de uma “escola de Irmãos do Padre Champagnat” em sua paróquia — evidenciando o reconhecimento da qualidade da proposta educacional marista.

Desde o início de sua vida missionária, “São Marcelino Champagnat soube abrir seu coração e sua porta às pessoas necessitadas mais que ele, consciente da palavra do Evangelho:

‘O que fazeis ao menor dentre os mais pequeninos, é a mim que vós o fazeis!’” (Landry, 2016, p. 117).

Essas palavras evidenciam a profunda sensibilidade de Champagnat para com os mais vulneráveis, revelando que sua ação educativa não se limitava à instrução acadêmica, mas se fundamentava em uma ética de cuidado e solidariedade inspirada no Evangelho. Sua abertura ao outro demonstra que a pedagogia marista nasce de um compromisso concreto com a dignidade e o bem-estar das crianças, colocando em prática a máxima evangélica de que servir aos menores é servir a Cristo.

Marcelino Champagnat faleceu em 6 de junho de 1840, aos 51 anos, no Hermitage, em Saint-Chamond. Na ocasião, um fato chama a atenção: um artista local chamado Ravery foi convidado a L’Hermitage para pintar um retrato póstumo do fundador. Segundo estudos realizados pelo Irmão Ivo Antonio Strobino³⁸ (2011), esse retrato (Figura 18) é considerado o mais fiel às feições de Champagnat, especialmente por ter sido comparado diretamente com seu crânio.

Strobino (2011, p. 45) descreve, na conclusão de seus estudos, que:

Na falta de registro fotográfico autêntico do Fundador, muitas foram as imagens dele difundidas no espaço quase bisseccular da Congregação, tanto as que derivam do retrato Ravery quanto as provindas do imaginário dos artistas. Estas últimas, sem dúvida, porque partem da subjetividade do autor, são menos autênticas e mais opinativas.

E ainda compara essa realidade com a de Jesus Cristo e Maria, sua mãe:

Esse resultado negativo não deve ser considerado decepcionante. Assim como, de Jesus Cristo e de Nossa Senhora temos apenas a imagem idealizada em nossos corações, pintada com as cores da nossa devoção e com os matizes que captamos nos Evangelhos, assim também sucede com a imagem do nosso Fundador.

³⁸ Nos “Cadernos Maristas: informações, estudos, documentos”, in: *Casa Generalizia dei Fratelli Maristi delle Scuole*, Editorial de André Lanfrey), n.29, no dossiê Iconográfico o Irmão Antonio Sobrinho faz uma análise entre: “Foto Arnaud, retrato Ravery e crânio Champagnat”, destaca esse retrato de Ravery como o mais próximo ao seu crânio, mostra semelhanças, mas não consegue garantir que é fiel, pois pode ter sido produzido por meio de interpretações de fisionomias cidadãos locais. Neste estudo é destacado que, assim como Jesus Cristo foi retratado ao longo da história em diferentes estilos de pintura — cada artista imprimindo sua interpretação e ressaltando aspectos particulares de sua fisionomia ou espiritualidade —, também Marcelino Champagnat foi descrito e representado de formas variadas (Irmão Antonio Strobino, 2011).

Figura 18 – Marcelino José Bento Champagnat, por Ravery



Fonte: Irmão Antonio Strobino³⁹ (2011, p.43).

Em 1840, ano da morte de Champagnat, a Congregação Marista já contava com 290 irmãos, atuando em 48 escolas primárias na França⁴⁰ e atendendo aproximadamente 7.000 alunos⁴¹. O legado de Champagnat expandiu-se para a Europa, África e América, demonstrando a resiliência e a relevância de sua visão educacional (Furet, 1999; Etges, 2014).

A morte do fundador não interrompeu a disseminação do carisma marista, impulsionada por seus seguidores que, imbuídos de sua inspiração, promoveram a expansão da educação cristã marista para além das fronteiras francesas.

Conforme observa Fernanda Matos de Borba (2014), a missão deixada por Champagnat permanece viva por meio daqueles que acolheram seu legado de evangelizar crianças e jovens por meio da educação, tendo Maria, a Boa Mãe, como modelo e guia no caminho até Jesus. Essa devoção mariana, expressa no ideal de “tudo a Jesus por Maria e tudo a Maria para Jesus”, continua a orientar a prática educativa marista, mantendo vivo o espírito fundacional.

A fundação de escolas em diversas regiões do mundo, incluindo o Brasil, consolidou o Instituto Marista como uma referência global em educação. A expansão geográfica da obra

³⁹ Cf. STROBINO, Ivo Antônio. Foto Arnaud, retrato Ravery e crânio de Champagnat: resultados de uma análise científica. **Cadernos Maristas: informações, estudos e documentos**, Roma: Casa Generalizia dei Fratelli Maristi de Scuole, n. 29, ano XXI, p. 35–45, maio 2011. Tradução para o português por Joannes Fontanay; Josep Roura Bahi; Moisés Puente; Gabriela Scanavio; Francisco Castaños; Edward Clisby; David Harrison; Virgilio J. Bakestra. Disponível em: https://champagnat.org/e_maristas/Cuadernos/29_PT.pdf. Acesso em: 4 jul. 2025.

⁴⁰ UMBRASIL – Disponível em: <https://umbrasil.org.br/maristas-no-mundo/fundador/>. Acesso em: 5 jan. 2025.

⁴¹ PUC-RS. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 200 anos de história. **Revista PUCRS**, online, 2017. Disponível em: <https://www.pucrs.br/revista/200-anos-de-historia/>. Acesso em: 5 jan. 2025.

de Champagnat evidencia a universalidade de seus princípios pedagógicos e a capacidade de adaptação da Congregação Marista a diferentes contextos culturais e sociais.

Após o falecimento de Marcelino Champagnat, a liderança da Congregação Marista passou a ser exercida por sucessores que desempenharam papel decisivo na continuidade e expansão da obra iniciada pelo fundador, conforme representado na Figura 19:

- a) **Irmão Francisco** – Primeiro sucessor de Champagnat, deu continuidade aos trabalhos do fundador.
- b) **Irmão Louis-Marie** – Teve um papel essencial na expansão da Congregação Marista, transferindo a Casa Geral para Lyon, um centro urbano em crescimento.
- c) **Irmão Nestor** – Notável por sua visão educacional, propôs uma formação acadêmica mais avançada para os Irmãos.
- d) **Irmão Théophane** – Assumiu o cargo de Superior Geral durante um período de grandes crises, expandindo a presença internacional da Congregação.

Figura 19 – Primeiros sucessores de Champagnat



Fonte: PMBCS (2019).

Irmão Francisco assumiu a liderança da Congregação Marista em um momento de transição delicado, marcado pela preocupação com a sucessão do fundador. Sua gestão foi caracterizada pela busca da continuidade da missão marista, em colaboração com os Irmãos Louis-Marie e Jean-Baptiste Furet, por meio da elaboração de um plano de ação estratégico.

Apesar das divergências de opinião entre os líderes — especialmente no que se referia à estrutura organizacional da congregação e à condução da formação dos Irmãos —, Irmão Francisco demonstrou habilidade em manter a unidade do grupo, consolidando a espiritualidade marista como pilar fundamental da instituição (PMBCS, 2019).

As regras em questão referiam-se ao regulamento interno da Congregação Marista, que estabelecia normas para a vida comunitária, a formação dos Irmãos e o funcionamento das

escolas maristas. Essas diretrizes precisavam ser aprovadas pela Santa Sé, a fim de garantir o reconhecimento oficial da congregação.

Em um ato de discernimento, Irmão Francisco renunciou ao governo para facilitar essa aprovação, preparando sua sucessão ao indicar o Irmão Louis-Marie como seu sucessor. Sua gestão, portanto, foi decisiva para a consolidação da obra de Marcelino Champagnat e para a preparação da congregação diante dos desafios futuros (PMBCS, 2019).

Irmão Louis-Marie, segundo Superior Geral da Congregação Marista, teve um papel fundamental na expansão da instituição. Foi responsável por uma importante mudança geográfica: a transferência da Casa Geral de Saint-Chamond, situada em uma área rural, para a cidade de Lyon, um centro urbano em crescimento.

Essa decisão refletiu a necessidade de adaptação da Congregação, que passava a atuar com maior intensidade nas grandes cidades. Louis-Marie também demonstrou forte capacidade de liderança, destacando-se por sua inteligência e habilidade para conduzir os Maristas em um período de crescimento e desafios (PMBCS, 2019).

Irmão Nestor destacou-se por sua visão progressista⁴² no campo educacional, propondo a ampliação da formação acadêmica dos Irmãos Maristas. Tal iniciativa representou um avanço significativo para a época, elevando o nível intelectual dos membros da congregação. Sua proposta não se limitou aos quadros de liderança, estendendo-se também aos Irmãos que atuavam como docentes. Essa medida contribuiu de forma decisiva para o aprimoramento da qualidade do ensino oferecido pela Congregação Marista, consolidando a excelência educacional como um de seus valores centrais (PMBCS, 2019).

Irmão Théophane, outra figura de grande relevância para a Ordem Marista, assumiu a liderança da congregação em um período de instabilidade, marcado pelo exílio forçado em Grugliasco, na Itália, em 1903, devido a pressões políticas e sociais.

Sua gestão destacou-se pela capacidade de transformar as adversidades do exílio em oportunidades de expansão internacional, promovendo a disseminação do carisma marista em novos países. Além disso, incentivou a produção de livros e manuais didáticos, iniciativa que resultou na fundação da FTD, sigla formada por suas iniciais. Sua visão estratégica e liderança

⁴² A expressão “visão progressista” refere-se à postura inovadora do Irmão Nestor em relação à formação dos religiosos maristas, ao propor a ampliação da formação acadêmica não apenas para os líderes, mas também para os docentes. Cf. CECATTO, Adriano. **A missão do religioso educador:** da tradição pedagógica marista à atuação nas escolas católicas contemporâneas. 2021. 189 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2021. O autor relata que os documentos da Ordem Marista passaram a romper com modelos anteriores centrados na formação exclusivamente religiosa, abrindo-se ao diálogo com o conhecimento científico e pedagógico e alinhando-se às tendências educacionais da época. No entanto, é enfático ao afirmar que “a mudança de mentalidade e o diálogo com a modernidade não constituiu o horizonte de todos os religiosos na esteira da atualização” (*Ibid.*, p. 45).

resiliente asseguraram a continuidade do crescimento da congregação e consolidaram sua missão educativa em escala global (PMBCS, 2019).

Após 115 anos de seu falecimento, em 29 de maio de 1955, Marcelino Champagnat foi oficialmente reconhecido pela Igreja Católica, que destacou suas virtudes e a relevância de sua vida. Posteriormente, em 18 de abril de 1999, foi canonizado pelo Papa João Paulo II, sendo formalmente declarado santo da Igreja. A canonização reafirmou o legado espiritual de Champagnat e sua contribuição para a educação e a formação religiosa por meio da fundação dos Irmãos Maristas.

2.2 DO INÍCIO DA INSTITUIÇÃO DOS PEQUENOS IRMÃOS DE MARIA

No dia 2 de janeiro de 1817, Marcelino Champagnat, com 28 anos, Jean Marie Granjon (Irmão João Maria), com 23 anos, e Jean Baptist Audras (Irmão Luís), com 14 anos e meio, iniciaram uma vida em comunidade, em uma pequena casa comprada pelo próprio Champagnat, em La Valla-en-Gier, na França. Ali, lançaram os fundamentos do Instituto dos Irmãos Maristas, também conhecido como Ordem Marista (Nunes, 2006). A instituição nasceu sob a denominação de Pequenos Irmãos de Maria, constituída sob a égide de uma congregação religiosa (Barone, 2008).

A instituição nasceu de uma profunda necessidade de atender às demandas educacionais e espirituais da juventude, especialmente em um contexto de grande ignorância e abandono religioso. A visão de Champagnat era clara: formar uma comunidade de irmãos dedicados à educação cristã, com o propósito de levar o conhecimento e os valores da fé às crianças e jovens, sobretudo àqueles em situação de vulnerabilidade (UMBRASIL, 2010).

Conforme evidenciado por Furet (1999), apesar das responsabilidades inerentes ao ministério sacerdotal e dos frutos alcançados em sua missão pastoral, Marcelino Champagnat manteve viva a aspiração de fundar a Sociedade dos Irmãos Maristas. Essa ideia permeava suas atividades cotidianas — desde as tarefas pastorais e viagens às comunidades rurais até os momentos de oração e celebração litúrgica.

Em seus diálogos íntimos com a divindade, Champagnat expressava sua disposição em cumprir a vontade de Deus, ao mesmo tempo em que manifestava apreensão quanto à origem e à finalidade de seu projeto. Essa tensão entre fé e dúvida revela a profundidade de seu discernimento espiritual e sua busca por alinhamento com a vontade divina.

Segundo Sylvestre (2014), Marcelino Champagnat dedicou atenção especial a João Maria Granjon, um jovem devoto que despertou seu interesse desde o início de seu ministério

em La Valla. Champagnat o considerava peça fundamental para a congregação que pretendia fundar. Em certa ocasião, Granjon pediu que ele visitasse um menino enfermo de 12 anos, à beira da morte. Conforme seu hábito, Champagnat interrompeu suas atividades e dirigiu-se prontamente à residência do jovem (Furet, 1999; Sylvestre, 2014). O episódio evidencia a prioridade atribuída ao cuidado pastoral e às necessidades dos mais vulneráveis — valores que marcaram sua trajetória e inspiraram a fundação da Ordem Marista.

Durante o trajeto, Champagnat instruiu Granjon sobre a salvação eterna e a transitoriedade dos prazeres e das riquezas terrenas. Percebendo seu interesse, convidou-o a residir na paróquia, oferecendo-se para ensiná-lo a ler e escrever. Granjon aceitou prontamente, demonstrando notável aptidão para o aprendizado. Sob a orientação de Champagnat, aprofundou sua vida de piedade e tornou-se exemplo para a comunidade local. O episódio revela a atenção de Champagnat à formação integral dos jovens, combinando instrução intelectual com educação religiosa e moral.

Antes de administrar a confissão, Champagnat procurou avaliar os conhecimentos do menino enfermo sobre a fé. Com pesar, constatou sua total ignorância acerca da existência de Deus. Por duas horas, ensinou-lhe os fundamentos da religião e do sacramento da penitência, despertando nele o arrependimento. Prometeu retornar em breve, mas, ao chegar a outra casa, foi informado da morte do menino. Apesar da tristeza, encontrou consolo na convicção de ter possibilitado sua salvação. A reflexão registrada por Sylvestre (2014) revela a angústia de Champagnat diante da ignorância religiosa e seu empenho em evangelizar crianças e jovens.

A constatação da precariedade espiritual do menino motivou Champagnat a partilhar seus planos com João Maria Granjon, que prontamente manifestou o desejo de colaborar com a fundação de um instituto voltado à educação infantil (Furet, 1999). A confiança de Granjon e sua disposição em aderir à proposta revelam tanto a força da liderança de Champagnat quanto sua capacidade de mobilizar outros em torno de seu ideal educativo e religioso (Sylvestre, 2014).

A determinação de Granjon, evidenciada por sua adesão ao projeto educativo de Champagnat, influenciou diretamente a decisão de João Batista Audras⁴³ em trilhar o mesmo caminho, impulsionado por sua própria busca de santidade. Audras, residente em La Valla, foi

⁴³ João Batista Audras (1789–1865), discípulo de Marcelino Champagnat, foi um dos primeiros membros da Congregação dos Irmãos Maristas. Seguiu o projeto educativo do fundador, dedicando-se à formação cristã e moral de crianças e jovens, especialmente em contextos rurais carentes de instrução formal. Considerado um jovem promissor, mesmo ingressando muito cedo na ordem, tornou-se um dos mais fervorosos irmãos da causa de Champagnat. Cf. LANDRY, Ir. Jean. **Marcelino Champagnat: uma luz na aurora do século XIX**. Tradução de Gabriela Scanavio. São Paulo: FTD, 2016.

profundamente impactado pela leitura do opúsculo *Pensai-o bem* e manifestou o desejo de ingressar na vida religiosa. Movido por esse anseio, dirigiu-se a Saint-Chamond em busca do diretor dos Irmãos das Escolas Cristãs, a quem expressou suas intenções. O diretor, embora o tenha encorajado, explicou que sua pouca idade impedia sua aceitação no Instituto. Desapontado, Audras retornou a La Valla (Sylvestre, 2014).

A trajetória de Audras, aliada à adesão de Granjon ao projeto de Champagnat, revela a força do carisma marista na comunidade local e a crescente mobilização de jovens em torno da visão educacional e espiritual do fundador. A busca de Audras por uma vida consagrada, mesmo diante do obstáculo da idade, evidencia a profundidade do ideal marista e a capacidade de Champagnat em despertar vocações.

Os encontros com Granjon e Audras, considerados providenciais, solidificaram o desejo de Champagnat de fundar uma sociedade dedicada à instrução cristã, estabelecendo as bases para a criação do Instituto dos Irmãos Maristas (Furet, 1999). Diante da disposição favorável dos jovens, Champagnat adquiriu uma casa com terreno e horta pelo valor de seiscentos francos. Devido ao seu modesto salário de coadjutor, precisou contrair um empréstimo para efetuar a compra.

A adaptação do local para receber os futuros Irmãos Maristas contou com a dedicação pessoal de Champagnat, que participou das reformas e confeccionou os móveis necessários. Nesse espaço — ilustrado na Figura 20, que evoca a modesta casa de Nazaré — Champagnat acolheu seus dois primeiros discípulos em 2 de janeiro de 1817. A simplicidade do local onde nasceu o Instituto Marista simboliza a humildade e a fé que marcaram a trajetória de seu fundador.

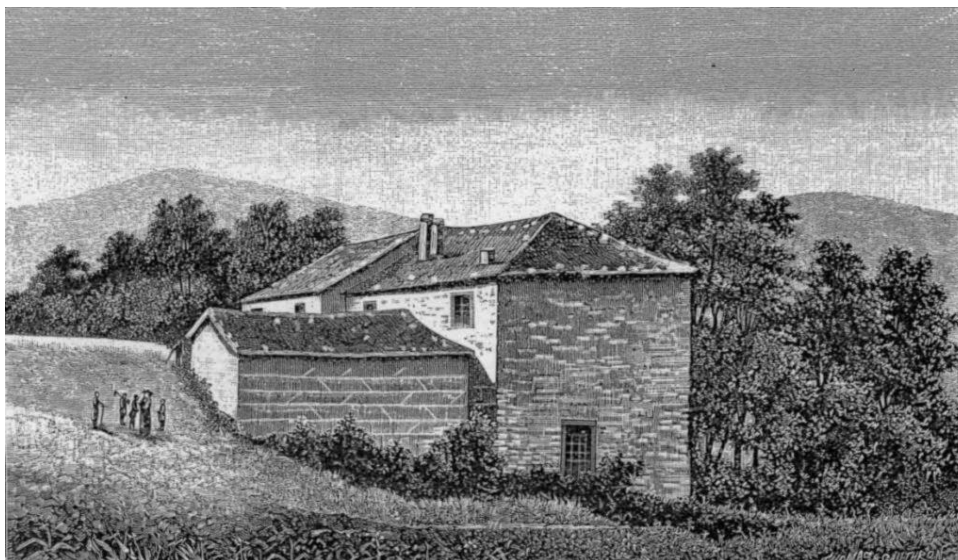
Após a chegada de Granjon e Audras, a comunidade manteve-se unida e fraterna durante o inverno. Com a chegada da primavera, Antoine⁴⁴ Couturier juntou-se ao grupo, trazendo consigo sua piedade e bom caráter, qualidades que contribuíram significativamente para a edificação espiritual e a alegria do ambiente comunitário, fortalecendo a convivência e a missão educativa iniciada por Champagnat. Pouco tempo depois, João Cláudio Audras⁴⁵, irmão

⁴⁴ Na Língua Portuguesa: Antônio. Antoine couturier (1787-1839), religioso francês e um dos primeiros membros do grupo fundado por Marcelino Champagnat. Destacava-se pela profunda piedade, integridade e temperamento afável, qualidades que contribuíram para consolidar a harmonia e o espírito fraterno entre os primeiros irmãos maristas.

⁴⁵ João Cláudio Audras (1785-1857), destacou-se por seu apoio fraternal e comprometimento com a missão educativa e religiosa da nova comunidade, fortalecendo os laços familiares e comunitários que ajudaram a consolidar a Congregação Marista. Além disso, é importante destacar que ele entra para a ordem a pedido dos pais, para acompanhar João Batista Audras, e se torna um discípulo muito comprometido. Cf. LANDRY, Ir. Jean. **Marcelino Champagnat: uma luz na aurora do século XIX**. Tradução de Gabriela Scanavio. São Paulo: FTD, 2016.

mais velho de João Batista Audras, também se integrou, fortalecendo os laços familiares e comunitários. Em seguida, Barthélemy⁴⁶ Badard, um jovem simples e devoto, passou a fazer parte da fraternidade, ampliando o número de integrantes (Furet, 1999; Sylvestre, 2014).

Figura 20 – Réplica da primeira casa adquirida por Champagnat em 1817



Fonte: Maristas de Champagnat (2024).

A chegada desses novos companheiros, considerada providencial, evidencia a crescente adesão à visão de Champagnat e o fortalecimento da comunidade marista em seus primeiros anos. A diversidade de personalidades e origens enriqueceu a convivência, consolidando as bases para o futuro desenvolvimento do Instituto dos Irmãos Maristas.

A comunidade marista em formação acolheu Gabriel Rivat⁴⁷, um jovem de 10 anos, que se destacava por sua inocência e que, posteriormente, sob o nome de Irmão Francisco, sucederia Marcelino Champagnat como o primeiro Superior Geral da Congregação. Gabriel havia sido aluno das aulas de catequese ministradas por Champagnat, que demonstrava especial cuidado em sua formação. Após a primeira comunhão de Gabriel, Champagnat ofereceu-se para ministrar aulas de latim na casa dos Irmãos, proposta aceita pelos pais do jovem. Ao confiarem

⁴⁶ Na Língua Portuguesa: Bartolomeu. Barthélemy Bardad (1790-1835), jovem religioso francês, entra para a primeira comunidade de Champagnat, contribuindo para a estabilidade e o espírito fraterno do grupo. Participou ativamente das atividades iniciais voltadas à educação de crianças e jovens, apoiando a missão fundadora da Congregação Marista.

⁴⁷ Gabriel Rivat (1792-1853), religioso francês, que se integrou ao grupo aos primeiros membros do grupo fundado por Marcelino Champagnat, destacou-se por sua dedicação à educação cristã de crianças e jovens e por contribuir para a consolidação da primeira comunidade marista, fortalecendo o espírito de fraternidade e missão coletiva. Ele foi convidado pelo próprio Champagnat, que se dirigiu à sua família, que morava em Maisonnète, outro vilarejo da paróquia, para convidá-lo a juntar-se ao pequeno grupo de iniciantes. LANDRY, 2016, *op. cit.*

o filho a Champagnat, os pais revelaram que já o haviam consagrado à Santíssima Virgem, colocando-o à disposição da nova comunidade (Furet, 1999; Sylvestre, 2014). A trajetória de Gabriel Rivat, desde sua infância até a sucessão de Champagnat, revela a importância da formação integral e do cuidado pastoral na visão do fundador. A confiança dos pais de Gabriel em Champagnat e a posterior liderança do jovem como Irmão Francisco evidenciam a solidez das bases da Congregação Marista e a continuidade do carisma do fundador.

De acordo com Sylvestre (2014), os primeiros irmãos a se unirem a Marcelino Champagnat foram:

- a) João Maria Granjon;
- b) João Batista Audras (Irmão Luís);
- c) Antoine Couturier;
- d) João Cláudio Audras (Irmão Lourenço);
- e) Barthélemy Badard;
- f) Gabriel Rivat (Irmão Francisco).

Essa sequência representa o grupo inicial da comunidade marista, formado pelos primeiros membros atraídos pela visão e pelo carisma de Champagnat. A diversidade de origens e personalidades desses primeiros irmãos contribuiu significativamente para a vitalidade da comunidade, estabelecendo as bases para a futura expansão do Instituto Marista.

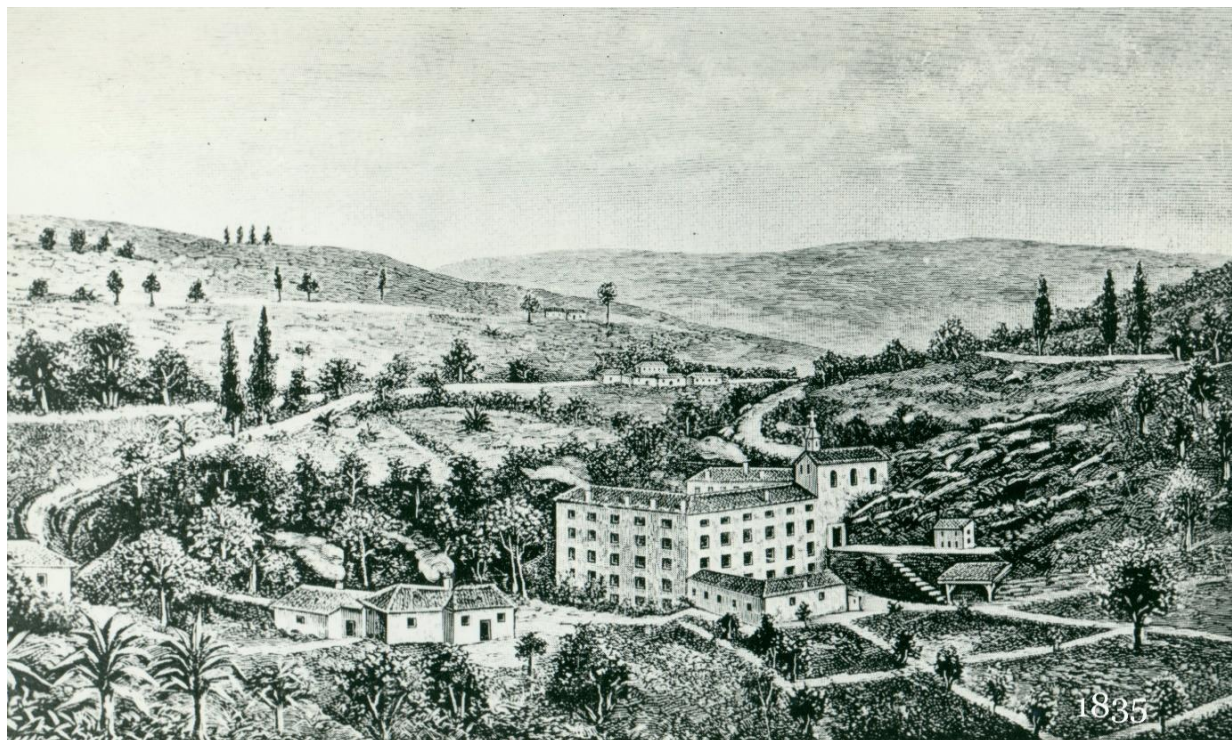
Em pouco tempo, o crescente interesse de jovens em ingressar no Instituto exigiu a ampliação da infraestrutura para acolhê-los e formá-los, tanto no plano espiritual quanto pedagógico. Essa necessidade evidencia o êxito da iniciativa de Champagnat e a adesão progressiva à sua proposta educacional e religiosa. A criação de um novo espaço formativo demonstra a capacidade de adaptação da Congregação diante do crescimento, assegurando a qualidade da formação oferecida.

A expansão estrutural constituiu um marco importante na consolidação do Instituto Marista e na continuidade do legado de Marcelino Champagnat, especialmente ao ampliar as condições de ensino e atendimento às comunidades alcançadas (UMBRASIL, 2010).

Situada nas proximidades da cidade de Saint-Chamond, às margens do Rio Gier, L'Hermitage representou um marco fundamental na consolidação do Instituto Marista. O local serviu como Centro de Formação e Irradiação do Carisma Marista, contribuindo para a expansão da congregação e a disseminação de sua missão educacional e religiosa. A escolha do local, próximo a Saint-Chamond e às margens do Rio Gier, evidencia a preocupação de Champagnat em proporcionar um ambiente propício à formação e à vida comunitária dos Irmãos. L'Hermitage, portanto, representa um símbolo da dedicação de Champagnat à continuidade de sua obra e à formação de seus seguidores (UMBRASIL, 2010).

Com o apoio de mestres de obras, Marcelino Champagnat e os jovens Irmãos construíram, em 1825, a primeira casa de formação da congregação: Notre Dame de L’Hermitage (1825–1858), como ilustrado na Figura 21.

Figura 21 – Notre Dame de L’Hermitage (1825)



Fonte: INSTITUTO MARISTA. **História ilustrada de Notre-Dame de L’Hermitage**. Disponível em: <https://champagnat.org/pt/historia-ilustrada-de-notre-dame-de-lhermitage/>. Acesso em: 25 nov. 2024.

Para reduzir os custos da construção de Notre Dame de L’Hermitage, Marcelino Champagnat convocou todos os Irmãos durante as férias de 1824, solicitando sua colaboração na edificação da nova casa, conforme as habilidades de cada um. A resposta foi unânime: todos manifestaram prontamente sua disposição em contribuir com a construção do espaço dedicado à “Boa Mãe”, que se tornaria um centro formador de educadores cristãos voltados à infância. Enquanto os pedreiros profissionais executavam as tarefas mais pesadas, os Irmãos se encarregavam da preparação dos materiais (Sylvestre, 2014). Essa colaboração evidencia a união fraterna e o espírito de serviço que caracterizavam a comunidade marista em seus primeiros anos, bem como a habilidade de Champagnat em mobilizar seus seguidores em torno de um ideal comum.

Para reduzir os custos da construção de *Notre Dame* de L’Hermitage, Marcelino Champagnat convocou todos os Irmãos durante as férias de 1824, solicitando sua colaboração na edificação da nova casa, conforme as habilidades de cada um. A resposta foi unânime, com

todos os Irmãos demonstrando disposição em contribuir para a construção do local dedicado à “Boa Mãe”⁴⁸, que se tornaria um centro de formação para educadores cristãos dedicados à infância. Enquanto os pedreiros profissionais executavam a maior parte do trabalho braçal, os Irmãos se responsabilizavam pela preparação dos materiais necessários (Sylvestre, 2014). Essa colaboração evidencia a união e o espírito de serviço que caracterizavam a comunidade marista em seus primeiros anos, bem como a habilidade de Champagnat em mobilizar seus seguidores em torno de um ideal comum.

A construção de *Notre Dame de L’Hermitage*, fruto do esforço conjunto de Marcelino Champagnat e dos primeiros Irmãos, representa um marco na história da Congregação Marista. A edificação, literalmente escavada na rocha, evidencia a determinação e a perseverança dos fundadores. As instalações da casa e da capela foram concluídas com celeridade, permitindo a transferência da comunidade para o novo local no verão de 1825. A cerimônia de inauguração e bênção da capela, realizada em 15 de agosto do mesmo ano, foi presidida pelo padre Dervieux⁴⁹, pároco de Saint-Chamond. A presença do sacerdote, que anteriormente havia manifestado reservas em relação a Champagnat, demonstra a mudança de percepção e o reconhecimento da relevância da obra marista. A construção de L’Hermitage, portanto, simboliza a concretização do projeto de Champagnat e o início de uma nova fase na trajetória da Congregação Marista, marcada pela expansão e consolidação da missão educacional e religiosa.

Desde sua inauguração, a capela passou por adaptações para acolher peregrinos. Nas terras de L’Hermitage, o rio Gier era essencial à subsistência dos Irmãos. Champagnat, atento às necessidades da comunidade, instalou um moinho em suas águas e cultivou uma horta nas margens, assegurando o sustento dos primeiros maristas. Simbolicamente, o rio Gier tornou-se um símbolo de vida e espiritualidade — um verdadeiro rio de “Água Viva”. Dessa forma, L’Hermitage consolidou-se como o berço da pedagogia marista, onde se estabeleceram os princípios e práticas fundacionais da congregação, além de se tornar o centro das iniciativas missionárias do Instituto (UMBRASIL, 2010).

⁴⁸ “Boa Mãe” é a expressão usada por Marcelino Champagnat e pelos Irmãos Maristas para se referir carinhosamente à Virgem Maria. Para Champagnat, Maria era modelo de ternura, cuidado e proteção, e foi colocada como figura central da espiritualidade marista. A devoção à “Boa Mãe” é um dos pilares da identidade e missão dos Irmãos Maristas. Cf. FURET, *op. cit.*, p. 73; SYLVESTRE, *op. cit.*, p. 55; LANDRY, *op. cit.*, p. 102.

⁴⁹ Um personagem central nesse contexto foi, sem dúvida, o Sr. Julien Dervieux, pároco da igreja de São Pedro de Saint-Chamond desde 1803. Antes da Revolução Francesa, ele atuava na paróquia de Saint-Ennemond, também situada em Saint-Chamond. Durante o período revolucionário, Dervieux chegou a prestar o juramento constitucional, exigido pelo Estado, mas posteriormente o retratou. Como consequência, as autoridades do departamento o consideraram demissionário em agosto de 1792, e sua paróquia acabou sendo suprimida. Cf. LANFREY, *op. cit.*, p. 11.

Segundo estudo de Breno Minelli Batista (2022), a principal missão do Instituto Marista é a educação, pilar central desde sua fundação por São Marcelino Champagnat. Essa ênfase educacional é refletida nas próprias palavras do fundador, que orientava os Irmãos:

Tomai grande cuidado pelas crianças pobres, dos analfabetos e daqueles que são mais limitados; testemunhai-lhes muita bondade, interrogai-as seguidamente, e não temeis mostrar-lhes em toda ocasião que os estimais e os amais precisamente porque são menos providos de vantagens e de bens da natureza (Landry, 2016, p. 246).

A educação marista busca promover o diálogo entre diferentes ciências, sociedades e culturas, sempre fundamentado em uma visão cristã de mundo. Um aspecto central dessa proposta é a educação religiosa, baseada nos princípios de acolhimento, respeito mútuo e amor — valores que norteiam o ambiente escolar e as relações entre alunos e educadores. Essa convivência é marcada pela simplicidade e pelo espírito de família, criando um ambiente de proximidade e dedicação, especialmente com crianças, adolescentes e jovens (Batista, 2022).

Champagnat reforçava ainda que: “A educação é, antes de tudo, o resultado do bom exemplo: porque a virtude fortifica a autoridade; porque está na natureza do homem imitar o que ele vê fazer” (Landry, 2016, p. 254).

Segundo Batista (2022), o modelo educacional marista também enfatiza a formação de valores como o amor ao trabalho e o compromisso com o bem-estar coletivo, inspirados no exemplo de Maria, mãe de Jesus. Esses valores são aplicados ao longo de toda a trajetória educacional — da educação básica ao ensino superior e profissionalizante — consolidando a missão do Instituto Marista de formar integralmente seus alunos.

De acordo com Etges (2014, p. 68), a pedagogia marista é a “pedagogia do amor, dedicação, do respeito e das aplicações práticas cotidianas, tendo um estilo educativo próprio, marcado pela presença, espírito de família, simplicidade, amor ao trabalho e pelo agir à maneira de Maria”.

À medida que a ordem marista se consolidava, o compromisso com a educação também se refletia nos votos que os Irmãos faziam. Em 1826, durante o retiro anual, ocorreram as primeiras emissões de votos, que simbolizavam a consagração de cada Irmão à missão de educação cristã e à vida comunitária. Esses votos, temporários ou perpétuos, reforçavam o ideal de um compromisso constante e renovado com a formação humana integral — aspecto que esteve no cerne do trabalho de Champagnat e que moldou a identidade da congregação. Assim, tanto a construção física de L'Hermitage quanto os votos dos Irmãos estavam diretamente

ligados à missão pedagógica da instituição, que desde o início se pautou por um firme compromisso com a formação integral de crianças e jovens (Furet, 1999; Sylvestre, 2014).

O fundador da Ordem Marista, São Marcelino Champagnat, além de estabelecer os princípios da congregação, assumiu também a responsabilidade por sua estrutura organizacional, tornando-se um dos pilares da chamada “obra de Maria” — missão que todos os membros da congregação deveriam realizar. Após sua morte, a liderança da ordem foi confiada ao Irmão Francisco, enquanto o Padre Colin assumiu a responsabilidade geral pela Congregação, orientando a continuidade e o fortalecimento das práticas religiosas.

Inicialmente, os votos temporários⁵⁰ na Congregação Marista eram realizados de forma simples, sem grandes cerimônias. Com o tempo, incorporou-se uma solenidade mais formal, sem que isso alterasse as obrigações essenciais de pobreza, castidade e obediência, preservando-se, assim, o espírito dos compromissos assumidos pelos membros (Sylvestre, 2014).

No que diz respeito ao voto de estabilidade⁵¹, que não foi mencionado explicitamente por Champagnat durante sua vida, ele acabou sendo formalizado posteriormente. Irmão Sylvestre (2014) explica que, durante o Capítulo Geral de 1856, foi encontrado um manuscrito de Champagnat no qual ele indicava que os Irmãos deveriam fazer os três votos tradicionais — pobreza, castidade e obediência — e acrescentar o voto de estabilidade. Esse quarto voto refere-se ao compromisso de permanência e dedicação incondicional à Congregação, buscando garantir a continuidade e a estabilidade da missão marista.

Assim, o voto de estabilidade representa um compromisso mais profundo com a Congregação e com sua missão duradoura, traduzindo o ideal de constância e fidelidade na vida religiosa dos Irmãos. A transição de liderança e as mudanças nas práticas votivas marcaram um

⁵⁰ Votos temporários tinham duração de três anos e eram renováveis, representando um compromisso sério com a vida religiosa, embora ainda não definitivo. Na Congregação Marista, o primeiro voto era o da obediência, que consistia em submeter-se às orientações dos superiores e viver segundo a regra da instituição. O rito desses primeiros votos não era solene: geralmente, os Irmãos os pronunciavam logo após a comunhão, em ambiente de recolhimento. Para conferir legitimidade ao ato, uma ata era lavrada e assinada de joelhos pelo Irmão professando, simbolizando humildade, entrega e submissão à vontade divina e à vida comunitária. Também os trajes marcavam esse novo estágio: o noviço, que já usava batina preta abotoada, passava a portar um cordão de lã, sinal visível do vínculo assumido com a Congregação e da seriedade do compromisso religioso. Cf. FURET, *op. cit.*, p. 101.

⁵¹ O voto de estabilidade consiste na reafirmação do compromisso definitivo de fidelidade ao Instituto. Trata-se de um passo que reafirma o vínculo profundo do Irmão com a missão e a vida comunitária. Cf. FURLAN, Alison Humberto. **Viver e conviver na vocação marista de Irmão: um estudo à luz da teologia espiritual**. 2020. 232 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020. No caso da Congregação Marista, explicam FURET, *op. cit.*, p. 103, e SYLVESTRE, *op. cit.*, p. 59, esse voto não foi mencionado diretamente por Champagnat, mas foi formalizado posteriormente como forma de garantir que os Irmãos permanecessem ligados à comunidade e à missão educativa, promovendo continuidade e coesão dentro da Congregação.

período de adaptação e consolidação para a Congregação Marista, sem, contudo, alterar sua missão original e os valores defendidos por Champagnat.

Angelo Alberto Diniz Ricordi (2022) destaca que a espiritualidade pessoal de Marcelino Champagnat, embora constituísse a base do que viria a ser conhecido como espiritualidade dos Pequenos Irmãos de Maria, desenvolveu-se de forma singular, com características e nuances que evoluíram à medida que a Congregação crescia e se adaptava a diversos contextos históricos.

Ricordi (2022) também enfatiza os estudos de Lanfrey (2017), apontando que a fundação de Champagnat passou por uma transformação significativa, de uma associação de Irmãos professores para uma Congregação religiosa.

Entre 1819 e 1826, a fundação de Marcelino Champagnat experimentou um crescimento gradual, embora os registros não tragam dados numéricos precisos. Nesse período, contudo, observa-se uma mudança relevante no perfil da comunidade nascente, marcada pelo desligamento do primeiro Irmão Marista, Jean-Marie Granjon. Seu afastamento foi motivado por dificuldades de adaptação à vida comunitária e ao ideal de simplicidade, obediência e espírito missionário que Champagnat buscava imprimir à Congregação.

Embora generoso e piedoso, Granjon demonstrava instabilidade vocacional, o que se tornava incompatível com as exigências crescentes da obra em formação. À medida que a fundação se estruturava e atraía novos integrantes mais convictos quanto à consagração religiosa, tornou-se necessário preservar a unidade do grupo em torno do carisma desejado por Champagnat. Assim, seu desligamento não foi apenas um episódio pontual, mas um marco no processo de consolidação da identidade marista (Ricordi, 2022).

Nesse processo, o modelo congregacional consolidou-se com a introdução dos votos religiosos e do uso do hábito, transformando definitivamente a natureza da fundação: de uma associação de leigos piedosos para uma verdadeira Congregação de Irmãos religiosos.

No entanto, mesmo tendo alcançado seu objetivo com a fundação da Congregação, São Marcelino Champagnat não teve uma existência totalmente tranquila, como se verá a seguir.

[...] os primeiros anos da fundação da Congregação Marista foi semeada de problemas e de dificuldades particularmente difíceis. Sobre tudo quando o Pe. Courveille quis se ingerir na direção dos Irmãos. Infelizmente para esse eclesiástico, essa experiência terminou de maneira abrupta. Com efeito, precisou deixar precipitadamente l'Hermitage por razões obscuras que não entram no objetivo deste propósito. Entretanto a saída tocou profundamente

São Marcelino Champagnat de tal sorte que decidiu comunicar a sua confusão a seus superiores (Landry, 2016, p. 172).

Por meio de sua firme liderança e profundo compromisso com a missão educativa, Champagnat conseguiu superar os obstáculos iniciais, fortalecendo a coesão entre os primeiros Irmãos e consolidando os princípios da vida religiosa marista. Essa experiência inicial de conflitos e dificuldades contribuiu para a definição de normas internas, da disciplina comunitária e do modo de educar característico da Congregação, assentando as bases de uma instituição capaz de expandir-se e manter sua identidade, mesmo diante de novos desafios. Assim, a fundação não apenas garantiu a continuidade da obra de Champagnat, mas também preparou os Irmãos para atuar em diferentes contextos sociais, levando adiante a missão educativa marista em diversas localidades (Ricordi, 2022; Landry, 2016).

A Ordem, com seus valores profundamente enraizados na espiritualidade mariana e no compromisso com a educação cristã, começou a expandir sua influência não só em La Valla, mas também em outras regiões da França. As escolas maristas, conhecidas por sua disciplina e pelo compromisso com a formação moral e intelectual dos jovens, tornaram-se um modelo educacional a ser seguido (Furet, 1999; Sylvestre, 2014).

Em 1826, Champagnat vivenciou a chamada “Crise de 1826” e enfrentou desafios significativos, tanto dentro quanto fora da Congregação. As dificuldades financeiras, somadas às tensões políticas e sociais na França, impunham obstáculos constantes ao crescimento do Instituto. No entanto, Champagnat nunca esmoreceu em sua missão. Ele acreditava firmemente que, com fé e trabalho árduo, os objetivos da Congregação seriam alcançados (Furet, 1999; Sylvestre, 2014).

A formação dos Irmãos era outra preocupação central. Além de garantir uma sólida formação espiritual, Champagnat insistia na capacitação pedagógica de seus seguidores, pois via a educação como um meio de transformação social. Em suas palavras:

Para bem educar as crianças, é preciso amar e amá-las de igual maneira. Ora, amar as crianças para um educador, é dedicar-se inteiramente a sua instrução. É jamais esquecer de que eles são fracos e consequentemente eles têm necessidade de serem tratados com bondade e instruídos com paciência (Landry, 2016, p. 36).

Esse princípio guiava a pedagogia marista, que se destacava pela proximidade e pelo carinho com que os Irmãos tratavam seus alunos. A expansão da ordem e o aumento no número de escolas maristas trouxeram também novos desafios organizacionais, exigindo de

Champagnat um esforço contínuo para estruturar melhor a vida comunitária dos Irmãos e assegurar que todos estivessem comprometidos com a mesma missão de serviço.

Em 1829, duas novas escolas foram abertas em Millery e Feurs, impulsionando o crescimento da Congregação fundada pelo Padre Champagnat. Devido ao sucesso das escolas no departamento do Loire, o conselho local destinou 1.500 francos anuais para apoiar o noviciado de L'Hermitage, gesto que inspirou Champagnat a solicitar a aprovação oficial do governo para a Congregação. Esse reconhecimento seria essencial para isentar os Irmãos do serviço militar, conforme as leis educacionais de 1828. Champagnat preparou a documentação necessária e a entregou ao bispo Dom Gaston de Pins, que, graças à sua posição de “Par de França”⁵² (*Pair de France*), conseguiu a aprovação do pedido. No entanto, antes que o Rei Carlos X pudesse assinar o documento, a Revolução de 1830⁵³ estourou, levando o monarca ao exílio sem oficializar a aprovação. Essa batalha para obter o reconhecimento governamental se tornaria um desafio constante até a morte de Champagnat. Apesar disso, a Congregação continuou a prosperar, mesmo sem o aval do Governo (Sylvestre, 2014).

A Revolução de 1830, que resultou na deposição da Casa de Bourbon, representou um período de turbulência para a ordem marista, uma vez que impediu a legalização formal da instituição por meio da assinatura do rei Carlos X. Nesse contexto de instabilidade, marcado pela destruição de símbolos religiosos e por ameaças às escolas, Champagnat demonstrou serenidade e firmeza na liderança.

Diante da sugestão de alguns Irmãos de adotarem trajes civis⁵⁴ como medida de proteção, ele rejeitou a proposta, reafirmando sua confiança na proteção da Virgem Santíssima. Sua postura denotava uma fé inabalável e a convicção de que a segurança da Congregação residia na proteção divina. Em vez de se deixar abalar pelas circunstâncias adversas, Champagnat manteve a rotina da Congregação, realizando inclusive a cerimônia de entrada de

⁵² Par da França (*Pair de France*): título honorífico concedido a membros da alta nobreza e do alto clero no Antigo Regime francês, que lhes conferia prestígio, privilégios políticos e participação em funções solenes do Estado, como coroações reais e julgamentos de alta importância. Os pares gozavam de influência direta junto à monarquia, o que lhes permitia interceder em decisões governamentais e administrativas.

⁵³ A Revolução de 1830 foi um movimento social e político ocorrido na França, que resultou na queda do rei Carlos X e no fim da dinastia dos Bourbons. Esse levante ocorreu devido às insatisfações com o governo autoritário de Carlos X, que tentava restaurar o absolutismo e restringir as liberdades políticas conquistadas durante a Revolução Francesa. A revolta culminou com a ascensão de Luís Filipe de Orléans ao trono, que se tornou conhecido como o “Rei Cidadão”, símbolo de uma monarquia constitucional. Esse evento é frequentemente associado à luta pela democracia e ao fortalecimento das ideias republicanas na França. A Revolução de 1830 constituiu um marco importante no processo de transformação política e social do país, com impactos significativos em outras nações europeias..

⁵⁴ Na época, a vestimenta consistia em uma espécie de sobrecasaca azul, que descia até a metade das pernas, calças pretas, um pequeno manto e chapéu redondo. A cor azul foi escolhida para lembrar aos Irmãos que eram filhos de Maria; vestindo seu hábito e sua cor, deveriam sempre recordar-se de viver à maneira de Maria, imitando-lhe as virtudes. (Furet, 1999, *op. cit.*, p. 97)

novos postulantes, mesmo diante de rumores de ataques revolucionários (Sylvestre, 2014). Essa atitude demonstra a resiliência e a determinação de Champagnat em preservar a missão da Congregação, independentemente dos desafios enfrentados.

Mesmo diante da ausência de reconhecimento governamental formal da Congregação Marista, Marcelino Champagnat testemunhava a ação da Providência Divina em sua obra. A crescente necessidade de isentar os Irmãos do serviço militar impulsionou-o a buscar novamente a legalização da Congregação, mas o rei negou a autorização, apesar do apoio do Conselho Real da Instrução Pública (Sylvestre, 2014).

A insistência de Champagnat na obtenção do reconhecimento legal visava garantir a segurança institucional e a estabilidade da vida religiosa dos Irmãos. Embora a aprovação régia tenha sido negada, o apoio do Conselho da Universidade conferiu à Congregação Marista certa legitimidade junto às autoridades da época, ainda que sem o respaldo jurídico formal.

A atuação favorável do Conselho Real da Instrução Pública — órgão governamental responsável pela regulamentação do sistema educacional francês no século XIX — evidencia a importância da obra de Champagnat no cenário educacional da época. O respaldo desse conselho, mesmo diante da negativa do monarca, demonstra o reconhecimento oficial da relevância da missão educativa dos Maristas para a sociedade francesa.

Então, confiando em Deus, Champagnat firmou um acordo com o padre Mazelier, cuja congregação — a Sociedade dos Padres do Sagrado Coração de Jesus — já detinha autorização legal para funcionar como instituto religioso na França, dedicado à educação cristã de jovens das regiões rurais. Os Irmãos sujeitos ao serviço militar eram enviados para lá até obterem o diploma e, posteriormente, retornavam à Congregação. Esse arranjo permitiu à Congregação manter suas atividades. Para os Irmãos Maristas, a Lei do Serviço Militar⁵⁵ representava um desafio, pois, sem o diploma oficial, não podiam usufruir da isenção prevista na legislação.

Diante disso, Champagnat adaptou os estatutos da Congregação adequando-os às exigências legais e buscou, ainda que sem êxito, o reconhecimento oficial por parte do governo. No entanto, paradoxalmente, a Lei de 1833⁵⁶, que pretendia dificultar a atuação das

⁵⁵ Lei do Serviço Militar, promulgada em 1818, na França, durante o período pós-Revolução Francesa. Instituiu o serviço militar obrigatório para os homens, afetando também as congregações religiosas, já que os membros de ordens religiosas passaram a estar sujeitos ao alistamento, salvo em caso de isenção.

⁵⁶ Promulgada em 28 de junho de 1833, durante o ministério de François Guizot, a Lei de Instrução Primária obrigava cada comuna francesa com mais de 500 habitantes a manter, ao menos, uma escola pública de ensino primário. Estabelecia os conteúdos para o ensino elementar – moral e religião, leitura, escrita, língua francesa, cálculo e sistema legal de pesos e medidas – e para o ensino primário superior – geometria aplicada, noções de ciências físicas, história e geografia, com ênfase na história da França. Complementada posteriormente por legislação referente à função e qualificação dos *instituteurs*, a lei marcou a consolidação da educação como serviço

congregações religiosas, acabou por fortalecer a demanda por Irmãos, uma vez que muitos passaram a preferir a educação cristã oferecida por eles em detrimento da instrução ministrada por professores sem filiação religiosa formados pelo Estado (Sylvestre, 2014).

A Congregação dos Irmãos de Maria enfrentou um período de instabilidade quando o Padre Pompallier⁵⁷, capelão em L’Hermitage, manifestou preocupação com a liderança de Marcelino Champagnat, argumentando que a Congregação corria o risco de declínio. Pompallier propôs ao bispo a fusão da Congregação de Champagnat com os Clérigos de Saint-Viateur, alegando que a primeira carecia de autorização legal. Champagnat, embora inicialmente disposto a acatar a decisão do bispo, ressaltou as diferenças substanciais entre as duas instituições e alertou para a possível perda de identidade da Congregação Marista caso a fusão se concretizasse. Mesmo sob pressão do vigário-geral, Champagnat manteve-se firme em sua posição⁵⁸. Após análise, o bispo reconheceu a pertinência dos argumentos de Champagnat, elogiou sua resistência e admitiu que a fusão teria prejudicado a Congregação, que prosperava sob a liderança de seu fundador (Sylvestre, 2014). Esse episódio demonstra a capacidade de Champagnat para preservar os princípios e a identidade Marista, mesmo diante de pressões externas.

No que diz respeito à organização interna da Congregação Marista, Champagnat identificou a necessidade de estabelecer normas escritas⁵⁹ à medida que o Instituto se expandia.

do Estado, ao prever a formação de professores por meio das escolas normais, exigindo diploma oficial e concedendo, entre outros benefícios, a isenção do serviço militar. Cf. WEISS, Jussemar. Guizot e a educação. **História da Educação**, Pelotas, ASPHE/FaE/UFPel, n. 10, p. 43-52, out. 2001.

⁵⁷ Entre 1831 e 1834, a relação entre o Pe. Champagnat e o Pe. Jean-Baptiste Pompallier foi marcada por **tensões** administrativas e por desafios legais que afetavam a congregação nascente dos Irmãos Maristas. Em 1831, uma ordenança do governo francês impôs obrigações, como o serviço militar, aos religiosos de congregações ainda não autorizadas oficialmente, o que incluía o grupo de Champagnat. Diante dessa medida, as autoridades civis e eclesiásticas iniciaram diversas averiguações, incluindo inspeções e questionamentos sobre a legalidade das atividades de ensino em L’Hermitage. Cf. MACMAHON, Frederick. **Em causa comum. Parte II**. Tradução de Joannes Fontanay; Josep Roura Bahi; Moisés Puente; Gabriela Scanavio; Francisco Castaños; Edward Clisby; David Harrison; Virgilio J. Bakestra. **Cadernos Maristas: informações, estudos e documentos**, Roma: Casa Generalizia dei Fratelli Maristi de Scuole, n. 29, ano XXI, p. 79-100, maio 2011. Disponível em: https://champagnat.org/e_maristas/Cuadernos/29_PT.pdf. Acesso em: 4 jul. 2025.

⁵⁸ Apesar do apoio de autoridades locais, como o prefeito de Saint-Chamond, e da atuação diplomática de Champagnat, as tentativas do arcebispo de obter reconhecimento legal para a Congregação não prosperaram. Nesse cenário, Champagnat passou a considerar a possibilidade de vincular-se a uma congregação já reconhecida, buscando assegurar proteção jurídica sem comprometer a identidade de seu grupo — o que teria motivado sondagens junto aos Marianistas de Chaminade. A atuação de Pompallier, figura influente nesse processo, insere-se nesse esforço de articulação institucional para garantir a continuidade da obra marista. MACMAHON, 2011, *ibid*.

⁵⁹ Ferrarini (2022) destaca que em 1837, “padre Marcelino Champagnat, nosso fundador, coadjuvado por Irmãos e outras pessoas, publicou o primeiro texto que serviria como itinerário de vida marista para melhor viver o Evangelho, desempenhar a missão e viver em comunidade”. Cf. FERRARINI, Irmão Sebastião Antonio. **Regras de Vida: Um itinerário para viver o evangelho na ótica marista/2022**. Província Marista Brasil Centro-Sul. Curitiba: Memorial Marista, 2022, p. 7. Disponível em: https://marista.org.br/wp-content/uploads/2022/11/Regras-de-Vida_5a-versao.pdf. Acesso em: 15 fev. 2025.

Inspirado em outros institutos religiosos, que já possuíam documentos impressos funcionando como símbolos de identidade e referência, compreendeu que a dependência de cópias manuscritas dificultava a padronização das práticas e da disciplina entre as diversas casas. Diante disso, elaborou um documento oficial impresso contendo as regras da congregação, garantindo coesão institucional, unidade de propósito e consistência na formação dos Irmãos (Furet, 1999).

Para isso, Champagnat imprimiu apenas regulamentos já consolidados pela prática, mas manteve aberta a possibilidade de alterações futuras. Antes da impressão, realizou uma revisão cuidadosa, consultando os Irmãos, promovendo discussões sobre cada artigo e, diante das decisões importantes, recorria à oração, à reflexão e até ao jejum, em busca de orientação divina. Desde o início, segundo Ferrarini (2022, p. 15), “ele não queria que fosse aprovado nada sem ter sido vivido largamente e sem assegurar-se de que a sua prática resultava não só positiva, mas também possível em todas as casas do Instituto”.

De acordo com Sylvestre (2014), mesmo sendo poucas regras, Champagnat fez questão de, antes da impressão, submetê-las para análise:

[...] quis revisar todas elas, consultando os Irmãos nas reuniões costumeiras das férias, ou solicitando o parecer pessoal dos principais Irmãos sobre a adoção de certos artigos. Fez mais: reuniu-se com Irmãos capacitados, durante meio ano, empregando várias horas por dia, quando possível, para discutir cada artigo, separadamente. Para itens importantes, que suscitavam discussões, adia a tomada de decisão, examinava, rezava, mortificava-se e até jejuava, para assegurar-se da vontade de Deus (Sylvestre, 2014, p. 197)

Após todo esse cuidado e deliberação, Champagnat finalmente procedeu à impressão das regras, consolidando formalmente a Regra do Instituto. Isso representou um marco de estabilidade e coesão para a congregação, garantindo regularidade nas práticas e fortalecendo a fidelidade dos Irmãos à sua vocação.

[...] a impressão da Regra constituiu para o Pe. Champagnat motivo de grande alegria e satisfação, pois conferia ao Instituto garantia de estabilidade e, sobretudo, era meio eficaz de fazer vingar a regularidade, tornar os Irmãos mais fiéis e afeiçoá-los à vocação (Furet, 1999, p. 223).

Champagnat deixou os detalhes a serem aprimorados pela experiência e não chegou a concluir todas as normas antes de sua morte. Confiou ao Irmão Francisco e ao seu Conselho a tarefa de finalizá-las. Ao enviar as Regras impressas, recomendou que fossem seguidas como

expressão da vontade de Deus, mas deixou claro que a desobediência a algum artigo não constituía pecado, apenas implicava prejuízo à perfeição religiosa (Sylvestre, 2014).

De acordo com Barone (2008), em 1842, a Congregação da Instrução Cristã — criada em 1823 pelo Padre Fièrè — foi incorporada à Congregação Marista, permitindo que seus membros se integrassem à nova estrutura. Posteriormente, em 1844, a Congregação dos Irmãos de Viviers, outro instituto voltado à educação, também se incorporou ao Instituto Marista, contribuindo para sua expansão e consolidação institucional. Em 20 de junho de 1851, o governo francês concedeu reconhecimento oficial ao Instituto Marista para fins legais de ensino.

Com o objetivo de padronizar a educação, em 1852, a Congregação, com base nos manuscritos deixados por Champagnat, elaborou uma obra composta por três documentos (ou volumes) fundamentais a serem seguidos em suas escolas: *Regras Comuns*, *Regras de Governo* e *Guia das Escolas* — que, juntas, segundo Ferrarini (2022), formam uma unidade jurídica denominada Regra

Segundo Nunes (2006):

As “regras comuns” contêm as regras que os Irmãos devem observar e os meios a serem utilizados para realizarem sua missão religiosa, divide-se em três partes: 1ª Os meios de Santificação, com 12 capítulos; 2ª Das virtudes e de como praticá-las, também com 12 capítulos; 3ª Normas concedentes às relações dos Irmãos entre si, com supervisores, com os alunos e comunidade, contendo 14 capítulos.

As “Regras do Governo e Constituições” visam à organização, a administração e a conservação de todo o Instituto, com o objetivo de garantir-lhes a estabilidade, a sobrevivência e o vigor necessário para o cumprimento de sua missão. Apresenta-se dividido em duas partes: a Primeira – Introdução, com 14 capítulos e a Segunda – Os oficiais do Instituto, com 6 capítulos (Nunes, 2006, p. 57).

Quanto ao Guia das Escolas, Barone (2008) destaca que, para escrevê-lo, Champagnat inspirou-se nos textos de João Batista de La Salle, fundador da Sociedade dos Irmãos das Escolas Cristãs no século XVII. A obra surgiu da necessidade de uniformizar as práticas pedagógicas nas escolas Maristas, com base em experiências anteriores e em discussões internas. O Guia detalha, de forma minuciosa, os procedimentos a serem seguidos pelos mestres, tendo sido desenvolvido após várias conferências com os Irmãos mais experientes e anos de prática educativa.

Além disso, os princípios gerais do Guia das Escolas incluem a valorização da educação e do educador, bem como a ênfase na disciplina e na vigilância. Para Champagnat, a

educação deveria formar o juízo, a vontade e o sentimento cristão da criança, corrigir seus defeitos e oferecer-lhe os meios para sustentar-se dignamente. Ele acreditava que os professores não deveriam ser apenas catequistas, mas profissionais com formação específica, capazes de exercer plenamente seu papel educacional (Barone, 2008).

O impulso inicial da missão de Marcelino não partiu de normas ou documentos formais, mas de sua sensibilidade diante das necessidades concretas de seu tempo. Enquanto se dedicava à catequese e à formação de crianças pobres e órfãs do interior, também cuidava dos enfermos, visitava famílias, dialogava com autoridades, compartilhava seu ideal com amigos e buscava apoio material para torná-lo viável. Porém, a partir que ele vê sua obra alcançar maior reconhecimento social, eclesial e político, surgiu a preocupação em regularizá-la juridicamente, garantindo segurança tanto para si quanto para a instituição nascente (Ferrarini, 2022).

No século XIX, segundo Ferrarini (2022), surgiu um grande número de congregações religiosas ou sociedades seculares com votos simples, algumas das quais mantiveram contato com Champagnat. Apesar de, em muitos casos, terem recebido aprovação da Igreja e do Estado, diversas delas não resistiram ao tempo. Naquele período inicial, enquanto o Instituto Marista atuava de forma não oficial, não dispunha de normas impressas, e os votos ainda não eram públicos (Ferrarini, 2022, p. 12). Dessa forma, considerando a necessidade e a elaboração dessas regras, destaca-se como aconteceu esse processo:

A primeira “legislação” vinda a lume, depois de vivida vinte anos, de modo doméstico, foi impressa em 1837 e persistiu até 1852, quando ocorreu o Segundo Capítulo Geral. O trabalho das três sessões do Capítulo gerou três pequenos volumes: as Regras Comuns [...] o Guia das Escolas [...] e as Regras de Governo [...] os termos Constituições e Regras parece que se usam como sinônimos. [...] Segundo esse critério do pequeno e primitivo texto das Regras de 1837, saíram três livros distintos que formam uma unidade jurídica, [...] (se interpreta o trabalho) como um todo único englobado na palavra Regra. (Ferrarini, 2022, p.12)

Após a morte de Champagnat, a observância das regras tornou-se das principais preocupações dos seus sucessores. Conforme aponta Nunes (2006), o primeiro Superior Geral, Irmão Francisco Rivat (1839–1870), empenhou-se em dar continuidade às orientações legadas pelo Fundador. Ressalta-se, no entanto, que Champagnat elaborou sua documentação de forma propositalmente incompleta, a fim de que, em reunião capitular, os Irmãos pudessem revisá-la e atualizá-la após sua morte. De fato, isso ocorreu: Rivat, em conjunto com o Governo Geral, sistematizou as normas praticadas desde o tempo do Fundador, reunindo escritos e anotações, que foram organizados nas três regras já mencionadas.

A respeito dessas primeiras regras, Ferrarini (2022) recorda a percepção dos Irmãos maristas da época, que as consideravam excessivamente detalhadas. Em 1852, os Irmãos avaliaram que diversos aspectos das Regras dos primórdios eram demasiado rígidos. “Não devemos esquecer que se estava nos primórdios e imersos em outra cultura”, refletiram. Naquela ocasião, apenas doze anos após a morte do Fundador, registraram a seguinte observação:

Estas regras vos parecerão muito minuciosas. Isto era necessário, dada a grandeza da Congregação e sua extensão geográfica. Também os inúmeros encargos e compromissos assumidos pelos Irmãos, enquanto religiosos e professores, como também suas relações com a sociedade requeriam normas seguras que regulamentassem as relações e orientassem sua ação: o alvitre pessoal, em tais circunstâncias, gera abusos e irregularidades disciplinares. (Ferrarini, 2022, p. 20)

Ferrarini (2022) revela aspectos das regras da Congregação considerados “demasiado rígidos” e “minuciosos”. Essa caracterização, já observada em 1852 — apenas doze anos após a morte do Fundador —, evidencia a relevância da tradição e da memória na construção da identidade da Congregação. A rigidez normativa, justificada pela “grandeza da Congregação e sua extensão geográfica”, bem como pelos “inúmeros encargos e compromissos” dos Irmãos, tinha por objetivo regulamentar as relações internas e orientar as ações, prevenindo abusos e irregularidades disciplinares. A crítica ao “alvitre pessoal” — expressão que se referia a opiniões ou iniciativas individuais que contrariassem as normas coletivas — evidencia a preocupação em manter disciplina e uniformidade entre os membros.

Nesse mesmo espírito de rigor e unidade, Champagnat orientava seus discípulos quanto à importância da disciplina na prática educativa. Segundo Landry (p. 246), o Fundador afirmava que, para “estabelecer e manter a disciplina numa sala de aula, duas coisas são absolutamente necessárias ao mestre: o caráter e a constância; donde se deduz que as pessoas que lhe faltam essas qualidades são pouco próprias para educar”.

Essas diretrizes iniciais contribuíram para consolidar a regulamentação da vida dos Irmãos e a organização das escolas maristas, que passaram por um processo gradual de estruturação. Historicamente, durante a liderança do Irmão Francisco, houve um crescimento significativo nas vocações e foram fundadas novas casas e escolas maristas em diversas regiões da Europa. Esse avanço tornou necessária a criação de um novo centro de administração para o Instituto — um local mais amplo e próximo a uma grande cidade —, a fim de facilitar o apoio à comunidade e as articulações com as autoridades civis e eclesiais (Furet, 1999; Etges, 2014).

Nesse contexto de expansão e reorganização institucional, destacou-se a atuação do Irmão Francisco. De acordo com Nunes (2006, p. 57):

[...] preocupou-se em manter a unidade dos Irmãos e dar-lhes ânimo diante das dúvidas acerca do futuro do Instituto. Para tanto, deu continuidade à fundação de novas escolas e efetuou a fusão do Instituto dos Irmãos Maristas com os dos Irmãos de Saint-Paul-Trois-Châteaux e Irmãos de Viviers, uniões que possibilitaram, ainda mais, a expansão dos Irmãos Maristas em todo o sul da França. (Nunes, 2006, p.57).

Nunes (2006) descreve ainda que o Irmão Rivat deu continuidade à missão iniciada por Champagnat de garantir o reconhecimento legal do Instituto, aproveitando as transformações no cenário político francês, que passaram a favorecer os Irmãos Maristas. Frédéric Alfred Falloux⁶⁰ (1811–1886), Ministro da Instrução Pública e Cultos, cuja profunda religiosidade influenciava o clero e os católicos devotos, impulsionou a reivindicação por autonomia no ensino, que se concretizou com a promulgação da “Lei Falloux”⁶¹, em 15 de março de 1850.

Contudo, com a promulgação da Constituição de 1852, as nomeações de professores voltaram a ser centralizadas pelo governo, e as restrições à atuação de religiosos nas escolas francesas foram retomadas. Esse contexto motivou a migração dos Irmãos Maristas para a Inglaterra (1852) e para a Bélgica (1858), conforme relata Nunes (2006). Esse movimento marcou o início de uma presença internacional mais consistente da Congregação, ampliando sua atuação para além das fronteiras francesas.

Devido à necessidade de um local central para a Congregação, foi escolhida a cidade de Saint-Genis-Laval, situada a poucos quilômetros de Lyon, como a nova Casa-Mãe da Congregação (Figura 22), que serviu como sede principal de 1858 a 1903⁶². Durante esse período, a Congregação experimentou uma rápida expansão, com os Irmãos se dirigindo para

⁶⁰ Frédéric Alfred Falloux foi uma figura política e monarquista francesa. Atuou como primeiro ministro da Educação do presidente Louis-Napoléon Bonaparte e, nesse cargo, foi responsável pela aprovação da *Loi Falloux*, que, sob o pretexto da liberdade de educação, restaurou grande parte da influência tradicional da Igreja Católica Romana. Cf. FRANÇA. EDITORES DA BRITANNICA. (ed.). **Frédéric-Alfred-Pierre, conde de Falloux**: político francês. Político francês. 2025. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/conservatism>. Acesso em: 27 nov. 2025.

⁶¹ Essa legislação eliminou o monopólio estatal na educação, assegurando liberdade ao ensino secundário e às congregações religiosas oficialmente reconhecidas, permitindo que seus alunos prestassem exames em instituições públicas e isentando seus membros do serviço militar (Nunes, 2006, *op. cit.*).

⁶² A mudança da Casa-Mãe para Saint-Genis-Laval, em 1858, teve como principal razão, o crescimento significativo da Congregação Marista, que necessitava de um espaço maior e mais acessível para coordenar suas atividades. A cidade de Saint-Genis-Laval, situada a poucos quilômetros de Lyon, foi escolhida como a nova sede principal do Instituto Marista, servindo como Casa-Mãe de 1858 a 1903. A proximidade com Lyon facilitava o apoio à comunidade e as interações com autoridades civis e eclesiásticas, além de proporcionar um ambiente mais amplo e adequado às necessidades da Congregação em expansão (UMBRASIL, 2010, *op. cit.*).

os povoados vizinhos, conforme relatado por Furet (1999) e Ferrarini (2022). Tal movimento reflete a contínua adaptação dos Irmãos às mudanças políticas e sua estratégia de expansão, intensificada após a conquista da autonomia educacional pela Lei Falloux e também impulsionada pelas restrições renovadas com a Constituição de 1852.

Figura 22 – Casa-Mãe em Saint-Genis-Laval



Fonte: MARISTAS DE CHAMPAGNAT. **Saint-Genis-Laval**: casa general desde 1858 a 1903. Disponível em: <https://champagnat.org/es/albuns/saint-genis-laval-casa-general-desde-1858-a-1903/>. Acesso em: 25 nov. 2025.

A partir desse momento, a Congregação Marista continuou a se desenvolver e a consolidar suas bases, o que parecia assegurar sua longevidade. É importante mencionar que as regras elaboradas pelo padre Champagnat, em 1837, foram revisadas e aprovadas no Capítulo Geral⁶³, em 1852, realizado em L'Hermitage, como se o próprio fundador estivesse presente (Sylvestre, 2014). Ferrari (2022, p. 9) destaca a importância dessas regras para quem se consagra à vida religiosa, comparando-as a “um mandamento, um caminho, um paradigma, uma cosmovisão”. O autor reforça que elas ajudam “seus membros a traduzir a fé em hábitos, em atitudes de vida no ritmo de vida de cada um/a, e a desempenhar bem um projeto pastoral, educativo, missionário”.

⁶³ Este Capítulo Geral regido ao longo de três sessões, no período de maio ou junho, dos anos 1852, 1853 e 1854, era tido como um itinerário de vida Marista, como uma legislação. Entre as Regras publicadas por Champagnat (fundador) em 1837 e as atuais de 2017, existiram outras edições, das quais a principal é a de 1852 (Ferrarini, 2022, *op. cit.*). Nesta foram aprovadas as Regras Comuns (Constituições), o Guia das Escolas e as Regras de Governo. Na íntegra “as Regras esboçadas pelo padre Champagnat foram revisadas e sancionadas pelo Capítulo Geral, realizado em l’Hermitage como se fosse sob os olhos do piedoso Fundador” (Sylvestre, 2014, *op. cit.*, p. 66).

Durante o segundo generelato, do Irmão Louis-Marie (1860-1879), o Instituto Marista vivenciou um novo período de expansão. A Congregação respondeu ao:

[...] pedido do Instituto da Propagação da Fé para que fosse aberta uma escola na cidade do Cabo (1867). Além da ida dos Irmãos para a Irlanda (1862) e o Líbano (1868), eles seguiram em missão para Sidnei (1871); Nova Calledônia (1873); Nova Zelândia (1875); Wellington (1876). Os Irmãos Maristas iam, agora, em missão em nome do Instituto, e passaram a ter como objetivo realizar seu trabalho educativo e difundir a língua francesa (Nunes, 2006, p. 58).

O Instituto ganhou novo impulso, enviando Irmãos formados em diversos noviciados na França e no Reino Unido para as ilhas remotas da Oceania, uma missão confiada à Sociedade de Maria⁶⁴. Posteriormente, os discípulos de Champagnat também chegaram ao continente africano, enfrentando os desafios impostos pelo clima quente. Outros foram enviados para Seychelles – arquipélago do Oceano Índico – e para o Canadá. Multiplicavam-se, em diferentes partes do mundo, os pedidos por missionários dos Pequenos Irmãos de Maria.

Esse crescimento institucional demonstra a eficácia dos fundamentos estabelecidos por Champagnat, evidenciando sua capacidade de liderança na estruturação do Instituto. A adoção da figura da Virgem Maria como símbolo institucional reforça a centralidade dos valores e tradições na orientação do desenvolvimento da Congregação. Tais princípios, preservados e adaptados ao longo do tempo, continuam a ser aplicados por seus sucessores, contribuindo para a continuidade e evolução do Instituto (Sylvestre, 2014).

Luciano de Oliveira (2023) explica que para garantir legitimidade no campo religioso e educacional, com o apoio de autoridades, a estratégia adotada foi buscar o reconhecimento oficial da instituição pelo governo francês. Com a obtenção desse respaldo político e o crescimento dos empreendimentos, impulsionado por fatores políticos, sociais e econômicos, os superiores gerais da ordem expandiram seus projetos para além da França. No final do século XIX, por volta de 1890, a instituição já contava com mais de 5.000 membros atuando como professores em escolas de diversos países, além da França, como Inglaterra, Bélgica, Irlanda, Turquia, Austrália, Canadá, Espanha, Colômbia, México, China, Portugal e Brasil.

Segundo Batista (2022), a partir de 1862, a congregação marista, em consonância com outras ordens católicas, intensificou sua dedicação à fundação e manutenção de instituições escolares, iniciando um processo de expansão geográfica que se estendeu da França para a

⁶⁴ Importante ressaltar aqui que o padre Champagnat já havia enviado alguns Irmãos para apoiar os Padres Maristas nessa região (Furet, 1999, *op. cit.*; Landry, 2016, *op. cit.*).

Bélgica e a Inglaterra. Essa periodização marca um momento crucial na trajetória da congregação, evidenciando a sua inserção no cenário educacional europeu. O reconhecimento jurídico do Instituto ocorreu em 1863⁶⁵, quando a Congregação obteve a aprovação da Santa Sé, por meio do Papa Pio IX, que lhe conferiu o status de Instituto de Direito Pontifício, mantendo a denominação original, Irmãos Maristas das Escolas, *Fratres Maristæ a Scholis* (F.M.S.). Esse ato pontifício representou um marco fundamental na consolidação institucional da Congregação, conferindo-lhe autonomia e legitimidade no âmbito da Igreja Católica.

A outorga do reconhecimento jurídico à Congregação em 1863 consolidou sua identidade institucional, viabilizando a expansão missionária e a fundação de novas comunidades em regiões como Oceania, África e América do Norte. O crescimento global da Congregação evidenciou a necessidade de um centro administrativo estratégico, localizado nas proximidades do Vaticano, para facilitar a comunicação e a colaboração com as autoridades eclesiais (Sylvestre, 2014). Esta medida visava otimizar a gestão e a coordenação das atividades da Congregação em escala mundial.

Durante o terceiro generalato, sob a liderança do Irmão Theophane (1883–1907), o Instituto continuou sua expansão e sua difusão global, superando desafios significativos. Entre as adversidades enfrentadas, destacam-se a promulgação da Lei Goblet⁶⁶, em 1886, e o retorno da obrigatoriedade do serviço militar para os religiosos, a partir de 1889 (Nunes, 2006).

A promulgação da Lei Goblet resultou no fechamento das instituições de ensino da Congregação na França, em decorrência do processo de laicização da educação. Esse contexto histórico marcou o início da implementação de um modelo educacional 'neutro', caracterizado pela substituição de docentes religiosos por um corpo docente laico, sob a supervisão do Estado.

⁶⁵ Ferrari (2022, op. cit.) fala sobre esse reconhecimento e destaca que o fato de o Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria ter sido aprovado primeiro pelo governo francês (1851) e somente mais tarde pela Sé Apostólica (1863) evidencia a complexidade e a importância de sua aprovação no plano universal da Igreja. Obter o reconhecimento de Roma era muito mais difícil do que conseguir a autorização em Paris, pois havia incertezas sobre como os Irmãos se inseririam na estrutura da Sociedade de Maria, o que dificultava o avanço das tratativas. Além disso, havia, na Cúria Romana, um clima de desconfiança em relação às iniciativas francesas: a França e sua Igreja eram vistas como ciosas das liberdades galicanas, o que gerava cautela e resistência. A Santa Sé já estava saturada de novos institutos franceses, temendo que tantos grupos com finalidades semelhantes criassem confusão ou complicações. Por isso, mais instâncias e personalidades foram consultadas, tornando o processo longo e cuidadoso.

⁶⁶ Lei Goblet, promulgada em 30 de outubro de 1886, foi um marco na reforma escolar, pois instituiu a laicização do corpo docente nas escolas públicas, confiando o ensino exclusivamente a professores laicos. Essa mudança levou à substituição dos congreganistas por professores primários laicos, que em 1889 passaram a ser funcionários públicos, ganhando o apelido de “Hussardos Negros da República” pela sua atuação rigorosa na promoção do ensino secular. Apesar disso, a lei preservava a possibilidade de ensino privado no nível da escola primária. Cf. ZUBER, Valentine. *La laïcité à l'épreuve: religions et libertés dans le monde*. In: BAUBÉROT, Jean (org.). **La laïcité à l'épreuve: religions et libertés dans le monde**. Paris: Encyclopædia Universalis, 2004. Cap. (capítulo), p. 29-39.

Tal cenário impulsionou a migração dos Irmãos Maristas para outros países (Batista, 2022). A Lei Goblet representou um marco na reconfiguração do sistema educacional francês e teve um impacto significativo na expansão global da Congregação.

Além disso, a exigência do serviço militar para membros de ordens religiosas refletiu a política de secularização do Estado francês, que buscava reduzir a influência das instituições religiosas na sociedade e promover a igualdade de deveres entre todos os cidadãos. Como consequência, religiosos passaram a ser convocados para o serviço militar, enfrentando o desafio de conciliar suas vocações espirituais com as obrigações impostas pelo Estado.

Apesar dessas dificuldades, Nunes (2006) explica que o Irmão Théophane promoveu importantes reformas, incluindo a criação do Segundo Noviciado, que ampliou para dez anos o período de formação dos Irmãos. Paralelamente, o Instituto manteve sua expansão global, fundando novas missões e instituições educacionais em diversas regiões. Dentre elas:

[...] Ilhas Seicheles (1884), Canadá (1885), Espanha, Estados Unidos e Itália (1886), Ilhas Fiji, Ilhas Samoa e Dinamarca (1888), Colômbia e México (1889), China (1891), Arábia (Aden) e Turquia (1892), Portugal (1895), Brasil (1897), Egito (1898), Iraque (1902), Cuba e Argentina (1903), Síria, Novas Hébridas, Iugoslávia (Então Turquia) e Bulgária (1905). Porém, algumas dessas experiências não obtiveram sucesso, como as da Síria (1897) e da China (1900). (Nunes, 2006, p. 59).

Somada às novas missões, em 1902 o Instituto Marista funda a editora FTD, cujas iniciais homenageiam Frère Théophane Durand, com o objetivo de produzir materiais didáticos de qualidade para as instituições de ensino maristas e outras escolas. A atuação do Irmão Théophane foi marcada por uma gestão resiliente e visionária, que permitiu ao Instituto Marista ampliar sua presença educativa em âmbito internacional (Nunes, 2006).

Em 1903, a promulgação da legislação que extinguiu as Congregações Educativas na França, seguida pela circular de Emile Combes⁶⁷ (1835–1921), Ministro do Interior e dos Cultos, resultou no fechamento dos estabelecimentos do Instituto dos Irmãos Maristas. Consequentemente, a sede da congregação foi transferida para Grugliasco⁶⁸, Turim, norte da Itália, marcando um período de instabilidade e desafios para a instituição (Nunes, 2006).

Sob o generalato do Irmão Stratonique (1907-1920), o Instituto Marista prosseguiu sua expansão global, estabelecendo novas missões em diversas regiões: Grécia (1907), Peru (1908),

⁶⁷ Emile Combes, foi primeiro-ministro da França, entre 7 de Junho de 1902 a 24 de Janeiro de 1905. Cf. BRITANNICA, Enciclopédia. **Émile Combes**: político francês. Político francês. 2025. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Emile-Combes>. Acesso em: 27 nov. 2025.

⁶⁸ Grugliasco serviu como uma nova base para as atividades da Congregação até 1961.

Romênia (1909), Chile, Congo Belga, Ceilão e Madagascar (1911), Marrocos Espanhol (1912) e Alemanha (1913). Este período caracterizou-se por um significativo crescimento geográfico, evidenciando a capacidade da Congregação em responder aos desafios da evangelização e da educação em contextos culturais diversos.

Em meio a esse cenário de intensa missão e adaptação, o próprio Irmão Stratonique expressou uma confiança profunda na proteção divina, ao declarar: “Por que a divina Providência, que cuidou de nós até hoje, não tomará cuidado de nós no futuro?” (Landry, 2016, p. 274). Essa afirmação revela a fé resiliente que sustentou a Congregação diante das incertezas e dificuldades próprias de uma expansão internacional, reforçando o sentido de missão guiada não apenas por planejamento humano, mas por uma confiança providencial.

A transferência da sede da congregação para Roma, em 1961, representou um marco simbólico e estratégico na história do Instituto. Desde 1903, após a promulgação da legislação francesa que suprimiu as Congregações Educativas, e da circular de Émile Combes, que ordenou o fechamento dos estabelecimentos maristas na França, a Casa Geral havia sido forçada a deixar *Saint-Genis-Laval* e se instalar em Grugliasco, na Itália (Nunes, 2006).

Esses eventos, longe de restringirem o Instituto, impulsionaram sua expansão internacional, conforme registrado no *Bulletin de L’Institut* pelo Irmão Jules Victorin em 1958 (Nunes, 2006, p. 62), ao afirmar:

O décimo Capítulo Geral (o oitavo em Saint-Genis-Laval) marca uma virada na história do nosso Instituto. Pelos acontecimentos ocorridos na França neste ano de 1903, a Congregação, desde então em luta com enormes dificuldades no país que a vira nascer e com novo “*élan*”, base de uma prosperidade nunca imaginada, pela fundação sucessiva de estabelecimentos em numerosos países do globo, dando assim à nossa família religiosa um caráter universal.

Essa afirmação mostra que o X Capítulo Geral marcou uma virada na história do Instituto, conferindo-lhe um “*novo élan*” e um caráter universal, a partir da fundação de obras em diversos países. Nesse contexto, a instalação definitiva em Roma, próxima aos centros decisórios da Igreja, reforçou sua identidade global e a conexão com a missão da Igreja universal. O novo complexo erguido na região da Exposição Universal de Roma (EUR) refletiu não apenas um avanço estrutural e funcional, mas também a consolidação da Congregação como ator relevante na educação católica internacional, conforme destaca Nunes (2006), ao ressaltar o papel do Instituto na superação de adversidades e na atualização de sua proposta educativa às exigências contemporâneas.

Destaca-se ainda que o novo complexo (Figura 23) foi construído em um terreno de 55.000 m², situado na EUR, conforme as tendências arquitetônicas e funcionais da época. A área havia sido originalmente planejada para abrigar o Ministério da Agricultura e das Florestas. A inauguração do edifício, em 1961, simbolizou a adaptação da Congregação às novas demandas contemporâneas⁶⁹.

Figura 23 – Casa-Mãe da Congregação Marista atual em Roma, Itália



Fonte: MARISTA BRASIL. **Casa Geral – Memorial Marista**. Disponível em: <https://marista.org.br/MemorialNovo/casageral/index.htm>. Acesso em: 15 set. 2024.

Durante a década de 1960, a EUR também se destacou por sediar os Jogos Olímpicos de Roma⁷⁰, reforçando sua relevância tanto para a Congregação quanto para a cidade. Nesse contexto, a nova Casa Geral em Roma consolidou-se como um marco significativo na história dos Maristas, simbolizando sua resiliência e capacidade de adaptação ao longo do tempo.

A instalação da sede geral da Congregação em Roma contribuiu para o fortalecimento de sua governança institucional, ao favorecer dinâmicas de coordenação global entre as

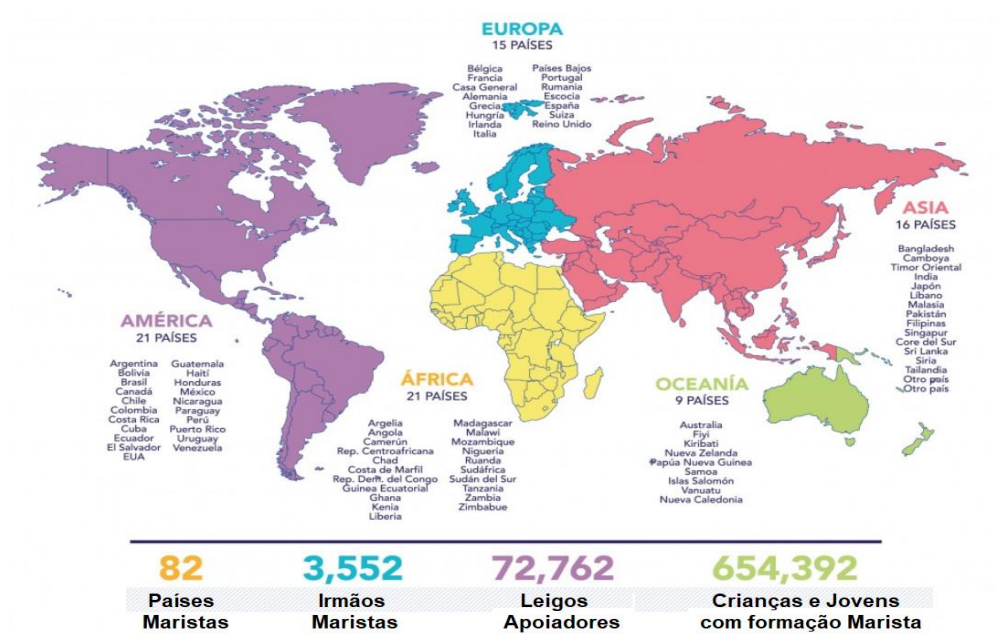
⁶⁹ Disponível em: <https://champagnat.org/pt/instituto-marista/casa-geral/> Acesso em: 15 set. 2024.

⁷⁰ Essa informação pode ser ilustrada com essa página, 8/9/1960: Roma, Capital dos Primeiros Jogos Paralímpicos da História - Roma Pra Você. Nesta é possível ver que na década de 1960, o EUR ganhou ainda mais destaque ao sediar parte das competições dos Jogos Olímpicos de Roma de 1960, além de ter sido palco principal dos primeiros Jogos Paraolímpicos da História, realizados na clínica de reabilitação em Ostia, nas proximidades. A infraestrutura moderna e a arquitetura monumental tornaram o EUR símbolo de modernidade e prestígio urbano.

províncias e viabilizar estratégias mais integradas para a atuação educativa e pastoral em diferentes contextos socioculturais.

A Figura 24 ilustra, por meio de um mapa-múndi, a projeção geográfica alcançada pela Congregação Marista a partir dessa reorganização institucional. Nela é possível visualizar a presença marista em mais de 80 países distribuídos pelos cinco continentes, evidenciando a amplitude da missão iniciada por Champagnat e consolidada por seus sucessores ao longo do século XX.

Figura 24 – Presença dos Maristas no mundo – 5 continentes – 82 países



Fonte: MARISTAS URUGUAI. **Colegio Zorrilla – Montevideu.** Disponível em: <https://zorrilla.maristas.edu.uy>. Acesso em: 25 nov. 2025.

Diante de sua projeção internacional, a consolidação da presença marista em diferentes países possibilitou à Congregação expandir suas ações para além da Europa, alcançando novos territórios e culturas. Nesse movimento, destaca-se o Brasil, cuja trajetória foi marcada por desafios, mas também por significativas contribuições de uma educação orientada pelos princípios maristas.

2.3 DA FUNDAÇÃO À EXPANSÃO GLOBAL DOS PEQUENOS IRMÃOS DE MARIA

A chegada de congregações religiosas ao Brasil, incluindo a Congregação Marista, foi inicialmente impulsionada por apelos do episcopado, que buscava fortalecer o processo de

romanização da Igreja no país. Essas instituições europeias foram encarregadas da administração de paróquias, da gestão de santuários de devoção, da condução de missões populares e da educação da juventude.

Os Maristas, com sua experiência consolidada em escolas francesas, integraram-se a esse projeto, desempenhando papel significativo na educação ao assumirem a direção de colégios diocesanos e escolas paroquiais. Atuando como missionários, tornaram-se a principal base da educação voltada às elites brasileiras, sendo raro encontrar institutos religiosos alheios à esfera educacional (Barone, 2008).

Segundo Etges (2014), nas duas últimas décadas do século XIX, o Brasil passou por um período de transição e profundas transformações, marcado pela queda do regime monárquico e pela instauração da República. O Segundo Império (1840–1889), sob o governo de D. Pedro II, enfrentou conflitos internos como a Revolta dos Farrapos e a Revolta da Praieira⁷¹, que expressaram a insatisfação com a centralização do poder e a busca por maior autonomia política.

O regime de trabalho escravo predominava, especialmente nas lavouras de café, mas começou a ser desestabilizado com a proibição do tráfico de escravos em 1845, impulsionada pela Lei Bill Aberdeen⁷². Para suprir a crescente escassez de mão de obra, o governo imperial incentivou a imigração europeia, especialmente de italianos, resultando na chegada de cerca de três milhões de imigrantes entre 1870 e 1910. Esses imigrantes, majoritariamente católicos, contribuíram para o fortalecimento da presença da Igreja Católica no país.

Etges (2014) também explica que, a partir de 1870, diversos movimentos anunciavam a iminente queda do Império, como as crescentes pressões pela abolição da escravidão e a intensificação da questão militar, que culminariam na Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889. A separação entre Igreja e Estado instaurou um novo cenário sociopolítico, desafiando a hegemonia católica, que respondeu com a criação de novas escolas e instituições educativas.

⁷¹ A Revolta dos Farrapos (1835-1845): conflito de caráter republicano e separatista ocorrido no Rio Grande do Sul, motivado por questões econômicas e políticas, especialmente a insatisfação dos estancieiros com a taxaço do charque nacional; Revolta da Praieira (1848-1850): ocorre em Pernambuco, marcada por reivindicações liberais e nacionalistas, como o fim do monopólio comercial dos portugueses e maior participação política da população.

⁷² A Lei Bill Aberdeen, em referência ao então secretário britânico das Relações Exteriores, lorde Aberdeen, foi promulgada pelo Parlamento Britânico, em 8 de agosto de 1845, autorizava a Marinha Real a apreender navios brasileiros suspeitos de envolvimento no tráfico de escravos e a julgar os tripulantes em tribunais britânicos. Essa medida visava intensificar os esforços para abolir o comércio transatlântico de escravos, especialmente devido à inércia do governo brasileiro em coibir essa prática. A lei gerou tensões diplomáticas entre o Reino Unido e o Brasil, sendo considerada uma afronta à soberania brasileira. Como resultado da pressão britânica, o Brasil promulgou a Lei Eusébio de Queirós em 1850, proibindo o tráfico de escravos no país.

A educação católica, que inicialmente seguia o modelo luso-brasileiro, passou a adotar uma orientação mais europeia, impulsionada pela atuação de diversas ordens religiosas, como os Maristas. Esse movimento criou um ambiente propício à expansão da educação confessional e à introdução de novas práticas pedagógicas.

A partir da década de 1890, diversas congregações religiosas europeias migraram para a América Latina em resposta às políticas de laicização promovidas por países como França e Itália, que restringiram a atuação de religiosos em escolas e hospitais. Expulsas de seus países de origem ou institucionalmente limitadas, muitas dessas congregações encontraram na América Latina – em especial no Brasil – um campo fértil para a evangelização e a atuação educativa (Bittencourt, 2017).

Nesse contexto, a Igreja Católica, fragilizada na Europa e em processo de reorganização sob o pontificado de Leão XIII (1878–1903), passou a investir estrategicamente no continente americano, buscando responder tanto às demandas internas de reforma quanto às carências sociais e educacionais das populações locais. O Brasil, recém-saído do regime imperial e com um clero enfraquecido, apresentava enorme demanda por instituições religiosas e por educação, especialmente nas regiões interioranas (Bittencourt, 2017).

É nesse cenário que, em 18 de outubro de 1897, os Irmãos Maristas chegaram ao Brasil. Segundo Boschilia (2018, p. 104):

[...] a vinda dos maristas para o Brasil, a convite dos jesuítas, ocorreu num momento delicado para a Igreja e significou uma colaboração importante ao movimento reformista, especialmente no sentido de contrapor-se ao ensino leigo proposto pelo regime republicano de inspiração positivista.

Muitos desses religiosos transferiram sua experiência de ensino da Europa sem considerar as especificidades do Brasil, resultando em colégios voltados principalmente à burguesia rural que buscava uma educação similar à europeia. As escolas católicas se concentraram, principalmente, em áreas urbanas e regiões com significativa imigração europeia (Etges, 2014).

Por outro lado, de acordo com os arquivos do Colégio Marista, a vinda dos maristas ao Brasil não foi fruto de um convite dos jesuítas, mas sim do bispo, Dom Silvério Gomes Pimenta⁷³ (Figura 25), ao superior geral da ordem, na época, Irmão Théophane (Centro de Estudos Maristas, [s.d.]); Batista, 2022).

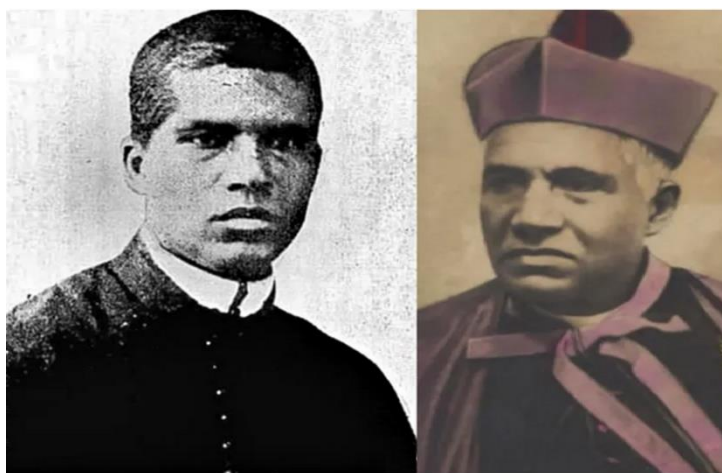
⁷³ Nascido em Congonhas do Campo em 1840, Silvério conheceu cedo a dureza da vida. Órfão de pai aos quatro anos, sustentou a mãe e os irmãos até ingressar no Seminário de Mariana. Ali brilhou como aluno e, pouco depois, como professor de latim, filosofia e história. Em 1862, foi ordenado sacerdote por Dom Viçoso, bispo a quem

O fato teria ocorrido, durante uma viagem a Roma, em 1896, na qual Dom Silvério protagonizou esse episódio marcante para a história da educação católica no Brasil. Na oportunidade, visitou a Casa Geral dos Irmãos Maristas e solicitou, com insistência, a destinação de religiosos para atuar em sua diocese. O pedido de Dom Silvério recebeu o apoio decisivo do cardeal Rampolla, então secretário de Estado do papa Leão XIII, assegurando a viabilidade do projeto. (PMBCN, 2025b).

Além da autoridade episcopal, a proximidade pessoal de Dom Silvério marcou os irmãos na época, que guardaram memórias das visitas inesperadas à comunidade, nas quais partilhava momentos simples, dando-lhes atenção paternal. Dom Silvério representava mais que um líder espiritual, “*um verdadeiro pai e guardião da missão*” (PMBCN, 2025b).

Independentemente de quem fora o convite, desde sua chegada, com o apoio da Sé, os maristas se tornaram colaboradores fundamentais da Igreja, especialmente no contexto da educação católica, intensificando sua atuação após a separação entre Igreja e Estado, decretada pelo governo republicano em 1890 (Oliveira, 2023). Nesse cenário, a Congregação assumiu papel estratégico na preservação da identidade religiosa do ensino, contribuindo para a difusão de valores cristãos em meio às transformações políticas e sociais do país.

Figura 25 – Dom Silvério Gomes Pimenta



Fonte: PMBCN (2025b).

dedicaria sua célebre biografia: *Vida de Dom Viçoso*. Sua inteligência e capacidade pastoral logo o destacaram: tornou-se bispo auxiliar em 1890 – o primeiro sagrado após a proclamação da República – e, em 1897, assumiu como bispo de Mariana. Anos depois, em 1906, seria elevado a arcebispo, quando a diocese passou a arquidiocese. Literato refinado, dominava o latim, o grego, o hebraico e várias línguas modernas. Suas cartas pastorais, poesias e artigos de imprensa o conduziram à Academia Brasileira de Letras, em 1919, tornando-se o primeiro prelado brasileiro a ocupar uma cadeira naquela casa. Cf. PROVÍNCIA MARISTA BRASIL CENTRO-NORTE (PMBCN). Há 103 anos partia Dom Silvério Gomes Pimenta, o arcebispo que abriu caminhos para os Maristas no Brasil. **Província Marista Brasil Centro-Norte**, 3 set. 2025b. Disponível em: <https://pmbcn.org.br/ha-103-anos-partia-dom-silverio-gomes-pimenta/> Acesso em: 3 set. 2025.

No momento da chegada dos Irmãos Maristas ao Brasil, como foi explicado por Etges (2014), e também destacado por Batista (2022), o Brasil apresentava um cenário político e econômico favorável, caracterizado pela recente Proclamação da República (1889), que trouxe maior liberdade religiosa, e, incentivo à educação. Além de um contexto de crescimento econômico impulsionado pela expansão cafeeira e pela urbanização.

Desta forma, os primeiros Irmãos Maristas ao chegarem ao país, estabeleceram-se, para sua primeira missão, em Congonhas do Campo, Minas Gerais, por meio de um grupo formado por sete Irmãos franceses – Irmão Luís Anastácio; Mons. Cândido Veloso; Irmão Julio Andrônico (sentados), Irmão Afonso Estevão, Irmão Basílio, Irmão, Aloysio e Irmão João Alexandre Basílio, Aloísio e João Alexandre (de pé) – que juntos (Figura 26)⁷⁴ fundaram a primeira instituição Marista no país (Oliveira, 2023).

Figura 26 – Fundadores do Marista no Brasil



Fonte: Portal Feedobem (2025).

Os Irmãos Maristas foram recebidos em Congonhas do Campo com:

[...] bastante festa por parte da população que ansiava por aquele tão esperado momento. As suas funções como Irmãos Maristas aqui em Minas gerais, não eram nada fáceis, pois em pleno século XIX, a respectiva religião vivia as consequências da explosão desenfreada do outro, o que gerou uma grande desigualdade social. Mas o desejo e a vontade vocacional falaram mais altos e com o passar do tempo às diferenças culturais e religiosas foram sendo

⁷⁴ PORTAL FEEDOBEM. **A História de São Marcelino Champagnat e a Rede Marista**. Disponível em: <https://feedobem.com/a-historia-de-marcelino-champagnat-e-a-rede-marista/>. Acesso em: 5 set. 2025.

amenizadas. A população retribuía aos poucos os ensinamentos dos irmãos, pois a dificuldade da língua, de valores e crenças foi lentamente sendo adaptadas conforme as necessidades. Assim os novos mestres recém chegados em Minas Gerais, puderam ensinar e aprender diversos valores daquela região tão necessitada de projetos e ações sociais (Colégio Marista de Pato de Minas, [s.d.]).

Pode-se entender que essa realidade revela não apenas os desafios enfrentados pelos Irmãos Maristas em sua missão evangelizadora e educativa, mas também evidencia o contexto social e político do Brasil da época. No final do século XIX, o país passava por intensas transformações, como a transição do Império para a República (1889)⁷⁵, a separação oficial entre Igreja e Estado⁷⁶ (1890) e a emergência de novas demandas sociais e educacionais⁷⁷, sobretudo em regiões mais interioranas como Minas Gerais. Nesse cenário, a presença dos Irmãos Maristas em Congonhas do Campo assume um papel estratégico, pois visava suprir a carência de instituições de ensino e formação cristã, especialmente em áreas com dificuldades de acesso a políticas públicas de educação.

Pode-se interpretar nesta citação que a atuação dos primeiros Irmãos, marcada pela superação de barreiras linguísticas, culturais e religiosas, demonstra a força do carisma fundacional herdado de São Marcelino Champagnat, que via na educação um caminho para a transformação social e o fortalecimento da fé (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008). Além disso, segundo a Equipe Marista Interprovincial de Reflexão – EMIR⁷⁸ (1997), a chegada ao

⁷⁵ A Proclamação da República, ocorrida em 15 de novembro de 1889, marcou o fim da monarquia brasileira e o início do regime republicano, influenciado por ideias positivistas e por um movimento militar liderado pelo Marechal Deodoro da Fonseca. Essa transição também levou à separação entre Igreja e Estado, com implicações diretas para a atuação de congregações religiosas no país.

⁷⁶ A “separação oficial entre Igreja e Estado” ocorreu com a Constituição de 1891, após a Proclamação da República (1889). Estabeleceu-se o princípio do Estado laico, garantindo liberdade de culto e determinando que a Igreja não teria mais vínculos formais com o governo, nem privilégios legais ou financeiros. Essa medida impactou diretamente a educação, obrigando escolas religiosas, como os colégios Maristas, a organizar e manter sua própria rede educativa de forma independente do Estado.

⁷⁷ As novas demandas sociais e educacionais do final do século XIX incluíam a necessidade de alfabetização básica para a população, a formação de professores, a expansão de escolas públicas, a organização do ensino técnico e profissionalizante, e a adaptação do sistema escolar às mudanças políticas e econômicas do país. Em regiões interioranas, como Minas Gerais, havia também a demanda por instituições privadas e religiosas que oferecessem educação de qualidade, suprimindo lacunas deixadas pelo Estado e promovendo a formação moral e cívica dos alunos.

⁷⁸ Equipe Marista Interprovincial de Reflexão (EMIR) é um grupo de assessoria pedagógica e pastoral que reúne Irmãos Maristas e leigos das províncias brasileiras. Sua missão é apoiar as Conferências de Provinciais na reflexão e implementação de projetos estratégicos, especialmente nas áreas de educação, espiritualidade e gestão da missão. A EMIR atua como um espaço de colaboração interprovincial, promovendo a troca de experiências e a construção coletiva de soluções para os desafios enfrentados pelas instituições maristas no Brasil. Cf. MARISTAS DE CHAMPAGNAT (Brasil) (ed.). **Entrevista com o irmão Joaquim Panini**: a missão compartilhada, irmãos e leigos. Boletim marista (2001 – 2008). 2007. Disponível em: <https://champagnat.org/pt/biblioteca/boletim-marista-2001-2008/> Acesso em: 20 nov. 2025.

Brasil foi também um momento de grande expectativa para os Irmãos Maristas, pois representava a oportunidade de colocar em prática os ensinamentos de Champagnat e de difundir seu legado em território nacional.

A cidade de Congonhas do Campo foi a primeira, no Brasil, a receber os Irmãos Maristas. A missão inicial consistiu em assumir o Colégio do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos (Figura 27), marco do início da trajetória dos Irmãos como educadores no país.

Erguido no alto de uma colina, o Santuário do Bom Jesus do Matosinhos é, sem dúvida, uma imagem de destaque na paisagem cênica de Congonhas. No adro desse belo santuário, encontra-se o magnífico conjunto estatutário produzido por Aleijadinho, com a ajuda de seus ateliês, destacado como uma de suas grandes obras. A história desse templo está ligada à mineração, visto que foi Feliciano Mendes, minerador, quem, ao alcançar uma graça rogada ao Bom Jesus, prometeu construir a igreja (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

Figura 27 – Santuário do Bom Jesus de Matosinhos – Congonhas do Campo



Fonte: Colégio Marista de Patos de Minas (2008).

A resistência inicial, motivada pelas diferenças culturais e pela ausência de uma tradição escolar estruturada, foi gradualmente sendo substituída por um processo de aproximação entre os religiosos e a população local. O acolhimento caloroso da comunidade de Congonhas, descrito pelo Colégio Marista (2008), simbolizava a esperança depositada na missão dos maristas, cujas ações ultrapassavam o ensino formal, envolvendo também projetos sociais e iniciativas pastorais. Assim, os primeiros Irmãos Maristas no Brasil puderam ter contato inicial com sua primeira turma, composta por 40 alunos, que “aguardavam ansiosos pelos novos mestres, pois tudo era novo” (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008, p. 3).

A ansiedade não foi sentida apenas pelos alunos, mas também pelos irmãos, que estavam em um país diferente, com uma língua distinta. Desconheciam a índole dos alunos, não sabiam que classes assumiriam, que disciplinas iriam lecionar e, assim, viram-se de improviso diante dos estudantes. Sentiam-se, de certa forma, desconfortáveis e nervosos, faltando-lhes até mesmo palavras para se expressarem em português (EMIR, 1997).

A escola enfrentou desafios significativos, como barreiras linguísticas, a rigidez do modelo disciplinar europeu — que contrastava com a cultura local — e dificuldades econômicas, já que sua sustentabilidade dependia das rendas do santuário local (Oliveira, 2023). No entanto, a coragem e a determinação desses irmãos fizeram com que, aos poucos, todos esses desafios fossem superados, recobrando o ânimo e renovando as esperanças. Passaram a se engajar melhor, dominaram a situação e colocaram em prática a gênese educacional marista (EMIR, 1997).

O resultado, já esperado, foi que a educação marista passou a ser admirada e, com grande velocidade, a obra de Champagnat se espalhou por diversos estados do Brasil. Atrelada a esse crescimento, surgiu a necessidade de organizar e estruturar melhor a presença dos irmãos no país. Foi então criada a Província do Brasil Central, em 10 de março de 1908, cujo território abrangia sete estados – Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Dessa forma, passaram a ser edificadas, em diversos lugares do país, várias obras do carisma de Champagnat – colégios, casas provinciais, faculdades. Essas novas construções serviram de alicerce para uma ampla missão vocacional de novos Irmãos Maristas e de reforço aos que iam compondo a “Família Champagnat” no Brasil (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

Posteriormente, outros grupos de irmãos estabeleceram-se em diferentes regiões do Brasil. Em 1900, a Província de *Beaucamps*⁷⁹ enviou missionários para Bom Princípio, no Rio

⁷⁹ A Província de Beaucamps, localizada na região de Lille, no norte da França, foi uma das primeiras divisões administrativas da Congregação dos Irmãos Maristas. Criada no final do século XIX, tinha a responsabilidade de

Grande do Sul, atendendo ao pedido de colonos alemães que buscavam oferecer educação de qualidade a seus filhos. Em 1908, a Província de Aubenas⁸⁰ enviou Irmãos para Belém do Pará, expandindo a presença Marista no país. Essas foram iniciativas que resultaram na criação de três províncias maristas no Brasil: Província do Brasil Central, em Minas Gerais; Província do Brasil Meridional, no Pará; e Província do Brasil Setentrional, no Rio Grande do Sul (Oliveira, 2023).

Entre as três províncias, destaca-se a iniciativa do grupo originário da Província de Varennes⁸¹, que chegou ao país em 1897 e investiu em um projeto específico de produção de livros didáticos. Esse grupo atuou inicialmente em Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, expandindo-se posteriormente para o Paraná e Santa Catarina. A escolha dessas regiões deveu-se a fatores estratégicos, como relevância econômica, política, social e cultural, além do apoio de intelectuais locais interessados nos projetos educacionais Maristas (Oliveira, 2023).

Entre 1899 e 1909, houve um aumento significativo no número de instituições Maristas no Brasil. Algumas delas, como o Colégio Marista Arquidiocesano e o Colégio Marista Glória, ambos em São Paulo, ainda estão em atividade em 2025⁸². Nesses colégios, os Maristas priorizavam uma educação tradicional, focada na formação religiosa e intelectual, além de valorizar a formação cívica e atividades esportivas. O lema “*mens sana in corpore sano*” (“mente sã em corpo sã”)⁸³ refletia a importância do equilíbrio entre corpo e mente, central na filosofia educacional Marista (Etges, 2014).

Os colégios maristas foram primordiais para a formação de intelectuais católicos, que posteriormente integrariam os quadros da própria Igreja, defendendo seus ideais, ou ocupariam posições de destaque na sociedade. Essa relação foi benéfica para ambas as partes: enquanto os

organizar a formação e a missão dos religiosos em diversos países. A partir dela partiram os primeiros grupos de missionários destinados ao Brasil, chegando em 1900 ao município de Bom Princípio, no Rio Grande do Sul, onde iniciaram a obra educativa marista no país.

⁸⁰ A Província de Aubenas, situada no sul da França, foi criada pela Congregação dos Irmãos Maristas no início do século XX para administrar comunidades religiosas e enviar missionários. Em 1908, dessa província partiram os Irmãos destinados a Belém do Pará, dando continuidade ao processo de expansão da obra marista no Brasil, especialmente voltada à educação e evangelização da juventude.

⁸¹ A Província de Varennes, localizada na região de Rhône-Alpes, na França, foi uma das primeiras estruturas administrativas da Congregação dos Irmãos Maristas. Em 1897, dela partiu o grupo de religiosos que chegou ao Brasil, estabelecendo as bases iniciais da missão marista no país e contribuindo para a difusão do carisma de São Marcelino Champagnat por meio da educação cristã.

⁸² Conforme verificado em: Página Inicial - Colégio Marista Arquidiocesano Colégio Marista Arquidiocesano - Educação que transforma; e também em: Arquivo de São Paulo - Colégios Marista.

⁸³ O lema “*mens sana in corpore sano*” (“mente sã em corpo sã”) foi escrito pelo poeta romano Juvenal (Décimo Júnio Juvenal), no final do século I ou início do século II d.C., na Roma Antiga. Essa frase aparece na Sátira X (verso 356), uma das obras mais conhecidas de Juvenal, em que ele critica os desejos humanos fúteis e defende que, em vez de buscar riquezas ou poder, as pessoas deveriam desejar uma mente sã em um corpo sã — ou seja, equilíbrio entre saúde mental e física. Com o tempo, esse trecho se tornou um lema muito popular em áreas como educação, esportes e filosofia, especialmente por representar a ideia de desenvolvimento integral do ser humano.

maristas fortaleciam e expandiam seus projetos, os intelectuais recebiam apoio para divulgar seus nomes e obras, seja por meio de publicações didáticas da Coleção FTD⁸⁴ ou em documentos institucionais (Oliveira, 2023).

Com a aproximação da Igreja e do Estado a partir de 1920, as escolas Maristas passaram a se alinhar ainda mais com os valores do governo, promovendo a educação católica e buscando apoio público. A necessidade de professores qualificados levou à inclusão de leigos nas escolas, embora todos tivessem que ter uma formação sólida e valores cristãos (Etges, 2014). Assim, a partir da década de 1920, muitos desses intelectuais, além de serem ex-alunos, mantinham correspondência regular com os maristas. Eles estavam envolvidos nos debates educacionais da época, defendendo suas ideias, participando de movimentos, transitando por diferentes espaços sociais e produzindo obras literárias e didáticas (Oliveira, 2023).

Acrescenta Oliveira (2023) que no decorrer da década de 1920, com o declínio da República Velha⁸⁵, surgiram movimentos culturais como o Modernismo nas artes e letras, além de iniciativas voltadas para a educação laica, pública e obrigatória, visando à formação do cidadão e da nação brasileira. Além disso, o alto índice de analfabetismo, que alcançava 75% da população em 1920, refletia o elitismo e a lentidão do processo de escolarização no Brasil republicano. Nesse contexto, educadores influenciados pelas ideias da Escola Nova tiveram papel fundamental na criação da Associação Brasileira de Educação (ABE), espaço de engajamento intelectual em prol da educação.

De acordo com Etges (2014), durante a Era Vargas (1930 a 1945), a educação marista adaptou-se a novas exigências. O aumento da urbanização e a busca por educação de matriz europeia elevaram a demanda por escolas, resultando em um crescimento significativo das matrículas. Assim, a instituição se viu obrigada a ampliar a formação de seus professores e a criar faculdades, como o Colégio Nossa Senhora do Rosário, que deu origem à futura Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Etges, 2014).

⁸⁴ A Coleção FTD refere-se a uma série de livros didáticos publicados pela Editora FTD, fundada pelos Irmãos Maristas em 1902 no Brasil. O nome “FTD” vem das iniciais do lema latino *Frère Théophile Durand*, em homenagem ao superior geral da Congregação Marista à época. Essa coleção se destacou por fornecer materiais educacionais amplamente utilizados nas escolas católicas, com ênfase em valores cristãos e formação acadêmica de qualidade. Os livros da coleção contribuíram para a difusão das ideias educacionais dos maristas e ajudaram a consolidar a presença da congregação no sistema educacional brasileiro (Barone, 2008, *op. cit.*).

⁸⁵ O declínio da República Velha (1889–1930) intensificou-se na década de 1920 devido a uma combinação de fatores políticos, econômicos e sociais. A crise do modelo político oligárquico – marcado pela política do café com leite e pelo coronelismo – começou a perder sustentação diante das tensões geradas pela urbanização, pelo crescimento da classe média, pelo fortalecimento do operariado e pelo surgimento de novos grupos políticos, como os tenentistas. Greves operárias, o desgaste do sistema eleitoral e a insatisfação com a hegemonia das elites agrárias paulistas e mineiras criaram um ambiente propício a mudanças. Esse processo culminou com a Revolução de 1930, que pôs fim à República Velha e levou Getúlio Vargas ao poder.

De acordo com Oliveira (2023), Minas Gerais se destacou como um território atraente para os maristas e outras congregações religiosas, especialmente entre os séculos XIX e XX, quando o bispado local desempenhou um papel central na disseminação do pensamento conservador católico e na promoção da educação católica. Após a fundação de instituições em Congonhas do Campo (1897) e Uberaba (1903), os maristas estabeleceram colégios em Varginha (1918), Poços de Caldas (1936) e, na década de 1950, em Belo Horizonte (1950), Montes Claros (1957) e Patos de Minas (1959). Esses colégios mantiveram sua presença e legitimidade na educação em Minas Gerais, integrando-se às obras da Coleção FTD.

A atuação marista no Brasil abrange diversas áreas, incluindo instituições de Ensino Superior (como a Universidade Marista de São Paulo – UMESP), Educação Básica (como o Colégio Marista Champagnat, em Franca, SP), unidades sociais (como o Instituto Marista de Solidariedade), meios de comunicação (como a TV Marista), editoras (como a Editora Marista), hospitais (como o Hospital Marista de Goiânia) e centros de pastoral e juventude (como os Centros Maristas de Juventude – CMJs). Essa presença representa cerca de 40% da atuação marista em todo o mundo. Assim como ocorre em outras congregações religiosas, a Congregação Marista está organizada em unidades denominadas “Províncias”, que representam divisões territoriais e administrativas. Cada província é responsável por coordenar a missão, a vida comunitária e as obras maristas em determinada região geográfica, em conformidade com as diretrizes do Instituto Marista, com sede em Roma.

No Brasil, conforme Figura 28, existem três províncias: a PMBCN, que abrange todos os estados da Região Nordeste, além de Tocantins, Pará, Goiás e o norte de Minas Gerais, a qual o Colégio Marista de Patos de Minas pertence; a PMBCS, que inclui os estados do Sudeste, juntamente com Paraná, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul, originada da fusão entre a Província de São Paulo e a Província de Santa Catarina; e a Província Marista Brasil da Sul-Amazônia (PMBSA)⁸⁶, abrangendo Rio Grande do Sul e várias localidades na região amazônica (Batista, 2022).

⁸⁶ A Província Marista Brasil Sul-Amazônia foi anteriormente conhecida como Província Marista do Rio Grande do Sul, mas teve seu nome alterado com a ampliação de sua atuação para os estados do Amazonas e do Mato Grosso, refletindo seu novo alcance geográfico e missão evangelizadora. Dentro dessa província está incluído o Distrito Marista da Amazônia, que funciona como uma unidade administrativa vinculada à Província Sul-Amazônia. O distrito tem um caráter missionário e se dedica prioritariamente à atuação em regiões com maior vulnerabilidade social e menor presença da Igreja, como comunidades ribeirinhas e indígenas. Cf. REDE MARISTA BRASIL. **Quem somos:** Províncias e Distrito Marista. Disponível em: <https://marista.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 04 ago. 2025.

Figura 28 – Localização dos Irmãos Maristas no Brasil: Províncias e Distrito



Fonte: UMBRASIL – UNIÃO MARISTA DO BRASIL

Essa organização em províncias, em nível nacional, também visa otimizar a gestão de hospitais, escolas, universidades e veículos de comunicação associados à congregação. Entre as instituições destacadas estão: a ampla rede de colégios maristas em todo o Brasil; as Escolas Champagnat; as Escolas Sociais Maristas; o Hospital São Lucas, localizado em Porto Alegre; a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e a Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR); o Instituto do Cérebro do Rio Grande do Sul (InsCer); o Hospital Universitário Cajuru (HUC) e o Hospital Marcelino Champagnat (HMC), em Curitiba-PR. Em outubro de 2005, foi criada, em Brasília, uma entidade de direito privado destinada a coordenar as atividades da ordem religiosa, conhecida como UMBRASIL (Batista, 2022).

Na educação básica, os maristas atendem muitos alunos em todo o Brasil, cuja missão é caracterizada por uma colaboração estreita entre irmãos, leigos e leigas, que compartilham a responsabilidade na administração de cada uma das instituições. Essa parceria se manifesta na corresponsabilidade em suas atividades e na vivência conjunta da espiritualidade legada por São Marcelino Champagnat (UMBRASIL, 2010).

A UMBRASIL, associação das Províncias Maristas do Brasil (PMB), atua como uma organização jurídica de direito privado no terceiro setor, voltada para instituições sem fins lucrativos. Ela visa articular e fortalecer a presença marista no país, embasando suas ações em princípios e valores cristãos. Com uma abordagem estratégica e colaborativa, a organização se dedica a desenvolver ações e projetos conjuntos, promovendo conectividade e resultados compartilhados entre pessoas, iniciativas e serviços (Batista, 2022).

O Brasil Marista enfrenta o desafio de atender às demandas sociais contemporâneas, posicionando-se criticamente frente a questões emergentes. A educação marista atua como

instrumento de combate às injustiças e à exclusão, promovendo a participação ativa de todos e contribuindo para a formulação e implementação de políticas públicas. Diante das demandas locais e globais que caracterizam o contexto atual — além das novas dinâmicas familiares e das mudanças nas subjetividades —, as instituições educacionais do Brasil Marista precisam desenvolver, de maneira criativa, métodos e abordagens alinhados com sua missão educativa (UMBRASIL, 2010).

Segundo dados compilados por Batista (2022), naquele ano, os maristas estavam presentes em 24 estados brasileiros e em 98 municípios, contando com mais de 27 mil membros religiosos, além de um grande número de colaboradores leigos. Eles atendem mais de 80 mil alunos na educação básica e cerca de 58 mil no ensino superior. Adicionalmente, realizam mais de dois milhões de atendimentos por meio do Sistema Único de Saúde (SUS) e beneficiam mais de 30 mil pessoas com seus projetos de solidariedade (Batista, 2022). No próximo capítulo, considerando os objetivos da pesquisa, aborda-se a chegada dos maristas em Patos de Minas, MG, em um contexto histórico e cronológico, priorizando os fatos que antecedem a construção do colégio no município e as contribuições para a educação local.

3 A ARTICULAÇÃO PARA A CRIAÇÃO DE UM COLÉGIO MARISTA EM PATOS DE MINAS

Neste capítulo, busca-se contextualizar a história da cidade de Patos de Minas, local onde foi construído o Colégio Marista, objeto deste estudo. Em seguida, são apresentadas duas figuras centrais no processo de articulação para a chegada dos Irmãos Maristas ao município: Monsenhor Manoel Fleury Curado e o médico Dr. João Borges. Ambos desempenharam papéis estratégicos e complementares, mobilizando lideranças religiosas, políticas e civis em prol da criação de um colégio católico destinado à formação da juventude local.

A partir de 1951, intensificaram-se as tratativas e os contatos com a Congregação Marista, revelados por meio de correspondências e registros históricos que demonstram o empenho das lideranças locais. Esse processo culminou, em 1956, com a aprovação oficial da instalação da instituição e o consequente planejamento do início das obras, previsto para o ano de 1957.

3.1 ENTRE ÍNDIOS, BANDEIRANTES E TROPEIROS: A ORIGEM DE PATOS DE MINAS

O município de Patos de Minas, localizado no estado de Minas Gerais, integra a mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba. Segundo Antônio Oliveira Mello (1979), seu território sofreu muitas modificações desde sua criação. O governo do estado, dentro de seus interesses administrativos, realiza, periodicamente, novas divisões. Inclusive, pertenceram ao município: Presidente Olegário, Lagoa Formosa e Guimarânia. O primeiro foi desmembrado pelo Decreto-Lei Estadual nº 148, de 17 de dezembro de 1938, e os outros dois, pela Lei Estadual nº 2.764, de 30 de dezembro de 1962, tornando-se novos municípios.

Mello (1979) explica que, na ocasião, Patos ficou com cinco distritos: Distrito-Sede, Bom Sucesso de Patos, Chumbo, Major Porto e Santana de Patos. Em 1976, pela Lei nº 6.709, de 13 de maio, o governo de Minas criou mais um distrito, o de Pindaíbas, cujo território foi desmembrado de Chumbo, sendo instalado em 6 de agosto de 1977. Por fim, segundo a Prefeitura de Patos de Minas (2025), pela Lei nº 3.103, de 30 de junho de 1992, foi criado o distrito de Pilar, que foi anexado ao município. Assim, desde a divisão territorial datada de 1995, são sete distritos: Patos de Minas, Bom Sucesso de Patos, Chumbo (Areado), Major Porto, Pilar, Pindaíbas e Santana de Patos, conforme mapa da Figura 29, fornecido pela Secretaria Municipal de Planejamento (SEPLAN) da Prefeitura Municipal de Patos de Minas.

[...] por incrível que pareça, cada nome de cidade ou mesmo de simples vilarejo tem uma história curiosa a ser contada. A nossa cidade não fugiu à regra. Recebeu, primeiramente, a denominação de Arraial de Santo Antônio dos Patos da Beira do Rio Paranaíba, mencionado no mais antigo documento que se conhece a respeito. E o fato de receber o topônimo de Patos, resultou da grande quantidade de palmípedes bravios que povoavam as numerosas lagoas nesta fértil região das margens direitas do rio Paranaíba, onde mais tarde se formaria esta famosa cidade do Alto Paranaíba. (Mello, 1979, p. 80)

Mello (1979), ao fazer um estudo sobre a evolução histórica de Patos de Minas, explica que os primeiros civilizados que andaram pela região vieram com a finalidade de prender índios e fazê-los escravos para trabalhar nas lavouras em São Paulo. Esses eram muito bravos e pertenciam à tribo de Cataguá. Habitavam pacificamente a região delimitada pelos rios Grande, Paranaíba e Paracatu, sem qualquer contato com outras comunidades. Andavam por toda a região que hoje constitui três Zonas Fisiográficas do Estado: Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e Paracatu.

Por volta de 1670, essa tranquilidade é quebrada, com a chegada da primeira bandeira à região, chefiada por Lourenço Castanho Taques⁸⁹. Após luta intensa com os índios da região, na qual saiu vitorioso, seguiu pelo sertão adentro, passando por Araxá até chegar em Paracatu. Muitas outras bandeiras por ali passaram com o mesmo destino, como a do famoso Anhanguera, Bartolomeu Bueno da Silva⁹⁰. As expedições vinham de regiões diferentes: algumas de São Paulo, outras do Nordeste do país – Pernambuco, Bahia –, mas nenhuma se fixou na região.

⁸⁹ Foi um bandeirante natural de São Paulo e um dos primeiros descobridores das minas de ouro do Brasil. Lourenço Castanho Taques, de acordo com Pedro Taques de Almeida, tinha "numerosa escravatura, com lugar destinado para o labor das oficinas, em que trabalhavam os mestres e oficiais de vários ofícios, seus escravos, de que percebia os lucros dos salários que ganhavam". Além disso, em certa ocasião, Lourenço Castanho Taques organizou um protesto de todos os contratados da capitania pedindo o reescalonamento de suas dívidas em decorrência de um surto de bexigas em Santos, que, tendo obrigado a Câmara Municipal a fechar o Caminho do Mar, prejudicará o comércio. Cf. *BRASILHIS Database*. Lourenço Castanho Taques. In: **BRASILHIS Database: Personal Networks and Circulation in Brazil during the Hispanic Monarchy (1580-1640)**. Disponível em: <https://brasilhis.usal.es/en/node/12955>_Acesso em: 31 mar. 2025.

⁹⁰ Bandeirante paulista, um dos grandes exploradores do Brasil Central. O primeiro Anhanguera, conhecido como "Diabo Velho", notabilizou-se pelas enormes jornadas em terras mato-grossenses e goianas, chegando à cabeceira do rio Tocantins em 1683. A palavra tupi *Anhanguera*, quer dizer "fantasma" ou "diabo consumado". Em 1682, aos doze anos, Bartolomeu já participava de sua primeira expedição junto com seu pai, de qual herdou o apelido de Anhanguera. Cf. CASTILHO, Saulo. **Bartolomeu Bueno da Silva**. 2020. Disponível em: <https://www.infoescola.com/biografias/bartolomeu-bueno-da-silva/> Acesso em: 12 mar. 2025.

Todas seguiam para Goiás e Paracatu, atraídas pelas descobertas de minas de ouro, onde fixaram moradia e fundaram povoados (Mello, 1979).

Em sua obra, Geraldo Fonseca (1974) retrata a árdua luta travada entre os “rompedores de matos” — os bandeirantes da época — nas imediações da Farinha Podre. O autor enfatiza a figura do coronel Antônio Pires de Campos⁹¹, notório por sua crueldade e considerado o mais formidável adversário dos Caiapós, etnia indígena que exercia domínio na região paranaibana. As notícias desses confrontos violentos entre indígenas e bandeirantes ecoaram em São Paulo, propagadas por aqueles que se dirigiam aos centros minerários, os quais detalhavam os massacres infligidos pelos Caiapós. Para muitos bandeirantes que se lançaram à exploração dos sertões, o anseio por prosperidade foi abruptamente interrompido pela hostilidade dos povos originários.

Os tropeiros também desempenharam papel importante na formação do povoado da região rio Paranaíba. Luis Fernando Tosta Barbato e Yasmin Amorim Viana de Castro (2017) destacam que eles transportavam suas tropas pelo interior de Minas Gerais e faziam pausas nessa região para descanso. Às margens do rio Paranaíba, por exemplo, foram construídos ranchos que lhes serviam de abrigo. Naquela época, o oeste de Minas Gerais era dominado por densas florestas, cortadas apenas por trilhas estreitas, com poucos indícios de presença humana ao longo de grandes distâncias.

De acordo com Barbato e Castro (2017), desde meados do século XVIII, a tropa de muares foi um dos principais meios de transporte, impulsionando o crescimento econômico e social do Centro-Sul, especialmente Minas Gerais, e do Extremo-Oeste, como Mato Grosso. Para facilitar a circulação dos tropeiros, o governo da Capitania de São Paulo incentivou a abertura de caminhos conhecidos como “picadas”, como a Picada de Goiás, inaugurada em 1737, ligando Minas Gerais a Goiás. Ao longo dessas rotas, diversas sesmarias foram concedidas para a criação de pousos que oferecessem abrigo e segurança aos viajantes.

Não obstante, a presença dos indígenas Caiapós impedia o acesso de bandeirantes, tropeiros e quaisquer outros indivíduos à região. Fonseca (1974) documenta que, diante desses relatos, Luiz Mascaranhas⁹², então governador da Capitania de São Paulo, ofereceu a Ângelo

⁹¹ Bandeirante paulista, casado com Sebastiana Leite da Silva, que adentrou as terras de Mato Grosso no século XVIII à caça de índios para serem vendidos como escravos em São Paulo. Por essa razão, foi tido como o maior inimigo dos indígenas. Filho do sertanista homônimo e neto de Manuel de Campos Bicudo, descobridor das minas cuiabanas.

⁹² Luiz Mascaranhas exerceu o cargo de governador da Capitania de São Paulo entre 1749 e 1755, durante o período colonial, sendo responsável por diversas ações militares e administrativas voltadas à expansão territorial e ao enfrentamento de grupos indígenas considerados obstáculos à ocupação portuguesa.

Preto⁹³, um sertanista estabelecido em Mato Grosso, a condução de uma campanha militar contra os Caiapós. Este, a despeito de sua expertise, manifestou receio em levar a cabo a empreitada, delegando-a ao Coronel Antônio Pires de Campos⁹⁴. Assim, em 12 de outubro de 1742, foi firmado um contrato para que Pires de Campos declarasse guerra aos Caiapós, estipulando-se o pagamento de uma arroba de ouro. Para essa difícil missão, foram recrutados homens criteriosamente escolhidos, integrados a um contingente de quinhentos indígenas Bororo e munidos de considerável poder bélico. Calcula-se que, nessa primeira incursão, mais de mil indígenas Caiapós foram vitimados, possibilitando a travessia das rotas entre São Paulo e Goiás sem a ameaça de ataques indígenas.

Todavia, os Caiapós não desistiram, intensificando os embates com crescente crueldade. A intervenção de Pires de Campos tornou-se novamente indispensável, e a determinação régia de 8 de maio de 1746 o trouxe de volta, em 1748, ao território Caiapó para uma segunda campanha. Esta, em contraposição à primeira, caracterizou-se por um planejamento mais elaborado e pela concentração em localidades definidas, distinguindo-se da incursão inicial, marcada pela precipitação e pela exploração incerta do território.

Em 1751, os Caiapós obtiveram sucesso em eliminar Pires de Campos e passaram a exercer controle sobre a região, adquirindo fama de inexpugnáveis. Entretanto, gradualmente iniciaram a tolerar a presença dos colonos, chegando a ser utilizados como instrumentos por indivíduos marginais que assolavam a área — situação análoga à observada com os indígenas Bororo (Fonseca, 1974).

Por volta de 1760, o território patense começou a ser povoado por negros que vinham fugidos das minas de Goiás e Paracatu. Formaram quilombos às margens do rio Paranaíba. Esses primeiros habitantes negros tinham como objetivo fugir do chicote, do tronco e dos maus-tratos e, assim, procuravam regiões de difícil acesso. Eram negros de diferentes etnias africanas: Congos, Angola, Mina, Gegê e Moçambique. No entanto, não exerceram nenhuma influência na formação do futuro povoado (Mello, 1979).

Das diversas sesmarias que serviam de abrigo aos viajantes, uma deu origem à cidade de Patos de Minas, mencionada em registros da Picada de Goiás por volta de 1800. Segundo

⁹³ Ângelo Preto foi um sertanista luso-brasileiro atuante no século XVIII, conhecido por sua participação em expedições de conquista e repressão aos povos indígenas nos sertões do Brasil. Estabelecido na região de Mato Grosso, foi convocado por autoridades coloniais para liderar campanhas militares, como a que visava conter a resistência dos Caiapós na região da Farinha Podre.

⁹⁴ Antônio Pires de Campos foi um coronel e bandeirante atuante no século XVIII, conhecido por liderar expedições militares contra os indígenas Caiapós na região da Farinha Podre, atual Triângulo Mineiro. Sua atuação foi marcada por confrontos violentos, sendo considerado uma das figuras mais temidas e cruéis entre os sertanistas do período, a serviço da expansão colonial portuguesa e do controle das rotas comerciais e mineradoras do interior.

Mello (1979), neste ano o povoado de Santana da Barra do Espírito Santo e o sítio “Os Patos” ficaram subordinados a ele. Todo o território do atual município de Patos de Minas, localizado à direita do rio Paranaíba, pertencia à Capitania de Minas Gerais e à Comarca de Paracatu do Príncipe. O território à esquerda do mesmo rio pertencia à Capitania de Goiás e ao Julgado de São Domingos do Araxá, desmembrado do Julgado de Desemboque. Mas, em 4 de abril de 1816, pelo Alvará Régio⁹⁵, foram desmembrados da Capitania e Comarca de Goiás os julgados do Araxá e Desemboque, passando a Ouvidoria de Paracatu jurisdicionar todos território, atual Triângulo Mineiro.

De acordo com Amanda de Lima Carneiro (2018), a cidade começou a se formar na segunda década do século XIX, com a chegada dos primeiros moradores, compostos principalmente por agricultores e criadores de gado. Por volta de 1820, teve início o agrupamento de casas que daria origem, posteriormente, à atual cidade de Patos de Minas. Esse agrupamento ocorreu porque alguns desses tropeiros decidiram permanecer na região, dando origem a um pequeno povoado.

Mello (1979) descreve que os remanescentes dos gentios dos rios Grande, Paranaíba e outros da região foram todos reunidos no aldeamento de Sant’Ana do Rio das Velhas, em 1823, pelo então sargento-mor Antonio Eustáquio da Silva e Oliveira⁹⁶, desbravador da Farinha Podre. Porém, as doenças, a miscigenação de brancos e negros e os constantes maus tratos aceleraram a decadência das nações indígenas.

Mello (1979) destaca que, depois da carta de sesmaria de Afonso Manuel Pereira⁹⁷ – documento mais antigo da história patense –, é registrada escritura de doação de patrimônio feita por Antonio Joaquim da Silva Guerra e sua esposa, Luíza Corrêa de Andrade⁹⁸. A doação

⁹⁵ O Alvará Régio era um documento oficial expedido pelo rei de Portugal no período colonial, com força de lei ou autorização administrativa. Servia para conceder privilégios, nomeações, permissões ou criar normas específicas, com validade imediata. No Brasil colonial, os alvarás régios regulavam diversas áreas, como a concessão de terras, a criação de vilas, a organização da administração e da estrutura eclesiástica. Esses documentos tinham grande valor jurídico e histórico, pois demonstravam a centralização do poder nas mãos da Coroa portuguesa..

⁹⁶ Antônio Eustáquio da Silva e Oliveira foi um importante desbravador e militar do século XVIII, conhecido por sua atuação nas expedições de exploração e pacificação no interior do Brasil, especialmente na região da Farinha Podre, atual Triângulo Mineiro. Como sargento-mor, teve papel relevante nas atividades de combate e controle dos povos indígenas que resistiam à colonização portuguesa. Sua liderança foi decisiva no avanço das fronteiras territoriais da Capitania de Minas Gerais, sendo um dos principais responsáveis pela formação de novos núcleos de povoamento na região..

⁹⁷ Afonso Manuel Pereira foi um dos primeiros povoadores da região do atual município de Patos de Minas, em Minas Gerais. Recebeu uma carta de sesmaria – documento de concessão de terras pelo governo colonial português –, considerada o registro mais antigo da história patense. Sua presença na região, no século XVIII, está ligada ao processo de ocupação e colonização do sertão mineiro, especialmente nas áreas próximas ao rio Paranaíba. Como sesmeiro, teve papel importante na formação dos primeiros núcleos de povoamento local.

⁹⁸ Antônio Joaquim da Silva Guerra e sua esposa, Luíza Corrêa de Andrade, foram figuras de destaque na história da fundação de Patos de Minas, em Minas Gerais. Em meados do século XIX, o casal doou parte de suas terras para a formação do patrimônio de Santo Antônio, ato considerado um marco oficial no processo de constituição

feita contava terras do glorioso Santo Antonio⁹⁹, com o propósito de ali criar um templo de adoração a ele, e também estabelecer o povoado. A escritura de doação datada de 19 de julho de 1826, foi lavrada na fazenda “Os Patos”, com vários moradores da região como testemunhas, inclusive os sogros de Silva Guerra, José Corrêa de Andrade e Rosa Dias de Oliveira, primeiros proprietários das terras passadas de herança a Silva Guerra. Para descrever o território foram citados seus divisores, os vizinhos Francisco Xavier da Cruz, Manuel Joaquim de Sousa. Assegurava-se na escritura que a doação foi avaliada por setenta mil réis, por Felisberto José da Fonseca e Pedro Corrêa Andrade. Assinaram o documento: Luíza Corrêa de Andrade e Antonio José de Castro, tendo por testemunhas Manuel Joaquim Sousa e Antônio José de Castro.

Os moradores de “Os Patos” dependiam de Santana da Barra do Espírito Santo, principalmente, para as transações comerciais, assistência judicial e espiritual. E, ali com trabalho de todos os cidadãos construíram a primeira capela no centro do povoado, em devoção a Santo Antônio¹⁰⁰, que tornou-se padroeiro. Os tropeiros que ali passaram, bem como os habitantes dos lugar e da redondeza rezavam devotamente a santo Antônio de Lisboa. Com o crescimento do povoado, a capela teve que ser ampliada, tornando-se matriz. O povoado passou a ser arraial, vila e por fim cidade. A igreja ficou também pequena, e o Monsenhor Manoel Fleury Curado construiu a Catedral de Santo Antônio (Mello, 1979).

Fonseca (1974) explica que, quando Silva Guerra fez a doação da fazenda “Os Patos”, iniciava-se uma caminhada rumo ao crescimento do arraial denominado “Lagoa dos Patos”. Em 1826, havia na região 700 habitantes, segundo Censo da Província de Minas Gerais de 1934. Em 1827, o arraial passou a ser chamado de Santana dos Patos, sendo elevado à categoria de distrito em 15 de outubro.

do arraial que daria origem à cidade. A escritura de doação de patrimônio, registrada em cartório, representa um dos documentos mais relevantes da história patense, evidenciando o papel do casal na consolidação do núcleo urbano e na organização da vida religiosa e comunitária local.

⁹⁹ Fernando Antônio de Bulhões (1195–1231), canonizado pelo Papa Gregório IX na catedral de Espoleto em 30 de maio de 1232 — no processo mais rápido da história da Igreja —, foi um frade franciscano português amplamente conhecido como Santo Antônio de Lisboa ou Santo Antônio de Pádua. É venerado no Brasil como o “santo casamenteiro” e padroeiro dos pobres, sendo também invocado na busca de objetos perdidos. Sua devoção popular exerceu grande influência na formação de diversas comunidades religiosas durante o período colonial, e muitos povoados e cidades brasileiras foram fundados sob sua proteção, como é o caso do patrimônio de Santo Antônio, origem da atual cidade de Patos de Minas.

¹⁰⁰ Santo Antônio de Pádua (Lisboa, 15 de agosto de 1195 – Pádua, 13 de junho de 1231) destacou-se por sua pregação eloquente e dedicação aos pobres. É amplamente venerado como padroeiro dos pobres, das causas perdidas, dos viajantes e das famílias. Sua devoção espalhou-se rapidamente pelo mundo, e diversas comunidades — como a mencionada em “Os Patos” — construíram igrejas e capelas em sua honra, reconhecendo-o como padroeiro local.

Em 17 de janeiro de 1832, alcançou a condição de fato de distrito, alterando o nome para Santo Antônio dos Patos da Beira do Rio Paranaíba, conforme edital baixado pela Câmara de Paracatu. Posteriormente, em 30 de outubro de 1866, ocorreu a emancipação e criação da Vila de Santo Antônio dos Patos, pela Lei n. 1.291, cuja instalação deu-se em 29 de fevereiro de 1868.

Mello (1979) destaca que, somente pela Lei n. 23, de 24 de maio de 1892¹⁰¹, o Presidente Eduardo Ernesto da Gama Cerqueira elevou todas as vilas sedes de comarca à categoria de cidade. Por ser sede de comarca, a Vila de Santo Antônio dos Patos, foi um das elevadas, recebendo o nome de Patos – lugar onde poderia residir um rei ou bispo. O rei não veio, mas sim um bispo, e fez da terra sede da Diocese em 1955.

Mello (1979) destaca que o Governo de Minas Gerais, por intermédio do Decreto nº 1.058, de 30 de dezembro de 1943, alterou o nome da cidade de Patos para Guaratinga, nome que passou a vigorar a partir de 1º de janeiro de 1944. A justificativa para a mudança foi a existência de um município homônimo, mais antigo, localizado no Estado da Paraíba. Surpresa, a população local não ficou satisfeita com a decisão. Diante disso, o Prefeito Clarimundo José da Fonseca Sobrinho¹⁰² e o Coronel Osório Manuel¹⁰³ encabeçaram uma luta pela volta do topônimo. Como não poderia ser apenas “Patos”, mas sim Patos de Minas, em 3 de junho de 1945 o governador Benedito Valadares¹⁰⁴, depois de providenciar a necessária autorização do Governo Federal, reconsiderou a decisão e restabeleceu o nome Patos de Minas.

Esse episódio de luta pela preservação do nome reflete o crescente espírito de identidade e autonomia que moldava a cidade. Com o nome restabelecido, Patos de Minas consolidou sua importância regional, não apenas nos aspectos político e histórico, mas também em sua crescente relevância como polo econômico da Mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Sua localização estratégica, que conecta a cidade a grandes centros comerciais como

¹⁰¹ Por esse motivo, o aniversário do município é celebrado nessa data, marcada também pela realização da “Festa Nacional do Milho”, uma homenagem à abundante produção desse grão na região.

¹⁰² Clarimundo José da Fonseca Sobrinho (1930-1945) foi um destacado líder político e prefeito de Patos de Minas, cuja atuação teve grande impacto na história política e social da cidade. Durante seu mandato, teve papel relevante na organização e mobilização da comunidade local em várias questões de interesse público, promovendo melhorias na infraestrutura e no bem-estar da população. Sua liderança foi marcada pela defesa dos interesses locais, sendo uma figura respeitada no município até sua morte precoce.

¹⁰³ Coronel Osório Manuel foi uma figura de destaque na história de Patos de Minas, especialmente no contexto de sua luta pelo restabelecimento do nome da cidade. Sua atuação foi importante para unir a comunidade local na busca pela preservação da identidade da cidade, o que culminou na mudança do nome da cidade em 1945. Sua figura está associada à resistência e ao fortalecimento da identidade local.

¹⁰⁴ Benedito Valadares Ribeiro (1892-1973), governou o estado de Minas Gerais entre 1933 e 1945, nomeado interventor federal durante o governo de Getúlio Vargas. Teve papel importante na centralização do poder estadual, promovendo obras de infraestrutura, modernização administrativa e expansão da educação pública. Sua gestão é lembrada por seu estilo autoritário, mas também por sua habilidade política e influência no cenário mineiro e nacional durante o período do Estado Novo.

São Paulo e Belo Horizonte, foi um fator decisivo para impulsionar seu desenvolvimento econômico. Essa posição privilegiada facilitou o comércio, a organização do crescimento urbano e a melhoria da qualidade de vida da população, colocando Patos de Minas como um importante centro econômico da região.

Com o crescimento de Patos de Minas e sua consolidação como um importante centro regional, a educação tornou-se um fator essencial para o desenvolvimento local. Ao longo das décadas, diversas iniciativas educacionais foram implantadas, evidenciando o esforço da comunidade em oferecer uma formação qualificada à população. Nesse contexto, o avanço do sistema de ensino na cidade teve início com a criação de um grupo escolar oficial, instituído por meio do Decreto nº 4.065, de 23 de dezembro de 1913 (Minas Gerais, 1913).

Segundo Amanda de Lima Carneiro e Giseli Cristina do Vale Gatti (2018), a instituição, efetivamente inaugurada em 4 de junho de 1917, recebeu inicialmente o nome de Grupo Escolar de Patos, contando com 321 alunos matriculados, entre meninos e meninas. Posteriormente, em 1930, o estabelecimento passou a ser denominado Grupo Escolar Marcolino de Barros, em homenagem ao político patense de mesmo nome. A importância atribuída a essa instituição à época era significativa, pois inaugurar um grupo escolar representava, no contexto social daquele período, um feito comparável à fundação de uma faculdade nos dias atuais.

O investimento na formação docente também foi uma prioridade nas décadas seguintes. Em 1932, foi criada a Escola Normal Oficial de Patos de Minas, com o objetivo de formar professores primários e atender à crescente demanda por profissionais capacitados para atuar na rede básica de ensino da cidade e da região (Carneiro; Gatti, 2019).

Apesar dos avanços nas instituições públicas de ensino, como o Grupo Escolar Marcolino de Barros e a Escola Normal Oficial, uma parcela da população local — especialmente ligada a setores religiosos, políticos e intelectuais — passou a demonstrar interesse por uma educação confessional, alinhada aos valores cristãos e à formação moral da juventude. Nesse contexto, fortaleceu-se o desejo por uma escola católica estruturada, capaz de responder não apenas às demandas educacionais, mas também espirituais da comunidade patense.

3.2 A FORÇA RELIGIOSA QUE PRECEDE O DESEJO POR UMA EDUCAÇÃO CONFESSIONAL

No Brasil, desde o período colonial, sob o regime do Padroado, segundo a CNBB (2023), a Igreja Católica exerceu papel decisivo nos processos de socialização e instrução,

sendo responsável pela criação e manutenção de escolas paroquiais, irmandades e associações religiosas. O ensino religioso, nessa época, era previsto nos acordos entre a Igreja e a monarquia portuguesa. Após a Independência, a Constituição de 1824 manteve o catolicismo como religião oficial do Império, reafirmando o caráter confessional do ensino, vinculado à proteção da Coroa.

Em Patos de Minas, essa tradição também se consolidou. A religiosidade católica, desde os primórdios do povoado, firmou-se como força organizadora da vida social, dos costumes e das iniciativas educacionais. A atuação do clero local se deu por meio de figuras influentes, entre as quais destaca-se o cônego Getúlio Alves de Mello, que atuou entre 1875 e 1908 (Figura 30).

Figura 30 – Cônego Getúlio Alves de Mello



Fonte: Fonseca (1974)

Cônego Getúlio Alves de Mello foi uma das mais destacadas personalidades religiosas de Patos de Minas, onde atuou por 33 anos. Sua trajetória de vida religiosa no município foi marcada pela dedicação à comunidade local e pelo empenho contínuo na missão evangelizadora. Reconhecido por sua humildade, pelo compromisso com os mais necessitados

e pela firme atuação pastoral, conquistou da população patense um respeito profundo, frequentemente descrito, segundo Eitel Teixeira Dannemann (2013d), como respeito filial.

Dannemann (2013d), ao retratar sua biografia, descreve que ele era filho de José Alves Pinto e Guilhermina de Mello, tendo nascido em Congonhas do Sabará (atual Nova Lima, Minas Gerais), em 25 de abril de 1846. Pouco tempo após seu nascimento, seus pais transferiram-se para Divino Espírito Santo do Itapecerica (hoje Divinópolis), onde passaram a residir com o avô paterno, José Joaquim de Mello, professor nomeado como regente da primeira escola primária local. Inserido em um ambiente familiar marcado pelo apreço à religiosidade e à educação, Getúlio demonstrou desde cedo vocação para a vida eclesiástica.

Seu pai, José Alves Pinto, também teve papel de destaque na comunidade: ao se estabelecer com a família em Itapecerica, deu início à construção da Igreja do Rosário, posteriormente demolida para dar lugar ao atual Mercado Municipal da cidade (Dannemann, 2013d).

Em 1858, os irmãos de Getúlio, Antônio e Jerônimo Dias Maciel, decidiram migrar para Santo Antônio dos Patos, sendo acompanhados por José Alves e sua família. Ainda criança, Getúlio começou a auxiliar o padre Manuel de Brito Freire nos ofícios religiosos, experiência que contribuiu significativamente para o amadurecimento de sua vocação. Em 1875, ingressou no Seminário de Mariana, sendo ordenado sacerdote em 29 de março do mesmo ano por Dom Antônio Ferreira Viçoso, da Congregação do Oratório. Conforme registra o cônego Raimundo Trindade, Getúlio foi um dos primeiros alunos do Seminário Menor e figura de relevância na história da Arquidiocese de Mariana (Dannemann, 2013d).

Logo após sua ordenação, foi enviado à paróquia de Patos de Minas, onde assumiu como vigário em 20 de julho de 1875. Atuou com empenho na estruturação da paróquia e na organização da Comissão Diretora das Obras da Matriz de Santo Antônio. Por três vezes, foi nomeado vigário interino da paróquia, e sua liderança se destacou em meio às dificuldades locais e disputas com autoridades civis (Dannemann, 2013d).

A atuação do cônego, especialmente ligada à edificação e consolidação da Matriz de Santo Antônio, revela não apenas seu protagonismo religioso, mas também a centralidade da fé católica na formação cultural da cidade. Essa matriz, símbolo da religiosidade patense, tornou-se referência espiritual para a comunidade e, anos mais tarde, também um ponto de sustentação simbólica e afetiva à proposta de instalação de uma escola confessional marista no município. A presença marcante da fé católica, ancorada na história da própria formação urbana, ofereceu, assim, o suporte espiritual e social necessário para acolher uma instituição que, desde sua origem, integra educação e evangelização.

Neste contexto, destaca-se o trabalho iniciado pelo cônego Getúlio para o crescimento da fé cristã, tendo como base a Igreja Matriz de Santo Antônio, que pode ser vista como um marco da religiosidade local. A construção da igreja remonta à doação de terras realizada em 19 de julho de 1826 pelo casal Antônio Joaquim da Silva Guerra e Luíza Correia de Andrade, destinada à construção de um templo e à organização da comunidade. Nesse mesmo ano, foi erguida uma primeira capela coberta de palha, em homenagem ao santo padroeiro. Com o passar do tempo e o crescimento das residências ao redor, uma nova capela foi construída, por volta de 1838, no mesmo local da anterior, agora em alvenaria, com estrutura mais definitiva (Dannemann, 2013b).

A capela então passou por ampliações e reformas ao longo dos anos, sendo elevada à condição de Igreja Matriz com a criação da Paróquia de Santo Antônio dos Patos, pela Lei Provincial nº 472, de 29 de maio de 1850, então subordinada à Diocese de Goiás. O território da nova paróquia foi desmembrado do curato de Sant'Ana da Barra do Espírito Santo, reforçando a importância religiosa da região (Dannemann, 2013c).

Em 1891, Dom Eduardo Duarte da Silva foi empossado bispo de Goiás (Figura 31), mantendo um relacionamento cordial com o cônego Getúlio, o que muito contribuiu para a construção da Igreja Matriz de Patos de Minas, bem como para a vida eclesial futura do cônego.

Figura 31 — Dom Eduardo Duarte da Silva



Fonte: Dannemann (2018c).

Cônego Getúlio desenvolvia um trabalho pastoral de grande responsabilidade, pautado na fé e no cuidado com a comunidade local – algo constantemente reconhecido por Dom Eduardo Duarte da Silva, à época bispo de Goiás. Em 1896, diante da intensificação de

hostilidades contra a Igreja naquele estado, motivadas, entre outros fatores, por atos anticlericais liderados pelo então presidente de Goiás, Urbano Coelho de Gouveia, Dom Eduardo decidiu transferir a sede da diocese para Uberaba¹⁰⁵. Anos depois, com a criação oficial da Diocese de Uberaba, em 24 de maio de 1908, Cônego Getúlio foi convidado por Dom Eduardo para integrar o grupo de seus colaboradores mais próximos, com vistas à consolidação da diocese.

Atuou como cônego da nova diocese e recebeu o título honorífico em 1º de janeiro de 1910. A Figura 32, mostra sua última residência oficial, situada à Rua Major Gote¹⁰⁶ na esquina com seu colega Tenente Bino (Praça Antônio Dias), que morava quando recebeu as insígnias de cônego.

Figura 32 – Última residência oficial de Cônego Getúlio em Patos de Minas (1910)



Fonte: Dannemann (2017a).

Em 1911, Dannemann (2013d) destaca uma passagem da vida do Cônego Getúlio que não só demonstra o amor dos cidadãos por ele, como também o dele pelo seu povo, que por tantos anos foi seu mentor espiritual. Na comemoração do 1º aniversário de sua elevação à alta

¹⁰⁵ A decisão de Dom Eduardo de transferir a sede da diocese goiana para Uberaba teve como motivação uma série de episódios de desacato à autoridade eclesiástica, ocorridos entre os dias 5 e 12 de setembro de 1896, e pela crescente hostilidade do governo de Goiás, então presidido por Urbano Coelho de Gouveia, de perfil marcadamente anticlerical.

¹⁰⁶ Rua em que foi estabelecido o Ginásio Marista em Patos de Minas. Historicamente, é importante destacar que a primeira demarcação de logradouros públicos é datada de 3 de fevereiro de 1874. Nela consta a Rua 1º de Março, com início no Largo da Matriz (Praça Dom Eduardo) e término na Praça Antônio Dias, ao pé do “Beco do Fogo”, que deu origem à Rua Major Gote. Na segunda demarcação, de 15 de maio de 1916, a Rua 1º de Março passou a ser denominada Rua Tenente Bino, em homenagem a Felisbino José da Fonseca, filho de Felisberto José da Fonseca – uma das testemunhas que assinou a escritura de doação do terreno a Santo Antônio, no Sítio Os Patos, em 1826. De Tenente Bino originou-se o ramo dos Fonseca de Lagoa Formosa. Quando se decidiu dar início ao asfaltamento das ruas patenses, no começo da década de 1950, não há registros históricos que expliquem por que as autoridades optaram por começar o calçamento pela Rua Tenente Bino. Logo depois, foi asfaltado o trecho central da Avenida Getúlio Vargas, denominada em homenagem ao ex-presidente Getúlio Vargas (1930–1945; 1951–1954. Cf. DANNEMANN, Eitel Teixeira. **Rua Tenente Bino: origem e história**. Efecadepatos [recurso eletrônico], 18 mar. 2018b. Disponível em: https://efecadepatos.com.br/?p=372_ Acesso em: 8 jul. 2025.

dignidade, recebeu calorosa manifestação do povo, durante a qual fizeram uso da palavra os Drs. Marcolino Ferreira de Barros¹⁰⁷ e Euphrasio José Rodrigues¹⁰⁸. Em resposta à homenagem recebida, chorando, agradeceu.

E ainda disse “que tinha batizado todos os manifestantes ali presentes e que desejava vê-los assim reunidos, quando o levassem de sua casa para a sepultura”. Finalizou afirmando que “jamais deixaria esse povo, não obstante lhe terem sido oferecidas freguesias mais rendosas, nos pontos de estradas de ferro”. Mesmo aposentado, permaneceu como conselheiro ativo da Igreja local (Dannemann, 2013d).

Segundo Dannemann (2013a), “Cônego Getúlio havia lutado muito para a construção de uma nova Matriz”. Tal iniciativa não se restringiu a uma realização religiosa, mas representou também um projeto de afirmação cultural e social para a comunidade patense, marcando a centralidade da Igreja Católica na vida urbana. O empenho do cônego evidencia o protagonismo de lideranças eclesiais na configuração dos espaços simbólicos da cidade.

Após algumas reformas, a antiga Matriz¹⁰⁹, em 1916, como se observa na Figura 33, já apresentava traços de uma construção mais moderna, com destaque para o relógio instalado na torre. Na fotografia, nota-se uma expressiva quantidade de fiéis reunidos ao redor da matriz, o que evidencia a importância simbólica e afetiva do momento. A instalação do relógio — uma antiga aspiração dos católicos locais, cultivada desde 1912¹¹⁰ — foi celebrada como um acontecimento marcante pela comunidade. Para a população, o relógio representava não apenas um marco arquitetônico, mas também um sinal de progresso e de fortalecimento da fé no espaço urbano.

¹⁰⁷ Em 1895, recém-formado, chegou a Patos de Minas por nomeação como juiz municipal da Comarca. Nos períodos de 1914 a 1918 e de 1926 a 1930, foi presidente da Câmara Municipal e agente do Executivo (prefeito), tendo sido eleito por três ocasiões.

¹⁰⁸ Natural de Salvador, Bahia, nasceu em 15 de maio de 1873, filho de Manoel Rodrigues Paes e Josepha Maria de Sant’Ana. Farmacêutico, graduou-se posteriormente em Medicina, com sacrifício, dada sua origem humilde. Atuou no atendimento a indigentes, com remuneração autorizada pela Câmara Municipal. Cf. RIBEIRO, Giovanni Roncalli Caixeta. Contribuição à História da Medicina em Patos de Minas: das origens até 1950. **Revista ALPHA**, v.9, p. 67-81, 2008, p. 68.

Disponível em: <https://revistas.unipam.edu.br/index.php/revistaalpha/article/view/4661/2367> Acesso em: 5 mar. 2025.

¹⁰⁹ Em 1965, o município sofreu uma grande perda: a antiga Igreja Matriz, embora carregada de valor histórico e afetivo, foi demolida, apagando uma parte significativa da memória arquitetônica e religiosa da cidade. Cf. DANNEMANN, Eitel T. Histórico da Catedral de Santo Antonio. **Efecadepatos** [online]. Publicado em: 19 fev. 2013b. Disponível em: <https://efecadepatos.com.br/?p=802> Acesso em: 8 jul. 2025; Id., 2013c

¹¹⁰ Conforme descrito por um ex-aluno marista, que forneceu a imagem para esta pesquisa e falou do momento retratado, no qual sua família estava presente.

Figura 33 – Antiga Matriz Santo Antônio (1916)



Fonte: Arquivo pessoal de ex-aluno Marista (1916).

A trajetória de cônego Getúlio foi conduzida com persistência e coragem, sobretudo em seu firme propósito de concluir a construção da nova Matriz. No entanto, em 19 de novembro de 1919, aos 73 anos de idade, cumpriu-se aquilo que ele rogara a Deus, em 1911, durante a homenagem prestada pelo povo patense: ser conduzido de sua casa à sepultura por aqueles a quem tanto servira. E assim foi – uma multidão de fiéis e estimados amigos o acompanhou até sua última morada.

Seu sepultamento foi na velha Matriz¹¹¹, aos pés do altar de Nossa Senhora da Abadia. Conforme relata Dannemann (2013b), “dois anjinhos, ladeando a Virgem, olhavam sua cova. Outros dois, de olhos voltados para cima, encaravam a inscrição que o cônego Getúlio mandara afixar no arco da nave: *‘Domus mea, domus orationis est’*”¹¹². Seu legado foi eternizado por meio de sua dedicação pastoral e espírito de serviço.

Dannemann (2013d) destaca ainda que, “com o falecimento de Cônego Getúlio, por provisão de 12 de fevereiro de 1920, é nomeado Vigário o Cônego Manoel Fleury Curado, que

¹¹¹ Seus ossos foram transferidos depois para a nova Matriz, a Catedral de Santo Antônio (Dannemann, 2013d, *op.cit.*).

¹¹² A frase em latim *Domus mea, domus orationis est*, cujo significado em Língua Portuguesa é “A minha casa será chamada casa de oração”, possui forte respaldo bíblico. Ao realizar um estudo das Escrituras, observa-se que essa expressão aparece em diversos livros sagrados, como Isaías (56,7), Mateus (21,13), Marcos (11,17) e Lucas (19,46). Nos evangelhos, Jesus utiliza essas palavras ao expulsar os vendilhões do Templo, denunciando a profanação de um espaço sagrado. No contexto católico, a citação é frequentemente associada à reverência, à espiritualidade e à sacralidade das igrejas e capelas, inspirando fiéis à vivência do sagrado.

tomou posse em 29 de fevereiro de 1920, dada pelo Vigário de Patrocínio, padre Thiago dos Santos, Delegado do Bispo Diocesano”.

O Vigário Curado nasceu em Corumbá de Goiás, em 18 de dezembro de 1887. Foi elevado à dignidade de Monsenhor em 1927¹¹³, por ocasião de suas bodas de prata sacerdotais, sendo homenageado pelo povo patense. Em 1936, foi agraciado pelo Papa Pio XI com o título de Monsenhor Camareiro Secreto do Papa¹¹⁴ (Dannemann, 2013a).

Na Figura 34, monsenhor Curado é apresentado em dois momentos distintos: em uma fotografia de sua juventude e em uma pintura feita na velhice. Ambas as imagens pertencem ao acervo da Escola Estadual Monsenhor Manoel Fleury Curado, instituição que leva seu nome em homenagem.

Figura 34 – Monsenhor Manoel Fleury Curado em dois tempos



Fonte: Acervo da Escola Estadual Monsenhor Manoel Fleury Curado.

Com o passar dos anos e o crescimento acelerado da cidade, sob a liderança do então vigário cônico Manoel Fleury Curado, teve início, em 13 de junho de 1934, a construção de

¹¹³ Sua atuação pastoral e seu compromisso com a educação foram reconhecidos pelo Vaticano durante o pontificado de sua santidade João Paulo II, que o proclamou Servo de Deus, iniciando o processo de sua santificação.

¹¹⁴ Esse título era uma honra concedida pelo Papa a determinados sacerdotes, como reconhecimento especial pelos serviços prestados à Igreja. Aqueles que o recebiam eram chamados de *Camerieri Segreti* (Camareiros Secretos) e tinham o privilégio de estar próximos ao Papa em cerimônias e eventos solenes. Tratava-se de uma distinção honorífica, sem implicações administrativas específicas. Historicamente, havia diferentes graus de monsenhor, sendo o título de Camareiro Secreto um dos mais prestigiados. No entanto, em 2014, o papa Francisco reformulou as concessões de títulos honoríficos, extinguindo essa designação e mantendo apenas o título de Capelão de Sua Santidade para os sacerdotes que recebem a dignidade de monsenhor.

um novo templo para substituir a antiga matriz, conforme relata Dannemann (2013c). A iniciativa respondia a um antigo anseio da comunidade católica, presente desde os tempos de cônego Getúlio, e tornava-se urgente diante da crescente urbanização de Patos de Minas. Na Figura 35, pode-se ver, à esquerda da imagem, a Matriz de Santo Antônio na década de 1930.

Figura 35 – Matriz de Santo Antônio na década de 1930



Fonte: Dannemann (2013c).

Na década de 1940 (Figura 36), a matriz seguia em ampla construção — uma ação que, à época, refletia não apenas a demanda por um espaço mais amplo e estruturado, mas também o fortalecimento da presença da fé católica no município. A abertura provisória ao público (devido à parte interna já estar avançada) ocorreu em 13 de junho de 1942, data dedicada a Santo Antônio, padroeiro da cidade, e carregada de forte simbolismo religioso, conectando o novo templo à tradição histórica iniciada com a antiga capela de palha do século XIX.

A construção da nova Igreja Matriz também representava um marco de progresso e modernização urbana, evidenciando o crescimento populacional e a centralidade que Patos de Minas começava a assumir na região. Sua localização estratégica e o projeto arquitetônico mais amplo revelavam a intenção da comunidade eclesial em consolidar um espaço de fé condizente com a importância cada vez maior do município. O envolvimento da população, das lideranças religiosas e das autoridades locais, durante o processo de reforma e edificação, demonstra o valor simbólico e social atribuído à nova matriz.

Figura 36 – Nova Matriz de Santo Antônio em construção; década de 1940



Fonte: Dannemann (2013c).

No entanto, na época, monsenhor Fleury Curado, além da dedicada preocupação com a construção da Matriz, também mantinha forte apoio à vinda de escolas confessionais para Patos de Minas. Além disso, a Igreja Católica mantinha-se:

[...] instigada a tentar fundar uma escola de cunho confessional católico, pois a influência protestante em muitas partes do Brasil, inclusive em Patos de Minas, provocava uma mobilização nesse sentido, ou seja, para conter essa influência e o crescimento aparente do protestantismo (Carneiro; Gatti, 2019, p. 1528).

No que se refere à religiosidade local, mais propriamente à educação feminina, destaca-se o apoio de monsenhor Fleury à presença das Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora em Patos de Minas¹¹⁵. Embora as religiosas, oriundas da Manhumirim, Minas Gerais, tenham

¹¹⁵ Júlio Emílio Alberto De Lombaerde, chamado de Padre Júlio Maria de Lombaerde (1878–1944), nascido em Waereghen, Bélgica, 07 de janeiro de 1878 e batizado no dia seguinte. Filho de José De Lombaerde e Sidônia Rosália Steelandt De Lombaerde, casal que teve nove filhos, mas sobreviveram apenas dois: Julio Emílio e Aquiles João. Não tinha 17 anos completos, quando manifestou o desejo de ser missionário. Foi exímio pregador e escritor. Sua trajetória esteve marcada pelo zelo pastoral e pela fundação de institutos religiosos. Após experiências missionárias na África e na Amazônia, estabeleceu-se em Minas Gerais, onde fundou a Congregação dos Missionários de Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento e a Congregação das Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora, ambas voltadas à evangelização e à formação cristã. Reconhecido por sua atuação missionária, intelectual e social. Faleceu em 24 de dezembro de 1944, após mais de 16 anos de dedicação à consolidação das congregações, à formação de religiosos e à pastoral paroquial. Reconhecido por sua obra intelectual e missionária, escreveu mais de 80 livros de espiritualidade, em defesa da Igreja e de divulgação da teologia em linguagem acessível. Cf. BOTELHO, Demerval Alves. **Biografia de Padre Júlio Maria de Lombaerde**. (s.d). Disponível em: <https://padrejuliomaria.com.br/biografia/> . Acesso em: 15 maio 2025.

chegado oficialmente à cidade em 1945, desde 1929 já havia sido feito por ele o pedido para que assumissem a catequese e a formação das moças. Sua vinda esteve ligada ao educandário local, surgido como Ginásio Municipal de Patos, em 1939, iniciativa apoiada por Monsenhor Fleury, que cedeu o prédio do antigo Grupo Escolar Marcolino de Barros (Carneiro; Gatti, 2019).

A partir de 1943, a direção da escola passou aos Padres Sacramentinos. Em 1945, as Irmãs fundaram um pensionato para meninas e, em 1947, criaram o Curso Normal. Em 1948, ao assumirem em definitivo a direção, extinguiram o setor masculino e consolidaram o colégio como um espaço exclusivo de formação feminina, passando a se chamar *Escola Normal e Ginásio Nossa Senhora das Graças*. A instituição, dirigida pelas Irmãs, tinha como finalidade central a formação moral e religiosa das jovens — muitas delas internas —, em resposta às expectativas da sociedade católica local (Carneiro, Gatti, 2019).

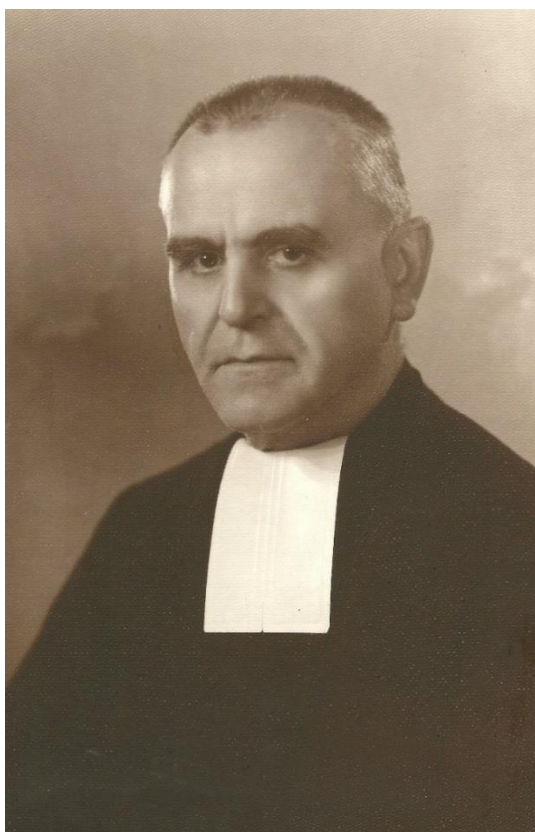
Concomitantemente à consolidação do educandário feminino sob a direção das Irmãs Sacramentinas, Monsenhor Fleury iniciou novos esforços para trazer à cidade uma escola confessional destinada à formação de meninos, já que, para as moças, essa missão estava em pleno desenvolvimento. Nesse contexto, intensificou-se a articulação para a vinda dos Irmãos Maristas, cujo carisma educacional era reconhecido no cenário nacional.

Falchetto (2024) relata um acontecimento de 1947, ocorrido na visita do Irmão Marista Irmão Exuperância a Patos de Minas: “Patos de Minas recebeu a visita do Irmão Exuperância, que percorria a região em busca de vocações”. E completa que nesta passagem pela cidade, foi abordado por “Monsenhor Fleury Curado, então pároco da matriz de Santo Antônio, e pelo médico e vereador Dr. João Borges.” Ambos solicitaram formalmente “que os maristas abrissem um colégio para atender prioritariamente os meninos e jovens da cidade”¹¹⁶. A resposta do Irmão, embora cautelosa, não foi desanimadora: “No momento não temos condições, mas quando houver dez jovens patenses em Mendes, pensaremos seriamente” (Falchetto, 2024).

¹¹⁶ Fato confirmado pela Moção de Aplausos n. 002/2019, da Câmara Municipal de Patos de Minas, que registra que, em 1947, o então Provincial Ir. Exuperância visitou a cidade “em busca de vocações” e foi recibo pelo Monsenhor Fleury, acompanhado do médico Dr. João Borges. Nessa ocasião, pediram aos Irmãos Maristas a fundação de um ginásio. O documento também relata que Dr. João e o Monsenhor Fleury insistiram por anos, até que, em 1957, veio a confirmação e as obras se iniciaram. Cf. CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS DE MINAS. **Moção de Aplausos nº 002, de 7 de março de 2019**. Vereador Francisco Carlos Frechiani. Gabinete da Câmara Municipal de Patos de Minas, Patos de Minas, MG. Disponível em: https://sapl.patosdeminas.mg.leg.br/media/sapl/public/materialegislativa/2019/25280/mocao_002_2019.pdf Acesso em: 18 ago. 2025.

O Irmão Exuperância (Figura 37), desde esse encontro, teve uma participação ativa na vinda dos Irmãos Maristas a Patos de Minas. Membro do Instituto Marista, teve uma ação significativa como Provincial, em 1947¹¹⁷, nas tratativas com as comunidades e com os Irmãos. No entanto, seu maior reconhecimento veio pelo envolvimento ativo no recrutamento de jovens para a Irmandade¹¹⁸, contribuindo para a formação e renovação vocacional entre as novas gerações de Irmãos.

Figura 37 - Irmão Exuperância (1947)



Fonte: Acervo fotográfico do CEM-BH (Década de 1940).

Na conversa com o Irmão Exuperância, entre Monsenhor Fleury Curado e Dr. João Borges, o Irmão faz menção a Mendes, no estado do Rio de Janeiro. Referia-se à “Casa Mãe”

¹¹⁷ Cargo ocupado datado no Cartaz de Comemoração do Jubileu Aureo dos Irmãos Maristas – Província Marista Brasil Central (PMBC), 1947. Cf. PROVÍNCIA MARISTA BRASIL CENTRAL (PMBC). **Cartaz de comemoração do Jubileu Áureo dos Irmãos Maristas**, 1947.

Disponível em: <https://www.rmgouvealeiloes.com.br/peca.asp?ID=27167343&ctd=58&tot=&tipo=>. Acesso em: 15 jun. 2025.

¹¹⁸ Este fato é relatado na obra de Roque Brugnara, que reúne testemunhos de muitos consagrados recrutados pelo Irmão Exuperância. Cf. BRUGNARA, Roque. **Consagrados a Deus: para a educação evangelizadora de crianças e jovens**. [S.l.]: Província Marista Brasil Centro-Sul (PMBCS), 2024. Disponível em: https://marista.org.br/wp-content/uploads/2025/05/Consagrados-a-Deus_27-02-25-baixa.pdf. Acesso em: 6 jul. 2025.

de formação inicial da Província Marista Brasil Central (PMBC), indicando que o comprometimento da comunidade local com a formação de vocações poderia ser decisivo para a articulação de uma futura unidade marista na cidade.

Pode-se dizer que esse diálogo descrito por Falchetto (2024), ocorrido em 1947 entre os líderes religiosos e civis da cidade e a congregação marista, representou o ponto de partida para um processo mais amplo de mobilização, que culminaria, anos depois, na fundação do Colégio Marista de Patos de Minas. Trata-se de um episódio emblemático da articulação entre Igreja e sociedade civil no cenário educacional mineiro da segunda metade do século XX.

Porém, o que nenhum cidadão patense esperava ocorreu no fim desse mesmo ano. Apesar de sua dedicação incansável à comunidade e às obras da paróquia, em 5 de dezembro de 1947 Monsenhor Manoel Fleury Curado solicitou sua remoção de Patos de Minas, pedido que foi acatado por Dom Alexandre Gonçalves do Amaral (1939–1978), bispo da Diocese de Uberaba à época. A partida de um vigário que servira por décadas à cidade abalou profundamente os paroquianos e provocou inquietação, sobretudo porque ocorria em meio aos preparativos para a criação da Diocese de Patos de Minas. No entanto, na palavra final de Dom Alexandre, acreditava-se que essa iniciativa seria necessária ao religioso (Dannemann, 2013a).

O afastamento solicitado se deu pela insatisfação de Monsenhor Curado foi devido a diversos acontecimentos. Relatos do Livro do Tombo da Paróquia de Santo Antonio, segundo a publicação da Revista *Colloquium* (2013)¹¹⁹ revelam que Monsenhor Fleury se encontrava desgastado por desentendimentos com lideranças regionais, oposições políticas e dificuldades relacionadas à manutenção dos seus projetos clericais. Em carta dirigida ao bispado, Monsenhor refere-se à presença de “inimigos da religião” e à “ingratidão e incompreensão de indivíduos apaixonados por uma política baixa”, que o magoaram profundamente, tornando sua renúncia uma decisão definitiva e irrevogável.

No Livro de Tombo ficou registrado:

Nos seus últimos anos de paroquiato em Patos, sua Revma foi vítima de várias arremetidas de inimigos da religião, como também da ingratidão e incompreensão por parte de indivíduos apaixonados por uma política baixa, indigna de um povo civilizado. Esta última circunstância magoou em muito o

¹¹⁹ O *Livro do Tombo da Paróquia* é um registro oficial e histórico mantido pelas paróquias católicas, no qual são documentados, de forma cronológica, os principais acontecimentos e decisões da vida pastoral, administrativa e patrimonial da comunidade eclesial local. No caso da Paróquia de Santo Antônio de Patos de Minas, esse documento foi parcialmente transcrito e analisado pela *Revista Colloquium* (2013), publicação da Diocese de Patos de Minas voltada à preservação da memória eclesial regional. Cf. COLLOQUIUM: revista científica do Seminário Maior Dom José André Coimbra. Patos de Minas: Grafipres, v. 1, n. 1, 2013. Disponível em: <https://diocesedepatosdeminas.org.br/revista-colloquium/>. Acesso em: 18 ago. 2025.

seu coração sacerdotal e amigo da gente de Patos (Livro Tombo da Paróquia Santo Antônio de Patos, livro n. 01, 138; Revista Colloquium, 2013, p. 118).

Em 5 de dezembro de 1947, Monsenhor Fleury deixou Patos de Minas para assumir a Paróquia de Sacramento¹²⁰, também em Minas Gerais. Sua partida, após anos de dedicação à comunidade patense, causou grande comoção entre os fiéis e impactou o ritmo dos esforços em torno da criação do novo bispado. Ainda assim, os preparativos não foram interrompidos. Pelo contrário: sob a liderança do novo vigário, Padre Alaor Porfírio de Azevedo, (Colloquium, 2013). Este, Figura 38, toma posse em 11 de fevereiro de 1948 e continua os trabalhos iniciados por Monsenhor Fleury.

Figura 38 – Padre Alaor Porfírio Filho



Fonte: Dannemann (2023)

A título de conhecimento, Padre Alaor Porfírio de Azevedo nasceu na cidade de Araxá, em Minas Gerais, no dia 13 de agosto de 1902. Filho de Elias Porfírio de Azevedo e Maria Dolores de Azevedo. Foi ordenado sacerdote por Dom Antônio Almeida Lustosa em dezembro de 1927. Em 1929 assume a Catedral de Uberaba, permanecendo 10 de maio de 1934, tendo como substituto Cônego Joaquim Tiago dos Santos. Segue para Uberlândia, onde em 1935, por

¹²⁰ Município do interior de Minas Gerais, no Triângulo Mineiro, com forte tradição religiosa e histórica vinculação à Diocese de Uberaba.

conta de seu envolvimento político ele se torna vítima de ataque por comunistas, locais. Ele é preso, espancado, despido e ainda teve seu corpo pichado. Como se não bastassem tais crueldades ele é pendurado em praça pública, o que além de tornar o ato mais violento, também demonstrou escárnio e desprestígio a Igreja Católica. Fato que conseqüentemente, “demonstrou um clima de tensão envolvendo a política que se vivia na época entre forças antagônicas e o inevitável envolvimento da igreja em ambos os lados desse enfrentamento”. Devido a esse terrível ato de violência que sofreu, em 1936, volta para sua cidade natal, Araxá, onde estabelece definitivamente (Dannemann, 2023).

Padre Alaor Porfírio de Azevedo, com o apoio das comissões designadas para esse propósito, às ações voltadas à aquisição de patrimônio e à construção da nova matriz — futura catedral de Santo Antônio — foram intensificadas. Nesse período de sua chegada, “as festas em honra do padroeiro, motivadas pela necessidade de se arrecadar fundos para o patrimônio do novo bispado, tiveram uma participação nunca vista” (Colloquium, 2013, p. 118).

Em 24 de setembro de 1949, o Padre Alaor Porfírio divulgou um manifesto no qual expressava sua gratidão à população de Patos de Minas pelo apoio recebido na campanha em prol da construção da futura catedral. No documento, ele destacou que o patrimônio necessário para a instalação do bispado já se encontrava praticamente constituído. Ao comentar sobre a criação da nova diocese, declarou que, apesar das previsões pessimistas que circularam à época, o projeto havia se tornado uma questão de honra para os católicos locais — uma causa que, segundo ele, já se mostrava vitoriosa” (Colloquium, 2013).

Padre Alaor também se encarregou de preencher o questionário exigido pela Santa Sé para a criação da nova diocese, aguardando dados atualizados do recenseamento e materiais como fotos da futura catedral e a planta do terreno destinado ao seminário. Contudo, no momento em que o entusiasmo da comunidade voltava a crescer, sua morte repentina gerou novamente incertezas entre os fiéis (Colloquium, 2013). Seu falecimento se dá em 1º de março de 1952, em Patos de Minas, vítima de uma crise de *angina pectoris*¹²¹, sendo sepultado em Araxá, MG (Dannemann, 2022).

O estimado sacerdote foi reconhecido pelos cidadãos patenses pelo seu envolvimento com questões religiosas e sociais, principalmente, ao que se refere à organização da vida paroquial e a preservação da memória histórica local. Sendo destinatário de diversas correspondências oficiais e documentos que registram aspectos importantes da história da cidade (Dannemann, 2022).

¹²¹ Condição médica caracterizada por dor ou desconforto no peito, causada pela diminuição do fluxo sanguíneo para o coração, geralmente em decorrência de obstrução parcial das artérias coronárias.

Naquele momento fatídico, assume como vigário o Padre Antônio Resende¹²², que, segundo *Colloquium* (2013, p. 119), “facilmente conseguiu reacender as esperanças de continuidade, quer da aquisição do patrimônio, quer da construção da futura catedral”. Apesar de sua atuação positiva, permaneceu pouco tempo à frente da paróquia, sendo transferido em 1952. Resultado de uma permuta de cargos com Monsenhor Fleury Curado, que retorna em 27 de agosto deste mesmo ano 1952¹²³.

Pouco antes da chegada de Monsenhor Fleury, a sociedade local e regional manifesta seu apoio à escola confessional, Colégio Nossa Senhora das Graças, pois:

[...] acreditava que a educação em uma escola dirigida por freiras seria melhor para suas filhas, tendo em vista que o internato era tido como uma opção propícia, naquela época, para muitas famílias. Consequentemente as futuras estudantes deveriam se comportar de acordo com as rígidas normas disciplinares e doutrinárias impostas pela instituição, atendendo aos anseios das lideranças religiosas católicas da cidade (Carneiro; Gatti, 2019, p. 1530).

No ano de 1951 iniciou-se a construção do que viria a ser a sede própria da instituição no terreno doado pela Paróquia (Carneiro; Gatti, 2019). Na Figura 39, o Colégio Nossa Senhora das Graças (Fachada) já construído.

Figura 39 – Colégio Nossa Senhora das Graças (Fachada)



Fonte: Carneiro e Gatti (2018, p. 1531).

¹²² Não foi possível localizar informações biográficas e adicionais sobre o Padre Antônio Resende. A única menção encontrada refere-se ao trecho publicado na *Revista Colloquium* (2013, p. 119), que destaca brevemente sua atuação como vigário em Patos de Minas entre 1949 e 1952.

¹²³ Nos cinco anos em que esteve ausente Monsenhor Fleury foi: vigário em Sacramento (1947-1949), depois seguiu para Araguari (1949), pouco tempo depois vai para Uberlândia (1949-1951) e, novamente, retorna para Araguari (1951) e, em 27 de agosto de 1952, volta para Patos de Minas.

Registros do Colégio Marista (2008) indicam que o Colégio Nossa Senhora de Fátima foi criado com o objetivo de orientar e formar as moças patenses. Contudo, já se reconhecia a necessidade de uma instituição confessional voltada à educação dos rapazes. Assim, embora a presença das Irmãs Sacramentinas atendesse parcialmente às expectativas das lideranças católicas locais, permanecia a lacuna quanto à formação masculina, ainda sem um educandário próprio.

Essa demanda educacional, somada ao desejo de consolidação da estrutura eclesial na cidade, foi prontamente assumida por Monsenhor Manoel Fleury Curado, que reassumiu oficialmente a Paróquia de Santo Antônio em 31 de agosto de 1952, após cinco anos de afastamento. Colloquium (2013) destaca que, em sua posse, suas palavras não deixavam dúvidas quanto ao propósito de sua missão pastoral. A saber:

Conforme registro no *Livro do Tombo da Paróquia de Santo Antônio de Patos*, (livro n. 01, p. 169-170):

Quando o patrimônio da nova Diocese estava concluído, parte do mesmo foi cedido em empréstimo à Diocese de Uberaba, “por ordem expressa do Snr. Bispo de Uberaba”. Tratava-se de Cr\$150.000,00 (cento e cinquenta mil cruzeiros). Para saldar essa dívida, Monsenhor Almir Marques programou uma peregrinação da imagem de Nossa Senhora de Fátima por toda a Diocese, passando por Patos de Minas. Nessa ocasião, houve um protesto formal realizado por Monsenhor Fleury, o qual não concordou com o método de arrecadação. “Infelizmente o principal motivo da vinda dessa imagem a Patos se prendia a angariação de donativos, em dinheiro, para pagamento de uma dívida da Diocese de Uberaba à nova Diocese de Patos, a ser instalada no mês próximo, de outubro. De fato o Revmo. Vigário de Patos, por ordem expressa do Exmo. Snr. Bispo, D. Alexandre Gonçalves do Amaral, pôr intermédio do Revmo. Pe. Hiron Curado, residente em Uberaba, remeteu a quantia de Cr\$ 150.000,00 do patrimônio do novo Bispado de Patos, que se achava em depósito em Banco, nessa cidade. Esta quantia foi retirada por ordem expressa do Snr. Bispo de Uberaba” (sic) (APSAP, «Livro do Tombo da Paróquia de Santo Antônio de Patos», livro n. 01, 169) (Colloquium, 2013, p. 120).

Portanto, diante da situação, para resolver a questão, Monsenhor Fleury reuniu representantes de maior projeção social e econômica da cidade, que assumiram o compromisso de quitar a dívida — o que efetivamente foi realizado. Coube a Monsenhor José Fernandes Araújo a organização e entrega da documentação necessária para a criação da nova Diocese, a qual foi encaminhada à Nunciatura Apostólica (Colloquium, 2013).

Dentre os principais argumentos que justificaram o pedido estavam a grande extensão da Diocese de Uberaba, o crescimento populacional e a distância até a sede episcopal. Assim, em 5 de abril de 1955, o Papa Pio XII, por meio da bula *Ex quo die*, instituiu oficialmente a Diocese de Patos de Minas (Colloquium, 2013).

A notícia foi comunicada a Monsenhor Fleury no dia 24 de abril, por telegrama do Núncio Apostólico Armando Lombardi, e rapidamente repercutiu na imprensa local como um marco histórico para a cidade. Contudo, a nova Diocese só passou a existir juridicamente após a leitura oficial da bula e do decreto de execução, enviados em 28 de setembro de 1955 (Colloquium, 2013).

A criação da Diocese de Patos de Minas, em 1955, representou não apenas um marco religioso, mas também institucional e cultural para o município, fortalecendo a atuação da Igreja Católica na região. A elevação da nova matriz à condição de catedral — nomeada Catedral de Santo Antônio de Pádua — com a criação da Diocese de Patos de Minas, demonstrou o amadurecimento da estrutura eclesiástica local e ampliou o alcance da Igreja em ações sociais, educacionais e comunitárias.

A Figura 40 destaca a Catedral de Santo Antônio de Pádua, em fotografia de 2024, registrada pelo Clube de Notícias e publicada em reportagem de 29 de outubro de 2024, no jornal online da cidade *Sou de Patos*.

Figura 40 – Catedral de Santo Antônio de Pádua (2024)



Fonte: Jornal Sou de Patos [online].

Nessa mesma perspectiva, após cumprir as duas promessas feitas em sua primeira passagem por Patos de Minas — a conclusão da nova matriz e a criação da Diocese —, Monsenhor Fleury Curado assumiu, ao retornar à cidade, um novo compromisso: construir um ginásio masculino. Tal iniciativa visava sanar uma demanda considerada vital para o

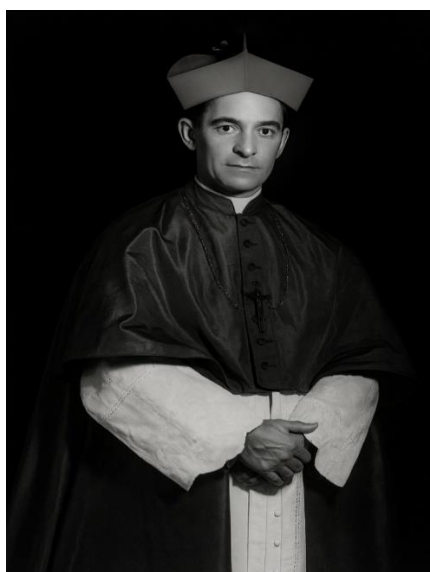
desenvolvimento educacional local. Desde sua chegada definitiva, em 1952, o Monsenhor demonstrou firme compromisso com a propagação da fé católica e a formação dos fiéis. Defensor convicto das escolas confessionais, fez da vinda de uma instituição marista um de seus mais ambiciosos projetos, empenhando-se incansavelmente para viabilizá-lo (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

De acordo com Oliveira (2023), Minas Gerais destacou-se como um território atraente para os maristas e outras congregações religiosas, especialmente entre os séculos XIX e XX, quando o bispado local foi determinante para a disseminação do pensamento conservador católico e para a promoção da educação confessional. A autora observa ainda que os colégios confessionais mantiveram sua presença e legitimidade na educação mineira, integrando-se às obras da Coleção FTD. Nesse contexto, travaram-se inúmeros debates sobre a necessidade de instituições que ofertassem um ensino diferenciado, alinhado aos valores cristãos.

Na intensificação das ações de Monsenhor Fleury Curado, destaca-se a forte contribuição do bispado local. Segundo o Colégio Marista (2008), Dom José André Coimbra (1900–1968) — Figura 41 — foi empossado em 1955, ano da instalação oficial da Diocese.

Segundo Dannemann (2020), Dom José André Coimbra era natural de Itamarandiba (MG) e destacou-se por sua atuação pastoral, educativa e cultural. Antes de assumir a Diocese Patense, exerceu o episcopado em Barra do Piraí (RJ), onde idealizou diversos projetos voltados à educação e à pastoral.

Figura 41 – Dom José André Coimbra



Fonte: Dannemann (2020).

Em Patos de Minas, Dom José André fundou a *Folha Diocesana*, criou novas paróquias e contribuiu ativamente para o fortalecimento da identidade local — sendo, inclusive, o autor da melodia do hino oficial da cidade. Faleceu em agosto de 1968, em Araxá (MG), sendo sepultado na cripta da Catedral de Santo Antônio, em Patos de Minas, a qual possui uma cripta abaixo da capela-mor — aproveitando o desnível na parte posterior —, local de sepultamento de autoridades eclesiásticas.

Na cidade já existia uma escola confessional voltada à formação de moças. No entanto, respondendo aos anseios da elite local e das lideranças religiosas, tornava-se premente a criação de uma instituição dedicada à educação dos meninos. Esse contexto religioso e social contribui para explicar a construção do Colégio Nossa Senhora de Fátima, iniciada em 1957, como expressão do movimento de consolidação da fé católica e da expansão urbana vivenciada pela cidade naquele período (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

Para aprofundar essa questão, na entrevista concedida por Falchetto (2024), foi questionado se, na época, houve alinhamento entre políticos e a Igreja para a instalação do colégio em Patos de Minas, ao que prontamente respondeu:

Por princípio e por respeito às opções políticas, tanto dos pais como do corpo docente, nas unidades maristas não há alinhamento partidário. É claro que, por ser um colégio católico, houve e há excelente entendimento com as lideranças eclesiásticas. É imprescindível igualmente que, tanto a legislação educacional como as imposições jurídicas e legais sejam estritamente observadas (Falchetto, 2024).

Esse posicionamento reforça o papel do Colégio Marista não apenas como instituição educacional, mas também como agente inserido em um contexto social, religioso e jurídico específico. Para melhor entender esse cenário, a seguir, passa-se às discussões e aos fatores que antecederam a chegada da instituição marista a Patos de Minas.

3.3 ANTECEDENTES DA VINDA DO COLÉGIO MARISTA EM PATOS DE MINAS¹²⁴

As discussões que antecederam a vinda de uma instituição marista em Patos de Minas tiveram início a partir de dois fatores centrais e interligados. O primeiro dizia respeito à ausência de escolas particulares que atendessem à parcela da população com maior poder aquisitivo, o

¹²⁴ Ao longo do texto da dissertação, o colégio é referido como Colégio Marista, embora essa não tenha sido sua denominação original, como é demonstrado no estudo. Essa escolha se deve ao fato de ser o nome atualmente adotado pela instituição, facilitando a compreensão e a conexão com sua identidade atual.

que levava muitas famílias a enviarem seus filhos para centros urbanos como Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Patrocínio, Araxá e Uberaba, a fim de garantir a continuidade dos estudos. O segundo fator estava relacionado à necessidade de uma escola confessional exclusiva para meninos, uma vez que o ensino voltado às meninas já era ofertado pela Escola Normal Nossa Senhora das Graças¹²⁵ (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

Sobre a razão para a instalação de uma escola confessional para meninos em Patos de Minas, Falchetto (2024), relaciona a iniciativa à tradição das instituições religiosas quanto à divisão de gênero no ensino:

Até quando terminou o Concílio Vaticano II, em 1965, as escolas católicas mantidas por instituições religiosas, adotavam a separação. Em Patos já funcionava o colégio das Irmãs com somente meninas. Tanto a sociedade como os educadores pleiteavam outro tanto para os meninos (Falchetto, 2024).

Como reforça — o que foi explicado no tópico anterior — o Irmão Marista, a escola confessional para meninas já existia, o que levava a comunidade e os profissionais da educação a idealizarem uma que atendesse os meninos. Evitando-se assim que os mesmos tivessem que continuar os estudos nos centros urbanos maiores, como destacado pelo Colégio Marista (2008). Pode-se considerar ainda, que essa demanda social por uma escola masculina de orientação católica, somada ao interesse vocacional despertado entre jovens da cidade, acabou por estreitar os vínculos com o Juvenato de Mendes¹²⁶, no estado do Rio de Janeiro, então sede nacional da formação inicial dos Irmãos Maristas.

Em Patos de Minas, o Juvenato Mendes possuía papel estratégico na formação de jovens, cumprido pelo Juvenato de São José, conforme ilustra a Figura 42. A propriedade, originalmente uma fazenda produtiva, foi adquirida pelos Irmãos Maristas em 1903 e, a partir de 1904, passou por um processo gradual de adaptação, transformando-se em casa de formação religiosa. Além de funcionar como retiro espiritual, o espaço operava como colégio interno e centro formativo para candidatos à vida religiosa marista (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

¹²⁵ Esta passa a ofertar ensino misto em 1959, ano em que é inaugurado o Ginásio Nossa Senhora de Fátima, dos irmãos Maristas, em Patos de Minas.

¹²⁶ Atualmente, Centro Marista São José das Paineiras.

Figura 42 – Mendes, RJ- Coração da antiga Província do Brasil Central



Fonte: Maristas Centro-Norte (2017).

Entre as décadas de 1900 e 1950, especialmente até 1959, o local foi determinante na formação inicial dos Irmãos, abrigando o Juvenato, o seminário de juniores, o postulante e o noviciado¹²⁷. Além de sua função pedagógica e religiosa, essa unidade também servia como sede legal da UBEE, entidade civil responsável por administrar as atividades educacionais da Congregação Marista no Brasil, estando devidamente registrada em Mendes nessa época (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

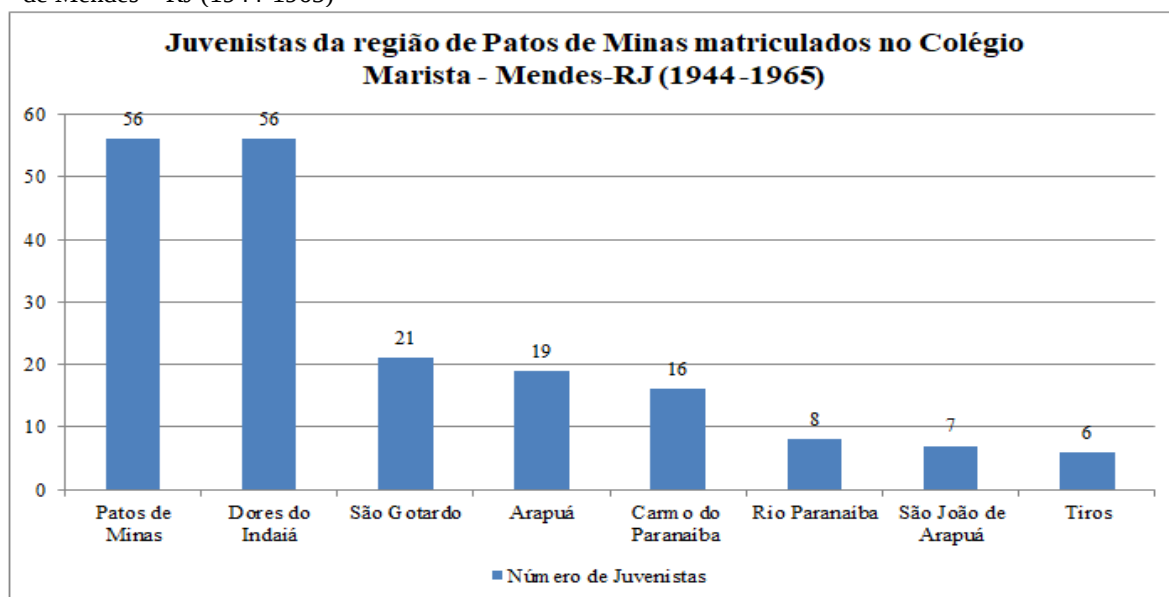
A estrutura do juvenato contemplava uma rotina disciplinada, que integrava formação espiritual, estudos escolares e atividades físicas, em sintonia com os ideais pedagógicos e evangelizadores de Marcelino Champagnat. Essa instituição exerceu papel estratégico na consolidação da presença marista no país, contribuindo para a formação de numerosos irmãos

¹²⁷ Exatamente durante o período mencionado nas cartas – documentos fundamentais para esta pesquisa –, o colégio sediado em Mendes-RJ desempenhava um papel central nas articulações que antecederam a fundação do Colégio Marista em Patos de Minas. A apresentação dessa instituição é de grande relevância, pois será frequentemente mencionada ao longo das tratativas e intermediações realizadas entre o Dr. João Borges e os Irmãos Maristas.

que atuariam posteriormente nas diversas frentes educacionais da Congregação (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

Portanto, era uma forma que as famílias encontraram para suprir a educação que faltava em Patos de Minas. A quantidade de matriculados no juvenato, antes da fundação do colégio, era expressiva para a época, entre os matriculados no período de 1944 a 1965. Somavam-se ao total 189 alunos, 56 alunos neste período, que junto com os de Dolores do Indaiá, também 56, eram os maiores números, (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008), a longa distância dos demais como mostra o Gráfico 1 da Figura 43.

Figura 43 – Relação de juvenistas de regiões próximas a Patos de Minas – Matriculados no juvenato de São José de Mendes – RJ (1944-1965)



Fonte: Colégio Marista de Patos de Minas (2008).

De acordo com o Colégio Marista os dados revelam a importância da presença Marista na região, pelo ótimo desempenho dos recrutadores vocacionais, por terem conseguido na região, vários novos seguidores do pensamento de Santo Marcelino Champagnat (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

A procura por matrículas fora de Patos de Minas foi um fator estimulante para iniciar a jornada relatada nas discussões que antecederam a vinda do colégio em Patos e na trajetória das intermediações e história abordadas anteriormente. Como destacado por documento do Colégio Marista da época:

[...] o número de matriculados no Juvenato São José de Mendes-RJ vem confirmar a necessidade da cidade, de construir uma estrutura educacional, que corresponda à altura de seu desenvolvimento urbanístico, populacional e

econômico. Sendo assim, cientes dessa necessidade, vários membros da sociedade Patense, passaram a empenhar pela construção de um educandário, para que invés de encaminhar os jovens para outras cidades os mesmos poderiam permanecer em Patos de Minas, ajudando a pensar e acompanhando o desenvolvimento da cidade natal (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008, p. 10).

Diante dessa necessidade, o processo de fundação do Colégio Marista em Patos de Minas, não foi fácil, exigiu esforços contínuos e a colaboração de diversas pessoas e instituições. No entanto, reunir documentos sobre essa trajetória não foi tarefa simples, pois muitos registros estavam dispersos ou sob a guarda de diferentes entidades. Uma fonte fundamental para se traçar uma interpretação sobre a história da instituição, foi o acervo do Centro de Estudos Maristas (CEM) de Belo Horizonte, que preserva documentos¹²⁸ essenciais sobre o período de criação do colégio.

Esse movimento para constituir uma escola confessional masculina, deu-se no Governado por Juscelino Kubitschek, que foi governador de Minas Gerais de janeiro de 1951 e 31 de março de 1955. Este marcado por um forte incentivo ao desenvolvimento, com o lema “50 anos em 5”, que

[...] agitava o cotidiano dos moradores da cidade. Precisamente, a cidade apresentava mudanças significativas nas questões econômicas, urbanísticas, culturais e religiosas, o que reforçava ainda mais a necessidade deste importante empreendimento. Cabe ressaltar que um dos principais responsáveis por essa idealização e realização do colégio masculino em Patos de Minas, foi Monsenhor Manoel Fleury Curado, homem probo e visionário nas suas decisões e que foi amplamente apoiado por outros homens importantes de Patos (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008, p.10).

Reforçando e ampliando essa menção dos principais responsáveis pelo movimento de instalação do Colégio Marista em Patos de Minas, Irmão Claudino destaca em sua entrevista:

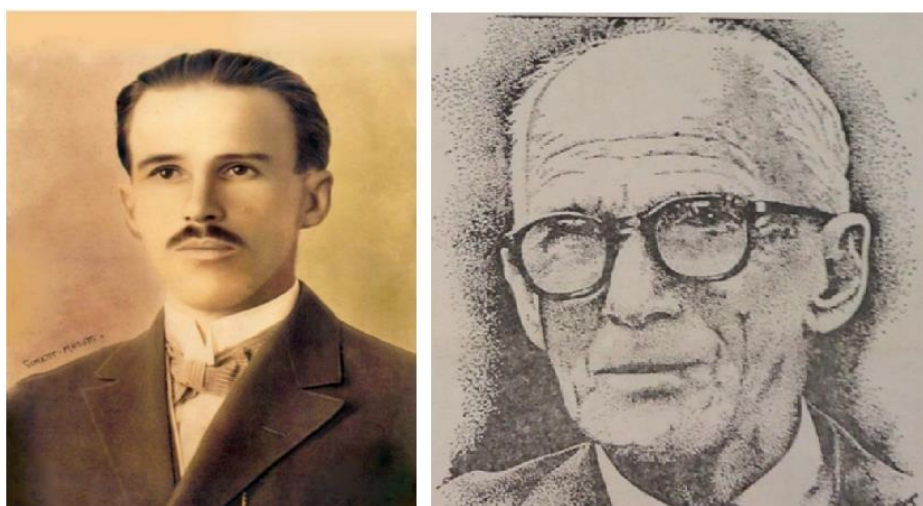
Não resta dúvida sobre esta questão. No âmbito religioso quem mais se interessou e mais batalhou foi Mons. Fleury Curado, que intermediou inclusive a aquisição do terreno na periferia da cidade, uma vez que os dez mil metros quadrados oferecido no centro foram considerados insuficientes. Para os trâmites legais, sobretudo na esfera pública operou com maestria Dr. João Borges, apresentando na câmara municipal os projetos que viabilizaram a concretização do sonho. (Falchetto, 2024).

¹²⁸ Entre esses registros, há cartas trocadas entre os responsáveis pela iniciativa de fundar um colégio na cidade e membros da Congregação Marista, destacando os desafios enfrentados, desde a busca por um local adequado para a construção até a obtenção de recursos e apoio político.

Nesta empreitada, Monsenhor Fleury Curado contou com o apoio decisivo do médico e líder político Dr. João Borges, figura de grande influência na vida social e educacional de Patos de Minas.

Na Figura 44, à esquerda, observa-se uma representação artística de Dr. João Borges ainda jovem, provavelmente elaborada a partir de uma fotografia de sua formatura em Medicina, o que reflete seu prestígio acadêmico e posição social à época. À direita, apresenta-se uma ilustração em grafite de Dr. João Borges já em idade avançada, publicada no artigo de Dannemann (2014b) sobre sua trajetória. Ambas as imagens evidenciam a relevância histórica dessa personalidade na fundação e consolidação do Colégio Marista em Patos de Minas.

Figura 44 – Retratos de Dr. João Borges



Fonte: Arquivo pessoal de Borges (2024); Dannemann (2014b).

Giovanni Roncalli Caixeta Ribeiro (2008) apresenta em seu estudo uma biografia de Dr. João Borges, na qual descreve que ele nasceu em 11 de setembro de 1886, em Patos de Minas. Iniciou seus estudos no Colégio Dom Bosco, em Cachoeira do Campo. Graduiu-se em Farmácia em 1909, formou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1914. Na ocasião de seu doutoramento, defendeu uma tese voltada para a área da Clínica Pediátrica, dedicada ao tema da moléstia de *Oppenheim*¹²⁹ (Ribeiro, 2008). Fato de saudosa lembrança do filho João Lucas Ribeiro Borges, o engenheiro-arquiteto, que deixa registrado em

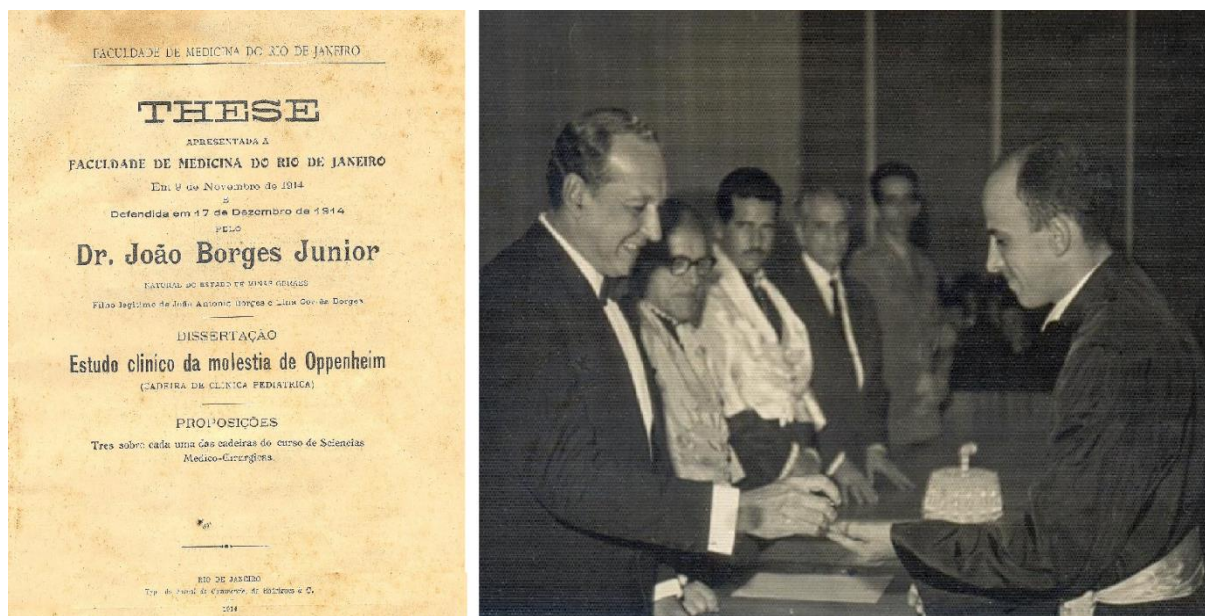
¹²⁹ A moléstia de Oppenheim, também conhecida como *distrofia muscular progressiva infantil* ou *doença de Oppenheim*, foi descrita pelo neurologista alemão Hermann Oppenheim no final do século XIX. Trata-se de uma condição congênita rara, caracterizada por fraqueza muscular generalizada e atraso no desenvolvimento motor. Em 1914, a escolha desse tema para uma tese de doutoramento em Medicina era bastante significativa, pois as doenças neuromusculares ainda eram pouco conhecidas e careciam de sistematização clínica. Assim, o estudo realizado por João Borges refletia um esforço de atualização científica no Brasil, acompanhando os avanços médicos europeus da época e inserindo a pediatria em um campo de investigação moderna e em consolidação.

rede social, no grupo *Saudosismo Patense*¹³⁰, um depoimento sobre a defesa da tese do pai, carregado de memória e emoção, em que associa sua própria trajetória acadêmica à do pai.

“Hoje, dia 17 de dezembro de 2024. Esta data marcou minha vida. Em 17/12/1914, meu Pai, Dr. João Borges, apresentava sua Tese de Doutorado em Medicina na Capital Federal, Rio de Janeiro. Exatamente 50 anos após, comemorando seu cinquentenário, 17/12/1964, eu recebia meu 'canudo' de Arquitetura em BH. Hoje, comemoramos nosso 110º e 60º aniversário... Meu Pai faleceu aos 93 anos de vida, e eu ainda estou engatinhando por aqui aos 87!” (Borges, 2024).

Além da publicação, Borges (2024) também compartilha imagens, Figura 45, do documento que atesta a defesa da tese, expedido pela Faculdade de Medicina em 1914 e do registro do momento em que foi cumprimentado por ocasião de sua formatura.

Figura 45 – Documento da defesa da tese; Dr. João Borges na formatura - RJ (1914)



Fonte: Arquivo pessoal de Borges (2024)

Ribeiro (2008, p. 69) ainda relata que Dr. João Borges:

Foi secretário do comitê central constituído para a criação do primeiro hospital de Patos de Minas. Casou-se com Maria Ferreira de Mello (D. Fia), com quem teve os filhos Clélia, Paulo, Zuleika, Fábio, Roberto, Helvécio e Maria Lina. Após ficar viúvo, casou-se com Mariquinhas de Mello Ribeiro (D. Maré), com

¹³⁰ O depoimento foi extraído do grupo público “Saudosismo Patense”, que reúne aproximadamente 50,4 mil membros na rede social Facebook. Criado como espaço de memória e sociabilidade digital, o grupo é dedicado a compartilhar lembranças, imagens, depoimentos e documentos sobre a história e o cotidiano de Patos de Minas e de seus habitantes.

quem teve mais três filhos: João Lucas, Modesto e Lina Maria. Clinicou também em Carmo do Paranaíba. Foi vereador em Patos de Minas de 1947 a 1962. Em 1954, participou da fundação da Associação Médica de Patos de Minas. Teve grande empenho, ao lado de Monsenhor Manoel Fleury Curado, para trazer o Colégio Marista para Patos de Minas. Faleceu em Patos de Minas, em 4 de janeiro de 1980.

Segundo Dannemann (2014b) de conduta proba¹³¹ no exercício da medicina, Dr. João foi símbolo de valor e competência. No sentido religioso destaca o historiador, chama atenção com dizeres praticamente de uma poesia erudita:

[...] sempre estivera arraigado à índole de sua grei, coroara sua missão de médico a impregnar de sabedoria seu viver, dando-lhe o cunho maior de beleza não poderá ser aferida tão somente pelos padrões-utilitaristas e pragmáticos, doenças modernas e insidiosas a necrosarem a civilização, a impedernirem¹³² as consciências, e, obnubilaes as sensibilidades morais (Dannemann, 2014b, s.p).

Nesta passagem, Dannemann (2014b) revela que Dr. João Borges foi mais do que um médico competente: foi um homem profundamente ligado ao seu povo e viveu com sabedoria e sentido ético. Sua vida não pode ser avaliada apenas por padrões práticos e modernos (que ele vê como nocivos), pois ele representava um ideal mais elevado de humanidade, espiritualidade e sensibilidade moral — algo raro e valioso numa época cada vez mais dominada pelo materialismo e pelo egoísmo.

Sua contribuição mais significativa para a educação local foi à intermediação na construção do Colégio Marista na cidade, defendendo a necessidade de uma instituição de ensino católica de qualidade para a juventude patense. Ele enfatizou que uma cidade sem um colégio de qualidade está fadada ao fracasso, destacando a importância do conhecimento e da formação moral (Dannemann, 2014b).

O médico, segundo os documentos do CEM-BH e o Relatório dos 50 anos do Colégio Marista, 2008 – Arquivo do Colégio Marista de Patos de Minas, destacou-se como o principal articulador local entre os diversos nomes que apoiaram o projeto, tornando-se figura central nas tratativas que culminaram na vinda do colégio em Patos de Minas. Dannemann (2014b) explica que Dr. João Borges, liderou as articulações junto às autoridades religiosas locais e com a Congregação Marista em Mende-RJ, e à comunidade para viabilizar esse importante projeto.

¹³¹ Conduta proba é a expressão que se refere a um comportamento honesto, íntegro, ético e moralmente correto, demonstrando retidão de caráter e respeito às normas sociais e legais.

¹³² Impeder (impedirem): do latim *impedire*, significa obstruir, dificultar ou impossibilitar a realização de algo.

Dentre os feitos, Dr. João Borges colaborou com o Monsenhor Manoel Fleury Curado na aquisição de terrenos para a construção do colégio. Sua atuação foi decisiva para superar obstáculos políticos e ideológicos, garantindo a concretização do projeto educacional que viria a beneficiar gerações de estudantes em Patos de Minas. Portanto, o legado de Dr. João Borges é marcado por seu compromisso com o desenvolvimento educacional e social da cidade, sendo lembrado como um dos principais responsáveis pela chegada dos Irmãos Maristas e pela fundação do Colégio local.

A partir desse contexto de articulação política e comunitária, torna-se possível compreender como se deu o processo de construção do Colégio Marista em Patos de Minas, marcado por negociações, registros documentais e intermediações que revelam a complexidade que envolve a consolidação do colégio marista no município.

3.3.1 Articulações para construção: Intermediações e Registros Históricos

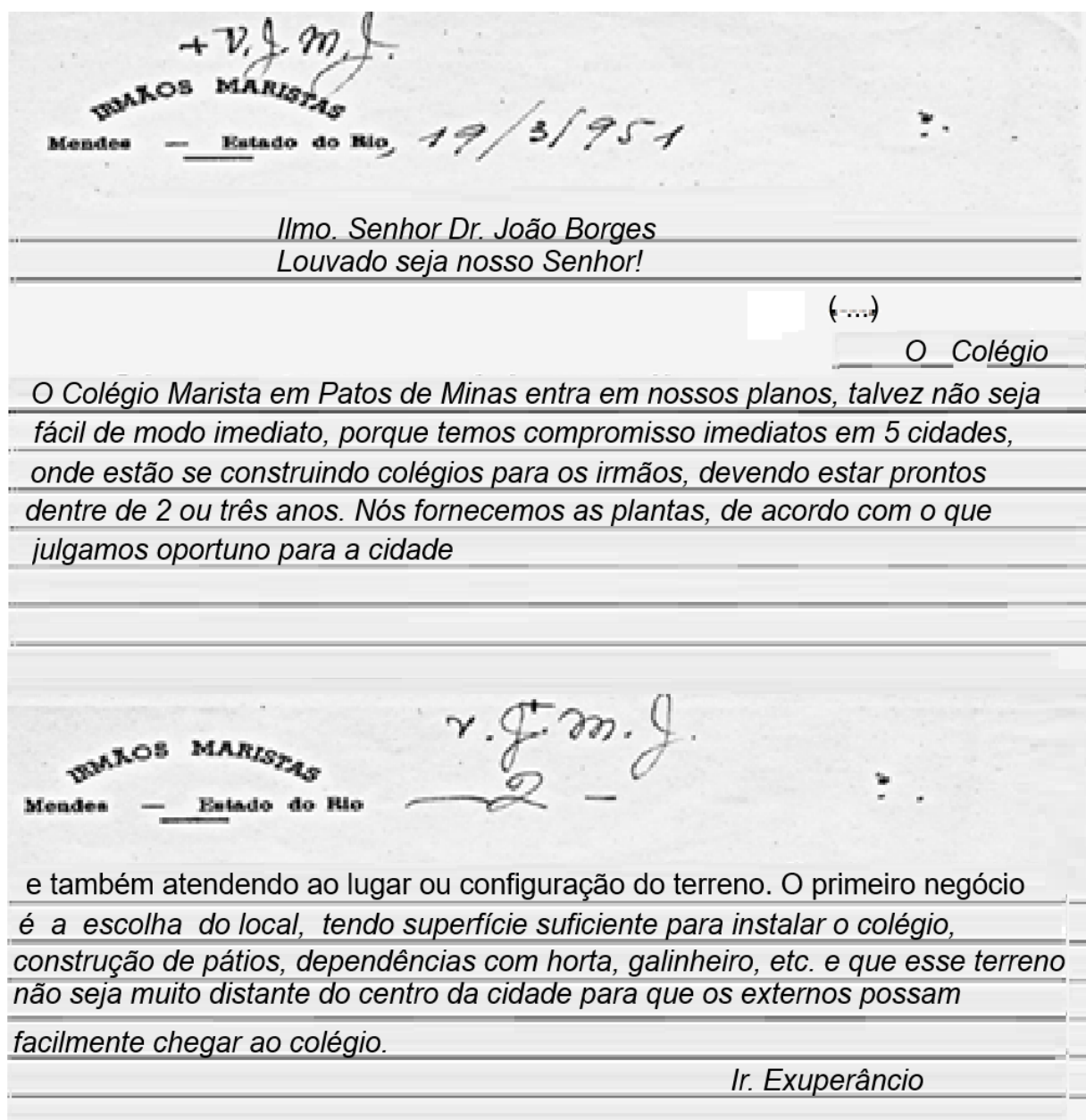
Em comunicação direta com o CEM-BH, foi possível ter acesso a registros que documentam o processo de articulação para a construção do Colégio Marista em Patos de Minas – da idealização à efetiva construção – objetivo há muito acalentado por Dr. João Borges. Este tópico descreve sua atuação como mediador junto à Congregação Marista, acompanhando desde o planejamento do projeto e a aquisição do terreno até o início das obras.

De acordo com Irmão Claudino, o financiamento para a construção foi realizado inteiramente com recursos próprios do Instituto Marista, sem necessidade de apoio externo: “O Instituto Marista é uma rede e todo o financiamento de todas as novas unidades é integralmente bancado por recursos próprios. Assim ocorreu com a unidade de Patos” (Falchetto, 2024).

Os documentos do CEM-BH, em sua maioria cartas, revelam registros de diversos aspectos determinantes para a concretização do projeto educacional dos Irmãos Maristas na região. Evidenciam, ainda, a relevância do diálogo estabelecido entre a comunidade local, a Igreja e as autoridades, atores sociais que desempenharam papéis essenciais na viabilização da iniciativa. Entre os fragmentos preservados, destacam-se três cartas que demonstram a estreita ligação construída – desde o encontro que tiveram em 1947, com o propósito de trazer o colégio para Patos de Minas –, entre Irmão Exuperância e Dr. João Borges.

Na primeira carta, de 19 de março de 1951, Figura 46, percebe-se a preocupação inicial com a escolha do terreno, considerando fatores como espaço adequado para infraestrutura e acessibilidade para os alunos.

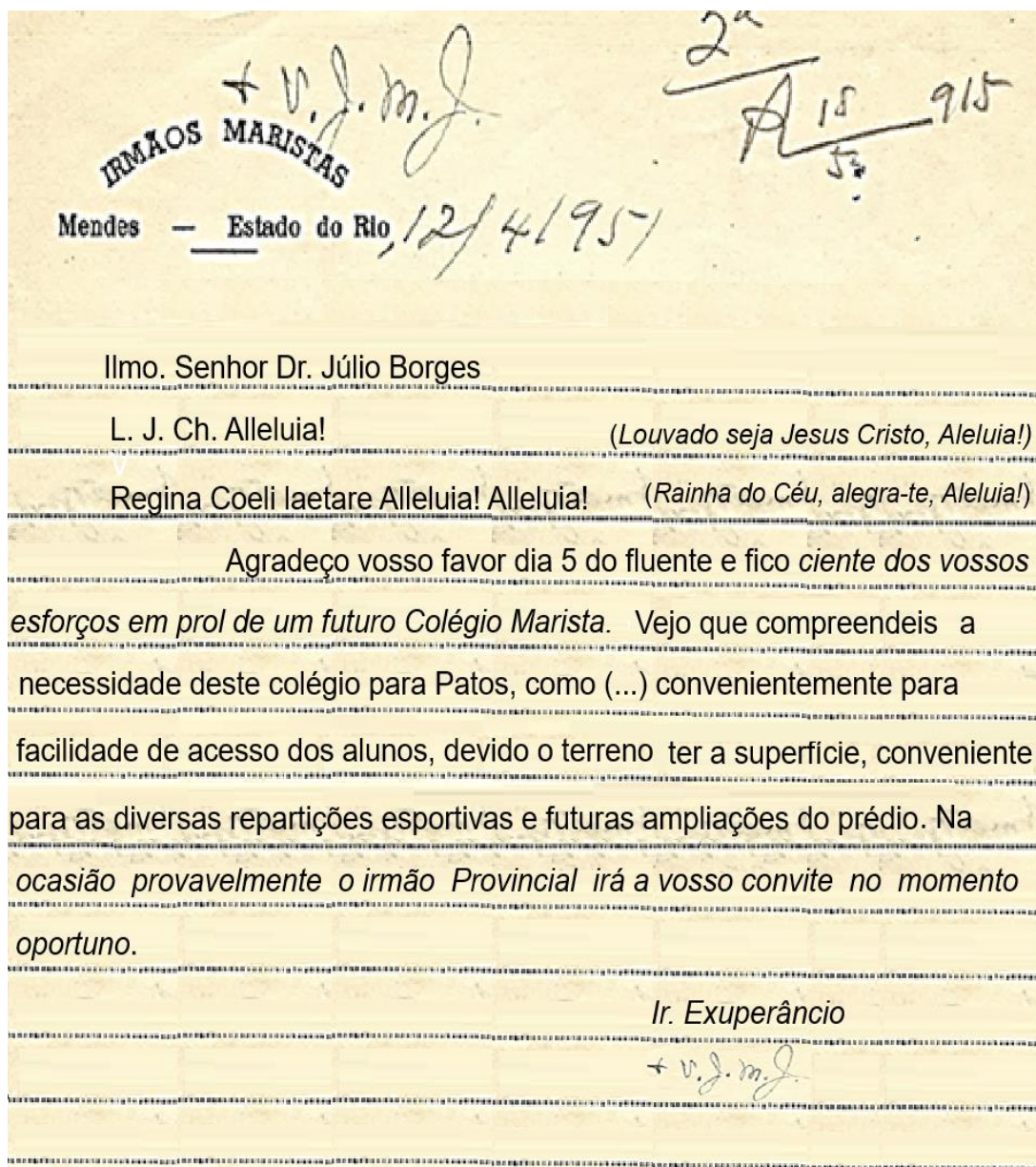
Figura 46 – Carta de Irmão Exuperância para Dr. João Borges



Fonte: Transcrição da autora (2025) da carta do Acervo digital do CEM-BH (1951)

Na carta de 12 de abril de 1951, Figura 47, o Irmão Exuperância reconhece os esforços do Dr. João Borges, na articulação para viabilizar o colégio, além de mencionar a possibilidade de visita do Irmão Provincial, um passo essencial para oficializar as negociações.

Figura 47 – Carta de Irmão Exuperância para Dr. João Borges

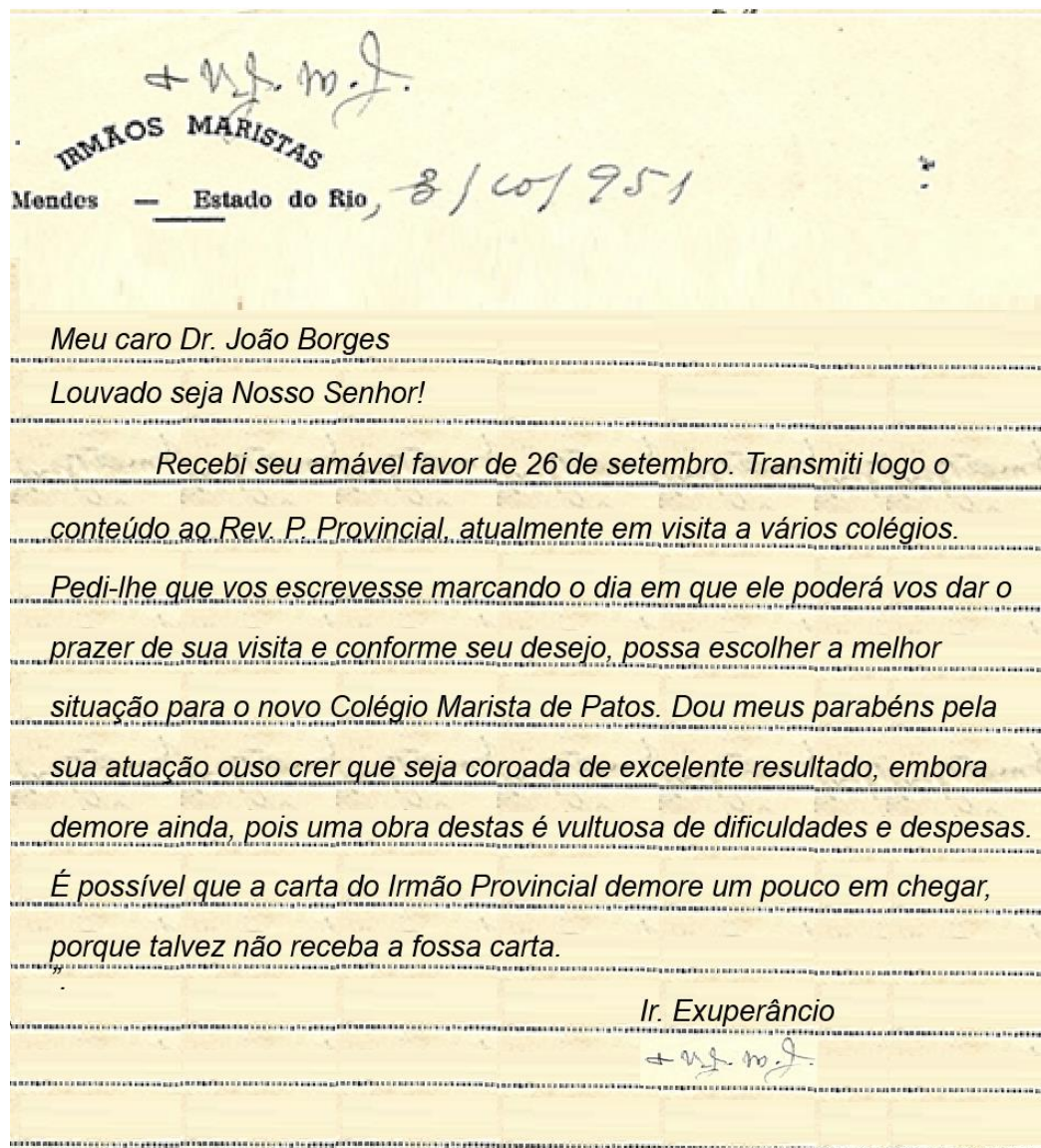


Fonte: Transcrição da autora (2025) da carta do Acervo digital do CEM-BH (1951).

A missiva datada de 3 de outubro de 1951, Figura 48, por sua vez, evidencia a iminente visita do Irmão Provincial, um marco significativo no avanço das discussões para a definição da localização para a instalação do colégio.

As três correspondências apresentadas revelam o empenho do Ir. Exuperância e do Dr. João Borges na concretização da fundação do Colégio Marista em Patos de Minas. Além disso, a análise desses registros documentais evidencia não apenas a meticulosa organização que pautou a condução deste processo, mas também a centralidade do diálogo e da colaboração entre os diversos atores sociais envolvidos na viabilização do projeto educacional, tendo como principal articulador o Dr. José Borges.

Figura 48 – Carta de Ir. Exuperância para Dr. João Borges



Fonte: Transcrição da autora (2025) da carta do Acervo digital do CEM-BH (1951).

Em correspondência datada de 6 de fevereiro de 1952¹³³, dirigida ao Reverendíssimo Padre Alaor Porfírio, o Dr. João Borges consulta acerca do valor referente à aquisição do terreno, cuja verba seria disponibilizada pelo governador, condicionada à aprovação do Vereador Zama Maciel¹³⁴ (Figura 49).

¹³³ Poucos dias antes de sua morte em 1º de março de 1952.

¹³⁴ Zama Maciel (1904–1968) foi uma destacada figura pública de Patos de Minas. Nascido em 30 de junho de 1904, era filho do Coronel Farnese Dias Maciel e de Adelaide Caixeta Maciel. Formou-se em Agrimensura pelo Colégio Militar do Rio de Janeiro em 1926. Atuou como vereador em Patos de Minas por três legislaturas consecutivas, além de exercer os cargos de Inspetor Federal de Ensino e Delegado da Secretaria de Educação de Minas Gerais. Também foi professor de História, Geografia, Português e Matemática. Zama Maciel é coautor da letra do Hino Oficial de Patos de Minas, em parceria com Dom José André Coimbra. Foi membro da Academia Patense de Letras e fundou a União Recreativa dos Trabalhadores (URT), contribuindo para a construção do estádio que hoje leva seu nome. Em sua homenagem, o Colégio Estadual de Patos de Minas passou a se chamar Escola Estadual Professor Zama Maciel, conforme a Lei nº 5.743, de 8 de julho de 1971.

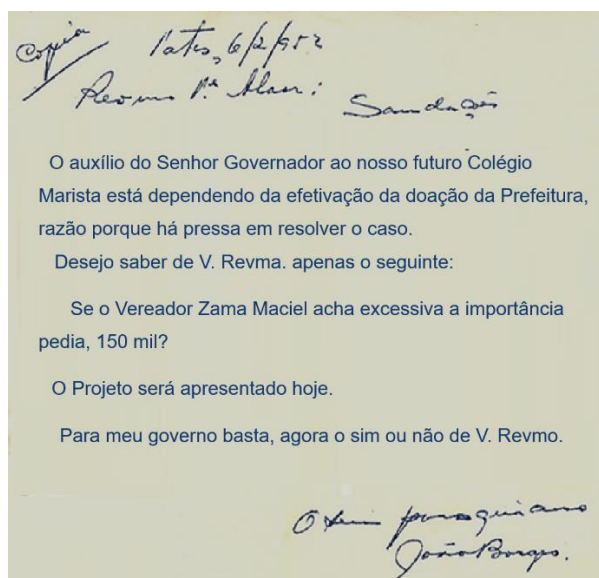
Figura 49 – Vereador Zama Maciel



Fonte: Dannemann (2018b)

Na ocasião, na carta Dr. João Borges (Figura 50) informa que o montante inicialmente estimado era de Cr\$ 150.000,00 (cento e cinquenta mil cruzeiros), contudo já antecipava a possibilidade de redução para Cr\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros), caso o vereador considerasse excessivo o valor proposto. Ainda, Dr. João Borges, de forma prudente, indaga ao Reverendíssimo Padre sobre a aceitação dessa eventual redução, e acrescenta que o projeto de lei seria apresentado à Câmara Municipal na mesma data da redação da carta.

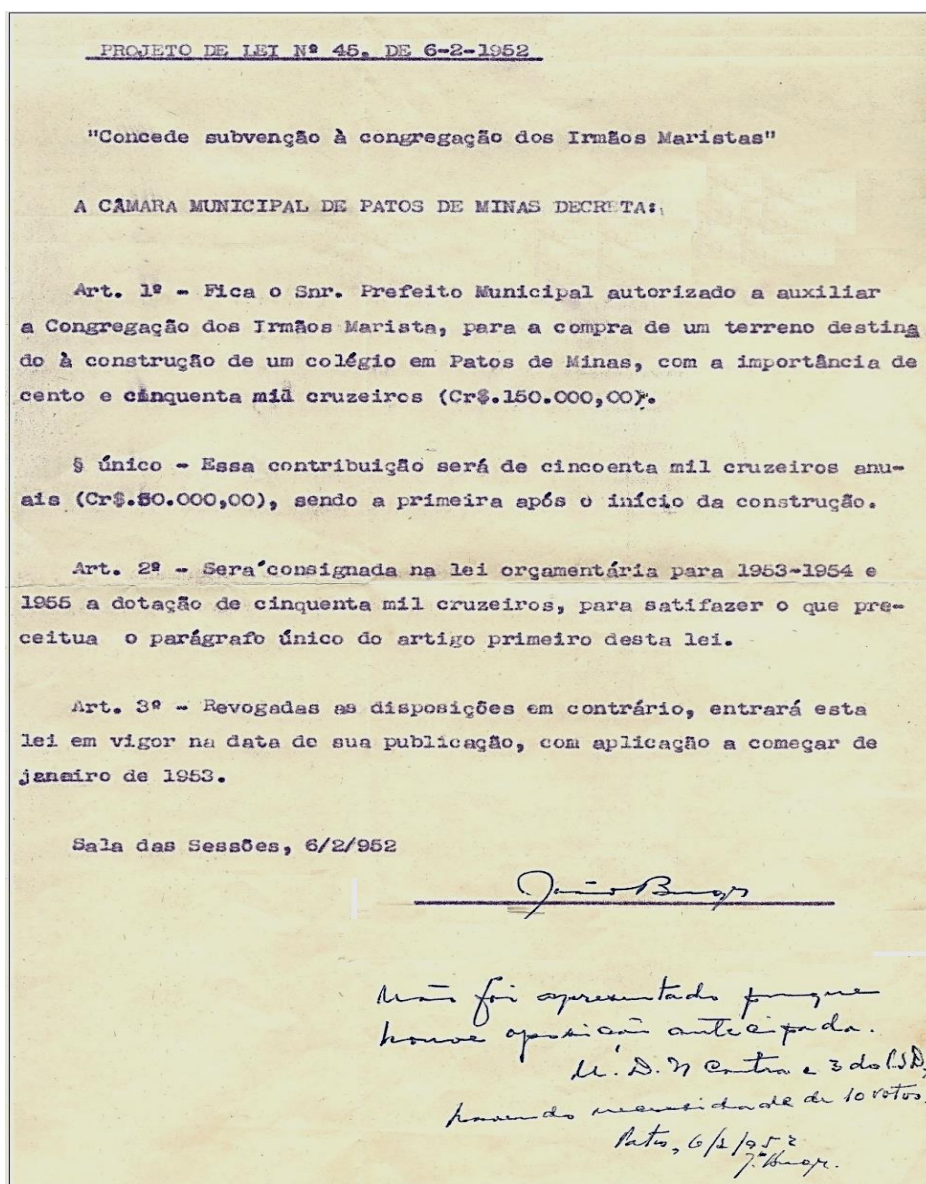
Figura 50 – Carta de Dr. João Borges a Pe. Alaor Porfírio



Fonte: Transcrição da autora (2025) da carta do Acervo digital do CEM-BH (1952)

Conforme as tratativas estabelecidas e a menção de Dr. João Borges, a Câmara Municipal de Patos de Minas, por meio do Projeto de Lei nº 46, de 6 de fevereiro de 1952 (Figura 51), oficializou a autorização para o auxílio financeiro da Prefeitura Municipal à Congregação dos Irmãos Maristas na aquisição do terreno para a edificação do colégio. O aporte financeiro previsto pelos proponentes do projeto, no valor de CR\$ 150.000,00 (cento e cinquenta mil cruzeiros), seria desembolsado em três parcelas anuais de CR\$ 50.000,00 (cinquenta mil cruzeiros) cada, com a primeira liberação submetida ao início concreto das construções.

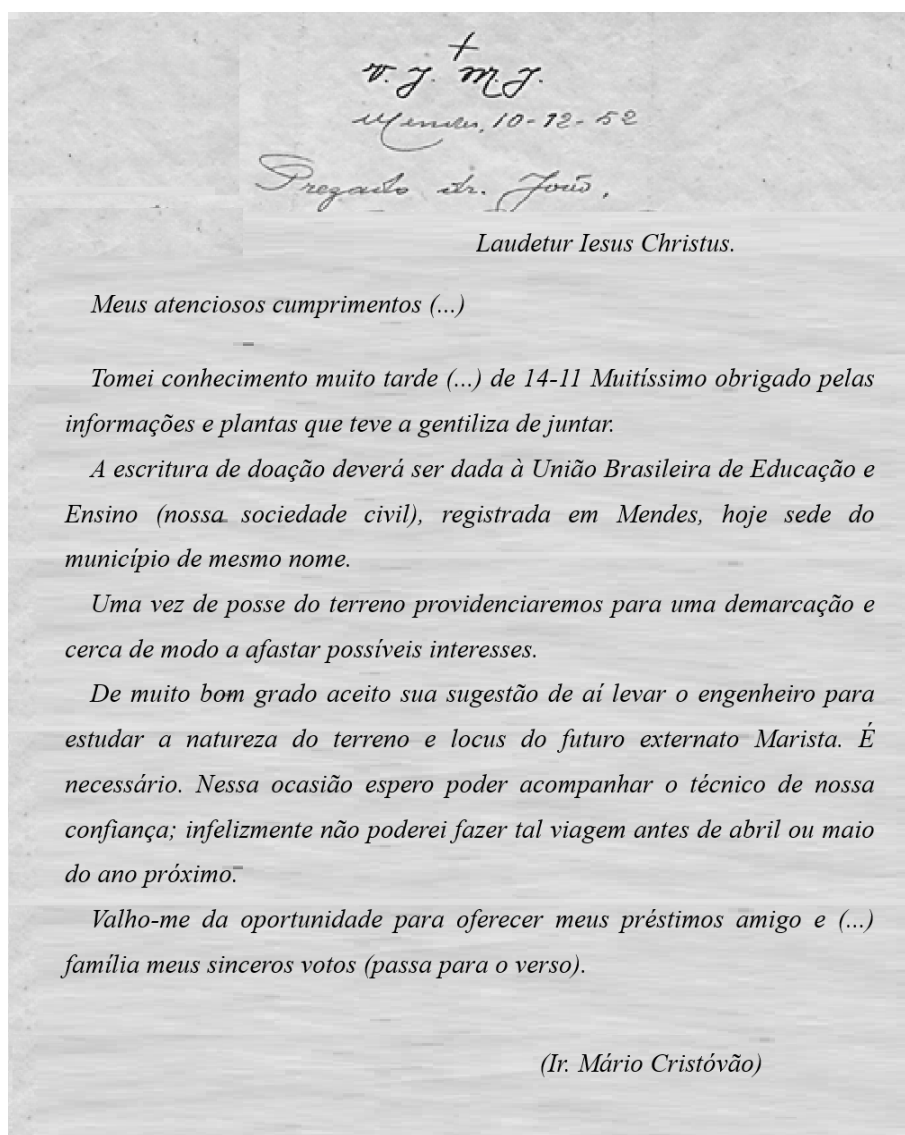
Figura 51 – Projeto de Lei nº 46, de 6/2/1952 para a compra do terreno



Fonte: Acervo digital do CEM-BH (1952).

Em 10 de fevereiro de 1952, ciente da doação do terreno pela Prefeitura, por meio do Projeto de Lei n.º 46/1952, Ir. Mário Cristóvão escreveu uma carta para Dr. João Borges (Figura 52), explicando que a doação deveria ser feita à UBEE — sociedade civil da Congregação Marista no Brasil —, registrada em Mendes (RJ). Na correspondência, destacou também outras providências que Dr. João Borges deveria assumir, bem como as ações que ele próprio se comprometeria a realizar.

Figura 52 –Carta de Irmão Mario Cristóvão para Dr. João Borges



Fonte: Transcrição da autora (2025) da carta do Acervo digital do CEM-BH (1952).

A carta do Irmão Mário Cristóvão relata os estágios iniciais de planejamento e implementação do projeto educacional, materializado na construção de um externato. A missiva revela o primeiro passo: a formalização da doação e o registro da propriedade. Tal exigência sublinha a importância da legalidade e da segurança jurídica no processo de aquisição do

terreno. O registro da escritura em Mendes — sede do município homônimo à época — garantiria a posse legal da área e sua destinação exclusiva para a construção do colégio.

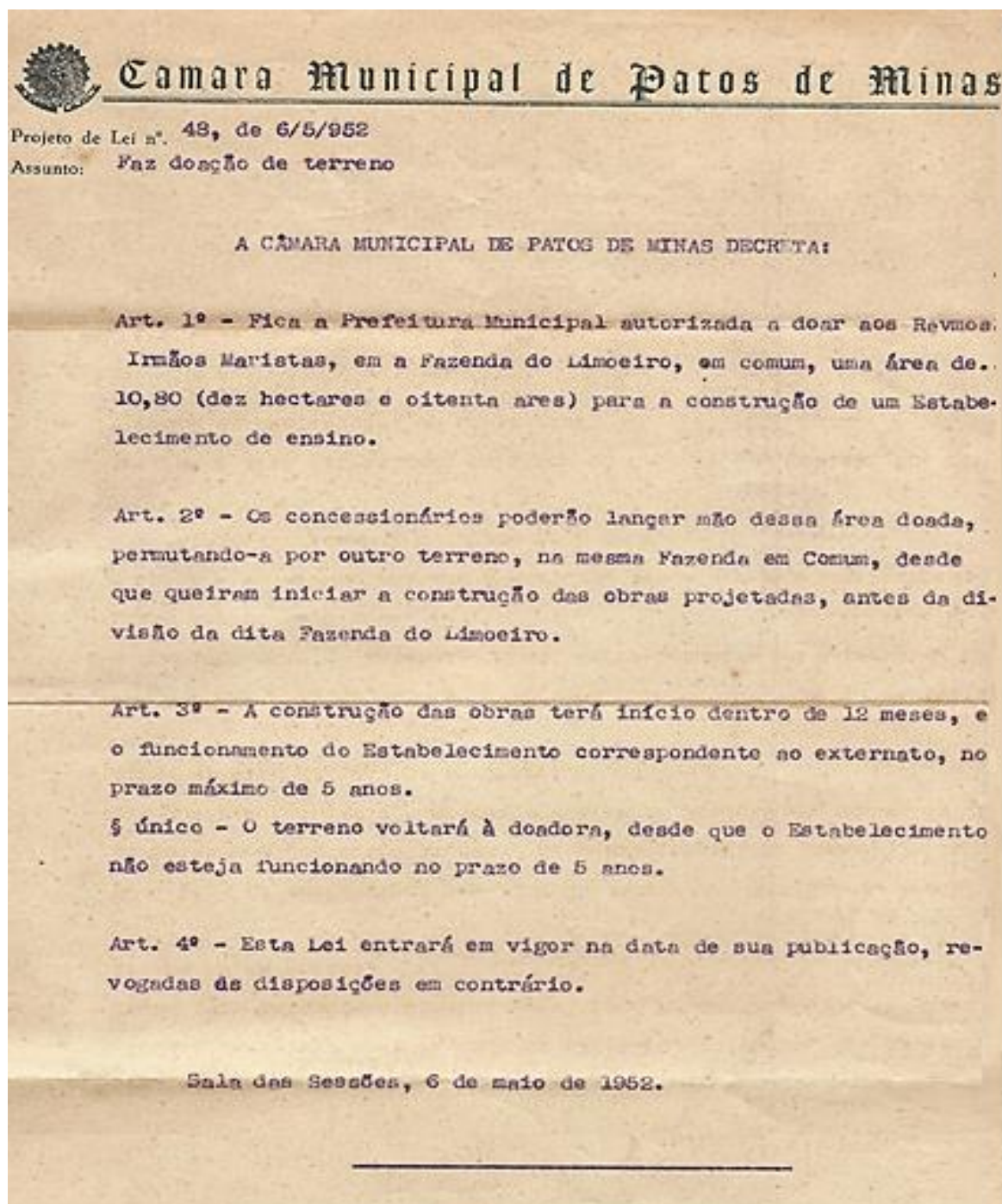
Outro ponto importante mencionado é a demarcação e a proteção do terreno, já que a carta aponta a necessidade de cercamento logo após a posse. Ao delimitar fisicamente a área, os Irmãos Maristas asseguravam sua disponibilidade para o início das obras. A correspondência também registra a intenção de realizar um estudo técnico do terreno e do local destinado ao externato, com o apoio de um engenheiro. Essa preocupação inicial com a definição e preservação do espaço confirma o que aponta Frago (2001), ao destacar a acomodação ao terreno como uma etapa fundamental no processo de edificação escolar.

Essa iniciativa demonstra a cautela e o rigor técnico que norteavam o planejamento da construção. O estudo do terreno permitia avaliar suas características, identificar possíveis problemas e determinar o local mais adequado para erguer o prédio, considerando fatores como topografia, condições do solo, drenagem e orientação solar. Como observa Frago (2001), a acomodação do edifício ao terreno constituía uma das primeiras preocupações no processo de edificação escolar, sendo decisiva para a funcionalidade e a durabilidade da construção.

Além do cuidado técnico e jurídico, o processo de construção do colégio também reflete o sentido simbólico atribuído ao edifício escolar como expressão de um ideal educativo e social. Como aponta Antônio Nóvoa (1995), a edificação da escola constitui uma forma de materializar a presença do Estado, da Igreja ou de uma congregação no espaço urbano, conferindo visibilidade ao projeto de formação humana que representam. A concepção de espaço escolar no projeto dos Irmãos Maristas não se limita à dimensão técnica ou construtiva, mas integra-se à própria diretriz pedagógica da Congregação. Desde o *Guia das Escolas Maristas* (Instituto dos Irmãos Maristas, 2000), o ambiente educativo é compreendido como elemento formativo, capaz de educar pela ordem, pelo cuidado e pela harmonia.

O processo de construção do colégio foi iniciado com a aprovação da Lei Municipal nº 48/1952, que doou um terreno de 10,8 hectares, localizado na Fazenda Limoeiro, aos Irmãos Maristas. A lei previa a flexibilização da área a ser utilizada, permitindo a permuta por outra área dentro da mesma fazenda, caso necessário para o início imediato das obras. Além disso, a legislação estabeleceu prazos para o início e a conclusão das obras, demonstrando a urgência em implementar o projeto educacional. O artigo 3º estabelecia que a construção deveria ser iniciada em até 12 meses e que o colégio entrasse em funcionamento, no regime de externato, no prazo máximo de cinco anos (Figura 53).

Figura 53 – Lei nº 48: Autorização de doação do terreno



Fonte: Acervo CEM-BH (1952).

Esse documento reforça o interesse e o comprometimento do poder público municipal em apoiar a instalação da instituição de ensino, estabelecendo parâmetros claros para a efetivação da doação e o cumprimento de sua finalidade educacional. A exigência de prazos reafirma o compromisso com a concretização do projeto, garantindo que a doação cumpra seu propósito de beneficiar a comunidade.

De acordo com Dannemann (2014a), o Dr. João Borges, ao perceber a relevância da iniciativa, articulou a construção do colégio com interesses políticos mais amplos. As negociações com os Irmãos Maristas foram marcadas por essa busca por um alinhamento entre o projeto educacional e as demandas da sociedade. Por isso, em 12 de dezembro de 1951, Dr. João Borges encaminhou uma carta ao advogado Dr. Murilo Eugênio Rubião¹³⁵, que, na época, era chefe de gabinete do então governador de Minas Gerais, Juscelino Kubitschek. Esse período corresponde ao início do mandato de JK no governo estadual, iniciado em 31 de janeiro de 1951¹³⁶. Por meio dessa correspondência, o Dr. João Borges, expõe a necessidade de investimento educacional na cidade e enfatiza:

Patos de Minas, MG: 12/12/1951: “a falta de uma estrutura adequada da educação patense irá refletir no futuro de muitos rapazes aproveitáveis” (...) “Está escolhido o terreno, a Câmara já aprovou uma lei dando isenção de taxas e impostos municipais. Mas como o orçamento da obra projetada deverá alçar a mais de 5 mil contos, não serão iniciados os serviços sem um auxílio pecuniário, que a Câmara não poderá dar”. (...) “Revmo. Provincial Irmão Mário Cristovão, já esteve em Patos, escolheu o terreno, e está esperando a palavra do governo para resolver entre Patos e Goiânia, que está oferecendo vultosas doações. São Paulo, Paraná e agora Goiás, não poupa sacrifícios para conquistar um Colégio Marista” (...) “desejam os patenses, agora, apenas uma promessa do Exmo. Governador sobre a modalidade do auxílio, a um entendimento direto com o Revmo. Irmão Provincial para que seja providenciado o levantamento da planta”. (Dannemann, 2014a).

A correspondência enviada por Dr. João Borges ao chefe de gabinete Murilo Eugênio Rubião do governador demonstrou seu comprometimento com o desenvolvimento educacional de Patos de Minas e sua capacidade de mobilização diante das demandas locais. Ao apresentar a situação da cidade e destacar a concorrência de outras localidades na captação dos Irmãos Maristas, Dr. João Borges reforçou a urgência de um posicionamento favorável do governo

¹³⁵ Murilo Eugênio Rubião (1916–1991) foi jornalista, contista e figura de destaque na política e na cultura mineira. Nasceu em Silvestre Ferraz (hoje Carmo de Minas), em 1º de junho de 1916, e foi criado em Belo Horizonte. Formado em Direito, atuou como funcionário público, chefe de gabinete de Juscelino Kubitschek no governo de Minas Gerais e, durante cinco anos, como chefe do Escritório de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil em Madri, onde também exerceu a função de adido na embaixada brasileira. Como jornalista, criou em 1966 o *Suplemento Literário do Diário Oficial Minas Gerais*. Como escritor, dedicou-se exclusivamente ao conto. Perfeccionista, publicou apenas 33 histórias, que reescreveu incansavelmente, muitas delas traduzidas na Europa e nos Estados Unidos. Em vida, lançou os livros *O ex-mágico* (1947), *A estrela vermelha* (1953), *Os dragões e outros contos* (1965), *O pirotécnico Zacarias* (1974), *O convidado* (1974), *A Casa do Girassol Vermelho* (1978) e *O homem do boné cinzento* (1990). Faleceu em Belo Horizonte, em 1991. Cf. COMPANHIA DAS LETRAS. *Murilo Rubião*. [s.d.]. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/autor/murilo-rubiao>. Acesso em: 20 jul. 2025

¹³⁶ Juscelino Kubitschek de Oliveira governou o estado de Minas Gerais de 31 de janeiro de 1951 até 31 de março de 1955, quando se desincompatibilizou do cargo para concorrer à Presidência da República. Durante seu mandato como governador, JK priorizou o desenvolvimento econômico e a industrialização do estado, implementando políticas que incentivaram a instalação de indústrias e a modernização da infraestrutura.

estadual. Seu apelo foi além da solicitação por recursos: expressou a preocupação com o futuro dos jovens e evidenciou o empenho em integrar a cidade a uma rede educacional de prestígio, reforçando a legitimidade da causa junto às instâncias de poder.

A criação do Colégio Marista em Patos de Minas envolveu fatores sociais, econômicos e políticos, como a demanda por educação confessional masculina, a falta de escolas particulares locais para a elite, o apoio da liderança religiosa, a expansão urbana da cidade e a necessidade de articulação política para obter recursos diante da concorrência com outras cidades. Esses elementos exigiram grande mobilização para viabilizar o projeto (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

O excerto da correspondência evidencia um processo marcado por desafios, mas também por uma grande determinação em oferecer à cidade uma instituição de ensino de qualidade. A falta de recursos financeiros foi um dos principais obstáculos enfrentados pelos idealizadores do projeto. A necessidade de buscar apoio institucional, tanto em âmbito municipal quanto estadual, demonstra a complexidade da tarefa de construir uma escola em um contexto local de limitações financeiras. A competição com outras cidades que também buscavam a instalação de um colégio Marista evidencia a importância estratégica desse projeto para o desenvolvimento da região (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

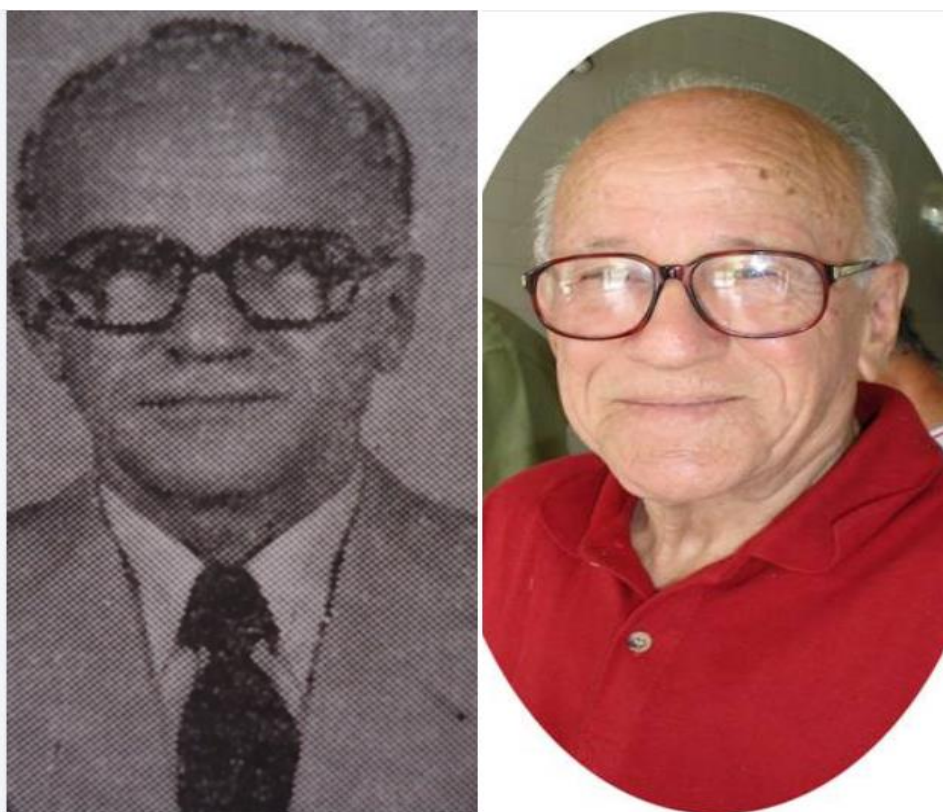
A carta enfatiza a urgência da iniciativa, destacando a concorrência com outras cidades, como Goiás, São Paulo e Paraná, que estavam oferecendo incentivos para atrair a instituição Marista. Além disso, ao mencionar a isenção de taxas e impostos já concedida pela Câmara Municipal, evidenciava-se o compromisso local com o projeto, ao mesmo tempo em que se reforçava a necessidade de recursos estaduais para sua concretização. Essa postura ativa e articulada revela o empenho de Dr. João Borges em garantir que Patos de Minas se consolidasse como um polo educacional relevante, aproveitando o prestígio da Congregação Marista.

Já familiarizado com a Província de Mendes (RJ) — para a qual seu filho, Roberto Augusto Ferreira Borges (Irmão Ruperto Aurélio), foi encaminhado para a formação como irmão marista —, Dr. João Borges pôde atuar de forma destacada como colaborador e intermediário nas tratativas relacionadas à construção do colégio em Patos de Minas, especialmente na mediação das correspondências com os Irmãos Maristas. Além de possuir experiência e competência profissional para conduzir os trâmites administrativos, esse vínculo familiar facilitou sua interlocução e articulação com a Congregação.

É importante destacar que os documentos do acervo digital do CEM-BH — em sua maioria, correspondências da época, conforme ilustrado no Quadro 4 — foram originalmente

endereçados ao Dr. João Borges, que os conservou como registros de suma importância nas tratativas com a Província de Mendes (RJ) e com as autoridades envolvidas na instalação do colégio em Patos de Minas. Posteriormente, esses documentos foram cuidadosamente preservados por seu filho, Roberto Augusto Ferreira Borges (Figura 54), que os doou ao CEM-BH, garantindo não apenas sua conservação como patrimônio histórico do Colégio Marista de Patos de Minas, mas também sua disponibilidade para pesquisas e estudos acadêmicos.

Figura 54 – Roberto Augusto Ferreira Borges



Fonte: Grupo Colégio Marista de São José por D’Agostini (2019).

Na análise empreendida por Dannemann (2018a) e complementada por informações de um dos membros do Grupo do Colégio Marista de São José¹³⁷, Antonio Fidencio D’Agostini (2019), evidencia-se a relevância da trajetória de Roberto Augusto Ferreira Borges, como Irmão Marista, decisão tomada aos seus treze anos incompletos:

¹³⁷ Informação extraída de publicação realizada no grupo público *Colégio Marista São José* na rede social Facebook, de autoria de Antonio Fidencio D’Agostini (2019). O grupo público “Colégio Marista São José”, hospedado na rede social Facebook, reúne atualmente 5,3 mil membros, entre ex-alunos, professores e alunos vinculados à instituição. Criado com o objetivo de preservar e compartilhar a memória escolar, o espaço tornou-se um repositório colaborativo de documentos, imagens, depoimentos e relatos que contribuem para a reconstrução histórica da trajetória do colégio.

[Ir. Roberto Augusto Ferreira Borges - Nome Religioso Ir. Ruperto Aurélio - Apelido “Moita”¹³⁸], nasceu em 29 de maio de 1924 [em Patos de Minas, MG]. Quinto Filho de Maria Ferreira Borges e do Dr. João Borges. Cedo, aos 13 anos incompletos, deixou a terra natal. Decidiu-se pela vocação de Irmão marista e seguiu para Mendes – RJ. Aí ficou de 1937 [tendo tomado o hábito no dia 20 de dezembro de 1941] a 1943 quando se transferiu para Curitiba. Desta data a 1946 completou os estudos do Escolástico (Seminário Maior) juntamente com os três anos do Curso Colegial. Os anos de 1946 e 1947 marcam seu início no magistério na capital paulista. Vestibular em 1948, na Faculdade Federal de Ciências e Letras de Curitiba no curso de História Natural. Nesse mesmo ano termina seus estudos referentes à carreira marista (...) militou no magistério em São Paulo, Curitiba, Varginha, Ribeirão Preto, Mendes e Rio de Janeiro. Não se limitou a ministrar as disciplinas específicas de seu curso universitário – Biologia, Zoologia, Mineralogia e Botânica, mas lecionou Matemática, Francês, Português, Latim, História e Geografia. Teve um carinho especial para com as aulas e atividades de formação cristã. Praticamente sua carreira de magistério se encerrou em 1964, quando foi nomeado Diretor do conceituado Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Neste cargo permaneceu durante 9 anos [até 1973]. Em 1974 seguiu para Paris onde ficou 2 anos. De volta foi à Varginha onde ultimou a passagem do tradicional Colégio Marista Coração de Jesus para o Governo Estadual. Em 1977 vem a Belo Horizonte, ano em que se vê à frente do Escolasticado Marista, para em 1978 assumir a direção do Colégio Marista Dom Silvério de Belo Horizonte. Faleceu no Rio de Janeiro em 26 de Janeiro de 2009, com 84 anos de idade e 67 anos de Vida Religiosa Marista (D’Agostini, 2019).

A história de Roberto Augusto foi profundamente influenciada pela dedicação e pelo compromisso do pai com a comunidade de Patos de Minas, especialmente no que tange à construção do Colégio Marista na cidade. Esse vínculo de admiração e respeito pela figura paterna foi fundamental para que ele preservasse e organizasse esses registros históricos. A relevância de sua atuação se manifesta, portanto, não apenas em sua vida religiosa e educacional, mas também na salvaguarda de uma memória documental indispensável à reconstituição histórica da vinda do Colégio Marista. Todas as correspondências analisadas até este ponto foram guardadas e preservadas por ele, o que justifica a inclusão de sua trajetória neste estudo.

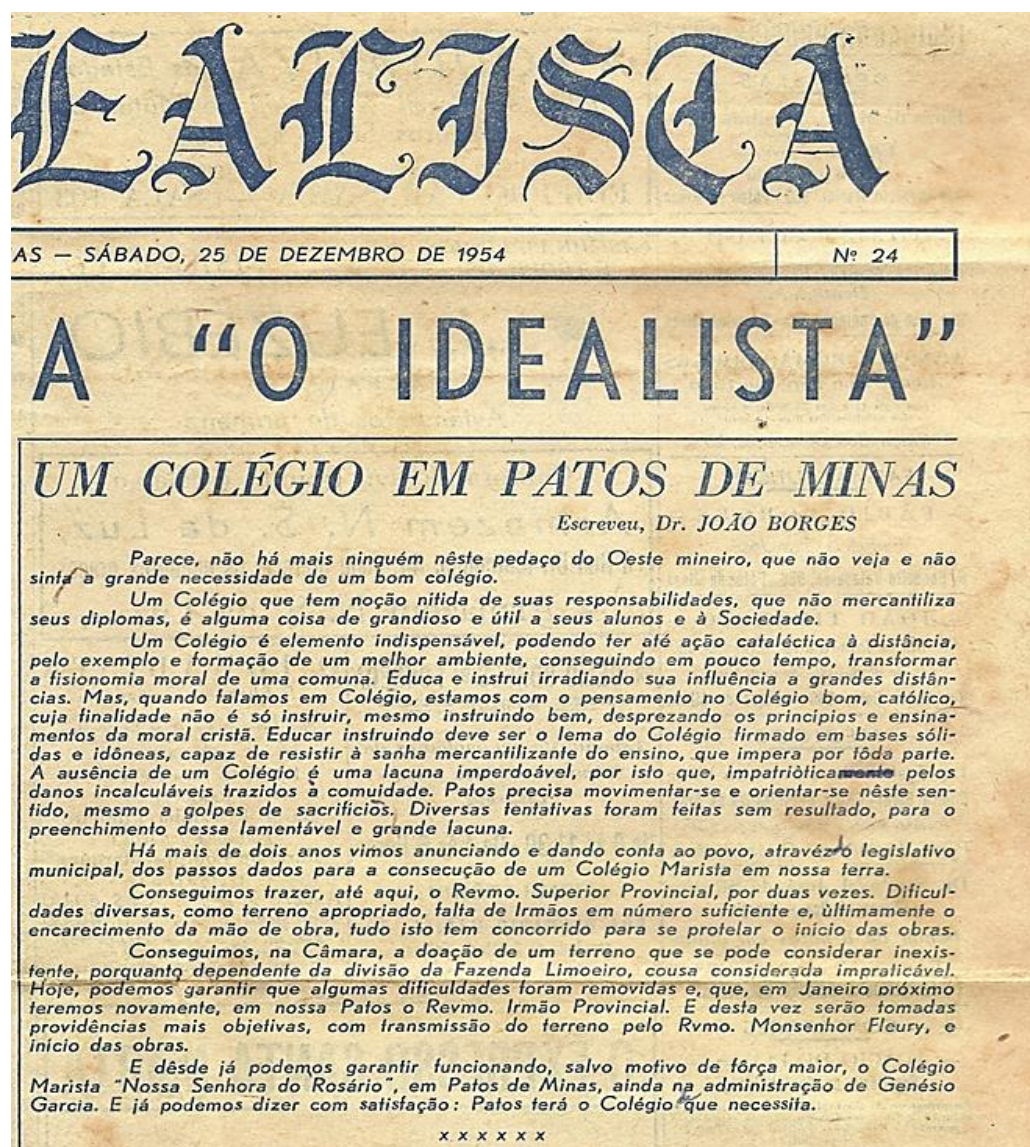
Dando continuidade aos esforços empreendidos em favor da criação do colégio — ou seja, considerando todas as ações realizadas à época, como reuniões, negociações e diálogos estabelecidos por meio das cartas enviadas a diferentes pessoas envolvidas —, Dr. João Borges dá mais um passo importante para reforçar a importância do Colégio Marista em Patos de Minas. Publica um artigo intitulado *Um Colégio em Patos de Minas*, no jornal *O Idealista*¹³⁹,

¹³⁸ Irmão Ruperto, era conhecido como “Moita”, devido à sua estratégia discreta para identificar alunos com cabelo comprido — contrariando a norma vigente, conhecida como “*Príncipe Danilo máquina zero*”.

¹³⁹ O *Idealista* foi fundado em 25 de dezembro de 1953, pela Sra. Edith Gomes de Deus, juntamente com Maria Terezinha Pinheiro e Maria de Lourdes Marques. O jornal inicia sua circulação na mesma data, com Edith Gomes de Deus como gerente e as cofundadoras como diretora e diretora-redatora, respectivamente. Encerrou as suas

em 25 de dezembro de 1954 (Figura 55), que assume o tom de uma carta-manifesto dirigida à população, reforçando a urgência da fundação de um colégio de qualidade na cidade.

Figura 55 – Artigo “Um Colégio em Patos de Minas” por João Borges



Fonte: Acervo digital do CEM-BH (1954).

No artigo publicado no jornal *O Idealista*, em 25 de dezembro de 1954 (Figura 55), Dr. João Borges expressou publicamente a necessidade urgente da fundação de um colégio confessional em Patos de Minas, organizando seus argumentos nos seguintes termos:

atividades com a edição de 25 de dezembro de 1954 e circulava quinzenalmente. Fato marcante na época foi que o jornal era o primeiro de Patos de Minas a ser comandado por mulheres (Dannemann, 2015, *op.cit.*).

a) há uma percepção generalizada na comunidade sobre a importância de um bom colégio, com responsabilidade e compromisso ético, que vá além da simples emissão de diplomas;

b) a ausência de uma instituição desse porte configura uma lacuna grave na vida da cidade, cujas tentativas anteriores de solução foram infrutíferas;

c) colégios católicos, com bases morais sólidas, são fundamentais não apenas para instruir, mas para educar, irradiando valores cristãos à sociedade como um todo;

d) desde o início das articulações, houve mobilização local, doação de terreno e visitas do Irmão Provincial, embora obstáculos — como a escassez de irmãos e o custo da mão de obra — tenham atrasado o início das obras;

e) com o retorno do Irmão Provincial previsto para janeiro e a regularização do terreno em andamento, Dr. João Borges conclui com otimismo: Patos terá o colégio que necessita.

O texto enfatiza que a fundação de um colégio religioso representaria não apenas um avanço na educação da juventude, mas também uma resposta aos anseios da comunidade, que buscava alternativas de instrução que unissem conhecimento acadêmico e valores ético-religiosos. Para Dr. João Borges, “um colégio bom, católico, cuja finalidade não é só instruir, mesmo instruindo bem, desprezando os princípios e ensinamentos da moral cristã” era elemento essencial para transformar a “fisionomia moral” da comunidade local e evitar os “danos incalculáveis” da ausência de uma instituição com tais características. Além disso, ele apresentava a iniciativa como “um projeto coletivo futuro”, reforçando que já havia movimentações junto ao Legislativo Municipal, bem como o apoio de lideranças políticas e religiosas para a viabilização do empreendimento.

O artigo de João Borges, publicado no jornal *O Idealista* — veículo de circulação local —, revela o clima de expectativa e entusiasmo em torno da chegada dos Irmãos Maristas à cidade, servindo como registro das forças sociais, religiosas e políticas que se uniram em prol da criação do Colégio Marista de Patos de Minas. Essa publicação teve papel fundamental na mobilização da opinião pública e na neutralização de possíveis resistências, ao destacar que a ausência de um colégio estruturado comprometia o desenvolvimento social, cultural e moral da cidade. Ao mesmo tempo, evidenciava o comprometimento das lideranças locais com o projeto, apresentando as dificuldades enfrentadas, como a escassez de terrenos adequados, o alto custo da mão de obra e a necessidade de maior número de Irmãos disponíveis.

Em consonância com essa mobilização, outro agente fundamental nesse processo foi o Monsenhor Fleury Curado. Conforme depoimento do Irmão Marista, “no âmbito religioso, quem mais se interessou e mais batalhou foi Mons. Fleury Curado, que intermediou inclusive

a aquisição do terreno na periferia da cidade, uma vez que os dez mil metros quadrados oferecidos no centro foram considerados insuficientes” (Falchetto, 2024).

A fala de Falchetto (2024) reforça a relevância do Monsenhor como articulador do projeto, especialmente na negociação para a aquisição de um terreno adequado à futura instituição. Sua capacidade de diálogo e de mobilização da comunidade católica foi decisiva para consolidar a parceria entre a Igreja, os Irmãos Maristas e os representantes do poder público e da sociedade civil.

Dessa forma, a combinação entre o engajamento político de Dr. João Borges e a liderança religiosa de Mons. Fleury foi determinante para viabilizar a instalação do Colégio Marista. Ambos foram fundamentais — elementos complementares na superação dos obstáculos iniciais —, valendo-se da imprensa, das redes de apoio e da credibilidade junto à comunidade para transformar a proposta educacional em realidade. Foram também exemplos da união entre Igreja e Estado na articulação do bem comum em favor da comunidade que representavam.

Até 1956, as articulações em torno do estabelecimento de um colégio marista em Patos de Minas já haviam alcançado significativa maturidade, tanto no campo político quanto no apoio comunitário. A publicação do artigo em *O Idealista* consolidou publicamente esse compromisso e evidenciou os avanços já obtidos, como a definição do terreno e o envolvimento da liderança religiosa e política local. Com o retorno do Irmão Provincial previsto para janeiro de 1957, as tratativas avançaram para um novo patamar: o início efetivo das obras, marcado por ampla mobilização social e institucional.

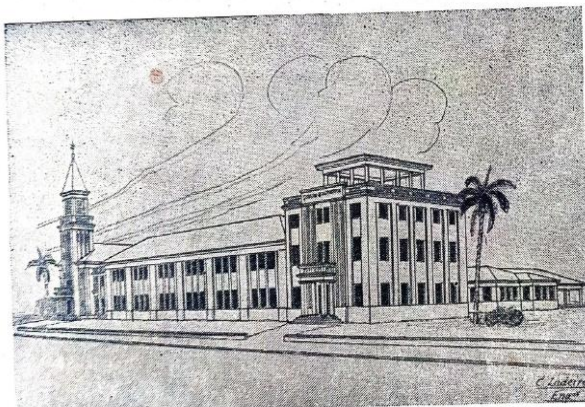
Outra cobertura importante protagonizada pela imprensa local foi a reportagem publicada no *Jornal dos Municípios*¹⁴⁰, em 4 de maio de 1956 (Figura 56), que trouxe a reprodução da planta do edifício do futuro Ginásio Nossa Senhora de Fátima, a ser construído em Patos de Minas. O texto, intitulado “Ginásio Nossa Senhora de Fátima dos Irmãos Maristas em Patos de Minas”, destacava que o início das obras atenderia a um “velho anseio do povo de Patos” e à “urgente necessidade de um bom educandário”, ressaltando ainda o prestígio dos Irmãos Maristas, então responsáveis por alguns dos melhores colégios do país. A matéria evidenciava não apenas o interesse da comunidade local pela educação de qualidade, mas

¹⁴⁰ O *Jornal dos Municípios* foi criado em 24 de maio de 1956, pelo jornalista José Maria Vaz Borges. O periódico, inicialmente idealizado com uma proposta de atuação municipal e educacional por seu diretor, acabou se envolvendo com questões políticas ao chegar a São Paulo, adquirindo um perfil mais controverso. Enfrentando problemas financeiros, interrompeu sua circulação em 1963. Após cinco anos, retornou em 25 de dezembro de 1968, iniciando uma nova fase com o objetivo de promover Patos de Minas e sua região, agora adotando uma postura política mais clara, próxima do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), partido ao qual o diretor-proprietário se filiou e pelo qual se lançou candidato a deputado estadual em 1970 (Dannemann, 2015, *op. cit.*).

também funcionava como um registro histórico da mobilização social e do reconhecimento público da importância da instituição para a cidade.

Figura 56 – Reportagem do Jornal: Ginásio Nossa Senhora de Fátima dos irmãos maristas em Patos de Minas

Ginásio Nossa Senhora de Fátima dos Irmãos Maristas em Patos de Minas



O clichê acima é a reprodução da planta do grandioso edifício do novo Ginásio N. Senhora de Fátima que será construído à Avenida Major Gote, no Bairro do Rosário, nesta cidade, e cujas obras serão iniciadas ainda no curso do corrente ano.

Satisfazendo ao velho anseio do povo de Patos e outrossim vindo ao encontro da urgente

necessidade de um bom educandário nesta rica zona, os benemeritos Irmãos Maristas que dirigem os melhores estabelecimentos de educação em todo o Brasil, cumprindo uma velha promessa, vão iniciar a construção de um grande ginásio nesta cidade. A obra, que ainda este ano será começada, visará em primeiro lugar conseguir acomodações suficientes para o

Sociais:

FAZEM anos hoje as seguintes pessoas de nossa cidade: Sr. J. A. Nascimento; sr. Abel Araújo; a prezada srta. Edith Gomes; sr. Olivier Gontijo; sr. Epaminondas Porto; srta. Zulma Soares; sr. José Adolfo de Brito, sócio-proprietário da "Editora Jornal dos Municípios Ltda." e pessoa benquista em nosso meio comercial; sr. Leopoldo Oliveira Gondim, do alto-comércio de nossa terra. Ontem, o sr. Anésio José da Rocha, fazendeiro e comerciante em nosso Município, pessoa de trato lhano e muito estimado na Sociedade.

Aos aniversariantes, os parabéns deste Jornal.

externato do educandário. Desta maneira será abreviada a instalação do Ginásio, cujas obras de vulto e portanto, dispendiosas, serão atacadas sem interrupção, de maneira a ficarem prontas dentro de curto prazo. Acaba de estar nesta cidade o competente engenheiro dessa grandiosa construção, o Revmo. Irmão Júlio, que vem dirigindo a construção de vários Ginásios da Congregação, em São Paulo e Minas.

Finalmente, dentro de pouco tempo Patos terá o seu Ginásio de primeira ordem, sob a competente direção dos eméritos educadores, que são os Irmãos Maristas, e que virá beneficiar de maneira especial toda esta populosa e vasta zona de Minas, tão desprovida de educandários.

Nota-se, infelizmente, que em Patos o progresso vem se operando apenas no setor material, faltando-lhe o principal,

que é o progresso espiritual e cultural. A nossa mocidade vai crescendo sem certa instrução e cultura, agravada com a circunstância de serem poucos os que se acham em condições de mandar um ou mais filhos para estudar lá fora, nesta época em que será necessário dispendir enorme soma de dinheiro para manter-se o aluno em qualquer ginásio, noutra localidade.

Patos está, portanto, de parabéns, e bem assim todos os municípios desta vasta zona, que ainda não possuem um bom ginásio para a educação de seus filhos. Que seja iniciado, quanto antes, a construção do grandioso edifício do "Ginásio N. Senhora de Fátima" e, então, com intenso júbilo, poderemos cantar o nosso "Te Deum laudamus" em ação de graças por tão grande e assinalado benefício para a nossa cara terra.

Fonte: Centro de documentação e memória do UNIPAM.

A seguir trechos parafraseados com base em texto publicado na edição especial do Jornal dos Municípios, acompanhando a Figura 56. Patos de Minas, 4 maio 1956, ano 1, n. 1, p. 1. Os principais aspectos destacados são:

- a) o anúncio da construção do novo ginásio pelos Irmãos Maristas, cuja obra teria início ainda naquele ano, no bairro Rosário, atendendo a um antigo anseio da população local;
- b) a valorização dos Irmãos Maristas como educadores renomados em todo o Brasil e o reconhecimento de que a fundação do colégio seria uma resposta concreta à carência educacional da região;
- c) a indicação de que o edifício seria moderno, voltado inicialmente ao funcionamento do externato, como etapa para viabilizar a instalação completa do educandário;
- d) a presença do engenheiro responsável pela obra, o Irmão Júlio, com experiência em outras construções da Congregação em Minas e São Paulo;

e) uma crítica à desproporção entre o crescimento material de Patos de Minas e sua formação cultural e espiritual, agravada pela dificuldade de enviar filhos para estudar em outras cidades;

f) o reconhecimento da relevância regional do novo ginásio, visto como conquista para Patos e municípios vizinhos, e a expectativa de que a obra seja iniciada em breve, marcando um momento de júbilo para a comunidade.

A reportagem trouxe a reprodução da planta do edifício do futuro Ginásio Nossa Senhora de Fátima, a ser construído na Avenida Major Gote, no bairro Rosário, em Patos de Minas. O texto do jornal destacava que o início das obras atenderia a um “velho anseio do povo de Patos” e à “urgente necessidade de um bom educandário”, enfatizando o prestígio dos Irmãos Maristas, já responsáveis por alguns dos melhores colégios do Brasil.

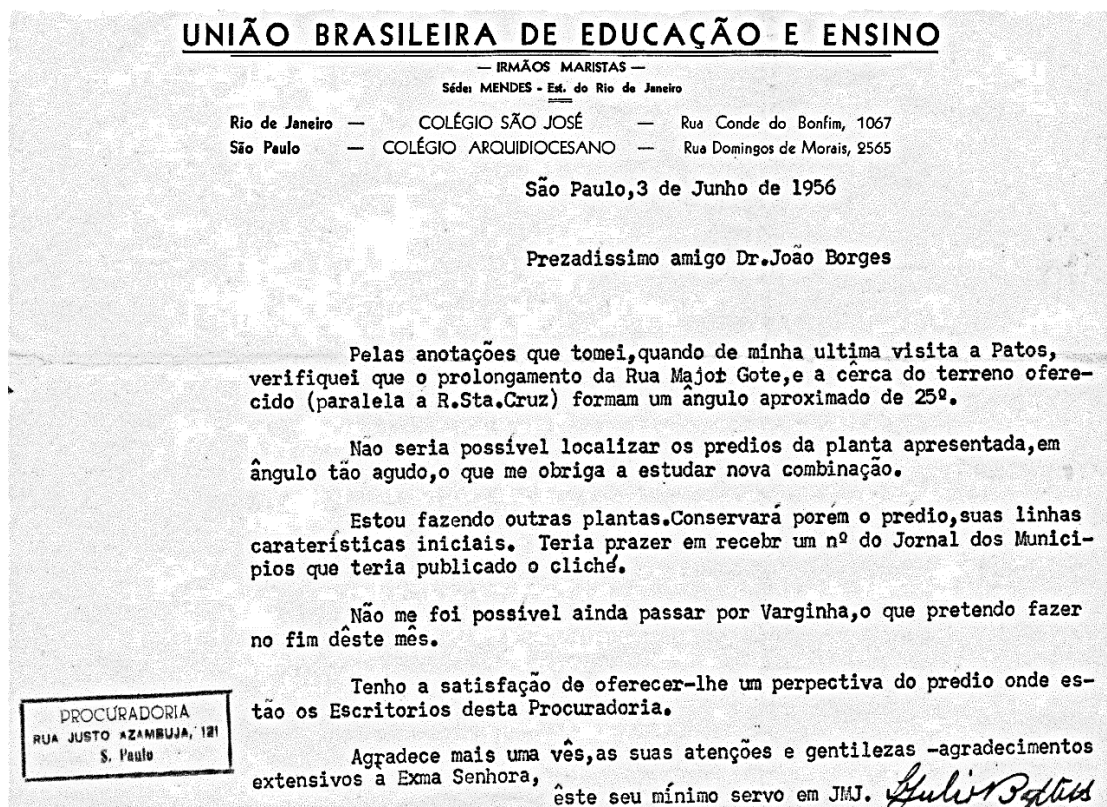
A notícia celebrava a presença do engenheiro responsável pela obra, o Revmo. Irmão Júlio, que já havia dirigido a construção de outros ginásios da Congregação em São Paulo e Minas. Além disso, reforçava a dimensão simbólica e social do empreendimento, ao afirmar que o progresso material de Patos carecia de “progresso espiritual e cultural” — condição que apenas um colégio religioso poderia oferecer à juventude local. Nesse sentido, o jornal apresentava o futuro ginásio como um marco de transformação para a cidade e toda a região, saudando a iniciativa como um “benefício assinalado para a nossa cara terra”.

Esse registro jornalístico, ao divulgar publicamente a planta e anunciar o início das obras, consolidava o avanço das articulações iniciadas anos antes, confirmando que o projeto do colégio estava em vias de se concretizar. Não se tratava mais apenas de aspirações e negociações políticas ou religiosas, mas de um empreendimento com cronograma e diretrizes técnicas já definidas.

Pouco tempo depois, a carta enviada pelo Irmão Jules Baptiste a Dr. João Borges, em 3 de junho de 1956 (Figura 57), reforça a veracidade dessa movimentação e inclui, ainda, o pedido de uma cópia do jornal que teria publicado o clichê¹⁴¹.

¹⁴¹ O termo *clichê* tem origem no francês e foi amplamente utilizado a partir do século XIX no campo das artes gráficas, designando a matriz ou chapa utilizada para reproduções em série. No vocabulário técnico da construção civil, especialmente entre as décadas de 1950 e 1970, passou a ser empregado para indicar moldes ou matrizes utilizados na execução de elementos padronizados em obras arquitetônicas. Nesse contexto, o uso da palavra não remete ao seu sentido figurado — de expressão repetitiva ou estereotipada —, mas ao caráter técnico e prático do processo construtivo da época.

Figura 57 – Carta do Irmão Jules Baptista a Dr. João Borges



Fonte: Acervo digital do CEM-BH (1956).

A carta enviada pelo Irmão Jules Baptiste a Dr. João Borges, em 3 de junho de 1956, revela preocupações técnicas com a implantação da planta no terreno e confirma a circulação do artigo publicado no *Jornal dos Municípios*. Eis a transcrição integral¹⁴²:

Prezadíssimo amigo Dr. João Borges

Pelas anotações que tomei, quando de minha última visita a Patos, verifiquei que o prolongamento da Rua Majot Gotê, e a cerca do terreno oferecido (paralela a R. Sta. Cruz) formam um ângulo aproximado de 25°. Não seria possível localizar os prédios da planta apresentada, em ângulo tão agudo, o que me obriga a estudar nova combinação. Estou fazendo outras plantas. Conservará, porém o prédio, suas linhas características iniciais. Teria prazer em receber um nº do Jornal dos Municípios que teria publicado o clichê. Não me foi possível ainda passar por Varginha, o que pretendo fazer no fim deste mês. Tenho a satisfação de oferecer-lhe uma perspectiva do prédio onde estão os Escritórios dessa Procuradoria. Agradece mais uma vez, as suas atenções e gentilezas — agradecimentos extensivos à Exma Senhora, Este seu mínimo servo em JMJ. *Jules Baptiste*.

¹⁴² Nesta correspondência, optou-se pela transcrição integral da carta, preservando sua redação original. Diferentemente dos textos anteriores — mais extensos e complexos —, cuja apresentação se deu por meio da pontuação dos principais tópicos para facilitar a leitura; a concisão desta justificou sua reprodução completa, assegurando a fidelidade documental e a uniformidade metodológica adotada neste trabalho.

Na carta, o Irmão Jules Baptiste comenta sobre os ajustes necessários na planta, em razão das especificidades do terreno situado na Avenida Major Gote, e solicita, inclusive, um exemplar do *Jornal dos Municípios*, que havia publicado o “clichê” com a imagem do projeto, ressaltando sua apreciação pela reportagem e pela ilustração. Esse detalhe comprova a articulação entre a imprensa, as lideranças locais e a Congregação, revelando como a circulação da notícia no jornal integrava-se diretamente às etapas práticas da construção.

Pode-se observar, a partir da carta, que a Congregação Marista adotava plantas arquitetônicas padronizadas para seus colégios, a fim de reforçar a identidade institucional e garantir praticidade na execução das obras. Entretanto, conforme relatado pelo Irmão Jules Baptiste, tais projetos sofriam ajustes pontuais sempre que a realidade local — especialmente no que se refere ao tamanho e às características do terreno — não permitia a aplicação integral da planta original.

De modo geral, observa-se que a reportagem de 1956 e a carta do Irmão Jules Baptiste funcionam como documentos complementares: enquanto o jornal cumpria o papel de mobilizar a opinião pública e reforçar o prestígio do empreendimento, a carta testemunhava os bastidores técnicos e administrativos do processo, aproximando o discurso social da efetiva execução das obras. O próximo capítulo se dedica a investigar as etapas de planejamento arquitetônico, construção e fundação do Ginásio Nossa Senhora de Fátima, entre os anos de 1957 e 1959 — período decisivo para a materialização do projeto e para a consolidação da presença marista em Patos de Minas.

4 O ESPAÇO DESTINADO AO COLÉGIO MARISTA

Neste capítulo, busca-se compreender como o educandário marista estruturou-se e consolidou sua proposta educativa no contexto patense. O enfoque recai sobre os aspectos materiais da fundação — arquitetura, estrutura e planejamento físico — ocorridos entre os anos de 1957 e 1961.

Em 1957, iniciou-se a construção dos pavimentos do colégio, marcando a primeira fase das obras, que foi concluída em 1958. A segunda fase teve início em 1959 e foi finalizada ao final de 1960, com a conclusão da quadra de basquete, inaugurada em 10 de novembro daquele ano. No entanto, observa-se que o Projeto de Regularização, registrado na Prefeitura Municipal de Patos de Minas, foi aprovado apenas em 5 de outubro de 1961¹⁴³.

Justifica-se iniciar o capítulo pelo Projeto de Regularização, por se tratar de uma fonte documental que apresenta os espaços escolares a serem construídos, suas características e, de modo geral, toda a estrutura originalmente projetada para o Colégio Marista à época. Seguindo uma ordem cronológica, destaca-se, na sequência, como a construção foi divulgada pela mídia local e, por fim, são apresentados registros históricos, fotografias e análises comparativas com outras instituições, considerando a padronização adotada pela Congregação Marista em seus colégios naquele período.

O capítulo fundamenta-se em diferentes grupos de autores e fontes, que se complementam para uma melhor análise do espaço escolar. Em primeiro lugar, destacam-se os autores maristas e religiosos, cuja produção oferece elementos internos à própria Congregação. O Irmão Falchetto (2024) fornece relatos orais e uma análise contemporânea sobre as características arquitetônicas padronizadas adotadas nos colégios maristas, permitindo compreender a continuidade dessa tradição construtiva. Além disso, reforça a intencionalidade pedagógica por trás das escolhas arquitetônicas, evidenciando o vínculo entre o espaço físico e o projeto educativo.

A referência a Champagnat, fundador da Congregação, citada em Landry (p. 248), recupera a concepção original que norteou o projeto educativo marista desde o século XIX. Já Grimaldi (2022) amplia essa discussão ao relacionar arquitetura, práticas religiosas e imagem institucional, destacando o papel simbólico das edificações escolares.

¹⁴³ Pressupõe-se que essa defasagem temporal possa estar relacionada a dois fatores principais: (i) a possibilidade de que, durante a execução das obras, tenham ocorrido ajustes estruturais e adequações técnicas que postergaram a tramitação documental até a aprovação final; e (ii) o próprio contexto burocrático da década de 1950 e início dos anos 1960, em que processos administrativos municipais tendiam a ser mais morosos, especialmente em empreendimentos de grande porte, como a construção de um colégio.

No campo da História da Educação e da Arquitetura Escolar, autores como Escolano (2001) e Frago (2001) fornecem o aparato teórico necessário para interpretar a edificação escolar como parte integrante do processo educativo. Bencostta (2001) complementa esse eixo ao analisar a escola como espaço disciplinarizador, vinculando práticas higiênicas e pedagógicas às concepções arquitetônicas. Já Foresti (2008) enfatiza a geometria em “L” e sua função na circulação e uso de áreas coletivas — aspecto também presente nos projetos maristas.

A análise arquitetônica contou, ainda, com o suporte de referências da História Técnica da Engenharia. Macedo e Sapunaru (2016) discutem a tradição técnico-científica da engenharia em Minas Gerais e o uso do desenho manual como prática projetual, elemento relevante para situar o contexto em que o projeto do colégio foi elaborado. Somam-se a essas contribuições as observações técnicas do engenheiro civil consultado (EC, 2025), que, embora não tenha assinado o projeto, auxiliou na leitura do material documental, abordando aspectos como linguagem gráfica, volumetria, ventilação, iluminação e padronização de elementos arquitetônicos.

Por fim, recorremos a fontes institucionais e documentais que reforçam a historicidade da pesquisa. Entre elas, destaca-se o papel de Theofredo Borges, engenheiro civil responsável pelo Projeto de Regularização aprovado em 1961, marco fundamental para a legalização da obra. Além disso, o Arquivo Municipal de Patos de Minas foi consultado como repositório primário dos projetos, plantas e documentos de regularização, garantindo a autenticidade das informações analisadas. Também se destacam os arquivos do CEM-BH, que, além de fotografias, reúnem recortes de jornal e o Relatório dos 50 Anos do Colégio Marista (2008), do Arquivo do Colégio Marista de Patos de Minas — documento que preserva registros iconográficos e escritos da época.

4.1 O PROJETO DE REGULARIZAÇÃO E A ARQUITETURA DO COLÉGIO MARISTA

O projeto de regularização e a arquitetura do Colégio Marista seguiram um percurso particular. A construção, iniciada em 1957 e concluída em 1959, foi executada antes da protocolização oficial do projeto junto à Prefeitura de Patos de Minas. Somente em 1961, após vistoria técnica municipal, o desenho arquitetônico foi formalmente aprovado, sob a denominação de Projeto de Regularização.

Para contextualizar o procedimento de regularização, é importante observar a legislação municipal vigente à época, especialmente a Lei nº 92, de 22 de fevereiro de 1950 —

posteriormente revigorada pelas Leis nº 723/1963 e nº 884/1967 —, que estipulava normas para a construção de prédios em determinadas ruas, entre elas a Rua Major Gote:

Art. 2º A licença para a construção de prédios na Rua Major Gote, antiga Benedito Valadares, entre as Ruas General Osório e Farnese Maciel, somente será concedida quando os edifícios a construir, além das exigências do Código de Obras, possuírem fachadas mínima de sete metros e meio e largura mínima de seis metros.

Parágrafo único. É vedada a concessão de licença para se construírem garagens e barracões, no alinhamento dos terrenos situados no trecho da mencionada rua, exceto quando foram afastados de 15 metros do alinhamento (Redação dada pela Lei nº 199/1953) (Patos de Minas, 1950)

A análise do caso do Colégio Marista demonstra que a edificação atendeu às exigências de largura e fachada previstas no art. 2º da Lei nº 92, adequando-se aos parâmetros mínimos estabelecidos para a Rua Major Gote. Entretanto, o protocolo oficial do projeto junto à Prefeitura ocorreu somente após a conclusão da obra, conforme registrado no carimbo do Projeto de Regularização (Folha 1). Tal procedimento, embora destoante do trâmite formal previsto pelo Código de Obras — que exigia a apresentação prévia do projeto —, era relativamente comum em cidades de médio porte na década de 1950, sobretudo em construções de caráter educacional e religioso, que contavam com respaldo social e político para posterior legalização.

Por meio da análise documental e de registros da imprensa local, é possível reconstruir os primeiros passos do projeto de edificação, os trâmites legais para sua regularização, bem como as repercussões sociais e políticas que acompanharam o empreendimento. Além disso, são evidenciadas as primeiras iniciativas administrativas, a definição da equipe diretiva, a abertura das matrículas e os avanços da obra até sua conclusão, culminando nas memórias que marcaram simbolicamente a inauguração da instituição.

Para além das questões legais e administrativas, o projeto reflete também uma dimensão pedagógica e simbólica, alinhada à missão da Congregação Marista, que remonta à intenção de Champagnat de “criar instituições para a juventude do interior” e, assim, afirmar: “reuni alguns jovens; Deus fará o que Ele quiser, porque eu não quero senão a sua santa vontade” (Landry, 2016, p. 248).

necessidades práticas ou funcionais. Ele reflete uma intenção maior: a formação integral da juventude, guiada por valores cristãos e pelo cuidado pedagógico. O Projeto de Regularização concebido pela Congregação Marista vai além das exigências físicas do espaço educativo, incorporando princípios de acolhimento, disciplina e estímulo à aprendizagem.

Inspirado nos modelos arquitetônicos franceses — especialmente no contexto da Terceira República —, o espaço escolar passa a ser compreendido como um elemento formativo, carregado de simbolismo e intencionalidade pedagógica. Dessa forma, a edificação escolar torna-se um instrumento que materializa a missão educativa e espiritual da instituição.

Essa concepção parte da ideia de que a escola, além de formar intelectualmente, também modela subjetividades, valores e comportamentos. Assim, a arquitetura não é neutra: ela constitui “uma forma de escritura no espaço” (Escolano, 2001, p. 23), revelando um discurso que articula os princípios educativos maristas, como disciplina, ordem, espiritualidade e instrução moral.

A influência da Terceira República Francesa, especialmente por meio das reformas conduzidas por Jules Ferry, também marca esse projeto. O ideário republicano francês valorizava a escola como base para o progresso social e o fortalecimento da cidadania. No Brasil, esse pensamento encontrou eco nos discursos dos políticos republicanos, que passaram a defender a instrução como fundamento da civilização e da modernidade. Como aponta Bencostta (2001), esse esforço de escolarização transformou-se em uma das grandes mitologias da história educacional da França, deixando marcas também no imaginário educacional brasileiro e nas instituições religiosas que buscavam combinar fé, cultura e cidadania.

A arquitetura do educandário marista de Patos de Minas, erguido a partir de 1957, reflete os ideais de racionalidade técnica e funcionalidade que marcaram o ensino e a prática da engenharia em Minas Gerais desde o início do século XX. Sua planta e estrutura obedecem a padrões geométricos típicos da época, concebidos manualmente por engenheiros formados sob o primado da técnica. Esse processo remonta à tradição técnico-científica consolidada pela Escola Livre de Engenharia de Belo Horizonte e pelas Oficinas Christiano Ottoni, nas quais o desenho à mão era elemento essencial do fazer projetual (Macedo; Sapunarú, 2016).

Em se tratando do Colégio Marista¹⁴⁴, a Prefeitura Municipal de Patos de Minas forneceu para esta pesquisa o Projeto para Regularização composto por três folhas, elaborado manualmente pelo engenheiro civil Theofredo Borges¹⁴⁵ Cart. n. 1958/0, CREA: 4ª R¹⁴⁶. O

¹⁴⁴ Ginásio Nossa Senhora de Fátima – 1ª. Denominação do Colégio Marista.

¹⁴⁵ Nasceu em Monte Carmelo em 01 de dezembro de 1921. Formou-se em engenharia civil no Rio de Janeiro, fez pós-graduação na Europa e trabalhou no Departamento de Obras no governo de Genésio Garcia Roza (1/03/1955- 1/03/1959), trabalhou no IBGE e lecionou em faculdades de Belo Horizonte (Dannemann, 2023, *op.cit.*).

¹⁴⁶ A forma de identificação do engenheiro responsável – “Theofredo Borges, Cart. n. 1958/0, CREA: 4ª R.” – corresponde ao padrão adotado nas décadas de 1950 e 1960 para qualificação técnica em projetos submetidos à aprovação das autoridades municipais. A sigla “Cart.” refere-se ao número da carteira profissional emitida pelo Conselho Regional de Engenharia (CREA), 4ª Região” indica a vinculação à Quarta Região do CREA, que, à época, abrangia o estado de Minas Gerais, antes da atual organização estadualizada. Tais registros seguiam os

projeto tem o carimbo de aprovação, que indica que ele foi protocolado e aprovado, pela Prefeitura Municipal de Patos de Minas em 5 de outubro de 1961, com o número de registro 2850, integrado ao Livro de Plantas e Obras.

Ainda, pode-se destacar que, além da assinatura do engenheiro responsável, a anotação traz a do proprietário Irmão Cirineu Alvarenga, que, no ano de 1961, exercia o cargo de Diretor-Geral do antigo Ginásio Nossa Senhora de Fátima. Todos esses elementos conferem, portanto, legitimidade institucional ao documento, que passou a integrar o patrimônio material e simbólico da história da educação confessional em Patos de Minas.

Para a análise do Projeto de Regularização, elaborado por engenheiro civil Theofredo Borges, buscou-se a colaboração de um profissional da área de Engenharia Civil (EC)¹⁴⁷, devidamente habilitado, que se dispôs especificamente para este fim. O referido especialista, que optou por não ser identificado, foi responsável pela avaliação técnica da planta baixa do colégio, contribuindo para as interpretações que dizem respeito a edificação.

O Projeto de Regularização (Figura 58), segundo análise do engenheiro consultado, é um documento técnico, que reúne os desenhos das plantas dos três pavimentos da edificação (térreo, primeiro e segundo andares), cortes transversais e longitudinais, projeção do telhado, além de legenda de siglas e tabelas com as dimensões de portas e janelas. Um conjunto completo, que “reflete o padrão de atuação da engenharia civil da época, caracterizado pela precisão manual e pela clareza técnica das representações gráficas” (EC, 2025).

As plantas dos pavimentos, elaboradas em escala 1:200, “evidenciam a organização funcional dos espaços escolares” (EC, 2025). No primeiro pavimento, destacam-se o acesso principal, secretaria, ambientes administrativos, sanitários, pátio coberto, vestiários e uma ampla área sem divisórias internas, possivelmente destinada a auditório ou espaço polivalente. Esses ambientes “estão dispostos de modo a favorecer a circulação e a integração com os demais blocos da edificação” (EC, 2025).

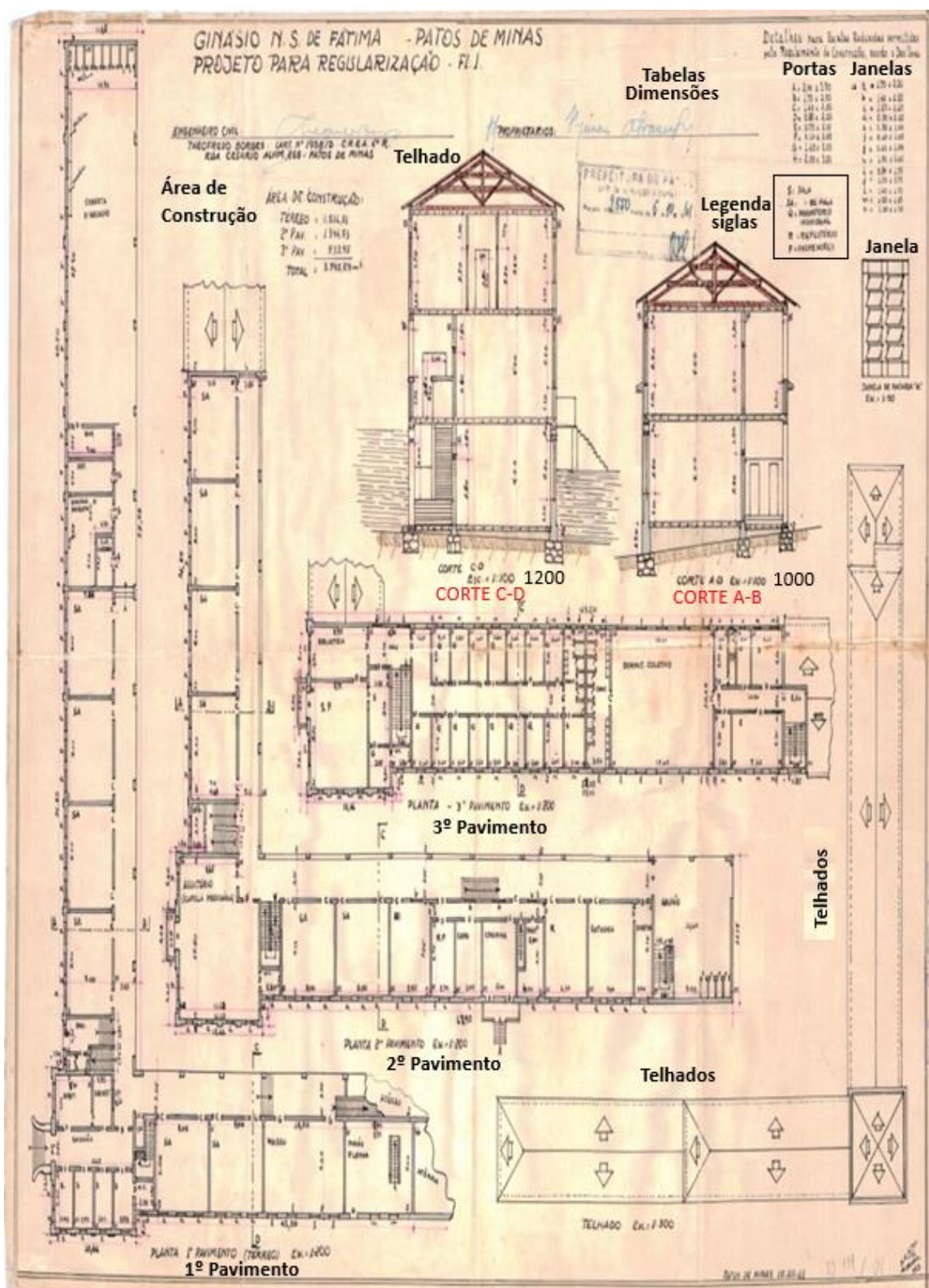
No segundo pavimento, observa-se uma sequência padronizada de salas de aula distribuídas ao longo de um corredor central, além de espaços destinados à direção, biblioteca e funções pedagógicas complementares. Já no terceiro pavimento, repete-se a lógica

critérios estabelecidos pelo sistema Conselho Federal de Engenharia (COFEA)/CREA para o exercício legal das profissões da engenharia e da arquitetura, conferindo validade técnica e jurídica ao projeto apresentado.

¹⁴⁷ A sigla “EC” refere-se a um engenheiro civil consultado exclusivamente para esta pesquisa, devidamente habilitado, que colaborou de forma anônima na leitura técnica do Projeto de Regularização. Sua contribuição consistiu na análise das plantas e aspectos construtivos, com base em sua experiência profissional. Como se trata de uma fonte oral não identificada, conforme a NBR 10520:2023, sua menção não consta na Lista de Referências.

organizacional do andar inferior, indicando uma expansão vertical da instituição, com divisões regulares para dormitórios e salas, bem como corredores claramente definidos.

Figura 58 – Projeto de Regularização do prédio com sua antiga denominação – Ginásio N. Senhora de Fátima



Fonte: Arquivo Municipal de Patos de Minas (1961).

Os cortes A-B e C-D, desenhados nas escalas 1:100 e 1:200, revelam a estrutura vertical da edificação, composta por três níveis sobrepostos, com pé-direito elevado¹⁴⁸, lajes planas, escadas bem distribuídas e cobertura em duas águas¹⁴⁹, sustentada por tesouras¹⁵⁰ aparentes e telhas cerâmicas. De acordo com EC (2025) as seções permitem visualizar o posicionamento das janelas altas e amplas, que favorecem a ventilação cruzada e a iluminação natural — elementos essenciais à funcionalidade dos espaços de ensino. Contudo, esses traços técnicos não se limitam a resolver exigências construtivas.

Como afirma Frago (2001, p. 78), “todo espaço é um lugar percebido. [...] Não percebemos espaços, senão lugares, isso é, espaços elaborados, construídos. [...] com significados e representações”. Assim, ao observar os cortes do edifício, é possível identificar não apenas a disposição física dos ambientes, mas também as marcas de uma arquitetura educativa intencional, que comunica disciplina, ordem e vigilância por meio da forma.

Essa dimensão simbólica se relaciona diretamente com a função histórico-cultural atribuída à escola como espaço de conformação não apenas intelectual, mas também corporal e moral. Como destaca Bencostta (2001, p. 114), a escola foi pensada como um espaço laboratorial e disciplinarizador, onde “não só se aperfeiçoava o espírito, como também se conformava o corpo”, sendo permeada por práticas higiênicas e moralizantes, especialmente sob o discurso médico-pedagógico que orientava os projetos educacionais nas primeiras décadas do século XX.

Nesse sentido, pelo projeto observa-se que a organização dos espaços, escadas centralizadas, corredores lineares, janelas simétricas, ambientes bem delimitados, expressa conforme Escolano (2001), a presença de um currículo oculto que atua silenciosamente sobre os sujeitos, moldando comportamentos, deslocamentos e percepções desde a infância. O

¹⁴⁸ O termo *pé-direito* refere-se à distância vertical entre o piso e o teto de um ambiente construído. Um *pé-direito elevado* indica que essa altura é superior à usual (geralmente acima de 3 metros, sendo o padrão residencial cerca de 2,5 a 2,8 metros). Ambientes com pé-direito elevado proporcionam sensação de amplitude, melhor ventilação e maior entrada de luz natural, além de possibilitar soluções arquitetônicas mais sofisticadas, como mezaninos e janelas altas. No entanto, essa característica também pode trazer desvantagens, como aumento no custo de construção, maior volume de ar a ser climatizado (impactando em sistemas de aquecimento e ar-condicionado) e maior consumo energético para iluminação e manutenção do conforto térmico (EC, 2025).

¹⁴⁹ O telhado ou cobertura de duas águas é composto por duas superfícies inclinadas que se encontram ao longo de uma linha central chamada cumeeira, formando um triângulo visto de lado. Esse tipo de cobertura permite o eficiente escoamento da água da chuva para os lados da edificação, além de possibilitar melhor ventilação e entrada de luz natural, sendo uma solução estrutural simples e econômica, amplamente utilizada em edificações residenciais e comerciais (EC, 2025).

¹⁵⁰ Tesouras são estruturas triangulares, geralmente de madeira ou metal, utilizadas para sustentar a cobertura de edificações. Funcionam como um sistema de travamento que distribui o peso das telhas e da própria cobertura para as paredes ou pilares, garantindo estabilidade e resistência. Quando aparentes, além de cumprir a função estrutural, tornam-se elementos visíveis no espaço interno, contribuindo também para a composição estética da construção (EC, 2025).

colégio em questão demonstra esse traçado disciplinar, revelando a permanência das estratégias espaciais que sustentaram o projeto educativo da Congregação ao longo das décadas.

Também na Folha 1 do projeto, observa-se a projeção do telhado, desenhada em escala 1:200, que indica a presença de cumeeiras¹⁵¹ alinhadas com os corredores centrais da edificação. No canto superior direito da folha, o projeto apresenta, uma tabela com as dimensões padronizadas das aberturas, identificadas por letras maiúsculas (A–H) para as oito variações de portas e por letras minúsculas (a–n) para as diferentes dimensões de janelas¹⁵². Essa codificação facilita a leitura e a conferência dos elementos construtivos no conjunto do projeto (EC, 2025). Também, pode-se observar a presença de uma legenda de identificação por siglas — S (Sala), SA (Sala de Aula), Q (Dormitório Individual), R (Refeitório), P (Professores) — que demonstra a preocupação em organizar e padronizar a leitura do projeto. Esse recurso facilita a interpretação da planta por diferentes profissionais e usuários, além de indicar uma prática comum em projetos da época, em que as abreviações serviam para otimizar espaço e tornar a representação gráfica mais objetiva (EC, 2025).

A planta também destaca a área total construída da obra, que somava 1.456 m². Esses dados não apenas subsidiavam o planejamento da construção, como também revelam o elevado nível de detalhamento e o rigor técnico adotado pelos engenheiros na elaboração de projetos escolares, fossem eles públicos ou confessionais.

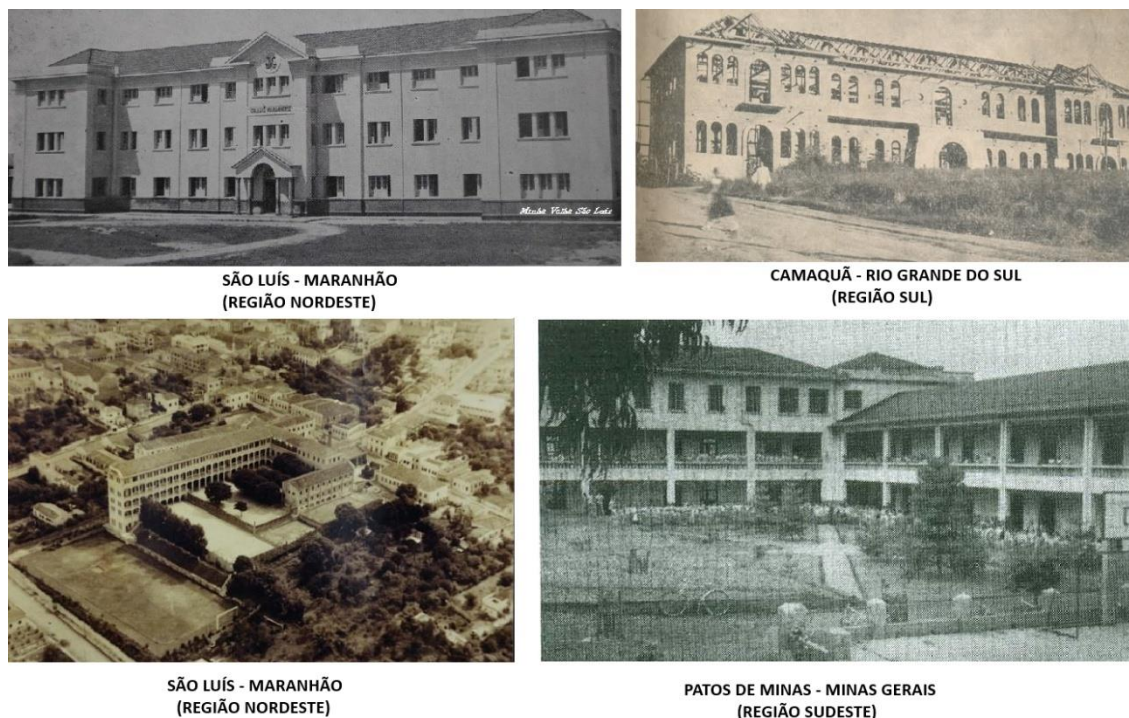
A opção pelo telhado aparente com águas inclinadas era recorrente em escolas católicas do interior, compondo a identidade visual dessas instituições — prática também adotada pela congregação marista. Além do aspecto estético, esse tipo de cobertura atendia a funções técnicas importantes, como o *“escoamento eficiente das águas pluviais, a melhor ventilação dos ambientes e a durabilidade estrutural, fatores especialmente relevantes em edificações de grande porte e uso coletivo”* (EC, 2025).

Na Figura 59, observam-se imagens de colégios maristas de diferentes regiões do Brasil, datadas das décadas de 1950 e 1960, incluindo o Colégio Marista de Patos de Minas, que ilustram o uso característico dos telhados de águas inclinadas, conforme descrito por EC (2025).

¹⁵¹ Cumeeira é o elemento linear situado na parte mais alta de um telhado, no encontro das duas águas que o compõem. Sua função é vedar e proteger a junção superior das telhas, garantindo estanqueidade contra infiltrações e contribuindo para a estabilidade da cobertura. Em muitos casos, a cumeeira também exerce papel estético, marcando a linha de coroamento da edificação (EC, 2025).

¹⁵² A utilização de letras em vez de números para identificar elementos construtivos era uma prática comum em projetos técnicos da época. Essa escolha visava evitar confusão com as cotas numéricas das plantas (medidas em metros ou centímetros), facilitando a leitura e a organização dos desenhos (EC, 2025).

Figura 59 – Colégio Marista uso característico de telhados de águas inclinadas



Fonte: Captura de tela do Google Imagens. Acesso em: 25 ago. 2025.

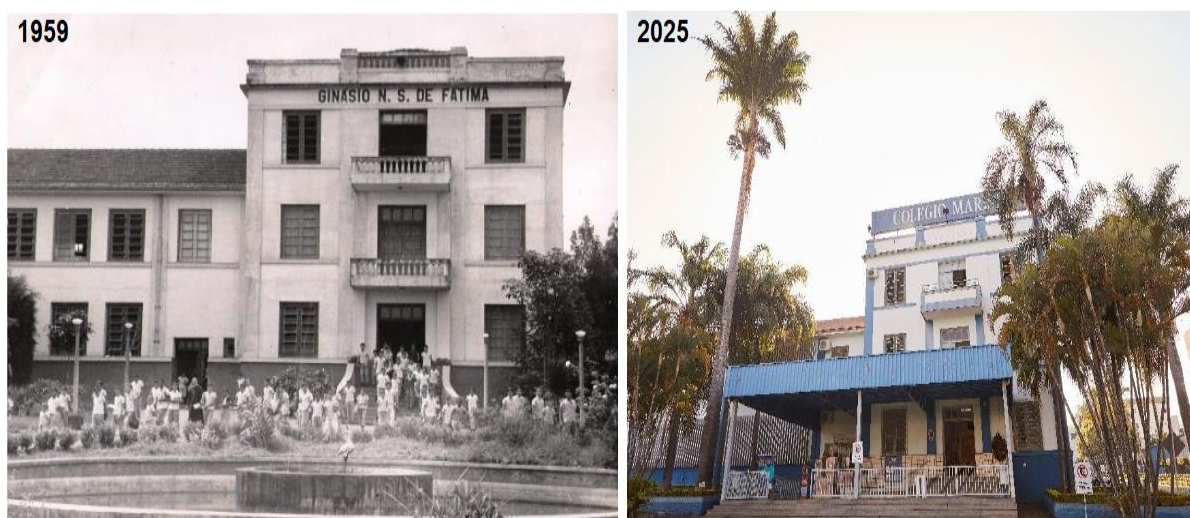
Mesmo na ausência de estudos específicos sobre essa tipologia de telhado nas construções dos colégios maristas, é possível identificar esse padrão nas décadas de 1950 e 1960 por meio das imagens. Grimaldi (2022) descreve os espaços escolares maristas e demonstra que a Congregação construía seus edifícios buscando coerência entre imagem institucional, práticas religiosas e formas espaciais simbólicas. Nesse sentido, é plausível afirmar que as coberturas inclinadas e aparentes, recorrentes em escolas católicas mineiras, também integraram projetos maristas como elementos identitários — conectando o educandário à tradição arquitetônica vernacular religiosa, ao clima regional e à linguagem visual reconhecível da Congregação Marista.

Segundo EC (2025) a linguagem gráfica adotada no Projeto de Regulamentação reflete um traçado técnico preciso, realizado provavelmente, com nanquim sobre papel vegetal, com uso de convenções gráficas padronizadas, simbologias claras e cotas bem distribuídas. Além disso, como documento técnico e histórico, essa planta expressa fielmente a lógica projetual da engenharia civil brasileira na primeira metade do século XX, antes da popularização dos métodos digitais. Ela revela a qualidade da concepção arquitetônica, o cuidado com os aspectos estruturais e a atenção aos requisitos funcionais e climáticos das edificações escolares.

Nessa perspectiva, é coerente afirmar que a planta evidencia uma construção resistente ao tempo, com três pavimentos sobrepostos, telhado inclinado, distribuição funcional das salas e corredores bem definidos — elementos que sustentam a longevidade dos modelos arquitetônicos escolares. Como sugere Escolano (2001, p. 23), “a média ou longa duração das estruturas construtivas escolares” está associada à adoção de padrões técnicos modernos, porém duradouros, inspirados no higienismo, na racionalidade e na clareza funcional do espaço educativo.

Essa constatação pode ser confirmada pela Figura 60, que apresenta imagens do Ginásio Marista em 1959 e do Colégio Marista em 2025. Apesar das décadas transcorridas, observa-se a permanência da estrutura arquitetônica essencial, com apenas algumas alterações pontuais, compreensíveis diante das exigências de modernização e das adequações funcionais que acompanham a rotina escolar. A edificação permanece, assim, como um exemplo concreto da durabilidade estrutural e da relevância cultural e pedagógica dos projetos escolares concebidos no século XX.

Figura 60 – Estrutura do Ginásio de 1959 comparada ao Colégio de 2025



Fonte: Arquivo de registros de Imagens do Colégio Marista.

Observando a planta e a fachada da edificação, Figura 61, do Projeto de Regularização do ginásio (Folha 2), mostra que o muro (ao fundo) e a fachada (a frente) foram projetados em escala gráfica definida em 1:100¹⁵³. Os traços definidos revelam, com precisão, a estrutura da

¹⁵³ Escala 1:100: indicação gráfica em que uma unidade de medida no desenho corresponde a cem unidades da mesma medida na realidade. Por exemplo, 1 cm no desenho equivale a 1 metro na construção real. Essa escala permite representar edificações em tamanho reduzido mantendo as proporções corretas, facilitando a análise das dimensões e organização espacial (EC, 2025).

edificação, cuja representação ilustra o modo como às plantas arquitetônicas eram concebidas na década de 1950 (Macedo; Sapunaru, 2016).

Figura 61 – Projeto de Regularização do Ginásio N. S. de Fátima – Folha 2



Fonte: Arquivo Municipal de Patos de Minas (1961)

Nota-se que o esquema arquitetônico é estruturado a partir de duas volumetrias¹⁵⁴ principais dispostas em sequência horizontal (EC, 2025). À esquerda, na volumetria 1, há um bloco térreo mais baixo, provavelmente destinado a salas de aula, pátios cobertos ou ambientes administrativos, com aberturas retangulares dispostas de forma ritmada em uma única linha, favorecendo a iluminação e a ventilação naturais. Acima desse volume, uma estrutura menor apresenta janelas pivotantes, semelhantes às ilustradas na Folha 1.

Ao centro e à direita, na volumetria 2, destaca-se um bloco de dois pavimentos, com simetria vertical evidenciada pela organização regular das esquadrias, portas e colunas, possivelmente correspondendo ao setor pedagógico de maior circulação e reforçando o eixo central da fachada. Na extremidade direita, encontra-se o bloco do ginásio, mais monumental, com três pavimentos, escadarias frontais e elementos verticais que evidenciam a entrada principal, além da inscrição no frontão com a antiga denominação do colégio, indicando sua função institucional.

Todo o conjunto está cercado por muro perimetral, cuja estrutura está ao fundo da imagem, sugerindo os limites do lote e reforçando segurança e delimitação do espaço escolar, enquanto a sequência horizontal entre os blocos baixo e alto evidencia a composição volumétrica dominante da edificação escolar.

¹⁵⁴ Volumetria: termo utilizado na arquitetura para se referir à forma, ao volume e à massa de um edifício ou de suas partes constituintes, incluindo a relação entre altura, largura e profundidade, bem como a organização espacial dos blocos que compõem a edificação.

Essa concepção está alinhada ao que Frago (2001) a edificação escolar constitui um componente do processo educativo, pois educa também por meio do espaço, de sua organização e da forma como ele é vivenciado cotidianamente. A arquitetura se torna, assim, parte de um currículo implícito, cujos efeitos se projetam sobre os corpos, os comportamentos e as relações que se desenvolvem na escola.

Nessa perspectiva, a entrevista concedida em 2024 pelo Irmão Claudino reforça a padronização arquitetônica presente nos colégios maristas, revelando que tais diretrizes não se limitavam a escolhas estéticas, mas refletiam uma intencionalidade pedagógica que orientava os projetos desde sua concepção. Segundo o religioso:

A estrutura dos colégios maristas sempre obedeceu a critérios pedagógicos, que priorizam amplos espaços, tanto nas salas como no exterior. As diversas alas do prédio são orientadas conforme a incidência solar e o formato em L ou em U permitem melhor acompanhamento preventivo dos alunos (Falchetto, 2024).

Portanto, a arquitetura do projeto atendia não apenas a critérios técnicos ou climáticos, mas também a princípios pedagógicos e disciplinares, compondo um projeto educacional que visava ao acompanhamento sistemático e preventivo dos estudantes — algo que se manifestava desde a planta arquitetônica até a organização simbólica dos ambientes escolares.

Frago (2001) explica que, no início do século XX, a passagem da escola-sala-de-aula para a escola-colégio fez com que a disposição arquitetônica e a distribuição interna dos espaços ganhassem importância estratégica. Essas configurações revelavam não apenas quais funções eram consideradas essenciais — como salas de aula, dormitórios, biblioteca, gabinete da direção, áreas de convivência e pátios —, mas também a relação entre elas e sua hierarquia dentro do conjunto escolar.

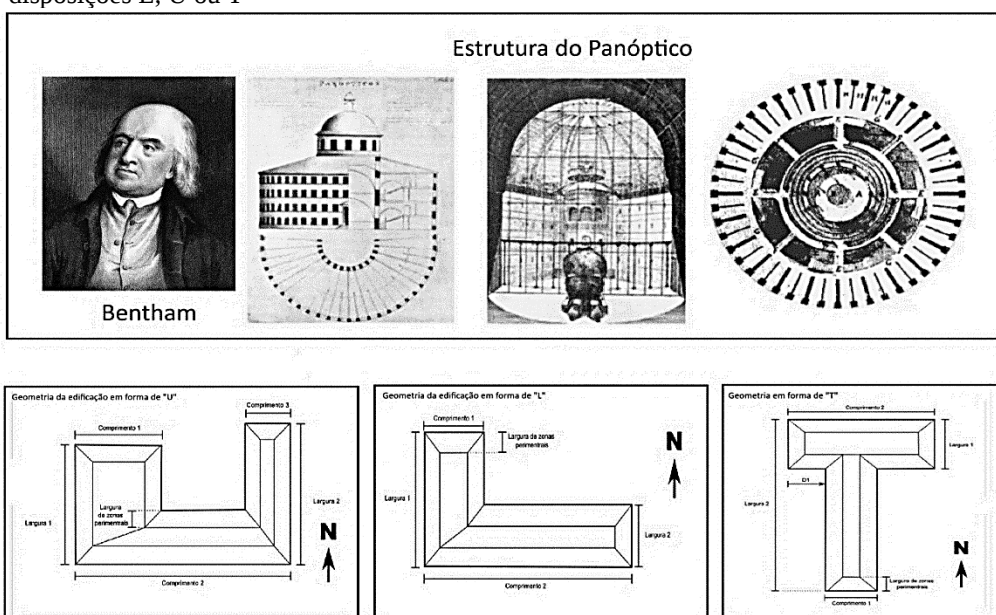
Havia diferentes possibilidades de planta, explica Frago (2001), mas prevalecia o traçado retilíneo em detrimento de formas curvas ou circulares, tanto por facilitar a construção quanto por permitir maior visibilidade e controle das atividades, um princípio herdado do modelo panóptico de Bentham¹⁵⁵. Portanto, como alternativa ao panóptico, que não se mostrou

¹⁵⁵ Nela, um único vigilante pode observar todos os prisioneiros. Neste caso, os prisioneiros não sabem se estão ou não sendo observados, e isto lhes causa medo e receio, o que faz com que eles se comportem como o vigilante deseja. Este modelo foi utilizado por Jeremy Bentham no final do século XVIII. Trata-se, portanto, de uma estrutura arquitetônica circular, com uma torre central de vigilância e celas ou compartimentos dispostos ao redor. Seu princípio básico é permitir que um único observador tenha visibilidade sobre todos os ocupantes sem ser visto, favorecendo o controle e a disciplina. Embora concebido para instituições como prisões, hospitais e fábricas, sua lógica de vigilância influenciou projetos educacionais, ainda que adaptados, como nas plantas lineares ou em U, que buscavam conciliar visibilidade com a funcionalidade escolar. Cf. BENTHAM, Jeremy. **O Panóptico**. Tradução de Guacira Lopes Louro, M. D. Magno e Tomaz Tadeu; organização de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte:

funcional para o cotidiano escolar, adotou-se com mais frequência a disposição linear ou semi-retangular, resultando em plantas em L, U ou T (e suas versões invertidas).

Para melhor entendimento sobre a comparação entre esses modelos arquitetônicos, evidencia-se a diferença entre a proposta panóptica, de inspiração benthamiana, e as soluções lineares que prevaleceram no espaço escolar. Na Figura 62, observa-se, no primeiro quadro, Jeremy Bentham (1748–1832), que utilizou o termo “panóptico” para se referir a uma penitenciária ideal; em seguida, uma edificação circular, o exemplo de uma penitenciária e o esquema circular característico do panóptico, cuja lógica visava ao controle total das atividades a partir de um ponto central. Abaixo deste, apresenta-se o modelo linear ou semi-retangular, com plantas retangulares, geralmente em formato de U, L ou T. Este segundo modelo era mais frequente nas escolas da época e, ao privilegiar o traçado retilíneo, permitia maior funcionalidade, visibilidade parcial e facilidade construtiva.

Figura 62 – Comparação dos modelos arquitetônicos: Panóptico de Bentham e Modelo linear disposições L, U ou T

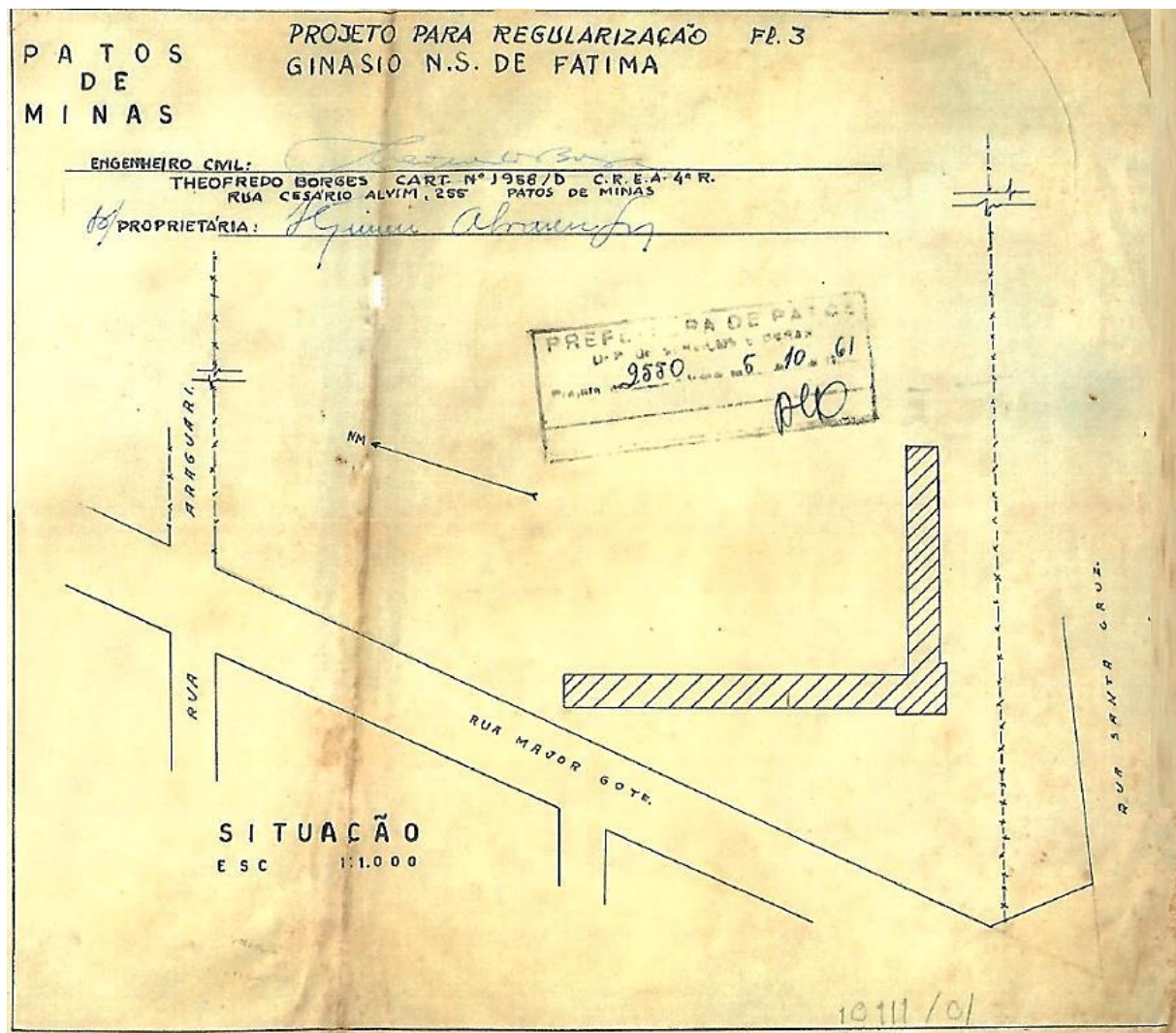


Fonte: Captura de tela do Google Imagens. Acesso em: 25 ago. 2025.

No Projeto de Regularização, Figura 63, folha 3, o desenho situa o edifício em sua implantação urbana, evidenciando os limites com as ruas adjacentes — Rua Major Gote, Rua Santa Cruz e Rua Araguari — e os acessos principais ao terreno. Conforme descrito por Falchetto (2024), a geometria da edificação, com estrutura em formato de “L”, tal como

analisado por Foresti (2008), indica uma solução arquitetônica que não apenas organiza a circulação, mas também delimita áreas paisagísticas, como sugerido pelo espaço livre configurado entre os dois corpos do edifício, dispostos em ângulo reto.

Figura 63 – Projeto para regularização do Colégio – Folha 3



Fonte: Arquivo Municipal de Patos de Minas (1961).

Frago (2001) também destaca que essas formas, como a da edificação do Colégio Marista, apresentavam vantagens como: (i) facilidade de vigilância pelos corredores retos; (ii) clareza na organização funcional, separando áreas acadêmicas, administrativas e residenciais; (iii) aproveitamento da iluminação e ventilação naturais, já que as fachadas ficavam mais expostas; e (iv) possibilidade de criar um pátio interno.

Nos colégios maristas instalados no Brasil a partir de 1897, essa concepção fazia sentido, pois atendia simultaneamente às demandas pedagógicas e à vida comunitária dos Irmãos e alunos. A forma em U ou L, por exemplo, permitia abrigar, num mesmo conjunto,

salas de aula, dormitórios, capela, refeitório e pátios internos, reforçando o caráter de espaço fechado e protegido, mas com áreas abertas que favoreciam atividades educativas, culturais e religiosas, características centrais da pedagogia marista.

O formato em “L” da edificação contribui para uma organização funcional eficiente, permitindo a separação dos ambientes por blocos distintos e melhorando a iluminação e a ventilação naturais — aspectos recorrentes nos projetos escolares da época (Bencostta, 2001). A “articulação entre os dois braços do edifício, isto é, o vértice do ‘L’, costuma abrigar áreas de circulação vertical ou espaços de uso coletivo, como escadas, corredores e halls” (EC, 2025). De acordo com Foresti (2008), é nesse ponto que geralmente se concentram dois pavimentos sobrepostos, o que confere maior destaque volumétrico ao núcleo central, mesmo que a planta analisada não apresente cortes ou elevações que o explicitem.

De modo geral, considerando o Projeto de Regularização da instituição, elaborado na década de 1950, e comparando-o com outras edificações de colégios maristas anteriores à década de 1950 (Figura 64), pode-se aferir uma repetição de elementos arquitetônicos — característica marcante das construções da congregação, conforme destaca EC (2025).

Os três colégios analisados, segundo EC (2025), possuem fachadas que revelam a adoção de diretrizes comuns por parte da congregação. Destaca-se, por exemplo, a ênfase em fachadas simétricas e de proporções equilibradas, com entrada principal centralizada e janelas e portas dispostas lateralmente de forma ordenada. Para o especialista, “essa composição transmite um sentido de clareza e disciplina, valores alinhados à filosofia pedagógica marista” (EC, 2025).

Outro aspecto descrito por EC (2025) refere-se à utilização de três pavimentos, com organização funcional bem definida. O térreo apresenta janelas mais altas ou arcos, provavelmente destinados a favorecer a ventilação e a iluminação em ambientes coletivos, como salões ou áreas de convivência. Já os pavimentos superiores exibem vãos regulares, modulados para salas de aula, permitindo uma organização interna uniforme e eficiente. Quanto à padronização de janelas e portas, observa-se que as esquadrias são retangulares e dispostas em sequência ritmada, o que reforça a harmonia visual e favorece a entrada homogênea de luz natural. As portas principais ganham destaque central, frequentemente acompanhadas de elementos discretos de ornamentação, criando um ponto focal sem romper a sobriedade do conjunto.

Figura 64 – Arquitetura de outros Colégio Maristas



Colégio Marista Arquidiocesano – São Paulo, década de 1930



Colégio Marista Rosário – Porto Alegre, década de 1920



Colégio Marista São José – Tijuca, Rio de Janeiro, década de 1930

Fonte: Captura de tela do Google Imagens. Acesso em: 25 ago. 2025.

EC (2025) ainda considera que, pelas imagens dos três colégios, quanto à volumetria, observa-se o uso contido de elementos salientes, como pórticos centrais ou pequenas varandas, que conferem identidade às fachadas sem comprometer a simetria geral. As molduras e demais detalhes arquitetônicos são simples e funcionais, evitando excessos decorativos e mantendo um estilo clássico voltado à praticidade. E, como foi comparado anteriormente, os telhados inclinados com beirais, que, para EC (2025) é uma “solução que responde tanto às exigências climáticas quanto à coerência estética, reforçando a unidade visual entre as edificações”.

Portanto, esses elementos evidenciam que a Congregação Marista buscava imprimir uma identidade arquitetônica uniforme em suas instituições, repetindo padrões de simetria, proporção, padronização de esquadrias, volumes discretos e coberturas inclinadas. Elementos também constatados por EC (2025) no Projeto de Regularização do antigo Colégio Marista.

Para EC (2025) “essa padronização não apenas reforçava a imagem institucional, mas também facilitava a execução e a adaptação das edificações ao longo do tempo, articulando funcionalidade e valores pedagógicos”.

Como argumenta Escolano (2001), a arquitetura escolar deve ser entendida como um programa educador em si mesma — uma forma de currículo oculto que, embora silencioso, comunica valores, normas e expectativas formativas. O autor afirma que a escola é “um programa educador, ou seja, um elemento do currículo invisível ou silencioso, ainda que ela seja, por si mesma, bem explícita ou manifesta” (Escolano, 2001, p. 45). Nesse sentido, é plausível supor que a Congregação Marista tenha orientado e supervisionado a elaboração das plantas arquitetônicas de seus colégios, imprimindo nelas princípios organizativos, simbólicos e funcionais coerentes com sua proposta formativa.

Portanto, a uniformidade dos projetos arquitetônicos — com blocos padronizados, pátios internos, corredores simétricos, espaços de convivência e áreas de culto — não é apenas reflexo de um modelo técnico replicável, mas também manifestação de uma concepção de educação disciplinada (Frago, 2001), racionalizada e voltada à formação integral. A arquitetura, assim, não apenas abriga o ensino, mas participa ativamente da construção do *ethos* educativo marista (Escolano, 2001).

4.2 MÍDIA JORNALÍSTICA E CONSTRUÇÃO DO COLÉGIO: DISCURSOS DE MODERNIDADE E TRADIÇÃO

O *Jornal dos Municípios* trazia uma nota sobre o início da construção do colégio, desta vez elaborada por Délio Borges da Fonsêca, que, naquela época, desempenhava múltiplas funções em Patos de Minas, destacando-se como médico, professor e articulista. Em 1957, atuando como articulista, escrevia para o jornal sobre eventos locais, sendo um exemplo o seu texto “Colégio Marista” (Figura 65), no qual relatava a importância da construção do colégio em Patos de Minas.

Na primeira parte do texto, Délio relata com entusiasmo e visão progressista a construção do Colégio Marista em Patos de Minas, destacando a importância da obra para a formação da juventude local e para o futuro da cidade, simbolizando progresso e tranquilidade para as famílias. Ao situar a construção “da outra banda da lagoa”, evidencia também a expansão urbana. Enfim, o tom idealista do texto contrasta com o nome do jornal e revela o

espírito cívico do autor, comprometido com o desenvolvimento educacional e social de sua cidade.

Figura 65 – Jornal dos Municípios: Colégio Marista (1957)



Fonte: Jornal dos Municípios (7 de abril de 1957, p.2).

O início do texto de Délio Borges da Fonsêca traz:

Patos de Minas tem abertas de par em par, as largas portas de onde se descortina o seu futuro grandioso.

A fama, as duras penas granjeada, de cidade em ascensão vertical, faz com que se voltem para as nossas plagas, os olhos e as atenções dos responsáveis pelos grandes empreendimentos. Dentre as realizações de alto porte, com que nos acena um futuro bem próximo, cumpre que ressaltemos e coloquemos na merecida evidência e no justo destaque, o Colégio que já está sendo construído pelos Irmãos Maristas, lá da outra banda da lagoa, no prolongamento da rua Major Gote. Não poderemos mesmo disfarçar ou refrear o entusiasmo de que nos encontramos possuídos, diante de um empreendimento tão vultoso, que irá influir decisivamente daqui por diante na formação da mocidade de Patos de Minas. Trata-se de uma obra de altos e indiscutíveis méritos que representa tranquilidade e representa paz de espírito, para todos quantos, como eu mesmo, têm filhos pequenos para educar (Jornal dos Municípios, 7 de abril de 1957, p.2).

Na notícia publicada no *Jornal dos Municípios*, também é importante destacar que Délio Borges da Fonsêca não apenas enaltece a construção do Colégio Marista como marco de

progresso urbano e educacional, mas também realiza uma análise da realidade local da educação em Patos de Minas naquele momento. Chama atenção para a superlotação do único ginásio público da cidade e a crescente demanda por vagas no ensino secundário. Ao mesmo tempo, valoriza os responsáveis pela obra e a qualidade da educação baseada na pedagogia marista, que seria oferecida pela nova instituição.

O único estabelecimento secundário masculino de nossa terra, o Ginásio da Escola Normal Oficial, de há muito esgotou sua capacidade de receber alunos, pois possui mais alunos do que realmente seria pedagogicamente possível.

Faz das tripas coração, desdobra-se como pode e como não pode, para satisfazer as centenas de pedidos de matrícula que anualmente recebe. Diante de uma tal situação, que se agravará daqui por diante em proporções alarmantes, só temos motivo de júbilo, de exaltação, diante do colégio que aí vem, cujo prédio já foi empreitado à competência e à idoneidade do João Batista, construtor de méritos indiscutíveis. Ao lado das vantagens puramente qualitativas, sabemos todos da alta categoria do ensino ministrado por essa congregação, cujos membros, são tidos como educadores de alto gabarito, habituados ao mister de bem educar, dentro das normas da mais sadia moral e irrepreensível disciplina (Jornal dos Municípios, 7 abr. 1957, p. 2).

Délio exalta a tradição pedagógica da Congregação Marista, reconhecida por seu ensino disciplinado e moralmente orientado. Revela, portanto, o entusiasmo da comunidade diante da chegada de uma nova instituição educacional e o papel do jornal como porta-voz desse momento de transformação para a cidade.

Na parte final da notícia, reforça a importância simbólica e afetiva da instalação do Colégio Marista em Patos de Minas, relacionando-a não apenas ao crescimento e à vitalidade da cidade, mas também à ligação direta entre a Congregação Marista e filhos da própria comunidade patense. Ele menciona Roberto Augusto Ferreira Borges (Irmão Ruperto Aurélio), filho do Dr. João Borges — a quem se refere como amigo de infância, com quem cursou o primário —, bem como destaca seu parentesco com o irmão Désto (Modesto), comerciante local. Para Délio, Dr. João e o filho foram influências decisivas para a escolha do município como sede da nova escola. A presença desse religioso teria atuado como fator catalisador junto à direção da Congregação, tornando legítima e merecida a construção de um educandário modelo em solo patense.

Essa visão de vínculo é evidenciada no excerto do jornal:

Patos de Minas, com a sua exuberância, com a sua louçania, com a sua juventude em marcha ascensional, há de ter contribuído ascensional, para a decisão dos dirigentes da Congregação Marista, de aqui construírem mais um de seus educandários. Cumpre registrar, porém, outros aspectos que devem

também ter colaborado para a concretização de um acontecimento tão auspicioso. Existem Irmãos Maristas, filhos de Patos de Minas. Sabemos do Roberto, filho do Dr. João Borges e meu companheiro de infância, contemporâneo de curso primário; e um mano do nosso Désto, lá da “Loja Nova”. Ambos, hão de ter influído na decisão de seus superiores, senão com pedidos diretos, pelo menos com as suas presenças, com o fato de serem paturébas legítimos. Terão agido como verdadeiros catalisadores, acelerando as resoluções do “Estado Maior” Marista e canalizando o grande empreendimento para a nossa Patos de Minas. Na mais justo, portanto, que premiar-se com um educandário modelo, a esta terra tão boa, que já deu também o melhor de si – os seus próprios filhos – à Congregação dos Irmãos maristas (Jornal dos Municípios, 1957, p. 2).

Esse trecho final revela o sentimento de pertencimento e orgulho comunitário de Délio, ao destacar como os vínculos locais contribuíram para a concretização do projeto. A escolha de Patos de Minas é vista não apenas como estratégica, mas como uma retribuição justa a uma cidade que, segundo ele, já havia dado à Congregação o que tinha de mais valioso: seus próprios filhos. O tom é de reconhecimento e celebração, reafirmando a narrativa idealista que permeia todo o texto.

Outra publicação da imprensa que merece destaque é a reportagem veiculada no jornal *Diário de Minas*, de Belo Horizonte, no sábado, 24 de maio de 1958, sob o título “*Majestosa obra dos Irmãos Maristas no panorama educacional de Patos de Minas*”¹⁵⁶. Nela, o editor reforça a ideia de que a instituição se consolidava como um modelo de excelência educacional, cuja estrutura — composta por amplas salas, laboratórios e uma construção imponente — deveria servir de inspiração para outras cidades brasileiras, tamanha era a relevância e o impacto do conjunto arquitetônico apresentado.

Os Irmãos Maristas – Patos de Minas não têm falta de ideal de educação. Grupos escolares oficiais e particulares, estabelecimentos de ensino secundário, escolas e cursos profissionais, jornais e rádio são os instrumentos que elaboram as dimensões do espírito patense. Neste setor, cumpre destacar a magnífica obra dos Irmãos Maristas, cuja missão educadora vem se expandindo para todos os recantos do país. Patos de Minas também mereceu a atenção dos seguidores do Padre Champagnat. Na sua missão de instruir os Irmãos Maristas construíram um majestoso instituto de educação – é o Ginásio Nossa Senhora de Fátima, situado no alto da rua Major Gote, dominando com seu porte magnífico, todo o panorama da cidade. O colégio dos Maristas, dispondo dos mais modernos requisitos da moderna pedagogia, quer em sua construção, quer em suas instalações, é um dos melhores do Estado. Amplas

¹⁵⁶ Encontrou-se essa reportagem digitada no Relatório dos 50 anos do Colégio Marista (2008, p. 22, Arquivo do Colégio Marista de Patos de Minas), mas não foi encontrada a reportagem oficial, nos arquivos do Diário de Minas, onde foi publicada, bem como nos registros de documentos do CEM-BH, onde muitos documentos e registros da História do Colégio Marista de Patos de Minas, estão arquivados. Nem no acervo da UNIPAM, que também, tem registros da época. Portanto, há somente transcrição do jornal, sem a imagem do texto, como feito nas demais reportagens.

salas de aulas, biblioteca, dormitórios e salas de leitura, a serviço da educação, eis o que representa essa obra. Da influência exercida por essa iniciativa não precisamos dizer. A missão educativa dos Maristas é conhecida. Patos de Minas transforma-se, assim em centro de educação de primeira grandeza (Diário de Minas, 1958, p. 3).

O texto da redação vai além de uma simples reportagem sobre a construção de um novo colégio. Apresenta um tom celebrativo, característico do *Jornal dos Municípios*, como demonstram edições anteriores. Reforça o protagonismo dos Irmãos Maristas no cenário educacional local, posicionando o novo colégio como referência não apenas para Patos de Minas, mas para todo o estado de Minas Gerais.

A escolha do vocabulário — “majestoso instituto de educação”, “porte magnífico”, “um dos melhores do Estado” — revela tanto a admiração da imprensa local quanto o desejo de legitimar o empreendimento como um marco de modernidade e excelência pedagógica. O texto descreve a instituição confessional como um centro educacional completo, com amplas salas, biblioteca, dormitórios e salas de leitura, reafirmando os preceitos da pedagogia marista de unir infraestrutura, disciplina e formação integral. Ao sugerir uma descrição do interior do prédio, o texto reforça a impressão de que o autor da redação teve acesso direto à obra.

Outro ponto significativo da reportagem é o valor simbólico atribuído à localização do colégio: situado “no alto da rua Major Gote”, o edifício domina visualmente o panorama urbano, o que reforça seu status como marco arquitetônico e cultural da cidade. Essa posição estratégica evidencia que o colégio não apenas ocupa um espaço geográfico, mas representa um lugar carregado de significados simbólicos. Nesse sentido, Frago (2001) observa que:

[...] o território e o lugar são, pois, duas realidades individuais e grupalmente construídas [...] o espaço jamais é neutro: em vez disso, ele carrega, em sua configuração como território e lugar, signos, símbolos e vestígios da condição e das relações sociais de e entre aqueles que o habitam (Frago, 2001, p. 64).

Assim, o posicionamento do edifício revela, também, uma intenção discursiva: comunicar poder, influência e centralidade, atributos que se projetam sobre o imaginário urbano e moldam as relações sociais da cidade.

A parte final da publicação confere um tom documental à narrativa, ao mencionar que, já no final de 1958, a construção estava visivelmente avançada e que o primeiro diretor havia sido designado. O registro epistolar do Irmão Jules Baptiste ao Dr. João Borges documenta a organização institucional do colégio ainda em sua fase de criação, reforçando o planejamento minucioso conduzido pelos maristas.

Portanto, essa matéria jornalística não apenas noticia um fato, mas contribui para a construção de um imaginário social sobre o colégio: um projeto educacional moderno, robusto e profundamente vinculado à tradição católica e à missão pedagógica marista. Serve, portanto, como fonte histórica relevante para compreender a recepção pública e o valor atribuído ao colégio na época de sua fundação.

4.3 O ESPAÇO ESCOLAR DO COLÉGIO MARISTA: EDIFICAÇÕES E AMBIENTES

A configuração do espaço escolar do Colégio Marista pode ser compreendida como resultado de uma concepção arquitetônica que articulava funcionalidade e intencionalidade educativa. Escolano (2001) chama atenção para o fato de que a escola não se reduz a um conjunto de salas de aula: trata-se de um espaço planejado que traduz projetos pedagógicos e culturais em formas, percursos e usos.

Nesse sentido, a disposição dos ambientes, a escolha dos materiais e a hierarquia dos espaços — pátios, salas, corredores e áreas administrativas — revelam não apenas exigências técnicas, mas uma visão de educação orientada à formação integral.

Frago (2001) amplia essa perspectiva ao evidenciar que o edifício escolar se insere em um contexto social e histórico, funcionando como um espaço de convivência, controle, experiências e significados. Cada elemento arquitetônico — dos jardins às fachadas — integra um discurso que combina estética, pedagogia e cultura, reforçando a identidade institucional. Nesse sentido, a construção do Colégio Marista em Patos de Minas não apenas atendeu às exigências técnicas da época, mas também concretizou um ideal educativo e religioso, articulado à modernização do ensino e à valorização do espaço como mediador da aprendizagem.

Nessa perspectiva, a construção do Colégio Marista em Patos de Minas pode ser compreendida como um processo estruturado em duas fases distintas, cada uma voltada a demandas específicas. A primeira, realizada entre 1957 e 1958, contemplou a edificação da infraestrutura básica: preparação e nivelamento do terreno, execução das fundações, erguimento da estrutura principal e criação das condições mínimas para o funcionamento inicial da escola.

A segunda fase, entre 1959 e 1960, correspondeu à consolidação do espaço escolar, com a finalização dos ambientes internos, adequação das salas e dependências, além da execução dos elementos externos — como muros e áreas de circulação — que completaram a configuração física da instituição.

Dessa forma, ao analisar a evolução construtiva do colégio, observa-se que o edifício foi concebido e executado de modo a atender às funções pedagógicas e simbólicas de seu tempo, integrando aspectos técnicos, valores culturais e identidade institucional (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008)

Neste contexto, apresentam-se, neste tópico, as duas fases da construção do colégio:

1ª Fase (1957–1958): corresponde à edificação dos três pavimentos principais, destinados à inauguração e ao início do funcionamento.

2ª Fase (1959–1960): abrange a finalização dos ambientes internos, a construção dos muros, dos espaços recreativos e esportivos, bem como das áreas externas de circulação.

4.3.1 Primeira fase da construção (1957-1958)

A construção do Colégio Marista em Patos de Minas foi realizada em duas etapas distintas. Conforme relata Falchetto (2024), “o início da construção deu-se no ano de 1957 [3 de março] e a conclusão do corpo do colégio ocorreu no final do ano de 1958 [dezembro], ficando para segunda etapa a construção do ginásio e dos campos de esporte”.

O planejamento e a execução da estrutura interna seguiram diretrizes arquitetônicas próprias da Congregação Marista, que priorizavam a funcionalidade, a organização espacial e a adequação pedagógica. Desde os primeiros trabalhos, a obra foi acompanhada pelo Irmão Jules Baptiste¹⁵⁷ (Irmão Júlio Batista), Figura 66, religioso francês que exercia a função de Ecônomo Provincial¹⁵⁸. Com ampla experiência na construção de instituições educacionais, ele havia acompanhado a edificação de outros colégios maristas no país ao longo da década de 1950, trazendo esse conhecimento técnico para a obra em Patos de Minas.

Conforme destacado por Irmão Claudino:

Na época era Ecônomo Provincial (título marista para o gestor dos bens) um francês, Irmão Jules Baptiste, que acompanhara a construção de sete colégios maristas na década de cinquenta (Belo Horizonte, Montes Claros, Colatina, Vila Velha, Londrina, Cascavel e Patos de Minas) (Falchetto, 2024)

¹⁵⁷ De acordo com o CEM-BH (informação enviada à pesquisadora via WhatsApp), o Irmão Jules Baptiste foi responsável pela gestão financeira e acompanhamento da construção de sete colégios maristas no Brasil: Belo Horizonte, Montes Claros, Colatina, Vila Velha, Londrina, Cascavel e Patos de Minas.

¹⁵⁸ Ecônomo Provincial é o religioso responsável pela administração financeira e patrimonial da Província Marista, incluindo a gestão de recursos, obras e projetos das instituições mantidas pela Congregação em determinada região.

Figura 66 – Irmão Jules Baptiste



Fonte: Registros fotográficos do CEM-BH (Década de 1940)

No exercício da função de Ecônomo Provincial, o Irmão Jules Baptiste acumulou ampla experiência na área de construções escolares, atuando diretamente no acompanhamento da edificação de sete colégios maristas em diferentes regiões do Brasil. Essa vivência lhe proporcionou domínio sobre aspectos técnicos e administrativos, contribuindo de forma decisiva para a qualidade das obras. Sua atuação revela a estratégia da Congregação Marista de expandir sua presença no país e responder à crescente demanda por ensino de qualidade, tornando-o uma figura central nesse movimento de consolidação institucional.

Segundo o Relatório dos 50 anos do Colégio Marista (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008), registros do Colégio Marista indicam que o Irmão Jules se dedicou intensamente à construção do Colégio Marista em Patos de Minas, demonstrando cuidado com a qualidade da obra, a fim de garantir infraestrutura adequada às futuras gerações. Apesar de sua relevância, o relato do Irmão Claudino ressalta que ele “recebia assessoria técnica de profissionais

experientes”, evidenciando que os empreendimentos maristas eram frutos de uma atuação colaborativa, voltada à excelência construtiva.

Diante dessa afirmativa, registros do Colégio Marista indicam que a execução da obra contou com uma equipe especializada, liderada pelo empreiteiro Sr. João Batista dos Santos ¹⁵⁹, e orientada pelo engenheiro responsável, Theofredo Borges. O documento também destaca que a atuação conjunta entre os religiosos e os profissionais civis foi essencial para garantir a qualidade e a fidelidade ao projeto original. A participação do Irmão Jules Baptiste, cuja experiência prévia na construção de edificações escolares era significativa, contribuiu para que o planejamento da estrutura interna fosse desenvolvido com foco na funcionalidade e na intencionalidade pedagógica. Isso se refletiu na padronização dos ambientes e na atenção aos detalhes estruturais voltados à formação integral dos alunos (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

O planejamento arquitetônico das obras coordenadas pelo Irmão Jules Baptiste não se restringia apenas a critérios técnicos ou administrativos por ele assistidos. Conforme observa Escolano (2021, p. 38), a arquitetura escolar também cumpre uma função comunicativa e pedagógica, adquirindo uma dimensão semântica ao expressar simbolicamente os valores que orientam o projeto educativo.

Assim, os colégios maristas comunicavam uma identidade institucional homogênea e formadora por meio da organização dos espaços, transcendendo as fronteiras físicas entre as unidades.

É possível visualizar, na Figura 67, um dos primeiros registros das obras do Colégio Marista em Patos de Minas, capturado em 1957, o qual evidencia a presença de trabalhadores e o início da edificação no terreno escolhido.

Observa-se, ainda, que o local atende a uma das diretrizes maristas quanto à escolha do espaço físico: “a escola deve ser localizada em terreno seco e de local provido de água potável,

¹⁵⁹ Sr. João Batista dos Santos, iniciou sua carreira no ramo da construção civil, com apenas o segundo ano primário. Alfabetizou-se na vida adulta, tendo aulas particulares com a professora Ordalina Vieira, uma das responsáveis pela criação da Festa Nacional do Milho (Fenamilho), principal festividade de Patos de Minas e considerada a maior festa agropecuária do estado de Minas Gerais. Profissionalmente, começou como **servente de pedreiro**, participando da construção de importantes obras da cidade, como o prédio da Sociedade Recreativa Patense, fundada em 1985; o Hospital Regional Antônio Dias, inaugurado em 1930; o Edifício Ponto Chic, concluído em 1935; e o Hotel Magnífico, inaugurado em 1945, entre outras. Com a experiência adquirida, passou a atuar como **construtor responsável**, tendo executado obras como o Mercado Municipal, o Colégio Estadual, o antigo Colégio da Penha (atualmente Colégio Tiradentes) e o Colégio Silvio Marcos. Também constam em seu currículo a construção dos Edifícios Paranaíba e Cine Tupã, além da abertura da Rua Maranhão, na qual foi responsável pela instalação de meio-fio, rede de escoamento pluvial e postes de iluminação elétrica. (Dannemann, 2014a, *op.cit.*).

e ser construída, de preferência, distante de outras construções, a fim de que a tranquilidade seja mantida” (Assis, 2013, p. 129).

A conformidade com essa diretriz pode ser percebida na imagem, pois a área onde se iniciam as obras apresenta-se como um campo aberto, visivelmente afastado do núcleo urbano mais adensado, com poucas edificações próximas e ampla disponibilidade de espaço livre — características que favoreciam o isolamento e a tranquilidade do ambiente escolar.

Figura 67 – Primeiros operários na construção do colégio (CEM/BH, 1957)



Fonte: Arquivo CEM/BH, Patos de Minas 1957

Fonte: Acervo digital do CEM-BH (1957).

No decorrer da execução do projeto, observa-se que o terreno destinado à construção do educandário exigiu intervenções prévias, como a realização de terraplanagem, em razão das condições naturais do local. A Figura 68 ilustra essa etapa preparatória, evidenciando também que a área era ainda pouco urbanizada naquele período (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

Além disso, a imagem documenta o avanço das obras, com as paredes de alvenaria já sendo erguidas e a estrutura ganhando forma.

Figura 68 – Terraplanagem e avanço das obras (paredes de alvenaria sendo erguidas)



Fonte: CEM/BH (1957).

Na Figura 69, apresenta-se uma fotografia panorâmica de uma área central da cidade de Patos de Minas, datada do final de 1958, período anterior à inauguração do colégio. Ao fundo, no canto direito da imagem, observa-se o edifício do Colégio Marista já materializado no final da Rua Major Gote (indicado por seta preta), evidenciando o avanço das obras até aquele momento.

Figura 69 – Registro da cidade de Patos de Minas com localização do Colégio Marista



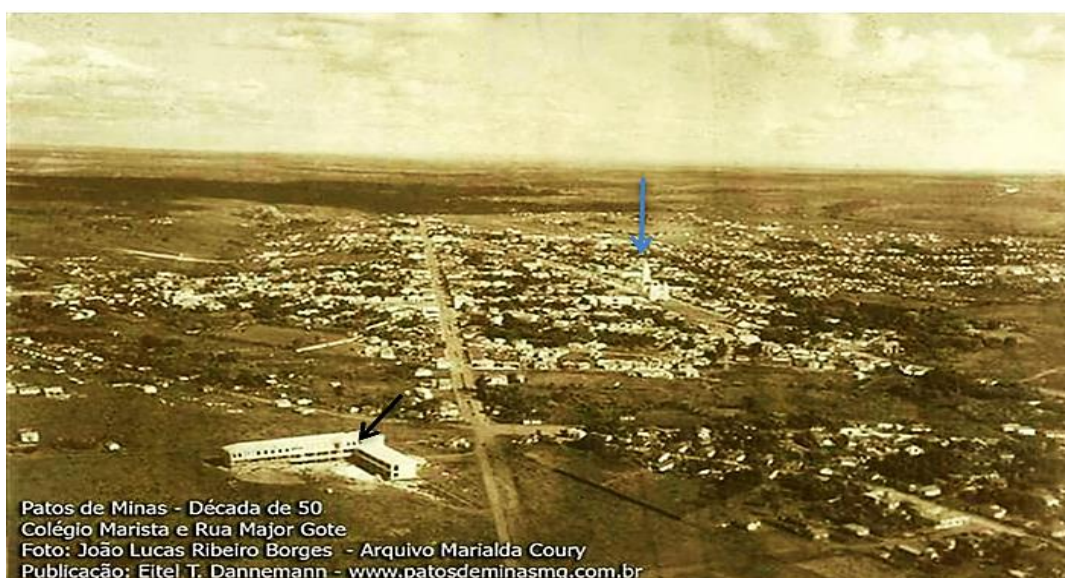
Fonte: Acervo CEM – BH (1958)

No centro da imagem, à esquerda, destaca-se a Catedral de Santo Antônio (indicada por seta azul), cuja presença reforça o vínculo simbólico entre a fé católica e a formação educacional promovida pela Congregação Marista.

A posição privilegiada dessas duas edificações no cenário urbano atesta seu protagonismo na configuração da paisagem e na consolidação de marcos religiosos e pedagógicos na memória coletiva patense (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

Outra visão privilegiada das duas edificações na cidade de Patos de Minas é apresentada na Figura 70, onde é possível visualizar, de forma invertida, o edifício do Colégio Marista (seta preta), a Rua Major Gote e, ao fundo, a Catedral de Santo Antônio (seta azul).

Figura 70 – Patos de Minas na década de 1950 – Colégio Marista



Fonte: <https://patoshoje.com.br/>.

Nesse sentido, a localização do colégio nas proximidades da catedral remete a uma lógica histórica de ocupação do território, conforme apontam Macedo e Sapunaru (2016, p. 46), ao analisarem o processo de urbanização mineiro desde o período colonial. Segundo os autores, “era de suma importância construir núcleos urbanos com edifícios, igrejas e praças públicas, estabelecendo uma relação cultural entre os moradores locais e a civilização que os portugueses implementavam em Minas Gerais.” Assim, a posição do educandário, junto à igreja matriz, pode ser interpretada como parte de um projeto civilizatório e evangelizador, no qual as escolas confessionais eram construídas com o propósito de unir fé, espaço urbano e educação em um mesmo eixo simbólico e funcional.

Estava concretizado o colégio que resultou do empenho de diversas pessoas. Era chegado o momento em que se materializava o sonho de toda uma comunidade, que tanto lutou para ver edificado, em suas terras, um colégio de tamanha importância — nascido na França e difundido pelo mundo (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

A Figura 71 registra o término da primeira etapa da construção do Ginásio Nossa Senhora de Fátima, evidenciada por sua volumetria principal já finalizada em dezembro de 1958. A imagem, cedida por ex-aluno entrevistado, apresenta a edificação em perspectiva lateral, com destaque para a simetria das fachadas, a organização sequencial das janelas e a imponência do bloco central com três pavimentos. A primeira fase termina, portanto, com o terreno ainda em processo de terraplenagem e reforça o caráter inaugural que o Colégio Marista se encontrava.

Figura 71 – Término da Construção da primeira etapa do Colégio Marista (1959)



Fonte: Alves (2025).

A materialização do Colégio Marista em Patos de Minas (MG) fortaleceu significativamente a presença da Igreja Católica no campo educacional e marcou uma nova etapa no processo de desenvolvimento urbano local. Ao integrar-se à paisagem da cidade, a edificação contribuiu para sua modernização sem romper com as raízes religiosas que historicamente a sustentam. Mais do que um espaço de ensino, o colégio consolidou-se como símbolo da união entre fé, educação e identidade cultural — valores que moldaram gerações de estudantes e deixaram marcas profundas na memória coletiva patense.

Segundo Escolano (2001), a edificação escolar é, em si, a expressão de um programa educativo que se materializa nos muros, corredores e espaços de convivência. Assim, a construção do Colégio Marista em Patos de Minas representou não apenas uma expansão física,

mas a concretização de um projeto pedagógico-religioso previamente traçado. Já Macedo e Sapunarú (2016) apontam que a construção de edifícios religiosos e escolares, especialmente em contextos urbanos, representa não apenas um avanço técnico, mas a materialização de um ideal civilizatório. Dessa forma, o Colégio Marista contribuiu para reconfigurar o espaço urbano de Patos de Minas, unindo fé e modernidade.

4.3.2 Segunda fase da construção (1959-1960)

A segunda fase da construção do Colégio Marista marcou um período de continuidade e, ao mesmo tempo, de novos desafios para a comunidade escolar. Segundo o relato do Irmão Claudino, embora a infraestrutura principal do prédio já estivesse concluída, ainda havia a necessidade de significativas intervenções nos espaços externos, que exigiam planejamento, recursos e persistência. Como ele observa:

Todo início exige planejamento e persistência. O prédio estava com a infraestrutura terminada, mas os espaços externos exigiram ainda muita mão de obra e muito esforço para conquistar o padrão ideal de uma escola. Além disso, a parte alta do terreno, que não passava de cerrado, não possuía barreira para os alunos, nem para eventuais estranhos. A Major Gote e todo o entorno careciam de calçamento, convertendo-se em lama ou em poeira dependendo do clima (Falchetto, 2024).

A partir dessa constatação, evidencia-se que a preocupação do Irmão Egídio não se restringia ao ambiente interno da escola, estendendo-se também ao entorno e à valorização dos espaços externos — sobretudo no que se refere à construção de muros, que assegurariam maior segurança e a delimitação do terreno.

valorização dos ambientes escolares — internos e externos — transcende sua função estética, de segurança ou recreação. Conforme aponta Frago (2001), o terreno escolar deve ser compreendido como parte essencial do processo formativo. Trata-se de um espaço que vai além da mera circulação ou descanso, constituindo-se como um ambiente educativo que complementa e amplia o trabalho realizado em sala de aula. Para o autor, o campo escolar exerce funções pedagógicas, formativas e higienizadoras, sendo tão relevante quanto os ambientes formais de ensino.

O espaço escolar do Colégio Marista, inaugurado em 1959, foi pensado para atender não apenas às demandas pedagógicas, mas também para expressar valores simbólicos e culturais. A segunda fase da construção marista teve início em janeiro de 1959 (Colégio Marista

de Patos de Minas, 2008). A Figura 72 ilustra o pátio interno ainda em terra batida, evidenciando a prioridade de continuar o trabalho arquitetônico planejado.

Figura 72 - Pátio Interno em terra solta (1959)



Fonte: Colégio Marista de Patos de Minas (2008).

O planejamento incluía a regularização e o nivelamento dos pátios para uso adequado. No entanto, as intensas chuvas, comuns no início do ano, atrasaram o andamento das obras, que foram retomadas nos meses seguintes (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008). A Figura 73 mostra todo o pátio do colégio já nivelado, pronto para dar continuidade ao projeto construtivo planejado.

Na época, o diretor do colégio, Irmão Paulo Egídio, iniciou a construção pelo muro frontal do Ginásio Nossa Senhora de Fátima, reforçando o que Frago (2001, p. 90) observa sobre a arquitetura escolar do período: a combinação entre clausura e ostentação, com edifícios sólidos cercados por muros ou grades que delimitavam o espaço reservado. Nesse sentido, Escolano (2021, p. 41) complementa que “os muros das instituições educativas serviram também para neles se exibirem imagens e inscrições de personalidades que se consideravam exemplares para a infância”, evidenciando a função simbólica e educativa dessas estruturas.

Figura 73 – Nivelamento dos pátios do colégio (1959)



Fonte: Colégio Marista de Patos de Minas (2008).

Ao mesmo tempo em que o muro era erguido, também era construído o jardim com fonte luminosa — elementos que remetem à casa de Champagnat, onde, segundo Sylvestre (2014), o jardim era o local preferido para o descanso. Essa valorização dos espaços verdes também se estendia à horta escolar, utilizada tanto para o ensino de conteúdos específicos quanto para o cultivo da imaginação, como salienta Frago (2001). Além disso, ao explicar as vantagens das plantas arquitetônicas em L, U ou T, Frago (2001) destaca que essas configurações permitiam a criação de um pátio interno, elemento muito valorizado nos colégios por sua função como espaço de convivência, recreação ou celebrações cívico-religiosas.

Concomitantemente a essas obras, o Irmão Paulo Egídio também se dispôs à construção de um forno para a fabricação de pães. Embora Furet (1999) não mencione esse item na primeira casa marista, relata a prática de doação de pães aos necessitados, comum na época, o que sugere a existência desses fornos. Sylvestre (2014, p. 90) confirma esse uso ao narrar um episódio pessoal envolvendo o manuseio de uma pá de ferro utilizada para atizar o fogo no forno: “certo dia tive a má sorte de deixar cair a longa pá de ferro que serve para atizar o fogo no forno de pão. Com a queda, uma parte da pá se quebrou”.

A Figura 74, portanto, ilustra a finalização do muro, jardim e fonte luminosa, resultado do esforço conjunto do engenheiro, construtor e da direção marista.

Figura 74 – Jardim interno com a fonte luminosa (1959)



Fonte: Colégio Marista de Patos de Minas (2008).

Embora não haja registro fotográfico desse forno, é possível inferir, com base em práticas comuns da época e nos registros documentais organizados pelo CEM-BH e pelo Relatório dos 50 anos do Colégio Marista (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008), que era frequente a construção de fornos de pão em alvenaria. Esses fornos eram utilizados para o preparo de pães frescos, consumidos pelos alunos, Irmãos Maristas e demais colaboradores. Sua estrutura seguia técnicas tradicionais, com paredes espessas para retenção de calor e abertura frontal para inserção dos pães.

Além do forno, os terrenos do ginásio estavam sendo preparados para o cultivo agrícola. Conforme a prática nas instituições maristas, todo espaço disponível era aproveitado de forma produtiva, especialmente para o plantio de alimentos destinados ao consumo cotidiano da comunidade escolar (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

A presença de hortas também fazia parte da tradição marista. Furet (1999) descreve que a primeira casa adquirida por Champagnat possuía uma horta destinada ao cultivo de alimentos, prática mantida no Colégio Marista de Patos de Minas, como reforça Sylvestre (2014). Ferrarini (2022) acrescenta que uma das principais atividades de Champagnat e dos Irmãos, desde os primeiros tempos, era o cuidado com o cultivo, hábito que ele cultivava desde a infância. Para o autor, ainda que Champagnat tenha vivido numa época em que pouco se falava sobre ecologia, seu estilo de vida — pautado na simplicidade, economia, sobriedade e

no cultivo de hortas e jardins — antecipa práticas hoje defendidas como essenciais para a sustentabilidade do planeta.

Na Figura 75, observa-se a fachada do colégio com o nome da instituição inscrito em letras garrafais. Logo abaixo, destacam-se as primeiras obras concluídas sob a direção do Irmão Paulo Egídio: a fonte luminosa — símbolo que pode ser interpretado como a luz a guiar os caminhos dos Irmãos — e os jardins, cujos traços remetem ao carisma de São Marcelino Champagnat, exalando sua presença espiritual por toda a comunidade patense.

Figura 75 – Fachada, fonte luminosa e jardins (1959)



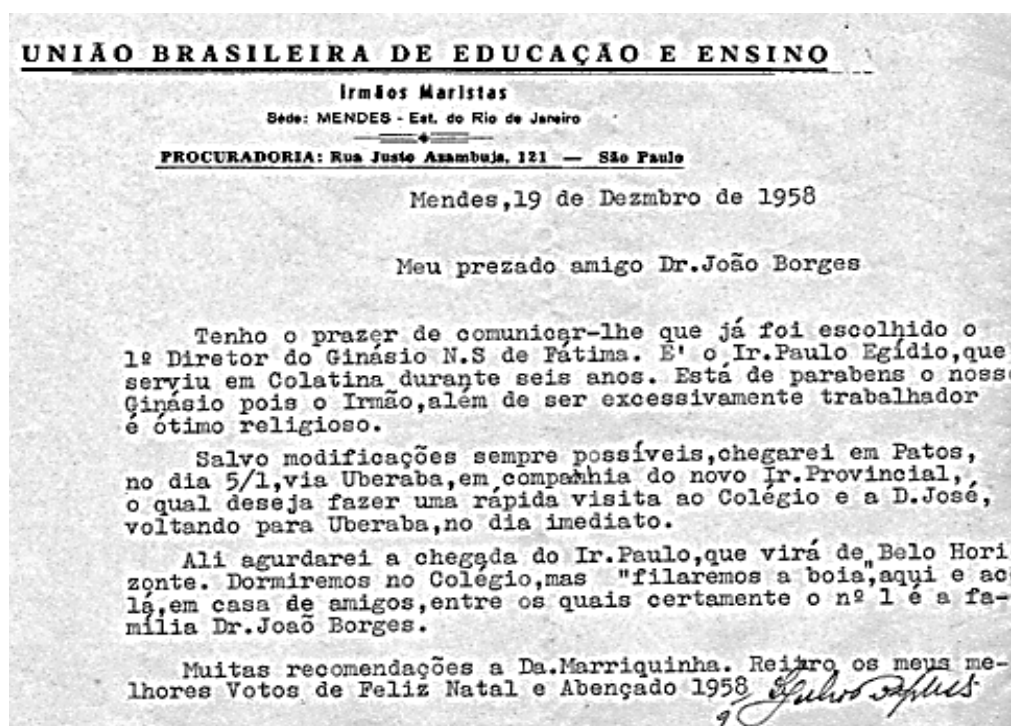
Fonte: Colégio Marista de Patos de Minas (2008).

Todas as obras da primeira etapa da construção foram concluídas ao final do ano de 1959, pouco antes da inauguração do colégio. Os pavimentos já estavam finalizados, garantindo uma estrutura mínima necessária para o funcionamento da instituição. A segunda fase estava prevista para iniciar em janeiro de 1959, com conclusão até o final de 1960, incluindo a construção da grutinha de Nossa Senhora de Fátima — inaugurada em 13 de maio — e da quadra de basquete, inaugurada em 10 de novembro (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008)

4.4 A CHEGADA DOS IRMÃOS MARISTAS, À INAUGURAÇÃO E O ESPAÇO FÍSICO EDIFICADO

Em 1958, quando a primeira etapa das obras já se aproximava da conclusão, uma correspondência enviada pelo Irmão Jules Baptiste ao Dr. João Borges marcou um momento significativo na consolidação do Colégio: a escolha do primeiro diretor e a definição oficial do nome da instituição. A carta também evidencia a atenção dedicada aos últimos detalhes da construção, destacando, ainda, a primeira visita do Irmão Provincial. O documento, datado de 19 de dezembro de 1958 (Figura 76), foi enviado de Mendes-RJ e afirma:

Figura 76 – Carta de 19 de dezembro de 1958 – Ir. Jules Baptiste a Dr. João Borges



Fonte: Arquivo do CEM – BH (1958).

Na íntegra:

Mendes-RJ: 19/12/1958: “Tenho o prazer de comunicar-lhe que já foi escolhido o 1º Diretor do Ginásio N.S. de Fátima. É o Ir. Paulo Egídio, que serviu em Colatina durante seis anos. Está de parabéns o nosso Ginásio, pois o Irmão, além de ser excessivamente trabalhador é ótimo religioso. Salvo modificações sempre possíveis, chegarei em Patos no dia 5/1, via Uberaba, em companhia do novo Ir. Provincial, o qual deseja fazer uma rápida visita ao Colégio e ao Dr. José, voltando para Uberaba, no dia imediato. Ali aguardarei a chegada do Ir. Paulo, que virá de Belo Horizonte. Dormiremos no Colégio, mas “filaremos boia”, aqui e acolá, em casa de amigos, entre os quais certamente o 1º é a família do Dr. João Borges”.

A carta registra a nomeação, pela organização dos Irmãos Maristas em Mendes-RJ, do primeiro diretor do Ginásio Nossa Senhora de Fátima, Irmão Paulo Egídio, destacando sua experiência anterior em Colatina (ES) e seu perfil disciplinado e profundamente religioso. O tom da mensagem revela otimismo e segurança quanto à condução da nova unidade marista em Patos de Minas. O documento também menciona a visita do Irmão Provincial, prevista para o início de janeiro de 1959, evidenciando o acompanhamento institucional da Congregação nos momentos decisivos da implantação do colégio. A referência à hospedagem em casas de amigos, especialmente na residência da família do Dr. João Borges, reforça o apoio local à chegada dos Irmãos e ressalta o caráter colaborativo que marcou o processo de fundação.

De fato, em janeiro de 1959, à medida que a inauguração do colégio se aproximava, Patos de Minas passou a receber os primeiros Irmãos Maristas designados para compor a equipe da nova instituição educacional. Conforme anunciado na carta de 19 de dezembro de 1958, o primeiro a chegar foi o Irmão Paulo Egídio — nome religioso de Octaviano Evangelista de Araújo Azevedo — escolhido para assumir a direção do Ginásio Nossa Senhora de Fátima. Sua chegada ocorreu em 2 de janeiro de 1959, segundo relato do Irmão Claudino (Falchetto, 2024), com a missão de adiantar os preparativos para o funcionamento da escola e organizar sua estrutura pedagógica e administrativa inicial.

Ainda segundo o depoimento do ex-professor, “os demais Irmãos chegaram no decorrer dos meses de janeiro e fevereiro” e, como programado, “foram hospedados na residência do Dr. João Borges” (Falchetto, 2024). Até que o edifício fosse oficialmente inaugurado, essa acolhida reforçou o vínculo já estabelecido entre os idealizadores locais e os religiosos, sustentado por um espírito de cooperação mútua e confiança.

A hospitalidade oferecida pela família Borges foi fundamental para garantir condições mínimas de instalação dos Irmãos durante essa fase inicial. Além disso, demonstra não apenas um vínculo institucional, mas também uma relação de amizade e acolhimento. O tom descontraído ao falar da estadia e das refeições em casas de amigos reflete o espírito de união que permeava a instalação da instituição em Patos de Minas.

Dois dias após a chegada do Irmão Paulo Egídio, em 4 de janeiro, foi divulgada na imprensa local a chegada dos primeiros educadores, conforme noticiado com destaque pelo *Jornal dos Municípios*, na manchete de capa: “Os Maristas em Patos de Minas – chegarão amanhã os primeiros educadores” (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008, p. 23). A reportagem ressalta o simbolismo da chegada dos Irmãos, associando o evento à concretização de um sonho educacional para o município:

Deverão chegar à nossa cidade no dia de amanhã os irmãos Maristas que ainda este ano iniciarão as aulas no colégio Nossa Senhora de Fátima, construído por aqueles laboriosos educadores. A magnífica obra, construída no final da Rua Major Gote, está terminada, devendo ser entregue à nossa cidade brevemente. Tal empreendimento vem dotar nosso município de um dos maiores e melhores educandários de todo o interior do Estado, motivo pelo qual a população deverá recebê-la com justificado orgulho.

Educadores: Segundo fomos informados, na manhã de amanhã, pelo avião da Real, chegarão à nossa cidade os seguintes educadores: O diretor será o Irmão Paulo Egídio, que está sendo esperado. Amanhã virão: Irmão Roque Maria (assistente do Ir. Superior Geral); Irmão Gobriano Maria (Provincial da Província do Rio de Janeiro, a qual pertence Patos); Irmão Egídio Luiz, provincial da Província de São Paulo; Irmão Júlio (economista e construtor); desde 31/11 já se encontra em nossa cidade o Irmão Roberto Aurélio – professor no externato São José, do Rio de Janeiro. A todos eles, endereçamos nossas boas vindas e que Deus abençoe a obra que construíram em Patos de Minas (Jornal dos Municípios, 1959, p. 1).

A chegada dos Irmãos Maristas marcou o início efetivo da missão da Congregação em Patos de Minas. Sob sua liderança, o colégio consolidou-se rapidamente como referência regional em educação, alicerçado nos princípios da fé cristã, no compromisso com a formação humana e no ideal pedagógico herdado de São Marcelino Champagnat.

Com os Irmãos recém-chegados, iniciaram-se os preparativos para a inauguração. De acordo com os registros institucionais, esses preparativos mobilizaram intensamente a equipe organizadora e despertaram amplo engajamento da comunidade local. O clima era de entusiasmo e grande expectativa, pois a criação do ginásio não representava apenas a instalação de um novo espaço educacional, mas simbolizava a concretização de um antigo anseio coletivo da população patense — um marco no fortalecimento da presença marista na região e no desenvolvimento educacional da cidade (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

Falchetto (2024) recorda que “a imprensa e os meios de comunicação via rádio divulgaram à sociedade a data [da inauguração] ¹⁶⁰”. No dia do evento ¹⁶¹, Patos de Minas encontrava-se bastante movimentada, com significativa presença de autoridades, professores, alunos e membros da comunidade local. A cerimônia contou com discursos, visitas às instalações do colégio e cobertura da imprensa, simbolizando não apenas a concretização de

¹⁶⁰ Não foram encontrados registros oficiais que comprovem a divulgação da inauguração, tampouco a data exata em que ela ocorreu. Entretanto, no relato do Irmão Claudino, observa-se que a cerimônia ocorreu antes do início do ano letivo. Segundo registros do Colégio Marista de Patos de Minas (2008), as aulas tiveram início em 2 de março de 1959. Ainda nesse relato, ao mencionar as autoridades presentes, o Irmão Claudino cita o então prefeito Sebastião “Binga”, que havia acabado de assumir o cargo naquele ano.

¹⁶¹ O ano de 1959 marcou não apenas a inauguração do Ginásio Nossa Senhora de Fátima, em Patos de Minas, mas também os 140 anos da fundação da missão Marista, iniciada em 1819, em La Valla, França, e os 62 anos da presença dos Irmãos Maristas no Brasil, iniciada em 1897, na cidade de Congonhas, Minas Gerais.

um projeto educacional, mas também o reconhecimento da importância da instituição para o desenvolvimento cultural, social e educacional da cidade e da região.

Ainda segundo Falchetto (2024), “a imprensa e os meios de comunicação se fizeram presentes na inauguração, que antecedeu poucos dias à abertura do ano letivo”. O evento contou com a presença do radialista Wulfrano Patrício, conhecido como Patrício Filho (Figura 77), que “cobriu todos os principais momentos” da cerimônia, conferindo maior visibilidade ao acontecimento. Sua participação simbolizava a presença da imprensa local e contribuiu para eternizar o evento na história da educação de Patos de Minas, bem como nos registros das edificações maristas no Brasil.

Figura 77 – Radialista Wulfrano Patrício



Fonte: Arquivo pessoal de cidadão patense.

Reconhecido por sua ligação afetiva com a população patense e por sua atuação vibrante na “Rádio Clube AM”, ele foi responsável por cobrir e divulgar amplamente o acontecimento, aproximando a comunidade do momento histórico. Com sua voz marcante e sensibilidade comunicativa, Patrício contribuiu para eternizar a inauguração do colégio nos registros da memória coletiva da cidade¹⁶², reforçando o sentimento de conquista compartilhada

¹⁶² Fato que se pode observar já no início do relato do Irmão Claudino, ao recordar a inauguração. Mesmo 65 anos depois, Patrício Filho segue vivo na memória desse último remanescente daquele período.

pela população. Sua participação, portanto, simboliza o papel fundamental da imprensa local na valorização dos principais marcos educacionais e culturais, do município de Patos de Minas.

Esteve presente também, segundo recordações de Falchetto (2024), o representante do executivo de Patos de Minas em 1959, o “*prefeito Sebastião, dito Binga*”. Recém-empossado, o Excelentíssimo Prefeito Sebastião Alves do Nascimento (Figura 78), popularmente conhecido pelo apelido de “Binga” ¹⁶³, representava o poder público municipal e sua presença na solenidade reforçava o reconhecimento institucional da importância do colégio para o desenvolvimento educacional da cidade.

Figura 78 – Prefeito Sebastião Alves do Nascimento (Binga) – 1959-1962



Fonte: Dennamann (2014c).

Figura carismática, com forte ligação com a população, Binga ficou marcado como um gestor que soube conciliar desenvolvimento urbano e valorização cultural, deixando um

¹⁶³ Sebastião Alves do Nascimento, conhecido como “Binga”, nasceu em 13 de dezembro de 1919, em Patrocínio (MG). Em 1942, transferiu-se para Patos de Minas, onde atuou como fazendeiro e consolidou-se como liderança política local. Foi eleito prefeito em 1958, assumindo o cargo em 31 de janeiro de 1959, e permaneceu no mandato até 1962. Sua gestão foi marcada pela chegada da CEMIG à cidade e à região, pela aquisição do prédio da Fundação Pio XII e pela fundação do Colégio Municipal, posteriormente transformado na Escola Estadual Professor Zama Maciel. Em 1963, afastou-se da prefeitura, passando o cargo ao vice-prefeito Vicente Pereira Guimarães, para candidatar-se a deputado estadual. Foi eleito e exerceu sucessivos mandatos na Assembleia Legislativa de Minas Gerais (Prefeitura Municipal de Patos de Minas, s.d.).

legado de importantes transformações para Patos de Minas. Sua participação na inauguração do colégio simboliza, ainda, o apoio da administração local à consolidação da missão educadora marista, evidenciando a articulação entre o projeto pedagógico confessional e os interesses públicos voltados à modernização urbana e à formação das novas gerações.

Dannemann (2014a) destaca que a inauguração representou, socialmente, um momento marcante para a comunidade local e, politicamente, um dos eventos mais relevantes da gestão do prefeito “Binga”, cujo mandato teve como uma de suas principais metas o desenvolvimento educacional do município — evidenciado, inclusive, pela criação de diversas escolas.

Falchetto (2024) também recorda a presença de importantes figuras religiosas na solenidade, como Dom André Coimbra, bispo diocesano; o Irmão Provincial; o Ecônomo e outros Irmãos vindos de Uberaba. A presença dessas autoridades reforça não apenas o caráter solene do evento, mas também a relevância do colégio no cenário educacional e religioso da época. Sua participação sinaliza o alinhamento da nova instituição às diretrizes da Igreja e à expansão da missão marista no interior mineiro.

Nas memórias do Irmão Claudino, dois nomes recebem destaque especial, aos quais ele atribui “honrosa homenagem” (Falchetto, 2024), em virtude de sua atuação decisiva na concretização do projeto educacional em Patos de Minas: Monsenhor Fleury Curado e Dr. João Borges. Ambos foram protagonistas nas articulações locais e junto à Congregação Marista, desempenhando papel fundamental para a chegada dos Irmãos à cidade.

Monsenhor Fleury, como liderança religiosa e articulador sensível às necessidades da comunidade, acompanhou de perto cada etapa do processo. Já o Dr. João Borges, reconhecido por sua influência política, comprometimento com a educação¹⁶⁴ e por ser peça-chave nas tratativas com a direção marista em Mendes-RJ, atuou como elo entre os interesses da cidade e a Congregação.

Ambos os relatos enriquecem a compreensão daquele momento histórico, demonstrando que a fundação do ginásio foi, simultaneamente, um gesto de fé discreta e uma celebração pública da conquista educacional. Essa diferença de enfoques não representa contradição, mas a coexistência de olhares complementares: o da Igreja, voltado à essência cristã do ato, e o da população, que enxergava na nova instituição a concretização de anos de esforços e esperanças.

¹⁶⁴ Principalmente, como já relatado, por ter o filho (Roberto) que foi jovem para Mendes-RJ e consagra-se como Irmão Marista.

Essa perspectiva plural também se reflete no depoimento de Falchetto (2024), que, ao recordar a fase inicial do colégio, ressaltou como sua estrutura e organização refletiam a experiência acumulada pela Congregação em outras escolas brasileiras. Ele relata que a obra tinha como principais características: “acesso fácil; concentração dos órgãos diretivos abertos ao público no primeiro piso; janelas amplas para garantir boa iluminação natural nas salas de aula; invejável estacionamento à disposição dos professores e pais”. Também destaca que essas e “outras características respondiam à experiência adquirida na construção de outras unidades educacionais”.

Segundo Falchetto, a instituição foi planejada para oferecer praticidade e funcionalidade: acesso facilitado, setores administrativos localizados no térreo e de fácil comunicação com o público, salas de aula bem iluminadas por amplas janelas e espaços destinados ao estacionamento de professores e famílias — elementos que demonstram o cuidado e a atenção ao projeto arquitetônico desde sua inauguração.

Percebe-se, no depoimento do Irmão Claudino, que o projeto ia além da formalidade da inauguração, buscando uma proposta pedagógica duradoura e eficiente. Esse cuidado com a organização e a estrutura do colégio dialoga com a dimensão comunitária proposta por Champagnat, destacada por Landry (2016, p. 149):

Para conservar os Irmãos no espírito de família que os caracteriza, o Padre Champagnat deixou uma regra muito sábia, é o aviso fraterno. Ele quis que os Irmãos se ajudassem uns aos outros em Jesus Cristo. Eis porque tomou por princípio o de jamais enviar um Irmão sozinho. Considera a vida de comunidade e o espírito de família os dois grandes salvaguardas da virtude dos Irmãos.

Assim, tanto a estrutura física quanto a organização comunitária refletiam um cuidado integral com a qualidade educativa, garantindo não apenas espaços adequados, mas também a preservação de valores e princípios que sustentavam o cotidiano escolar. A inauguração, portanto, representava o ápice de um planejamento iniciado no começo da década de 1950, concretizado ao final daquele período.

Com o intuito de resgatar as percepções daqueles que vivenciaram esse momento histórico, buscou-se, por meio de entrevistas com ex-alunos, compreender se, em suas memórias, participaram da cerimônia inaugural. Curiosamente, nenhum deles conseguiu recordar-se do evento em si, mas um deles relatou lembranças associadas indiretamente à ocasião. Seu depoimento, no entanto, oferece um retrato vívido da expectativa vivida por muitas famílias patenses naquele momento:

Fui aluno do marista por quatro anos, no ginásio, sou da turma de 1962. Muitas coisas eu me lembro daquela época (...) conheço toda a trajetória inicial do ginásio, desde a sua construção, inclusive não só eu estudei nele, mas também meus 11 irmãos homens¹⁶⁵, meu filho também estudou, então posso dizer não como aluno, ex-aluno, mas também como pai de aluno, que o Colégio Marista é uma escola que amo muito. Para minha família a sua chegada foi mais que um evento, foi uma esperança, para nós os meninos/ jovens patenses e nossas famílias (França, 2025).

O momento histórico coroou um processo de anos de esforços e negociações. A concretização desse projeto — resultado de articulações políticas, do apoio da comunidade e da dedicação de figuras-chave como o Dr. João Borges, um dos grandes entusiastas da iniciativa e principal articulador junto à ordem marista em Mendes-RJ — representa um marco na história educacional de Patos de Minas.

Segundo registro do Colégio Marista de Patos de Minas (2008), durante a inauguração, foram realizadas homenagens públicas ao Monsenhor Fleury Curado e ao Dr. João Borges. Esse gesto simbolizou o reconhecimento da comunidade pelo papel decisivo que ambos desempenharam na viabilização do colégio. Embora o prédio ainda estivesse em fase de finalização, sua instalação já era percebida como fruto de esforços concretos e articulações consistentes em prol da educação.

Irmão Claudino recorda que o Colégio Marista em Patos foi “recebido como a realização de um sonho, como a real possibilidade de escolha de um educandário segundo os princípios de cada família” (Falchetto, 2024). Por outro lado, em tom de memória cautelosa, ressalta que “havia, porém, quem apostava no fracasso do empreendimento, dado o fato de que Patos possuía excelente rede de escolas públicas” (Falchetto, 2024).

Fato também mencionado à época no *Jornal dos Municípios*, em 8 de março de 1959, na matéria destacada anteriormente: “Início das aulas no Colégio Marista – Grande e indescritível alegria do povo católico de Patos”, na qual se lê: “Embora diversos setores de opiniões se aferrarem num mutismo comprometedor, não tomando ciência do grande acontecimento”.

Esse contexto evidencia, portanto, a coexistência de entusiasmo e ceticismo em torno da inauguração do colégio, refletindo tanto a expectativa da comunidade quanto as dúvidas quanto à sua consolidação na cidade.

¹⁶⁵ Na década de 1950, era comum que as famílias fossem numerosas, especialmente em cidades do interior como Patos de Minas. Esse padrão refletia não apenas os valores culturais e religiosos da época, mas também a dinâmica social e econômica vigente, marcada por estruturas familiares amplas e pela ausência de políticas públicas de planejamento familiar. Curiosamente, este padrão se repetia em muitas casas da cidade, como por exemplo, na família do ex-aluno França (2025), cujo pai também teve 11 irmãos e 3 irmãs.

A materialização desse ideal educacional não se restringiu ao entusiasmo da comunidade e ao reconhecimento público das lideranças locais. Ultrapassando o simbolismo da expectativa inaugural, torna-se necessário destacar a edificação concreta do projeto, que se completaria ao final da segunda fase da construção.

Assim, no início de 1959, o então diretor, Irmão Paulo Egídio, deu continuidade às obras do colégio — à época denominado Ginásio Nossa Senhora de Fátima — que ainda não possuía muros ao seu entorno, tampouco ambientes internos totalmente definidos.

De acordo com registros do CEM-BH¹⁶⁶, como mostra a Figura 79, em 1960 já era possível observar o acesso principal concluído, com portão, muro e parte do jardim, formado por uma fonte luminosa — evidenciada pelos postes de iluminação e pelas áreas ajardinadas atrás do muro —, compondo o primeiro contato visual com o prédio.

Figura 79 – Colégio Marista – Acesso frontal finalizado (1960)



Fonte: Arquivo de fotografia do CEM – BH (1960)

Conforme o Projeto de Regularização do colégio, o primeiro pavimento era composto por diversos espaços: seis salas de aula (dispostas em sequência padronizada ao longo de um corredor central), uma área coberta destinada ao recreio, sala da direção, sala dos professores,

¹⁶⁶ Foram disponibilizadas, a partir do acervo do CEM-BH, imagens datadas de 1960 que retratam diferentes espaços da instituição.

um saguão com quatro salas anexas, além de um museu que registrava a trajetória marista e um porão para armazenamento de lenha.

Essa organização espacial confirma o que Escolano (2001) aponta ao considerar a escola como um “texto pedagógico”: cada ambiente materializa intencionalidades educativas, disciplinares e culturais, configurando um espaço que não é apenas físico, mas também simbólico e formativo. Assim, a disposição arquitetônica do Colégio Marista traduzia, desde sua gênese, os princípios da Congregação Marista sobre ensino, disciplina e convivência comunitária.

Dentre os registros do acervo do CEM-BH, foram localizadas duas imagens que documentam esse primeiro pavimento concluído: (1) ambiente interno, com salas, corredores e pátio central (1960); e (2) galpão de recreio e sanitários. Na primeira imagem, Figura 80, observa-se a presença de salas de aula e, possivelmente, da direção e dos professores, de acordo com a planta do projeto.

Figura 80 - Ambiente interno: salas, corredores e pátio central (1960)



Fonte: Colégio Marista de Patos de Minas (2008).

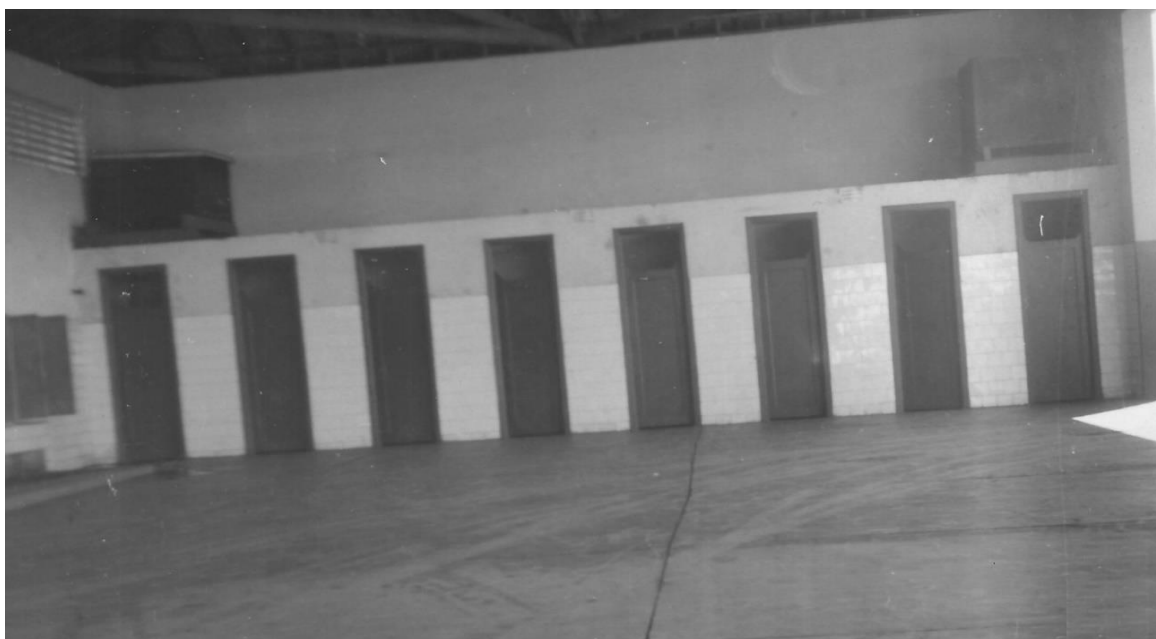
Também é possível identificar o pátio central construído na segunda etapa do projeto. Além disso, na parte inferior esquerda da imagem, vê-se uma cesta de basquete, o que reforça que a fotografia é de 1960, já que o campo de esportes se encontrava concluído.

Nota-se ainda o cuidado com a área ajardinada, com canteiros geométricos distribuídos pelo pátio, que conferiam ao espaço escolar não apenas funcionalidade, mas também um caráter estético e disciplinador. A estrutura em dois pavimentos, com corredores externos cobertos e varandas, reflete o padrão arquitetônico escolar da época, pensado para garantir ventilação, iluminação e controle visual das atividades.

A Figura 81 evidencia o galpão coberto de recreio, espaço multifuncional destinado à prática esportiva e à convivência dos alunos, no qual se destacam oito sanitários individuais dispostos em série. A padronização arquitetônica, com portas alinhadas e azulejos brancos até meia parede, expressa a preocupação com a higiene e a disciplina, aspectos centrais no ideário pedagógico da época.

Conforme assinala Frago (2001), os espaços escolares constituem instrumentos de socialização e controle, carregando intenções pedagógicas implícitas. Nesse sentido, a materialidade da construção reforça o que Escolano (2001) identifica como a racionalidade técnica das instituições escolares do século XX, voltada à vigilância e à ordem no cotidiano escolar.

Figura 81 – Galpão de recreio e os sanitários



Fonte: Colégio Marista de Patos de Minas (2008).

O segundo pavimento¹⁶⁷, acessado a partir do primeiro pavimento pelo galpão de recreio (escadas) — vice-versa — era composto por um corredor com quatro salas de aulas, área de acesso ao pavimento 1, auditório (onde tinha também uma capela improvisada); e outro corredor com uma área de acesso, mais duas salas de aula, espaço dos professores (sala, refeitório, copa, cozinha) e ainda um refeitório maior e uma sala de estudos (a biblioteca ainda não existia, mas o espaço já estava previsto no projeto).

O terceiro pavimento¹⁶⁸, acessado a partir do segundo pavimento — vice-versa — era composto por uma biblioteca, sala dos professores, uma área de acesso ao andar inferior, quinze quartos (dormitórios) individuais, sanitários, um amplo dormitório coletivo. Deste, partia um corredor que dava acesso a dois outros quartos com banheiros (provavelmente destinados a visitantes), além de três salas amplas, ambientes divididos por um corredor que também dava acesso ao segundo pavimento. Portanto, esta área era destinada aos Irmãos Maristas.

Essa organização arquitetônica é reforçada pelas lembranças de Falchetto (2024):

Nos primeiros anos a comunidade religiosa residiu nos espaços do terceiro andar, onde cada Irmão ocupava um quarto, onde havia ampla sala dita de estudo com biblioteca reservada aos Irmãos. A capela, que era também frequentada pelos alunos e pelo público ficava no segundo piso, assim como a cozinha e serviços, os laboratórios e a biblioteca dos alunos eram ainda incipientes.

As salas de aula foram distribuídas em sequência padronizada ao longo do corredor que as abrigava. Falchetto (2024) afirma que “pelos fotografias da época é fácil concluir que as salas de aula e demais dependências comportavam facilmente três dezenas de carteiras”. Embora não haja registro documental preciso das dimensões originais, a análise da planta arquitetônica¹⁶⁹, mesmo com baixa legibilidade, somada à disposição típica de 30 carteiras (cinco fileiras de seis unidades) e ao espaço necessário para circulação, permite estimar que cada sala possuía aproximadamente 4 metros de largura por 8 metros de comprimento, totalizando entre 32 m² e 34 m² — medida compatível com os padrões escolares brasileiros da década de 1950.

A sala da Direção, conjugada à Secretaria, constituía o centro administrativo do Colégio. Esse espaço representava não apenas a coordenação burocrática das atividades escolares —

¹⁶⁷ Do pavimento **dois**, não foram encontrados registros fotográficos. Os espaços descritos foram identificados no Projeto de Regularização, Folha 1.

¹⁶⁸ Do pavimento **três**, não foram encontrados registros fotográficos. Os espaços descritos foram identificados no Projeto de Regularização, Folha 1.

¹⁶⁹ Foi consultado o engenheiro que analisou o projeto com a planta em mãos (embora com dificuldades de leitura precisa das dimensões dos ambientes). Com base nessa planta e nas explicações do Irmão Claudino, ele realizou a estimativa apresentada no texto.

organização de arquivos, controle de frequência, expedição de documentos, comunicação com as famílias e com a comunidade —, mas também simbolizava a autoridade institucional. Era ali que o diretor exercia sua liderança, zelando pela ordem, pela coesão pedagógica e pela legitimidade das decisões. A concepção arquitetônica reforçava essa hierarquia, uma vez que o gabinete estava estrategicamente localizado para facilitar o acesso e permitir a vigilância discreta das demais áreas da escola.

A sala dos professores era um ambiente simples, contendo mesa, cadeiras e armários — o mínimo necessário para um espaço de trabalho discreto e compartilhado. Ainda assim, esse ambiente assumia um papel que ultrapassava a funcionalidade: era ponto de encontro informal entre os docentes, favorecendo o diálogo sobre práticas pedagógicas, planejamento e troca de experiências. Na Figura 82, observa-se a sala dos professores no primeiro ano de funcionamento do colégio, sendo possível reconhecer a simplicidade do espaço e os poucos móveis que o compunham (mesa e cadeiras). O registro mostra os Irmãos reunidos com um aluno, provavelmente acompanhado do pai, que segura uma criança no colo.

Figura 82 – Sala dos professores (1959)



Fonte: Colégio Marista de Patos de Minas (2008).

O colégio funcionava em regime de externato, portanto, os dormitórios existentes eram destinados exclusivamente aos Irmãos Maristas. Esses ambientes seguiam regras próprias de

uso, com horários definidos para dormir, acordar, realizar orações, entre outras atividades — compondo uma rotina disciplinada e específica da vida religiosa.

Embora não existam registros fotográficos específicos das áreas de serviço do Colégio Marista em 1959, pode-se destacar que a cozinha e o refeitório eram espaços essenciais no cotidiano escolar: a cozinha era responsável pelo preparo das refeições, enquanto o refeitório reunia todos os alunos nos horários das principais refeições. A lavanderia também desempenhava função relevante, garantindo a higienização das roupas dos Irmãos e dos utensílios em geral (como cobertores, lençóis, toalhas, panos de limpeza, etc.). Já os depósitos eram utilizados para o armazenamento de alimentos, utensílios e materiais diversos, necessários ao pleno funcionamento da escola.

Outro espaço escolar, especialmente aguardado pelos alunos, era a quadra esportiva — no caso, a quadra de basquete —, destinada às atividades físicas e às brincadeiras dos jovens. Ainda que não haja um registro fotográfico direto da quadra, a Figura 83 permite visualizá-la parcialmente, ao fundo, à direita da imagem.

Figura 83 – Espaço do pátio central com parte da quadra de esportes



Fonte: Colégio Marista de Patos de Minas (2008).

Segundo a obra *Cartas de Marcelino J. B. Champagnat*,¹⁷⁰ traduzida por membros da UMBRASIL em 2019, em 1828, São Marcelino Champagnat estabeleceu diretrizes claras e objetivas para a instalação das primeiras escolas maristas, conforme expresso em sua carta aos párocos de Annecy, na região da Sabóia, França. Nesse documento, ele enfatiza a importância de espaços amplos, saudáveis e adequados para o desenvolvimento integral dos alunos e dos Irmãos que atuariam na missão educativa.

Champagnat solicitava que as casas das escolas fossem bem arejadas, privilegiando ambientes que proporcionassem boa saúde física a todos os ocupantes. As salas de aula deveriam ser amplas, dimensionadas de acordo com o número de alunos, a fim de garantir conforto e condições adequadas ao aprendizado. Ele também exigia um espaço externo — um jardim ou quintal — para que os Irmãos pudessem desfrutar de momentos de recreação produtiva, cultivando a terra e exercitando-se ao ar livre. Além disso, deixava claro que a escola deveria ser organizada de modo a acolher adequadamente os alunos, oferecendo um ambiente propício ao ensino e à formação humana e moral, pilares do projeto educativo marista.

A carta utilizada como exemplo — entre mais de 300 reunidas no livro da UMBRASIL (2019) — revela a preocupação do Fundador em integrar a qualidade física dos espaços à missão espiritual e educativa da Congregação. Champagnat buscava garantir que o ambiente escolar fosse também um espaço acolhedor e saudável, adequado ao crescimento integral das crianças e jovens, respeitando suas necessidades físicas, intelectuais e sociais.

Tal concepção dialoga com o que Frago (2001, p. 117) descreve como a solução tradicional para o espaço escolar: “a sala de aula é um compartimento em geral retangular, fechado, no qual a única abertura permitida — ao olhar exterior e por razões de vigilância, iluminação ou higiene — é o visor envidraçado na porta ou o janelão exterior”. A descrição reforça que, embora a forma arquitetônica básica permanecesse simples e funcional, as orientações de Champagnat iam além da configuração física, incorporando preocupações com ventilação, iluminação e dimensões adequadas, de modo a favorecer tanto o ensino quanto o bem-estar de alunos e educadores.

Encerrada a apresentação do espaço físico destinado ao Colégio Marista, o próximo capítulo trata das finalidades e práticas desenvolvidas nesse ambiente, entrelaçando a ação discente — cuja figura central é o professor Irmão Claudino Falchetto, integrante da primeira

¹⁷⁰ Cf. CHAMPAGNAT, Marcelino J. B. **Lettres de Marcellin J. B. Champagnat, 1789-1840, fondateur de l'Institut des Frères Maristes – Volume 1: Textes**. Présentés par Frère Paul Sester, fms. Rome: Maison Généralice, 1985. Tradução das cartas: Irmãos Irineu Martim e Sulpício José. Tradução dos textos complementares: Irmão Claudino Falchetto..

turma de Irmãos em Patos de Minas — e os relatos de ex-alunos que frequentaram o colégio entre 1959 e 1975.

5 FINALIDADES E PRÁTICAS DO COLÉGIO MARISTA: UMA AÇÃO DOCENTE ENTRELAÇADA COM VIVÊNCIAS DISCENTES

Ao abordar o tema deste capítulo, torna-se necessário compreender como se configurou a dinâmica pedagógica desde o início das atividades do Colégio. Mais do que descrever normas e métodos, a análise busca evidenciar de que maneira a ação da direção se consolidou e como a prática docente se entrelaçou às vivências discentes, configurando uma experiência educativa marcada por valores religiosos, disciplina e forte identidade institucional. Esse processo de consolidação começa a ser percebido em 1959, ano em que o Colégio iniciou oficialmente suas atividades.

Para a recomposição desse período, foram utilizados registros do *Relatório dos 50 anos do Colégio Marista* (2008), pertencente ao Arquivo do Colégio Marista de Patos de Minas, e depoimentos orais — aqui considerados como memórias —, como os do Irmão Claudino e de seis ex-alunos, que contribuíram para compreender a forma como a comunidade local vivenciou a chegada dos Irmãos Maristas e as ações que consolidaram essa instituição educacional de cunho confessional em Patos de Minas – MG.

O capítulo prioriza, dentro da história do Colégio Marista de 1959 a 1975, depoimentos orais de ex-alunos que estudaram na instituição até 1975¹⁷¹, destacando os principais acontecimentos das sete gestões conduzidas por Irmãos Maristas. Neste contexto, analisam-se a prática pedagógica e o controle disciplinar adotados, bem como as atividades esportivas e culturais promovidas pelo Colégio, evidenciando a articulação entre ensino, disciplina e vivências extracurriculares na formação integral dos estudantes¹⁷².

5.1 NATUREZA E DENOMINAÇÕES DO COLÉGIO MARISTA DE PATOS DE MINAS

O Colégio Marista de Patos de Minas caracteriza-se como uma instituição confessional, de externato e de caráter particular, inserida no movimento mais amplo de criação

¹⁷¹ O recorte final, encerrando-se em 1975, justifica-se pelo fato de que, a partir de 1976, por força da Portaria 492/1976, passou a pertencer à entidade mantenedora Mitra Diocesana, com sede em Patos de Minas. É importante destacar que desde sua construção em 1957 até dezembro de 1975, o Colégio Marista teve como entidade mantenedora a UBEE, sociedade civil com personalidade jurídica, registrada no Cartório Civil de Pessoas Jurídicas Jero Oliva, em Belo Horizonte, sob nº 16.824, em 22 de abril de 1971, Livro “A” – 16, folhas 32 e verso. Nesse período, a instituição esteve sob a administração de sete irmãos maristas.

¹⁷² A partir deste ponto, todas as informações apresentadas foram extraídas do acervo documental do Colégio Marista, especialmente do Relatório dos 50 anos do Colégio Marista de Patos de Minas, elaborado em 2008. As imagens exibidas ao longo desta seção pertencem ao acervo fotográfico do CEM-BH, ao referido relatório ou a outras fontes vinculadas à história da instituição.

de escolas católicas no Brasil no século XX. Nesse processo, as instituições confessionais foram concebidas como espaços educativos e evangelizadores, marcados por forte vínculo com a missão da Igreja.

Na gênese do Colégio Marista, é importante destacar que, desde os primeiros anúncios — tanto no *Jornal dos Municípios*, de 4 de maio de 1956, quanto na carta do Irmão Jules Baptiste ao Dr. João Borges, escrita em 3 de junho de 1956 e que menciona o referido jornal — já estava definido o nome da instituição como “Ginásio Nossa Senhora de Fátima”. A referência à Mãe Maria, bem como a santos ou outras figuras devocionais, era uma prática recorrente entre as instituições mantidas pela UBEE. Sobre essa questão, explica Falchetto (2024):

Os colégios da União Brasileira de Educação e Ensino (UBEE, denominação oficial da mantenedora junto ao Ministério da Educação (MEC) e ao público), não incluíam a palavra Marista no nome; todos recebiam o título de algum orago¹⁷³ protetor (São José, no Rio e em Montes Claros; Nossa Senhora da Penha, em Vila Velha; Sagrado Coração de Jesus, em Varginha; São Vicente, em São Vicente de Minas;). O colégio de Patos recebeu o nome de Ginásio Nossa Senhora de Fátima (em pequena gruta no interior ainda pode ser vista a estátua).

A escolha da Virgem Nossa Senhora de Fátima demonstra a referência que o Instituto Marista fazia à figura da “boa Mãe, Maria”, característica fundamental das casas fundadas à luz dos ideais de São Marcelino Champagnat. Conforme Furet (1999, p. 287), “um mesmo espírito, um mesmo amor vos ligue a eles como ramos a um mesmo tronco e como os filhos da mesma família a uma boa mãe, Maria”.

A partir dessa explicação dada por Falchetto (2024) e do fragmento elucidado por Furet (1999), investigaram-se, nos registros institucionais, evidências da existência desse padrão de nomeação nos colégios fundados anteriormente ao de Patos de Minas. A pesquisa documental confirmou essa prática em diversas fundações maristas entre 1899 e 1959, incluindo o próprio colégio de Patos de Minas, que ocupa a 23ª posição no histórico da rede (Quadro 9). Em suas origens, essas escolas traziam nomes de inspiração religiosa, reforçando o caráter confessional que marcou o processo de expansão da Congregação no Brasil.

¹⁷³ O termo *orago* refere-se ao santo padroeiro ou protetor a quem é dedicada uma igreja, instituição ou comunidade. No contexto católico, é comum que colégios e congregações religiosas adotem um orago como símbolo de inspiração espiritual e modelo de virtude. Esses santos protetores exercem papel simbólico, devocional e identitário, sendo celebrados em datas litúrgicas específicas e invocados como intercessores junto a Deus..

Quadro 9 – Instituições maristas – 1899 a 1959

Ordem	Nome do Colégio	Cidade	Ano
1 ^a	Colégio do Carmo	São Paulo	1899
2 ^a	Colégio do Cambuci	São Paulo	1902
3 ^a	Colégio São José do Rio Cumprido	Rio de Janeiro	1902
4 ^a	Colégio Champagnat	Franca	1902
5 ^a	Casa Provincial de Mendes	Rio de Janeiro	1903
6 ^a	Colégio Diocesano	Uberaba	1903
7 ^a	Colégio Santista	Santos	1904
8 ^a	Colégio Arquidiocesano	São Paulo	1908
9 ^a	Colégio Coração de Jesus	Varginha	1917
10 ^a	Colégio Santa Maria	Curitiba	1925
11 ^a	Colégio São José – Externato	Rio de Janeiro	1928
12 ^a	Colégio São José – Internato	Rio de Janeiro	1932
13 ^a	Colégio Marista	Poços de Caldas	1936
14 ^a	Colégio Nossa Senhora Aparecida	Ribeirão Preto	1937
15 ^a	Colégio São Luiz	Jaraguá do Sul	1940
16 ^a	Colégio Dom Silvério	Belo Horizonte	1950
17 ^a	Colégio Nossa Senhora do Brasil	Colatina	1953
18 ^a	Colégio Nossa Senhora da Penha	Vila Velha	1954
19 ^a	Colégio Coração de Jesus	Londrina	1955
20 ^a	Instituto Nossa Senhora Medianeira	Campinas	1956
21 ^a	Colégio São José	Montes Claros	1957
22 ^a	Colégio Marista	Maringá	1958
23 ^a	Colégio Nossa Senhora de Fátima	Patos de Minas	1959

Fonte: Colégio Marista de Patos de Minas (2008, p. 5-6).

Avalia-se, portanto, que a denominação “Ginásio Nossa Senhora de Fátima” seguiu as diretrizes da UBEE, entidade mantenedora das instituições maristas à época. Essa política previa a adoção de nomes devocionais — ligados a santos, títulos marianos ou referências do culto católico — e evitava o uso direto da palavra “Marista” nas nomenclaturas oficiais. Para garantir singularidade às novas fundações, a UBEE mantinha um catálogo interno com os nomes já empregados, de modo a evitar duplicidades. Nesse contexto, a unidade de Patos de Minas recebeu o título inédito de Nossa Senhora de Fátima (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

Além de seguir os preceitos da Instituição Marista quanto à denominação do colégio, observa-se que a unidade também era guiada pelos princípios educativos de São Marcelino Champagnat e pela missão da Congregação Marista, que visava preparar os alunos não apenas no campo intelectual, mas também no âmbito moral e religioso. Como explica Landry (2016), uma instituição marista procura criar um ambiente educativo capaz de articular essas dimensões de maneira integrada, favorecendo o desenvolvimento pleno do estudante. E destaca:

[...] para Marcelino Champagnat educar o jovem “é torná-lo virtuoso cristão e bom cidadão”. O estabelecimento educativo marista não deve apenas oferecer conhecimentos, mas ajudar os jovens a se preparar para sua vida de homens, de cristãos e de cidadãos. Quer dizer que aqueles e aquelas que aí trabalham, devem transmitir, por suas palavras e por seu exemplo, os valores humanos e cristãos fundamentais: o respeito de si e do outro, a honestidade nas relações interpessoais, o sentido do esforço, o desejo de melhorar e de se superar, a confiança em si, a solidariedade com os outros em necessidade, a confiança em Deus que ama cada um pessoalmente e o amor filial de Maria. Em suma, cada educador de uma instituição marista tem um papel pessoal importante a cumprir na formação integral do jovem. Um ambiente onde cada um e cada uma se sintam aceitos e aceitas incondicionalmente (Landry, 2016, p. 219).

Nessa perspectiva, pode-se compreender que o Colégio Marista de Patos de Minas estruturou sua prática educativa segundo tais princípios, buscando ser mais do que um espaço de ensino formal: um ambiente de acolhimento, formação de valores e preparação integral para a vida cristã e cidadã. Funcionando como externato — diferentemente dos internatos maristas comuns em outras cidades —, atendia exclusivamente estudantes que permaneciam em suas casas, mas que, no espaço escolar, vivenciavam uma rotina estruturada e disciplinada (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

Falchetto (2024) enfatiza que “o Colégio Marista sempre funcionou em regime de externato”. Essa informação é igualmente confirmada pelos ex-alunos entrevistados, que estudaram entre 1959 e 1975 (Alves, 2025; Borges, 2025; França, 2025; Dannemann, 2025; Rocha, 2025; Santos, 2025). De acordo com Boschilia (2018, p. 66),

[...] aproveitando os espaços deixados em aberto pelo Estado na área do ensino secundário, e contando com o apoio da sociedade brasileira, a Igreja Católica obtinha respaldo para ampliar seu espaço na área educacional, abrindo-se também para os estabelecimentos masculinos em regime de externato, sobretudo a partir do período republicano.

Dessa forma, observa-se que a prática do externato no Colégio Marista de Patos de Minas não foi um fenômeno isolado, mas se inseriu em um movimento mais amplo da Igreja Católica no Brasil, em consonância com as demandas educacionais e sociais do período.

Por fim, enquanto instituição particular, é importante ressaltar que, nas décadas de 1950, 1960 e 1970, os colégios maristas eram fundamentalmente particulares, mantidos por mensalidades, mas incorporavam práticas de inclusão social por meio da concessão de bolsas, conforme relatado por Falchetto (2024). Essa prática pode ser compreendida à luz do contexto educacional brasileiro, no qual a Igreja Católica, que havia ocupado espaço relevante no ensino secundário, começou a perder terreno para o crescimento das escolas privadas leigas. Como

aponta Boschilia (2018, p. 83-84), “em 1959, das três mil instituições ginasiais e colegiais existentes, apenas 29% eram católicas, frente a 43% de escolas particulares leigas, fenômeno relacionado à crise vocacional e às transformações sociais e políticas do período”.

Nesse sentido, as bolsas oferecidas pelos colégios maristas podem ser entendidas não apenas como uma forma de atender às demandas sociais de inclusão, mas também como estratégia de permanência e afirmação institucional em um cenário de maior concorrência com o ensino privado laico.

Falchetto (2024) destaca o perfil socioeconômico dos alunos matriculados: “Na época, Patos de Minas vivia do comércio e do agro. Os alunos vinham predominantemente desses dois estratos sociais; classe média, que podia pagar mensalidades. Poucos alunos chegavam ao colégio de carro; a maioria ia a pé e muitos, de bicicleta”.

Essa descrição evidencia que o Colégio atendia majoritariamente filhos de famílias da classe média local, vinculadas aos setores comercial e agropecuário. Os relatos dos próprios estudantes confirmam esse perfil socioeconômico do corpo discente ao longo do período analisado (Alves, 2025; Borges, 2025; França, 2025; Rocha, 2025; Santos, 2025).

Outro ponto a ser destacado é a procedência geográfica dos alunos. Segundo o Irmão Claudino: “A esmagadora maioria dos alunos era de Patos mesmo. Alguns poucos, oriundos de cidades vizinhas, mas residindo temporariamente em Patos. Lembro-me de alunos de Carmo do Paranaíba, de Olegário Maciel, das Alagoas... Todos eram mineiros” (Falchetto, 2024). França (2025) reforça que, embora houvesse estudantes de municípios próximos, a grande maioria residia em Patos de Minas, evidenciando que o Colégio acolhia essencialmente alunos do estado de Minas Gerais — perfil que se manteve ao longo dos anos pesquisados (Rocha, 2025; Santos, 2025).

No tocante à inclusão social, o Irmão Claudino ressalta que, mesmo sendo o colégio uma instituição particular, “na época, os Diretores tinham autonomia para oferecer bolsas de estudo integrais ou parciais, de acordo com a disponibilidade orçamentária. Havia, sim, bolsistas, sobretudo dos arredores do colégio, provindos de famílias pobres” (Falchetto, 2024).

Borges (2025), um desses bolsistas, complementa: “Tinha feito o primário no Grupo Marcolino de Barros, escola pública. Consegui a bolsa trabalhando no colégio, realizando serviços gerais em troca de estudo”.

França (2025) também recorda que “principalmente os seminaristas eram bolsistas, vindos do seminário maior para estudar no colégio”.

A política de bolsas visava ampliar o acesso à educação, garantindo oportunidades para jovens economicamente desfavorecidos, em consonância com a missão social e educativa

da Congregação Marista. Como ressalta Ferrarini (2022, p. 12), o ardor apostólico de Marcelino Champagnat “não foi a lei, um papel escrito, mas uma resposta misericordiosa a necessidades urgentes de seu tempo”, atendendo crianças pobres e órfãs, enfermos e famílias necessitadas, buscando visibilidade social, eclesial e política para seu projeto educativo.

Além da inclusão social, observava-se no Colégio que os alunos bolsistas eram tratados segundo princípios de igualdade e acolhimento. Falchetto (2024) afirma que “os bolsistas eram tratados como qualquer outro aluno, e o que deles se exigia era que se empenhassem nos estudos. Essa era a contrapartida”. França (2025) confirma que “todo aluno era respeitado no colégio, este era um princípio dos Irmãos Maristas”. Borges (2025) descreve a relação entre os alunos como uma “relação de muita amizade e respeito, dentro e fora do Colégio”.

Esse tratamento igualitário dos bolsistas reflete diretamente um princípio da pedagogia de Champagnat. Conforme destaca Landry (2016, p. 55), na instituição escolar marista “não haverá diferença entre o aluno pobre e o mais afortunado. Todos serão classificados segundo sua capacidade e seus sucessos escolares”. Assim, observa-se que o Colégio Marista de Patos de Minas buscava efetivar, na prática cotidiana, os valores de igualdade, respeito e valorização do esforço individual.

Na década de 1970, Rocha (2025) e Santos (2025) não se recordam da presença de alunos bolsistas na instituição. No entanto, segundo a atual administração do Colégio Marista, o colégio nunca deixou de fornecer bolsas de estudos à estudantes. Destaca que um dos valores da instituição é “compromisso com pessoas em situação de risco e vulnerabilidade social¹⁷⁴”; por isso, a doação de bolsas, configura-se como uma de suas ações concretas.

Os ex-alunos também ressaltam a qualidade das relações entre os colegas, descrevendo o convívio como positivo: “todos éramos unidos e bons amigos” (Rocha, 2025) e “gratificante e harmonioso” (Santos, 2025). Assim, mesmo sem recordarem da presença de bolsistas, enfatizam que a vivência escolar foi marcada por relações interpessoais respeitadas, solidárias e pautadas pelo sentimento de pertencimento ao grupo.

Esse clima de amizade e consideração mútua remete diretamente ao espírito proposto por São Marcelino Champagnat, para quem “o único meio de diminuir essas tensões entre os

¹⁷⁴ Valores do Colégio Marista são: a educação integral, centrada em Jesus Cristo e inspirada em Maria; a articulação entre fé, cultura e vida; a busca pela excelência nos serviços e produtos; o foco em resultados nas áreas de atuação; o respeito à diversidade e a promoção da inclusividade; **o compromisso com pessoas em situação de risco e vulnerabilidade social**; a responsabilidade social e ambiental; e, por fim, a atuação profética, alicerçada na ética, na justiça e na transparência. Cf. COLÉGIO MARISTA PATOS DE MINAS. *Nossos valores*. Disponível em: <https://marista.edu.br/nossa-missao/>. Acesso em: 12 ago. 2025.

homens [...] é a doce caridade que vê o Irmão como amigo e imagem de Jesus Cristo” (Landry, 2016, p. 146). Dessa forma, compreende-se que a cultura de fraternidade vivida no Colégio não se restringia ao cotidiano escolar, mas traduzia os fundamentos da pedagogia marista.

Concomitantemente a essas características, é importante destacar que, desde o início de suas atividades, o uso de uniforme¹⁷⁵ era uma exigência do Colégio Marista de Patos de Minas. Como pregava Champagnat, “a igualdade de tratamento, dizia ele, deve ser a grande lei da escola dos Irmãos” (Landry, 2016, p. 55).

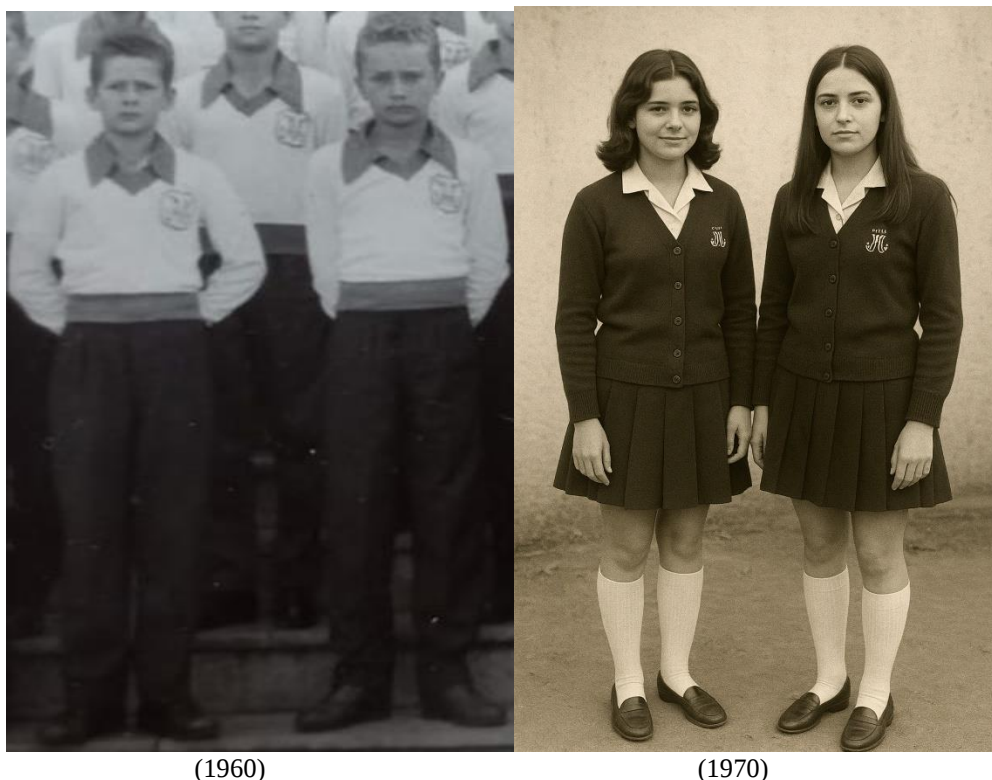
Essa norma ia além da identificação dos alunos como pertencentes à instituição: reforçava a política de igualdade dentro do espaço escolar, refletindo o compromisso do colégio com a equidade entre todos os estudantes, independentemente de sua condição socioeconômica.

Falchetto (2024) descreve: “Os alunos usavam uniforme completo: calça ou short escuro, blusa branca com escudo do colégio, tênis azul. As fotos da época fazem melhor descrição.” De fato, como pode ser observado nas fotografias daquele período, os alunos vestiam calça e camisa de uniforme (gola e manga comprida), trajes utilizados nos registros oficiais das turmas, o que evidencia o cuidado do colégio em manter um padrão visual uniforme e inclusivo — característica que se manteve ao longo dos anos no Marista, conforme recordam os ex-alunos Rocha (2025) e Santos (2025). Estes destacam que, na época, o colégio já havia se tornado misto (ofertando ensino a ambos os sexos) e que o uniforme das moças era composto por “camisa branca, casaquinho de manga comprida com o escudo do colégio, saia azul-marinho, meia branca e sapato preto”.

Santos (2025) e Rocha (2025) não se recordam quando o colégio passou a ser misto, ambos destacaram que quando entraram já era misto, mas acreditam que isso tenha ocorrido em meados da década de 1960. Portanto, diante desta lembrança dos ex-alunos que estudaram no colégio entre 1959 a 1975, procurou-se então por dados que elucidassem essa questão. Uma incógnita até para o responsável do CEM-BH, do contato da pesquisa, que não soube informar sobre essa transição. Diante do exposto, na busca pela adoção do regime misto no Colégio Marista de Patos de Minas, manteve-se o foco à luz das tensões que marcaram a educação católica nas décadas de 1960 e 1970.

¹⁷⁵ O uso de uniformes escolares no Brasil tem origem no final do século XIX, quando passou a ser adotado em escolas normais, responsáveis pela formação de professoras. A difusão mais ampla ocorreu a partir das décadas de 1920 e 1930, consolidando-se entre os anos 1940 e 1970, quando o uniforme se tornou símbolo de pertencimento e distinção social. A regulamentação, contudo, só foi normatizada mais tardiamente: em Minas Gerais, por meio do Decreto nº 16.919, de 1975, que tornou obrigatório o uso em escolas estaduais; e, em âmbito nacional, pela Lei nº 8.907/1994, que estabeleceu regras sobre a padronização, a durabilidade mínima e a adequação às condições socioeconômicas e climáticas.

Figura 84 – Alunos uniformizados conforme descrição dos entrevistados



Fonte: Imagem do Relatório dos 50 anos do Colégio Marista; 2 – Projeção feita por Inteligência Artificial (ChatGPT), com base na descrição dos uniformes femininos fornecida pelos entrevistados.

Com esse propósito, tomou-se por base o estudo de Cecatto (2021), no qual se explica que a Igreja Católica, sobretudo por meio de documentos oficiais como a Encíclica *Divini Illius Magistri* (1929), demonstrava reservas quanto à coeducação. Alegava-se que a convivência entre meninos e meninas poderia comprometer a moral cristã, ao favorecer situações de risco para a pureza e a virtude dos jovens. Também se questionava a divisão tradicional dos papéis sociais: aos meninos caberia a vida pública e profissional; às meninas, a preparação para o ambiente doméstico. Havia ainda o receio de que o ensino misto estimulasse ideias modernas de igualdade entre os sexos, consideradas inadequadas para uma formação pautada nos valores católicos.

Apesar dessas resistências, no Brasil o regime misto tornou-se cada vez mais necessário. De um lado, as famílias buscavam instituições que pudessem atender filhos e filhas em um mesmo espaço; de outro, a concorrência com escolas leigas e a incorporação de novas concepções pedagógicas impulsionaram a mudança.

Considerando esse contexto, é possível inferir que o Colégio Marista de Patos de Minas passou por um período de transição antes de implementar o regime misto. Ainda que houvesse resistências iniciais da Igreja Católica à coeducação, o colégio já adotava esse modelo

em 1969, conforme relatos de ex-alunos, o que indica que a mudança ocorreu de forma gradual, em resposta às demandas das famílias e à necessidade de se manter competitivo frente às instituições leigas e às transformações educacionais da época. A transição para a coeducação, portanto, revela um equilíbrio entre a preservação da tradição institucional e a adaptação às exigências sociais e pedagógicas emergentes.

5.2 LIDERANÇAS E MARCOS HISTÓRICOS NA CONFIGURAÇÃO DO COLÉGIO MARISTA DE PATOS DE MINAS (1959-1975)

Na estrutura da Congregação dos Irmãos Maristas, o Diretor-Geral de uma instituição educacional — como colégios e escolas sociais — constitui a autoridade máxima de gestão local. Trata-se de um cargo essencial para a implementação da missão educacional e pastoral da Congregação, em conformidade com os princípios estabelecidos por São Marcelino Champagnat.

Conforme observa Ferrarini (2022, p. 32), o Diretor-Geral, como superior e animador da unidade escolar, “é peça essencial na comunidade e na escola”. Sua atuação vai além das responsabilidades administrativas, abrangendo também funções como comunicação externa, formação dos Irmãos, gestão de compras e administração financeira. O autor destaca que o Diretor acumula papéis diversos, tais como: “superior da comunidade, diretor da escola, encarregado das relações exteriores, formador dos Irmãos, encarregado da cozinha, responsável de providenciar o necessário para a comunidade e de fazer o inventário dos bens da comunidade”.

O Diretor segue as orientações do Irmão Provincial, cuja função é mais ampla e articuladora. Segundo Lanfrey (2011, p. 84), cabe ao Provincial “manter a correspondência, instruir os Irmãos, tratar com os diretores das escolas e dirigir condizentemente o noviciado”. Ferrarini (2022, p. 32) complementa que o Provincial, considerado o primeiro diretor, também tem a atribuição de “acompanhar os diretores das escolas e as comunidades; visitar cada estabelecimento examinando o progresso dos alunos e verificar como se encontram as contas, o mobiliário e a cozinha”.

Assim, tanto o Irmão Provincial quanto o Diretor Geral são compreendidos como os “cabeças” das administrações que lideram. Allain Delorme *FMS*¹⁷⁶ (2011, p. 113) explica que o “cabeça representa o papel de diretor espiritual dos seus membros, o que convida a não se

¹⁷⁶ Quando a sigla *FMS* aparece após o nome de um Irmão, indica que ele pertence ao Instituto Marista. A sigla provém da expressão latina *Fratres Maristae a Scholis*, que significa “Irmãos Maristas das Escolas”.

contentar com a mediocridade”. Contudo, o autor chama a atenção para a distinção entre os aspectos espirituais e administrativos da função, ao afirmar que “a obediência é realidade diferente do acompanhamento espiritual” (Delorme, 2011, p. 118).

A presença constante do Irmão Provincial nos momentos decisivos e nas principais decisões da instituição demonstrava que o Diretor-Geral não atuava sozinho em sua missão à frente do colégio. As visitas periódicas, nesse contexto, constituíam um pilar fundamental para assegurar que a organização permanecesse alinhada aos preceitos de Champagnat. Como ressalta Landry (2016, p. 153), São Marcelino Champagnat foi um “construtor por gosto, por aptidão e por necessidade. Ele também quis formar seus primeiros discípulos ensinando-lhes a unir o trabalho manual e o apostolado: um bom meio de ficarem simples e modestos”, evidenciando a preocupação com a formação integral e com o acompanhamento cotidiano dos Irmãos em sua missão educativa.

Nesse sentido, o diretor de uma instituição educacional marista deve “guiar, mas não impor”. A centralidade do diálogo é destacada como elemento essencial para a mediação e a construção de consensos, pois é por meio dele que o diretor “ordena, o que faz com que a vida religiosa seja regime de mediação muito exigente, quando tomado na sua plena profundidade”. Desse modo, a principal função do diretor se revela na dimensão espiritual, uma vez que lhe cabe “criar as condições que tornam tangível a vontade de Deus” (Delorme, 2011, p. 118).

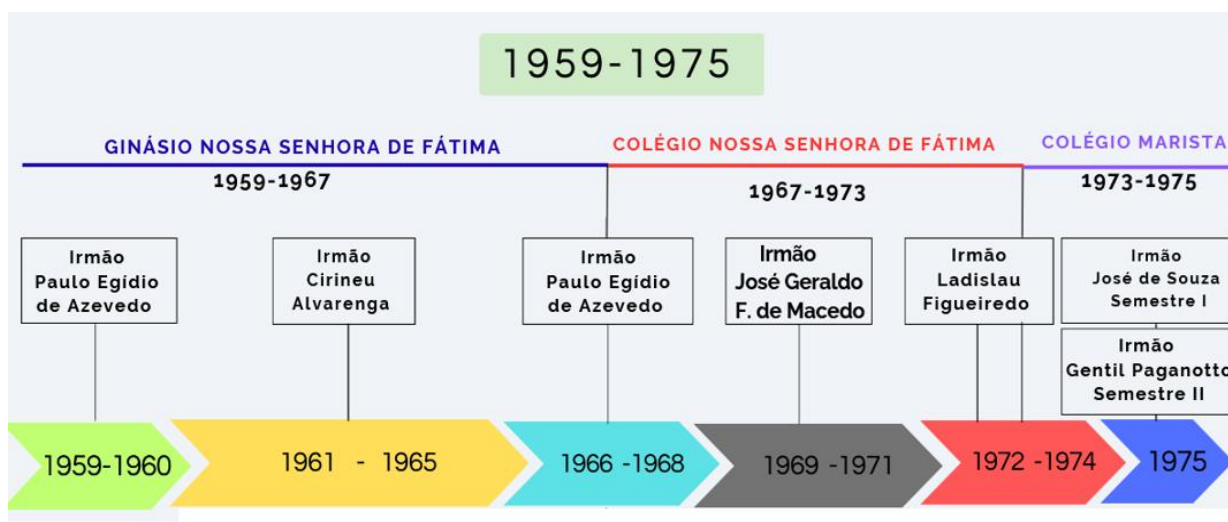
Quanto à interlocução da direção do colégio com o ambiente externo, Falchetto (2024) é taxativo ao afirmar que as escolhas administrativas preservavam a identidade institucional da escola, resguardando seus princípios diante de eventuais oscilações do contexto público. Como registra: “Decisões administrativas sempre obedeceram aos princípios e valores adotados pela escola, independentes dos humores políticos” (Falchetto, 2024).

Essa posição evidencia um eixo de gestão ancorado na missão educativa marista, em que a estabilidade normativa interna — valores, regras e objetivos formativos — funcionava como critério de decisão. Em termos analíticos, o depoimento indica que a direção filtrava pressões conjunturais por meio de referenciais próprios, assegurando continuidade institucional, coesão pedagógica e previsibilidade organizacional, mesmo em cenários de instabilidade sociopolítica.

Na perspectiva em que o diretor assume funções administrativas, formativas e espirituais, constata-se que essa realidade também se materializou no Colégio Marista de Patos de Minas. A linha do tempo construída com base no processo de edificação do colégio (1957–1958) revela que, entre 1959 e 1975, a instituição esteve sob a liderança de sete diretores —

todos Irmãos Maristas — que, em períodos distintos, exerceram o papel de animadores e gestores da comunidade escolar (Quadro 10).

Quadro 10 – Linha do tempo: denominações e diretores (1959-1975)



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A análise do esquema sintético-cronológico referente às lideranças no período de 1959 a 1975 evidencia a rotatividade de Irmãos que ocuparam o cargo de Diretor Geral, bem como dos Irmãos auxiliares, cuja composição se alterava anualmente. Essa rotatividade é relatada por França (2025), que, além de recordar os diretores durante sua permanência no colégio entre 1959 e 1962, menciona também alguns dos Irmãos que integraram a equipe nesse período:

Lembro-me bem que o primeiro diretor foi o Irmão Paulo Egídio e depois o Irmão Cyrineu Alvarenga, ambos cada um ao seu modo eram muito próximos dos alunos. Do corpo docente, entre os irmãos que me recordo bem estão: Irmão Paulo Egídio, Irmão Cyrineu, Irmão Norberto, Irmão Fernando Sebastião, Irmão Jorge, Irmão Cláuzio, Irmão Claudino, Irmão Antônio, Irmão José Diniz, Irmão Wagner. Tinham mais, mas não me recordo do nome de todos. Todo ano saía irmão, chegava irmão posso até ter me enganado de algum nome que citei. (França, 2025)

A rotatividade de Irmãos Maristas no cargo de direção, entre as décadas de 1950 e 1970, pode ser compreendida à luz de fatores internos e externos à Congregação. O Concílio Vaticano II, por meio do decreto *Perfectae Caritatis* (1965), orientou as ordens religiosas a se adaptarem às novas realidades sociais e culturais, incentivando a atuação dos Irmãos em comunidades empobrecidas, na educação pública e em atividades além dos colégios

tradicionais (Furlan, 2020). Esse processo favoreceu deslocamentos frequentes, com o objetivo de atender a demandas institucionais e apostólicas mais amplas.

Além disso, a reorganização administrativa das Províncias Maristas do Brasil (PMB), como a divisão da antiga Província Brasil Central em 1958¹⁷⁷ — com a criação de novas jurisdições —, resultou na redistribuição de quadros para suprir necessidades emergentes, provocando elevado turnover nos cargos de direção. Soma-se a isso a inserção dos Irmãos em diferentes frentes de missão, como o apoio a comunidades carentes, o ensino superior, as secretarias de educação e as pastorais sociais, sobretudo nas décadas de 1960 e 1970¹⁷⁸, intensificando a mobilidade interna e encurtando os mandatos de curta duração nas direções escolares.

Lanfrey (2016) evidencia que uma das soluções adotadas para compensar a escassez de Irmãos e manter o funcionamento das escolas foi a contratação de professores leigos. Além de suprir essa lacuna, a presença dos leigos nos colégios maristas justificava-se por seu maior envolvimento com as questões sociais e temporais emergentes. Assim, a abertura à atuação leiga não apenas supriu a carência de docentes religiosos, mas também possibilitou ao Instituto acompanhar a dinâmica social e implementar estratégias de atualização pedagógica.

Os professores leigos, por sua inserção no mundo secular, experienciaram com maior rapidez as transformações trazidas pela modernidade, em comparação aos religiosos. Como a percepção de um “tempo novo” ocorre quando as expectativas se distanciam das experiências

¹⁷⁷ A Província do Brasil Central, criada em 10 de março de 1908, deu origem às Províncias de São Paulo e do Rio de Janeiro em 25 de outubro de 1958 (PMBCN, 2020). Entre 1958 e 1964, o Instituto Marista passou por um processo de reorganização provincial motivado pelo aumento do número de Irmãos. Apesar da redução nas admissões e do crescimento das saídas durante o governo do Irmão Charles Raphaël, a estrutura institucional foi ampliada: o número de províncias elevou-se de 32 para 43, além da criação de oito distritos, cujos contingentes variavam entre cerca de 400 a menos de 100 Irmãos. Ainda que tenha havido expansão organizacional e apostólica, observou-se uma queda gradual no número total de religiosos. Cf. CECATTO, Adriano. **A recepção do Concílio Vaticano II na Província Marista de São Paulo**: a adaptação da identidade da Vida Religiosa e da Educação Católica (1967-1986). 2021. 261 f. Dissertação (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/server/api/core/bitstreams/226ce0f7-f8a3-4db1-94f9-c3bf74215204/content> Acesso em: 15 set. 2025.

¹⁷⁸ A Congregação Marista enfrentou sua primeira grande crise entre 1959 e 1966, marcada pela queda no número de novas vocações (primeiros votos) e pelo aumento das saídas de Irmãos com votos perpétuos e de estabilidade. Durante o Concílio Vaticano II (1962–1965), esse quadro se agravou, afetando principalmente os Irmãos com votos temporários, embora também tenha atingido professores já estáveis. Nos anos de 1965 e 1966, intensificou-se o declínio nas admissões, aprofundando a crise vocacional. Assim, muitas das reformas discutidas no XVI Capítulo Geral já estavam em curso antes mesmo do Concílio, pois os desafios institucionais vinham se acentuando desde o final da década de 1950. Cf. LANFREY, André. **Benfeitores do P. Champagnat e do instituto. Cadernos Maristas: informações, estudos e documentos**, n. 29, ano XXI, p. 61–78, maio 2011. Roma: Casa Generalizia dei Fratelli Maristi de Scuole, 2011. Tradução para o português por Joannes Fontanay; Josep Roura Bahi; Moisés Puente; Gabriela Scanavio; Francisco Castaños; Edward Clisby; David Harrison; Virgilio J. Bakestra. Disponível em: https://champagnat.org/e_maristas/Cuadernos/29_PT.pdf Acesso em: 4 jul. 2025.

passadas, a inclusão dos leigos revelou a necessidade de diálogo entre as esferas religiosa e social, a fim de garantir a sustentabilidade e a relevância do Instituto Marista no contexto contemporâneo.

Pode-se considerar que o ingresso de leigos esteve diretamente relacionado à primeira crise na Congregação, ocorrida entre 1959 e 1966. Lanfrey (2011b) explica que, entre 1960 e 1970, o número de professores leigos praticamente dobrou, enquanto diminuía o contingente de docentes religiosos. Ao mesmo tempo, aumentaram significativamente as matrículas, e consolidou-se a crise de saídas de Irmãos ao final da década de 1960. Mesmo não sendo todos os religiosos dedicados diretamente ao ensino, a participação desses na função docente foi sendo gradativamente reduzida em todas as províncias do Instituto Marista.

Conforme o Relatório dos 50 anos do Colégio Marista (2008), Arquivo do Colégio Marista de Patos de Minas, cada mandato durante o período estudado reflete a aplicação concreta da missão marista no contexto local, articulando os princípios da Congregação às demandas específicas da escola e da sociedade patense da época. Essa perspectiva é reforçada por Ferrarini (2022, p. 35), que destaca:

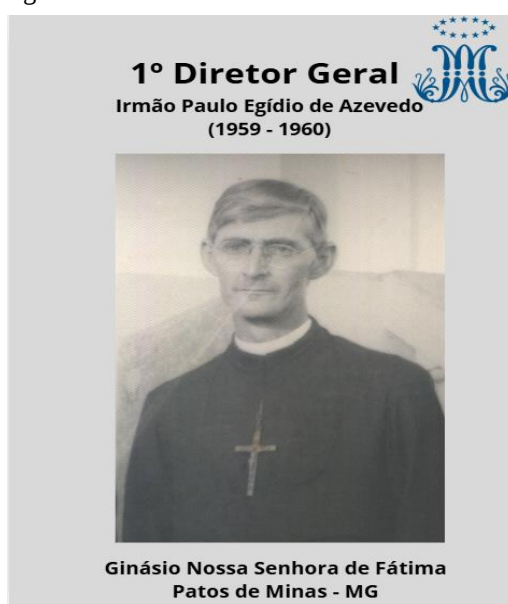
O fundador [Champagnat] cultivou de maneira assídua e profunda sua vida espiritual. Daí a qualidade de sua missão e o nível de seus relacionamentos. Passou, naturalmente, este estilo aos Irmãos. Dizia que o sustentáculo da vida do Irmão eram: a oração, a presença de Deus, o espírito de fé, o recolhimento interior, a direção espiritual, a revisão do dia (culpa), o aviso dos defeitos e, até mesmo, o modo de se recrear (Ferrarini, 2022, p. 35).

Ferrarini (2022) evidencia que a missão marista não se limita a aspectos administrativos ou pedagógicos, mas fundamenta-se profundamente na espiritualidade e na formação integral do Irmão. Isso significa que a liderança de cada diretor do Colégio Marista de Patos de Minas, cuja caminhada foi iniciada pela primeira gestão do Irmão Paulo Egídio, foi orientada por uma combinação de valores espirituais, disciplina pessoal e dedicação pastoral, refletindo diretamente na maneira como a escola se organizava, se relacionava com a comunidade e respondia às necessidades educacionais e sociais do período. A prática administrativa, portanto, não se dissocia da vida interior do Irmão, sendo a espiritualidade o alicerce que conferia consistência e coerência à gestão escolar.

Na gênese do Colégio Marista de Patos de Minas, o primeiro Diretor Geral foi o Irmão Paulo Egídio de Azevedo (Figura 85), que era chamado apenas de Irmão Egídio. O religioso marista era admirado por todos, principalmente devido à sua grande dedicação à educação e à espiritualidade cristã. Nascido na França, ingressou na Congregação Marista em 1935,

iniciando sua formação no postulado de Mendes, no Rio de Janeiro. Após o noviciado, fez sua primeira profissão religiosa em 1936 e, em 1941, emitiu votos perpétuos em Franca, São Paulo, consolidando sua trajetória de compromisso com os valores maristas. Em 6 de janeiro de 1959, Irmão Paulo Egídio tornou-se o primeiro diretor do Colégio Marista de Patos de Minas, posição que ocupou até 1960. Sua liderança foi determinante para a consolidação da instituição na cidade, marcando o início de uma tradição educativa pautada pela formação integral dos alunos, baseada em princípios de espiritualidade, disciplina e compromisso social.

Figura 85 – 1º Diretor Geral, irmão Paulo Egídio



Fonte: Acervo de Fotografias do CEM-BH (década de 1950)

Iniciada sua gestão em janeiro de 1959, também foi divulgada pela Província de Mendes-RJ a composição da equipe de auxiliares do diretor. Assim, a primeira administração contaria com: Boaventura Maria (Ir. José Henriques) como vice-diretor; Claudino Francisco (Ir. Claudino Falchetto) e Pedro Jorge (Ir. Pedro Zandonaide) como auxiliares (Dannemann, 2014a). No entanto, ainda no mês de fevereiro, antes da inauguração oficial e do início das aulas, o Superior Provincial, Ir. Gobriano Maria, realizou a primeira mudança nesse quadro, designando o Ir. Boaventura para o Externato do Rio de Janeiro. Em seu lugar, foi nomeado vice-diretor o Ir. Gabriel Dell'Adolorata (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

A Figura 86 registra essa primeira equipe administrativa do Colégio Marista, que assumiu o ginásio em 25 de janeiro de 1959. São eles, da esquerda para a direita: Ir. Pedro Zandonaide, Ir. Gabriel Dell'Adolorata, Ir. Paulo Egídio (diretor) e Ir. Claudino Falchetto.

Figura 86 – Equipe administrativa do Colégio Marista



Fonte: Arquivo do Colégio Marista de Patos de Minas – (1959-1960)

Além da equipe administrativa, a Província também designou os responsáveis pelo pré-juvenato, pela inspeção escolar e pela coordenação pedagógica, organizando a equipe por áreas de atuação para o ano letivo de 1959. A composição era a seguinte:

- a) Pré-juvenato: Irmãos Maurício Xavier (Anésio Pereira Mendonça), Gabriel Dell'Adolorata (Walter Biase da Silva Filho) e Rômulo Vital (Astrogildo de Oliveira Dutra).
- b) Inspetor: Zama Dias Maciel.
- c) Equipe pedagógica, por área:
 - c.1) Português: Maria de Lourdes Caliman, José Henrique Pereira e Octaviano Evangelista de Araújo Azevedo.
 - c.2) Francês: José Henrique Pereira e Paulo Correia da Silva Loureiro.
 - c.3) Inglês: Octaviano Evangelista de Araújo Azevedo.
 - c.4) Latim: Octaviano Evangelista de Araújo Azevedo e José Henrique Pereira.
 - c.5) Geografia Geral: Astrogildo de Oliveira Dutra.
 - c.6) História do Brasil: Astrogildo de Oliveira Dutra.
 - c.7) História Geral: Astrogildo de Oliveira Dutra e Octaviano Evangelista de Araújo Azevedo.

- c.8) Matemática: Paulo Correia da Silva Loureiro e Maria de Lourdes Caliman.
 - c.9) Ciências: Astrogildo de Oliveira Dutra.
 - c.10) Desenho: Dagmar de Oliveira.
 - c.11) Trabalhos manuais: Dagmar de Oliveira.
 - c.12) Canto: Irmã Maria da Natividade Araújo Monteiro.
 - c.13) Educação Física: 1º Sargento Instrutor do Tiro de Guerra Haroldo Batista.
- (Colégio Marista de Patos de Minas; Dannemann, 2014a)

Era hábito da Congregação Marista que constantemente ocorresse a permutação entre os Irmãos e as comunidades de toda a rede marista. Toda a equipe que compôs a gestão de 1959, portanto, foi formada por Irmãos oriundos de diferentes regiões do Brasil (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008, p. 26). Essa prática não era isolada, mas fazia parte de uma mobilidade estruturada desde a chegada dos Maristas ao Brasil.

Como registra Boschilia (2018, p. 105), as atividades foram iniciadas em 1897 com a vinda de Irmãos das Províncias de Lacabane e Varennes, que se estabeleceram em Congonhas do Campo (MG), expandindo-se, posteriormente, para outros estados. Nas décadas seguintes, a chegada de novos grupos vindos da França, Itália e Espanha resultou na criação e subdivisão de províncias, evidenciando que a circulação de religiosos entre as regiões foi um elemento organizador da presença marista no país. Mais tarde, os Irmãos formados no Brasil também passaram a ser destinados a diferentes regiões, mantendo o caráter missionário e dinâmico da Congregação.

No primeiro dia de aula, conforme registrado no *Livro dos Anais do Colégio Marista de Patos de Minas*, em depoimento do primeiro diretor da instituição, Ir. Paulo Egídio: “À população de Patos, entusiasmada, passa pela cidade louvando e saudando os Irmãos Maristas, e muitíssimos foguetes são explodidos pelos ares em homenagem ao 1º dia de aula, aos Maristas e em Patos” (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008, p. 26).

Esse movimento efusivo da população e a alegria que marcaram o início das aulas foram também noticiados à época pelo *Jornal dos Municípios*, na edição de 8 de março de 1959 (Figura 87), em matéria intitulada: “Início das aulas no Colégio Marista – Grande e indescritível alegria do povo católico de Patos”.

Figura 87 – Reportagem: “Início das Aulas no Colégio Marista”

Início das Aulas no Colégio dos Maristas Grande e indescritível alegria do povo católico de Patos Foi recebido com indizível alegria e inusitado entusiasmo pela população católica de nossa terra o início das aulas do Colégio N. S. de Fátima. Com efeito dia 2, às 12 horas, o povo numa espontânea manifestação de apreço ao grande acontecimento, soltou fogos nos mais diversos pontos da cidade. Enquanto isso se dava lá em cima, na Rua Major Gote, dezenas de alunos iniciavam seus estudos, sob as bênçãos de Deus e sob a esclarecida orientação dos Irmãos Maristas. SIGNIFICADO Embora diversos setores de opiniões se aferram num mutismo comprometedor não tomando ciência do grande acontecimento, somos daqueles que sempre aplaudiu a ideia e hoje mais do que nunca tece os melhores encômios a feliz lembrança dos procuradores da vinda dos Irmãos Maristas à nossa terra. Aliás, devemos dizer que vários são os filhos de Patos	Aviso ao Comércio a “<i>Editora Jornal dos Municípios</i>” Comunica ao Comércio e à Indústria que está aparelhada para confeccionar todos os impressos referentes a NOVA LEGISLAÇÃO TRIBUTÁRIA DO ESTADO Decreto 5524, Lei 1.858. Já se encontram à venda: - Guia para aquisição de verba. Aceitamos encomendas: NOTA FISCAL - NOTA DE COMPRA - NOTA DE RECEBIMENTO - NOTA DE ENTREGA. Atenção senhores Interessados: - Devido às modificações existentes nos impressos referidos chamamos a atenção para o assunto. A execução dos nossos impressos obedecem RIGOROSAMENTE À LEI QUE REGULA A MATÉRIA. “<i>EDITORIA JORNAL DOS MUNICIPIOS</i>” - Rua Major Gote, 636 Fone - 1163 (Atendemos à domicílio) AGRADECIMENTO D^{rs}. Clarinda Lopes da Silva, filhos e genros, agradecem por intermédio deste jornal, as pessoas amigas que os confortaram por ocasião do falecimento de seu esposo, pai e sócio. CASEMIRO CAETANO PEREIRA ocorrido dia 4 do corrente, nesta cidade Patos de Minas, Março de 1959. moços. Parabéns Irmãos de Patos de Minas. Maristas. Parabéns povo
--	---

Fonte: Centro de documentação e memória do UNIPAM.

Na íntegra:

Início das Aulas no Colégio dos Maristas

Grande e indescritível alegria do povo

Foi recebido com indizível alegria e inusitado entusiasmo pela população católica de nossa terra o início das aulas do Colégio N. S. de Fátima.

Com efeito dia 2, às 12 horas, o povo numa espontânea manifestação de gáudio ao grande acontecimento, soltou fogos nos mais diversos pontos da cidade.

Enquanto isso se dava lá em cima, na Rua Major Gote, dezenas de alunos iniciavam seus estudos, sob as bênçãos de Deus e sob a esclarecida orientação dos Irmãos Maristas.

SIGNIFICADO

Embora diversos setores de opiniões se aferrarem num mutismo comprometedor não tomando ciência do grande acontecimento, somos daqueles que sempre aplaudiram a ideia e hoje mais do que nunca tecem os melhores encômios à feliz lembrança dos procuradores da vinda dos Irmãos Maristas a nossa terra. Afinal, devemos dizer que eles são os filhos de Patos de Minas que fazem parte da Congregação dos Maristas e por isso mesmo é lógico que nos toca, bem de perto aos nossos corações, a presença de um Estabelecimento Educacional, dirigido pelos eméritos educadores da ordem fundada pelo beato Champagnat. Ao início das aulas, do Colégio N. S. de Fátima, queremos levar, na modéstia de nossas palavras, mas com a sinceridade dos bem intencionados, os melhores votos de felicidades, ao seu Diretor, Irmão Paulo Egídio, desejando ainda congratular-nos com o povo patense que ganha doravante, um perfeito estabelecimento de Ensino, moldado nos ensinamentos do catolicismo, como só acontece com o Colégio N. S. das Graças, que ano a ano dá à nossa terra, moças com a melhor e mais sadia formação que se pode desejar. Agora, com o Ginásio N. S. de Fátima poderemos esperar pela formação sadia de nossos moços.

Parabéns Irmãos Maristas. Parabéns povo de Patos de Minas (Jornal dos Municípios, em 08 de março de 1959, Patos de Minas).

A reportagem destacou que, no dia 2 de março, às 12 horas, a população manifestou espontaneamente seu entusiasmo, soltando fogos em diversos pontos da cidade, enquanto dezenas de alunos iniciavam seus estudos sob as bênçãos de Deus e a orientação dos Irmãos Maristas. O texto ressaltava, ainda, que, apesar de alguns setores permanecerem em silêncio diante do acontecimento, a vinda dos Maristas era celebrada como um marco importante para a educação e para a vida religiosa da cidade — reforçando o entusiasmo da comunidade com o novo estabelecimento educacional e o cumprimento do desejo popular de contar com um colégio para os moços, como já existia para as moças patenses.

Os primeiros meses de funcionamento do Colégio Marista exigiram muito trabalho da gestão e dos Irmãos, o qual se intensificou com a chegada dos demais religiosos, pois estavam em curso os preparativos para a fundação, a efetivação das matrículas e o início das aulas. Quanto a estas, a expectativa da gestão era bastante positiva, considerando tratar-se do primeiro ano letivo da instituição. Como o projeto inicial previa apenas o curso primário e o ano preparatório para o exame de admissão ao curso ginásial, e sendo grande a procura da comunidade patense por vagas no curso ginásial, a administração precisou rever esse planejamento (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

Surge, então, no campo administrativo/pedagógico, o primeiro desafio a ser enfrentado por Irmão Paulo Egídio: adaptar o projeto original do ginásio às reais demandas locais. Para isso, o primeiro passo foi solicitar autorização para ampliar a oferta educacional e implantar o ensino ginásial masculino (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008; Dannemann, 2014a). Assim, o Irmão estabeleceu contato com a Diretoria Seccional do Ensino Secundário de Uberaba¹⁷⁹, com o objetivo de regularizar a situação legal do então Ginásio Nossa Senhora de Fátima.

A primeira ação foi o envio de uma correspondência à Diretoria Seccional do Ensino Secundário de Uberaba, em forma de requerimento. Esta foi datada de 20 de janeiro de 1959, na qual o então prefeito Genésio Garcia Roza (Figura 88) escreve ao Diretor Seccional, Sr. Cristiano Barsante, tendo como autor designante o Irmão Paulo Egídio.

¹⁷⁹ Em 1959, a cidade de Patos de Minas ainda não contava com uma Superintendência Regional de Ensino (SRE) própria. Naquele período, a SRE de Uberaba era a responsável por administrar e supervisionar as questões educacionais de toda a região, incluindo Patos de Minas. Assim, qualquer trâmite legal relacionado à autorização de funcionamento de escolas, aplicação de exames ou reconhecimento oficial de instituições de ensino precisava ser realizado diretamente em Uberaba.

Sobre o ocorrido, relata Dannemann (2014a) que, em 21 de janeiro de 1959, foi formalmente protocolado esse requerimento conjunto, solicitando ajustes no planejamento inicial do colégio para o primeiro ano letivo. O autor considerou o documento de grande importância para a efetivação do projeto educacional, pois foi assinado tanto pelo prefeito quanto pelo diretor da instituição marista.

A proposta previa a ampliação da estrutura inicialmente planejada — que contemplava apenas o curso primário e um ano preparatório — para incluir também o curso ginasial masculino já no início das atividades. O documento visava obter o reconhecimento oficial da instituição junto aos órgãos educacionais competentes, bem como garantir a autorização necessária para a aplicação dos exames de admissão, condição fundamental para o início das atividades escolares naquele ano (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

Figura 88 - Prefeito Municipal Genésio Garcia Roza (1955-início 1959)



Fonte: Dannemann (2014a).

Com o requerimento feito e protocolado, o Irmão Paulo Egídio ainda viajou até a Seccional para formalizar o pedido. Neste momento, “estava lançada a semente; o que restava era somente aguardar um posicionamento da Seccional de Ensino Secundário de Uberaba, para poderem tomar as providências necessárias de adaptação no Ginásio Nossa Senhora de Fátima” (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008, p. 26).

O processo de admissão no colégio tornou-se um momento de grande tensão e desgaste, envolvendo administração, professores responsáveis, candidatos e seus pais. No ginásial, ele só aconteceu após 12 de fevereiro, quando o colégio recebeu da Seccional de Uberaba a aguardada autorização, e então os exames de admissão ao ensino ginásial puderam ser efetivamente aplicados (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

Segundo Dannemann (2014a), o primeiro exame para o ginásio contou com cerca de 50 meninos inscritos. Essa conquista foi um marco da história do Colégio Marista, sendo recordada pelo Irmão Claudino: “no mês de fevereiro de 1959 foi realizado o primeiro exame de Admissão, que deu origem ao primeiro ano do curso ginásial (aprovado pela Inspetoria de Uberaba, da qual dependia a circunscrição de Patos)” (Falchetto, 2024).

Esse momento foi como um evento, pois a realização desse processo admissional foi muito aguardada pelas famílias patenses, uma vez que elas “não necessitariam mais gastar com o envio dos filhos para Mendes-RJ, a fim de poderem ter o acesso a um ensino de qualidade” (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008, p. 28).

França (2025), ex-aluno do ensino ginásial, assim como Borges (2025) e Alves (2025), recorda ter realizado o teste de admissão para ingressar no colégio. Em seu relato, detalha como funcionava esse processo de seleção:

O processo de admissão era quando a pessoa terminava o curso primário e para entrar no curso ginásial fazia esse curso de admissão. Era uma preparação do primário para o ginásio. Então quase todas as pessoas [alunos] eram obrigadas a fazer. Principalmente, aquelas pessoas [...] os alunos que eram mais “fracos”, mais “atrasados” tinham que fazer o exame de admissão para serem admitidos no ginásio (França, 2025).

Esse fato encontra respaldo na legislação da época. O Decreto-Lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942 — conhecido como Lei Orgânica do Ensino Secundário — estabelecia, em seu artigo 91, a obrigatoriedade do exame de admissão para o ingresso no curso ginásial. Esse exame funcionava como etapa seletiva entre o ensino primário e o secundário, avaliando conhecimentos em disciplinas básicas e servindo de pré-requisito legal para a matrícula nos colégios. Assim, em 1959, quando França realizou a prova, o procedimento estava em plena conformidade com as diretrizes educacionais brasileiras então vigentes (Brasil, 1942).

Feitos os exames admissionais, o processo de matrículas configurou-se em outro desafio para a administração do colégio, não por falta de experiência da gestão, mas pelo intenso interesse da comunidade em garantir vagas para seus filhos. A expectativa dos Irmãos Maristas era de aproximadamente duzentas matrículas para o ano letivo; contudo, quando o mesmo se

iniciou, o colégio registrava duzentos e cinquenta e um alunos matriculados (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008, p. 29).

Esse crescimento além do previsto exigiu adaptações imediatas, especialmente na aquisição de mobiliário escolar. Ainda em fevereiro de 1959, foram providenciadas duzentas carteiras, devidamente organizadas, como se observa na Figura 90, que ilustra uma sala de aula da época com a disposição do mobiliário, conforme descrito no *Relatório dos 50 anos do Colégio Marista* (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008), que ainda acrescenta que as carteiras eram todas numeradas.

Figura 89 – Mobiliário escolar organizado na sala de aula



Fonte: Arquivo pessoal de Alves (1959).

O Irmão Paulo Egídio, diante da rápida ampliação do número de estudantes matriculados, viu-se diante de uma nova preocupação: garantir que a infraestrutura do colégio acompanhasse o crescimento da comunidade escolar. Para atender a essa demanda, mobilizou esforços na aquisição de mobiliário adicional e na organização das salas de aula, de modo a oferecer um ambiente estruturado e funcional. Essa atenção aos detalhes assegurou que, já no primeiro dia de aula, marcado para 2 de março de 1959, os alunos encontrassem um espaço devidamente preparado, revelando o empenho da gestão em conciliar expansão e qualidade no processo educativo.

A gestão do Irmão Paulo Egídio destacou-se pela busca de inovações e pela ampliação da oferta educacional. Ainda neste início de ano, foram iniciados os trâmites para a criação do curso ginásial noturno, medida que visava atender a uma demanda crescente da comunidade

local (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008). Por esse motivo, o crescimento das matrículas ao longo do primeiro ano letivo de 1959 foi ainda mais significativo.

No ano de 1959, portanto, a efetivação das matrículas no ensino primário estava condicionada ao cumprimento da idade escolar mínima (7 anos), em conformidade com a legislação educacional vigente¹⁸⁰ no Brasil. Esse critério buscava assegurar que os estudantes ingressassem na escola dentro da faixa etária adequada, favorecendo a organização das turmas e o desenvolvimento pedagógico. Já para o ingresso no ensino ginásial, conforme relata o Irmão Claudino, “as famílias eram solicitadas a trazer o histórico escolar dos candidatos” (Falchetto, 2024), medida que visava garantir a regularidade documental, a comprovação dos estudos anteriores e a correta vinculação acadêmica dos alunos ao novo curso.

Com as exigências atendidas, as aulas tiveram início, contemplando as quatro séries do curso primário, organizadas desde o primeiro ano. Paralelamente, foi aberta também a primeira turma do curso ginásial, já na inauguração do ano letivo, representando um passo importante para a consolidação do colégio como instituição de ensino de maior abrangência. O curso colegial, por sua vez, seria efetivado apenas em momento posterior, após a conclusão das séries do ginásial, numa sequência progressiva que acompanhava a expansão estrutural e pedagógica do Colégio Marista (Falchetto, 2024).

Em seguida às matrículas — ou, pode-se dizer, concomitantemente a elas — a estrutura religiosa também foi cuidadosamente montada, com a instalação do altar, da via-sacra, dos bancos e a nomeação do padre José Bento Guimarães como capelão do Ginásio Nossa Senhora de Fátima. Isso possibilitou a realização da primeira missa no espaço, celebrada no dia 18 de fevereiro daquele ano (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008, p. 29; Dannemann, 2014a). Um momento especial para a comunidade, no qual foi possível aos presentes conhecerem como se encontrava a parte do terreno interno do ginásio (Dannemann, 2014a).

Na gestão do Irmão Paulo Egídio, o Colégio Marista, Ginásio Nossa Senhora de Fátima, passou por um momento de consolidação. Após as articulações burocráticas das

¹⁸⁰ Para contextualizar as práticas de matrícula no Colégio Marista em 1959, com base na legislação educacional da época, podemos recorrer à Lei nº 4.024, sancionada em 20 de dezembro de 1961, que instituiu as Diretrizes e Bases da Educação Nacional no Brasil. Embora posterior, essa lei reflete práticas e exigências já vigentes nos anos anteriores, incluindo 1959. Por exemplo, estabeleceu-se a obrigatoriedade do ensino primário a partir dos sete anos de idade, e as escolas deveriam organizar classes especiais ou cursos supletivos para alunos que iniciassem os estudos após essa faixa etária. Cf. BRASIL. Decreto-lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942. Lei Orgânica do Ensino Secundário. **Diário Oficial da União**, seção 1, Rio de Janeiro, 10 abr. 1942.

matrículas ocorridas em janeiro e fevereiro, e a euforia da inauguração, a instituição avançava para o seu primeiro dia de aula. Sobre esse momento, Irmão Claudino Falchetto posteriormente descreveu, em suas memórias, como se deu o início das atividades:

[...] recordo-me perfeitamente no início de 1959, quando o então Ginásio Nossa de Fátima abria as portas, ainda mal terminado, da alegria dos jovens e do entusiasmo da cidade pela ansiada e demorada conquista. O Marista tornara-se realidade! (Falchetto, s/d; Colégio Marista de Patos de Minas, 2008, p. 31).

Em pouco tempo, cerca de um mês de atividades letivas, constatou-se uma adaptação gradual e efetiva de alunos e professores à nova realidade educacional estabelecida pela direção (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008). Para os alunos, esse processo significou o contato com métodos de ensino mais estruturados, a valorização da disciplina e a vivência de uma espiritualidade própria da instituição. Para os professores, exigiu uma reorganização de suas práticas, em sintonia com as orientações da direção e com a filosofia educativa marista, pautada na formação integral do estudante.

Tal dinâmica evidencia a capacidade da instituição de, rapidamente, criar um ambiente de pertencimento e identidade coletiva, favorecendo o enraizamento do colégio na cidade e garantindo sua aceitação pela comunidade local. Nesse sentido, a inovação do modelo pedagógico elaborado pelos maristas, em relação aos demais métodos de ensino da época — que enfatizavam “o corpo, o intelecto e a alma” — consistia em acrescentar um quarto aspecto: o da sociabilidade, considerada fundamental no sentido de preparar o aluno para as funções que ele iria desempenhar na sociedade (Boschilia, 2018, p. 115).

Depois da fase de adaptação, os dias letivos transcorreram em ordem, com as turmas familiarizadas com a dinâmica do colégio. No recesso escolar de julho de 1959, ocorreram mudanças administrativas internas, com o objetivo de promover adequações pedagógicas. O Irmão Rômulo Vital foi substituído na direção do juvenato pelo Irmão Zeferino Dario, enquanto o Irmão Serafim Oswaldo foi transferido para auxiliar em Uberaba, sendo sucedido pelo Irmão Edmundo Elias no ginásio. Tais ajustes refletiram o compromisso da instituição em aprimorar sua gestão educacional (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

Ao final dos seis primeiros meses de gestão, o Ginásio Nossa Senhora de Fátima já usufruía do reconhecimento na cidade de Patos de Minas – MG, como uma escola séria e eficiente, o que se traduziu em uma significativa procura por vagas no mês de julho. O segundo

semestre letivo teve início no dia 3 de agosto de 1959, com um total de 285 alunos matriculados (Figura 90)¹⁸¹.

Figura 90 – Livro de Registro de Matrículas do Colégio Marista – Ano 1959

Registro de Matrícula										1959 ↓
										ANO LETIVO DE 1959
Nº	NOME DOS ALUNOS	Data do nascimento	Nível e Estado do nascimento	NOME DOS PAIS	Nacionalidade	Profissão	Turno	Curso	Grado	ASSINATURA DO INSPECTOR
281	Antônio José Costa			Antônio José da Costa	Bras.			1º	2ª	
282	Marcos Antônio Barreto			Antônio Joaquim Barreto				2ª	2ª	
283	João Eustáquio Aguiar			Antônio E. Aguiar				3ª	2ª	
284	João Maria Guimarães			Antônio Carlos Guimarães				3ª	2ª	
285	Antônio Luiz da Costa			Antônio Luiz da Costa				3ª	2ª	

Fonte: Arquivo digital do Colégio Marista de Patos de Minas (Matrículas 1959).

Esse aumento das matrículas exigiu um aumento considerável do volume de trabalho da Gestão do Irmão Paulo Egídio bem como para toda a comunidade dos Irmãos Maristas, empenhada em manter a qualidade do ensino até o encerramento do primeiro ano letivo. Esse desempenho marcante já visto no primeiro ano letivo comprova o interesse e o empenho da comunidade local, que resultaram na luta pela criação do Colégio Marista em Patos de Minas.

Entre diversas ações tomadas na Direção Geral do Irmão Paulo Egídio, pode-se destacar o cuidado em instituir práticas de registro escolar e do convite de formatura¹⁸², que ultrapassavam a dimensão administrativa, alcançando também o campo simbólico e formativo.

¹⁸¹ Esta imagem foi utilizada com o objetivo de comprovar a quantidade de alunos matriculados no ano de 1959, evidenciando, sobretudo, o avanço das matrículas com a conquista do 1º ano do ginásio.

¹⁸² A fotografia escolar (lembrança de 1959) e os convites de formatura constituem importantes registros da cultura escolar, pois ultrapassam o caráter meramente ilustrativo ou comemorativo. De acordo com Maria João Mogarro (2005, p. 77), “constituem instrumentos fundamentais para a história da escola e a construção da memória educativa”. No caso do Colégio Marista, a direção, ao organizar retratos oficiais e convites elaborados, reforçava a identidade institucional, promovendo a memória coletiva e atribuindo solenidade aos rituais de passagem, fundamentais para a formação simbólica dos alunos. Cf. MOGARRO, Maria João. Arquivos e educação: a construção da memória educativa. **Revista brasileira de história da educação**, v. 5, n. 2 (10), p. 75-99, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38647>. Acesso em: 18 ago. 2025.

A preservação da memória escolar, por meio de fotografias oficiais, exemplifica como a instituição organizava e perpetuava os rituais educativos e sociais.

As lembranças de José Eustáquio Rodrigues Alves ilustram esse processo. O ex-aluno conserva até hoje a fotografia de seu primeiro ano no colégio, datada de 1959, quando tinha apenas 11 anos e iniciava seus estudos no então Ginásio Nossa Senhora de Fátima, primeiro ano de funcionamento do Colégio Marista em Patos de Minas (Figura 91). Produzida em um formato típico da época, com moldura oficial, postura formal e objetos escolares em destaque, a imagem traduz o esforço institucional de documentar e valorizar a trajetória dos estudantes, conferindo legitimidade e identidade à experiência escolar.

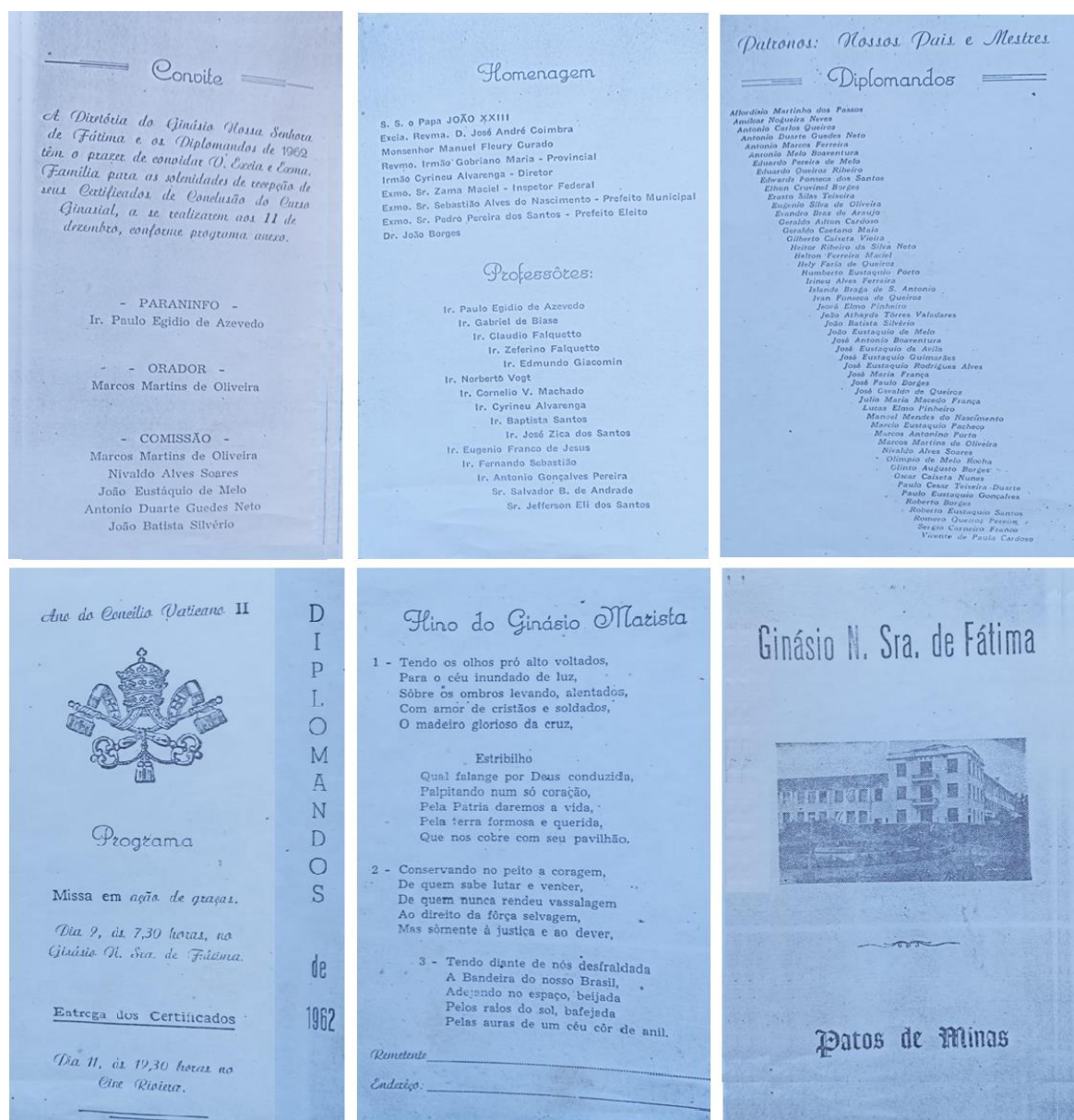
Figura 91 – Lembrança Escolar do ano letivo de 1959



Fonte: Arquivo pessoal de Alves (1959).

Outro exemplo é o convite de formatura da turma de 1962, guardado por Alves (Figura 92). Mais do que um simples papel impresso, o folder, produzido em formato de três dobras e seis faces, revela o cuidado da direção em transformar a cerimônia em um momento solene e memorável. Ao manter esse documento por mais de seis décadas, o ex-aluno não apenas preserva um objeto material, mas reafirma o valor simbólico atribuído àquele rito de passagem, que representava o encerramento de uma etapa escolar e a abertura de novos caminhos.

Figura 92 – Primeiro convite de formatura do Colégio Marista (Turma de 1962)



Fonte: Arquivo pessoal de Alves (1962).

Esses registros demonstram como as ações da direção ultrapassavam o aspecto burocrático, consolidando práticas de memória que contribuíam para a formação da identidade institucional e para a valorização da experiência dos alunos no Colégio Marista.

Ainda em 1959, a direção do colégio enfrentou como desafio o movimento grevista, que também impactou a educação privada em Minas Gerais. Segundo a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimento de Ensino (CONTEE), o Sindicato dos Professores do Estado de Minas Gerais (Sinpro-MG) registra, nesse ano, a primeira greve dos professores no

estado, marcada por forte pressão salarial em um contexto de inflação aguda e derrocada do poder aquisitivo da categoria (CONTEE, 2013).

Essa greve geral resultou em um impacto direto na rotina escolar, gerando paralisações temporárias das aulas e desmobilização da rotina pedagógica (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008). Embora os registros não especifiquem datas ou duração, é possível inferir que o movimento contribuiu para atrasos na adaptação ao início do ano letivo.

No âmbito social e institucional, a direção do Irmão Paulo Egídio teve o prazer de ver aprovada, em novembro de 1959, a Lei Municipal nº 50/59,51, proposto pelo vereador Dr. João Borges, que alterou denominações de espaços públicos em Patos de Minas - MG. Conforme o projeto, a Praça XV de Novembro passou a ser denominada “Praça Champagnat” e a Rua Ginásio Nossa Senhora de Fátima recebeu o nome de “Rua Irmão Exuperância”¹⁸³, homenageando figuras importantes para a comunidade local e o próprio colégio (Figura 93).

A iniciativa do vereador Dr. João Borges representou para o Colégio Marista um marco importante para o fortalecimento da identidade educacional marista em Patos de Minas. Também, destaca-se no período a mudança nos nomes de logradouros públicos, especialmente da Praça Champagnat, que se tornou um símbolo visível da presença e relevância da obra marista na cidade, consolidando a marca da instituição no cotidiano local e ampliando seu reconhecimento. É relevante destacar que a praça passou a abrigar um monumento imponente dedicado a São Marcelino Champagnat, fundador da Congregação dos Irmãos Maristas, doado pelo então Irmão Diretor Paulo Egídio, reforçando o laço entre a memória da instituição e a paisagem urbana.

¹⁸³ Três vias se cruzavam na subida do morro, formando um pequeno descampado, então conhecido como Praça XV de Novembro. Em um belo dia, mais precisamente em 3 de março de 1957, para felicidade do povo, ao lado deu-se início à construção do Ginásio Nossa Senhora de Fátima, dos Irmãos Maristas. Em homenagem ao empreendimento, a rua que sobe o morro adiante recebeu o nome da instituição de ensino.

Em 2 de março de 1959, a escola foi inaugurada. Logo depois, em 12 de novembro, ocorreram mais duas homenagens por meio da Lei nº 524. Na primeira, a Rua Nossa Senhora de Fátima passou a se chamar Rua Irmão Exuperância (incrivelmente grafado como “Exuperânica” no documento da lei), membro da alta cúpula dos Maristas. Na segunda, a Praça XV de Novembro passou a se chamar Praça Champagnat, em referência a Marcellin Joseph Benoît Champagnat, fundador do Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria e das Escolas Maristas.

Mais tarde, em 11 de agosto de 1980, a Lei nº 1.722 alterou novamente o nome da Rua Irmão Exuperância para Rua Major Gote, unificando esta denominação em toda a sua extensão. Atualmente, cinco ruas confluem com a Praça Champagnat: Major Gote, Major Jerônimo, Ataulpa Dias Maciel, João da Rocha Filgueira e Santa Cruz (Dannemann, 2018e, *op. cit.*).

Figura 93 - Detalhes das placas: Praça Champagnat,
Rua Irmão Exuperância



Fonte: Colégio Marista de Patos de Minas (2008, p. 34).

Assim, ao final do primeiro ano letivo do Ginásio Nossa Senhora de Fátima, a instituição já representava uma realidade concreta para a comunidade educacional e social da região. Nas palavras do Dr. João Borges, “o Ginásio Nossa Senhora de Fátima agora está fincado aqui e para sempre ficará” sinalizando a consolidação definitiva da instituição no cenário local. Essa presença, segundo o vereador, marcaria um antes e um depois na história municipal, especialmente no campo da educação, com ganhos significativos para a juventude da cidade, não apenas no âmbito escolar, mas também em termos de saúde e bem-estar.

Para celebrar a conclusão desse primeiro ciclo letivo, a comunidade marista organizou, no dia 12 de dezembro de 1959, um retiro espiritual na cidade de Mendes - RJ. Esse momento de reflexão e descanso foi uma justa recompensa diante do esforço e das novidades enfrentadas durante o ano inaugural. Já em 1960, ao término do retiro, os Irmãos Maristas retornaram a Patos de Minas com a missão clara de ajustar e aprimorar os aspectos pedagógicos e administrativos, visando acolher com excelência tanto os estudantes antigos quanto os novos ingressantes.

Durante esse período, a comunidade marista passou por novas reestruturações internas. Sofreu mudança na composição da equipe, sendo a comunidade reorganizada após o segundo retiro em Uberaba. Na Figura 94, tem-se a nova composição do colégio formada por: Irmão Geraldo Vogt, Irmão Claudino Falchetto, Irmão Paulo Egídio, Irmão Cláuzio Puttini e Irmão Ary Vieira Machado (Irmão Cornélio). Paralelamente, ocorreram mudanças no setor do juvenato, com a transferência de dois juvenistas para Montes Claros em janeiro de 1960. Essas

decisões impactaram a dinâmica interna da instituição. (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

Figura 94 – Equipe administrativa do Colégio Marista (1960)



Fonte: Colégio Marista de Patos de Minas (2008, p. 30).

O segundo ano letivo inicia em 3 de março de 1960 que passa ofertar a sexta classe. O volume de atividades foi tamanho que exigiu do próprio Irmão Diretor Egídio uma carga horária semanal de 30 aulas, demonstrando o comprometimento da equipe com a qualidade do ensino. Ainda naquele mês, um importante acontecimento marcou a história do colégio: a criação da Academia Literária Afonso Celso¹⁸⁴. Essa iniciativa, caracterizada como um grupo de estudos literários organizado pelos próprios alunos, funcionou como um minicurso que incentivava a produção e o debate literário no ambiente escolar.

Na Gestão do Irmão Paulo Egídio, torna-se importante destacar outros acontecimentos relevantes no cotidiano do Ginásio Nossa Senhora de Fátima, ocorridos a partir de julho. Nesse período, um dos eventos de destaque foi o envio do Irmão José Cláuzio Puttini para Colatina e vindo substituí-lo o Irmão Cyrineu Alvarenga, recém-chegado do segundo noviciado¹⁸⁵.

¹⁸⁴ A Academia Literária Afonso Celso teve sua fundação formalizada em ata no dia 3 de março de 1960, permanecendo ativa até 11 de novembro de 1965, data do seu registro final (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008, *op. cit.*).

¹⁸⁵ Na tradição da Congregação Marista, o segundo noviciado é uma etapa de formação espiritual e pastoral dos irmãos, realizada após alguns anos de experiência de vida religiosa e de missão. Diferente do primeiro noviciado

Naquele período, o Colégio Marista de Colatina, situado na cidade de Colatina, no Espírito Santo (Brasil), já estava consolidado sob a responsabilidade dos Irmãos Maristas. Fundado em 17 de janeiro de 1953, o colégio recebeu inicialmente o nome de Ginásio Nossa Senhora do Brasil e funcionava em regime de internato, atendendo exclusivamente meninos, sob os cuidados diretos da comunidade religiosa marista, formada ainda naquele ano de sua inauguração. Portanto, no contexto da década de 1960, o colégio capixaba já se encontrava plenamente em atividade, o que explica a transferência do Irmão Cláuzio, cuja missão docente e administrativa daria continuidade à presença marista naquele espaço educativo (CEM-BH, 2025)¹⁸⁶.

Em 22 de agosto de 1960, o padre José Bento Guimarães, capelão do Ginásio Nossa Senhora de Fátima, deixou a Capelinha, transferindo-se para São Gonçalo do Abaeté – MG. Em Patos de Minas, o padre José Bento foi um dos integrantes do primeiro clero da recém-criada Diocese de Patos de Minas, na década de 1950, atuando de forma significativa no processo de organização pastoral e comunitária da região. Em 1975, esteve à frente da Paróquia São Sebastião, em Lagoa Grande – MG, onde exerceu seu ministério sacerdotal com dedicação, contribuindo para a consolidação da vida religiosa local. Sua presença marca a história eclesial da diocese como um exemplo de compromisso com a missão evangelizadora e com a construção de vínculos entre Igreja e comunidade¹⁸⁷.

No final do ano de 1960, o Irmão Paulo Egídio recebeu comunicado da Casa Provincial de Mendes – RJ, confirmando que, em 1º de janeiro de 1961, seria nomeado diretor da Casa Provincial, o que representou um marco de grande significado em sua trajetória religiosa e educacional como Irmão Marista. Primeiramente, a nomeação evidenciava o reconhecimento de sua liderança e competência administrativa, adquiridas durante o período em que esteve à

(que corresponde à iniciação na vida consagrada, após o postulante), o segundo noviciado funciona como um tempo de aprofundamento: um retiro prolongado de estudos, oração e reflexão sobre a vida religiosa, geralmente feito antes da profissão perpétua (votos definitivos). Assim, quando o texto menciona que o Irmão Cyrineu Alvarenga “chega do segundo noviciado”, indica que ele havia acabado de concluir esse período de renovação espiritual e preparação para assumir de forma mais madura e definitiva sua missão como Irmão Marista. Cf. FLORES, José. **Formação dos Irmãos Maristas: o segundo noviciado como etapa de renovação espiritual**. 2020. 149. Dissertação de Mestrado (Pneumatologia e Experiência Cristã) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020.

Disponível em: <https://archivum.grupomarista.org.br/pergamumweb/vinculos/0000aa/0000aa29.pdf> Acesso em: 15 fev. 2025.

¹⁸⁶ Informação fornecida pelo CEM-BH, via e-mail. Sobre esse envio do Irmão José Cláuzio Puttini para Colatina na época.

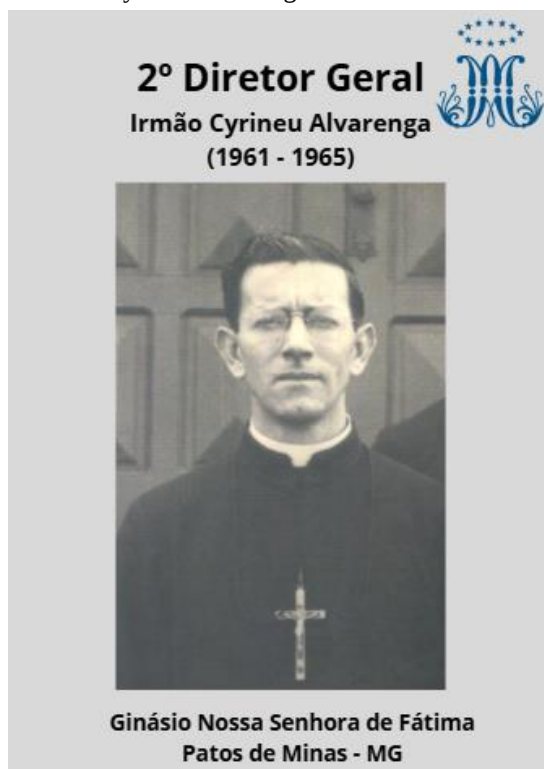
¹⁸⁷ Informação fornecida pela Diocese de Patos de Minas, de registros da época, relato oral. Não há muito da época, os poucos documentos encontrados, não trazem muita informação do Padre José Bento Guimarães. Registro fotográfico encontrado da década de 1950, que registra o Seminário Pio XII. Cf. EFECADPATOS (ed.). **20 membros do Seminário Pio XII no final da década de 1950**. 2018. Eitel T. Dannemann. Disponível em: <https://efecadepatos.com.br/?p=25547>. Acesso em: 2 dez. 2025.

frente do Colégio Marista, Ginásio Nossa Senhora de Fátima, em Patos de Minas. Sua atuação no processo de fundação, organização das matrículas, inauguração e consolidação da rotina escolar demonstrou sua capacidade de mobilizar pessoas, lidar com desafios estruturais e pedagógicos e conduzir a instituição dentro do carisma marista.

Além disso, a transferência para a Casa Provincial de Mendes – RJ — espaço de grande importância na estrutura da Congregação, por ser centro de decisões, formação e acompanhamento das comunidades — simbolizava uma promoção dentro da hierarquia marista, atribuindo-lhe responsabilidades mais amplas, que extrapolavam a realidade patense.

Diante dessa nomeação, foi empossado como novo diretor do Colégio Marista, para o segundo mandato da direção (1961–1965), o Irmão Cyrineu Alvarenga (Figura 95), que já se encontrava na instituição. Considerado por muitos ex-alunos um excelente educador — culto, poliglota e poeta — (França, 2025; Alves, 2025; Borges, 2025).

Figura 95 – Segundo Diretor do Colégio Marista
- Irmão Cyrineu Alvarenga



Fonte: Acervo do CEM-BH (década de 1950)

O diretor-geral Irmão Cyrineu Alvarenga foi considerado um “excelente educador, muito culto, poliglota e poeta de rima rica” (José Eustáquio Bueno Caixeta¹⁸⁸, 2024),

¹⁸⁸ Ex-aluno do Colégio Marista na década de 60, que apresenta no Grupo do Facebook uma memória do colégio, onde destaca o Diretor Cyrineu Alvarenga, que foi seu cunhado. Os ex-aluno subsequentes, comentaram a

reconhecimento que evidencia não apenas suas qualidades pedagógicas, mas também a amplitude de sua formação intelectual e artística. Segundo um ex-aluno do colégio, Sebastião Eustáquio Barcelos, o Irmão era um diretor disciplinador, mas admirado por ser “um bonachão; de tanto recitar Camões, me despertou grande curiosidade por poemas épicos” (Caixeta, 2024). Esse depoimento sugere que sua prática educativa não se limitava ao controle disciplinar, mas também despertava sensibilidades culturais, aproximando os estudantes da tradição literária clássica. Para Vicentão Maia, ele “era um excelente diretor, muito culto” (Caixeta, 2024), reafirmando a imagem de um educador respeitado tanto pela comunidade escolar quanto pelos ex-alunos, que o recordam como figura de referência acadêmica e moral.

A Figura 96 revela a direção do Colégio Marista em 1961, composta (da esquerda para a direita) por: Irmão Gérard Voegtél, Irmão Antônio de Pádua, Irmão Cyrineu Alvarenga (diretor-geral), Irmão Pedro Zandonaide, Irmão Baptista Santos e Irmão Paulo Portugal¹⁸⁹.

Nos registros do Colégio Marista, observa-se uma lacuna significativa no que se refere à gestão do Irmão Cyrineu Alvarenga. As informações disponíveis restringem-se aos dois primeiros anos de sua direção (1961 a julho de 1962), não havendo, portanto, documentação sistemática no *Relatório dos 50 anos do Colégio Marista* (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008) sobre os anos subsequentes, até 1965, quando se encerra seu mandato como diretor-geral da instituição.

Essa ausência de registros pode ser compreendida como expressão de um processo comum na preservação da memória institucional, em que determinados períodos ou sujeitos são mais documentados do que outros, seja por critérios administrativos, seja por contingências históricas relacionadas à produção e conservação dos arquivos. Apesar dessa limitação, os dados disponíveis permitem delinear um panorama relevante das iniciativas e acontecimentos que marcaram a fase inicial de sua gestão, oferecendo pistas para a compreensão do contexto mais amplo da instituição naquele momento. Somadas a esses registros, outras pesquisas foram realizadas para complementar as lacunas deixadas nos anais do Colégio Marista.

publicação. Pela falta de documentos que possam relatar a pessoa do irmão Cyrineu, foram utilizados comentários para preencher essa lacuna. Fato que agrega maior valor histórico, além disso o Facebook é uma rede social de domínio público.

¹⁸⁹ Nesta imagem, encontrada na Moção de Aplausos n. 002/2019, p. 3, de autoria do Vereador Francisco Carlos Frechiani, contava a foto da gestão, mas sem a descrição dos membros. Foi solicitada a ajuda ao Irmão Claudino Falchetto, para o reconhecimento de cada um dos Irmãos destacados na foto da época de 1961.

Figura 96 – Diretor e equipe administrativa do Colégio Marista



Fonte: Câmara Municipal de Patos de Minas (2019, p. 3).

No ano de 1961, a rotina escolar teve início em 16 de janeiro, data em que foram abertas as matrículas para o ginásio. Nessa ocasião, o colégio oferecia a 3ª série ginásial, que compunha o currículo para os alunos da época. Pouco tempo depois, em 7 de fevereiro, foram realizados os exames de admissão destinados aos ex-alunos do curso primário que desejavam continuar os estudos na instituição. A sequência dos eventos culminou no dia 1º de março, quando tiveram início efetivo as aulas para os estudantes regularmente matriculados.

Nesse mesmo ano, o colégio celebrou, com grande entusiasmo, um marco importante para a comunidade local e eclesial: as Bodas de Ouro¹⁹⁰ do Monsenhor Fleury,

vigário da Catedral de Patos de Minas, comemoradas no mês de outubro. O evento representou não apenas uma homenagem à trajetória do Monsenhor, mas também fortaleceu o vínculo entre a instituição e a Igreja, refletindo a valorização da tradição e dos princípios cristãos que orientavam a missão educativa da escola.

Esses valores estão entre os fundamentos da pedagogia marista, pois, segundo Landry (2016, p. 195), Champagnat “trabalhou em transmitir os valores evangélicos e exortou seus paroquianos à fidelidade ao Senhor, através de suas curtas homilias do domingo”. Ao celebrar

¹⁹⁰ No caso das Bodas de Ouro do Monsenhor Fleury, trata-se da comemoração dos 50 anos de sacerdócio do monsenhor, reconhecimento de sua trajetória, dedicação e contribuição à comunidade. É um momento solene, geralmente marcado por missa, homenagens e registro da importância histórica e social de seu trabalho.

suas Bodas de Ouro, Monsenhor Fleury demonstra que sua própria trajetória se alinhava a esses ideais, reforçando a integração entre fé e compromisso com sua missão evangelizadora.

No ano de 1962, o início do calendário letivo apresentou desafios importantes para a direção do Irmão Cyrineu, pois a comunidade escolar encontrava-se ainda incompleta em janeiro. O Irmão Fernando Sebastião, um dos membros do corpo docente e administrativo, permaneceu no Rio de Janeiro para realizar um tratamento de saúde, enquanto outros Irmãos se dedicavam a cursos de proficiência, buscando aprimorar suas habilidades e competências para melhor atender aos alunos. Durante esse mês, ocorreram as matrículas e os exames da segunda época, que possibilitaram a adequação do quadro de alunos para o ano letivo.

Em fevereiro, houve a chegada dos Irmãos que ainda estavam ausentes, e iniciaram-se as discussões e os ajustes referentes aos horários das aulas, buscando otimizar a organização do ensino. Vale destacar que, naquele ano, a escola passou a oferecer a 4ª série ginásial, ampliando assim a oferta educacional e dando sequência à formação dos estudantes (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

Em março de 1962, ocorreu a visita do reverendo Irmão Provincial de Mendes – RJ, Irmão Claudino Falchetto¹⁹¹, ao Colégio Marista. A visita foi um momento aguardado e significativo para a comunidade escolar, evidenciando o interesse e o apoio da liderança provincial ao desenvolvimento da instituição em Patos de Minas, além de reforçar a importância do colégio dentro da missão educacional da Congregação Marista (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

A relevância desse tipo de visita relaciona-se diretamente com os preceitos deixados por Champagnat, que, como observa Ferrarini (2022, p. 34), sobre o fundador: “tomava muito cuidado com a vida e o relacionamento entre os Irmãos e destes com as crianças. Para zelar pela moralidade, estabelecia normas e confiava ao pároco acompanhar a vida dos Irmãos”. Nesse sentido, a presença do Irmão Provincial não apenas simbolizava a atenção da Congregação, mas também reforçava o acompanhamento da vida comunitária e pedagógica da escola, alinhando a prática local aos princípios maristas.

Sem registro de uma data¹⁹² precisa, a casa também recebeu outra visita importante: Dom José André Coimbra hospedou-se na instituição para escapar de um momento de

¹⁹¹ Importante destacar, para conhecimento, que nos dias atuais Irmão Claudino Falchetto, continua a contribuir para a missão marista, participando de atividades formativas e espirituais, como encontros de fraternidade e retiros. Sua dedicação à formação humana e espiritual dos membros da Congregação permanece uma marca de sua trajetória.

¹⁹² Sabe-se apenas que foi depois de março e antes de novembro de 1962.

instabilidade causado por rumores e boatos, referidos como “movimento de falácias”¹⁹³, (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008), demonstrando a confiança e o papel de refúgio que o colégio exercia para pessoas ligadas à Igreja. França (2025), ex-aluno dessa época, relata que eram frequentes as visitas de Dom José André ao colégio e lembra que ele era uma pessoa muito carismática.

Em 30 de novembro de 1962, ocorreu um fato de grande relevância para a história do colégio: Monsenhor Manoel Fleury Curado e Dr. João Borges foram agraciados com o diploma de “Benfeitores dos Maristas”. A fotografia tirada após o almoço oferecido a ambos — Figura 97 — traz, na primeira fila (da esquerda para a direita): Irmão Cyrineu Alvarenga (diretor do colégio), Monsenhor Fleury, Dr. João Borges e sua filha Lina Maria, que está com o Irmão Fernando Sebastião atrás de si. Na segunda fila (da esquerda para a direita): Irmão Norberto Francisco e Irmão Jorge Ernesto.

Figura 97 – Benfeitores dos Maristas diplomados: Monsenhor Fleury e Dr. João Borges (1962)



Fonte: Colégio Marista de Patos de Minas (2008, p. 40).

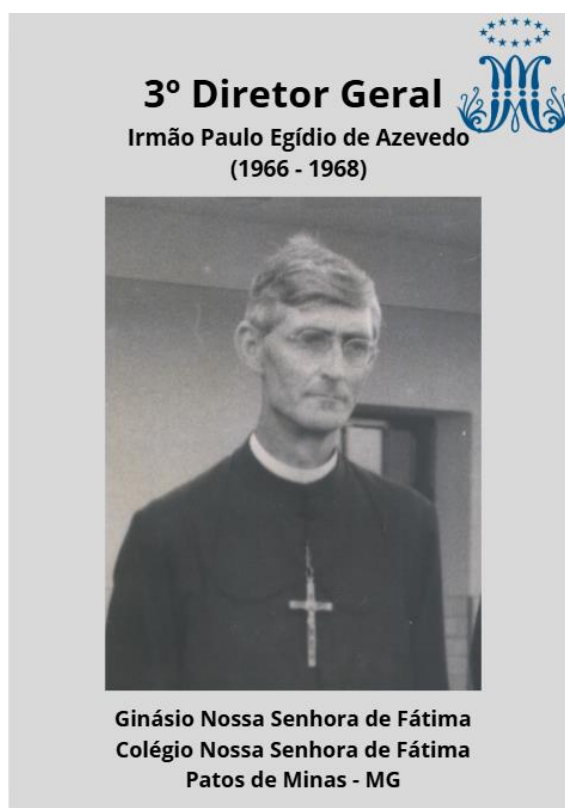
¹⁹³ A visita de Dom José à instituição, durante a qual ele se hospedou no colégio, ocorreu em um momento de turbulência local caracterizado por rumores e desinformações, denominados nos registros como “movimento de falácias”. Esse período de instabilidade pode estar relacionado a conflitos políticos, sociais ou eclesiásticos que geraram insegurança, levando Dom José a buscar refúgio temporário no ambiente protegido e respeitado da instituição educacional. Infelizmente, os documentos disponíveis não detalham com precisão a natureza exata desses acontecimentos, o que limita uma análise mais aprofundada do contexto.

A passagem desses dois benfeitores consagrados, Monsenhor Fleury e Dr. João Borges, pelo Colégio Marista de Patos de Minas em 1962, evidencia não apenas o respeito e a estima da instituição por essas personalidades, mas também a prática concreta dos valores defendidos por Champagnat, que afirmava: “a gratidão é um ato de amor” (Landry, 2016, p. 273).

Nesse sentido, a direção do colégio seguia o princípio de que “o amor que todos os Irmãos se devem, deve ser um amor efetivo, que consista em prestar-se serviço em toda ocasião” (Landry, 2016, p. 250). Assim, o acolhimento e o reconhecimento demonstrados aos benfeitores refletem a ética da gratidão e do serviço, fundamentos da pedagogia marista.

Em janeiro de 1966, foi nomeado novo diretor-geral (Figura 98), retornando ao cargo o Irmão Paulo Egídio de Azevedo para um novo mandato (1966–1968).

Figura 98 – 3º Diretor Geral Irmão Paulo Egídio de Azevedo



Fonte: Acervo do CEM-BH (década de 1950).

O Irmão Paulo Egídio veio substituir o Irmão Cyrineu Alvarenga, que renunciou ao cargo e desligou-se da Congregação Marista. Segundo um dos ex-alunos entrevistados, a razão teria sido seu casamento com uma cidadã patense. Ainda, ressalta que, “quando abandonou a batina, acredito que tenha voltado para sua terra natal, que é Machado, MG” (França, 2025).

No primeiro ano de sua nova gestão, em 1966, o Irmão Paulo Egídio de Azevedo trabalhou com uma equipe da comunidade religiosa composta por: Irmão Fernando Sebastião, Irmão Domingos Casagrande, Irmão Antônio Gonçalves Pereira e Irmão Inocêncio Maria. Juntos, foram responsáveis pela condução das atividades acadêmicas e administrativas da instituição (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

O ano letivo iniciou-se de forma intensa e organizada. O “Curso de Admissão” começou a partir de 3 de janeiro; em 1º de fevereiro, iniciaram-se os exames da segunda etapa, bem como os exames de admissão. As aulas tiveram início oficial em 1º de março, ocasião em que, devido ao expressivo número de matrículas, foi necessário duplicar as turmas das primeiras e segundas séries. Pela manhã, passaram a funcionar cinco classes — 4ª, 3ª, 2ª e 1ª séries, além do curso de admissão —, enquanto à tarde ficaram concentradas as turmas da 1ª série. O corpo docente manteve-se predominantemente formado por religiosos, contando apenas com um professor civil, o Sr. Antônio Brito (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

A gestão do Irmão Paulo Egídio destacou-se pela busca de inovações e pela ampliação da oferta educacional. Ainda no início do ano, foram iniciados os trâmites para a criação do curso ginásial noturno, medida que visava atender a uma demanda crescente da comunidade local. Após consultas e articulações, decidiu-se também pela aceitação da primeira aluna, o que representou a inclusão do sexo feminino entre os discentes. Por meio de um radiograma¹⁹⁴ da Prefeitura Municipal de Patos de Minas, foi solicitada a autorização ao Provincial Irmão Affonso Ângelo Falqueto¹⁹⁵.

Para melhorar o uso das instalações e a organização pedagógica, o diretor propôs concentrar todas as aulas diurnas no período da manhã, o que implicou ajustes nos horários e na distribuição das disciplinas.

No dia 24 de março de 1966, realizaram-se os exames de admissão para o curso ginásial noturno, com a participação de 70 candidatos (sexo feminino e masculino), resultando na criação de três turmas de 1º ginásial e uma turma de 2º ginásial noturno. O ano também foi marcado por uma iniciativa voltada à integração escolar e comunitária: a inauguração da Livraria, Papelaria e Sapataria F.T.D., administrada pelos Irmãos Maristas, que passou a

¹⁹⁴ Na década de 1960, o radiograma era um meio oficial de comunicação escrita, transmitida por rádio ou telégrafo, utilizado por instituições públicas e privadas para o envio de mensagens administrativas e de serviço a longas distâncias, antes da popularização do telefone. O radiograma começou a cair em desuso no Brasil a partir da década de 1970, com a expansão do telefone fixo e, mais tarde, do fax. No entanto, ainda foi utilizado em ambientes oficiais, como prefeituras, forças armadas e órgãos públicos, até pelo menos os anos 1980 e início da década de 1990, especialmente em regiões onde a telefonia não estava plenamente instalada.

¹⁹⁵ O Irmão Affonso Ângelo Falqueto foi provincial na antiga Província Marista de Mendes, no estado do Rio de Janeiro, entre 1965 e 1968 (Irmão Claudino Falchetto, 2024).

fornecer materiais escolares e calçados para o colégio, fortalecendo o vínculo com a população local e contribuindo para a sustentabilidade financeira da instituição.

Em 1967, no início do ano letivo, ocorreu a transição do Ginásio Nossa Senhora de Fátima para o Colégio Nossa Senhora de Fátima, o que marcou o amadurecimento institucional e a consolidação da missão marista em Patos de Minas. O processo teve início com a autorização do segundo ciclo, em 1967, pelo Ato nº 01/67, de 20 de janeiro, posteriormente reconhecido pela Resolução nº 134/71, integrando a escola à Rede Estadual de Ensino. A UBEE manteve-se como entidade mantenedora (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

Neste ano, o Irmão Paulo Egídio mantinha-se na Direção Geral do colégio, tendo como seus auxiliares: Irmão Gabriel Maria, Irmão Inocêncio Maria e Irmão Ademar de Souza. A atuação desses educadores foi fundamental para manter o padrão de excelência que a instituição vinha construindo desde sua fundação. A dedicação dos Irmãos refletia diretamente na qualidade do ensino e no clima pedagógico do colégio (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

Como em todos os anos, as atividades letivas iniciaram-se com os exames de admissão, realizados em janeiro. No mês seguinte, o colégio aplicou, pela primeira vez, os exames de segunda época, tanto para o ginásio quanto para os alunos novatos. A grande afluência de candidatos evidenciava o quanto a instituição já se consolidara como referência em Patos de Minas. O aumento da demanda resultou em crescimento expressivo das matrículas, que, em 1967, atingiram níveis surpreendentes para a época (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008). Ressalte-se, contudo, que os registros oficiais do período entre 1963 e 1972, incluindo os livros de matrícula, não foram preservados, o que limita o acesso a informações mais detalhadas.

Para o Diretor Irmão Paulo Egídio, a situação representou um desafio, mas sua experiência adquirida na primeira gestão permitiu-lhe conduzir o processo com segurança. Sua principal medida foi reorganizar o ensino ginasial, criando múltiplas turmas: no período diurno, duas para cada série do 1º ao 3º ginasial, além de um 4º ano regular; no período noturno, três turmas do 1º e 2º ginasial, uma do 3º e outra do 4º. Esse arranjo refletia, ao mesmo tempo, a popularidade da instituição e o esforço administrativo em manter a qualidade pedagógica diante da crescente demanda (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

A resposta à expansão evidenciava a capacidade de gestão do Irmão Paulo Egídio e a seriedade do trabalho dos educadores maristas. O fato de todas as turmas serem numerosas demonstrava o prestígio conquistado pela escola junto à comunidade desde seus primeiros anos (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

Mais do que atender a uma necessidade educacional imediata, o colégio consolidava-se como referência de ensino de qualidade na região. O crescimento das matrículas e a ampliação das turmas sinalizavam uma tendência mais ampla da história da educação: a valorização de uma formação sólida e socialmente reconhecida, num contexto de expansão do acesso à escolaridade. Esse movimento teve especial ressonância nas escolas confessionais, que buscavam reafirmar seu papel central na formação moral e intelectual das novas gerações.

Nas décadas de 1960 e 1970, o ensino confessional — tanto na esfera privada quanto na rede pública — assumiu papel de destaque renovado no cenário educacional brasileiro. Essa relevância pode ser observada na própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961 (Lei nº 4.024/1961), que regulamentou o ensino religioso nas escolas públicas, condicionado ao princípio da Constituição Federal de 1946, segundo a qual deveria ocorrer “sem ônus para os cofres públicos” (Brasil, 1946; CNBB, 2007).

Posteriormente, a LDB de 1971 (Lei nº 5.692/1971) incorporou o ensino religioso aos horários regulares, vinculando-o às disciplinas de Educação Moral e Cívica. A mudança refletia a lógica do regime militar, que buscava fortalecer mecanismos de formação cívico-moral e padronização ideológica. Apesar de inserido no currículo, o ensino religioso manteve-se de caráter facultativo, sendo garantido ao aluno o direito de opção no ato da matrícula (CNBB, 2007).

No setor privado, ao qual pertencia o Colégio Marista — exemplo das instituições confessionais católicas —, o ensino religioso era um elemento central da identidade escolar, com importância estratégica não apenas na educação formal, mas também na formação moral e religiosa das elites locais (CNBB, 2023).

Pode-se considerar, portanto, que o ano de 1967 no Colégio Marista de Patos de Minas representou um marco de grandes transformações e avanços. A instituição mostrou-se pronta para enfrentar os desafios do crescimento, sem abrir mão da qualidade, consolidando-se como espaço de formação que alia tradição, inovação e compromisso social. Esse ano marca, portanto, uma etapa importante na história do colégio, cuja repercussão certamente influenciou os anos seguintes, preparando o terreno para novas conquistas.

No ano letivo de 1968, na Província de Mendes-RJ, o Irmão Affonso Ângelo Falqueto deixou o cargo de Provincial, sendo sucedido pelo Irmão Gobriano Maria¹⁹⁶. A Direção Geral do colégio continuava sob a liderança do Irmão Paulo Egídio de Azevedo, auxiliado pelos Irmãos Wagner de Melo Ribeiro, Gláucio Puttini, Ildefonso Pio e Inocência Maria. Essa equipe

¹⁹⁶ Irmão Gobriano Maria, que foi o primeiro Provincial da Província Marista do Rio de Janeiro, volta a ser provincial em 1968, na qual fica até 1971 (Irmão Claudino Falchetto, 2024).

refletia não apenas a composição administrativa da escola, mas também uma cultura organizacional pautada pelo espírito comunitário, tão valorizado por Champagnat.

Champagnat descreve que há dois tipos de Irmão: aquele que possui sentimento de pertença à comunidade, como “o filho da casa”, e, em contraste, o “Irmão funcionário”, que não se integra afetivamente à vida da instituição (Landry, 2016, p. 60). No Colégio Marista, esse ideal se concretizava de forma prática: cada membro da comunidade escolar se sentia, de fato, um “filho da casa” e, como tal, “considera aqueles com quem vive como seus irmãos e como seus amigos. Sempre ocupado para ajudar, colaborar e prestar serviço. Em toda parte, ele os ajuda, defende, escusa [perdoa] e encobre seus defeitos” (Landry, 2016, p. 60).

Diante desse contexto, pode-se compreender que a gestão do Irmão Paulo Egídio exemplificava esse princípio: sua liderança não se limitava à administração formal, mas envolvia engajamento direto, cuidado com os colegas e incentivo à colaboração entre educadores e alunos. Essa orientação comunitária fortalecia o clima escolar, promovia a coesão da equipe e contribuía para a eficiência das decisões pedagógicas e organizacionais, evidenciando como a filosofia de Champagnat se traduzia em práticas concretas no cotidiano do colégio.

No início das aulas, a Direção enfrentava o mesmo desafio de todos os anos: o crescimento das matrículas. Sentiam-se satisfeitos, porém, muitas decisões precisavam ser tomadas de forma imediata. A primeira delas ocorreu no dia 4 de março de 1968, data do início das aulas. Foi implantado no colégio um esquema inovador: um turno matutino (7h30 às 11h), um turno vespertino (12h30 às 16h) e o tradicional curso noturno (19h15 às 22h). Além disso, o curso de admissão foi oferecido ao longo de todo o ano, preparando novos alunos para ingressar no ginásio. O número de matrículas chegou a 1.272 estudantes naquele ano — um dado expressivo para a época, considerando que a equipe contava com apenas quatro Irmãos e alguns professores civis.

No dia 20 de maio, um evento de grande repercussão movimentou Patos de Minas: a inauguração da Faculdade de Filosofia¹⁹⁷. O feito representou um anseio antigo da população patense, conquistado com empenho e muita luta da comunidade local, na qual se destaca o

¹⁹⁷ O artigo “*A gênese e a consolidação do UNIPAM*”, do site EFECADPATOS, apresenta o processo de criação e desenvolvimento da FEPAM, instituição que, posteriormente, se transformaria no Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM). Fundada em 1968, a instituição foi resultado dos esforços da comunidade local — incluindo estudantes e líderes políticos — que buscavam viabilizar uma instituição de ensino superior para a região do Alto Paranaíba. Cf. EFECADPATOS (ed.). **A gênese e a consolidação do Unipan**. 2019. Eitel T. Dannemann. Disponível em: <https://efecadepatos.com.br/?p=31017>. Acesso em: 2 dez. 2025.

Colégio Marista e seus dirigentes. O acontecimento foi considerado um marco para a consolidação da educação superior na cidade (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

Desde que o colégio iniciou suas atividades em Patos de Minas, foi suprida uma demanda importante: a oferta de uma educação confessional no município. No entanto, como relembra o Irmão Claudino Falchetto, havia outra preocupação na comunidade local: a continuidade dos estudos em nível superior. Segundo ele, os “pais que possuíam orçamento suficiente realizavam o sonho dos cursos superiores para seus filhos”. Enfatiza ainda que os meninos “eram encaminhados para os centros onde havia faculdades, inclusive para Rio de Janeiro, São Paulo, Uberaba...” (Falchetto, 2024).

Por esse motivo, a direção do Colégio Marista, desde sua fundação, demonstrava preocupação com o ensino superior e, nesse sentido, atuou de forma decisiva na articulação do projeto de criação da Faculdade de Filosofia, mantida pela Fundação Universitária de Patos de Minas (FEPAM). Inclusive, no período que antecedeu a inauguração, o Irmão Paulo Egídio foi um importante colaborador para que esse momento se concretizasse.

Naquela época, a direção do colégio participava ativamente de campanhas de divulgação e mobilização. Um exemplo foi a viagem realizada em 26 de dezembro pelo Irmão Paulo Egídio de Azevedo, acompanhado do bispo diocesano e de outras personalidades, passando por diversas cidades da região mineira, como Lagamar, Vazante, Coromandel, Monte Carmelo, Paracatu e João Pinheiro, a fim de promover a recém-criada Universidade do Alto Paranaíba e angariar apoio financeiro (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

Outro fato importante, resultado do empenho da Direção do Colégio, foi o oferecimento de cursinho preparatório para o vestibular da Faculdade de Filosofia, iniciado em 16 de agosto no próprio Colégio. Entre os docentes do cursinho estavam o Irmão Wagner (Literatura), o Irmão Paulo Egídio (Francês), o professor José Secundino (Matemática) e o Irmão Pio Alves da Silva (Inglês), enquanto as disciplinas de História e Geografia foram estudadas de forma autônoma pelos próprios candidatos.

A aula inaugural da Universidade, em 24 de agosto, foi ministrada pelo Dr. Délio Borges Fonseca, que abordou um tema altamente relevante para a Igreja na época: o controle da natalidade, fundamentado na encíclica *Humanae Vitae* (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008, p. x).

Naquele ano, 1969, a Faculdade ainda não possuía aprovação oficial do órgão regulador competente. Por essa razão, era necessária a disponibilidade de um espaço adequado, com plenas condições de funcionamento, para atender às exigências acadêmicas e administrativas. Somente em 1970, por meio do Parecer n. 19/1970, o Conselho Estadual de

Educação concedeu a autorização legal para o funcionamento da instituição, possibilitando que o ensino superior passasse a operar em conformidade com as exigências legais e pedagógicas vigentes.

Em 15 de novembro de 1968, o Irmão Paulo Egídio liderou uma comissão à cidade de Carmo de Minas, localizada na Microrregião de São Lourenço, no Sul de Minas Gerais, a aproximadamente 400 km de Patos de Minas. Na ocasião, conseguiu, junto à prefeitura local, a doação de três milhões de cruzeiros antigos. Embora os registros não detalhem todos os trâmites da negociação, sabe-se que esse recurso representou um apoio financeiro relevante para os primeiros passos da Universidade, então vinculada à iniciativa marista (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008). A ação evidencia não apenas a capacidade de articulação da Direção junto à comunidade e às autoridades municipais, mas também a visão estratégica da instituição em ampliar seu projeto educacional na região, mobilizando recursos e fortalecendo sua presença institucional.

Por outro lado, 1968 também marcou um momento de perdas significativas para a comunidade escolar e eclesial. No dia 2 de agosto, faleceu o Inspetor Federal Zama Maciel, pessoa de grande relevância para a história do Colégio Marista em Patos de Minas. Como vereador, Zama Maciel foi decisivo para viabilizar a vinda do Colégio à cidade, articulando apoios e recursos que permitiram sua instalação.

Além disso, é importante lembrar que essa comoção no Colégio Marista se deve ao fato de que, em 1959, Zama Maciel assumiu a função de primeiro inspetor, papel fundamental na organização inicial, na supervisão das atividades acadêmicas e na integração da escola à comunidade. Sua morte representou, portanto, uma perda significativa para o Colégio, tanto do ponto de vista institucional quanto comunitário. Sua atuação como inspetor e articulador político foi essencial para a consolidação da escola e sua inserção na vida da cidade.

Mais do que um colaborador dedicado, Zama Maciel deixou um legado de compromisso, competência e visão estratégica, que continuou a influenciar a trajetória do Colégio e a fortalecer a relação entre educação e comunidade eclesial.

Em matéria publicada no *Efecadepatos* sobre a ocasião de sua morte, Dannemann (2014d) descreve que este...

[...] como inspetor de ensino, mantinha sempre atualizado seu conhecimento de Leis, Decretos e outras normas menores atinentes a estabelecimentos de ensino, a Educação e a tudo que lhe diz respeito. Como político, mormente como vereador, seu cabedal de conhecimento a respeito da organização municipalista sempre foi respeitado e acatado. (Dannemann, 2014d)

Essas características evidenciam a importância de Zama Maciel não apenas como gestor e inspetor, mas também como articulador político e defensor da educação local. Sua ampla experiência e profundo conhecimento das normas educacionais e da organização municipal foram determinantes para viabilizar a instalação e o funcionamento do Colégio Marista em Patos de Minas. Assim, seu legado transcende a administração cotidiana: ele contribuiu decisivamente para a construção de uma instituição sólida, reconhecida pela qualidade educacional e pelo engajamento junto à comunidade eclesial e civil.

Outra perda significativa em 1968 ocorreu em 16 de agosto, com o falecimento de Dom José André Coimbra, bispo que mantinha estreita ligação com o Colégio desde sua fundação. A presença de Dom José André na vida do Colégio é lembrada pelo ex-aluno Júlio Macedo, que afirma que “[ele] sempre visitava o colégio. Inclusive, ele foi um incentivador da Banda de Música do Colégio Marista, que fez sucesso na época em toda a região” (França, 2025).

Macedo ressalta ainda suas qualidades pessoais, afirmando que “ele era um homem muito alegre, brincalhão, e tinha um convívio muito bom tanto com os Irmãos como com os alunos da escola”, e enfatiza que “a influência do Colégio na Igreja Católica era grande” (França, 2025).

Segundo a perspectiva de São Marcelino Champagnat, a morte de entes queridos deve ser compreendida à luz da misericórdia do Senhor e da brevidade da vida, lembrando a necessidade de viver cada dia segundo a vontade de Deus e de manter-se centrado na missão (Landry, 2016, p. 178).

A perda de Dom José André, assim como a de Zama Maciel, reforçou na comunidade escolar a consciência sobre a efemeridade da vida e a importância de valorizar os vínculos humanos e espirituais que fortalecem a missão educativa do Colégio, deixando uma marca duradoura tanto na instituição quanto na região.

O ano de 1968 encerrou-se com mudanças na direção: o Irmão Paulo Egídio de Azevedo deixaria o cargo para assumir nova missão, após obter autorização do Superior Geral e da Santa Sé para ser ordenado sacerdote em 1969. Sobre esse fato, descreve um dos ex-alunos entrevistados:

Paulo Egídio esteve na primeira turma e depois voltou tempos depois, mas já não estava mais no colégio. E, me recordo que ele afastou da congregação dos maristas para ser padre. Ele inclusive foi pároco aqui em Patos de Minas, em São Gonçalo do Abaeté e Arapuá. Depois disso não tive notícias mais dele, pois estava bem idoso (França, 2025).

França (2025) destaca um fato que não pode ser deixado de lado: após sua ordenação, Padre Paulo Egídio assumiu o cargo de pároco da Paróquia de Santo Antônio, em Patos de Minas, onde permaneceu de 25 de setembro de 1969 a 8 de janeiro de 1971.

Assim, como Irmão Marista, foi o primeiro diretor do Colégio de Patos de Minas e, como padre, teve sua primeira missão pastoral nessa mesma cidade. Dessa forma, o município não apenas foi palco do início de sua trajetória educativa e espiritual, como também se tornou a comunidade onde se consolidou um vínculo afetivo especial, cultivado ao longo dos anos — reflexo do amor e da dedicação que Padre Paulo Egídio sempre demonstrou por Patos de Minas e sua população.

O 4º Diretor-Geral foi o Irmão José Geraldo Feliciano de Macedo (1969–1971) (Figura 100), homem simples e de grande espiritualidade, que, durante sua gestão, soube valorizar toda a caminhada do Colégio, priorizando a continuidade do processo de crescimento e consolidação da instituição.

Figura 99 – 4º Diretor Geral Irmão José Geraldo Feliciano de Macedo



Fonte: Acervo do CEM-BH (década de 1960).

O triênio da gestão do Irmão José Geraldo, de 1969 a 1971, representou um período de consolidação e novas perspectivas para o Colégio Nossa Senhora de Fátima. A composição da comunidade marista em 1969 incluía, além do diretor, seus auxiliares: Irmão Wagner de

Mello Ribeiro, Irmão Louis Barberet, Irmão Ari Vieira Machado e Irmão Luiz Anselmo (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

A gestão do Irmão José Geraldo, no ano em que a instituição completava 10 anos, revela que, embora existam poucos documentos desse período, os registros dispostos no arquivo do Colégio Marista evidenciam que o interesse da população pelo ingresso na escola manteve-se elevado, alcançando cerca de 200 candidatos no exame de admissão para o curso ginásial. Esse número contrasta com os 50 inscritos no primeiro exame realizado em 1959, representando um crescimento de aproximadamente 300% em uma década (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

As aulas tiveram início em 3 de março, sendo necessário organizar os turnos matutino e noturno, devido à alta demanda. No período da manhã, funcionavam 13 turmas, distribuídas entre as séries ginasiais, o curso científico e o curso de admissão — este último obrigatório para os candidatos que pretendiam ingressar no Ginásio. Já no turno da noite, estavam em atividade 11 turmas, destinadas especialmente ao atendimento de estudantes trabalhadores, o que evidencia a preocupação da instituição em oferecer oportunidades a diferentes perfis de alunos. Essa estrutura montada pela Direção demonstra não apenas a amplitude do atendimento educacional, mas também a diversidade de modalidades oferecidas, refletindo a relevância do Colégio como centro de formação acadêmica em Patos de Minas e região (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

A gestão do Irmão José Geraldo Feliciano de Macedo (1969–1971) insere-se em um momento de consolidação do Colégio Marista em Patos de Minas, após sua primeira década de existência. Sua liderança foi marcada pelo equilíbrio entre continuidade e inovação, garantindo a manutenção da disciplina e da qualidade acadêmica, ao mesmo tempo em que buscava ampliar o alcance da instituição junto à comunidade local.

Nesse sentido, é oportuno recordar a orientação de São Marcelino Champagnat, que afirmava: “Para ser justo com aqueles que ele dirige, um Irmão diretor tem necessidade do espírito de sabedoria e de prudência, que é a bússola do bom superior” (Landry, 2016, p. 2822).

Esse princípio, herdado da tradição marista, reflete-se na forma como o Irmão José Geraldo conduziu o Colégio: com firmeza, mas também com a capacidade de escutar e compreender os desafios impostos pela realidade educacional e social do período. Sua prudência na gestão administrativa e pedagógica garantiu estabilidade em um contexto de mudanças no cenário educacional brasileiro, enquanto sua sabedoria na condução das relações com alunos, professores e famílias fortaleceu a confiança da comunidade escolar. Assim, sua

passagem pela Direção contribuiu significativamente para sedimentar o prestígio e a credibilidade do Colégio Marista na cidade e na região.

O Irmão José Geraldo Feliciano de Macedo permaneceu na Direção do Colégio Marista contando com a colaboração dos Irmãos Luiz Anselmo, Walter Godofredo Ude e Nelson da Fonseca. A atuação conjunta desses religiosos expressa o ideal marista de serviço e dedicação, que encontra respaldo nas palavras de São Marcelino Champagnat: “Um Irmão é uma alma predestinada a uma alta virtude” (Landry, 2016, p. 283).

Essa “alta virtude” manifesta-se na forma como cada um contribuiu para a consolidação do Colégio: Luiz Anselmo e Walter Godofredo, envolvidos na vida pedagógica e disciplinar; e Nelson da Fonseca, com atenção especial à formação humana e religiosa dos estudantes. O testemunho de vida desses Irmãos não se limitava à gestão escolar, mas se fazia presente no convívio cotidiano, no exemplo de simplicidade e na proximidade com os alunos — características que marcaram profundamente a identidade marista em Patos de Minas (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

O ano também trouxe um marco importante na organização pedagógica da instituição. O número de turmas passou por uma leve reorganização, permitindo a estruturação do curso ginásial completo. Pela primeira vez, formou-se uma turma de 3ª série ginásial, composta por 15 alunos (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008). Esse avanço representava não apenas a ampliação da oferta de ensino, mas também a consolidação do Colégio como referência educacional na cidade e na região, evidenciando a confiança crescente das famílias na proposta marista de educação.

No Colégio Marista, o cursinho iniciado em 1969 representou uma iniciativa relevante, pois muitos estudantes da própria escola demonstravam interesse em prestar vestibular e ingressar no ensino superior. Nesse mesmo contexto, a Faculdade encontrou nas dependências do Colégio Marista o espaço necessário para iniciar suas atividades. Conforme aponta Dannemann (2019): “o prédio do Colégio Nossa Senhora de Fátima, cedido para o funcionamento da faculdade, foi, através do estudo da documentação apresentada, considerado em excelentes condições” para abrigar a nova instituição.

O gesto solidário da Direção do Colégio simbolizou a contribuição da Congregação não apenas para a educação básica, mas também para o ensino superior em Patos de Minas, fortalecendo a vocação do município como polo regional de formação acadêmica. As atividades da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras tiveram início em 16 de maio de 1970, com a oferta de cinco cursos — Letras, Pedagogia, História, Ciências Biológicas e Matemática —,

instalando-se provisoriamente nas dependências do Colégio Marista, que cedeu suas instalações de forma gratuita.

A consolidação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, seja no espaço cedido pelo Colégio ou posteriormente em sede própria, marcou um passo decisivo na expansão educacional de Patos de Minas. A Figura 100 apresenta uma fotografia da instituição já em sua sede definitiva, registrada na década de 1970. A imagem ilustra o novo espaço acadêmico que, a partir daquele período, passou a integrar de forma permanente o cenário educacional da cidade, simbolizando o fortalecimento do ensino superior local.

A mudança para o prédio próprio ocorreu apenas em 1975, de modo que a Faculdade permaneceu nas dependências do Colégio Marista até esse ano (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

Figura 100 – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras na década de 1970



Fonte: Dannemann (2019).

Em 1970, o Irmão José Geraldo Feliciano de Macedo foi nomeado diretor da recém-criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Essa nomeação ocorreu por deliberação do Conselho Curador, cujo presidente era o professor Durval Antônio Pereira, e o diretor executivo, o reverendo Oadi Salum (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008; Dannemann, 2013e).

O papel de Durval Antônio Pereira como presidente do Conselho Curador foi fundamental: professor da UFMG e escolhido para liderar a Fundação, ele coordenava os esforços de articulação institucional, preparação documental e formação do corpo docente, culminando na autorização da Faculdade em 1970. Já o reverendo Oadi Salum, como diretor

executivo, era responsável pela operacionalização administrativa da nova instituição. Nesse cenário, o Irmão José Geraldo assumiu a direção acadêmica da Faculdade, agregando à sua experiência marista uma atuação decisiva nos primeiros passos do ensino superior em Patos de Minas (Dannemann, 2013e).

No último ano de sua gestão à frente do Colégio Marista de Patos de Minas, a comunidade marista foi ampliada para atender à crescente demanda escolar. Nesse período, o diretor contou com o apoio dos Irmãos Abílio José de Aguiar, Luiz Anselmo, Walter Godofredo Ude e José de Souza. A administração da instituição foi organizada de forma colegiada, com funções cuidadosamente distribuídas entre os membros, abrangendo desde a direção e vice-direção até a secretaria, economia, manutenção, gestão de pessoal e docência. Também lhes cabia a responsabilidade por disciplinas específicas, como a de Educação Moral e Cívica no curso colegial, evidenciando a amplitude do trabalho partilhado pela comunidade religiosa no âmbito pedagógico e administrativo (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

A distribuição das turmas em 1971 refletia a continuidade do processo de expansão escolar. No turno diurno, funcionavam classes de admissão, todas as séries do ginásio (da 1ª à 4ª) e o 1º colegial. Já no período noturno, ofereciam-se turmas do ginásio e do colegial, mas sem o curso de admissão. Essa configuração revelava o empenho da gestão em responder às crescentes demandas educacionais de Patos de Minas, preservando a tradição marista de organização e excelência no ensino (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

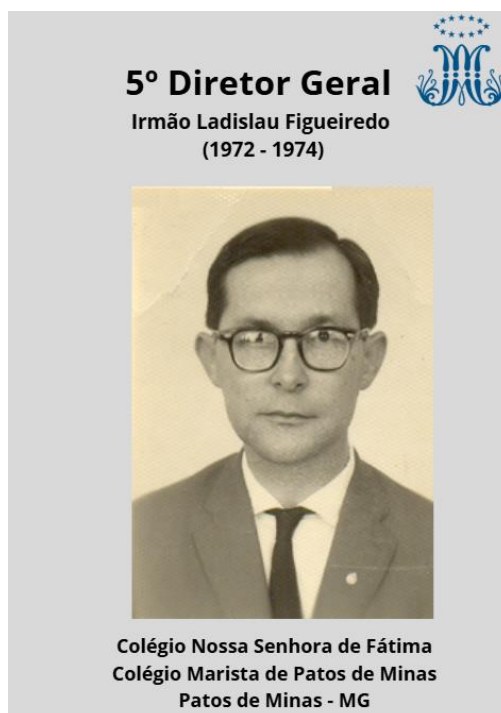
Nesse ano, a gestão do Irmão José Geraldo, com o apoio dos Irmãos Abílio José de Aguiar, Luiz Anselmo, Walter Godofredo Ude e José de Souza, destacou-se pelo equilíbrio entre administração rigorosa e cuidado educativo. Essa prática reflete a posição de São Marcelino Champagnat, que, embora não sistematizada por um único autor, foi desenvolvida por meio da integração de diversas influências pedagógicas, as quais ele soube adaptar à sua missão educativa (Furett, 1999; Landry, 2016; Boschilia, 2018; Cecatto, 2021).

Essa síntese resultou em uma pedagogia que valoriza tanto a disciplina quanto o afeto, formando educadores e estudantes comprometidos com valores cristãos e sociais.

Durante sua liderança, o Colégio enfrentou o desafio do crescimento contínuo do número de alunos e da diversificação das turmas. O espírito marista de Champagnat pode ser identificado na atuação desses Irmãos: “Um Irmão é o substituto dos pais e das mães” e “Um Irmão é um homem que passa sobre a terra fazendo o bem” (Landry, 2016, p. 283). Essas expressões traduzem a dedicação e a atenção personalizada que os Irmãos dedicavam aos estudantes, não apenas na transmissão do conhecimento, mas também na formação moral, religiosa e social, consolidando o Colégio como referência educacional na cidade.

No final de 1971, na Província de Mendes-RJ, o Irmão Gobriano Maria deixou o cargo de Provincial, sendo substituído pelo Irmão Luiz Silveira, que assumiu no início de 1972 (Falquetto, 1991, p. 47). Nesse mesmo ano, também houve mudança na Direção do Colégio Marista em Patos de Minas: o Irmão José Geraldo Feliciano de Macedo deixou o cargo de diretor, sendo sucedido pelo 5º Diretor-Geral, o Irmão Ladislau Figueiredo (1972–1974). (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

Figura 101 - 5º Diretor Geral Irmão Ladislau Figueiredo



Fonte: Acervo do CEM-BH (década de 1970)

De modo geral, a liderança de um Irmão Marista reflete o ideal de Champagnat, segundo o qual “Um Irmão é um semeador do Evangelho” e “Um Irmão é uma alma sobre a qual Deus tem desígnios particulares de misericórdia” (Landry, 2016, p. 283). Sob sua direção, a instituição não apenas manteve a qualidade do ensino, mas também aprofundou o compromisso com a formação integral dos alunos, reforçando o caráter espiritual e comunitário do Colégio, sempre atenta às necessidades da comunidade escolar e aos desígnios educativos e morais que a tradição marista propõe.

O período de 1972 a 1974, sob a direção do Irmão Ladislau Figueiredo, foi marcado por mudanças institucionais significativas e pelo fortalecimento da presença do Colégio na comunidade patense. Embora não haja registros documentais específicos referentes a 1972, os anos subsequentes revelam uma gestão voltada tanto para a modernização pedagógica quanto

para a ampliação das atividades culturais e esportivas (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008). O Irmão Ladislau faleceu em 10 de maio de 2013 (PMBCN, 2024).

A postura do Diretor-Geral Irmão Ladislau refletia fielmente o espírito marista: “Um Irmão que vive segundo sua regra vive segundo seus votos” (Landry, 2016, p. 283). Essa orientação se traduziu em uma administração pautada pelo rigor, pela coerência entre princípios e prática educativa, e pelo cuidado atento com o desenvolvimento integral dos alunos. Sua liderança buscou não apenas manter a disciplina e a qualidade acadêmica, mas também consolidar um ambiente escolar estruturado, moralmente fundamentado e atento às necessidades da comunidade escolar, reforçando a missão formativa e espiritual do Colégio.

Em 1973, a mudança de denominação do Colégio Nossa Senhora de Fátima para “Colégio Marista” foi oficializada por decisão da UBEE, posteriormente ratificada pela Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais (SEE/MG). O processo teve início em 28 de março de 1973 e foi formalizado pela Resolução nº 296/1973, publicada em 20 de outubro do mesmo ano (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

Nesse mesmo ano, o número de matrículas cresceu de 630 (em 1972) para 850, com previsão de ultrapassar mil alunos em 1974. A instituição implantou novos cursos profissionalizantes de 2º grau, em Eletrônica e Laboratórios Médicos, alinhando-se à Reforma do Ensino decretada pelo governo federal. Graças ao apoio financeiro da Administração Provincial, foi possível adquirir os equipamentos necessários, inaugurados com a presença de autoridades locais (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

O ano de 1974 confirmou as boas expectativas, registrando expressivo aumento no número de alunos, que atingiu 1.080 matrículas. O encerramento do ano letivo ocorreu em 23 de novembro, com a formatura do 3º colegial — última turma formada antes da implementação do novo sistema de ensino —, seguida pela colação de grau da 8ª série do curso noturno.

Percebe-se que a gestão de 1972–1974, conduzida pelo Irmão Ladislau Figueiredo, não foi marcada por rupturas radicais, mas por um processo gradual de fortalecimento institucional. A mudança de nome consolidou a identidade marista, enquanto a ampliação de cursos e a diversificação de atividades contribuíram para ampliar o alcance e a visibilidade da escola na cidade. O equilíbrio entre tradição e inovação caracterizou esse ciclo, garantindo continuidade ao trabalho iniciado em gestões anteriores e preparando o Colégio para novos desafios.

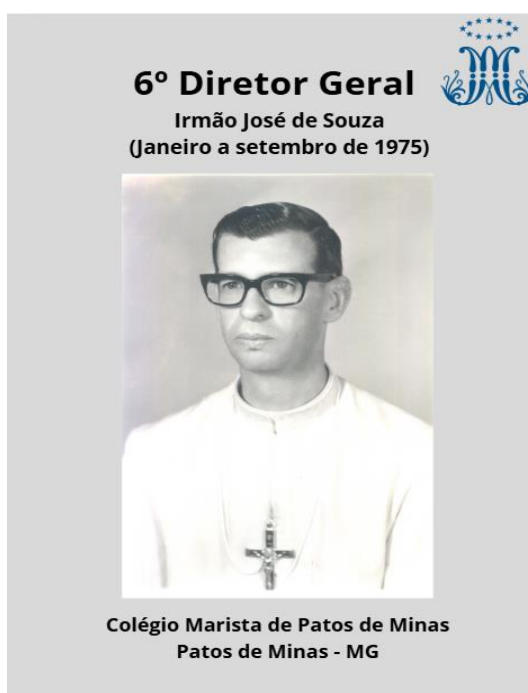
Um fato importante ocorrido em dezembro de 1974 para a Congregação Marista foi o III Capítulo Provincial Marista, evento significativo na estrutura organizacional da PMB. Durante esse encontro, o Irmão Ladislau Figueiredo foi transferido para a cidade de Montes

Claros, em Minas Gerais, onde assumiu responsabilidades apostólicas e educacionais. Sua gestão deixou como legado a consolidação da nova identidade institucional, o fortalecimento do ensino técnico-profissionalizante e a intensificação das relações entre escola e comunidade, garantindo ao Colégio Marista um papel de destaque no cenário educacional e cultural da cidade (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

Esse movimento reflete a dinâmica interna da Província, que, por meio dos Capítulos Provinciais, define diretrizes, avalia atividades e realiza redistribuições de missionários conforme as necessidades e prioridades estabelecidas coletivamente.

Em janeiro de 1975, o Irmão José de Souza (Figura 102) assumiu a direção do atual Colégio Marista Patos de Minas. Sua gestão, que se estendeu até setembro do mesmo ano, foi interrompida por questões de saúde, conforme registrado em documentos da instituição.

Figura 102 – 6º Diretor Geral Irmão José de Souza



Fonte: Acervo do CEM-BH (década de 1970).

O ano de 1975 iniciou-se com uma comunidade religiosa composta pelos Irmãos José de Souza (diretor), Abílio José de Aguiar, Joel Elias Giacomini, Walter Godofredo Ude e José Gregório. Esse ano foi desafiador para a comunidade, que enfrentava — como ocorria em vários colégios do Brasil — a escassez de Irmãos disponíveis para atuar nas unidades de ensino, o que exigia maior dedicação e esforço daqueles presentes para manter a qualidade do ensino, o cuidado educativo e a formação integral dos estudantes.

Essa limitação de pessoal representava não apenas um desafio operacional, mas também um teste à coesão comunitária e à capacidade de adaptação da missão marista. Era necessário reorganizar funções e responsabilidades, garantindo que os princípios de Marcelino Champagnat — disciplina, presença educativa e espírito de família — continuassem vivos nos colégios, mesmo diante da redução dos recursos humanos. Tais limitações também afetavam as sedes provinciais em todo o país (Cecatto, 2021). O processo de matrículas, iniciado em 30 de dezembro do ano anterior, manteve-se com boa adesão discente, denotando estabilidade na demanda pelo ensino oferecido.

No início do período letivo, novos profissionais foram incorporados ao corpo docente e pedagógico do agora denominado Colégio Marista. A professora Marluce Martins assumiu a coordenação do Serviço de Orientação Educacional (SOE), enquanto a Irmã Carmem Julieta Rodrigues passou a atuar no Serviço de Orientação Pedagógica (SOP), em colaboração com a professora Marluce. O Serviço de Orientação Religiosa (SOR) permaneceu sob responsabilidade do Irmão Joel, com o apoio da Irmã Carmem.

Essa estrutura consolidou três departamentos essenciais, que passaram a atuar de forma integrada e eficiente, refletindo o compromisso da instituição com a formação integral dos alunos (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

O primeiro semestre de 1975 também marcou a última utilização das instalações do Colégio pela faculdade local, que inaugurou sua sede própria em 28 de maio daquele ano, em evento prestigiado pelo governador do Estado, Dr. Aureliano Chaves. Nesse período, o Colégio recebeu a visita de diversos membros da Congregação Marista, que acompanharam e avaliaram o funcionamento da instituição, reafirmando o compromisso da Congregação com a qualidade pedagógica e administrativa (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

Entre os dias 5 e 7 de maio de 1975, realizou-se uma reunião do Conselho Provincial, durante a qual foram analisadas diversas questões institucionais, com destaque para deficiências nos setores religioso e catequético, bem como aspectos financeiros e estruturais da escola. Esse processo avaliativo revelou uma rotina intensa de encontros, inspeções e acompanhamento administrativo, culminando na elaboração de relatórios voltados à orientação de ajustes internos e ao fortalecimento da qualidade pedagógica e organizacional do Colégio (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

Em setembro do mesmo ano, o Irmão José de Souza afastou-se temporariamente para tratamento de saúde, sendo substituído pelo Irmão Gentil Paganotto (Figura 103). Tomando como base a biografia escrita pelo próprio Irmão Gentil Paganotto, ele nasceu em 11 de agosto de 1931, em Castelo, Espírito Santo, filho de José Paganotto e Brasilísia Rosalina Bolsanello,

em uma família com quatro filhos. Cresceu em ambiente religioso, influenciado pelo compromisso de seus pais e de sua avó com a fé.

Aos 14 anos, teve seu primeiro contato com os Irmãos Maristas, por meio de uma visita do Irmão Sulpício José, que o convidou para estudar em Mendes, no estado do Rio de Janeiro. Inicialmente atraído pela ideia de se tornar piloto de avião, aceitou o convite e iniciou sua caminhada vocacional.

Contudo, foi guiado pela vocação religiosa e, durante um retiro realizado antes do noviciado, decidiu tornar-se Irmão Marista — apesar da resistência inicial de sua família, que resultou em anos de silêncio doloroso. Com o tempo, houve reconciliações e pedidos de perdão, restaurando os laços familiares (Paganotto, 2017, p. 65–67).

Figura 103 – 7º Diretor Geral Irmão Gentil Paganotto



Fonte: Acervo do CEM-BH (década de 1970).

De acordo com o Irmão Gentil, após o Noviciado e o Escolasticado, iniciou sua trajetória docente no Colégio Nossa Senhora do Carmo, em São Paulo, e, posteriormente, no Colégio Marista de Uberaba (1959), onde participou de projetos educativos inovadores, como cursos noturnos de alfabetização de adultos.

Em 1960, foi transferido para Vila Velha – ES, onde permaneceu até 1969. Nesse período, também lecionou na Universidade Federal do Espírito Santo, sendo reconhecido por seu desempenho acadêmico. Em 1970, a pedido do Irmão Gobriano Maria, então Provincial,

assumiu a direção do Colégio São José, no Rio de Janeiro, e também a condução da Escola de Lideranças. Em 1975, assumiu a direção do Colégio Marista de Patos de Minas – MG (Paganotto, 2017, p. 65–67).

Nas palavras de Gentil Paganotto:

Em 1975 fui assumir a direção do Colégio de Patos de Minas – MG, a fim de encerrar suas atividades no final do ano, pois a direção da obra não estava bem e sentia muitas dificuldades com os professores e alunos. Feitos os devidos acordos, entreguei o colégio a Dom Jorge Escarso, bispo diocesano (Paganotto, 20, p. 67).

Em 17 de novembro de 1975, o Irmão Laudecir¹⁹⁸, então responsável pela PMBCN, visitou o Colégio Marista de Patos de Minas. Durante essa visita, foram reavaliadas questões patrimoniais, especialmente aquelas relacionadas a um terreno anteriormente loteado.

Após diálogo com o bispo diocesano, decidiu-se, no âmbito do Conselho Provincial, pela retirada provisória dos Irmãos e pela transferência da administração do Colégio para a Mitra Diocesana de Patos de Minas. A decisão foi oficialmente anunciada em 21 de novembro de 1975, com previsão de saída da comunidade marista a partir de janeiro de 1976.

A gestão do Irmão Gentil coincidiu com um período de profundas redefinições institucionais. Durante o mês de novembro, ele participou ativamente de reuniões do Conselho Provincial, enquanto a presença de membros da Congregação Superior Marista se intensificava, sinalizando mudanças significativas na organização administrativa, nas práticas pedagógicas e na dinâmica da comunidade escolar — sempre com o objetivo de aprimorar a qualidade educativa e o funcionamento institucional.

Esse anúncio foi resultado da crise vivida pela Instituição Marista naquele momento, marcada pela expressiva redução no número de Irmãos na Congregação a partir da década de 1960, como demonstra o Quadro 11.

Portanto, a decisão de 1975, que resultou na transferência da administração do Colégio Marista de Patos de Minas para a Mitra Diocesana, justifica-se como uma medida tomada pela Província para enfrentar a escassez de recursos humanos na Congregação, situação agravada pela diminuição das vocações religiosas e pelo falecimento de muitos Irmãos na época.

A transferência foi formalizada mediante doação do imóvel e de seus bens à Mitra Diocesana, com cláusula que previa a devolução à UBEE caso houvesse condições para

¹⁹⁸ Em 17 de novembro de 1975, o Irmão Laudecir assumiu a responsabilidade pela PMBCN, cargo que ocupou até 1981.

reassumir a gestão. O processo ocorreu de forma célere e transparente, visando à reorganização da instituição para o ano letivo seguinte (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

Quadro 11 – Estatística do Instituto dos Irmãos Maristas (1947-1976)

ANO	TEMPORÁRIOS	PERPÉTUOS	TOTAL	NOVIÇOS
1947	2859	4297	7156	398
1948	-----	-----	-----	-----
1949	-----	-----	-----	-----
1950	3506	4056	7562	494
1951	-----	-----	-----	-----
1952	-----	-----	-----	-----
1953	4014	4042	8056	426
1954	-----	-----	-----	-----
1955	-----	-----	-----	-----
1956	4624	3846	8470	464
1957	-----	-----	-----	-----
1958	5212	3555	8767	509
1959	-----	-----	-----	-----
1960	-----	-----	9153	-----
1961	-----	-----	9997	-----
1962	-----	-----	-----	-----
1963	-----	-----	-----	-----
1964	-----	-----	9606	-----
1965	-----	-----	9721	-----
1966	6150	3602	9752	469
1967	5873	3831	9704	421
1968	5732	3889	9621	350
1969	5338	4031	9369	252
1970	-----	-----	8552	-----
1971	-----	-----	8254	-----
1972	-----	-----	7966	-----
1973	-----	-----	7740	-----
1974	-----	-----	7583	-----
1975	-----	-----	7329	-----
1976	-----	-----	7225	-----

Fonte: Cecatto (2021, p. 71).

Pode-se ressaltar, portanto, que o ano de 1975 representou um ponto de inflexão na história do Colégio, sendo a gestão do Irmão José de Souza uma continuidade administrativa e pedagógica da anterior, com avanços na organização interna e no fortalecimento dos serviços de orientação. Por sua vez, o período sob a direção do Irmão Gentil Paganotto caracterizou-se pela condução de um processo de transição institucional, marcado por negociações patrimoniais e pela redefinição da vinculação administrativa.

O ano de 1975 dividiu-se, assim, entre a consolidação de práticas internas e a preparação para uma mudança estrutural de grande impacto. Além de sua atuação administrativa, o Irmão Gentil foi reconhecido por sua espiritualidade e dedicação à formação

integral dos alunos, refletindo os valores maristas de fé, fraternidade e serviço. Sua trajetória inspira gerações de educadores e estudantes, consolidando-o como uma referência na educação marista no Brasil (PMBCN, 2025).

5.3 A PRÁTICA PEDAGÓGICA E DISCIPLINAR DO COLÉGIO MARISTA

Como diria Champagnat *“Oh! Como quereria ter a felicidade de ensinar às crianças e de consagrar de maneira mais direta meus cuidados a formá-las para a virtude”* (Landry, 2016, p. 245).

A frase de Champagnat serve como guia para compreender a metodologia do Colégio Marista, que privilegia não apenas a transmissão de conteúdos, mas também a formação integral dos estudantes. Ao longo do período de 1959 a 1975, os princípios maristas orientaram práticas pedagógicas voltadas ao desenvolvimento intelectual, moral e social dos alunos, evidenciando o compromisso da instituição com a formação de cidadãos éticos e responsáveis.

Partindo dessa máxima, para compreender de forma mais ampla a prática pedagógica e disciplinar do Colégio Marista, este tópico intercala duas perspectivas: a do Irmão Claudino Falchetto — educador e profundo conhecedor da gestão pedagógica e disciplinar — e a dos ex-alunos, que vivenciaram cotidianamente as normas e metodologias da instituição.

Ao cruzar essas visões, torna-se possível identificar não apenas a intenção institucional, mas também os efeitos concretos das práticas educacionais no cotidiano escolar.

Dentro desse contexto, o relato de Falchetto (2024) permite compreender que a presença integral de Irmãos Maristas no corpo docente favorecia o bom relacionamento com os alunos e constituía um meio de transmissão cotidiana dos valores e hábitos próprios da Congregação.

A convivência direta entre religiosos e estudantes fazia com que atitudes de respeito, disciplina e espírito comunitário fossem assimiladas mais pela vivência prática do que por discursos formais, configurando um processo de formação moral e espiritual que ultrapassava os limites da sala de aula.

Em entrevista, o Irmão Claudino recorda: “No pouco tempo em que atuei em Patos como professor¹⁹⁹, todo o corpo docente era composto por Irmãos. Isso fazia com que a relação com os alunos fosse excelente.” O depoimento evidencia não apenas a dedicação dos religiosos

¹⁹⁹ De acordo com a Biografia do Irmão Claudino, ele ficou no Colégio entre 1959 até janeiro de 1961. Em seguida, foi para Goiânia e Uberaba, antes de assumir, em 1966, aos 29 anos, a direção do Colégio Interno em Poços de Caldas.

ao projeto educativo, mas também o clima de proximidade e respeito que se estabelecia entre a equipe pedagógica e os estudantes, reforçando os princípios maristas de formação humana e cristã.

Ao refletir sobre o início do funcionamento do Colégio, Falchetto (2024, p. x) observa que o cenário pedagógico ainda se apoiava em práticas tradicionais, com aulas expositivas e exercícios de memorização. Embora esse modelo refletisse o padrão educacional da época, no contexto marista ele assumia uma dimensão formativa mais ampla, pois o rigor, a ordem e a exigência intelectual eram compreendidos como expressões concretas do ideal de “educar pelo exemplo”, defendido por Champagnat.

Em suas palavras:

Na década de 1950, o modelo pedagógico vigente refletia o estilo de educação tradicional com a valorização de aulas expositivas e de memorização de conteúdo. As inovações, embora escassas, dependiam do grau de formação dos professores, quase todos com curso *superior* (Falchetto, 2024).

Essa leitura é reforçada por Borges (2025), que reconhece que a metodologia utilizada era a melhor dentro do ensino marista daquele tempo.

Para a época, a metodologia de ensino era bem diferente de hoje, mas acho que tudo muda, e assim aconteceu também na educação. Porém, a metodologia utilizada daquela época era o que tinha de melhor no ensino Marista. Existia, sim, aulas de Educação Física, atividades práticas, tecnologia não existia, e nem trabalho em grupo. Tinha abertura para atividades em grupo e discutir com o auxílio de professores e participação dos alunos. (Borges, 2025)

A ênfase nas aulas expositivas, na disciplina e no bom comportamento reforçava um modo de ser centrado no esforço, na obediência e na responsabilidade — virtudes que a Congregação considerava essenciais à formação integral do aluno.

Nos relatos da década de 1970, Rocha (2025), Santos (2025) e Borges (2025) indicam que, embora o método expositivo permanecesse predominante, começavam a surgir práticas mais participativas, como trabalhos em grupo, projetos, atividades práticas e uso de tecnologias.

Essa coexistência entre tradição e inovação revela a capacidade de adaptação da pedagogia marista, que, sem romper com seus princípios fundadores, buscava atualizar suas estratégias formativas para responder às transformações sociais e tecnológicas do período.

Esses relatos também evidenciam o empenho dos professores em diversificar os métodos de ensino, promovendo maior engajamento dos estudantes e ampliando as possibilidades de aprendizagem no ambiente escolar.

Santos (2025) chama atenção para o preparo exigido pelas aulas expositivas, observando:

Preparar aulas expositivas exige muito esforço e horas de estudo contínuo para em suas aulas fazer citações de vários estudiosos da área. É muito mais fácil chegar à sala, pedir os alunos para fazer um trabalho em grupo, pesquisar na internet sobre determinado assunto, ler um texto xerocado em grupo e apresentar para os colegas ou simplesmente usar um Datashow com arquivo Power Point e ler para os alunos os principais tópicos (Santos, 2025).

O relato de Santos (2025) evidencia uma crítica à realidade atual das escolas e reforça que, no Colégio Marista, as aulas expositivas eram cuidadosamente planejadas. Na visão do ex-aluno, essas aulas exigiam intenso preparo e dedicação por parte dos professores, garantindo discussões fundamentadas e conteúdos aprofundados — uma prática que traduzia o rigor, a presença e a entrega, elementos constitutivos do modo de educar marista.

Se, por um lado, as aulas eram predominantemente expositivas e centradas na memorização dos conteúdos, como já destacado por Falchetto (2024), para Rocha (2025) esse método era funcional: “ele era memorizado e eficiente”.

Segundo Borges (2025) e Alves (2025), os alunos reconheciam a eficácia da prática tradicional, embora compreendessem que ela estava atrelada a um controle disciplinar rigoroso, o que garantia a organização do processo educativo.

Por outro lado, Santos (2025) recorda que, mesmo nesse contexto de ensino tradicional, algumas práticas favoreciam a autonomia e a expressão individual: “as redações com temas livres eram um meio de propiciar ao aluno certa autonomia para manifestar seus pensamentos”.

Assim, é possível perceber um equilíbrio sutil entre a rigidez do método tradicional e oportunidades pontuais de desenvolvimento crítico, evidenciando que a prática pedagógica não se limitava à memorização, mas incluía momentos de estímulo à reflexão e à criatividade do estudante.

Para Champagnat, “a disciplina é a metade da educação da criança, e se esta metade faltar, o maior tempo da outra parte torna-se inútil” (Landry, 2016, p. 244). Partindo dessa máxima, compreende-se o modelo de organização e controle disciplinar adotado pelo Colégio Marista, que, conforme observa o Irmão Claudino, era seguido de maneira tranquila pelos alunos: “Não me recordo de atos de indisciplina formal. As normas sempre foram muito claras, e as eventuais falhas eram comunicadas à família através da Caderneta Escolar, que anotava as presenças e as ocorrências” (Falchetto, 2024).

Borges (2025) relata se lembrar do regime disciplinar enquanto aluno do Colégio Marista e recorda que “a disciplina no colégio era severa, com regras marcantes, principalmente quanto a seguir os horários de aula”; também havia “as regras impostas pelos professores, quanto ao cumprimento de tarefas, comportamento em sala, entre outras”. Tanto as regras passadas pela direção quanto as dos professores “eram 100% cumpridas pelos alunos”, e o ex-aluno completa ressaltando que “foi de suma importância o controle disciplinar para a organização em sala de aula, dando assim condições de um ambiente adequado para um desempenho de aprendizagem” (Borges, 2025).

O depoimento de Borges (2025) revela que a disciplina, naquele contexto, não se restringia a regras impostas, mas integrava um modo de ser escolar internalizado pelos estudantes. A pontualidade, a obediência e o cumprimento rigoroso das orientações docentes demonstram a incorporação de hábitos valorizados pela pedagogia marista.

Essa observação dialoga com Landry (2016), ao evidenciar que, para a Congregação, a ordem e o controle estavam associados à formação moral e espiritual do aluno — ainda que, neste caso, essa relação seja interpretada a partir da vivência narrada por Borges, e não como uma análise direta do autor.

França (2025) também caracteriza o regime disciplinar do colégio como marcado pela exigência e pela organização. Ele relembra que, durante seu período de estudo, “a disciplina era considerada a regra fundamental e estruturava todo o cotidiano escolar, garantindo um ambiente propício à formação integral dos alunos”.

Em sua avaliação, a formação recebida foi diretamente influenciada por esse modelo, pois, como afirma: “a disciplina rigorosa é o que fazia com que nós, alunos, tivéssemos uma boa formação” (França, 2025).

Esse depoimento reforça a ideia de que, no contexto marista, a disciplina não era apenas uma prática de controle, mas um valor estruturante do processo educativo. Ela representava o alicerce da formação integral, articulando o desenvolvimento intelectual ao moral e espiritual, conforme o ideal de Champagnat de formar “bons cristãos e virtuosos cidadãos”.

O ex-aluno Eitel Dannemann, que frequentou o colégio em 1968, recorda que o ambiente escolar “preservava a disciplina e os costumes próprios da tradição pedagógica marista” — aspectos que, segundo ele, marcaram profundamente sua infância. Ele rememora:

[...] naquele ano [1968], o chiclete Ploc lançou uma ‘tirinha’ com um desenho para, molhada a pele, apertar a tirinha no molhado da pele e lá ficar gravada

uma tatuagem, infantil, como animais, flores e carinhas risonhas. Era costume, antes do início das aulas, a presença de um padre para fazer prédicas sobre a bíblia. Numa delas, eu com as costas das mãos com várias daquelas tatuagens, o padre reparou e me levou ao banheiro para lavar e tirar ‘todas aquelas impurezas do corpo’. E ainda meu pai teve que ir conversar com o padre. Sobre isso até escrevi um ‘causo’, publicado no EFECADPATOS com o título ‘O Ploc da Discórdia’²⁰⁰. (Dannemann, 2025).

O episódio, carregado de ingenuidade, ilustra a vigilância moral exercida pelos religiosos sobre os alunos e o cuidado com a aparência e a conduta. Tal atitude evidencia o caráter formativo e moralizador da pedagogia marista, que via na disciplina corporal e comportamental uma via para a educação do espírito e do coração.

Rocha (2025) enfatiza que a disciplina contribuiu de forma significativa para sua formação pessoal, pois “as regras me fizeram criar responsabilidade”. Embora não recorde de situações específicas associadas a esse regime, sua fala indica que as normas escolares eram aceitas como parte natural do cotidiano e internalizadas como princípios orientadores para a vida adulta.

Nesse sentido, o ex-aluno acrescenta que “era um regime com regras rígidas”, pautado em valores como “pontualidade, respeito com colegas e professores”, cuja aplicação se dava “nas instruções passadas para os alunos”, de forma direta e com pouco espaço para flexibilizações.

Essa naturalização das normas evidencia como o colégio, por meio da rotina e da presença constante dos educadores maristas, incutia comportamentos e atitudes que extrapolavam o ambiente escolar, moldando a conduta e os referenciais éticos dos alunos.

Essa percepção é compartilhada por Santos (2025), que reforça a importância da disciplina na formação pessoal ao afirmar:

[...] é preciso acreditar na educação como meio de encontrar a felicidade, melhorar a vida e obter ascensão social. Nada sem uma boa disciplina nas ações poderá alcançar êxito na sua concretude. É preciso que o homem acredite no regime que disciplina as normativas do trânsito, por exemplo, ou de uma empresa onde pleiteia trabalhar (Santos, 2025).

O episódio, carregado de ingenuidade, ilustra a vigilância moral exercida pelos religiosos sobre os alunos e o cuidado com a aparência e a conduta. Tal atitude evidencia o

²⁰⁰ Leitura complementar sobre o “causo” da brincadeira lembrada por Dannemann pode ser encontrada em: EFECADPATOS (Ed.). **O ploc da discórdia**. 2022. Eitel T. Dannemann. Disponível em: <https://efecadpatos.com.br/?p=38356>. Acesso em: 2 dez. 2025.

caráter formativo e moralizador da pedagogia marista, que via na disciplina corporal e comportamental uma via para a educação do espírito e do coração.

Rocha (2025) enfatiza que a disciplina contribuiu de forma significativa para sua formação pessoal, pois “as regras me fizeram criar responsabilidade”. Embora não recorde de situações específicas associadas a esse regime, sua fala indica que as normas escolares eram aceitas como parte natural do cotidiano e internalizadas como princípios orientadores para a vida adulta.

Nesse sentido, o ex-aluno acrescenta que “era um regime com regras rígidas”, pautado em valores como “pontualidade, respeito com colegas e professores”, cuja aplicação se dava “nas instruções passadas para os alunos”, de forma direta e com pouco espaço para flexibilizações.

Essa naturalização das normas evidencia como o colégio, por meio da rotina e da presença constante dos educadores maristas, incutia comportamentos e atitudes que extrapolavam o ambiente escolar, moldando a conduta e os referenciais éticos dos alunos.

Essa percepção é compartilhada por Santos (2025), que reforça a importância da disciplina na formação pessoal ao afirmar:

Valorizamos a educação integral, considerando o bem-estar espiritual, emocional, social e físico das infâncias, adolescências e juventudes, sempre atentos aos sinais dos tempos. Em nossos colégios, escolas e obras sociais, promovemos uma educação que articula fé, cultura e vida, buscando desenvolver competências e habilidades que permitam aos jovens serem agentes de transformação social. Adotamos o jeito de Maria, que pauta nosso estilo educativo na simplicidade, presença, amor ao trabalho e espírito de família. (PMBCN, 2024, p. 206),

Dessa forma, o modelo organizacional e disciplinar adotado pelo Colégio Marista refletia essa concepção educativa, combinando rigor acadêmico, clareza normativa e compromisso com valores cristãos. Essa síntese resultava em uma formação intelectual, moral e social capaz de produzir impactos duradouros na vida de seus alunos e na comunidade local.

Ao analisar os depoimentos do Irmão Claudino e dos ex-alunos, observa-se que a disciplina no Colégio Marista desempenhava múltiplas funções: estruturar o cotidiano escolar, garantir o respeito às normas, estimular a autonomia dos estudantes e promover hábitos de estudo contínuo.

O equilíbrio entre rigor e diálogo é uma característica marcante da pedagogia marista, evidenciando que disciplina e desenvolvimento integral caminham juntos. A literatura

educacional aponta que ambientes com regras claras e consistentes favorecem o desempenho acadêmico, a autoestima e o comportamento ético (Brasil, 2018).

Essa dimensão formativa não se restringia a situações cotidianas, mas expressava a própria missão do colégio, em consonância com o ideal de Champagnat. Como explica o Irmão Claudino:

nossa missão e nosso ideal é o de, através da educação integral, formar ‘bons cristãos e virtuosos cidadãos’. Estas são palavras do Fundador São Marcelino Champagnat, que ecoam até hoje. Meu reencontro com ex-alunos meus daquela época atesta que a educação de então deixou marcas positivas indeléveis (Falchetto, 2024).

A descrição de Falchetto (2024) dialoga com o pensamento do próprio Champagnat, para quem “quando numa aula reina a ordem, o aluno se aplica a suas lições, a seus deveres, ama o estudo e se apegando à escola” (Landry, 2016, p. 246). Essa reflexão evidencia a relação íntima entre disciplina, dedicação e vínculo afetivo com a escola, elementos que estruturavam o ambiente educativo marista.

Para compreender a dinâmica pedagógica defendida por Champagnat, foi selecionada outra observação de Landry (2016), que discorre sobre como um Irmão deveria articular sua aula e seu planejamento. O autor relata que Champagnat, “ao longo de sua vida, pedia a seus Irmãos que se dirigissem aos seus alunos empregando palavras simples e ao seu alcance”. Em seguida, narra um episódio que ilustra e, ao mesmo tempo, exemplifica essas exigências:

Um dia quando visitava a aula de um Irmão, ele ouviu empregar a expressão “a celeste Sião.” Pouco depois, ele o chamou a seu escritório e lhe diz: “Fiquei com pena de sua tola pretensão. Por que não empregar palavras que seus alunos compreendem? Que significa para eles a expressão “a celeste Sião”. Teriam certamente compreendido melhor se tivesse dito “o céu”. Meu caro Irmão, se for simples e modesto, em vez de se deixar levar pelas inspirações da vaidade e do frasear, falaria a seus alunos simplesmente e de maneira a ser compreendido pelos que têm mais dificuldades” (Landry, 2016, p. 35).

Nesse contexto, tanto o Irmão Claudino Falchetto, ao rememorar a experiência local, quanto o Irmão Fabien Landry, ao recuperar os ensinamentos do Fundador, convergem para a descrição de um modelo pedagógico marista pautado na disciplina equilibrada pela afetividade, na linguagem acessível e na formação integral de crianças e jovens.

Quanto às práticas, Falchetto (2024) complementa que “a metodologia consistia em aulas formais, pesquisa, provas escritas e orais, ‘batalhas’ (aluno arguindo o colega e vice-versa), exercícios a serem feitos em casa, avaliações periódicas e finais”. Essa diversidade

metodológica permitia ao estudante exercitar argumentação, raciocínio e autonomia, conciliando práticas tradicionais e atividades interativas.

Entre essas práticas, a forma como as avaliações eram conduzidas merece destaque. Borges (2025) relembra que:

As avaliações dos alunos, com provas semanais e trabalhos no quadro negro. Tudo servia de avaliação de notas para os boletins. E toda avaliação gerava muita ansiedade para saber os resultados. Era dada a oportunidade de o aluno fazer a segunda época, caso ficasse devendo até três matérias, além de três matérias, seria a repetição do curso, a famosa bomba (Borges, 2025).

Esse relato evidencia que o sistema avaliativo marista valorizava a aprendizagem contínua, exigindo dos alunos esforço constante e não apenas dedicação pontual em momentos de prova. O sistema de avaliação seguia padrões claros e objetivos, que, segundo Rocha (2025), era fundamentado em “provas e trabalhos”. Os critérios, para ele, eram transparentes — “claros” — e considerados justos, já que “na prova o aluno expunha o que aprendeu”. Havia também possibilidade de recuperação anual: “sim, recuperação anual”. A avaliação era encarada com naturalidade, sem gerar tensão excessiva: “era normal para todo mundo. Não tinha esses questionamentos”.

Nesse sentido, Santos (2025) amplia a reflexão ao destacar que:

[...] o conhecimento científico em todas as etapas da vida é essencial para o sucesso dos humanos. Assim, as provas orais por exemplo nos ensinavam que a aprendizagem deve acontecer de forma continua todos os dias; a cada dia um pouquinho. Um bom aluno deve estudar para crescer na vida e adquirir conhecimentos diversos para enfrentar os desafios diários e os que futuramente os esperam: vestibular, concursos, etc. Os mais bens sucedidos alunos não são aqueles que estudam para fazer provas, mas os que habitualmente vão a biblioteca e pegam um livro para ler sem atender exigências do professor. Revisam os conteúdos trabalhados pelo professor visando seu crescimento pessoal e ascensão social e não para tirar boas notas – as boas notas são apenas consequência (Santos, 2025).

Essa concepção de estudo revela uma prática pedagógica voltada à autonomia intelectual e à construção de saberes duradouros, em consonância com a missão marista de formar integralmente a pessoa. Nesse mesmo sentido, Falchetto (2024) recorda que “o currículo seguia as diretrizes do MEC no tocante ao conteúdo”, o que demonstra que, embora houvesse um perfil identitário próprio na proposta educativa marista, o cumprimento das exigências oficiais coexistia com práticas orientadas ao desenvolvimento global dos alunos, conciliando rigor acadêmico com formação ética, social e cultural.

Quanto às preocupações pedagógicas, especialmente no contexto da formação de estudantes do sexo masculino, Falchetto (2024) ressalta que “na época não se falava de bullying, de racismo, de preconceito, de gênero; valorizava-se o respeito a si mesmo e aos companheiros de classe”. Esse depoimento evidencia a valorização precoce de competências socioemocionais, da empatia e da convivência harmoniosa — elementos centrais para a formação integral proposta pelos maristas.

Sobre a organização das atividades pedagógicas, o Irmão Marista relembra que essas atividades “ocorriam prioritariamente na sala de aula com a participação de todos os alunos”, mas também havia outros atos formais: “como o canto do Hino Nacional, o hasteamento da bandeira, sessões teatrais, jogos esportivos — todos os estudantes participavam” (Falchetto, 2024). França (2025) também relembra essa prática cívico-pedagógica, ao relatar que, no Colégio Marista de sua época, os alunos “cantavam o Hino do Brasil, de Patos de Minas e do colégio”. Santos (2025), no entanto, destaca que a prática continuou no colégio na década seguinte, mas que se cantava “apenas o hino nacional”.

No período de 1959 a 1975, o espaço escolar do Colégio Marista não pode ser entendido como neutro ou apenas físico, mas como um ambiente carregado de símbolos e rituais que transmitiam valores e moldavam condutas. Um exemplo dessa dimensão afetiva é trazido por Dannemann (2025), ao recordar:

No mais, boas lembranças da cantina que tinha, diziam sempre e eu concordava, o melhor pão de queijo da cidade e ainda um sanduíche ‘bauru’ delicioso. E ainda uma fonte de água na entrada do colégio que está presente no texto ‘Colégio Marista – Histórico da Origem’, publicado no EFECADPATOS²⁰¹. (Dannemann, 2025).

Segundo PMBCN (2024, p. 6), “as lembranças afloram como uma tarefa de reconstituição para refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as vivências do passado”. Portanto, Dannemann (2025), ao relembra tais acontecimentos, demonstra que a vivência no espaço escolar se constitui como um instrumento concreto para a prática pedagógica, pois é nessa imersão cotidiana que a aprendizagem ganha significado e se transforma em experiência formadora.

Nesse processo, novos conhecimentos deixam de ser apenas conteúdos e passam a configurar objetivos reais de formação. Um exemplo disso está na proposta marista de entoar o

²⁰¹ Leitura complementar referente a essa lembrança em: EFECADPATOS (ed.). **Colégio Marista – história da origem**. 2014. Eitel T. Dannemann. Disponível em: <https://efecadpatos.com.br/?p=9853>. Acesso em: 2 dez. 2025.

hino — nacional, municipal ou da própria instituição —, prática que ultrapassava o caráter meramente cerimonial.

Ao ser incorporada ao cotidiano, ela integrava a cultura escolar, entendida como o conjunto de normas, valores e hábitos que orientavam comportamentos e conhecimentos considerados essenciais à formação dos alunos. Como destaca o Instituto dos Irmãos Maristas:

Promovemos a abertura às necessidades materiais, culturais e espirituais da humanidade, em âmbito local e global. Envolvermos nossos alunos em atividades de caridade que os coloquem em contato com situações locais de pobreza, construindo uma cultura do encontro. Incorporamos a Doutrina Social da Igreja em nosso ensino e mobilizamos toda a comunidade educativa em expressões concretas de solidariedade. (Instituto dos Irmãos Maristas, 2023, p. 99).

Dessa forma, os rituais cívicos presentes no ambiente escolar funcionavam como dispositivos pedagógicos e ideológicos, reforçando a disciplina, a religiosidade e, sobretudo, o patriotismo, em sintonia com o projeto político e cultural de modernização que se disseminava no país.

Nessa mesma direção, Dominique Júlia (2001, p. 10) reforça que “[...] a cultura escolar é entendida como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos [...]”.

Ao considerar essas perspectivas, observa-se que, sobretudo no contexto republicano e no esforço de modernização, a escola se configurou como instrumento privilegiado de difusão de ideais cívicos e patrióticos, disseminando valores que moldavam não apenas a formação intelectual, mas também a moral e a social dos estudantes.

Para os ex-alunos, o Hino funcionava como uma extensão da metodologia de ensino marista, pois, por meio da letra — de autoria de Dom José André de Coimbra e do Irmão Norberto —, transmitia valores e princípios que reforçavam a formação ética, cívica e moral dos estudantes.

França (2025), ao chamar a atenção para que o “Hino do Ginásio Marista” (Figura 104) fosse enaltecido no presente estudo, ressalta que ele lhe deixou um significado profundo, o que pode ter ocorrido com os alunos que estudaram no Marista à época. Certamente, o hino foi

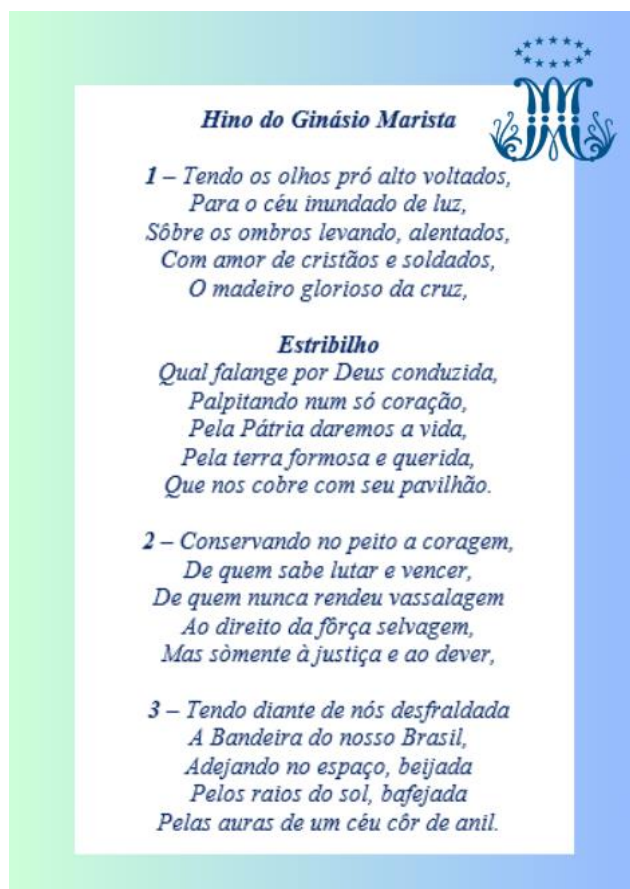
objeto de muitas conversas entre os estudantes e pode ter sido, inclusive, matéria de estudo de sua letra, para que pudessem enaltecer sua beleza e significado.

O Hino do Ginásio Marista para França (2025) “tem uma letra linda, que merece ser destacada”. A fala do autor remete à visão de que o hino pode ser compreendido como um recurso pedagógico formativo, ao articular dimensões espirituais, sociais e cívicas no processo educativo. Na dimensão da formação integral, destaca-se o verso “tendo os olhos pró alto voltados”, que orienta o estudante para valores transcendentais e cristãos.

No campo da coletividade, o trecho “qual falange por Deus conduzida, palpitando num só coração” evidencia o aprendizado da cooperação e da união em torno de ideais comuns.

Já na dimensão cívica, o verso “a bandeira do nosso Brasil, adejando no espaço, beijada” reforça a importância da identidade nacional e do compromisso cidadão. Assim, o hino se configura como instrumento de aprendizado que ultrapassa a música, constituindo-se em prática pedagógica integradora de fé, solidariedade e civismo.

Figura 104 – Hino do Ginásio Marista



Fonte: Acervo do Colégio Marista de Patos de Minas (s/d).

Pode-se destacar, paralelamente, que a exaltação à pátria (“pela Pátria daremos a vida”) e à bandeira nacional (“tendo diante de nós desfraldada a Bandeira do nosso Brasil”) traduzem o espírito nacionalista e disciplinador característico do contexto sociopolítico brasileiro do início da década de 1960. Esse entrelaçamento entre religião e dever cívico reforça a concepção marista de que a formação integral do estudante deveria abarcar tanto valores espirituais quanto responsabilidades sociais.

Na metade do século XX, as práticas cívico-pedagógicas estavam incorporadas ao cotidiano das instituições escolares, assumindo papel central na formação dos estudantes. Como destacam Gatti e Gatti Júnior (2018, p. 31), “os eventos cívico-patrióticos faziam parte do currículo da escola e eram atividades que congregavam alunos, professores e direção, pois eram manifestações culturais que traziam identidade à instituição escolar”.

No Colégio Marista de Patos de Minas, essa realidade se expressava em momentos como o canto dos hinos, que não apenas reforçavam a disciplina e a coesão do grupo, mas também davam visibilidade à escola perante a comunidade local. Tais práticas “davam visibilidade às escolas, evidenciando disciplina e excelência formativa dos estabelecimentos de ensino e da educação neles ministrada, mas também reforçavam o sentimento cívico/patriótico e ajudavam a dar identidade ao novo contexto político brasileiro” (Gatti; Gatti Júnior, 2018, p. 31).

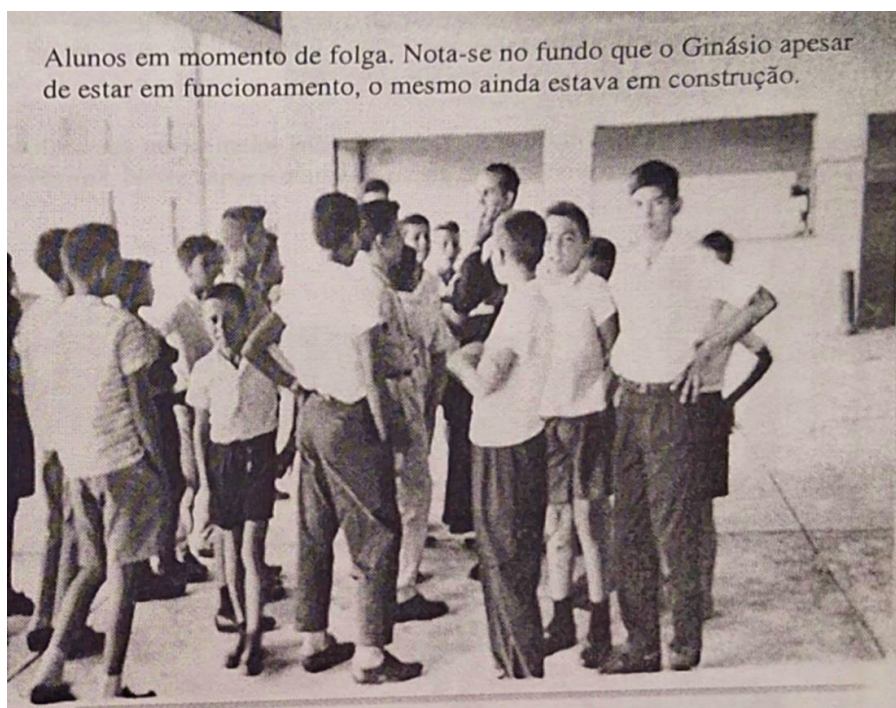
Além do civismo, os valores maristas se expressavam igualmente nas práticas pedagógicas cotidianas, sendo que “uma das marcas da pedagogia marista é a da presença preventiva, que consiste em fazer-se presente sempre, lá onde estiverem os alunos: na entrada, nos recreios, nas salas de aula...” (Falchetto, 2024). Essa afirmação traduz a essência do conceito de pedagogia da presença, elemento distintivo da prática educativa marista, que busca proximidade e acompanhamento constante do aluno.

Landry (2016) destaca o pensamento de Champagnat quanto à importância da presença constante do educador:

Um educador marista está presente com os jovens. São Marcelino dizia que, para formar os jovens, é preciso estar muito tempo com eles fora das horas de aula, nos seus lares e nas suas atividades. Acrescentava que, em essência, um professor ou professora que se contenta em dar suas aulas não preenche senão uma parte de sua tarefa, e que a tarefa fundamental é aquela de tornar seus alunos bons cidadãos e virtuosos cristãos (Landry, 2016, p. 217)."

Nesse contexto, a Figura 105 registra um momento de descontração dos estudantes no recreio, evidenciando a aplicação prática da pedagogia da presença.

Figura 105 – Adaptação dos alunos em momento recreativo no colégio



Fonte: Colégio Marista de Patos de Minas (2008).

A imagem não apenas documenta a presença de um Irmão, com o Ginásio ainda em construção ao fundo, mas, sobretudo, ilustra a proximidade dos religiosos junto aos alunos, mesmo fora da sala de aula, reafirmando a presença constante como marca da formação integral promovida pela instituição.

Nos moldes da Congregação Marista, havia a exigência de um Irmão sempre junto aos alunos, pois a educação marista vai além da instrução formal: está pautada na convivência, na orientação moral e na construção de vínculos sólidos entre educadores e estudantes, refletindo a filosofia pedagógica de Champagnat.

A construção de vínculos entre os alunos é amplamente evidenciada pelos relatos dos ex-alunos maristas (Alves, 2025; Borges, 2025; França, 2025; Dannemann, 2025; Santos, 2025; Rocha, 2025), que lembram os colegas daquela época como amigos, mantendo até hoje um respeito mútuo e afetivo.

Em sua memória afetiva, Eitel Dannemann (2025) narra o reencontro — ou mesmo a ausência dele — com antigos colegas do Colégio Marista:

Quanto aos meus colegas daquela turma de 1968, citados no texto ‘Meus Colegas do Colégio Marista’ no EFECADPATOS²⁰², reencontrei com poucos. Afinal, como está lá na minha pequena biografia, desde 1969 fiquei muitos anos fora de Patos de Minas, e mesmo vindo todo ano, por poucos dias, não é como morar na cidade. Quando voltei a residir aqui em 2005, fui então reencontrando com uns poucos (Dannemann, 2025).

Essa lembrança evidencia que o ambiente escolar marista favoreceu a criação de laços de amizade e respeito duradouros. Mesmo com um período relativamente curto no colégio, Dannemann (2025) construiu vínculos que se mantiveram ao longo dos anos. França (2025) sempre comentava, no decorrer da entrevista, que, pelos ex-alunos X ou Y, seria possível saber o que era dúvida e que ele não saberia explicar. Ademais, foi possível aferir o sentimento de presença que os Irmãos Maristas deixaram nesses alunos, que reconhecem o valor da amizade também construída com eles.

Essas relações, iniciadas quando os ex-alunos tinham entre 10 e 13 anos, perduraram mesmo após o término da vida escolar, indicando que a formação marista atuava não apenas na aprendizagem acadêmica, mas também na convivência social e na consolidação de valores como cooperação, respeito e espírito comunitário. Tais vínculos eram sustentados pelas práticas pedagógicas e disciplinares, refletindo a dimensão integral da educação marista.

Percebe-se uma das principais características da pedagogia marista, segundo Landry (2016, p. 217), que é o “espírito de família”. Esse espírito, vivido e transmitido pelo educador marista, pressupõe “a aceitação incondicional das pessoas, a confiança recíproca, a partilha das responsabilidades, a aceitação das diferenças, o esquecimento de si e o perdão mútuo”. Dessa forma, a construção de vínculos entre os alunos e a relação professor-aluno mostraram-se determinantes para a formação integral dos estudantes no Colégio Marista.

Em se tratando dessa relação, que para os ex-alunos era muito boa, ela lhes trouxe recordações de alguns professores em especial. França (2025) relata uma aproximação maior com alguns, dentre eles o Irmão Fernando Sebastião (Figura 106), que também é citado por Alves (2025), pois, na época, ele era o responsável pela fanfarra e pela organização dos desfiles. Tudo muito bem planejado e supervisionado por ele, em cada detalhe, para que transcorresse da melhor forma cada evento de que a fanfarra participava.

França (2025) recorda que o Irmão Fernando Sebastião tinha uma boa relação com todos os alunos do colégio. Isso fez com que muitos gostassem de brincar com ele, inclusive destacando que “tivemos a liberdade de apelidá-lo” e relata sobre o Irmão:

²⁰² Leitura complementar referente a essa lembrança em: Efecadepatos (ed.). **Meus colegas do Colégio Marista**. 2024. Eitel T. Dannemann. Disponível em: <https://efecadepatos.com.br/?p=46315>. Acesso em: 2 dez. 2025.

[...] ele era um líder na escola. Mesmo havendo o reitor [diretor geral] ele decidia muita coisa no colégio. A banda ele que organizava, no futebol era ele também, até nos desfile era o que cuidava de todos os detalhes. Ele lecionava para nós matemática, e tinha um grande diálogo com todos os alunos. Tanto é, que o pessoal brincava muito com ele, até o apelidaram de Cocó, em referência a um vizinho ali do colégio que era manco. E como os alunos eram muito gozadores, pelo irmão ser manco, o apelidaram. Era frequente ouvir as brincadeiras “Com quem ele parece?” e diziam Cocó. Inclusive quando íamos tocar na banda a gente cantava junto com a banda Cocó isso... Cocó aquilo... no ritmo da banda, brincando com o irmão. Mas ele era muito especial no colégio, um cara muito aberto, embora ele tivesse um pouco de complexo por ser manco. Ele era muito bom e os alunos gostavam muito dele. Era excelente professor e muito bom de diálogo conosco. Por isso ele aparece em muita foto como disse, era um líder no colégio. (França, 2025)

A experiência relatada por França (2025) sobre o Irmão Fernando Sebastião evidencia como a proximidade, o diálogo e a liderança dos educadores maristas eram centrais para a vivência escolar: desde o incentivo às brincadeiras, ao cuidado com a banda e os esportes, até a relação cotidiana com os alunos. Essa dimensão afetiva e participativa está alinhada à tradição educativa marista, que valoriza a presença próxima do educador e o desenvolvimento integral dos estudantes.

Figura 106 - Irmão Fernando Sebastião



Fonte: Arquivo pessoal de França (1960)

Como registrado no livro *Nos passos de Marcelino Champagnat*:

Cada um de nós tem a própria experiência pessoal do que significa ser educador marista. Cada contexto em que estamos presentes possui sua própria trajetória e suas particularidades. [...] Sabemos que herdamos uma grande dádiva na pessoa de Marcelino e em suas intuições educativas, assim como nos educadores maristas que foram inspirados por ele (Instituto dos Irmãos Maristas, 2023, p. 11).

Dessa forma, a liderança e a dedicação do Irmão Fernando Sebastião refletem a continuidade dessa herança educativa, combinando rigor acadêmico, disciplina e proximidade afetiva com os alunos.

Como foi marcante o Irmão Sebastião Fernandes, também o foi o Irmão Joel²⁰³ (Figura 107). Roche (1991) afirma que Irmão Joel “deixou lembranças de dedicação e acolhimento”, e ainda destaca que na época “ele transmitia ensinamentos com simplicidade e firmeza, algo que eu admirava profundamente”. Essa simplicidade e firmeza eram, de fato, virtudes cultivadas na formação marista. Marcelino Champagnat via na Santa Virgem Maria o modelo dessas qualidades:

A Santa Virgem salientou-se em todas as virtudes. Ela se distinguiu particularmente por sua humildade. É porque a humildade, a simplicidade e a modéstia devem ser o caráter distintivo dos Irmãos de Maria. A Santa Virgem salientou-se em todas as virtudes. Ela se distinguiu particularmente por sua humildade. É porque a humildade, a simplicidade e a modéstia devem ser o caráter distintivo dos Irmãos de Maria (Roche, 1991, p. 56–57).

Champagnat também demonstrou:

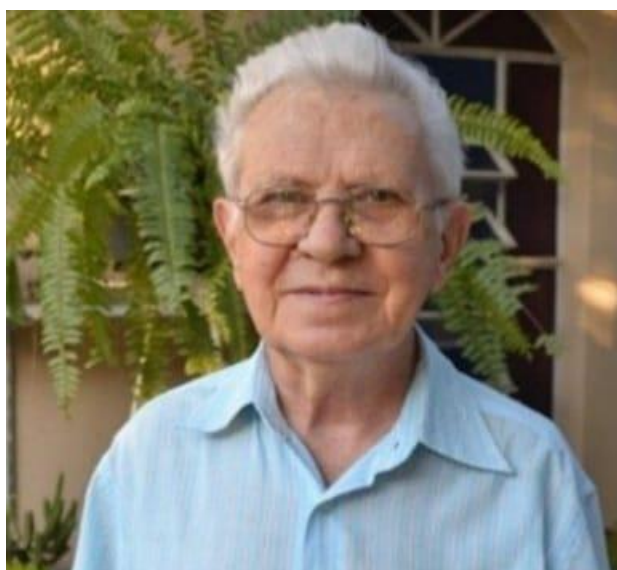
[...] ser um educador comprometido com a juventude. Seu sucesso em transformar os jovens que aspiravam a se tornar Irmãos em bons educadores cristãos era extraordinário. Marcelino vivia com eles, dava-lhes o exemplo e os ajudava a evoluir humana e espiritualmente, convertendo-se em referencial

²⁰³ O Irmão Joel Elias Giacomini (Irmão Edmundo Elias) nasceu em 29 de março de 1933, no município de João Neiva, atual Ibiruçu (ES), filho de Giovani Baptista Giacomini e Maria Ana Favalesa Giacomini. Entrou no juvenato em 1945, com 12 anos, e não voltou à casa de sua família senão depois da profissão perpétua, aos vinte e dois anos de idade. Emitiu seus votos religiosos em 20 de dezembro de 1950, aos 17 anos (Joel Elias Giacomini, 2017). Destacou-se pela simplicidade, constância e espírito de serviço. Atuou em diversas frentes: como educador, artista, músico e também como “bricoleur”, expressão usada para designar sua habilidade em realizar múltiplas tarefas práticas para a comunidade. Era lembrado pela presença paterna junto às crianças do Aprendizado e pela capacidade de inspirar confiança, transmitir ânimo e cultivar fraternidade. Além do trabalho pedagógico e pastoral, desenvolveu talentos artísticos — pintura, música e artesanato — sempre colocados a serviço da missão. Celebrado por sua trajetória de fé, dedicação e generosidade, completou 60 anos de vida religiosa em 2010, ocasião em que recebeu homenagens da comunidade marista. Faleceu em 12 de março de 2022, na Comunidade Marista de Uberaba (MG), aos 88 anos, vítima de parada cardíaca (Falchetto, 2010, *op. cit.*; Arquivos do CEM-BH).

para suas vidas. O segredo de seu êxito como educador estava na simplicidade e modéstia que mostrava no relacionamento com esses jovens seguidores e na confiança neles depositada (Instituto dos irmãos Maristas, 2023, p. 29)

Por ambas literaturas, percebe-se que as memórias dos alunos, ao destacar a simplicidade e firmeza do Irmão Joel, dialogam diretamente com o ideal marista de Champagnat, reafirmando a coerência entre o carisma fundacional e a prática pedagógica vivida no cotidiano escolar.

Figura 107 – Irmão Joel Elias Giacomini



Fonte: Arquivos do CEM-BH (2021).

Santos (2025), por sua vez, declara que “citar um nome específico seria difícil, pois havia muitos profissionais altamente qualificados. Mas, sem querer desmerecer ninguém, posso mencionar o Irmão Marista Abílio (Figura 108)”. E ainda justifica sua escolha: “[...] meu posicionamento se justifica pelo fato de o Irmão Abílio ser uma pessoa sempre dedicada a ajudar e a encontrar soluções para os problemas familiares dos estudantes” (Santos, 2025).

Esse testemunho encontra ressonância nas palavras de Champagnat, citadas por Landry (2016, p. 278): “Não é de gênios que é preciso para realizar as obras de Deus e educar bem os alunos, mas grande dedicação, espírito de oração, sólida virtude e confiança em Deus”.

Nesse mesmo espírito de dedicação, o Irmão Abílio seguia a orientação do Fundador, que afirmava: “Maria é a pessoa que pode resolver todos os seus problemas, quaisquer que sejam” (Landry, 2016, p. 20). Assim, na vivência diária, a confiança em Maria e a dedicação eram a base das ações educativas do Irmão Abílio.

Essa boa relação com os professores, e a lembrança que os ex-alunos ainda possuem de alguns de sua época, pode ser atribuída à formação recebida pelos Irmãos. De acordo com Falchetto (2024), na época, todos os Irmãos, sem exceção, passavam por um estudo chamado “iniciação”, que recebiam “antes de assumirem cargos formais na missão. Aulas de didática e de manejo de classe faziam parte do currículo na formação básica dos Irmãos. Já no colégio, a ‘gramática’ era atualizada”.

Figura 108 – Irmão Abílio José de Aguiar



Fonte: Arquivos do CEM-BH (Década de 50).

O Irmão Marista ainda complementa que, na prática educativa, “os Irmãos que, além da bagagem adquirida na formação, reservavam certo período diário para preparar suas aulas e atividades” (Falchetto, 2024), demonstrando dedicação ao planejamento pedagógico. Essa estrutura contribuía para a criação de um ambiente educacional consistente, que facilitava a formação integral proposta pela instituição.

Santos (2025) reforça essas observações ao recordar uma prática marcante: “lembro-me de os professores encontrarem erros em livros de Português, Matemática e outras disciplinas. Os alunos eram convidados a encontrar erros em alguns textos das diversas áreas”. Essa estratégia evidencia não apenas o cuidado com a aprendizagem, mas também o estímulo ao pensamento crítico e à participação ativa dos estudantes.

Tal prática está em consonância com os princípios institucionais maristas, que afirmam que ser evangelizador e educador de crianças e jovens exige proximidade, confiança e constante estímulo ao protagonismo dos alunos.

Segundo o Instituto dos Irmãos Maristas (2023, p. 38): “Mediante nossa entrega, proximidade e confiança, animamos as crianças e os jovens a serem protagonistas de suas ações em tudo o que fazem e onde quer que se encontrem”. Portanto, atividades pedagógicas como a identificação de erros em textos ilustram como os educadores maristas promoviam o desenvolvimento integral, combinando disciplina, criatividade e participação ativa dos estudantes.

Desse modo, esse bom relacionamento favorecia a prática pedagógica, que ocorria com tranquilidade, como destacou França (2025) nas aulas de matemática do Irmão Fernando Sebastião, ou no relato dos demais alunos que recordam o Irmão Joel Elias, os professores de Inglês (Rocha, 2025) e de Português (Santos, 2025). Ao mesmo tempo, no cotidiano escolar, a prática educativa seguia um modelo tradicional.

Quanto à forma como as aulas eram estruturadas, Rocha (2025) destaca que essas ocorriam com base em recursos como “professor, quadro e giz” (Figura 109), com predominância de trabalhos e provas e participação ativa limitada dos alunos: “não muito”. Nesse contexto, o professor ocupava uma posição central e hierárquica, sendo reconhecido como “autoridade”, o que evidencia o equilíbrio entre os ideais pedagógicos maristas e a realidade prática do ensino na época.

Figura 109 – Prática educativa: professor, quadro e giz



Fonte: Colégio Marista de Patos de Minas (2008, p. 32).

A imagem retrata um momento típico da vida escolar da época: um professor marista conduzindo a aula diante de uma turma de alunos. Ela não evidencia apenas a disposição física

da sala, mas também aspectos da organização pedagógica e disciplinar vigentes, já que os estudantes, sentados em fileiras, permanecem atentos à explicação do professor, que se posiciona como o centro da atenção. Além disso, é possível perceber, na prática, a concretização do modelo de aula tradicional e expositiva, conforme destacado por Falchetto (2024) e relatado pelos ex-alunos.

Santos (2025) relata que, em sua época (década de 1970), ainda estavam presentes “as tradicionais perguntas usadas com meus bisavôs, quando estavam na escola, [que] ainda estavam ativas como nunca”, como: “Vocês entenderam? Há alguma dúvida?”. E acrescenta, de forma crítica: “Se tivesse entendido ou não tivesse dúvidas, a educação [no Brasil] não estaria na situação que está hoje. Nossa educação é uma das piores do mundo”.

O depoimento de Santos (2025) revela uma percepção ambivalente sobre a relação professor–aluno no contexto escolar. Ao mesmo tempo em que reconhece a boa convivência e interação entre docentes e discentes, sua fala, permeada por ironia, critica a permanência de práticas pedagógicas tradicionais e pouco interativas, sintetizadas nas perguntas “Vocês entenderam?” e “Há alguma dúvida?”.

Tais expressões, recorrentes no imaginário escolar brasileiro, indicam um ensino centrado na transmissão unilateral de conteúdo, sem efetiva verificação da aprendizagem, reforçando a predominância da aula expositiva observada na imagem.

A continuação de seu comentário amplia a crítica para um plano macro, associando essas práticas à crise da educação brasileira, considerada por ele como “uma das piores do mundo”. Embora essa afirmação seja subjetiva e careça de fundamentação empírica no depoimento, ela aponta para um sentimento de frustração com a qualidade da educação, possivelmente enraizado na percepção de que metodologias ultrapassadas contribuem para resultados insatisfatórios.

Assim, a fala de Santos (2025) não apenas remete a lembranças de sua vivência escolar, mas também reflete um discurso social mais amplo, no qual se questiona a efetividade do modelo educacional vigente e sua capacidade de promover aprendizagens significativas.

De acordo com França (2025), o “Colégio Marista adotava uma metodologia de ensino marcada pela organização e pela tentativa de equilibrar aprendizado teórico com experiências práticas”.

Para Borges (2025), a “aprendizagem estimulava a disciplina, responsabilidade e autonomia nos alunos”.

Nesse contexto, Rocha (2025) destaca o ensino tradicional, sem metodologias adaptadas à realidade escolar; não ressaltava abordagens marcantes, apenas relata que, no “ensino

em geral”, a metodologia era eficaz para a aprendizagem, mas “não muito” voltada ao desenvolvimento de pensamento crítico e autonomia, pois tais habilidades não eram estimuladas.

Por outro lado, no campo dos conteúdos e disciplinas, Santos (2025), que também estudou na década de 1970, destaca que “o que mais marca a vida de um aluno na escola é [sic]os conteúdos serem significativos, fazendo com que o mesmo tenha prazer na construção de suas aprendizagens”.

As falas apresentadas revelam diferentes perspectivas sobre a prática pedagógica do Colégio Marista. França (2025) evidencia uma tentativa de equilíbrio entre teoria e prática, sugerindo que a instituição buscava uma organização metodológica que contemplasse tanto a aprendizagem conceitual quanto experiências práticas, o que aponta para uma preocupação em diversificar o processo educativo.

Borges (2025), por sua vez, enfatiza os efeitos da metodologia na formação do aluno, destacando o estímulo à disciplina, responsabilidade e autonomia — aspectos fundamentais para o desenvolvimento socioemocional e cognitivo.

No entanto, a análise de Rocha (2025) oferece uma visão crítica, indicando que, apesar da eficácia do ensino tradicional na aquisição de conteúdos, havia limitações significativas na promoção do pensamento crítico e da autonomia. Essa observação sinaliza que a abordagem adotada, embora funcional, não se adaptava suficientemente à realidade dos alunos nem incentivava habilidades cognitivas mais complexas.

Santos (2025) complementa essa perspectiva ao destacar a importância da significatividade dos conteúdos na motivação do aluno, reforçando que a aprendizagem se torna mais efetiva quando o estudante percebe sentido e prazer na construção do conhecimento. Assim, é possível inferir que, mesmo com uma organização metodológica bem estruturada, o verdadeiro engajamento e desenvolvimento do aluno dependiam da relevância dos conteúdos e da capacidade do ensino de ir além da memorização, promovendo a reflexão e a autonomia.

Essas análises permitem perceber um contraponto entre a organização e eficiência do ensino e a necessidade de metodologias mais adaptadas às demandas cognitivas e afetivas dos estudantes, evidenciando desafios típicos do ensino tradicional da época. Santos (2025), por sua vez, reflete sobre a importância do pensamento crítico a partir de sua experiência em uma especialização em Alfabetização, destacando que esse tipo de reflexão não se resume a criticar, mas a aprimorar e acrescentar às ações dos outros:

O pensamento crítico não é só ficar diuturnamente pensando no negativismo e ações voltadas para destruir o que o outro fez. É acima de tudo melhorar o que o outro fez, acrescentar, etc. Malhar com a língua é também muito mais fácil do que fazer algo diferente que supere o anterior; aquilo que o outro fez” (Santos, 2025).

A reflexão de Santos (2025) evidencia que o pensamento crítico não se limita a criticar ou desconstruir o que já foi feito, mas implica aprimorar, propor alternativas e construir a partir do existente.

Nesse sentido, nota-se que, no colégio, essa dimensão poderia ter sido mais incentivada, uma vez que a prática pedagógica permaneceu muito ligada ao modelo tradicional. Para que os alunos desenvolvam efetivamente o senso crítico, torna-se essencial que o professor atue como mediador do conhecimento, promovendo diálogos, estimulando questionamentos e oferecendo situações que integrem teoria e prática de maneira significativa.

As palavras de Champagnat reforçam a importância da postura do educador: “O Irmão que não sabe se tornar pequeno, que não gosta de repetir as mesmas coisas, que quer sempre avançar, não é próprio para uma aula de pequenos” (Landry, 2016, p. 244). O cuidado com a forma de ensinar, a atenção ao ritmo do aluno e a capacidade de adaptar o método **são** fundamentais para criar um ambiente de aprendizagem significativo.

Complementando essa perspectiva, Santos (2025) enfatiza que a qualidade da aprendizagem depende tanto do professor quanto da metodologia utilizada:

Não existe metodologia boa para construir aprendizagens nas mãos de um péssimo professor. Um professor com poucos recursos pode ter com seus alunos aulas agradáveis e significativas para o sucesso dos mesmos, usando metodologias simples e adequadas ao momento. Também não existe tecnologias digitais nas mãos de um professor que não sabe usá-las adequadamente, que construa aprendizagens significativas. O que mais marca a vida de um aluno na escola é os conteúdos serem significativos, fazendo com que o mesmo tenha prazer na construção de suas aprendizagens (Santos, 2025).

Dessa forma, tanto a postura do professor quanto a escolha de métodos e conteúdos significativos são elementos centrais para o desenvolvimento do pensamento crítico, da autonomia e da motivação do aluno, confirmando que a prática educativa envolve muito mais do que a simples transmissão de informações.

Champagnat reforça essa perspectiva ao afirmar: “O mestre, mesmo seja um santo, se ele negligencia a vigilância, seus alunos se perverterão; todas as suas instruções e todas as obras de seu zelo serão inúteis” (Landry, 2016, p. 244). Isso evidencia a centralidade da vigilância e

do cuidado na prática pedagógica, ressaltando que o sucesso da educação não depende apenas do conhecimento ou da virtude do professor, mas de sua atenção constante às necessidades dos alunos, bem como da articulação entre escola e família para garantir uma formação integral e contínua.

Nesse sentido, a formação integral dos estudantes requer atenção simultânea ao currículo, à metodologia e às relações interpessoais no ambiente escolar. É fundamental compreender o perfil social dos alunos e as dinâmicas de interação entre professores, estudantes e suas famílias para analisar o processo educativo do Colégio Marista.

Em relação à interação professor-aluno, Falchetto (2024) relata que “no pouco tempo em que atuei em Patos de Minas, como professor, todo o corpo docente era composto por Irmãos. Isso fazia com que a relação com os alunos fosse excelente”. Essa percepção é corroborada pelos ex-alunos: França (2025) destaca que “eu tinha uma boa relação com os Irmãos” e complementa que essa relação era “muito boa e divertida”. Rocha (2025) descreve a relação com os professores como “boa”, enquanto Alves (2025) a considera “tranquila”.

Borges (2025) enfatiza ter “lembranças boas daquele tempo, em que trocávamos muitas ideias e conselhos com os Irmãos Maristas” e reforça que “eles sempre procuravam fazer o melhor para a Congregação Marista, sem esquecerem dos alunos”.

Essas memórias dialogam diretamente com a visão institucional sobre a função dos educadores maristas, que colocam os estudantes no centro do processo educativo. Conforme o Instituto dos Irmãos Maristas (2023, p. 97):

Nossos alunos são o centro do processo de ensino-aprendizagem e de tudo o que se refere à vida escolar e sua organização. Nós os ajudamos a adquirir conhecimentos, a desenvolver competências e a crescer em valores mediante a descoberta da criação, dos outros, de si próprios e de Deus. (Instituto dos Irmãos Maristas, 2023, p. 97).

Diante disso, é possível compreender que os relatos dos ex-alunos e a fundamentação institucional convergem para evidenciar que a proximidade, o diálogo e a dedicação dos Irmãos Maristas eram centrais para o desenvolvimento integral dos estudantes, garantindo uma experiência educativa afetiva, participativa e alinhada aos valores da Congregação. Essa prática pedagógica não se restringia à mera transmissão de conteúdos, mas incluía acompanhamento atento, relações de confiança e diálogos contínuos entre professores e alunos, reforçando a importância de um ambiente educativo que favorecesse tanto o desenvolvimento cognitivo quanto o socioemocional dos estudantes.

Nesse sentido, os métodos de ensino-aprendizagem adotados “favorecem a participação ativa. Incentivamos a expressão dos alunos por meio de projetos integrais e diversificados” (Instituto dos Irmãos Maristas, 2023, p. 97). Com uma prática educativa consistente e professores qualificados, o Colégio Marista foi ganhando reconhecimento da comunidade local.

Além disso, os Irmãos mantinham um bom relacionamento com a população, atuando como educadores e referências na região. Como relembra Falchetto (2024): “aos poucos o colégio foi adquirindo prestígio e credibilidade, o que favorecia perfeita harmonia no trato com as autoridades da área educacional e com a população em geral”.

Utilizamos métodos de ensino-aprendizagem que favorecem a participação ativa. Incentivamos a expressão dos alunos por meio de projetos integrais e diversificados. Sempre que possível, oferecemos a possibilidade de experiências práticas em locais de trabalho da comunidade local (Instituto dos Irmãos Maristas, 2023, p. 97).

Com uma prática educativa forte e com professores (Irmãos) qualificados, o Colégio Marista foi ganhando reconhecimento da comunidade local. Além disso, os Irmãos mantinham um bom relacionamento com a comunidade, na posição de educadores.

Falchetto (2024) relembra que “aos poucos o colégio foi adquirindo prestígio e credibilidade, o que favorecia perfeita harmonia no trato com as autoridades da área educacional e com a população em geral”. Essa harmonia foi destacada por França (2025), que ressalta a receptividade da população local aos Irmãos na época, “que, além de terem sido muito aguardados, também eram respeitados por onde passavam”. Para Santos (2025), considerando a visão sobre a instituição no passado e no presente, “o Colégio Marista foi e, ainda, é um colégio renomado, com características positivas que visam o aprendizado dos alunos”.

Essas percepções encontram respaldo nos princípios educacionais da Congregação, que valorizam o desenvolvimento integral e a autoconfiança dos estudantes:

Ao estimular a participação e a criatividade no processo de ensino-aprendizagem, contribuimos com o crescimento da autoconfiança nas crianças e nos jovens. Nós os ajudamos a desenvolver seus conhecimentos, a aprender a trabalhar em equipe, a se comunicar e a aceitar a responsabilidade de seu crescimento pessoal (Instituto dos Irmãos Maristas (2023, p. 91).

De modo particular, Falchetto (2024) complementa essa visão ao ressaltar os motivos que levavam as famílias a matricular seus filhos no Colégio Marista: “para os pais que conheciam a tradição marista, além da excelência acadêmica, aspiravam com a formação

integral de seus filhos. Para a totalidade dos pais buscava-se a ascensão social, financeira e profissional em vista de um futuro sempre melhor”. Esse depoimento evidencia que a escolha pelo colégio não se restringia somente à qualidade pedagógica, mas também à valorização de princípios éticos e à busca por mobilidade social.

Ademais, havia o valor cristão que, segundo França (2025), foi um dos motivos determinantes para que seus pais matriculassem todos os 11 filhos homens na instituição. Essa realidade familiar ilustra a percepção que a comunidade — especialmente a parcela cristã — nutria acerca da educação marista. Além dos professores e de sua qualidade pedagógica, é importante destacar também a figura do inspetor escolar.

O ex-aluno da primeira turma de formandos, Borges (2025), faz referência à inspetoria de sua época e, mesmo sem muito contato, recorda-se: “sempre notei a presença de inspetoria no colégio. Lembro bem quem era o inspetor federal, o conhecido Zama Maciel”. Uma década depois, o ex-aluno Rocha (2025) resume sua lembrança afirmando que os inspetores/supervisores “eram rígidos”, reafirmando uma atuação marcada pela disciplina e pelo controle, possivelmente alinhada à cultura escolar marista.

Já Santos (2025) descreve: “relação amistosa com os inspetores. Não lembro da atuação de supervisores”.

Ao ser questionado sobre a visão que esses profissionais demonstravam ter do colégio, acrescenta: “não tenho lembranças, penso que eram orgulhosos por terem a oportunidade de trabalharem no Colégio Marista. Os inspetores tinham como objetivo somar e não diminuir”.

A comparação evidencia que, embora ambos se refiram ao mesmo período, a experiência com a equipe disciplinar não foi homogênea: enquanto, para Rocha (2025), a lembrança central é a rigidez disciplinar, para Santos (2025) predomina a proximidade e o respeito mútuo. Essa divergência pode ser explicada por fatores como diferenças de turmas e de relacionamento com esses profissionais.

Em conjunto, os relatos oferecem um quadro mais amplo da atuação desses agentes na década de 1970, que combinava controle disciplinar com relações interpessoais positivas, dependendo do olhar e da vivência de cada estudante.

A partir dessas lembranças, percebe-se uma metodologia que integrava o ensino formal em sala de aula com práticas coletivas de caráter cívico, formativas e acadêmicas, envolvendo de maneira ativa o corpo discente e os Irmãos capacitados, no contexto da pedagogia da presença.

Nesse espírito, o Instituto dos Irmãos Maristas (2023, p. 95) afirma: “adotamos com as crianças e os jovens um estilo pastoral simples e vivencial e buscamos abordagens adequadas que facilitem o diálogo entre a realidade das vidas deles e nossos princípios maristas”.

Falchetto (2024) revela um modelo educativo que se alinha à integralidade formativa, articulando dimensões acadêmica, moral, social, cultural, esportiva e espiritual. Articulando com as memórias dos ex-alunos, percebe-se uma combinação entre exigências oficiais, disciplina, práticas pedagógicas tradicionais, presença constante dos educadores e valores adquiridos, conferindo ao Colégio Marista um caráter singular, fiel à sua tradição, mas, ao mesmo tempo, ajustado ao contexto social e educacional da época. Na prática pedagógica marista, “sempre que possível, oferecemos a possibilidade de experiências práticas em locais de trabalho da comunidade local”, ressalta o Instituto dos Irmãos Maristas (2023, p. 97).

Todos os relatos orais e documentos evidenciam que a formação oferecida pelo Colégio Marista ia além da sala de aula, consolidando-se como um projeto educativo pautado na presença constante dos Irmãos, no diálogo e na vivência dos valores cristãos. Essa proposta integrava o rigor acadêmico à formação ética e cidadã, promovendo o desenvolvimento global dos alunos e fortalecendo a identidade marista como referência de qualidade e humanismo.

Nesse contexto, as atividades extracurriculares, especialmente as esportivas e culturais, assumiam papel relevante na consolidação desses ideais, configurando espaços privilegiados de convivência, disciplina e expressão dos valores formativos da instituição.

5.4 AS ATIVIDADES ESPORTIVAS E CULTURAIS DO COLÉGIO MARISTA

No Colégio Marista, a prática esportiva era concebida como parte integrante da educação integral, princípio central da pedagogia marista que visa ao desenvolvimento completo do aluno, abrangendo dimensões intelectuais, morais, espirituais, sociais e físicas (Landry, 2016).

Conforme relata o Irmão Fabien Landry ao estudar a vida de São Marcelino Champagnat:

“Um fato interessante que descobri ao reler a vida de São Marcelino Champagnat é que constatei quanto os lazes bem organizados para os jovens eram importantes para ele na formação integral que lhes queria dar. E a respeito não favorecia esportes de competição, mas pedia a seus Irmãos ocupar bem seus alunos com jogos bem organizados ‘que afastam a ociosidade tão danosa aos jovens’. Eis porque, uma das condições que ele apresenta para abrir

uma escola é a existência de um pátio de recreação. Neste aspecto, era verdadeiramente avançado em seu tempo” (Landry, 2016, p. 49).

Nesse sentido, o Colégio Marista buscava promover uma competitividade positiva, que não visava apenas à vitória, mas fortalecia os laços de amizade e a integração entre os estudantes.

Para Dannemann (2025), o pátio de recreio oferecia atividades que estimulavam tanto a habilidade quanto a cooperação:

No pátio do recreio, tinha um poste fixado no chão, com uma corda amarrada no topo, onde tinha uma bola presa na ponta. O objetivo de cada jogador era enrolar a corda no poste, batendo na bola para que ela girasse no sentido desejado. Cada dupla tentava enrolar a bola em seu próprio sentido, competindo para ver quem conseguia enrolar a corda primeiro. Muito divertido. Hoje isso é conhecido como espiribol ou espirobol, também chamado de ‘pipocão’²⁰⁴ em algumas regiões. Se não me falha a memória, eram 4 postes e a disputa era acirrada para conseguir vaga. (Dannemann, 2025).

Ao realizar uma pesquisa sobre o jogo recordado por Dannemann (2025), descobriu-se, segundo comentário de Jean Marcos (2020), realizado na rede social do Instagram do Colégio Marista Arquidiocesano, que o jogo espiribol é uma tradição nos colégios maristas. Ao responder à postagem de 1939, referente ao Colégio Marista Arquidiocesano (Figura 110), que mostra **seis** jovens maristas junto ao poste, Jean Marcos revela que a modalidade foi trazida ao Brasil, pela primeira vez, pelos próprios Irmãos Maristas — eles a iniciaram no país. Da mesma forma, menciona que ocorreu com o vôlei, cuja primeira partida oficial foi jogada em um colégio marista de Recife.

Portanto, o jogo praticado no Colégio Marista de Patos de Minas e lembrado por Dannemann (2025) destaca um aspecto da cultura dos primeiros Irmãos Maristas que vieram para o Brasil, herdada da tradição espanhola.

²⁰⁴ O Espiribol é um jogo recreativo cujo objetivo consiste em girar uma bola presa a uma corda fixada no topo de um mastro, enrolando-a completamente em um sentido, enquanto a equipe adversária tenta fazê-lo no sentido oposto. Sua origem remonta à década de 1920, na localidade de Lanjarón, província de Granada, Espanha, como uma atividade familiar. É atribuído a Don Baltasar Fábregas, militar espanhol, o papel de criador e difusor do jogo. Inicialmente, o Espiribol era praticado com raquetes; entretanto, ao chegar ao Brasil, sofreu adaptações, passando a ser jogado apenas com as mãos. Em território brasileiro, recebe diferentes denominações, como Espiribol, Espirol, Spiribol e Pipocão, variando conforme a região.

Figura 110 – Jovens maristas do Colégio Marista Arquidiocesano:
Jogo espiribol



Fonte: Arquivo do Colégio Marista Arquidiocesano (1939).

Atividades como o Espiribol, entre outras realizadas no Colégio Marista de Patos nas décadas de 1960 e 1970, incentivavam o respeito às regras, a cooperação entre os colegas e o desenvolvimento de habilidades sociais, evidenciando como o esporte e os jogos eram utilizados como instrumentos pedagógicos na formação integral dos alunos. Para além das atividades recreativas realizadas dentro do colégio, os estudantes também participavam de práticas esportivas estruturadas, que iam além do lazer e contribuíam para a promoção de valores como disciplina, respeito às regras, espírito de equipe, cooperação e autocontrole.

Os ex-alunos destacaram as modalidades existentes no colégio enquanto estudavam: futebol, vôlei, atletismo e ginástica integravam a rotina escolar, possibilitando a participação ativa em competições internas e eventos intercolegiais.

Dessa forma, a integração entre esporte e aprendizagem refletia o compromisso da instituição em formar cidadãos íntegros, capazes de desenvolver suas potencialidades em todos os campos da vida, em consonância com a missão educativa marista.

Júlio Macedo França, ex-aluno do Colégio Marista, relata que, quando foi aluno marista em 1959, ingressar no colégio foi “um momento muito esperado para ele, sua família e sua comunidade em geral”. Pelas “lembranças da época, inclusive fotografias de 1959, 1960 e 1962” (França, 2025), ele recorda, com muita satisfação, sua passagem pelo time de futebol do colégio.

Recorda-se de que, no ano de 1959, desde o início de sua formação no colégio, um dos maiores incentivos dos Irmãos era o esporte. Nesse ano, formou-se a primeira turma de futebol do Colégio Marista.

A Figura 111 é um registro dessa turma, que traz, da esquerda para a direita, os alunos: Em pé: Zé do Roque, Geracino Afrordisio, Niltinho, Zé Maria, Júlio Macedo (Eu), Botões e Irmão Cirineu. Agachados: Toninho, Serginho, Lucas, Vicente e Geraldo Ailton.

Figura 111 – Primeiro Time de Futebol do Colégio Marista



Fonte: Arquivo pessoal de França (1959).

França (2025) relembra que “o time de futebol [do marista] era muito falado, jogávamos com equipes aqui de Patos de Minas e outras das cidades vizinhas. Os maristas davam muito apoio na área de esportes, principalmente no futebol”.

Esse depoimento revela como a instituição investia no incentivo às equipes esportivas, que se tornavam conhecidas não só na cidade, mas também em localidades vizinhas. Esse protagonismo do futebol no período reflete a própria centralidade que a modalidade assumia na cultura brasileira da época, marcada pela consagração do Brasil como potência mundial após a Copa de 1958.

O apoio dado pelos Irmãos Maristas ao esporte contribuía para fortalecer a integração dos estudantes, o prestígio da escola perante a comunidade e a vivência de valores como disciplina, espírito de equipe e pertencimento.

Figura 112 – Segundo Time de Futebol do Colégio Marista



Fonte: Arquivo pessoal França (1962).

Na Figura 112, destaca-se o segundo time de futebol do Colégio Marista, montado pelos alunos de 1962, da esquerda para a direita, sendo: Em pé: Geracino, Júlio Macedo (Eu), Niltinho, Zé Maria, Botões e Torete. Agachados: Geraldo Ailton, Lucas, Vicente, Afrodisio e Silvio Gomes.

A Figura 113, disponibilizada por França (2025), destaca o terceiro time de futebol (1963) do Colégio Marista, no qual estão, da esquerda para a direita, os alunos: em pé: Niltinho, Henrique, Ivan, Dão, Botões, Geracino; Agachados: Geraldo Ailton, Amir, Rui, Júlio Macedo (eu) e Silvio Gomes. Também se encontram na mesma foto: em pé a direita: Ana Maria (rainha do milho), Celia e Altiva (candidatas a rainha do milho); e em pé a esquerda do time: Guiomar e Sidnei (candidatas a rainha do milho).

Figura 113 – Terceiro time de futebol



Fonte: Arquivo pessoal França (1963).

O registro do terceiro time de futebol do Colégio Marista, formado em 1963, **evidencia** não apenas os jogadores, mas também a presença de candidatas ao concurso da “rainha do milho”, tradicional festividade de Patos de Minas.

O destaque dessa fotografia está justamente em revelar como o espaço escolar se articulava a elementos da cultura e da vida social patense, associando a prática esportiva à valorização das tradições regionais e ao convívio comunitário.

Mais do que um time, a imagem simboliza a integração entre esporte, festividades populares e identidade estudantil, compondo um retrato representativo da década de 1960 no Colégio Marista de Patos de Minas, além de evidenciar o prestígio do time de futebol.

Uma curiosidade revelada por França (2025), diretamente ligada à sua memória escolar, refere-se à formação do time de futebol familiar, denominado “Irmãos Macedo”²⁰⁵,

²⁰⁵ A formação de uma equipe de futebol composta exclusivamente por irmãos é uma raridade no Brasil. Um exemplo notável é o time “Irmãos Sousa”, do Ceará, que entrou para o RankBrasil como o primeiro time de futebol profissional formado apenas por irmãos. No dia 3 de janeiro de 2013, os onze irmãos Sousa atuaram como titulares no Clube Treze de Gangorra, em uma partida histórica contra o Esporte Futebol Clube do Arraial. O feito foi um sonho realizado do patriarca Raimundo Nonato de Sousa, que sempre brincava que poderia formar um time de futebol com seus filhos. Durante o jogo, os irmãos usaram camisas numeradas de acordo com suas idades, variando entre 42 e 60 anos. A partida terminou com a vitória do Treze de Gangorra por 10 a 7, quase um gol para cada irmão. Cf. RANKBRASIL (Brasil) (ed.). **Primeiro time de futebol profissional formado por irmãos**. 2013. Danilo Georgete. Disponível em:

apresentado na Figura 114, em ordem inclusive de idade dos irmãos. Da esquerda para a direita, em pé: José Macedo (pai), José Maria, Júlio Macedo, Lúcio, Ângelo e Celso; e, agachados: Sílvio, Márcio, Carlos, Eduardo, Antônio Marcos e Marcos Antônio.

Figura 114 – Time Irmãos Macedo



Fonte: Arquivo pessoal de França (década de 1960).

A equipe de futebol “Irmãos Macedo” é um testemunho da união e do espírito esportivo da família. Composta exclusivamente por ex-alunos do Colégio Marista e treinada pelo patriarca José Macedo, a equipe representava não apenas o amor pelo esporte, mas também o legado educacional marcado pelo Colégio Marista, pois todos esses irmãos estudaram na instituição.

Esse amor pelo futebol e a forte união familiar demonstram que as raízes da educação marista contribuíram para cultivar, nessa família, aquilo que Champagnat pregava como “o espírito de família”, razão pela qual pedia aos seus Irmãos que se “mostrassem pais, mais que patrões autoritários” diante dos alunos (Landry, 2016, p. 67).

Em se tratando de esportes, na década de 1970 — período em que Rocha (2025) esteve no colégio — ele destaca que os principais esportes praticados eram vôlei, basquete, futsal e judô, ressaltando em sua memória o professor Antônio, responsável pelo judô.

Também se recorda “das olimpíadas estudantis” e ressalta que a equipe era “uma das mais fortes da época”, acrescentando ainda “os torneios internos”. A recordação mencionada por Rocha (2025) remete aos “Jogos Olímpicos Estudantis”, realizados em outubro.

Em 1973, período em que o ex-aluno frequentava a instituição, o Colégio Marista possuía elevado reconhecimento esportivo e participou com entusiasmo da II Olimpíada Estudantil Patense, conquistando o vice-campeonato entre dez escolas concorrentes (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008). Tal desempenho confirma a afirmação de Rocha (2025), que caracterizava a equipe marista como uma das mais fortes da cidade.

Em 1974, o colégio participou da III Olimpíada Estudantil Patense, que também resultou em desempenho positivo, pois, participando em 12 modalidades, conquistou sete troféus. Em 1975, o Colégio Marista de Patos de Minas participou da IV Olimpíada Estudantil Patense.

Embora não haja registros específicos do Colégio Marista sobre os resultados de 1975, há um breve registro da participação nas Olimpíadas, em modalidades como basquete, salto em altura, salto em distância e salto triplo, com destaque para o aluno Luiz Pinheiro, campeão em vários anos (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

Os registros referentes a 1975 são escassos em razão da mobilização interna diante da transição da gestão para a Mitra Diocesana, o que impactou a atuação do Colégio naquele ano ao concentrar as atenções na reorganização administrativa.

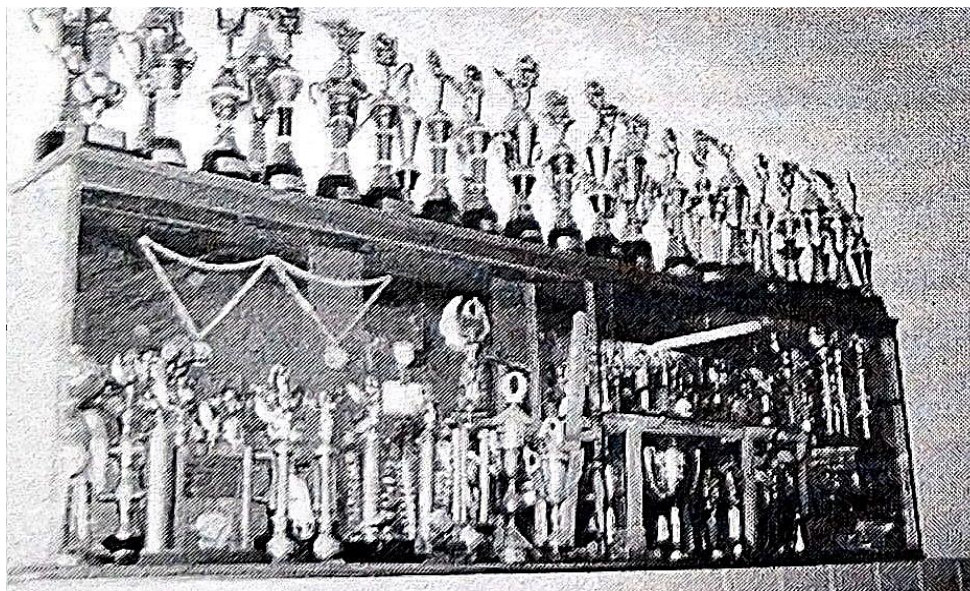
Santos (2025), que esteve no colégio nesse período, afirma não se recordar dos resultados obtidos. Ainda assim, pode-se supor que o desempenho da instituição tenha se mantido positivo, considerando os resultados alcançados nos anos anteriores.

No que se refere às práticas esportivas cotidianas, Santos (2025) lembra “de um grande campo de grama onde jogávamos futebol e corríamos ao redor durante as aulas de Educação Física”. Sua memória reforça a centralidade do esporte na vida escolar, não apenas como prática física, mas também como espaço de convivência, fortalecimento das amizades e construção de valores como disciplina, espírito de equipe e solidariedade.

A Figura 115 reforça os relatos dos ex-alunos ao evidenciar a valorização do esporte no Colégio Marista. Nela, observa-se um estande repleto de troféus e medalhas conquistados

pela instituição no período, testemunhando o destaque e o reconhecimento obtidos em diversas competições.

Figura 115 – Estante de troféus e medalhas



Fonte: Colégio Marista de Patos de Minas (2008, p. 47).

Ao reunir recordações de competições oficiais e do cotidiano escolar, as falas dos ex-alunos permitem compreender o lugar privilegiado que o esporte ocupava na formação integral proposta pelo Colégio Marista de Patos de Minas.

Diante dessas lembranças, é importante destacar que “a escola é um lugar aberto onde o encontro das diferenças acontece de forma intensa. Por isso, a escola não é vista como uma extensão da comunidade religiosa, e, sim, como um espaço autônomo de reflexão e de encontro respeitoso e inclusivo” (CNBB, 2023, p. 58).

Nesse sentido, o Colégio Marista não se limitava a incentivar apenas o futebol já no primeiro ano de funcionamento, mas também promovia outras atividades coletivas, como a banda de música/fanfarra, evidenciando a preocupação em estimular diferentes formas de convivência, expressão cultural e fortalecimento dos vínculos comunitários. Portanto, o incentivo às atividades culturais desde sua fundação é uma marca do Colégio Marista.

França (2025) relembra que “a fanfarra dos maristas era muito respeitada, tida como a melhor fanfarra da região. Era muito requisitada para apresentar-se não só nas festividades da cidade, como também da região. Fato que engrandecia muito o Colégio Marista”. Sua presença nas solenidades locais e regionais conferia visibilidade e prestígio à instituição, ao mesmo tempo em que fortalecia os laços com a comunidade.

Outro aspecto relevante era a expressiva participação dos alunos, demonstrando a forte adesão e o entusiasmo da juventude marista por essa atividade cultural e formativa.

Nos registros do Colégio Marista, encontrou-se o registro da 1ª Fanfarra do Colégio Marista de Patos de Minas (Figura 116), formada no ano de 1959 e solidificada em 1960, que, em pouco tempo, obteve grande prestígio na cidade e região.

Figura 116 – Primeira Fanfarra do Colégio Marista



Fonte: Arquivos CEM-BH (1959).

França (2025) traz outro registro, Figura 117, da fanfarra do ano de 1961, no qual ele está identificado por uma seta, ao lado do Irmão Fernando Sebastião, responsável pela fanfarra. À direita, na ponta da mesma fileira, encontra-se o diretor-geral Irmão Cyrineu Alvarenga.

Entre todas as lembranças, uma foi especial para Eitel Dannemann: sua breve participação na Fanfarra²⁰⁶ do Colégio Marista, cuja existência em 1968 reforça a continuidade dessa prática desde os primeiros anos da instituição. Ele a relembra com satisfação e, certamente, com saudosismo:

A melhor lembrança é que naquele ano de 1968 fiz parte da Fanfarra do Marista, como tocador de flauta. Éramos 10, se não me engano, e nossa incumbência era tocar parte da música tema do filme 'A Ponte do Rio Kwai'. A fanfarra chegou a se apresentar em alguns municípios vizinhos e, legal demais da conta, eu estava lá com eles. Quando meus pais resolveram se mudar de Patos de Minas em 1969, solicitei ao Irmão responsável pela Fanfarra, cujo nome não me lembro, que me desse de presente a flauta para que a tivesse como uma eterna lembrança do Marista. Ele prontamente aceitou. Durante algum tempo eu tocava a música na flauta. Aí veio a vida

²⁰⁶ Fundado em 1959, o Colégio Marista adotou a fanfarra como uma de suas primeiras metodologias pedagógicas e culturais, fortalecendo o espírito de disciplina, trabalho em equipe e identidade institucional entre os alunos.

profissional, e eis que a flauta ficou guardada como uma ótima lembrança, e hoje, já não sei mais tocar a música na flauta (Dannemann, 2025).

Figura 117 – Fanfarra do Colégio Marista



Fonte: Arquivo Pessoal de França (1961)

Dannemann (2025) guarda até hoje a flauta (Figura 118), que, para ele, é um símbolo material de sua vivência escolar e da importância que a fanfarra teve em sua formação.

Figura 118 – Flauta utilizada por Dannemann no colégio em 1968



Fonte: Arquivo pessoal de Dannemman (1968).

A relação dos alunos com a música mostrava-se intensa, tanto no envolvimento pessoal quanto no vínculo estabelecido com os responsáveis pela banda e fanfarra. França (2025), na década de 1960, recorda com afeto o Irmão Fernando Sebastião — vivo também na memória afetiva de Alves (2025) — que lecionava mais de uma disciplina (Matemática e Desenho) e coordenava a fanfarra, que, segundo ele, “era muito boa”.

Enquanto isso, Rocha (2025) e Santos (2025), na década de 1970, destacam como responsável pela fanfarra e banda o músico conhecido como “Antônio do Prego”, referência marcante nesse contexto.

Rocha (2025) o cita como responsável pela fanfarra, ressaltando que ela era “considerada a melhor da cidade” e sempre presente “nos desfiles de aniversário da cidade”. Essa lembrança é complementada por Santos (2025), ao afirmar que a fanfarra tinha “uma participação bastante ativa no desfile cívico-militar e estudantil aqui em Patos de Minas”, constituindo-se como um dos momentos mais significativos das comemorações do aniversário da cidade.

Do ponto de vista pedagógico, Marizete de Carvalho Cardoso Teixeira e Gabriela Silveira Rocha destacam que:

[...] a fanfarra contribui para o pleno desenvolvimento dos sujeitos, tanto para a aprendizagem musical, quanto nos aspectos social, cultural e cognitivo, além de estimular os integrantes para a convivência em grupo, em torno de uma atividade que sensibiliza e cria uma identificação com a escola (Teixeira; Rocha, 2023, p. 318).

Santos (2025) relembra que “a Fanfarra Marista (...) era bastante conhecida não só na cidade, como também na região. Além disso, muitos dos alunos costumavam apresentar temas atuais durante o desfile”. Ele confessa: “eu nunca tive talento para a música, mas tive várias oportunidades de aprender, especialmente com o músico e maestro Antônio do Prego, que me convidava para tentar”.

Essa lembrança evidencia não apenas o prestígio da fanfarra, mas também a sensibilidade pedagógica de seu maestro, que, ao incentivar mesmo aqueles que não possuíam aptidão musical, demonstrava compromisso com a formação integral dos estudantes. Sua figura, portanto, transcende o papel de instrutor musical, tornando-se um verdadeiro educador, cuja influência marcou a vida de gerações de alunos do Colégio Marista.

De fato, a presença de Antônio do Prego na fanfarra marcou profundamente a trajetória escolar de muitos alunos. Para Alves (2025), a fanfarra, que já possuía um bom conceito, “melhorou o nível ainda mais, com a direção de Antônio Prego”. Para Santos (2025), então com apenas 12 anos de idade, a lembrança do saudoso maestro revela-se intensa, ao afirmar:

Quando visito o cemitério municipal²⁰⁷ e vejo o túmulo dele na entrada, sempre lembro com carinho do profissionalismo e da humildade que ele demonstrou ao longo de sua trajetória no Colégio Marista. Quando se fala em cultura em Patos de Minas, não tem como deixar de lembrar do Antônio Basílio Leal, mais conhecido como Antônio do Prego (Santos, 2025).

Santos (2025) não o recorda apenas como músico, mas também como um cidadão patense de relevância. O fato de, ainda nos dias atuais, visitar seu túmulo sugere que sua memória permanece viva na comunidade, transcendendo a dimensão artística e consolidando-se como um legado afetivo e social duradouro.

Na cidade, Antônio Basílio Leal, conhecido carinhosamente como “Tonho do Prego”, é destacado por Wesley Raphael (2015), que o classifica como “o homem do trombone, símbolo da nossa cultura maior, da alegria e da música”, conforme apresentado na Figura 119.

Figura 119 – Antônio Basílio Leal – Antônio do Prego ou Tonho do Prego



Fonte: Raphael (2015).

Raphael (2015), em consonância com os relatos de Santos (2025) e Rocha (2025), descreve Antônio Basílio Leal, o conhecido “Antônio do Prego”, como uma figura marcante

²⁰⁷ Antônio do Prego faleceu no dia 28 de agosto de 2006, em Patos de Minas, onde foi sepultado. Cf. RAPHAEL, Wesley. Antônio do Prego é lembrado pela Fundação Casa da Cultura do Milho. **Patos em Destaque**, [online]. 21 abr. 2015. Disponível em: <https://patosemdestaque.com.br/noticia/54q9OoDAMR> Acesso em: 29 ago. 2025.

pelo carisma e pela alegria contagiante. Reconhecido por sua dedicação à música, tornou-se referência nos desfiles da Avenida Getúlio Vargas, conduzindo bandas e fanfarras de diversas escolas da cidade.

No entanto, pelo relato de Raphael (2015), sua atuação musical não se restringia ao Colégio Marista, pois era constantemente solicitado por outras instituições, chegando a orientar simultaneamente diferentes grupos musicais para atender à demanda.

Tal empenho era marcado pelo entusiasmo com que desempenhava sua função, conquistando a admiração do público que acompanhava os desfiles.

Mais do que um maestro, era um artista versátil — dominava o trombone de vara, mas demonstrava habilidade com diversos instrumentos — e um educador comprometido, responsável por iniciar inúmeros jovens na música, unindo a prática artística ao exercício de sua vocação de professor e vereador.

Considerando os trabalhos realizados no Colégio Marista — pelos Irmãos Maristas e por profissionais de música como Tonho do Prego —, evidencia-se a fala de Renata Marcílio Cândido (2007, p. 66-67), para quem a “inclusão das festas nas práticas escolares demandou dos professores, dos diretores, inspetores e também dos alunos a incorporação de outros conhecimentos relacionados não só ao conteúdo das festas, mas também às melhores formas de as organizar”.

Nesse contexto, a dinâmica de organização de cada evento era uma participação conjunta, demonstrando uma real construção de vínculos, de respeito mútuo e de trabalho em equipe.

A história da fanfarra do Colégio Marista não foi marcada apenas pelos desfiles e ocasiões cívico-pedagógicas, mas também por sua atuação social. Em 1973, por exemplo, era frequentemente solicitada para tocar em diversas ocasiões, como a inauguração do Asilo dos Velhinhos²⁰⁸ e em várias alvoradas festivas.

Em 1974, há registro apenas de que a fanfarra esteve presente em diversas oportunidades em eventos de Patos de Minas. É lembrada também a apresentação na “progressista cidade de Pirapora, onde se exibiu com grande sucesso” (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

²⁰⁸ Nos Anais do Colégio Marista, a informação é limitada. Não se sabe ao certo qual foi essa instituição inaugurada. O Asilo Vicentino Padre Alaor Porfírio de Azevedo, por exemplo, foi fundado em 1953. Em 1970, foi fundada a Vila Rosa, iniciativa da antiga professora e pesquisadora citada em seu Memorial, construída para abrigar idosos. Portanto, pode tratar-se de uma dessas duas instituições — seja em referência a uma inauguração, seja a alguma reforma —; contudo, não há registros conclusivos.

No colégio, os desfiles de maio, realizados durante a Festa do Milho (Fenamilho), contavam não apenas com a participação da fanfarra, mas também com carros alegóricos, que se tornaram uma tradição marcante da escola. Essas participações são lembradas pelos ex-alunos como um momento festivo importante.

Da década de 1960, foi encontrada uma fotografia (Figura 120), datada de 1964, em que o colégio desfila com um carro alegórico que reproduzia a fachada da instituição e, à sua frente, três graciosas moças (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

Figura 120 – Carro alegórico do Colégio Marista – Festa do Milho



Fonte: Colégio Marista de Patos de Minas (2008, p. 41).

Outra imagem da apresentação do colégio no desfile mostra a banda do Colégio Marista, na qual é possível identificar, ao fundo, à esquerda, o Irmão Fernando Sebastião. Essa fotografia evidencia a particularidade da participação da banda em um evento cultural tão prestigiado, reforçando o envolvimento da instituição com a vida artística e social da comunidade local (Figura 121).

De acordo com Cândido (2014, p. 91), “as apresentações escolares, como fanfarras e desfiles, funcionavam como espaços de socialização e de reforço de identidade coletiva, permitindo que a instituição educacional consolidasse valores cívicos e morais nos estudantes”. No caso do Colégio Marista de Patos de Minas, a participação da banda nos desfiles evidencia não apenas a valorização do talento artístico dos alunos, mas também a intenção pedagógica de integrar cultura, disciplina e civismo, criando uma experiência educativa que extrapolava a sala de aula e fortalecia a identidade da comunidade escolar.

Figura 121 – Desfile da Banda do Colégio Marista



Fonte: Colégio Marista de Patos de Minas (2008, p. 41).

Nos anais do Colégio Marista de 1973, registra-se: “Modéstia à parte, foi marcante nossa presença na 14ª Festa do Milho, com o brilhantismo de nossa fanfarra já gloriosa (90 figuras)”. O documento também ressalta o carro alegórico que conduziu a Rainha dos Estudantes Patenses, aluna do colégio, além de celebrar os bons resultados obtidos no “Show Estudantil” e a intensa participação nos festejos daquele ano (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

Como observa Cândido (2014, p. 92), “a participação em festas escolares e cívicas permitia que estudantes experimentassem, de forma coletiva, o pertencimento a uma comunidade e a internalização de valores cívicos e culturais”.

No contexto do Colégio Marista de Patos de Minas, a fanfarra e o carro alegórico não apenas celebravam a tradição local, mas também reforçavam a integração dos alunos com a vida artística e social da comunidade, articulando civismo, disciplina e vivência de valores coletivos, em consonância com a proposta pedagógica marista.

No ano seguinte, em 1974, o colégio manteve sua presença nos eventos sociais da cidade, sem descuidar da seriedade dos estudos. Na 15ª Festa Nacional do Milho, o carro alegórico representou os 15 anos da chegada da instituição a Patos de Minas, trazendo como destaque uma grande pata, em torno da qual giravam cinco patinhos²⁰⁹.

²⁰⁹ Contudo, em pesquisa realizada no local, observou-se que registros visuais ou escritos sobre o carro alegórico de 1974 — aquele que trazia a “pata com cinco patinhos ao seu redor” — infelizmente não estão disponíveis ao acesso público. Possivelmente, a representação da pata remete diretamente a Patos de Minas, funcionando como símbolo identitário. Ao mesmo tempo, pode ser interpretada como alusão à “Casa Mãe”, denominação utilizada por Champagnat para referir-se ao espaço marista que acolhe seus membros. Nessa perspectiva, os patinhos

O registro ainda menciona a presença da Srta. Miss Patos, também aluna do colégio, cuja participação foi destacada como elemento de realce e encanto no conjunto das apresentações (Colégio Marista de Patos de Minas, 2008).

Ao concluir sua recordação sobre os desfiles da fanfarra nas comemorações do aniversário da cidade, Santos (2025) relembra também outro momento cultural marcante da década de 1970. Segundo ele,

[...] é a comemoração da Independência do Brasil, que acontecia às 19 horas no dia 7 de setembro. Nesse dia, havia o hasteamento das bandeiras em frente ao que hoje é o Colégio Nossa Senhora das Graças, e um palco era montado para as apresentações teatrais feitas pelos alunos. A letra do hino da Independência era distribuída em papel mimeografado²¹⁰ para que todos pudessem cantar juntos (Santos, 2025).

A memória de Santos (2025) revela como o Colégio Marista buscava integrar, em sua proposta educativa, diferentes dimensões da formação integral, contemplando não apenas o esporte e a música, mas também a vivência de valores cívicos e artísticos. Como observa Cândido (2014, p. 93), “as festas escolares e cívicas funcionavam como espaços de aprendizagem social e moral, promovendo o pertencimento coletivo e a construção de uma identidade compartilhada entre os estudantes”.

No contexto do Colégio Marista de Patos de Minas, a participação em celebrações como a da Independência do Brasil fortalecia o sentimento de pertencimento comunitário, ao mesmo tempo em que promovia a educação para a cidadania, a disciplina e o cultivo da identidade nacional, articulando, de forma singular, civismo e valores maristas.

Além das atividades cívicas e artísticas, no contexto cultural e pedagógico, o Colégio Marista de Patos de Minas, como escola católica, compreende seu ambiente educativo “como testemunho evangelizador e sinal da presença de Deus neste mundo”.

figurariam como metáfora dos próprios maristas, compreendidos como “filhos da casa”. Tal interpretação encontra respaldo em Landry (2016), cuja obra evidencia essas designações no contexto da tradição marista.

²¹⁰ O relato de Santos (2025), ao mencionar que a letra do Hino da Independência era distribuída em papel mimeografado, remete a um recurso didático amplamente utilizado nas escolas brasileiras da época: o mimeógrafo. Esse equipamento, geralmente a álcool ou a estêncil, permitia a reprodução de cópias em quantidade, sendo essencial na produção de materiais pedagógicos, como provas, listas de exercícios, textos de apoio e comunicados escolares (Vivência própria). No contexto do Colégio Marista de Patos de Minas, o uso do mimeógrafo revela não apenas uma prática pedagógica típica das décadas de 1960 e 1970, mas também o esforço da instituição em disponibilizar recursos acessíveis e organizados para o processo de ensino-aprendizagem. Antes do advento das máquinas fotocopadoras e impressoras, era essa tecnologia que viabilizava o acesso coletivo ao material, contribuindo para a rotina escolar e fortalecendo a uniformidade no acompanhamento dos conteúdos.

Em sua concepção pedagógica, considera a dimensão “espiritual do ser humano”, colaborando para que “os estudantes vivenciem os valores cristãos e suas virtudes, em especial a caridade” (CNBB, 2023, p. 14-15).

França (2025) recorda das apresentações teatrais que ocorriam na escola, principalmente aquelas realizadas em celebração da Semana Santa²¹¹— período em que “os Irmãos participaram ativamente das atividades religiosas, incluindo apresentações de cânticos na Catedral”, reforçando a dimensão espiritual que permeava a vida escolar. Como destaca Cândido (2007, p. 32), “os estudos acerca das festas religiosas apresentam uma concepção de festa como um momento extremo de fé, no qual os indivíduos têm a oportunidade de romper com o seu cotidiano para receber vida nova e força interior”.

Figura 122 - Apresentação teatral dos alunos maristas na Semana Santa



Fonte: Arquivo pessoal de França (1962)

França (2025) recorda-se, em especial, da Semana Santa de 1962, na qual participou, com outros colegas, da encenação dos discípulos de Jesus Cristo (Figura 122). Da esquerda para a direita: Elhon Cruvinel Borges (entrevistado na pesquisa), Geraldo Caetano Maia, Júlio

²¹¹ A Semana Santa é o período litúrgico que antecede a Páscoa, no qual a tradição cristã recorda a paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Suas principais celebrações incluem o Domingo de Ramos, a Quinta-feira Santa (instituição da Eucaristia), a Sexta-feira da Paixão, o Sábado de Aleluia e o Domingo de Páscoa. Na cultura católica, essas datas são marcadas por cerimônias religiosas, procissões, encenações da Paixão de Cristo e práticas devocionais específicas.

Macedo França (proprietário da fotografia) e Paulo César Teixeira Duarte²¹² — todos caracterizados com figurinos de época.

Cândido (2007, p. 32) também destaca que a “festa [religiosa] é ruptura com o cotidiano, ela dá força ao dia-a-dia e alimenta a espiritualidade”. Portanto, com a participação dos alunos em festejos religiosos como a Semana Santa, o Colégio Marista dava aos seus alunos essa ruptura e ao mesmo tempo alimentava a espiritualidade, propósito fundamental na pedagogia e diretrizes dos Colégios Maristas, como explica Landry (2016) ao tratar sobre a fundação e a formação da congregação.

O registro de França (2025), também propicia uma reflexão pertinente sobre a gênese do Colégio Marista. Parafraseando Landry (2016), desde o início da pesquisa, ao conhecer a história de Marcelino Champagnat, é possível admirar sua trajetória como fundador:

[...] Eu o admirei em seu encaminhamento de fundador, onde, confrontado com obstáculos de toda sorte e maldosos julgamentos de seus próprios confrades e amigos, mostrou, de parte, uma profunda humildade, e doutra parte, confiança inquebrantável no poder de Deus e de amor filial a nossa Boa Mãe Maria (Landry, p. 2016, p. 9).

No contexto geral da perspectiva educativa do Colégio Marista de Patos de Minas, as celebrações escolares — cívicas, culturais e religiosas — funcionavam como espaços de aprendizado, socialização e vivência de valores, reforçando a identidade coletiva, a disciplina, a religiosidade e o sentimento de pertencimento à comunidade escolar. As festas escolares são momentos privilegiados para o aprendizado de conteúdos, a disseminação de conhecimentos, de normas e de valores legitimados pela escola e pela sociedade:

A concepção de festejo escolar discutida esteve associada ao seu potencial pedagógico e educativo. A comemoração possuía uma série de características, de rituais, de técnicas que muito mais do que um momento para divertimento foi considerada um momento de aprendizado de conteúdos, valores, normas e comportamentos aceitáveis socialmente. Entretanto, faz-se importante salientar que nem todos se utilizaram e se apropriaram dos festejos da mesma forma, seguindo o que estava previsto oficialmente, alguns diretores utilizaram as festas para se promoverem socialmente e na carreira, os inspetores de ensino para constatarem o real adiantamento do ensino, os professores para demonstrarem o avanço escolar, o desenvolvimento dos seus alunos e para afirmarem suas identidades, já para os alunos as comemorações poderiam ser consideradas momentos muito especiais, nos quais eles,

²¹² Paulo César Teixeira Duarte, formou-se em Medicina, atual em Patos de Minas Anestesiologista, Médico clínico geral.

participantes ativos, eram os co-responsáveis pelo seu sucesso (Cândido (2012, p. 147).

No contexto geral da perspectiva educativa do Colégio Marista de Patos de Minas, as celebrações escolares — cívicas, culturais e religiosas — funcionavam como espaços de aprendizado, socialização e vivência de valores, reforçando a identidade coletiva, a disciplina, a religiosidade e o sentimento de pertencimento à comunidade escolar. As festas escolares são momentos privilegiados para o aprendizado de conteúdos, a disseminação de conhecimentos, de normas e de valores legitimados pela escola e pela sociedade:

A concepção de festejo escolar discutida esteve associada ao seu potencial pedagógico e educativo. A comemoração possuía uma série de características, de rituais, de técnicas que muito mais do que um momento para divertimento foi considerada um momento de aprendizado de conteúdos, valores, normas e comportamentos aceitáveis socialmente. Entretanto, faz-se importante salientar que nem todos se utilizaram e se apropriaram dos festejos da mesma forma, seguindo o que estava previsto oficialmente, alguns diretores utilizaram as festas para se promoverem socialmente e na carreira, os inspetores de ensino para constatarem o real adiantamento do ensino, os professores para demonstrarem o avanço escolar, o desenvolvimento dos seus alunos e para afirmarem suas identidades, já para os alunos as comemorações poderiam ser consideradas momentos muito especiais, nos quais eles, participantes ativos, eram os co-responsáveis pelo seu sucesso (Cândido (2012, p. 147).

Essa perspectiva sintetiza toda a experiência vivenciada no Colégio Marista de Patos de Minas, seja na prática pedagógica, no cumprimento das normas ou nas atividades esportivas, cívicas, culturais e religiosas. Demonstra-se, assim, como o ideal de um homem de fé pode inspirar milhares de pessoas ao redor do mundo, promovendo valores como a confiança em Deus, o amor a Maria e a importância da Palavra divina.

Ajustando a ideia central contida na apresentação do livro *20 anos de vida e missão*, da PMBCN (2024, p. 6), à realidade deste estudo, pode-se dizer que:

“Neste compêndio de memórias, queremos publicar um sonho que se tornou missão, que valoriza um passado construído por tantos Irmãos, leigos e leigas, colocando à disposição um conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. As lembranças, os sentimentos e os registros que aqui residem têm a função de conservar o passado: de pessoas, fatos, processos e projetos. Uma memória que se traduz na épica excelência daqueles e daquelas que tornaram, pelas mãos e o coração de Jesus Cristo, Maria e Champagnat, uma realidade missionária, concreta, exitosa e feliz, capaz de gerar um novo tempo, um novo começo, cheio de esperança” (PMBCN, 2024, p. 6).

No caso do Colégio Marista de Patos de Minas, esse “sonho que se tornou missão” materializa-se na história construída por Irmãos, leigas, leigos, educadores e estudantes, cuja memória se conserva como referência para a comunidade patense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, intitulado “Educação Marista em Patos de Minas – MG (1957–1975): gênese e primeiras configurações do Colégio”, inseriu-se no campo da História da Educação, mais especificamente na investigação sobre instituições escolares. Nesse contexto, a pesquisa buscou responder à questão central: como ocorreu o processo de implantação do Colégio Marista em Patos de Minas, entre 1957 e 1975, e de que maneira sua proposta educativa, fundamentada nos princípios da Congregação Marista, contribuiu para a formação acadêmica, moral e social dos jovens patenses?

A análise demonstrou que a questão de pesquisa foi respondida de forma satisfatória, pois foi possível reconstituir o percurso de criação e consolidação da instituição, destacando a atuação da Congregação Marista, a mobilização da comunidade local e o papel de lideranças religiosas e civis. Os objetivos específicos também foram alcançados: identificou-se a identidade da educação marista, o contexto histórico de sua fundação, o projeto arquitetônico, a infraestrutura do colégio, bem como a composição do corpo discente e docente e as práticas pedagógicas e disciplinares.

O referencial teórico mostrou-se adequado e enriquecedor, pois permitiu articular a história da Congregação Marista desde Champagnat, sua chegada ao Brasil e sua inserção em Minas Gerais, com a realidade particular de Patos de Minas. Essa articulação possibilitou compreender a educação marista como experiência singular, mas inserida em um movimento mais amplo de expansão da escola confessional católica no Brasil do século XX.

Nesse sentido, ao retomar a trajetória do Colégio Marista de Patos de Minas, torna-se possível reconhecer, à luz das reflexões de Magalhães (2004), que as instituições escolares são construções históricas atravessadas por materialidades, representações e pelas ações de diferentes sujeitos. As categorias propostas por Nosella e Buffa (2013) — criação, evolução, vida escolar e trajetórias — contribuíram de forma decisiva para compreender o colégio não apenas como um prédio ou um conjunto de práticas educativas, mas como a expressão viva de um projeto pedagógico e social tecido por múltiplas vozes. A partir desse olhar, evidenciou-se que os princípios formativos inspirados em Marcelino Champagnat, alicerçados na ideia de educação integral e na vivência da fé, sustentaram o modelo educativo implementado em Patos de Minas e marcaram profundamente sua identidade institucional.

A síntese interpretativa dos resultados revelou que a implantação do Colégio Marista em Patos de Minas traduziu-se em um projeto de articulação entre fé, educação e comunidade, que assumiu contornos próprios a partir das especificidades locais. Embora inspirado pelos

mesmos ideais pedagógicos e espirituais que orientaram outras escolas da Congregação, o colégio patense expressou uma releitura contextualizada da pedagogia marista, adaptando-se às condições socioculturais da cidade e às demandas educacionais de uma sociedade em modernização. Esse traço de flexibilidade e enraizamento local constitui uma marca distintiva da instituição em relação a outras escolas maristas de Minas Gerais, como as de Uberaba, Belo Horizonte e Montes Claros, nas quais as relações com o poder público, a comunidade e o currículo assumiram configurações diversas.

A metodologia empregada, baseada em pesquisa qualitativa e historiográfica, mostrou-se pertinente ao objeto. O levantamento bibliográfico, a análise documental e os relatos orais se complementaram, possibilitando preencher lacunas existentes nos registros escritos. O depoimento de um educador marista da primeira turma e de ex-alunos do período de 1959 a 1975 enriqueceu a investigação, ao trazer memórias e significados que os documentos não alcançavam. A conjugação de diferentes tipos de fontes (documentais, orais e iconográficas) revelou-se um recurso metodológico potente para apreender as dimensões humanas e culturais da instituição.

A realização desta pesquisa representou um desafio desde o planejamento até a conclusão. Inicialmente, acreditava-se que bastaria seguir o projeto traçado para que os objetivos fossem alcançados de forma linear. Logo se percebeu que tal expectativa era equivocada: quanto mais se avançava no estudo, maior era o envolvimento com a história do Colégio Marista de Patos de Minas, que exigia novas interpretações, revisões constantes e olhares mais atentos. As exigências da orientação e os apontamentos da banca de qualificação foram decisivos para amadurecer a escrita, corrigir equívocos e abrir novos caminhos, tornando o processo de investigação não apenas rigoroso, mas também enriquecedor.

Todavia, algumas limitações precisam ser reconhecidas. A principal dificuldade esteve na localização e participação de ex-alunos para as entrevistas, considerando o recorte temporal do estudo. Somado a isso, houve escassez de fontes no arquivo da escola, sobretudo no período de julho de 1962 a janeiro de 1966, além da presença de poucos registros entre 1970 e 1975. Essa lacuna documental exigiu a consulta ao Centro Marista de Belo Horizonte, a fim de complementar as informações e possibilitar o cruzamento das fontes disponíveis.

Ainda assim, os resultados permitem afirmar que a implantação do Colégio Marista em Patos de Minas foi fruto de articulações entre Igreja, comunidade e poder público, traduzindo-se em um projeto pedagógico que aliava rigor acadêmico, disciplina e formação integral. Por outro lado, as lembranças dos ex-alunos demonstram a confiança construída entre professores e alunos, fortalecida por atividades culturais, esportivas e religiosas. A prática

educativa evidenciou o compromisso com valores éticos, religiosos e sociais, consolidando o colégio como espaço de cultura, cidadania e identidade local.

As contribuições deste trabalho estendem-se ao campo da História da Educação ao iluminar uma parte da história de uma instituição escolar até então pouco estudada, inserindo-a no debate sobre a educação confessional no Brasil. Além de resgatar o passado da escola, o estudo evidencia como os princípios maristas foram reinterpretados num contexto interiorano, revelando o papel das instituições confessionais na formação de sujeitos e comunidades. Assim, a pesquisa contribui não apenas para o conhecimento da história local, mas também para a historiografia educacional brasileira, ao mostrar como os colégios religiosos se integraram à dinâmica social e cultural das cidades médias de Minas Gerais.

O percurso realizado também trouxe aprendizados significativos quanto à própria prática de pesquisa histórica. As dificuldades de acesso a fontes completas e oficiais revelaram os limites inerentes ao trabalho com documentos institucionais, mas, ao mesmo tempo, destacaram o valor das entrevistas e dos relatos orais para reconstituir dimensões humanas e simbólicas da vida escolar. As fontes jornalísticas e epistolares mostraram-se fundamentais para compreender os discursos e representações da época, enquanto as memórias orais, ainda que permeadas por afetos e imprecisões, permitiram captar o sentido de pertencimento e de identidade forjado pela experiência marista em Patos de Minas.

As projeções futuras apontam para um campo fértil de continuidade. Seria relevante realizar um estudo comparativo entre o Colégio Marista de Patos de Minas e outras instituições da Congregação em Minas Gerais, a fim de investigar semelhanças e diferenças nas práticas pedagógicas, na organização interna e nas relações estabelecidas com o poder público e a comunidade. Essa análise contribuiria para compreender como os princípios de Champagnat foram reinterpretados em diferentes contextos e quais elementos do projeto educativo se mostraram resistentes ou adaptáveis ao longo do tempo.

Há também espaço para aprofundar a dimensão pedagógica do projeto marista. Estudos futuros sobre currículos, métodos de ensino, formação docente e práticas avaliativas poderão explicitar como a instituição equilibrou tradição e modernização, fé e rigor intelectual, especialmente diante das reformas educacionais das décadas de 1960 e 1970. Do mesmo modo, pesquisas sobre memórias e trajetórias de ex-alunos e ex-professores poderão revelar impactos mais amplos da formação marista nas sociabilidades, escolhas profissionais e identidades locais.

Outra frente de continuidade diz respeito à preservação da memória institucional. A criação de um acervo histórico organizado — reunindo documentos, fotografias, objetos

escolares e depoimentos — poderia fortalecer o vínculo entre a instituição e a comunidade patense, além de subsidiar futuras investigações acadêmicas.

Por fim, destaca-se que o presente estudo dialoga diretamente com a trajetória da pesquisadora, cuja formação docente e atuação profissional se entrelaçam com os temas aqui discutidos. Esse percurso singular contribuiu para ampliar a sensibilidade interpretativa e favorecer análises que articulam história, educação e prática pedagógica.

Em síntese, esta dissertação não representa um encerramento, mas um ponto de partida. O estudo do Colégio Marista de Patos de Minas não apenas recupera uma parte significativa da história da educação no município, como também instiga novas investigações sobre o papel das instituições confessionais na construção social, cultural e moral de Minas Gerais e do Brasil. A trajetória reconstruída demonstra que o colégio foi mais do que um espaço de ensino: foi um lugar de formação integral, de sociabilidade e de fé, onde se entrelaçaram as dimensões do humano, do espiritual e do comunitário — fundamentos permanentes da pedagogia marista e marcas indeléveis de sua presença na história da educação brasileira.

REFERÊNCIAS

BARBATO, Luis Fernando Tosta.; CASTRO, Yasmin Amorim Viana de. A logística entre os tropeiros na cidade de Patos de Minas (Minas Gerais – Brasil): aproximações entre história e logística. **Revista de História da UEG**, Porangatu, v.6, n.1, p. 75-92, jan./jul. 2017. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/6092> . Acesso em: 5 fev.2025.

BARONE, Jessica. **Livros didáticos de matemática da editora FTD no cenário brasileiro: as primeiras décadas do século XX**. 2008. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2008. Disponível em: <https://www.crephimat.com.br/docs/D/D-HEdM/2008%20-%20M%20-%20Jessica%20Barone.pdf> . Acesso em: 23 maio 2025.

BATISTA, Breno Minelli. **A outra face católica da economia solidária: atividades do Instituto dos Irmãos Maristas das Escolas**. 2022. 157 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, São Carlos, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/server/api/core/bitstreams/c16f41dd-04c2-4e72-81c5-6bfb98ee4eee/content> . Acesso em: 4 mar.2025.

BENTHAM, Jeremy. **O Panóptico**. Tradução de Guacira Lopes Louro, M. D. Magno e Tomaz Tadeu; organização de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. Tradução de BENTHAM, Jeremy. *Panopticon; or, The Inspection-House*. Dublin; London: re-printed and sold by T. Payne, 1791.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Arquitetura e espaço escolar: reflexões acerca do processo de implantação dos primeiros grupos escolares de Curitiba (1903–1928). **Revista Educar**, Curitiba, n. 18, p. 103-141, 2001. Editora da UFPR. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/FJghRmsfGKdBkyzrRLyKwXs/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 14 jun. 2025.

BITTENCOURT, Agueda Bernadete. O livro e o selo: editoras católicas no Brasil. **Pro-Posições**, v. 25, n. 1(73), p. 117-137, jan./ abr., 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/ZYtc8SfCVyFpprsgKdpZMPPr/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 2 julho, 2025.

BORBA, Fernanda Matos de. **Confessionalidade na escola: a relação entre religião e educação no projeto educativo da Rede Marista**. 2014. 96 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Escola Superior de Teologia – Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2014.

BORGES, João Lucas Ribeiro. Hoje, dia 17 de dezembro de 2024 (...). Grupo Facebook Saudosismo Patense, **Facebook**. [online] Publicado em: 17 dez. 2024. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/2823923481260972/posts/3907786632874646/> . Acesso em: 18 ago. 2025.

BOSCHILIA, Roseli. **Modelando condutas: educação católica em escolas masculinas**. Curitiba: SAMP, 2018.

BOTELHO, Demerval Alves. **Biografia de Padre Júlio Maria de Lombaerde**. (s.d). Disponível em: <https://padrejuliomaria.com.br/biografia/> . Acesso em: 15 maio 2025.

BRASIL. Decreto-lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942. Lei Orgânica do Ensino Secundário. **Diário Oficial da União**, seção 1, Rio de Janeiro, 10 abr. 1942.

BRASILHIS Database. Lourenço Castanho Taques. In: **BRASILHIS Database: Personal Networks and Circulation in Brazil during the Hispanic Monarchy (1580-1640)**. Disponível em: <https://brasilhis.usal.es/en/node/12955> Acesso em: 31 mar. 2025.

BRASIL. Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971. Dispõe sobre o ensino de 1º e 2º graus, dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 12 ago. 1971. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html> . Acesso em: 15 ago. 2025.

BRUGNARA, Roque. **Consagrados a Deus**: para a educação evangelizadora de crianças e jovens. PMBCS, 2024. Disponível em: https://marista.org.br/wp-content/uploads/2025/05/Consagrados-a-Deus_27-02-25-baixa.pdf Acesso em: 6 jul. 2025.

CAIXETA, José Eustáquio Bueno. **Colégio Marista ou Ginásio Nossa Senhora de Fátima**. Saudosismo Patense. [Grupo privado no Facebook], 16 maio. 2024. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/2823923481260972/posts/3718934488426529/> Acesso em: 25 ago. 2025.

CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS DE MINAS. **Moção de Aplaosos nº 002, de 7 de março de 2019**. Vereador Francisco Carlos Frechiani. Gabinete da Câmara Municipal de Patos de Minas, Patos de Minas, MG. Disponível em: https://sapl.patosdeminas.mg.leg.br/media/sapl/public/materialegislativa/2019/25280/mocao_002_2019.pdf Acesso em: 18 ago. 2025.

CARNEIRO, Amanda de Lima.; GATTI, Gisele Cristina do Vale. Combates pela formação da normalista católica em Patos de Minas (Minas Gerais, Brasil, 1948-1960). **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 19, n. 63, p. 1518-1540, out./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/25699/23906> Acesso em: 4 jun. 2025.

CARNEIRO, Amanda de Lima. **Moças prendadas e bem-formadas do colégio Nossa Senhora das Graças de Patos de Minas - MG (1948-1960)**. 2018. 114 f. Dissertação (mestrado) – Universidade de Uberaba. Programa de Mestrado em Educação, Uberaba, 2018. Disponível em: <https://dspace.uniube.br:8443/handle/123456789/1084> Acesso em: 12 mar. 2025.

CASTILHO, Saulo. **Bartolomeu Bueno da Silva**. 2020. Disponível em: <https://www.infoescola.com/biografias/bartolomeu-bueno-da-silva/> Acesso em: 12 mar. 2025.

CECATTO, Adriano. **A recepção do Concílio Vaticano II na Província Marista de São Paulo: a adaptação da identidade da Vida Religiosa e da Educação Católica (1967-1986)**. 2021. 261 f. Dissertação (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/server/api/core/bitstreams/226ce0f7-f8a3-4db1-94f9-c3bf74215204/content> Acesso em: 15 set. 2025.

CENTRO DE ESTUDOS MARISTAS (CEM). **Cartas trocadas entre religiosos e autoridades locais sobre a fundação do Colégio Marista de Patos de Minas**. Belo Horizonte, [s.d.].

CENTRO DE ESTUDOS MARISTAS (CEM). **Fotografias históricas do Colégio Marista de Patos de Minas (1959–1975)**. Belo Horizonte, [s.d.].

CENTRO DE ESTUDOS MARISTAS (CEM). **Relatórios institucionais sobre a expansão da missão marista em Minas Gerais**. Belo Horizonte, 2008.

CERVANTES, Miguel de. **D. Quixote de La Mancha**: Primeira Parte (1605). Tradução de Francisco Lopes de Azevedo Velho de Fonseca Barbosa Pinheiro Pereira e Sá Coelho; Antônio Feliciano de Castilho. São Paulo: eBooksBrasil, 2005. Versão digital da edição original: CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. *El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha*. Madrid: Francisco de Robles, 1605. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/eb00008a.pdf> Acesso em: 17 fev. 2025.

CNBB. Confederação dos Bispos do Brasil. **Catecismo da Igreja Católica**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

CNBB. Confederação dos Bispos do Brasil. **Ensino religioso no cenário da educação brasileira**. Brasília: Edições CNBB, 2007.

CNBB. Confederação dos Bispos do Brasil. **Ensino religioso no Brasil**. Brasília: Edições CNBB, 2023.

COLÉGIO MARISTA ARQUIDIOCESANO. **O #tbt de hoje é uma antiga tradição do Colégio, o bola ao mastro numa foto de 1939! Quem já jogou?** [publicação em Facebook]. 14 maio 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo?fbid=3375998209085588&set=a.351630981522341> Acesso em: 4 set. 2025.

COLÉGIO MARISTA DE PATOS DE MINAS. **Relatório dos 50 anos do Colégio Marista: documentação histórica (1958-2008)**. Patos de Minas, 2008. Arquivo digital institucional.

_____. **Proposta pedagógica**. s.d. Disponível em: <https://marista.edu.br/proposta-pedagogica/> . Acesso em: 18 fev. 2025.

COLLOQUIUM: revista científica do Seminário Maior Dom José André Coimbra. **Patos de Minas**: Grafipres, v. 1, n. 1, 2013. Disponível em: <https://diocesedepatosdeminas.org.br/revista-colloquium/> . Acesso em: 18 ago. 2025.

COMPANHIA DAS LETRAS. **Murilo Rubião – Colaborador**. s.d. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/colaborador/02300/murilo-rubiao> Acesso em: 14 set. 2025.

CONGREGAÇÃO DOS IRMÃOS MARISTAS. Homenagem ao Ir Gentil Paganotto pelos seus 70 anos de vida religiosa marista. **Champagnat.org**. [online]. 16 dez. 2020. Disponível em: <https://champagnat.org/pt/albums/homenagem-ao-ir-gentil-paganotto-pelos-seus-70-anos-de-vida-religiosa-marista/> Acesso em: 26 ago. 05.

CONTEE. Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimento de Ensino (CONTEE). Sinpro Minas completa 80 anos. 14/02/2013. **CONTEE [online]**. Disponível em: <https://contee.org.br/sinpro-minas-completa-80-anos/> Acesso em: 25 ago. 2025.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003. p. 9.

D'AGOSTINI, Antonio Fidencio. Ir. Roberto Augusto Ferreira Borges. [Publicação em grupo]. **Facebook**: Colégio Marista São José, 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/6463993971/posts/10157618570998972/> Acesso em: 18 mar. 2025.

DANNEMANN, Eitel T. Colégio Marista – Histórico da origem. **Efecadepatos** [online]. Publicado em: 12 set. 2014a. Disponível em: <https://efecadepatos.com.br/?p=9853> . Acesso em: 8 jan. 2025.

_____. Altar-mor da antiga Matriz. O. **Efecadepatos** [online]. Publicado em: 09 nov. 2017b. Disponível em: <https://efecadepatos.com.br/?p=24616> Acesso em: 19 ago. 2025.

_____. Antiga residência do Cônego Getúlio em 1983. **Efecadepatos** [online]. Publicado em: 3 de março de 2017a. Disponível em: <https://efecadepatos.com.br/?p=22003> Acesso em: 22 jun. 2025.

_____. Espancamento do Padre Alaor. O. **Efecadepatos** [online]. Publicado em: 09 mar. 2023. Disponível em: <https://efecadepatos.com.br/?p=41231> Acesso em: 8 jan. 2025.

_____. FAFIPA no ano da inauguração. O. **Efecadepatos** [online]. Publicado em: 19 dez. 2019. Disponível em: <https://efecadepatos.com.br/?p=30943> Acesso em: 8 jan. 2025.

_____. Falecimentos de Zama Maciel e D. José André Coimbra. **Efecadepatos** [online]. Publicado em: 4 jun. 2014d. Disponível em: <https://efecadepatos.com.br/?p=8529> Acesso em: 4 set. 2025.

_____. Genésio Garcia Roza – 10º Presidente da Recreativa. **Efecadepatos** [online]. Publicado em: 1 fev. 2022b. Disponível em: <https://efecadepatos.com.br/?p=38237> Acesso em: 7 jun. 2025.

_____. Getúlio Alves de Mello (Cônego Getúlio). **Efecadepatos** [online]. Publicado em: 11 abr. 2013d. Disponível em: <https://efecadepatos.com.br/?p=2247> Acesso em: 22 jul. 2025.

_____. Histórico da Catedral de Santo Antonio. **Efecadepatos** [online]. Publicado em: 19 fev. 2013b. Disponível em: <https://efecadepatos.com.br/?p=802> Acesso em: 8 jul. 2025.

_____. Histórico da imprensa até 1970. **Efecadepatos** [online]. Publicado em: 1 jan. 2015. Disponível em: <https://efecadepatos.com.br/?p=11186> Acesso em: 8 jan. 2025.

_____. Inaugurado o seminário da diocese. **Efecadepatos** [online]. Publicado em: 30 jan. 2020. Disponível em: <https://efecadepatos.com.br/?p=31379> Acesso em: 8 jul. 2025.

_____. João Borges. **Efecadepatos** [online]. Publicado em: 17 fev. 2014b. Disponível em: <https://efecadepatos.com.br/?p=7106> Acesso em: 8 jan. 2025.

_____. Largo da Matriz na década de 50. **Efecadepatos** [online]. Publicado em: 8 fev. 2013c. Disponível em: <https://efecadepatos.com.br/?p=381> Acesso em: 8 jul. 2025.

_____. Manoel Fleury Curado (Monsenhor Fleury). **Efecadepatos** [online]. Publicado em: 11 mar. 2013a. Disponível em: <https://efecadepatos.com.br/?p=1501> Acesso em: 8 jan. 2025.

_____. Origem do UNIPAM. **Efecadepatos** [online]. Publicado em: 15 ago. 2013e. Disponível em: <https://efecadepatos.com.br/?p=4657> . Acesso em: 20 ago. 2025.

_____. Roberto Augusto Ferreira Borges até 1980. **Efecadepatos** [online]. Publicado em: 23 out. 2018a. Disponível em: <https://efecadepatos.com.br/?p=7106> Acesso em: 8 abr. 2025.

_____. Rua Tenente Bino: A pioneira do Asfalto. **Efecadepatos** [online]. Publicado em: 26 fev. 2018b. Disponível em: <https://efecadepatos.com.br/?p=25581> Acesso em: 8 abr. 2025.

_____. Sebastião Alves do Nascimento. **Efecadepatos** [online]. Publicado em: 23 out. 2014c. Disponível em: <https://efecadepatos.com.br/?p=9920> Acesso em: 11 jul. 2025.

_____. Visita do Bispo Dom Eduardo Duarte da Silva em 1906. **Efecadepatos** [online]. Publicado em: 23 de jan. 2018c. Disponível em: <https://efecadepatos.com.br/?p=25267> Acesso em: 8 abr. 2025.

_____. Alaor Porfírio de Azevedo e o acabamento interno da nova matriz. **Efecadepatos** [online]. Publicado em: 05 out. 2022a. Disponível em: <https://efecadepatos.com.br/?p=40370> Acesso em: 8 jan. 2025.

_____. Wulfrano Patrício: novo colaborador da folha diocesana - 1969. **Efecadepatos** [online]. Publicado em: 13 jul. 2022c. Disponível em: <https://efecadepatos.com.br/?p=39540> Acesso em: 8 abr. 2025.

_____. Zama Maciel. **Efecadepatos** [online]. Publicado em: 07 mar. 2018b. Disponível em: <https://efecadepatos.com.br/?p=25680> Acesso em: 8 abr. 2025.

DEGRANDIS, Fernando. **O que se aprende e o que se ensina?** Análise metodológica e epistemológica do processo de gestão em Colégio Marista. 2018. 136 f. Teses (Doutorado em Teologia) – Escola Superior de Teologia – Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2018.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral e narrativa:** tempo, memória e identidades. *História Oral*, São Paulo, v. 6, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.51880/ho.v6i0.62> Acesso em: 20 jul. 2025.

DELORME, Allain, fms. As circulares do Irmão Basílio Rueda: circunstâncias da sua composição pelo Irmão Gabriel Michel. **Cadernos Maristas: informações, estudos e documentos**, n. 29, ano XXI, p. 101–128, maio 2011. Roma: Casa Generalizia dei Fratelli Maristi de Scuole, 2011. Tradução para o português por Joannes Fontanay; Josep Roura Bahi; Moisés Puente; Gabriela Scanavio; Francisco Castaños; Edward Clisby; David Harrison; Virgilio J. Bakestra. Disponível em: https://champagnat.org/e_maristas/Cuadernos/29_PT.pdf Acesso em: 4 jul. 2025.

DEMO, Pedro. **Pesquisa, princípio científico e educativo**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

DIÁRIO DE MINAS. **Majestosa obra dos Irmãos Maristas no panorama educacional de Patos de Minas**. Belo Horizonte, 24 maio 1958. p. 3.

EFECADPATOS (ed.). **20 membros do Seminário Pio XII no final da década de 1950**. 2018. Eitel T. Dannemann. Disponível em: <https://efecadepatos.com.br/?p=25547> . Acesso em: 2 dez. 2025.

EFECADPATOS (ed.). **A gênese a consolidação do Unipan**. 2019. Eitel T. Dannemann. Disponível em: <https://efecadepatos.com.br/?p=31017> . Acesso em: 2 dez. 2025.

EFECADPATOS (ed.). **O ploc da discórdia**. 2022. Eitel T. Dannemann. Disponível em: <https://efecadepatos.com.br/?p=38356> . Acesso em: 2 dez. 2025.

EFECADPATOS (ed.). **Colégio Marista - história da origem**. 2014. Eitel T. Dannemann. Disponível em: <https://efecadepatos.com.br/?p=9853> . Acesso em: 2 dez. 2025.

EFECADPATOS (ed.). **Meus colegas do Colégio Marista**. 2024. Eitel T. Dannemann. Disponível em: <https://efecadepatos.com.br/?p=46315> . Acesso em: 2 dez. 2025.

EMIR. Equipe Marista Interprovincial de Reflexão. **Álbum do centenário da presença dos Irmãos Maristas no Brasil – 1897-1997**. São Paulo: FTD S.A., 1997.

ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. **Émile Combes**. (s.d). Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Emile-Combes> Acesso em: 15 mar. 2025.

ESCOLANO, A. **Arquitetura como programa: espaço-escola e currículo**. Cap. 1. In: FRAGO, A. V.; ESCOLANO, A. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. 2. ed. Trad. A. Veiga-Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 19-58. [Tradução de: FRAGO, A. V.; ESCOLANO, A. *Del espacio escolar y la escuela como lugar: propuestas y cuestiones. La arquitectura como programa. Espacio-escuela y currículum*. Revista Historia de la Educación, Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, v. XII-XIII, 1995].

ETGES, Adelmo Germano. **A pessoa do gestor e do educador leigo como estimuladores da proposta educativa Marista no RS: do empenho original do fundador, Marcelino Champagnat, aos desafios do século XXI**. 2014. 198 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/3792> Acesso em: 12 nov.2024.

FORESTI, Débora Fabbri. **Aspectos da arquitetura orgânica de Frank Lloyd Wright na arquitetura paulista: a obra de José Leite de Carvalho e Silva**. 2008. 179 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008.

FALCHETTO, Claudino. Uma trajetória abençoada e de muitas realizações. **Informativo Marista: Brasil Centro-Norte**, Brasília, ano 5, n. 15, p. 31-33, set. 2010. (Material digitalizado dos arquivos do CEM-BH).

FALQUETTO, Eugênio. **Biografia do Irmão Gobriano Maria (Primeiro Provincial da Província Marista do Rio de Janeiro)**. Belo Horizonte: Promoção da Família, 1991.

FERRARINI, Irmão Sebastião Antonio. **Regras de Vida: Um itinerário para viver o evangelho na ótica marista/2022**. Província Marista Brasil Centro-Sul. Curitiba: Memorial Marista, 2022. Disponível em: https://marista.org.br/wp-content/uploads/2022/11/Regras-de-Vida_5a-versao.pdf Acesso em: 15 fev. 2025.

FLORES, José. **Formação dos Irmãos Maristas: o segundo noviciado como etapa de renovação espiritual**. 2020. 149. Dissertação de Mestrado (Pneumatologia e Experiência Cristã) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020. Disponível em: <https://archivum.grupomarista.org.br/pergamumweb/vinculos/0000aa/0000aa29.pdf> Acesso em: 15 fev. 2025.

FMS, Cadernos Maristas. **Cadernos Maristas: informações, estudos, documentos**. n. 1 (Jun. 1990). Roma: Casa Generalizia dei Fratelli Maristi deile Scuole, 1990. [e-book]. Disponível em: https://champagnat.org//e_maristas/Cuadernos/01_PT.pdf . Acesso em: 16 fev. 2025.

FMS, Cadernos Maristas. **Cadernos Maristas: informações, estudos, documentos**. n. 29 (mai. 2011). Roma: Casa Generalizia dei Fratelli Maristi deile Scuole, 2011. [e-book]. Disponível em: https://champagnat.org//e_maristas/Cuadernos/29_PT.pdf Acesso em: 16 fev. 2025.

FMS, Instituto dos Irmãos Maristas. A missão compartilhada: irmãos e leigos. Entrevista com o Irmão Joaquim Panini. **Boletim Marista**, n. 311, 12 out. 2007. Roma:

FMS – Instituto dos Irmãos Maristas. Disponível em: <https://champagnat.org/pt/publicacoes/a-missao-compartilhada-irmaos-e-leigos-entrevista-com-o-irmao-joaquim-panini/> Acesso em: 29 jun. 2025.

FONSECA, Geraldo. **Domínios de pecuários e espadachins**: história de Patos de Minas. Belo Horizonte: Ingrabrás, 1974.

FRAGO, Antônio Viãno. Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões. In: FRAGO, Viãno; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. 2. ed. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 59-136. [Tradução de: FRAGO, Antonio Viñao; ESCOLANO, Agustín. *Del espacio escolar y la escuela como lugar: propuestas y cuestiones. La arquitectura como programa. Espacio-escuela y currículum. Revista Historia de la Educación*, Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, v. XII-XIII, 1995].

FREDERICK, MacMahon. Em causa comum Part II. **Cadernos Maristas: informações, estudos e documentos**, n. 29, ano XXI, p. 79-100, maio 2011. Roma: Casa Generalizia dei Fratelli Maristi de Scuole, 2011. Tradução para o português por Joannes Fontanay; Josep Roura Bahi; Moisés Puente; Gabriela Scanavio; Francisco Castaños; Edward Clisby; David Harrison; Virgílio J. Bakestra. Disponível em: https://champagnat.org/e_maristas/Cuadernos/29_PT.pdf Acesso em: 4 jul. 2025.

FREIRE, Laudelino. **Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: A Noite, 1957.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de Freitas. **Pedagogia do inédito-viável**: contribuições da participação pesquisante em favor de uma política pública e inclusiva de formação com educadores e educadoras. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

FURET, Jean-Baptiste. **Vida de São Marcelino José Bento Champagnat**. Tradução de Ir. Ângelo Mizael Canatta. São Paulo: Loyola; SIMAR, 1999. Tradução de *Vie de Joseph-Benoît-Marcellin Champagnat* (primeira edição francesa de 1856). Disponível em: https://champagnat.org/e_maristas/marcelino_biografia/Champagnat_Furet_pt.pdf . Acesso em: 5 nov. 2024.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa. **O levantamento bibliográfico e a pesquisa científica**. Ribeirão Preto: [s. n.], 2009. Disponível em: http://www2.eerp.usp.br/Nepien/DisponibilizarArquivos/Levantamento_bibliografico_CristianeGalv.pdf Acesso em: 1 jun. 2025.

GATTI, Gisele Cristina do Vale; GATTI JÚNIOR, Décio. As representações na imprensa de práticas cívico-patrióticas em instituições escolares de Minas Gerais (Brasil) na primeira metade do século XX. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 18, n. 1 [75], p. 29-42, jan./mar. 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8651600/17760> Acesso em: 4 mar. 2025.

GATTI JÚNIOR, Décio. A História das Instituições Educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas. In: ARAUJO, J. C. e GATTI JR., D. (orgs.) **Novos Temas em História da Educação Brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas/Uberlândia: Autores Associados/EDUFU, 2002. p. 03-24.

GATTI JÚNIOR, Décio; PESSANHA, Eurize. História, Cultura e Educação: categorias de análise e fontes na construção da memória histórico-escolar. In: GATTI JR., Décio e INÁCIO FILHO, Geraldo (orgs.) **História da Educação em Perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Campinas/SP: Autores Associados, Uberlândia/MG: Autores Associados/EDUFU, 2005. p. 71-103.

GERARDI, Dirceu André. Diversidade religiosa: o motor da desconfessionalização do ensino religioso nas escolas confessionais. **Revista USP**, São Paulo, n. 142, p. 129-144, jul./ ago./ set., 2024.

GIACOMIN, Joel Elias. “Eu sou eu e minhas circunstâncias” (Ortega y Gassé). In: PMBCN. Província Marista Brasil Centro-Norte. **Simplemente Irmãos: a história vocacional de Irmãos Maristas**. Brasília: União Brasileira de Educação e Ensino – UBEE, 2017. p. 76-81.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRIMALDI, Lucas Cost. **Por uma história de espaços escolares Maristas no Rio Grande do Sul e São Paulo (1920-1980): arquitetura, sensibilidade e patrimônio**. 2022. 215 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Faculdade de Educação – Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/249797> . Acesso em: 4 mar. 2025.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e Estados: Patos de Minas**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/patos-de-minas.html> Acesso em: 5 jan. 2025.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e Estados: Três Marias** (2022). Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/tres-marias/panorama> Acesos em: 5 jan. 2025.

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS (Itália) (ed.). **Nos passos de Marcelino Champagnat: Missão Educativa Marista**. 2. ed. Roma - Itália: Casa Generalizia Dei Fratelli Maristi Delle Scuole, 2023. Disponível em: <https://champagnat.org/wp-content/uploads/2024/05/NosPassosDeMarcelinoChampagnat.pdf> . Acesso em: 2 dez. 2025.

JORNAL DOS MUNICÍPIOS. Majestosa obra dos Irmãos Marista no panorama educacional de Patos de Minas. *Jornal dos Municípios*, ano 3, n. 115, p. 1, 4 jan. 1959.

JORNAL SOU DE PATOS. Diocese de Patos de Minas anuncia programação do jubileu de 70 anos. **Jornal Sou de Patos** [online]. Disponível em: <https://soupatos.com.br/diocese-de-patos-de-minas-anuncia-programacao-do-jubileu-de-70-anos/> Acesso em: 8 jul. 2025.

JULIA, Dominique. A Cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 1, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38749> Acesso em: 8 jul. 2025.

LANDRY, Fabien. **São Marcelino Champagnat**: 85 capítulos: 450 de seus pensamentos. Tradutor Heitor Pedro Scmazzon. Brasília, DF. UMBRASIL, 2016. Original - *Saint Marcellin Champagnat em 85 capsules et 450 de ses pensées*. Publicado no Canadá, em francês em 2009. Disponível em: https://umbrasil.org.br/wp-content/uploads/2016/08/Marcelino-Champagnat-85-Cap%C3%ADtulos_V13jun.pdf Acesso em: 15 maio 2025.

LANFREY, André. *Benfeitores do P. Champagnat e do instituto. Cadernos Maristas: informações, estudos e documentos*, n. 29, ano XXI, p. 61–78, maio 2011. Roma: Casa Generalizia dei Fratelli Maristi de Scuole, 2011. Tradução para o português por Joannes Fontanay; Josep Roura Bahi; Moisés Puente; Gabriela Scanavio; Francisco Castaños; Edward Clisby; David Harrison; Virgílio J. Bakestra. Disponível em: https://champagnat.org/e_maristas/Cuadernos/29_PT.pdf Acesso em: 4 jul. 2025.

LAVOISIER, Antoine-Laurent. Frase atribuída ao autor. s.l.: s.n., s.d. In: PINCELI, Carlos Ricardo. **Lavoisier, Antoine-Laurent (1743-1794)**. Disponível em: <https://sites.fem.unicamp.br/~em313/paginas/person/lavoisie.htm> Acesso em: 5 maio 2025.

MACEDO, Geisla M.; SAPUNARU, Raquel A. Uma breve história da engenharia e seu ensino no Brasil e no mundo: foco Minas Gerais. **Revista de Engenharia da Universidade Católica de Petrópolis - REUCP**, Petrópolis, v. 10, n. 1, p. 39-52, 2016.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo Nexos**: história das instituições educativas. Bragança Paulista/SP. Editora Universitária São Francisco, 2004. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/575408787/Tecendo-Nexos-Historia-das-Instituicoes-Educativas> . Acesso em: 15 jun. 2025.

MARCOS, Jean. Comentário na publicação “O #tbt de hoje é uma antiga tradição do Colégio, o bola ao mastro numa foto de 1939! Quem já jogou?”. In: COLÉGIO MARISTA ARQUIDIOCESANO. O #tbt de hoje é uma antiga tradição do Colégio, o bola ao mastro numa foto de 1939! Quem já jogou? [Facebook]. 14 maio 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo?fbid=3375998209085588&set=a.351630981522341> Acesso em: 4 set. 2025.

MARISTA DE CHAMPAGNAT. **Casa geral. Itália. (Imagem)**. Disponível em: <https://champagnat.org/pt/instituto-marista/casa-geral/> Acesso em: 15 set. 2024.

MARISTAS DE CHAMPAGNAT (Brasil) (ed.). **Entrevista com o irmão Joaquim Panini**: a missão compartilhada, irmãos e leigos. Boletim marista (2001 – 2008). 2007. Disponível em: <https://champagnat.org/pt/biblioteca/boletim-marista-2001-2008/> Acesso em: 20 nov. 2025.

MELLO, Antonio de Oliveira. **Patos de Minas: capital do milho**. Patos de Minas: Academia Patense de Letras, 1979.

MENEZES, E. T; SANTOS, T. H. Verbete pedagogia da presença. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil**. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em <https://educabrasil.com.br/pedagogia-da-presenca/> Acesso em 22 ago. 2025.

MINAS GERAIS, Governo de. Decreto nº 4.065, de 23 de dezembro de 1913. Dispõe sobre assuntos administrativos do estado de Minas Gerais. Minas Gerais, 23 dez. 1913.

MOGARRO, Maria João. Arquivos e educação: a construção da memória educativa. **Revista brasileira de história da educação**, v. 5, n. 2 (10), p. 75-99, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38647>. Acesso em: 18 ago. 2025.

NAVES, Jales. Educador, o irmão marista Ladislau Figueiredo se destacou na missão. **A Redação** 8 jan. 2024. Disponível em: <https://www.aredacao.com.br/noticias/202181/educador-o-irmao-marista-ladislau-figueiredo-se-destacou-na-missao> Acesso em: 6 set. 2025.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. **Instituições escolares: porque e como pesquisar**. Campinas: Editora Alínea, 2009.

NÓVOA, António (coord.). **As organizações escolares em análise**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

NUNES, Iran de Maria Leitão. **Ideal Mariano e docência: a identidade feminina da Proposta Educativa Marista**. 2006, 262 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/items/75d4a18c-9264-4737-a26a-c1d148c0c1a9> Acesso em: 15 abr.2025.

OLIVEIRA, José Fernandes de. **Oração pela família**. [música]. Intérprete: Padre Zezinho. São Paulo: Paulinas-COMEP, 1990. 1 faixa sonora. (Álbum: Utopia). Disponível em: <https://discografiapadrezezinho.blogspot.com/2014/09/1995-oracao-pela-familia-cancao-e.html> Acesso em: 5 mar. 2025.

OLIVEIRA, Luciano de. Maristas no Brasil: passos nos campos educacional e religioso rumo ao editorial. **Anais... XI Seminário Nacional Centro de Memória – Unicamp**. Memória e patrimônio acadêmico-científico. [online]. 2023. Disponível em: https://www.xiseminarionacionalcmu.com.br/resources/anais/21/encm2023/1706020244_ARQUIVO_d12f6c3a84a2ae1a084423c72922bbd4.pdf Acesso em: 5 ago. 2024.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. **Os Passos de Congonhas e suas Restaurações**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), 2015.

PATOS DE MINAS, Prefeitura Municipal. **Cidade de Patos de Minas**. Disponível em: <https://www.patosdeminas.mg.gov.br/portal/servicos/1001/a-cidade/> Acesso em: 29 mar. 2025.

PAGANOTTO, Gentil. Apaixonado pela missão Marista. In: PMBCN. Província Marista Brasil Centro-Norte. **Simplemente Irmãos: a história vocacional de Irmãos Maristas**. Brasília: União Brasileira de Educação e Ensino – UBEE, 2017. p. 66-71.

PATOS DE MINAS, Prefeitura Municipal. **História do município: Conhecendo melhor a história de Patos de Minas. Prefeitura Municipal de Patos de Minas**. Disponível em: <https://www.camarapatos.mg.gov.br/index.php/pages/conheca-patos-de-minas> Acesso em: 5 jan. 2025.

PATOS DE MINAS, Prefeitura Municipal. **Lei nº 92, de 22 de fevereiro de 1950**. Estipula normas para construção de prédios em determinadas ruas. Revigorada pelas Leis nº 723/1963 e nº 884/1967. Patos de Minas, 1950. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/mg/p/patos-de-minas/lei-ordinaria/1950/10/92/lei-ordinaria-n-92-1950-estipula-normas-para-construcao-de-predios-em-determinadas-ruas> Acesso em: 14 set. 2025.

PORTAL FEEDOBEM. **A História de São Marcelino Champagnat e a Rede Marista**. Disponível em: <https://feedobem.com/a-historia-de-marcelino-champagnat-e-a-rede-marista/> Acesso em: 5 set. 2025.

PROVÍNCIA MARISTA BRASIL CENTRO-NORTE (PMBCN). **A vocação como caminho de esperança: Semana Vocacional Marista**. E-book. Brasília, 2025a. Disponível em: <https://pmbcn.org.br/wp-content/uploads/2025/08/ebook-svm-2025-1-1.pdf> Acesso em: 29 ago. 025.

PROVÍNCIA MARISTA BRASIL CENTRO-NORTE (PMBCN). Há 103 anos partia Dom Silvério Gomes Pimenta, o arcebispo que abriu caminhos para os Maristas no Brasil. **Província Marista Brasil Centro-Norte**, 2 set. 2025b. Disponível em: <https://pmbcn.org.br/ha-103-anos-partia-dom-silverio-gomes-pimenta/> Acesso em: 3 set. 2025.

PROVÍNCIA MARISTA BRASIL CENTRO-NORTE. **20 anos de Vida e Missão**. E-book. Brasília, 2024. Disponível em: https://pmbcn.org.br/wp-content/uploads/2025/03/Livro_20_Anos_Miolo-3-1-1.pdf Acesso em: 29 ago. 025.

PROVÍNCIA MARISTA BRASIL CENTRO-NORTE. **120 anos da chegada dos Maristas ao Brasil**. (2017) [online]. Disponível em: <https://marista.edu.br/agenda/120-anos-da-chegada-dos-maristas-ao-brasil/> Acesso em: 16 fev. 2025.

PROVÍNCIA MARISTA BRASIL CENTRO-SUL. **Saiba mais sobre o papel dos primeiros superiores na gestão do Instituto Marista**. (2019). [online]. Disponível em: <https://marista.org.br/noticia/saiba-mais-sobre-o-papel-dos-primeiros-superiores-gerais-na-gestao-do-instituto-marista/> Acesso em: 16 fev. 2025.

PUC-RS. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 200 anos de história. **Revista PUCRS**, online, 2017. Disponível em: <https://www.pucrs.br/revista/200-anos-de-historia/> Acesso em: 5 jan. 2025.

RAPHAEL, Wesley. Antônio do Prego é lembrado pela Fundação Casa da Cultura do Milho. **Patos em Destaque**, [online]. 21 abr. 2015. Disponível em: <https://patosemdestaque.com.br/noticia/54q9OoDAMR> Aceso em: 29 ago. 2025.

REDE MARISTA BRASIL. **Quem somos: Províncias e Distrito Marista**. Disponível em: <https://marista.org.br/quem-somos/> Acesso em: 04 ago. 2025.

REVISTA ECLESIASTICA BRASILEIRA. Carta Apostólica *Ministeria Quaedam* reformando a disciplina da primeira tonsura, das Ordens Menores e do Subdiaconato na Igreja Latina. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 32, n. 128, p. 943–947, 1972. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/4346> Acesso em: 29 jan. 2025.

RIBEIRO, Giovanni Roncalli Caixeta. Contribuição à História da Medicina em Patos de Minas: das origens até 1950. **Revista ALPHA**, v.9, p. 67-81, 2008. Disponível em: <https://revistas.unipam.edu.br/index.php/revistaalpha/article/view/4661/2367> Acesso em: 5 mar. 2025.

RICORDI, Angelo Alberto Diniz. **Uma leitura certauniana sobre as origens da espiritualidade marista**. 2022. 286 f. Tese (Doutorado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2022. Disponível em: <https://archivum.grupomarista.org.br/pergamumweb/vinculos/0000a8/0000a802.pdf> Acesso em: 5 mar. 2025.

ROCHA, Farley. **Catedral de Patos de Minas é iluminada de amarelo para alertar as pessoas contra o suicídio**. Patos de Minas: Patos Hoje, 12 set. 2018. Disponível em: <https://patoshoje.com.br/noticias/catedral-de-patos-de-minas-e-iluminada-de-amarelo-para-alertar-as-pessoas-contra-o-suicidio-55501.html> Acesso em: 18 ago. 2025.

ROCHA, Ir. Terezinha Sueli de Jesus.; LEAL, Ir. Valéria Andrade. Identidade Confessional. In: JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo; LEAL, Ir. Valéria Andrade; RIAL, Gregory. (Orgs.). **Compêndio de Pastoral escolar para a educação básica na Escola Católica**. Brasília: CNBB; Petrópolis: Vozes, 2021. p. 72-79.

ROCHE, Jean. Une des preuves de l'amour de Marcellin Champagnat pour Marie. In: FMS. **Cahiers Maristes (Cadernos Maristas)**, n. 2, p. 53–60, 1991. Disponível em: https://www.champagnat.org/e_maristas/Cuadernos/02_FR.pdf . Acesso em: 14 set. 2025.

SANTOS JÚNIOR, Anderson Alves dos. **Educando meninos, formando homens: a formação da masculinidade no Colégio Marista Santa Maria, em Curitiba, entre os anos de 1925 e 1963**. 2022. 91 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2022. Disponível em: <https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/363060> Acesso em: 4 maio 2025.

SILVA, Geraldo Ângelo de Almeida e. **Arquitetura escolar em Minas Gerais** [manuscrito]: A experiência da CARPE. 2016. 175 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura.

SILVA, Whashington Abadio da Silva; GATTI JÚNIOR, Décio **A formação de “bons cristãos e virtuosos cidadãos” na princesa do sertão: o Colégio Marista Diocesano de Uberaba (1903-1916)**. 2004. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/30343> Acesso em: 15 abr. 2025.

STROBINO, Ivo Antônio. Foto Arnaud, retrato Ravery e crânio de Champagnat: resultados de uma análise científica. **Cadernos Maristas: informações, estudos e documentos**, n. 29, ano XXI, p. 35–45, maio 2011. Roma: Casa Generalizia dei Fratelli Maristi de Scuole, 2011. Tradução para o português por Joannes Fontanay; Josep Roura Bahi; Moisés Puente; Gabriela Scanavio; Francisco Castaños; Edward Clisby; David Harrison; Virgílio J. Bakestra. Disponível em: https://champagnat.org//e_maristas/Cuadernos/29_PT.pdf Acesso em: 4 jul. 2025.

STROPA, Danyelle Vallin; RIBEIRO, Alexandra Ferreira Martins; VIEIRA, Alboni Marisa Dudeque Pianovski. Apontamentos Históricos sobre a educação marista na cidade de Curitiba (1924 a 1985). **Horizontes**, [S. l.], v. 39, n. 1, p. e021020, 2021. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/1078/541> Acesso em: 8 jun. 2025.

SYLVESTRE, Irmão. **Relatos sobre Marcelino Champagnat**. Tradução de Ivo Antônio Strobino; revisão e introdução de Virgílio Josué Balestro. Brasília, DF: UMBRASIL, 2014. Obra originalmente publicada como *Frère Sylvestre raconte Marcellin Champagnat* (1991). Disponível em: https://issuu.com/champagnat/docs/relatos-sobre-marcelino-champagnat_/3 Acesso em: 15 maio 2025.

UMBRASIL. União Marista do Brasil. **Cartas de Marcelino J. B. Champagnat**. Brasil, 2019. [Tradução: Irmãos Irineu Martim; Sulpício José; Irmão Claudino Falchetto]. Título Original - “Lettres de Marcellin J. B. Champagnat, 1789-1840, fondateur de l’Institut des Frères Maristes – volume 1, textes”. Présentés par Frère PAUL SESTER, fms - édition 1985, Rome.

_____. **Projeto Educativo do Brasil Marista**: nosso jeito de conceber a Educação Básica / União Marista do Brasil. – Brasília: UMBRASIL, 2010.

WEISS, Jussemar. Guizot e a educação. **História da Educação**. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 10, p. 43-52, out. 2001.

ZUBER, Valentine. La laïcité à l’épreuve: religions et libertés dans le monde. In: BAUBÉROT, Jean (org.). **La laïcité à l’épreuve : religions et libertés dans le monde**. Paris: Encyclopædia Universalis, 2004. Cap. (capítulo), p. 29-39.

ANEXO A – CARTAS ORIGINAIS

Neste anexo, encontram-se as cartas que documentam o processo de articulação para a instalação do Colégio Marista em Patos de Minas.

Trata-se dos documentos originais, cuja transcrição foi incluída na dissertação devido à dificuldade de compreensão integral de seu conteúdo manuscrito. As correspondências são apresentadas neste anexo conforme as figuras que reproduzem o texto original.

Original da Figura 46: Carta de Ir. Exuperância para Dr. João Borges

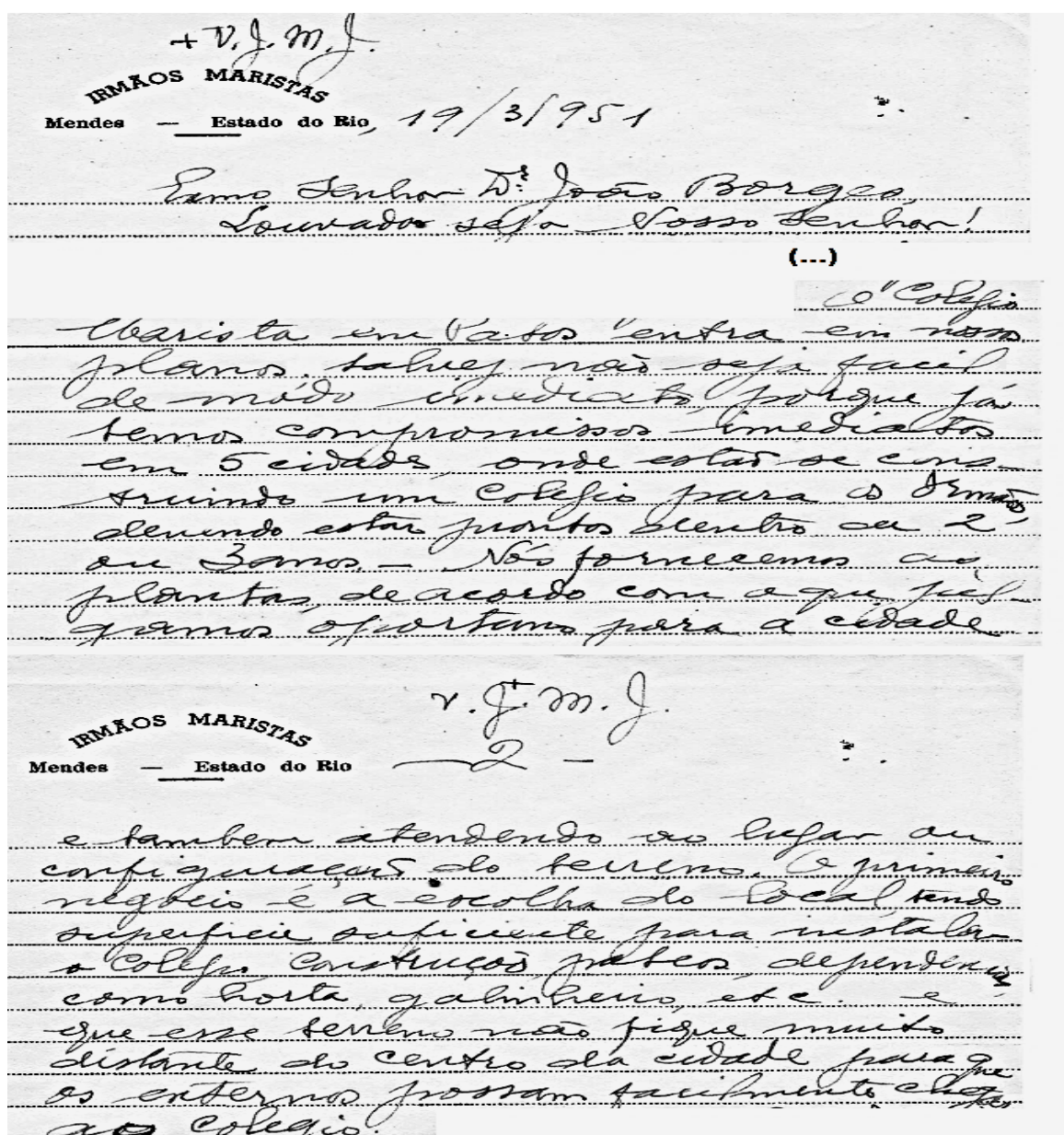


Figura 47: Carta de Ir. Exuperância para Dr. João Borges

+ V. J. M. J.
 IRMÃOS MARISTAS
 Mendes — Estado do Rio, 12/4/95
 2ª
 A 15 915
 5.
 Minha Senhor Dr. João Borges
 L. J. Ch. Alleluia!
 Refina baeli-lactare Alleluia!
 Agradeço vosso favor de 5 de
 fluyente e fico sciante do vossos esforços
 em prol de um futuro Colégio Marista.
 Vejo que compreendeis a necessidade
 desse colégio para Pato, como convém.
 Eucar convenientemente para facilitar
 de de acesso do aluno, devendo a
 terreno ter a superfície conveniente
 para as diversas repartições esportivas,
 e futuros ampliações do prédio.
 Na ocasião provavelmente o Rmo
 Dom Provincial irá, isto a vosso
 convite no momento oportuno.

Fonte: Acervo digital do CEM-BH. (1951)

Figura 48: Carta de Ir. Exuperância para Dr. João Borges

+ uf. m. f.
 IRMÃOS MARISTAS
 Mendes — Estado do Rio, 8/10/1951

Meu caro Dr. João Borges,
 Louvado seja Vosso Senhor!
 Recebi seu amavel faim de
 26 de Setembro e transmitti logo a
 conteúdo ao Rmo D. Provincial atualmente
 em visita a varios collegios. Pedi-lhe que
 vos escrevesse marcando o dia em que
 ele podera vos dar a praza de sua
 visita e conforme seu desejo, para es-
 colher a melhor situacao para a novo
 Collegio Marista de Patos. Dou meus
 parabens pela sua atuacao e o seu
 erego que seja coroadado de exalente
 resultados, embora demore ainda,
 pois uma obra destas e' vultuosa
 de dificuldades e despesas.
 E' possivel que a carta do Dmas
 Provincial demore um pouco em chegar,
 porque talvez nao receba de pronto a vossa
 carta.

Fonte: Acervo digital do CEM-BH (1951).

Figura 50: Carta de Dr. João Borges a Pe. Alair Porfírio

Cópia 1/10/52
 Resma V.ª Alair: Saudações

O auxilio do Sr Governador ao nosso futuro collegio marista está dependendo da efetivação da doação da Prefeitura, razão porque ha pressa em resolver o caso.

Deesejo saber de V. Resma apenas o seguinte: se o Vereador Zama Maciel achar excessiva a importância pedida, 150 mil cruzeiros, V. Resma concorda com 100 mil cruzeiros?

O Projeto será apresentado hoje. Para meu governo basta, agora, o sim ou não de V. Resma.

O seu paraquiano
 João Borges.

Fonte: Acervo digital do CEM-BH (1952)

Figura 52: Carta de Ir. Mario Cristóvão para Dr. João Borges

+
 v. j. m. j.
 Mendes, 10-12-52

Prezado Sr. João,
 Recebi comhecimento muito tarde de sua prezada
 carta de 14-11. Mantenho obrigado pelas informações
 e plantas que teve a gentileza de juntar.

A escritura de doação deverá ser dada à União
 Brasileira de Educação e Ensino (nome sociedade civil)
 registrada com sede em Mendes, hoje sede do município
 de mesmo nome.

Uma vez se possuir os terrenos, providenciaremos
 uma sua demarcação e cerca, de modo a afastar possíveis
 intrusos.

De muito bom grado aceito um sugestão de se levar
 o engenheiro para estudar a natureza do terreno e local
 o futuro extenso mato. É necessário. Nessa ocasião
 espero poder acompanhar o técnico de nossa confiança;
 infelizmente não poderemos fazer tal viagem antes de abril
 ou mais do ano próximo.

Valho-me da oportunidade para oferecer
 ao prestimoso amigo e Espírito Familiar, meus sinceros votos

Fonte: Acervo digital do CEM-BH (1952)

ANEXO B – CEP – PROJETO 1

UNIVERSIDADE DE UBERABA -
UNIUBE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A trajetória do Colégio Marista de Patos de Minas - MG (1957 a 1976)

Pesquisador: Joelma Rodrigues Soares

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 84291524.6.0000.5145

Instituição Proponente: Sociedade Educacional Uberabense

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.268.454

Apresentação do Projeto:

Trata-se do projeto de pesquisa, intitulado “A trajetória do Colégio Marista de Patos de Minas - MG (1957 a 1976)”, elaborado por Joelma Rodrigues Soares, sob a orientação da professora Giseli Gatti. Esse projeto integra a linha de pesquisa Educação Básica: fundamentos e planejamento, do Programa de Pós-graduação Profissional em Educação, curso de mestrado, da Universidade de Uberaba- MG e está vinculado ao projeto de pesquisa Percursos do Ensino Secundário em Portugal e no Brasil no Século XX: historiografia, expansão, legislação, modalidades, instituições, currículos e práticas. O estudo situa-se no campo da História da Educação, relacionado à temática História das Instituições Educacionais, busca investigar o processo de criação e instalação do Colégio Marista em 1957, na cidade de Patos de Minas no estado de Minas Gerais, no recorte proposto. A investigação será desenvolvida por meio de pesquisa bibliográfica, documental e de campo. Em relação à pesquisa bibliográfica, contempla levantamento de dissertações, teses, livros, artigos em bases de dados como SciELO, Domínio Público, Banco Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e Portal de Periódicos da CAPES. As fontes documentais estão sendo consultadas no acervo da própria instituição e na Central Marista de Belo Horizonte. O Arquivo Público Municipal da cidade também será consultado, uma vez que os jornais de época estão disponibilizados para pesquisa. Além disso, será utilizado o recurso da história oral, a fim de compreender as origens do Colégio Marista de Patos de Minas- MG, com uso de entrevista. Orientará a pesquisa a seguinte questão: qual a

ANEXO C – CEP - PROJETO 2

UNIVERSIDADE DE UBERABA -
UNIUBE**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DA EMENDA****Título da Pesquisa:** A trajetória do Colégio Marista de Patos de Minas - MG (1957 a 1976)**Pesquisador:** Joelma Rodrigues Soares**Área Temática:****Versão:** 2**CAAE:** 84291524.6.0000.5145**Instituição Proponente:** Sociedade Educacional Uberabense**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio**DADOS DO PARECER****Número do Parecer:** 7.665.005**Apresentação do Projeto:**

Trata-se da segunda apreciação do projeto de pesquisa, intitulado *“A trajetória do Colégio Marista de Patos de Minas - MG (1957 a 1976)”*, elaborado por Joelma Rodrigues Soares, sob a orientação da professora Giseli Gatti. Destaca-se que essa segunda apreciação, de Projeto já aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Uberaba, em 04 de dezembro de 2024, deve-se à necessidade de apreciação de um adendo ao projeto de pesquisa, que propõe a inclusão de entrevistas com Ex-Alunos do Colégio Marista de Patos de Minas. A alteração proposta consiste na incorporação da coleta de dados por meio de entrevistas semiestruturadas com ex-alunos do Colégio Marista de Patos de Minas. Ressalta-se que o conteúdo do projeto original e seus objetivos permanecem inalterados. Assim, a investigação será desenvolvida por meio de pesquisa bibliográfica, documental e de campo. A pesquisa bibliográfica contemplará levantamento de dissertações, teses, livros, artigos em bases de dados como SciELO, Domínio Público, Banco Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e Portal de Periódicos da CAPES. As fontes documentais estão sendo consultadas no acervo da própria instituição e na Central Marista de Belo Horizonte. O Arquivo Público Municipal da cidade também será consultado, uma vez que os jornais de época estão disponibilizados para pesquisa. Além disso, será utilizado o recurso da história oral, a fim de compreender as origens do Colégio Marista de Patos de Minas- MG, com o uso de entrevista. A pesquisa será orientada pela seguinte questão: qual a motivação para a criação do Colégio Marista na cidade de Patos

APÊNDICE A – ENTREVISTA DO IRMÃO CLAUDINO FACHETTO



UNIVERSIDADE DE UBERABA - UNIUBE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: FORMAÇÃO
DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA - MESTRADO
PROFISSIONAL

IDENTIFICAÇÃO:

Mestranda: Joelma Rodrigues Soares

Orientadora: Prof. Dra. Giseli Gatti

Linha de pesquisa: Educação Básica: Fundamentos e Planejamento

Título da pesquisa: A trajetória do Colégio Marista de Patos de Minas - MG (1957 a 1976)

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM IRMÃO CLAUDINO DO COLÉGIO MARISTA DE PATOS DE MINAS

Categoria 1: Identificação do Depoente

DADOS DO DEPOENTE

1. Nome completo:
2. Local e data de nascimento:
3. Formação acadêmica:
4. Profissão atual:
5. Sua função no colégio na época em que foi instalado na cidade:

Categoria 2: Contexto da Chegada do Colégio Marista

CHEGADA DO COLÉGIO EM PATOS DE MINAS

1. Quem convidou a ordem Marista para vir a cidade? Foi a igreja, políticos da cidade? O sr. se lembra dos nomes dos responsáveis por trazer a ordem para a cidade de Patos de Minas?
2. Quando a ordem Marista chegou à cidade de Patos de Minas? Onde os irmãos ficaram na cidade? Em alojamento da igreja, hotel ou casa de alguém da cidade?
3. Quem liderou o movimento para a instalação do colégio na cidade de Patos?
4. Quais foram os principais desafios enfrentados pela Ordem Marista durante a instalação do colégio em Patos de Minas?

Categoria 3 – Infraestrutura e instalação do Colégio

5. Houve alinhamentos políticos e da igreja para a instalação do colégio na cidade?

6. Como surgiu ou de quem foi a ideia de instalar uma escola para meninos da cidade de Patos de Minas?
7. O colégio sempre funcionou em sede própria? Houve outros endereços anteriores?
8. Houve financiamento externo (igreja, doações, governo) para a construção e implementação da escola, ou tudo foi gerido pela Ordem Marista? Se houve doações, quem eram as pessoas que investiram na construção da sede do colégio?
9. Como foi o planejamento inicial do colégio em termos de estrutura física e acadêmica? O projeto da escola seguiu um modelo padrão Marista ou foi adaptado às necessidades da cidade?
10. Quais foram as principais características arquitetônicas do colégio na época da inauguração? Havia alguma inspiração em outras instituições maristas ou características locais?
11. A construção do colégio ocorreu em etapas? Se sim, quais foram as prioridades na primeira fase da obra?
12. Quem foi o responsável pela supervisão da construção e implementação do colégio? Havia uma equipe específica de engenheiros ou arquitetos maristas?
13. O Sr. tem lembrança de como eram os espaços do colégio? Quais foram os principais elementos de infraestrutura instalados no início (salas de aula, biblioteca, capela, quadras, laboratórios (quais)? Se havia alguma ala dedicada a residência dos religiosos.
14. O Sr. tem lembrança de quanto tempo demorou para o prédio ficar pronto?
15. Quando as instalações do colégio foram inauguradas? Houve solenidade para festejar a instalação do colégio na cidade? Quem estava presente? O Sr. se lembra? A imprensa registrou esse evento?
16. Como a sociedade patense via a instalação do colégio na cidade?
17. Inicialmente o colégio não tinha a denominação de marista, embora a ordem fosse a responsável pelas atividades educacionais, inicialmente a instituição tinha outra denominação, chamava-se GINÁSIO NOSSA SENHORA DE FÁTIMA. Porque esse primeiro nome e em que momento a instituição adotou a denominação de Marista?
18. A escola tinha regime de externato e internato?
19. Para quem era interno, como era o dia a dia no colégio, o sr. se lembra? Se o dia começava com oração, café da manhã, aula, atividades da tarde? Eles tinham autorização para sair do colégio nos finais de semana? O que eles faziam quando saíam do colégio? E se ficavam internos, mesmo no final de semana, quais eram as atividades desenvolvidas por eles?
20. Quantos alunos inicialmente a instituição recebeu no início das atividades? O Sr. tem lembrança disso?

21. Havia algum processo de admissão para entrar no colégio ou era por meio de matrícula apenas?
A escola tinha curso ginásial e colegial?
22. Os alunos eram oriundos de qual classe social? O Sr. se lembra?
23. O Sr. tem lembranças de qual localidade eram esses alunos? Da própria cidade e de cidades vizinhas? Tem lembranças de quais cidades? Havia alunos de outros estados? Quais estados?
24. Havia alunos bolsistas na escola? Quem eram esses alunos, órfãos ou oriundos de famílias muito pobres? Oriundos da cidade de Patos ou vinham de outras localidades? Teria lembrança de quais cidades vinham?
25. Por serem bolsistas, desempenhavam alguma função no colégio? Contribuíam com algum tipo de trabalho? Esses bolsistas eram internos no colégio ou não? Eles frequentavam os mesmos espaços no colégio? Tipo, dormitórios, refeitórios e outras alas comuns?
26. Os alunos usavam algum tipo de uniforme? Existia uniformes para ocasiões especiais, tipos festividades na escola ou festividades cívicas? O Sr. conseguiria descrever esses uniformes?
27. Havia no colégio, coral, fanfarra ou banda? Quem podia fazer parte? Alunos que tinham bom rendimento, ou era voluntário?
28. Como era a relação da diretoria com seus alunos? E com os professores que lecionavam no colégio?
29. Quais foram os principais desafios enfrentados pela gestão escolar durante a década de 1950?
30. Como era a interação da escola com a comunidade local naquela época?
31. De que forma o contexto social e político influenciava as decisões administrativas no colégio?
32. Como o currículo do colégio foi desenvolvido para atender às necessidades dos alunos naquela época?
33. Quais eram as principais preocupações pedagógicas da escola em termos de formação dos alunos, especialmente os do sexo masculino?
34. Como eram organizadas as atividades pedagógicas da escola? Quem participava?
35. Como a gestão equilibrava as exigências acadêmicas com a formação moral e religiosa dos estudantes?
36. O colégio propiciava a saída dos alunos com alguma finalidade pedagógica? Poderia explicar quais lugares iam e qual era a intervenção dos irmãos nesses passeios?
37. De que forma os valores Maristas, como a “pedagogia da presença”, eram implementados no dia a dia da escola?
38. Como os professores eram preparados para incorporar a missão Marista na educação dos alunos?

39. Houve algum evento ou tradição importante que simbolizava os valores Maristas dentro da escola?
40. Tem lembranças de alunos da sua época que se tornaram religiosos?
41. Na sua visão, durante o período em que o Sr. esteve no Colégio, a instituição contribuiu para a formação dos meninos? Por quê?
42. Havia atividades físicas no colégio? Se sim, quais esportes praticavam? Havia algum tipo de torneio esportivo que os alunos participavam? Tem lembranças se os jornais da época noticiavam esses eventos esportivos? Teria fotos dessas competições ou atividades esportivas no colégio? Havia participação da sociedade nesses eventos esportivos?
43. Havia ensino religioso? Quem lecionava essa disciplina? Qual era o conteúdo?
44. E os professores? Eram todos religiosos ou havia professores leigos? O Sr. tem lembrança da formação desses professores?
45. Como era o regime disciplinar da época? O Sr. tem lembranças? Os alunos eram disciplinados, seguiam as regras do colégio? Quem burlava as regras, recebia algum tipo de punição? Qual?
46. Quem foi o primeiro diretor da instituição? Era um representante da ordem? Por quanto tempo ele ficou na direção do colégio?
47. Como era a metodologia de ensino e o sistema de avaliação? Havia chamada oral, além das provas escritas?
48. A escola tinha alguma ligação com a disseminação de ideias políticas? Havia alguma ligação dos membros da ordem marista com os políticos da cidade? Se sim, o sr. poderia explicar como isso se dava?
49. O município ou o estado subvencionava alguma coisa no colégio? Se sim, saberia dizer como era essa subvenção? Se arcavam com alguma despesa da escola, contribuía com algum valor em dinheiro?
50. O Sr. tem lembranças de quais eram as expectativas dos pais ao matricularem seus filhos neste colégio?
51. Em algum momento a direção do Colégio recebia instruções para despertar nos estudantes a vocação religiosa?
52. Qual era o destino desses alunos formados pelo colégio? Seguiam estudos para o grau superior? Algum desses alunos se tornou personalidade importante na cidade ou em outras localidades da região? Saberia indicar algum desses nomes que se tornaram personalidades importantes?
53. Quais as lembranças mais fortes o Sr. tem da escola? O que mais lhe marcou?
54. O que o Sr. acha que mudou na educação de sua época comparada com os dias atuais?

55. O Sr. gostaria de registrar algo mais em relação ao colégio, outras memórias em relação ao ambiente da escola? Da cidade de Patos de Minas?

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM EX-ALUNOS DO COLÉGIO MARISTA DE PATOS DE MINAS

1. Qual o seu nome completo?
2. Qual o seu local e data de nascimento?
3. Qual o seu endereço completo?
4. Qual a sua formação acadêmica?
5. Qual a sua profissão atual?
6. Qual o período em que estudou na escola?
7. Qual era a forma de ingresso no colégio?
8. Qual a sua origem social na época em que estudou no colégio?
9. Com que idade ingressou na escola?
10. Quais os motivos levaram a escolher o Colégio Marista de Patos de Minas?
11. De que modo você percebia o papel exercido pela escola junto à comunidade local naquela época?
12. E hoje como percebe o papel do colégio na atualidade?
6. Qual o período em que estudou na escola?
13. Você se lembra do regime disciplinar do colégio?
 - Como você descreveria o regime disciplinar do Colégio Marista durante o seu período de estudo?
 - Quais eram as regras e normas mais marcantes para você?
 - Como você percebia a aplicação dessas regras pelos professores e direção?
 - Lembra de alguma situação marcante?
 - Na sua opinião, o regime disciplinar contribuía para o seu desenvolvimento?
14. Quais as lembranças que você tem sobre os conteúdos e disciplinas?
 - Quem eram os professores? Eram todos religiosos?
 - Você tem lembranças do Irmão Claudino?
 - Você percebia a importância dele no colégio?
15. Quais as disciplinas que você tinha mais afinidade?
16. Como era a metodologia de ensino e o sistema de avaliação?
 - Havia estímulo ao pensamento crítico?
 - Tinha recuperação?
 - Como você se sentia com esse sistema?

17. Como era a participação dos alunos nas festividades?
18. Havia influência da Igreja, Estado ou imprensa?
19. Quem eram os alunos? Existiam bolsistas?
20. A escola era só para meninos?
21. Como era sua relação com os colegas?
22. E com os professores?
23. Qual a visão que os professores demonstravam ter do colégio?
24. E você, como via os professores naquela época?
25. Lembra dos inspetores e supervisores?
26. Como você via a direção da escola?
27. Qual a importância da educação recebida no Colégio Marista na sua vida?
28. Qual a sua visão do colégio na época e hoje?
29. Quer deixar alguma mensagem ou lembrança final?